UMBANDA

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE

"Os princípios fundamentados através das "Linhas Mestras" do Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinaram uma "Linha de Trabalho" que será, mais hoje, mais amanhã, aquela que definirá os rumos verdadeiros da Umbanda".

MÓDULO II

PADRINHO JURUÁ

Padrinho Juruá – 1956

“UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”

MÓDULOS I, II, III e IV

São Caetano do Sul, 2013
985 p.

Fundação Biblioteca Nacional

Escritório de Direitos Autorais Certificado de Registro ou Averbação

Nº Registro: 533.475 – livro: 1024 – folha: 149

Todo o material (textos, fotografias e imagens) disponibilizados neste livro estão sob a proteção da “LEI DO DIREITO AUTORAL Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”.

É proibida toda e qualquer comercialização dos mesmos, em quaisquer meios de comunicação, sem prévia consulta e autorização pessoal do autor.

Para reprodução sem fins comerciais, é obrigatória a divulgação da autoria do material aqui disponibilizado.

CAPA: Concepção do Orixá Mallet – O “Capitão de Demanda” da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

ÍNDICE

PREFÁCIO.....01

OS RESPONSÁVEIS PELA DOUTRINA DA UMBANDA CRÍSTICA.....08

PORQUE SOU UMBANDISTA.....17

SOU DA UMBANDA COM AMOR E DEVOÇÃO.....20

AS SETE LÁGRIMAS DE UM PAI PRETO.....21

A LIÇÃO DE UMA PRETA VELHA.....24

A UMBANDA SOB A VISÃO DE UM FREI TEÓLOGO.....26

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO CRÍSTICA.....29

A MODALIDADE UMBANDA CRÍSTICA.....51

AOS IRMÃOS DE OUTRAS MODALIDADES UMBANDISTAS ESCLARECEMOS.....70

O INÍCIO E O IDEALIZADOR DA RELIGIÃO DE UMBANDA.....88

AS RAÍZES (EXOTÉRICAS) DA UMBANDA.....99

O QUE É UMBANDA.....104

OS POSTULADOS DA UMBANDA.....115

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO NEO-PANTEÍSTA.....120

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO EVOLUCIONISTA TEÍSTA.....133

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO BRASILEIRA.....136

POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?.....139

A UMBANDA SOB A VISÃO DA ESPIRITUALIDADE.....173

A PRESENÇA DO SEMIROMBA SANTO AGOSTINHO NA INSTITUIÇÃO DA UMBANDA.....178

A MULTIPLICIDADE RELIGIOSA, DOUTRINÁRIA E FILOSÓFICA PRESENTES NA UMBANDA.....183

AS “LINHAS MESTRAS” DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....285

FANTASIAS E REALIDADES NO TEMPLO UMBANDISTA.....347

MODALIDADES DE UMBANDA – AS IDIOSSINCRASIAS.....351

O SIGNIFICADO DA PALAVRA UMBANDA.....362

O SIGNIFICADO DA PALAVRA “SARAVA”.....373

O TRIÂNGULO E A CRUZ – O SÍMBOLO DA UMBANDA.....378

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Todo o material utilizado na feitura desta obra é divido em:

1) Profundas e exaustivas pesquisas;

2) Orientações espirituais; e,

3) Deduções calcadas na lógica, na razão e no bom senso.

Não podemos nos esquecer do que escreveu Kardec, em "A Gênese" – capítulo I, item 50: "(...) *os Espíritos não revelam aos homens aquilo que lhes cabe descobrir, usando de pesquisas, esforço continuo, estudos aprofundados e comparações com outros estudiosos".* Foi exatamente isso que fizemos.

Realizamos longas e exaustivas pesquisas a fim de sermos fiéis ao que realmente aconteceu, bem como coletamos informações da espiritualidade para posteriormente colocar algumas poucas observações, tudo dentro dos ensinamentos crísticos, da razão e do bom senso.

A Espiritualidade Superior nos faz atingir o conhecimento da verdade por nós mesmos, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter um Espírito iluminado ao sacrifício de descer ao plano físico para nos elucidar.

Não devemos apenas nos esconder atrás de um Espírito em psicografias ou mensagens psicofônicas para escrevermos doutrina religiosa; devemos somente pedir a intervenção espiritual quando o assunto fugir totalmente à nossa compreensão; aliás, todo o conhecimento já está no mundo; basta ter paciência e perseverança para encontrá-los.

As bases primordiais do conhecimento e das normas divinas já foram fartamente explicadas pelos Espíritos crísticos das diversas filosofias e religiões; o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

"Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos". (Isaac Newton)

Muito já se tem escrito sobre o que é Umbanda, e este é mais um apontamento sobre suas características e finalidades. Não pretendemos "impor" nada a ninguém, mas sim, levar todos a pensarem melhor, a fim de enxergarem outras realidades e plasmarem em suas mentes, a religiosidade maravilhosa da Umbanda.

"Tem muita gente falando que se copiam assuntos e verdades (...) mas a verdade não se copia, a verdade existe, não é filhos? E se ela existe, não é copiada; ela é divulgada por muitos seres, de muitas formas, por vários estilos de esclarecimento sobre ela mesma. Vejam bem: as linguagens dos grupos espiritualistas são diferentes e, as que são corretas, pretendem levar os discípulos da Terra a um mesmo ponto: o ponto do esclarecimento e da chegada do amor e da consciência na Terra. Os filhos têm que saber que a realidade da vida na Terra e a vida no Cosmos é contemplada de inúmeras formas e tem explicações baseadas na verdade imutável (...). Mas tem outros pontos de vista sobre elas também (...)." (Cacique Pena Branca – Mensagem canalizada por Rosane Amantéa)

Essa explicação é perfeitamente compatível com a posição colocada em "o Evangelho Segundo o Espiritismo", cap. XXIV, onde diz que: *"Cada coisa deve vir ao seu tempo, pois a sementeira lançada a terra, fora do tempo não produz (...)".* Os Espíritos procedem, nas suas instruções, com admirável prudência.

"(...) As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la". (Trecho da introdução de "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Allan Kardec – IV)

É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais partes serão reveladas no futuro, à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.

Nossa esperança é que você, leitor, se sensibilize com o que está escrito aqui, e verá uma Umbanda calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, movida pela noção do conhecimento do que representa essa grande religião perante a humanidade. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações das circunstâncias muitas vezes impostas, temos a certeza que você fará de tudo para compreendê-la e divulgá-la.

Os conhecimentos impressos neste livro, com certeza são breves pincelada da realidade cultural umbandística.

Como disse o venerável Espírito de Ramatís: *"A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero".*

E como cantava Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes (Conforme gravação na fita 52 a – 23 minutos e 10 segundos, disponibilizada juntamente com esse livro):

Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda

Temos certeza que existem muitas maravilhas a serem descobertas sobre a Umbanda. Todos têm uma natural curiosidade do que é e o que representa toda essa religiosidade genuinamente brasileira e muitos até agora estavam em dúvidas, pois lhes faltavam recursos literários para compreendê-la.

Pode ser que muitas das noções aqui apresentadas poderão não ser aceitas e que podemos inclusive contrariar muitas pessoas.

Em nossas observações particulares não pretendemos aviltar a doutrina praticada em seu Terreiro ou aceita por você, mas somente estamos colocando mais um ponto de vista e esperamos que todos leiam e reflitam, usando a razão e o bom senso, para depois verificar a veracidade dos ensinamentos por nós esposados.

"Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa" (pelo Espírito de Erasto). Máxima repetida em "O Livro dos Médiuns", 20º capítulo, item 230, página 292.

Para emitirmos uma crítica, temos que estar escudados em conhecimentos culturais profundos e militando diariamente dentro da Religião de Umbanda, pois somente assim poderemos nos arvorar em advogados de nossas causas. Não podemos simplesmente emitir opiniões e conceitos calcados em "achismos" (o achar e a mãe de todos os erros), ou mesmo escudados tão somente pelo que outros disseram ser a verdade absoluta.

Lembre-se que tudo esta sendo feito para o bem e a grandiosidade da Umbanda. Da nossa parte, estaremos à disposição, pessoalmente, para dirimir dúvidas e fornecer os esclarecimentos necessários a tudo o que neste livro foi escrito.

A UMBANDA É DE TODOS, NEM TODOS SÃO DA UMBANDA

Um dia, hão de chegar, altivos e de peito impune, pessoas a dizer-lhes: sou umbandista, tenho fé em Oxalá, tenho mediunidade… com altivez e força tal que chegarão a lhe impressionar.

Mas quando olhar bem seu semblante, você o verá opaco, translúcido e sem o calor de um verdadeiro entusiasta e batalhador em prol da mediunidade umbandista.

A Umbanda é uma corrente para todos, mas nem todos se dedicam a ela como deveriam. O verdadeiro umbandista sente, vive, respira, se alimenta espiritualmente nela. Não com fanatismo, mas sim com dedicação aflorada no fundo d'alma.

Ser umbandista é difícil por ser muito fácil; é só ser simples, honesto e verdadeiro.

Não batam no peito e digam ser umbandistas de verdade, mas procurem demonstrar com trabalho, luta, dedicação e, principalmente, emoção de estar trabalhando nessa corrente.

Eu lhe garanto que a recompensa será só sua.

Falange Protetora

(Trecho do livro "Umbanda é Luz" de Wilson T. Rivas)

Somente pode testemunhar quem realmente milita com fé, amor, desprendimento e mangas arregaçadas, para a grandeza desta tão magnífica Religião Nacional.

No Módulo I, estaremos disponibilizando todo um material histórico das origens da Umbanda.

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve.

Somos sabedores que no surgimento de qualquer evento importante que permeia a vida de muitos, com o passar dos tempos, quando tudo se inicia somente com observações calcadas na oralidade, pela falta documental comprobatória, muita coisa acaba transformando-se em mito e/ou estórias.

Por isso, na realização do "Módulo I – Origens da Umbanda" – procuraremos ser fiéis nos relatos, sem mudar uma vírgula sequer. Em alguns assuntos, tomamos a liberdade de tecer pequenas observações, mas calcadas da razão, a fim de esclarecer ou mesmo dirimir certas dúvidas.

Muitos falam sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, infelizmente, raros são os que seguem suas orientações. Muitos dão muitas desculpas, todas calcadas na idiossincrasia. Propagam o Caboclo como instituidor da Umbanda, mas, deixam suas evidentes e claras "Linhas Mestras" relegadas a uma Umbanda lírica, histórica e ultrapassada, alegando que a Umbanda evoluiu desde a sua criação, e por isso, muita coisa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que não usasse ou fizesse, hoje, já pode ser usado e feito com justificativas esfarrapadas, sem comprovação e sem a anuência da espiritualidade maior, aduzindo que a Umbanda progrediu e hoje tudo pode ser usado a bel prazer.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas institui a Umbanda como religião e normatizou-a com preceitos simples, mas, que teriam de serem seguidos a risca. A partir da fundação da Umbanda, muitos umbandistas derivaram das práticas originais, criando o que chamamos de: "Modalidades de Umbanda". Se essas modalidades de Umbanda, mesmo não seguindo todas as "Linhas Mestras" do instituidor, estiverem praticando a caridade desmedida, a compaixão, fé, amor, humildade, desprendimento, desapego, perdão e perseverança, estão no caminho certo, mas, estariam mais seguros, seguindo todas as "Linhas Mestras" do fundador.

Só teríamos que nos posicionar, e classificarmos que modalidade de Umbanda se pratica, para que o leigo pudesse se posicionar.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que "baixa" em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *"Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo."* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *"(...) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele (...). – "O que deseja, sobretudo, é que este ritual (*nota do autor: ritual da Umbanda) *seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo"(...).*

Já lemos relatos de irmãos ainda insistindo que não foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas que fundou a Umbanda; outros, dizem que Zélio de Moraes era kardecista e, portanto, montou uma Umbanda kardequizada. Tudo pura conjectura. São opiniões calcadas somente em achismos, pois carece de comprovação documentária, fonográfica, discográfica ou mesmo filmográfica.

Por isso, primamos pela farta documentação histórica no Módulo I, juntando em anexo farta documentação escrita, jornalística e fonográfica. Contra depoimentos documentais e relatos gravados, não há argumentos.

Cremos que muita coisa ainda há de aparecer e ser esclarecida quanto à história da Umbanda, do Caboclo das Sete Encruzilhadas, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio Fernandino de Moraes. Verificar esses dados históricos já foi como procurar agulha num palheiro; hoje esta sendo como procurar agulha num agulheiro. Mas, se todos que tiverem um pequeno dado histórico e comprovado contribuírem, com certeza poderíamos juntar todas as peças do tabuleiro e assim descortinar o movimento umbandista brasileiro em sua real beleza e funcionalidade. Temos poucos, mas, fiéis trabalhadores engajados no resgate histórico da nossa amada Umbanda. Uns estudiosos concordam e outros discordam dos entendimentos sobre os relatos históricos. Uns merecem e outros desmerecem a descoberta que alguns fizerem em fatos documentais. A verdade e uma só: Quem participou juntamente do Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua missão na terra já desencarnou e não deixou nada, a não ser comentários espaçados. Por isso, achamos bonito entender certos aspectos de como tudo era, mas damos verdadeiro valor e insistimos obsessivamente, que nós umbandistas devemos sim, atentar para o que o Caboclo deixou como "Linhas Mestras" a serem seguidas; o resto são somente fatos históricos para satisfazer a curiosidade.

Seria o mesmo que deixarmos de lado os ensinamentos de Jesus, para somente atentar, discutir, brigar, para provar se ele era moreno, se tinha 1.80 de altura, se era casado, se mantinha relações sexuais, se teve filhos, se bebia vinho, etc., o que não iria de maneira nenhuma acrescentar em nada a nossa evolução espiritual.

Pela extensão, o livro: "Umbanda – A Manifestação do Espírito para a Caridade" foi dividido em 04 (quatro) Módulos, cada um estudando vários aspectos da doutrina Umbandista, para que todos possam, passo a passo, vislumbrar esta maravilhosa religião. No "Módulo I – As Origens da Umbanda" está, somente, o estudo histórico da Umbanda, inalterados; e somente em poucas partes fizemos algumas considerações; quanto ao restante dos Módulos (II, III e IV), estarão impressas noções sobre a doutrina umbandística, suas características, atributos e atribuições, bem como seus aspectos esotéricos e exotéricos, com total visão da Umbanda Crística.

Por serem progressivos, facilitará o estudo da Umbanda tanto nas Sessões de Educação Mediúnica e Doutrinária, bem como em cursos preparatórios de médiuns; assim, quando os médiuns terminarem os Módulos, com certeza estarão escudados nos conhecimentos gerais umbandísticos necessários ao seu desenvolvimento como médium umbandista. Esta obra também servirá grandemente para todos aqueles, simpatizantes, estudantes, sociólogos, antropólogos religiosos e curiosos, que querem saber o que é Umbanda.

Obs.: Se alguém reconhecer suas ideias impressas neste livro e não ver o devido crédito comunique-se conosco, onde iremos sanar tal entrave, verificando a veracidade dos fatos. Afinal, quando uma verdade espiritual vem à tona, com certeza, vários médiuns sérios a recebem simultaneamente.

Vejam o que diz Kardec: *"Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros"*. ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", capítulo 21, item 10, 6º §. (5)).

Em nossas pesquisas, deparamos com um fórum aberto no site de Umbanda: *"*www.redeumbanda.ning.com*"*, que nos chamou atenção. Dizia assim:

Uma regra para reger a todos. É possível? *(Publicado por M.R.C. em 13 Setembro de 2008 às 11h20min)*

Cada pessoa tem sua leitura da vida de acordo com uma série de fatores, educação familiar, estudo didático, meio que vive.

Observa-se uma variedade gigantesca de diferentes formas de levar seu viver.

Esse aspecto nos acompanha em diversas áreas de nosso dia-a-dia, e não poderia ser diferente na Umbanda.

"(...) *Muitas portas levam a morada do Pai* (...)*"*

É realmente possível conseguir uma linguagem única para a Umbanda?

Decretar regras gerais nesta situação não alimentaria o preconceito e a intolerância, tendo em vista esses muitos níveis de entendimento?

Bom pensar. Cigano.

Responder até Marcos Alberto Corado

Oi amigo

A Casa ter regras – normas pré-estabelecidas para o seu funcionamento se fazem necessário, no que diz as necessidades básicas como:

- *Manter organização própria, segundo as normas legais vigente, estruturada de modo a atender a finalidades por ela proposta.*
- *Estabelecer metas para a casa, em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas, e avaliando seus resultados.*
- *Facilitar a participação dos frequentadores nas atividades da casa.*
- *Estimular o processo do trabalho em equipes.*

- *Dotar a casa de locais e ambientes adequados, de modo a atender em primeiro lugar as atividades prioritárias.*

- *Não envolver a casa em quaisquer atividades incompatíveis ao fundamento da prática do bem e da caridade.*

- *Zelar para que as atividades exercidas nos preceitos fundamentados pela casa sejam gratuitas, vedando qualquer espécie de remuneração.*

- *Aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios de qualquer natureza ou procedências, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter da instituição, ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízos das finalidades nos trabalhos espirituais, preservando, assim, a independência administrativa da entidade.*
- *Manter a disciplina quanto a horários, vestuários, comportamento, ética, etc., boa conduta para que nos trabalhos práticos os objetivos sejam alcançados.*

- *A casa ter um grupo de estudo, com a participação de todos trabalhadores.*

Falei de alguns tópicos, quanto à parte de organização estrutural, para o bom funcionamento da espiritual. Quanto a este, cada casa tem uma tarefa a ser desempenhada.

Estas tarefas são planejadas no mundo espiritual, com mentores já designados, trabalhos a serem realizados, médiuns que vão participar do processo daquela casa etc.; por isso que toda atividade espiritual de uma casa deve ser gerida pelo mentor da mesma, mas infelizmente em nossa vaidade e orgulho interferimos neste processo, muito das vezes colocando nosso objetivo pessoal, nossos interesses, interesses de outros que pode nos beneficiar etc., aí vem às diversidades, não diversidades naturais pela interação de encarnados e Espíritos pela diferença do próprio grau evolutivo de um e de outro no modo de levarem seus trabalhos, mas querendo alcançar objetivos dentro dos parâmetros do bem e da caridade, mas sim diversidades que são contrários à ética, a moral e os bons costumes. Aí se instala a diversidade, calcada no aproveitar, levar vantagem, denegrindo a imagem da Umbanda.

**********//**********

Por essa pequena conversa entre irmãos num fórum de Umbanda, observamos no feliz comentário do Sr. Marcos Alberto Corado, a questão da dificuldade de se formalizar um estudo coeso na Umbanda, devido à diversidade de cultura, conhecimento, etc.

Pela diversidade cultural, fica difícil "escrever" sobre a Umbanda, sem ser tachado de nariz empinado ou mesmo de querer ser "expert", somente por não coadunar com conceitos pré-estabelecidos por outrem.

Por isso, antes de prosseguirmos, vamos alertar aos leitores que não estamos aqui falando em nome da Umbanda em si, coisa que, atualmente ninguém pode fazer, a não ser o seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas; o máximo que pode acontecer, que também é o nosso caso, é vivenciar, estudar e divulgar a "modalidade umbandista" a qual está ligado; afinal, o que existe são aos subgrupos dentro da Umbanda. Divulgamos uma doutrina calcada na razão e no bom senso, preconizada pela modalidade "Umbanda Crística". Portanto, se alguém não coadunar com os nossos ensinamentos, é fácil: feche o livro, não leia mais e siga os seus próprios passos, com a sua própria compreensão. *"Tempus est mensura motus rerum mobilium"* (O tempo é o melhor juiz de todas as coisas).

"Nada aceiteis sem o timbre da razão, pois ela é Deus, no céu da consciência. Se tendes carência de raciocínio, não sois um religioso, sois um fanático". "Não devem vocês impor as suas ideias de maneira tão radical. Cada Espírito é um mundo que deve e pode escolher por si os caminhos que mais lhe convém". (pelo Espírito de Miramez).

Irmãos umbandistas, nunca se esqueçam: O exemplo é a maior divulgação de uma doutrina superior.

"Não obrigamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são bastante para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam às costas por motivos fúteis, de amor próprio ou de inveja".

"Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito".

(Allann Kardec)

Se quiserem, muito poderão aprender com os mais velhos e experimentados dentro da Umbanda. Lembre-se que tudo o que fizerem de bom com os mais velhos, estarão plantando nesses corações sementes de luz, que no amanhã poderão clarear os seus próprios caminhos.

"Amamos as catedrais antigas, os móveis antigos, as moedas antigas, as pinturas antigas e os velhos livros, mas nos esquecemos por completo do enorme valor moral e espiritual dos anciãos". (Lin Yutang)

Importante:

Não leia de um livro, somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele capítulo. Leia-o do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

1) Isenção de preconceitos;

2) Mente livre, não subordinada a dogmas;

3) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;

4) Raciocínio perquiridor e sagaz;

5) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,

6) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

É imprescritível o direito de exame e de crítica e em nossos escritos não alimentamos a pretensão de subtrairmo-nos ao exame e à crítica, como não temos a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa, vivência e cultura, e não somente com interpretações pessoais, ou mesmo impondo a sua "verdade".

"Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus" (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está calcado na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o ponto de vista calcado no personalismo é pura idiossincrasia.

CRÍTICA E SERVIÇO

"Se muitos companheiros estão vigiando os teus gestos, procurando o ponto fraco para criticarem, outros muitos estão fixando ansiosamente o caminho em que surgirás, conduzindo até eles a migalha do socorro de que necessitam para sobreviver.

É impossível não saibas quais deles formam o grupo de trabalho em que Jesus te espera".

(Pelo Espírito de Emmanuel)

Ainda estamos na primeira fase da Umbanda (100 anos), a da implantação, já ingressando na segunda fase, a da doutrinação. Muita coisa ainda há de mudar. Hoje, fazemos, cremos e pregamos uma Umbanda. Amanhã, faremos, creremos e pregaremos outra Umbanda, calcada na Espiritualidade Maior. Mas, temos que preparar o terreno para as mudanças que virão futuramente.

Ainda nos encontramos presos na egolatria, no egocentrismo e na idiossincrasia, sem ouvirmos atentamente o que nos passa a espiritualidade, pois ainda encontramo-nos preocupados tão somente com fatores externos, esquecendo as mudanças interiores, esquecendo de nos educar nos ensinamentos evangélicos, legados pelo meigo Rabino da Galiléia. Vamos envidar todos os nossos esforços para as mudanças atuais que se fazem necessárias, a fim de que possamos unidos, nos preparar condignamente, para sermos fieis medianeiros e depositários da confiança da Cúpula Astral de Umbanda, em Aruanda.

Umbandista que não estuda e não se dedica ao labor mediúnico caritativo, não é umbandista; é simplesmente um simpatizante.

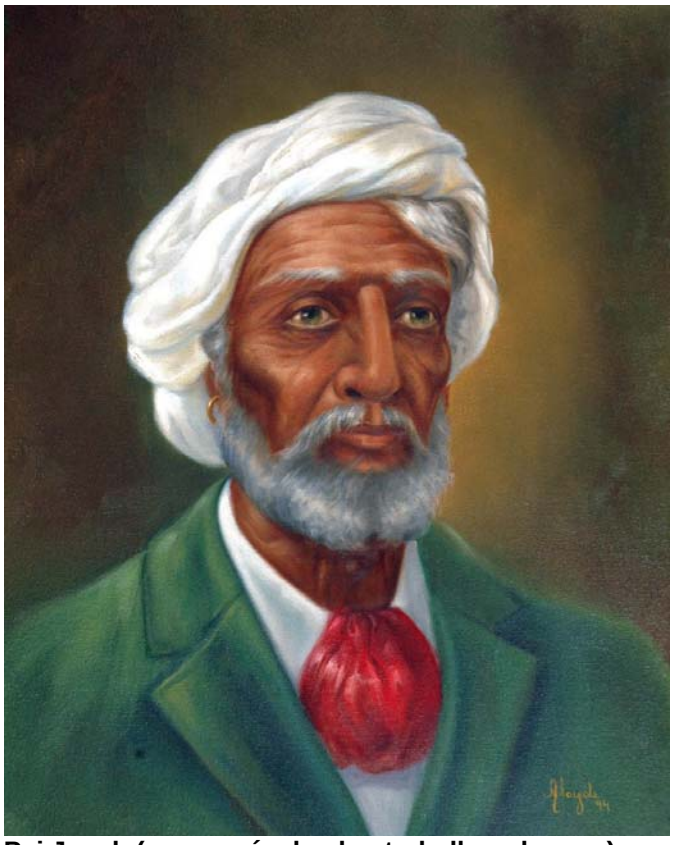
Padrinho Juruá

OS RESPONSÁVEIS PELA DOUTRINA DA UMBANDA CRÍSTICA

Alice Gurayebe Boechat (1919 – 1993)

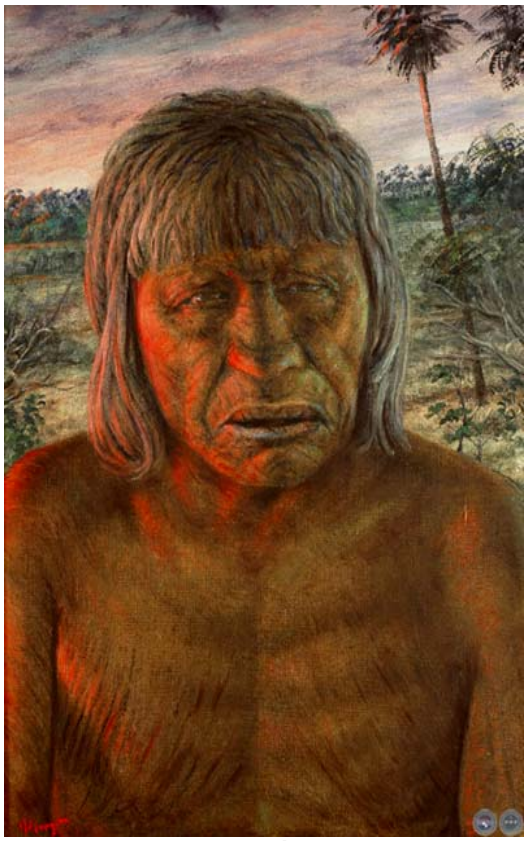
Mãe Alice, minha avó materna, fundadora da "Casa de Caridade Pai Matheus" (atual "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista"), de 1937 a 1993. Os Guias Espirituais, que se manifestavam em Mãe Alice, fundadores e dirigentes da Casa, eram:

Pai Matheus de Aruanda (fundador)



Pai Jacob (responsável pelos trabalhos de cura)

Pai Caboclo (responsável pelos trabalhos de Descarregos (desobsessões)

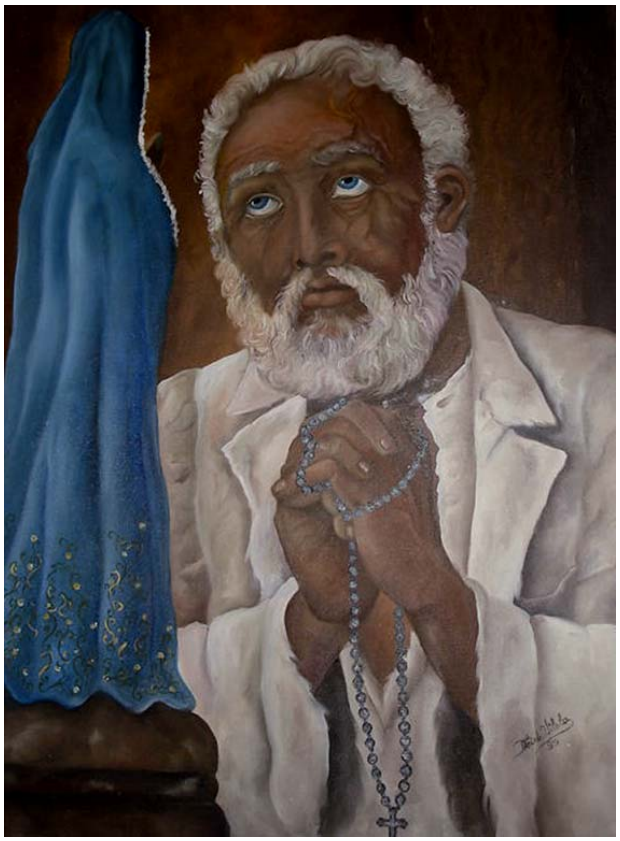


Pai Kalunga (responsável pelos trabalhos demandatórios)

Quando da passagem de Mãe Alice para o plano espiritual, os Guias Espirituais que assumiram a direção da Casa são:

Mãe Estrela Azul – Veneranda do "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista"

A senhora Mãe Estrela Azul, é considerada por nós, um das 21 Orixás Mediadoras da Mãe Yemanjá, Espírito Superior que está na Umbanda dando-nos sustentação vibratória para que o Evangelho Redentor seja divulgado e interiorizado como meta a cumprir. Ela se apresenta mediunicamente uma vez por ano, ou quando necessário, para nos dar seu amor e nos agraciar com suas palestras elucidativas.



Pai João da Caridade – Pai Espiritual e Mentor do Templo da Estrela Azul

O Guia Espiritual comandante do Templo da Estrela Azul é o Pai João da Caridade. Ele nos diz que todos os Caboclos encarregados do Terreiro, são seus generais, e cada um tem um trabalho especifico a ser cumprido. São eles:

Pai Mata Virgem

O amado Pai Mata Virgem, é o mentor responsável pelos ensinamentos e aplicações dos Caminhos de Cura e dos Caminhos de Poder. Esses “Caminhos” são as aplicações da magia positiva utilizando todos os recursos do imenso “arsenal da Umbanda”, todos provindos da Mãe Natureza.

- **Os Caminhos da Cura são:** O Caminho Tabaco que Purifica; O Caminho do Fogo que Higieniza; O Caminho do Banho Ectofitoplasmático que Agrega; O Caminho da Defumação que Transforma; e, O Caminho da Água que Desagrega (mar), que Agrega (cachoeira), que Transforma (fontes e nascentes), que Matura (poços, mangues e represas) e que Modifica (águas de corredeiras).

- **Os Caminhos do Poder são:** O Caminho das Oferendas de Poder; O Caminho dos Pós de Poder; O Caminho dos Cordões de Poder; O Caminho dos Patuás de Poder; O Caminho das Flores de Poder; O Caminho dos Cânticos de Poder; O Caminho das Escritas de Poder.

Foi num trabalho espiritual de fim de ano (1999), na Praia Grande/SP, de harmonização com as energias sagradas da Mãe Yemanjá, que o até então dirigente espiritual da nossa casa, o Senhor Caboclo Sete Folhas Verdes, nos comunicou que essa era a última vez que ele viria em terra para coordenar os trabalhos do Terreiro. Em seu lugar viria outro Caboclo, para dar continuidade aos planos traçados pela Espiritualidade Maior. Os médiuns, emocionados, despediram-se. O Pai Sete Folhas Verdes abençoou a todos, e desincorporou; segundos após, imensa emoção tomou conta de todos, e, imediatamente ocorreu à incorporação de um Caboclo da Mata. Cumprimentou a todos, e cantou o seguinte ponto:

"Pai Ventania quando chegou no Congá;
Todos os Caboclos vieram ajudar;
Veio Ogum, veio Xangô, Yemanjá;
Oxossi e Yansã;
As estrelas clarearam a mata escura;
Para Oxalá abençoar;
Sarava todos Caboclos;
Sarava pai Ventania no Congá".

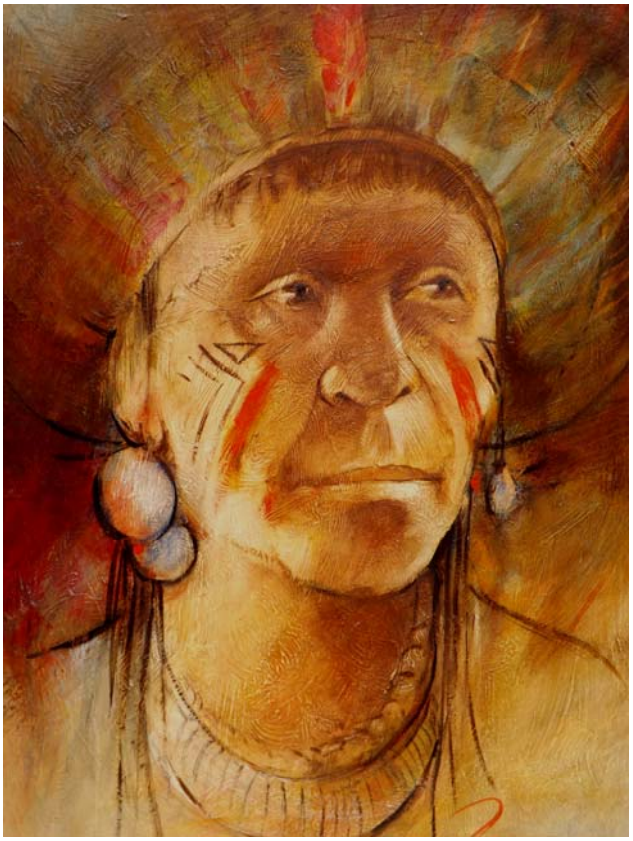
Logo a seguir nos disse: *"Sarava filhos de fé; sou o Caboclo Sete Ventanias; a partir de agora estou assumindo a direção deste Templo; não esperem elogios da minha parte, mas sim, bons puxões de orelha quando necessário. Eu vim, para trazer a doutrina. Quando completar minha missão, volto para o Juremá, quando outro Caboclo virá para divulgá-la"*. Foi a partir desta data que iniciamos a escrita dos tratados da Umbanda Crística, com afinco, diariamente. Nossa mente se abriu como um passe de mágica, e as informações caíram como chuva abundante, nunca mais parando. Por isso, dedicamos este livro ao nosso amado Pai Ventania.

Caboclo Sete Folhas Verdes

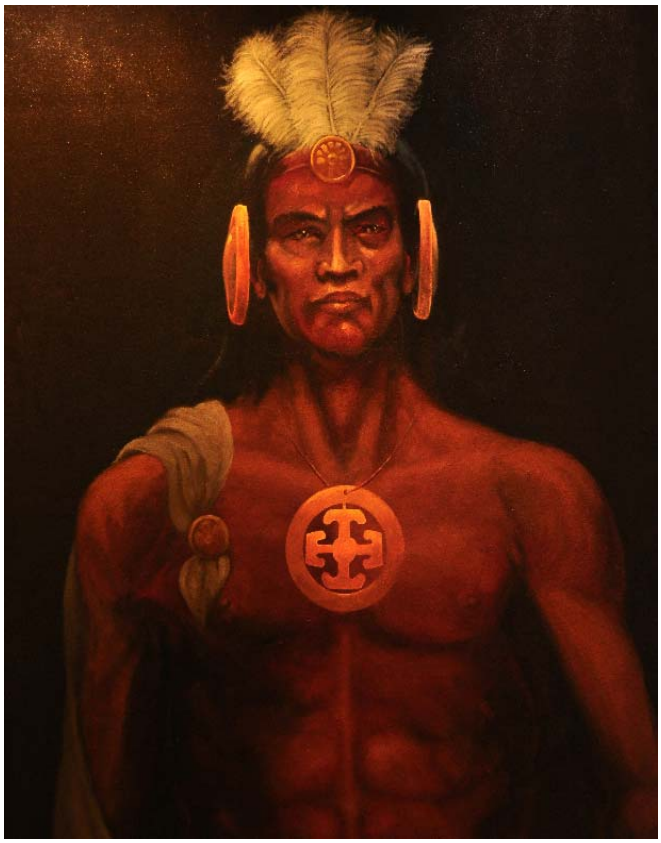
Caboclo Sete Ventanias

Quando foi o ano de 2007, numa Sessão de Educação Mediúnica, o Pai Sete Ventanias nos disse que esse seria o último dia de trabalho ostensivo dentro do Templo, pois sua missão havia sido cumprida a contento. O espaço sagrado para a vinda dos ensinamentos umbandísticos havia sido completado; a partir daí, o conhecimento estava liberado.

Ele nos disse: *"Era a hora de vir o outro trabalhador, que seria o responsável pela reelaboração ritualística do Terreiro, e a divulgação da doutrina umbandista"*. Despediu-se com emoção. Logo após, ainda emocionado, senti um arrepio pelo corpo, e apossou-se de mim um Caboclo da Mata, que nos disse ser o Pai Araribóia, que viria nos dar sustentação para que pudéssemos iniciar o trabalho de divulgação da Umbanda Crística. Pai Araribóia, manifestado, nos disse: *"A partir de agora, toda a ritualística, a doutrina e os trabalhos espirituais serão pautados nos ensinamentos e nas práticas do Caboclo das Sete Encruzilhadas; faremos a Umbanda como era em 1.908; eu estava lá"*. A partir de então, toda a temática dos trabalhos espirituais, em seus aspectos internos e externos, obedece aos ditamos do instituidor da Umbanda.



Pai Araribóia



Caboclo do Sol

Numa Sessão de Educação Mediúnica do mês de Agosto de 2013, o Pai Araribóia nos disse: *"Meu trabalho está completado. A doutrina já está sendo divulgada através de livros. A partir de agora, não cessa mais". Estarei aqui, em trabalho caritativo".*

Logo após, apossou-se de nós uma imensa vibração, onde se apresentou outro obreiro da vida eterna, que vinha dar sustentação vibratória ao Terreiro. Apresentou-se como Caboclo do Sol. Abençoando-nos, comunicou-nos que vinha para nos dar sustentação vibratória nos trabalhos caritativos ostensivos, para que fossemos exemplos vivos da prática compassiva umbandista. O Caboclo do Sol manifestado, assim cantou:

"É de ponto em ponto;
É de cruz em cruz;
Que eu retiro o mal;
Com o Mestre Jesus.

Com Deus em vim;
Com Deus eu vou;
Com os Anjos da guia;
E com o Salvador.

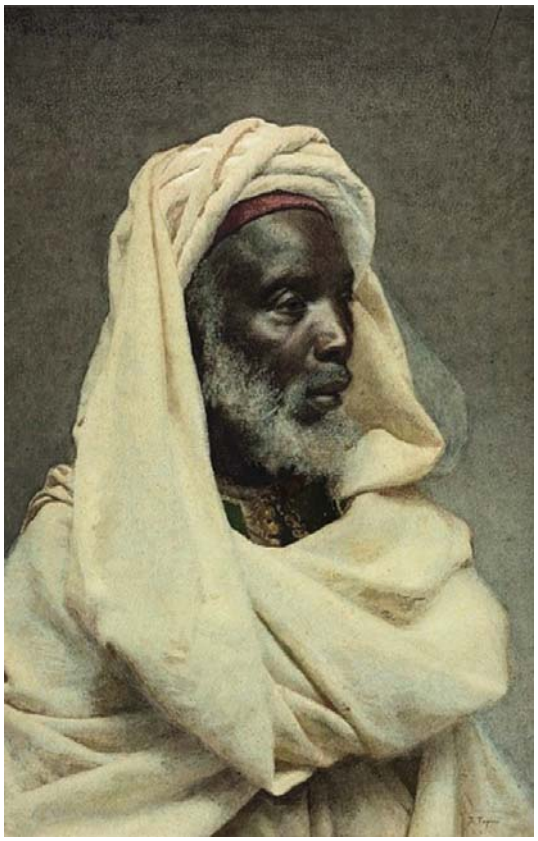
Se a Umbanda é Umbanda;
Se é da banda ou da kimbanda;
É o Caboclo do Sol;
Que é vencedor de demanda".

Pai Cobra Coral

O Pai Cobra Coral coordena os trabalhos de cura:

Pai Akanguera

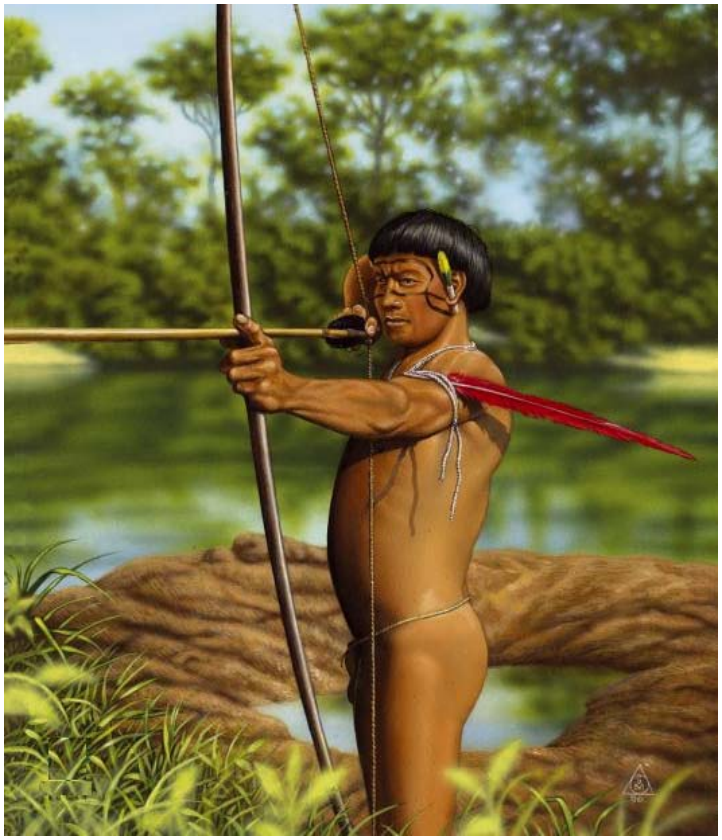
O Pai Akanguera é o responsável pelos trabalhos efetuados com portadores de depressão.



Caboclo Serra Brava

O Caboclo Serra Brava é o Capitão de Demanda do Templo da Estrela Azul; dirige os trabalhos de Descarrego (desobsessão) bem como a resolução de todos os possíveis processos demandatórios.

O primeiro Caboclo da Mata a nos dar sustentação em nossa mediunidade, em 1970, por 17 anos, foi o "Caboclo Tupinambá" (Curumin Uçú), que hoje nos dá seu auxilio e proteção, atuando fluidicamente em nosso Terreiro, incorporando esporadicamente somente para nos agraciar com a sua presença, bem como matarmos a saudades.



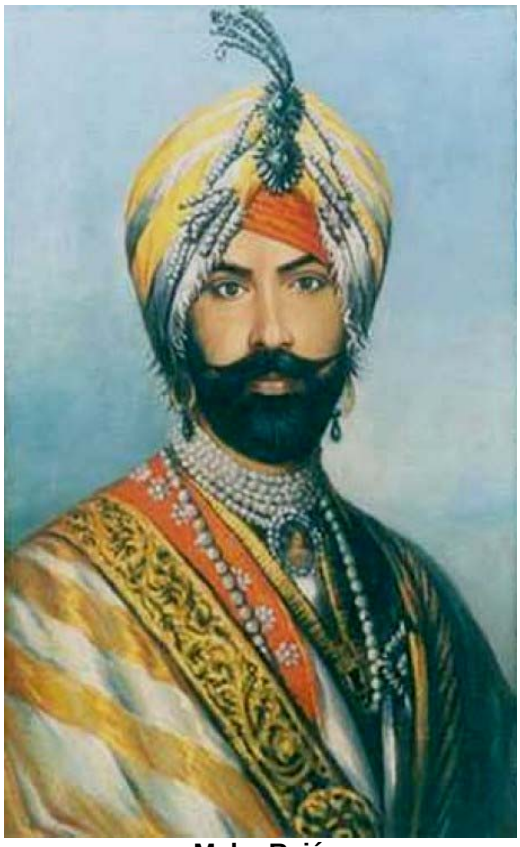
Caboclo Tupinambá (Curumim Uçú)

O Pai Ogum de Lei nos dá sustentação vibratória. A Mãe Janaina nos agracia com suas bênçãos, nos trazendo as forças do oceano.

Pai Ogum de Lei

Mãe Janaina

Desde a sua fundação, o Templo da Estrela Azul conta com o Guia instrutor espiritual Maha Raja, componente da Confraria dos Magos Brancos do Oriente, conhecido na Umbanda como: “Linha do Oriente”. Também contamos com a presença mediúnica, o abençoado Guia Espiritual Jorginho, da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais das Crianças, que nos traz os ensinamentos de como sermos puros e inocentes para conhecermos o Reino de Deus.



Maha Rajá

Jorginho

Vovó Joana da Bahia

A Vovó Joana da Bahia é a nossa conselheira, nossa educadora, e o nosso ombro amigo em todos os momentos. Com suas divinas magias, leva seus milagres aos lares aflitos. Curando os enfermos, solucionando velhas questões de família, levando às casas onde não há pão o emprego para seus chefes e, consequentemente, o conforto às famílias desesperadas pelo sofrimento.

As imagens dos Guias Espirituais: Mãe Estrela Azul, Pai Matheus de Aruanda, Pai Jacob, Pai João da Caridade, Pai Mata Virgem, Pai Caboclo, Pai Araribóia, Caboclo Sete Folhas Verdes, Caboclo Sete Ventanias, Pai Akanguera, Pai Ogum de Lei e Mãe Janaina, foram retratadas por sensitivos em pictografia. As demais pinturas foram escolhidas por serem imensamente semelhantes com quem representam.

PORQUE SOU UMBANDISTA

Depois de décadas de trabalhos mediúnicos ininterruptos, sem paixões, sem chiliques, sem ilusões, sem imposições, sem fanatismos, sem condicionamentos tresloucados, sem perder a fé, como livre pensador, sei perfeitamente porque sou umbandista.

Toda semana, sei, com consciência, com amor e ardor, porque me dirijo ao Terreiro, alegremente, ao encontro dos meus ancestrais, e, juntamente, recebermos as bênçãos de Deus e toda a Espiritualidade Superior, servindo ao próximo com dedicação e amor. Com o passar dos anos, no amadurecimento abençoado, em plena força de meu raciocínio cinquentenário, encontro as respostas abençoadas da força de viver e servir a tão plena religião.

- A Umbanda me ensinou que a religião verdadeira é aquela que enternece aos corações; modifica o homem, auxilia; não impõe; não julga; não aprisiona, mas, liberta; nos faz melhores, caridosos, amorosos; nos põe de encontro com a nossa espiritualidade; nos ensina a sermos humanos; nos mostra que todos estamos ao alcance e no merecimento das benesses divinas; nos coloca diretamente, frente a frente, com os abnegados irmãos da espiritualidade, sem fantasias, sem ilusões, sem imposições, como verdadeiros filhos e irmãos.

- A Umbanda me ensinou que este mundo em que vivemos é um celeiro de bênçãos, e jamais um vale de lágrimas. Mostrou-me as belezas e as inteirezas da Mãe Natureza, onde buscamos o alento da irmandade com os nossos irmãos menores, preenchendo o nosso intimo de paz, alegria, saúde e agradecimentos ao Divino Criador por nos proporcionar tamanha bondade em repartir sua perfeita criação.

- A Umbanda me ensinou que Deus é bondade, justiça, poder, paz, serenidade, perdão. Me ensinou que Deus é Amor; que seu alimento é amor; portanto, como seus filhos, também vivemos de amor; e por isso, devemos, a todo instante e por tudo, amarmo-nos infinitamente, afim de nos alimentarmos dessa força tão poderosa. Me ensinou que Deus só deseja uma coisa: que sejamos bons em tudo o que fizermos. Me ensinou que Deus me ama do jeito que sou; que não se importa com o que sou, mas somente com o que eu faço. A única missão que me deu foi fazer o bem, esteja onde estiver, sendo o que eu sou.

- A Umbanda me ensinou que: **"Fora do Amor não há Salvação"**, pois Deus é Amor. Por isso, serenamente, sem imposições, sem julgamentos, sem pressão, sem condicionamentos, nos coloca frente a frente com nossos irmãos, principalmente em atendimentos fraternos, para que através da caridade desmedida e gratuita efetuadas não por nos médiuns, mas, pelos abençoados Guias e Protetores Espirituais, possamos juntos fazer somente o bem, porque é bom ser bom, e é ruim ser ruim. Afinal, a caridade é uma das maiores expressões de amor que existe. A caridade é a linguagem pela qual as preces das pessoas são ouvidas, quando se dirigem a Deus.

- A Umbanda me mostrou, através das manifestações mediúnicas, que nossos irmãos, os Guias e Protetores Espirituais, em suas simplicidades, singelezas e humildade, apresentam-se em roupagens fluídicas arquetípicas regionais, tipos sociais, ocultando suas luzes, para que possamos entender que todos podemos, irmanados, servir a Deus e ao próximo, sem as complicações metafísicas, lingüísticas, teológicas, teosóficas e filosóficas, mas sim, com amor, perdão, caridade, dedicação, sutileza, firmeza, determinação, coragem, destemor, mostrando-nos que absolutamente todos, independente de credo, cor, grau social, grau escolar, grau evolucional, podemos ser instrumentos de Deus Pai para tudo e para todos.

- A Umbanda me mostrou que mesmo os nossos irmãos desafortunados, que fixam moradas temporárias no Reino da Kimbanda (Vale das Sombras), estão exercendo em pleno direito, o seu livre arbítrio. Me ensinou que estes irmãos não são ignorantes e muito menos inferiores, mas simplesmente estão vivendo como acham melhor, acreditando no que acham certo e optando por metas que acham serem corretas, e por isso devemos respeitá-los, sem julgamentos, perseguições e ódios. Me ensinou que gradativamente, todos um dia se libertarão de seus condicionamentos mentais ilusórios, deixarão de serem malvados, voltando-se então para as verdades eternas e imutáveis. Mas, salienta que não existe uma guerra de poder contra Deus, mas tão somente uma guerra de poder temporal, onde somente muitos querem impor suas realidades como verdade absoluta.

- A Umbanda me ensinou a respeitar todas as religiões como vias naturais de evolução, onde seus congregados cultuam, ensinam, doutrinam àquilo que acham serem a salvação do homem. A Umbanda me ensinou a ouvir a cada um, sem discutir, impor ou agredir. Me ensinou que somente através do exemplo dignificante, poderemos um dia sermos respeitados.

- A Umbanda me ensinou que Deus, em Sua infinita misericórdia, nos legou toda a Natureza para que pudéssemos nos servir dela com retidão, humildade, benevolência e respeito, para que, através de seus infindáveis recursos, pudéssemos nos beneficiar e beneficiar a quem nos procura.

- A Umbanda me ensinou que cada ser humano tem o sem tempo evolucional, não havendo "maior ou menor", "mais evoluído ou menos evoluído", mas somente, humanos em seu tempo natural, seguindo seu curso vivencial com seus passos, dentro das suas vivenciações, com seus entendimentos e devemos respeitá-los incondicionalmente, não procurando imputar-lhes nossas pretensas sabedorias por acharmos estarmos em adiantado estado de evolução.

- A Umbanda me mostrou que não existe cor de pele, credo religioso, preferências sexuais, ou seja, qualquer tipo de preconceito. Me mostrou que existem somente seres humanos, nossos irmãos, todos nascidos de um só útero divino, e a eles devemos respeito, amor, cordialidade, irmandade, perdão e paz.

- A Umbanda me mostrou que realmente – *"Há mais coisas entre o Céu e a Terra, do que imagina nossa vã filosofia"* – e por isso, devemos impreterivelmente respeitar as normas, as condutas, as doutrinas, as filosofias, os rituais, e as liturgias de qualquer credo religioso ou filosófico existente no mundo, sem querer impor, explicar, doutrinar, converter, a quem quer que seja. Mesmo que essas doutrinas pregam inverdades contra nós. Nos ensina que devemos divulgar nossa religiosidade através da exemplificação moral, santidade das intenções e mente ilibada. Afinal, como diz o Espírito de Miranez: *"Todo aquele que combate o tipo de fé de outro, é por não estar seguro da sua".*

- A Umbanda me aproximou de Jesus e de seus ensinamentos, fazendo-me seguir fielmente o designado pelo Meigo Rabino, através da exemplificação de seus Emissários da Luz, que diariamente se fazem presentes na mediunidade redentora, nos trazendo o alento do amor incondicional.

- A Umbanda me mostrou que não devemos nos prender a tal ou qual doutrina, filosofia, livro, mestre, ensinamento; que não devemos aceitar as coisas cegamente, mas ao invés disso, usando a benção do raciocínio, questionar, examinar e investigar, tomando por base a nossa própria experiência pessoal. A Umbanda me ensinou a seguir o que o Siddhartha Gautama (Buddha) disse, e que tenho como regra:

"*Não devemos crer em algo meramente porque seja dito.*

Nem em tradições só porque elas vêm sendo transmitidas desde a antiguidade.

Nem em rumores e em textos de filósofos porque foram esses que os escreveram.

Nem em ilusões supostamente inspiradas em nós por um Deva (ou seja: através de inspiração espiritual).

Nem em ilações obtidas de alguma suposição vaga e casual.

Nem porque pareça ser uma necessidade análoga.

Nem devemos crer na mera autoridade de nossos instrutores ou mestres.

Entretanto, devemos crer quando o texto, a doutrina ou os aforismos forem corroborados pela nossa própria razão e consciência.

Por isso vos ensinei a não crerdes meramente porque ouvistes falar. Mas quando houverdes acreditado de vossa própria consciência, então, devereis agir de conformidade e intensamente".

- A Umbanda me ensinou a ver todos como irmãos, como companheiros de jornada, sem alusões negativas e/ou depreciativas. Me ensinou que, se eu ver uma só qualidade em cada um, esta basta.

- Emmanuel, um dia disse a Chico Xavier: "Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus? - *Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem;* – respondeu o médium. – Não será você desamparado – disse-lhe Emmanuel – mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem. – *E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso?* – tornou o Chico. – Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço. Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou: – *Qual é o primeiro?* A resposta veio firme: – Disciplina. – *E o segundo?* – Disciplina. – *E o terceiro?* – Disciplina*".*

A mim, com respeito aos três pontos básicos, a resposta de um Caboclo da Umbanda, Cacique Araribóia, veio, firme, da seguinte forma: *"Queremos de vocês: 1º) Trabalho, 2ª) Trabalho, e, 3º) Trabalho. Porque disciplina, dificilmente, irão ter. Trabalhem; pois, enquanto aguardam as resoluções de seus problemas, vão fazendo algo de bom pra alguém".*

Pai Tomé disse: *"O Espiritismo é Jesus ensinando. A Umbanda é Jesus trabalhando".*

- A Umbanda me ensinou que não devemos trabalhar como servidores tão somente pensando estar fazendo "Caridade", como um ato de esmola, favor ou benefício, mas sim, trabalhar com Espírito compassivo, a compaixão fervorosa que compreende a dor dos outros de forma verdadeira, sem julgamentos, sem egoísmo, sem reservas, seja o que for, material ou espiritual, procurando intervir de alguma forma, a fim de mudar o quadro de sofrimento alheio.

- A Umbanda me ensinou que o mal não existe; que o mal é o bem mal interpretado. O mal está muito mais na nossa impaciência, no nosso desequilíbrio quando exigimos determinadas concessões e privilégios, sem condições de obtê-los. Se a treva aparece é porque a luz está demorando, mas quando acendemos a luz ninguém pensa mais nas trevas. O mal não existe em substancia. É pura ficção.

Enfim, se fosse enumerar tudo o que a Umbanda me ensinou, precisaria de um livro só pra isso.

Esclarecimento:

Ao lerem os módulos I, II, III e IV deste livro, por usarmos os ensinamentos de Jesus, bem como os ensinamentos do Pentateuco Kardeciano para explicarmos a Umbanda, muitos podem pensar: "o autor foi católico", ou "o autor foi kardecista ou espírita". Não.

Aliás, até certo tempo eu achava que a Umbanda era Cristã, bem como eu o era também, mas, incomodava-me muita coisa, pois não coadunava com os ensinamentos das ditas escolas cristãs, as quais, inclusive, nos excluíam e rejeitavam totalmente. Passado o tempo, amadurecendo as ideias, descobri que tanto a Umbanda, quanto eu aceitamos tudo o que é bom e rejeitamos tudo o que e mal; isso me levou ao universalismo, e claramente não me posicionei mais como cristão, mas sim, como crístico.

Do Catolicismo sei o que me foi passado popularmente e liricamente pelos mais velhos, o que estudei, e participando como convidado de reuniões tipo: casamentos e batismos somente.

Do Espiritismo, as obras kardecianas, sei o que estudei e estudo sistematicamente, como fonte inspirativa e aprimoramento mediúnico.

Da Religião Kardecista praticamente nada sei, pois nunca participei de nenhuma sessão realizada por eles. Somente tenho como fonte de estudos algumas obras psicografadas por kardecistas, que achei serem de cunho elevado.

Do Candomblé, igualmente; sei o que estudei; nunca participei de uma sessão candomblecista, portanto, nem sei como a coisa ocorre.

Nasci em 1956 e me criei em berço umbandista, pela minha avó materna, Mãe Alice, que já tinha um grupamento de Umbanda, a "Casa de Caridade Pai Matheus", desde 1937. Iniciei minhas atividades mediúnicas em atendimentos fraternos em 1970, trabalhando até os dias atuais, ininterruptamente. Quando do desencarne de minha avó, em 1993, assumi a direção do Terreiro, que passou a ter a denominação de: "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista" em referência à veneranda Orixá Mãe Estrela Azul, nossa mãe e mentora.

A partir do dia que assumi o Terreiro, seguindo o que já era feito, tateei acrescentar algumas práticas ritualísticas a fim de melhorar o padrão material e espiritual da Casa. Mas, passado um tempo, verificando a inocuidade das ditas práticas, voltei fielmente ao que me foi passado pelos nossos fundadores, Pai Matheus de Aruanda, Pai Jacob e Pai Caboclo, que mesmo sem nunca ter-nos falado no Caboclo das Sete Encruzilhadas, seguiam fielmente o preposto pelo instituidor, ou seja, o mando era espiritual.

Aceito e coaduno com a Espiritualidade Maior. Sigo, invoco e honro os Espíritos de e da luz, sejam eles quais forem e de onde foram em vida. Onde existem os ensinamentos crísticos e o Evangelho Redentor, ali estarão presentes os Espíritos Superiores.

O dia em que fizermos nossa passagem (desencarnarmos), não seremos julgados pela religião que professamos, mas sim, pelas obras que fizemos. A Umbanda, assim como qualquer religião é tão somente uma via de evolução que escolhemos por afinidade, para bem servimos a Deus Pai.

Trabalhamos onde melhor nos adaptamos. Temos que dar o melhor de nós, onde estivermos, pois tudo é feito para a honra e a glória de Deus.

SOU DA UMBANDA COM AMOR E DEVOÇÃO

Todos os dias ergo minhas mãos ao alto, e cantarolo: *"Eu canto a Umbanda, que deu vida ao meu ser. Eu canto aos Orixás, que me fizeram renascer. E canto o dia em que, senti ao Senhor, andando pela vida, aprendi essa canção: Sou da Umbanda, e também de ti Senhor; sou da Umbanda com amor e devoção".*

Um arrepio invade meu ser; meus olhos marejam, pois o amor que tenho por ti, minha Umbanda querida, é tão grande, que transborda o coração. Foi na Umbanda que eu aprendi a amar. Foi na Umbanda que eu conheci a Deus. Foi na Umbanda que eu conheci um Jesus amoroso, que me ama como sou. Foi na Umbanda que tive a oportunidade de servir ao próximo com amor. E é nesse momento sagrado, que olho para o alto, e vejo Jesus, de braços abertos me dizendo:

"Curai os doentes, curai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os Espíritos maus".

"Recebestes de graça, de graça daí".

"Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita".

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega ao Pai, a não ser através de mim".

"Perdoai, para que Deus vos perdoe".

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu Espírito; este o maior e o primeiro mandamento; e aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo."

"Orai sem cessar".

"Não façais ao próximo o que não quereis que o próximo lhe faça".

Umbanda; obrigado por me receber em seu seio, e batalhar dia-a-dia para que eu me torne verdadeiramente um ser humano. Obrigado pela paciência de me educar, de me ensinar às verdades eternas, sem nada me pedir a não ser fé, esperança, amor e caridade. E no fim do dia, cantarolo, emocionado, outro ponto:

"Mas eu sempre te amei e sempre hei de te adorar;
Umbanda querida dona da Terra e do mar;
Umbanda, Umbanda ê;
Umbanda, Umbanda a;
No Terreiro de Umbanda eu aprendi a amar;
Umbanda Lei de Deus;
Umbanda dos Orixás;
Foi na Umbanda que eu aprendi a amar".

AS SETE LÁGRIMAS DE UM PAI PRETO

Foi uma noite estranha aquela noite queda; estranhas vibrações afins penetravam meu ser mental e me faziam ansiado por algo, que pouco a pouco se fazia definir. Era um quê desconhecido, mas sentia-o, como se estivesse em comunhão com minha alma e externava a sensação de um silencioso pranto.

Quem do mundo Astral emocionava assim um pobre eu?

Não o soube, até adormecer e, "sonhar".

Assim, vi meu "duplo" transportar-se, atraído por cânticos que falavam de Aruanda, Estrela Guia e Zambi; eram as vozes da Senhora da luz velada, dessa Umbanda de todos nós que chamavam seus filhos de fé.

E fui visitando Cabanas e Tendas, onde multidões desfilavam, mas, surpreso ficava, com aquela "visão" que em cada uma eu "via", invariavelmente, num canto, pitando, um triste Pai-preto chorava.

De seus "olhos" molhados, esquisitas lágrimas desciam-lhe pelas faces e não sei por que, contei-as; foram sete. Na incutida vontade de saber, aproximei-me e interroguei-o: fala Pai-preto, diz a teu filho, por que externa assim tão visível dor?

E Ele, suave, respondeu: *estás vendo essa multidão que entra e sai? As lágrimas contadas distribuídas estão a cada uma delas.*

A primeira, eu a dei a esses indiferentes que aqui vêm em busca de distração, na curiosidade de ver, bisbilhotar, para saírem ironizando daquilo que suas mentes ofuscadas não podem conceber.

Outra, a esses eternos duvidosos que acreditam, desacreditando, na expectativa de um "milagre" que os faça alcançar aquilo que seus próprios merecimentos negam.

E mais outra foi para esses que crêem, porém, numa crença cega, escrava de seus interesses estreitos. São os que vivem eternamente tratando de "casos" nascentes uns após outros.

E outra mais que distribuí aos maus, àqueles que somente procuram a Umbanda em busca de vingança, desejam sempre prejudicar a um seu semelhante – eles pensam que nós, os Guias, somos veículos de suas mazelas, paixões, e temos obrigação de fazer o que pedem; pobres almas, que das brumas ainda não saíram.

Assim, vai lembrando bem, a quinta lágrima foi diretamente aos frios e calculistas – não creem nem descreem: sabem que existe uma força e procuram se beneficiar dela de qualquer forma. Cuida-se deles, não conhecem a palavra gratidão, negarão amanhã até que conheceram uma casa de Umbanda.

Chegam suaves, têm o riso e o elogio à flor dos lábios, são fáceis, muito fáceis; mas se olhares bem seus semblantes, verás escrito em letras claras: creio na tua Umbanda, nos teus Caboclos e no teu Zambi, mas somente se vencerem o "meu caso", ou me curarem "disso ou daquilo".

A sexta lágrima eu a dei aos fúteis que andam de Tenda em Tenda, não acreditam em nada, buscam apenas aconchegos e conchavos; seus olhos revelam um interesse diferente, sei bem o que eles buscam.

E a sétima filho; notas-te como foi grande e como deslizou pesada. Foi à última lágrima, aquela que "vive" nos "olhos" de todos os "Pretos-Velhos"; fiz doação dessa, aos vaidosos, cheios de empáfia, para que lavem suas máscaras e todos possam vê-los como realmente são. "Cegos, guias de cegos"; andam se exibindo com a Banda, tal e qual mariposa em torno da luz; essa mesma luz que eles não conseguem ver, porque só visam à exteriorização de seus próprios "egos".

Olhai-nos bem; vede como suas fisionomias são turvas e desconfiadas; observai-os quando falam "doutrinando"; suas vozes são ocas, dizem tudo de "cor e salteado", numa linguagem sem calor, cantando loas aos nossos Guias e Protetores, em conselhos e conceitos de caridade, essa mesma caridade que não fazem, aferrados ao conforto da matéria e gula do vil metal. Eles não têm convicção.

Assim, filho meu, foi para esses todos que viste cair, uma a uma, as sete lágrimas do Pai Preto.

Então, com minha alma em pranto, tornei a perguntar: não tens mais nada a dizer, Pai Preto? E daquela "forma velha", vi um véu caindo e num clarão intenso que ofuscava tanto, ouvi mais de uma vez.

Mando a luz da minha transfiguração para aqueles que esquecidos pensam que estão. Eles formam a maior desta multidão. São os humildes, os simples; estão na Umbanda pela Umbanda, na confiança pela razão. São os seus filhos de fé. São também os "aparelhos", trabalhadores silenciosos, cujas ferramentas chamam-se Dom e Fé, e cujos "salários" de cada noite, são pagos quase sempre com uma só moeda, que traduz o seu valor numa única palavra: a ingratidão.

(Texto extraído do livro: "Umbanda de Todos Nós" 2ª edição (1960) SILVA, Woodrow Wilson da Matta e - Livraria Freitas Bastos)

A OITAVA LÁGRIMA DO CABOCLO DE ARUANDA

Ah! A Oitava Lágrima.

A oitava lágrima eu vi rolar dos olhos do Caboclo de Aruanda. E então, perguntei: E essa lágrima, meu pai, o que significa?

Ele então me respondeu com a voz embargada e cheia de pesar:

"Essa lágrima, meu filho, é a mesma que desceu dos olhos do Cristo quando encontrou o querido Lázaro no túmulo.

Ela desce queimando minha face, como o sangue que desceu lá no Calvário, da cabeça divina coroada de espinhos.

Essa lágrima representa a dor e a tristeza que invade os corações de todos os Caboclos de Aruanda.

A dor em ver tantos filhos de fé retribuindo com ingratidões todos os favores a eles dispensados. Em receber em troca do amor que lhes dou, muitas flechadas embebidas no fel da discórdia e da descrença.

Representa o sofrimento em receber nas mãos os cravos da injúria daqueles que, negando a mensagem de Jesus, levantam falsas palavras contra o meu carinho e afago.

É a lágrima que ofereço aos filhos que me abandonam na jornada e na difícil tarefa de apascentar as ovelhas perdidas do Senhor.

É a lágrima que jorra todos os dias em favor dos médiuns que não aplicam seus corações nos ensinamentos que o Pai determina que eu lhes dê.

Entrego em favor dos filhos que vêm para esse pequeno paraíso, a Tenda de Umbanda, com os corações e as mentes cheios de espinhos e abrolhos que a terra seca produz.

Aos que, cegos, não conseguem ver a beleza e a pureza que, dia após dia, permito que vejam dentro do Congá o qual purifico e perfumo com as essências da caridade e do perdão.

Desce, porque sinto o peso da cruz do Nazareno e não encontro nenhum Simão para me ajudar a levantar da terra e a continuar firme em direção ao alvo que Deus, nosso Pai, quer levar a todos.

Enxuga-me os olhos, filho.

E me presenteie com o seu amor".

(Mensagem transmitida na Casa de Caridade Santo Antônio de Pádua (Guarapari/ES) durante a Sessão de Educação Mediúnica em complemento ao já famoso texto "As Sete Lágrimas de um Pai Preto")

A LIÇÃO DE UMA PRETA VELHA

COMO SER UM UMBANDISTA

Um pequenino menino, dentro de sua simplicidade e inocência, perguntou a uma Preta Velha:

– Vovó, eu adoro a Umbanda e gostaria de ser um médium. O que eu posso fazer para ser um umbandista?

Filho, a Umbanda é para os fortes! Para ser umbandista, basta ser forte.

– Mas Vó, eu ainda sou criança e não tenho força ainda. Eu vou ter que crescer para ser umbandista?

Mas é claro que você é forte meu filho, você já é um umbandista, você é a fonte desta força e cabe a você não perder a força que tem.

– Que força é essa Vovó? O que é ser forte, então?

Ser forte é ter a pureza, a fé, a humildade, a simplicidade e a ingenuidade que você tem. Cabe a você manter esta força quando crescer.

– E eu sou forte só com isso?

Você acha pouco filho?

Quando os seres crescem, eles se tornam competitivos, egoístas, ciumentos e invejosos, eles deixam de ter o coração puro, perdem sua fé no Pai e adquirem fé nos bens materiais. Tornam-se seres egocêntricos, não dividem com o próximo, não confiam em ninguém e passam a macular os sentimentos puros dos quais foram dotados na sua infância pela dádiva do esquecimento que o Pai lhes deu ao encarnarem. Isso, aos poucos, vai tornando-os fracos.

Esta fraqueza faz com que os maus Espíritos se aproximem e os bons se afastem.

Ser umbandista meu filho é manter-se puro, vendo sempre o que há de bom no seu próximo.

Ser umbandista é saber dividir com o próximo o amor que o Pai te deu, praticando as caridades morais, materiais e espirituais.

Ser umbandista é ter um caráter íntegro, destituindo-se do orgulho e da vaidade. É desenvolver a fé em momentos de sua vida. É acreditar que o sucesso vem com o crescimento espiritual e não material.

É desenvolver, em si, o bem, a verdade, o amor e fazer com que cada vez mais esta centelhinha de luz, que o Pai te deu, cresça e resplandeça, pois assim nenhum mal se achegará de ti e assim, e somente assim, você encontrará a paz para se desenvolver na Doutrina a ser um verdadeiro Umbandista.

– Vó, eu vou tentar ser o melhor umbandista que tiver, a senhora não deixa os maus sentimentos tomarem conta de mim, não é?

Uh! Uh! Uh! Você verá meu filho, que toda a sua felicidade, fé, paz, crescimento só depende de você; com o tempo você verá e, esta Preta-Velha estará lá para te ajudar a mostrar o caminho, a te aconselhar e te orientar. O resto dependerá de você e do seu livre-arbítrio.

– Vó, o que é livre-arbítrio? A senhora me explica?

Uh! Uh! Uh! Isto é uma outra história que Preta Velha conta depois. Pense e medite sobre esta e a outra você aprenderá pelo caminho!

– Sua benção Vovó!

Deus te abençoe, meu filho!

Vovó Joana da Bahia
Mensagem recebida pela médium: Jacira G. Santoro

A UMBANDA SOB A VISÃO DE UM FREI TEÓLOGO

O ENCANTO DOS ORIXÁS

Quando atinge grau elevado de complexidade, toda cultura encontra sua expressão artística, literária e espiritual. Mas ao criar uma religião a partir de uma experiência profunda do mistério do mundo, ela alcança sua maturidade e aponta para valores universais. É o que representa a Umbanda, religião, nascida em Niterói, no Rio de Janeiro, em 1908, bebendo das matrizes da mais genuína brasilidade, feita de europeus, de africanos e de indígenas.

Num contexto de desamparo social, com milhares de pessoas desenraizadas, vindas da selva e dos grotões do Brasil profundo, desempregadas, doentes pela insalubridade notória do Rio nos inícios do século XX, irrompeu uma fortíssima experiência espiritual.

O interiorano Zélio Moraes atesta a comunicação da Divindade sob a figura do Caboclo das Sete Encruzilhadas da tradição indígena e do Preto-Velho da dos escravos. Essa revelação tem como destinatários primordiais os humildes e destituídos de todo apoio material e espiritual. Ela quer reforçar neles a percepção da profunda igualdade entre todos, homens e mulheres, se propõe potenciar a caridade e o amor fraterno, mitigar as injustiças, consolar os aflitos e reintegrar o ser humano na natureza sob a égide do Evangelho e da figura sagrada do Divino Mestre Jesus.

O nome Umbanda é carregado de significação. É composto de “OM” (o som originário do universo nas tradições orientais) e de “BHANDHA” (movimento incessante da força divina). Sincretiza de forma criativa elementos das várias tradições religiosas de nosso país criando um sistema coerente. Privilegia as tradições do Candomblé da Bahia por serem as mais populares e próximas aos seres humanos em suas necessidades. Mas não as considera como entidades, apenas como forças ou Espíritos puros que através dos Guias Espirituais se acercam das pessoas para ajudá-las.

Os Orixás, a Mata Virgem, o Rompe Mato, o Sete Flechas, a Cachoeira, a Jurema e os Caboclos representam facetas arquetípicas da Divindade. Elas não multiplicam Deus num falso panteísmo, mas concretizam, sob os mais diversos nomes, o único e mesmo Deus. Este se sacramentaliza nos elementos da Natureza como nas montanhas, nas cachoeiras, nas matas, no mar, no fogo e nas tempestades. Ao confrontar-se com estas realidades, o fiel entra em comunhão com Deus.

A Umbanda é uma religião profundamente ecológica. Devolve ao ser humano o sentido da reverência face às energias cósmicas. Renuncia aos sacrifícios de animais para restringir-se somente às flores e à luz, realidades sutis e espirituais.

Há um diplomata brasileiro, Flávio Perri, que serviu em embaixadas importantes como Paris, Roma, Genebra e Nova York que se deixou encantar pela religião da Umbanda. Com recursos das ciências comparadas das religiões e dos vários métodos hermenêuticos elaborou perspicazes reflexões que levam exatamente este título “O Encanto dos Orixás”, desvendando-nos a riqueza espiritual da Umbanda. Permeia seu trabalho com poemas próprios de fina percepção espiritual. Ele se inscreve no gênero dos poetas-pensadores e místicos como Álvaro Campos (Fernando Pessoa), Murilo Mendes, T. S. Elliot e o sufi Rumi. Mesmo sob o encanto, seu estilo é contido, sem qualquer exaltação, pois é esse rigor que a natureza do espiritual exige.

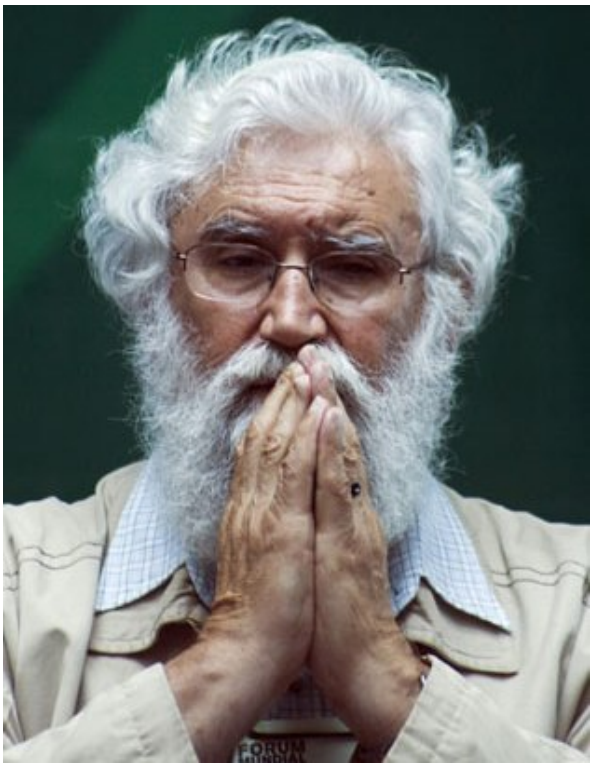
Além disso, ajuda a desmontar preconceitos que cercam a Umbanda, por causa de suas origens nos pobres da cultura popular, espontaneamente sincréticos. Que eles tenham produzido significativa espiritualidade e criado uma religião cujos meios de expressão são puros e singelos revela quão profunda e rica é a cultura desses humilhados e ofendidos, nossos irmãos e irmãs. Como se dizia nos primórdios do cristianismo que, em sua origem também era uma religião de escravos e de marginalizados, *“os pobres são nossos mestres, os humildes, nossos doutores”*.

Talvez algum leitor/a estranhe que um teólogo como eu diga tudo isso que escrevi. Apenas respondo: um teólogo que não consegue ver Deus para além dos limites de sua religião ou igreja não é um bom teólogo. É antes um erudito de doutrinas. Perde a ocasião de se encontrar com Deus que se comunica por outros caminhos e que fala por diferentes mensageiros, seus verdadeiros anjos. Deus desborda de nossas cabeças e dogmas.

(Frei Leonardo Boff)

Algumas pessoas desconhecem o Frei Leonardo Boff. Vamos a uma sucinta biografia desse importante teólogo brasileiro:

LEONARDO BOFF



Leonardo Boff, pseudônimo de Genézio Darci Boff (Concórdia, 14 de dezembro de 1938), é um teólogo brasileiro, escritor e professor universitário, expoente da Teologia da Libertação no Brasil. Foi membro da Ordem dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos. É respeitado pela sua história de defesa pelas causas sociais e atualmente debate também questões ambientais.

Leonardo Boff ingressou na Ordem dos Frades Menores em 1959 e foi ordenado sacerdote em 1964. Em 1970, doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade de Munique, Alemanha. Ao retornar ao Brasil, ajudou a consolidar a Teologia da Libertação no país. Lecionou Teologia Sistemática e Ecumênica no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis (RJ) durante 22 anos. Foi editor das revistas Concilium (1970-1995) (Revista Internacional de Teologia), Revista de Cultura Vozes (1984-1992) e Revista Eclesiástica Brasileira (1970-1984).

Seus questionamentos a respeito da hierarquia da Igreja, expressos no livro *"Igreja, Carisma e Poder"*, renderam-lhe um processo junto à Congregação para a Doutrina da Fé, então sob a direção de Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de "silêncio obsequioso", perdendo sua cátedra e suas funções editoriais no interior da Igreja Católica. Em 1986, recuperou algumas funções, mas sempre sob severa vigilância. Em 1992, ante nova ameaça de punição, desligou-se da Ordem Franciscana e pediu dispensa do sacerdócio. Sem que esta dispensa lhe fosse concedida, uniu-se, então, à educadora popular e militante dos direitos humanos Márcia Monteiro da Silva Miranda, divorciada e mãe de seis filhos. Boff afirma que nunca deixou a Igreja: *"Continuei e continuo dentro da Igreja e fazendo teologia como antes"*, mas deixou de exercer a função de padre dentro da Igreja.

Sua reflexão teológica abrange os campos da Ética, Ecologia e da Espiritualidade, além de assessorar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e movimentos sociais como o MST. Trabalha também no campo do ecumenismo.

Em 1993 foi aprovado em concurso público como professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde é atualmente professor emérito.

Foi professor de Teologia e Espiritualidade em vários institutos do Brasil e exterior. Como professor visitante, lecionou nas seguintes instituições: de Universidade de Lisboa (Portugal), Universidade de Salamanca (Espanha), Universidade Harvard (Estados Unidos), Universidade de Basel (Suíça) e Universidade de Heidelberg (Alemanha). É doutor honoris causa em Política pela universidade de Turim, na Itália, em Teologia pela universidade de Lund na Suécia e nas Faculdades EST – Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (Rio Grande do Sul). Boff fala fluentemente alemão.

Sua produção literária e teológica é superior a 60 livros, entre eles o *best-seller "A Águia e a Galinha"*. A maioria de suas obras foram publicadas no exterior.

Atualmente, viaja pelo Brasil dando palestras sobre os temas abordados em seus livros e tambem em encontros da Agenda 21. Vive em Petrópolis (RJ) com a educadora popular Márcia Miranda.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_Boff)

O Frei Leonardo Boff, inteirou-se do site da Umbanda Crística, lendo o exposto, nos enviu um e-mail com o seguinte teor:

From: Pai Juruá <paijurua@gmail.com>

Date: Tue, 24 Apr 2012 01:49:18 -0300

To: <contato@leonardoboff.com>

Subject: *"Olá*

Meu caro Pai Juruá.

Vi seu site da Umbanda Crística. Gostei dos materiais e do espírito de oração, veneração e respeito que marcam como aura todos os programas. Deus é servido por muitos modos e mediante muitos servidores. Você é um servidor do Altíssimo que alimenta a chama sagrada da presença de Deus em cada pessoa.

Embora eu venha de outro caminho, apoio sua missão, pois ela seguramente conduz ao coração de Deus.

Unidos às forças divinas e irmanados na fé de Jesus o saúdo e abraço fraternalmente".

Leonardo Boff

A opinião do Frei Leonardo Boff muito nos alegra e incentiva, pois é a impressão de um teólogo, um estudioso sobre o universalismo espiritualista, sem sectarismos.

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO CRÍSTICA

"A maior de todas as ignorâncias é rejeitar uma coisa sobre a qual você nada sabe". (H. Jackson Brownk)

"A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo Cristo". (palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando anunciou a Umbanda).

Em seu universalismo, também, a Umbanda é uma escola divulgadora dos ensinamentos de Jesus. Temos a nossa maneira de ver, crer e difundir os ensinamentos evangélicos. Alguns segmentos religiosos ou filosóficos cristãos que se incomodam de interiorizarmos os ensinamentos de Jesus, ou mesmo os que afirmam categoricamente que não podemos, faremos das palavras de Mahatma Gandhi as nossas:

- Certa vez um missionário encontrou-se com Mahatma Gandhi na Índia, e perguntou: *"Senhor Gandhi, sempre cita as palavras do Cristo; por que resiste tão duramente e rejeita tornar-se cristão"*? Ao que respondeu Gandhi: "*Ó! Eu não rejeito seu Cristo. Eu amo seu Cristo. Apenas creio que muitos de vocês cristãos são bem diferentes do vosso Cristo.*

- *"Amo o cristianismo, mas lamento os cristãos que não vivem segundo os ensinamentos de Cristo".*

- *"Aceito o seu Cristo e os Evangelhos, mas não aceito o teu cristianismo".*

- *"Não conheço ninguém que tenha feito mais para a humanidade do que Jesus. De fato, não há nada de errado no cristianismo. O problema são vocês, cristãos. Vocês nem começaram a viver segundo os seus próprios ensinamentos".*

- *"Cristo é a maior fonte de força espiritual que o homem tenha conhecido. Ele é o exemplo mais nobre de um desejo de tudo dar sem nada pedir em troca. Cristo não pertence somente ao cristianismo, mas ao mundo inteiro"*

- *"Eu gosto de Cristo. Eu não gosto de vocês cristãos. Vocês cristãos são tão diferentes de Cristo".*

- *"Não sou cristão por causa dos cristãos"*

A Umbanda ama e honra a Jesus com veneração, sendo Ele o pilar central de toda a doutrina e religiosidade umbandista. A Umbanda filia-se à tradição do Mestre Jesus e da melhor maneira possível procura lhe dar continuidade. Temos o Cristo Planetário como o Mestre Supremo, sendo Jesus o seu médium.

Mas, porque a Umbanda tem Jesus como pilar central, e segue incondicionalmente Seus ensinamentos? Para entendermos, vamos disponibilizar um belo trecho do livro: "O Sétimo Selo – O Silêncio dos Céus" – magistralmente colocado pelo Espírito do Irmão Virgílio, psicografado pelo médium Antonio Demarchi:

"(...) Informaram-nos nossos superiores que existem comunidades de Espíritos puros e perfeitos que habitam esferas mais elevadas, onde apenas a luz existe. É algo que estamos distante de imaginar, pois não dispomos de termos comparativos para nos expressar.

Nem mesmo em pensamentos podemos imaginar sua grandiosidade e beleza, porque, nestas paragens, existe apenas energia em forma de luz que brilha incessantemente, emanada do próprio Criador, em seu amor infinito. Os Espíritos que habitam essas esferas, encontrando-se em comunhão integral com o Criador, captam, dessa forma, o pensamento do Verbo Divino, manipulam as energias cósmicas, condensam essas energias, dão formas a galáxias, nebulosas, estrelas e planetas, na condição de comparticipes na grande obra da criação. Não podemos localizar essas esferas nem esses Espíritos no tempo ou espaço, porque vibram na dimensão Divina.

Jesus Cristo é um dos Membros desta comunidade, e coube a Ele a sintonia da vontade do Pai no ato de amor para criar nosso planeta. Jesus foi o sublime arquiteto que, manipulando energias cósmicas, condensou e deu forma ao nosso planeta. Acompanhou todas as etapas evolutivas desde as convulsões telúricas, o resfriamento, o surgimento das primeiras formas de vida e, com amor incontido, acompanhou todas as etapas que, sob sua tutela, se desenvolviam, até o surgimento das primeiras manifestações humanas na Terra.

Nos milênios incontáveis, Jesus nos viu surgir como criaturas humanas, desde os antropoides, o homo erectus, o homo sapiens, acompanhando-nos passo a passo até os dias atuais. Por isso, o Mestre nos amou tanto e fez questão de vir pessoalmente nos trazer a grande mensagem da Boa-Nova, doando-se para nos resgatar das teias da ignorância (...)".

"(...) O Divino Amigo não mediu esforços nem sacrifícios. Poderia ter enviado outro mensageiro para nos trazer a grande revelação do Deus que é amor e misericórdia infinita, cujos ensinamentos se resumiam na lei do amor, amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Mas não; a mensagem era de suma importância de forma que veio pessoalmente para viver a grande mensagem de amor entre os homens, que não o compreenderam. Escolhemos Barrabás, naquela época, e Jesus foi para a cruz, e sua morte em holocausto foi o exemplo final de sua grande missão.

A grande tristeza do Mestre é que, transcorridos mais de dois mil anos, continuamos escolhendo a Barrabás em detrimento de Jesus, o que não mais se justifica, pois, naquela época, o seu humano podia alegar ignorância, mas, hoje, temos a obrigação de conhecer o Evangelho e seguir seus passos. Mas o ser humano ainda vive para as emoções do momento, envolve-se com as glórias passageiras, entrega-se aos devaneios e distrações perniciosas que o levam a despenhadeiros tenebrosos, porque ainda encontra-se distanciado do amoroso Mestre que tudo fez por nós, e o que é mais grave: não se dá conta do que ocorre à sua volta, no campo da espiritualidade "(...).

Só por esse trecho, cremos que já da pra se ter uma breve noção da importância de Jesus e de Seus ensinamentos para a Umbanda.

Somente não seguimos a tradição e o entendimento preconizado pelas várias escolas cristãs que pregam suas visões particulares sobre os ensinamentos de Jesus. A Umbanda tem seu próprio estudo, entendimento e versão do Evangelho Redentor, somente aceitando a teoria de outras escolas se estiverem calcadas na razão e no bom senso. O que nos difere das outras escolas, é o universalismo existente na Umbanda. Nós umbandistas ainda estamos tateando os ensinamentos sagrados existentes nos Evangelhos, mas, orientados de perto pela Cúpula Astral de Umbanda, povoada de Espíritos crísticos.

Primeiramente devemos entender e aplicar os ensinamentos constantes do Evangelho de Jesus, para depois podermos compreender com exatidão, o que também nos foi ensinado por outros Mestres do Amor que estiveram presentes na Terra, pela graça Divina. Por isso, dizemos que a Umbanda é crística, mas seus seguidores ainda estão engatinhando nos ensinamentos de Jesus, portanto, aprendendo primeiramente a serem evangelizados, para depois, com sabedoria, transformarem-se em crísticos. Vamos entender o que é ser crístico:

Para todos entenderem bem o que é ser "crístico", vamos às seguintes elucidações:

O HOMEM CRÍSTICO

- O homem crístico é como o sol, suavemente poderoso, poderosamente suave.
- É poderoso – mas não exibe poder.
- É puro – mas não vocifera contra os impuros.
- Adora o que é sagrado – mas sem fanatismo.
- É amigo de servir – mas sem servilismo.
- Ama – sem importunar a ninguém.
- Vive alegre – com grande compostura.
- Sofre – sem amargura.
- Goza – sem profanidade.
- Ama a solidão – sem detestar a sociedade.
- É disciplinado – sem fazer disto um culto.
- Jejua – mas não desfigura o rosto para mostrar a vacuidade do estômago.
- Pratica abstinência de muitas coisas – sem fazer disto uma lei ou uma mania.
- É um herói – mas ignora qualquer complexo de heroísmo.
- É virtuoso – mas não é vítima da obsessão de virtuosidade.
- Trabalha intensamente, com alegria e entusiasmo – mas renuncia serenamente, cada momento, aos frutos do seu trabalho.

Assim é o homem que se tornou a "LUZ DO MUNDO"

(Huberto Rohden)

SEDE CRÍSTICOS

Pergunta: - Qual é a diferença que existe entre o conceito de "amor crístico" e "amor cristão"? Ambos não definem a mesma coisa?

Ramatís: "Crístico" é um termo sideral, sinônimo de Amor Universal, sem quaisquer peias religiosas, doutrinárias, sociais, convencionais ou racistas! É o Amor Divino e ilimitado de Deus, que transborda incessantemente através dos homens independente de quaisquer interesses e convicções pessoais! "Cristão", no entanto, é vocábulo consagrado na superfície do orbe e que define particularmente o homem seguidor de Jesus de Nazaré, isto é, adepto exclusivo do Cristianismo!

Os cristãos são homens que seguem os preceitos e os ensinamentos de Jesus de Nazaré; mas os "crísticos" são as almas universalistas e já integradas no metabolismo do Amor Divino, que é absolutamente isento de preconceitos e convenções religiosas. Para os crísticos não existem barreiras religiosas, limites racistas ou separatividades doutrinárias, porém, flui-lhes um Amor constante e incondicional sob qualquer condição humana e diante de qualquer criatura sadia ou delinquente! Em sua alma vibra tão-somente o desejo ardente de "servir" sem qualquer julgamento ou gratidão alheia! O crístico é um homem cujo dom excepcional de empatia o faz sentir em si mesmo a ventura e o ideal do próximo!

O homem cristão, no entanto, pode ser católico, protestante, espírita, rosacruciano, teosofista, umbandista ou esoterista, mas só o crístico é capaz de diluir-se na efusão ilimitada do Amor, sem preferência religiosa ou particularização doutrinária!

Para ele, as igrejas, os templos, as sinagogas, as mesquitas, as lojas, os "tatwas", os Centros Espíritas, os Terreiros de Umbanda ou círculos iniciáticos são apenas símbolos de um esforço louvável gerados por simpatias, gostos e entendimentos pessoais na direção do mesmo objetivo – Deus!

O prefixo ou vibração “Cris” subentende incondicionalmente, na tradicional terminologia sideral, a existência do “amor ilimitado”, que Jesus de Nazaré, o médium sublime do Cristo Planetário da Terra, o revelou nas fórmulas iniciáticas do Evangelho da humanidade terrícola! Cada orbe ou planeta possui o seu Cristo planetário, que é a fonte do Amor Ilimitado, a vitalidade, o sustento das almas encarnadas ou desencarnadas num determinado ciclo de evolução e angelitude!

Enquanto Jesus era um crístico, os homens que o seguem se dizem “cristãos”! Então, eles se distinguem dos “não religiosos”, assim como fazem restrições às demais organizações religiosas, eliminando o sentido universalista do próprio ensino do Mestre Nazareno! Daí, as tendências separativistas entre os próprios cristãos, que se distinguem como católicos, protestantes, espíritas, umbandistas, budistas, taoístas, judeus, hinduístas e islamitas.

No entanto, para os “crísticos”, Maomé, Buda, Krishna, Confúcio, Zoroastro, Fo-Ri, Hermes, Orfeu, Kardec e o próprio Jesus, são apenas fontes estimulantes do Amor incondicional latente em todos os prolongamentos vivos do “Cristo-Espírito”!

Assim, como o cristão só admite o cristianismo ou o Evangelho de Jesus, o crístico vibra sob o Amor latente em todos os códigos espirituais divulgados pelos demais instrutores de Cristo, seja o “Bhagavad-Gita” dos hindus, o “Ching Chang Ching” ou “Clássico da Pureza” dos chineses, o “Thorah” dos judeus, o “Livro dos Mortos” dos egípcios, a teologia de Orfeu dos gregos, a Yasna de Zoroastro ou o “Al-Koran” dos adeptos de Maomé.

O homem crístico não se vincula com exclusividade a qualquer religião ou doutrina espiritualista; ele vibra com todos os homens nos seus movimentos de ascese espiritual, pois é o adepto incondicional de uma só doutrina ou religião – o Amor Universal! Ele vive descondicionado em qualquer latitude geográfica, sem algemar-se aos preceitos religiosos particularistas, na mais pura efusão amorosa a todos os seres! É avesso aos rótulos religiosos do mundo, alérgico às determinações separativistas e para ele só existe uma religião latente na alma o Amor!

(Trecho extraído do livro: “A Vida Humana e o Espírito Imortal”, pelo Espírito de Ramatis, psicografado pelo médium Hercílio Maes)

Atentem para o texto abaixo, inteligentemente formulado, onde nos esclarece que a essência do cristianismo está implicitamente inclusa na cristificação:

CRISTIANISMO CRÍSTICO E CRISTIANISMO ECLESIAL – FUSÕES E CONFUSÕES

Inapropriadamente, ainda reina nos discursos teológicos, filosóficos e acadêmicos de todo o mundo, a pacífica confusão entre cristianismo e catolicismo, cristianização e catolicização. É que, historicamente, o cristianismo, enquanto imposto como sistema religioso obrigatório aos povos mais subdesenvolvidos ou dominados de todo o mundo, trouxe no seu arcabouço a doutrina católica, já que foram os católicos que inicialmente se esmeraram em expandir seu império religioso mundo afora.

Ademais, foram os próprios católicos os primeiros a sistematizar o cristianismo, ainda na origem da chamada “igreja primitiva”.

A rigor, a chamada “Igreja” (que, a esta altura, mais precisamente deve ser chamada de “Igreja Católica”) tem toda sua estrutura dogmática bem distanciada do cristianismo puro e do judaísmo. Outra: que nos referimos aqui a “católicos”, não nos referimos aos seus religiosos seguidores, mas aos políticos eclesiais, ao alto comando da Igreja, que cuidou de expandir a fé católica acima da fé crística mundo afora. Sempre existiram a Igreja Católica e a religião Católica, que não são exatamente as mesmas coisas.

Os religiosos Católicos, que não tinham a consciência política invasiva por trás dos bastidores, exerciam sua fé simplesmente, cuidando-se de sua alma, e é isso o que mais importa para Deus, não a linha religiosa em si que cada um segue.

Hodiernamente, algumas seitas evangélicas é que tomaram para si o título de “cristão” ou “evangélico” para seus adeptos. Tais formações neo-cristãs não são necessariamente dissidências de religiões tradicionais específicas, mas, sim, de todo o universo religioso judaico-cristão clássico, embora mantendo a Bíblia como livro sagrado.

Como sistema religioso, o cristianismo foi fundado por Paulo de Tarso, ainda que só oficializado por Roma no fim do século IV, bem depois da morte do próprio Paulo, e mesmo assim infectado por vários postulados judaicos e pagãos. Difere do cristianismo como estilo de vida baseado na moral evangélica pregada pelo próprio Cristo e que tem como sustentáculo o amor em suas várias manifestações conducentes aos propósitos divinais para cada um de nós aqui na Terra.

O termo “evangélico” também tem de ser entendido no contexto, porquanto a própria raiz “evangel” possui três acepções, a saber: evangélico, como tendo a ver com a boa nova pregada pelo Cristo; o evangelismo como pregação dos apóstolos, discípulos e seguidores contemporâneos de Jesus; e evangélico, como integrante de uma das novas religiões e seitas neopentecostais, também chamadas “gospel” (Evangelho, em inglês).

O certo é que, com lastro na própria Bíblia, há a conhecida grande lição de Tiago: *“A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo.”* (Tiago 1:27).

Os órfãos e as viúvas aí referidos somos todos nós, em alguma aflição ou em outra, em algum grau de dor ou em outro. Por isso Jesus nos deu o título de irmãos. Devemos nos tratar como tais, nos amando e nos cuidando reciprocamente, nos níveis que cada um precisa circunstancialmente. O nazareno disse que seus seguidores seriam reconhecidos por muito se amarem. Consequentemente toda a humanidade deve integrar essa irmandade. Quem não precisa de ajuda? Quem não tem a sua cruz para carregar? A ladeira é íngreme. Sozinho o tempo todo é difícil subir.

Ou os subintes se ajudam um ajudando ou outro a segurar momentaneamente a sua cruz, ou um estimulando no outro a energia da fé e da coragem, para o fortalecimento espiritual. Vale também. Quanto mais cada um puder se robustecer também na fé pauliana, tanto melhor, não exatamente para subir sem precisar de ajuda, mas para melhor subir e também para melhor ajudar quem ainda não tem essa vitamina no sangue espiritual. Tiago e Paulo de Tarso: um complementa o discurso do outro.

Mesmo sendo uma necessidade imperiosa na transição planetária, fazer a caridade não é necessariamente sustentar sozinho a cruz do outro, não. É dar uma força para que o outro sustente sua própria cruz. Lembra-se do que Jesus disse? *“Pega a tua cruz e segue-me”*. Mas, como seguir Jesus é praticar as virtudes crísticas, incluídas aí o perdão (a si e aos outros), a paciência, a tolerância e o amor caritativo, logo, o peso da cruz pode até continuar o mesmo, mas nós nos fortalecemos mais em alma e, consequentemente, em corpo. Assim, o peso da cruz fica menos penoso e mais suportável. Ajudar os outros, sem olhar a quem, ou seja, sem discriminar, é seguir o Cristo, conscientemente, ou não. É se estar, em conclusão, se fortalecendo em alma e em corpo. A cruz fica relativamente mais leve. Quando se ajuda o outro, dando-lhe, por exemplo, umas frutas, umas palavras de ânimo, um perdão ou fazendo-lhe um cafuné, para que o outro se fortaleça a fim de melhor suportar a sua cruz, também o doador se fortalece para carregar melhor a sua. Isso é um clássico de qualquer época da humanidade, não é mesmo?

Se sua religião, seita, filosofia, ciência, doutrina, sociedade iniciática, clube de serviços, ONG, OSCIP, liga, associação, fundação, instituto, ou qualquer organização disseminadora de pensamentos ou de fé a que você pertence, exemplifica e incentiva a todos os seus membros e não membros a vivenciar o código de ética do nazareno, ótimo! Você está bem assessorado. Mantenha o ritmo. Se ela demonstra e prega isso direta ou indiretamente, para dentro e para fora do templo ou da sede, e dentro e fora de seus ritos e dogmas ou estatutos e princípios, então sua organização é um bom meio facilitador. Se não, pratique por sua própria conta a supra-religião crística. Adiante o seu lado, ou seja, o seu próximo, e permita-se ser adiantado pelo seu próximo, mesmo que ele esteja distante de seus pensares, falares e agires, mesmo que ele seja de uma igreja rival ou de nenhuma igreja. O verdadeiro cristianismo é antes de tudo um sentimento profundo de querer o bem para o outro ou de querer o bem para si mesmo com o bem que o outro lhe quer.

Querer o bem já é um começo de fazer o bem a outrem e a si mesmo. O cristianismo visto e buscado a partir dessa finalidade maior, funciona como se fosse uma irmandade geral, onde todos os seres humanos são membros. O importante não é a estrutura formal que seguimos. O importante é seguirmos o Cristo, ou seja, cumprir suas recomendações diretas, através, ou não, de uma formação sócio-eclesial. Isso inclui afastar-se da corrupção do mundo, mas não dos mundanos e dos corrompidos. Ao contrário, é ir até onde eles estão para levar-lhes a palavra e o pão da vida e mostrar-lhes opções de crescimento para Deus, da mesma forma com que esperamos que nos sejam mostrados esses mesmos alentos. Mas sem pressão, sem assédio religioso.

Muitos precisam de ajuda e nem sabem disso, porque vivem a gargalhar perante as estimulações extasiantes e drogatizantes do mundo hedônico, enquanto fecham o coração para a dor alheia, por nem percebê-la. Tornam-se egoístas inconscientes, consequentemente presas fáceis de manipuladores ideológicos destrutivos do aquém e do além.

A caridade aqui necessária não é levar a tristeza onde houver alegria, mas é levar a lembrança de que, ao lado e abaixo do nosso infindável mundo de faz de conta anestesiante e gargalhadizante existem várias sarjetas de sofredores clamando socorro de toda ordem.

Entre elas há a própria sarjeta da inconsciência ou alienação quanto às necessidades de ajuda de si mesmo. Quem vive nesta sarjeta precisa também socorrer, não a si próprio como pessoa, mas certamente a si próprio como alma. A anestesia do egoísmo impede de se ver a necessidade da própria alma de respirar.

Seguir a Jesus nos tempos hodiernos é simplesmente despertar, desenvolver e socializar nossa espiritualidade, nossas virtudes e nossos sentimentos mais nobres, não importando onde e como foram adquiridos. E tudo de bom e de nobre que se desenvolve de dentro de si para fora, se estende a partir do próprio coração, fazendo um bem danado a este e a todo o soma.

Se não atingirmos o outro com nossos gestos afetivos, com certeza atingiremos a nós mesmos, que também somos necessitados.

"Ame, e faça o que você quiser" (Em Latim: "ama et fac quod vis"). Santo Agostinho (354-543)

Dessa máxima augustina, podemos entender e estender que cada um de nós pode fazer, pensar e ser o que quiser; pode estar onde, quando e como quiser; e pode acreditar no que quiser ou não acreditar no que não quiser, seguindo, ou não, a corrente de crença que achar verdadeira, ou seguir corrente nenhuma. O importante é que, em todos os momentos, lugares e ações de sua vida, cada um empunhe o estandarte do amor.

Mais essencial do que qualquer bandeira, brasão, insígnia ou cruz que se ostente, é uma ética que envolva a melhoria de si mesmo e do próximo, em todos os sentidos, inclusive no terreno da saúde mental e física. E essa ética pode ser apenas a sua mesma, montada pela sua própria visão de mundo, silenciosa, honesta, sincera e fundada no solidarismo ("doutrina social e moral que se fundamenta na solidariedade entre os membros de uma sociedade." (Dic Houaiss)).

O homem de bem não é o necessariamente o virtuoso, o que segue uma formação social qualquer, mesmo que esta seja socialmente respeitável. É o que segue uma ética que se assemelha essencialmente com a ética crística, no anonimato.

"Ninguém pode servir a Deus, se não estiver servindo ao seu irmão". (Mateus, 16:21)

Muitos grupos religiosos e afins até servem como meio de auto-ajuda espiritual. Porém, dentro do sistema cartesiano, buscam crescer muito mais na reta da fé abscissa (do ser para Deus), do que na reta da caridade ordenada (do ser para seu próximo).

Nos pontos cartesianos formados (eixos dos xis), geralmente o elemento da ordenada é sempre zero ou quase zero. Não atentam que o crescimento vertical é diretamente proporcional ao crescimento horizontal. Para que haja uma diagonalidade cartesiana evolutiva, os elementos de cada ponto hão de ser sempre diferentes de zero. Esse crescimento no plano, sim, será pleno. Como diz Tiago, 2:17: *"a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma"(...).*

(Texto de: Josenilton Kaj Madragoa)

O QUE E UNIVERSALISMO CRÍSTICO

(...) Ao tratar do termo crístico, Hermes – em latim: Hermes Trismegistus; "Hermes, o três vezes grande", nome dado pelos neoplatônicos, místicos e alquimistas ao deus egípcio Thoth (ou Tehuti), identificado com o deus grego Hermes – esclarece no livro "A Nova Era", de Roger Bottini Paranhos, que o termo "cristão" refere-se ao maior projeto de esclarecimento espiritual de nossa humanidade: a mensagem de Jesus de Nazaré, sob a orientação do Cristo Planetário, entidade arcangélica que rege a evolução dos habitantes da Terra.

O termo "crístico" é mais abrangente, pois refere-se ao trabalho realizado pelo Cristo Planetário com todos os seus fiéis medianeiros na Terra, como, por exemplo, Antúlio, Buda, Krishna, Zoroastro, Akhenaton, Moisés, Maomé e o incomparável Jesus.

Depois desse esclarecimento, ficará fácil perceber que o termo "cristão" diz respeito somente aos seguidores da doutrina de Jesus de Nazaré, sob a orientação do Cristo, já o termo "crístico" significa o trabalho do coordenador da evolução planetária da Terra em meio a todas as culturas do globo, tanto entre os povos ocidentais como os orientais, demonstrando que a mensagem de amor, paz e evolução foi alardeada pelos quatro cantos do orbe durante toda a história de nossa humanidade (...).

(Texto extraído do site: http://ucrj.com.br/universalismo-crístico/o-que-e-universalismo-crístico/)

Após as elucidações acima descritas, podemos com certeza afirmar que a Umbanda, bem como os Espíritos militantes em suas fileiras, com certeza são crísticos.

Trabalham integrados num sistema religioso, mas, somente para se situarem perante a coletividade. Ensinam-nos que a Umbanda é somente um símbolo de manifestação material, onde os simpáticos podem interagir em tudo, para a grandeza de Deus.

Observem que muitos Guias Espirituais militantes na Umbanda (Caboclos e Pretos-Velhos), num verdadeiro espírito crístico, atuam em outras denominações espiritualistas e/ou religiosas sem imporem a doutrina umbandista, mas tão somente pregando o amor, incitando a cristificação de todos e atendendo fraternalmente quem os procura. Os Espíritos da Umbanda, universalistas, trabalham proficuamente nos Terreiros, mas, também, atuam em outros lugares, num verdadeiro espírito crístico.

Mas, afinal, qual o significado do nome Cristo?

Cristo era o sobrenome de Jesus? A palavra "Cristo" é geralmente é interpretada como o sobrenome de Jesus por causa das várias menções a Jesus Cristo na Bíblia.

Cristo é somente um título, assim como o é prefeiro, vereador, senador, presidente, comendador, etc. Cristo é o termo usado em português para traduzir a palavra grega Χριστός (Khristós) que significa "Consagrado – Purificado". O termo grego, por sua vez, é uma tradução do termo hebraico מָשִׁיחַ (Māšîaḥ), translierado para o português como Messias. Cristo também significa o iluminado; o Redentor; ou "aquele que torna o homem livre através da verdade; livre do misticismo; livre do primitivismo; livre do fetichismo; livre do preconceito; livre dos cultos exteriores extravagantes e escravizantes; livre da escravidão mental; livre do temor aos "deuses"; livre para pensar por si próprio, para resolver os seus problemas existenciais. A palavra Cristo é um título dado aos que se tornaram condutores de raças, pelo amor.

Portanto, se Cristo quer dizer o "o Consagrado – o Purificado", temos agora a certeza que vários Espíritos iluminados que estiveram presentes encarnados no planeta, todos, trouxeram uma parcela da verdade, culminando no grande Luminar, Jesus de Nazaré, todos, emissários do Cristo Planetário. Vejam então, que ser crístico é seguir os ensinamentos do Cristo Planetário através desses Avatares que só nos ensinaram a libertação através do perdão e do amor. Ser "crístico" significa ser semelhante a Cristo; ter o mesmo sentimento que Ele tem; tratar as pessoas como Ele trata.

Para a Umbanda Crística, o Cristo em si, seria o "Cristo Planetário", um Espírito Arcangélico responsável pela evolução do Planeta Terra como um todo. Jesus era o médium do Cristo Planetário, trazendo-nos as mensagens deste ser de luz, para a nossa libertação. Jesus é um Espírito crístico, mas não é o Cristo Planetário.

Biblicamente e originalmente, o significado da palavra "cristãos" no grego é: "Pequenos Cristos" – dando o sentido de que o cristão deve ser uma cópia submissa de Cristo. A designação não está relacionada à religião de alguém, mas sim, à identidade que essa pessoa tem com a pessoa de Cristo. Na acepção da palavra usaram erroneamente o termo "cristão" para designar humanos religiosos que seguem somente a Jesus, se auto-intitulando "cristãos". Se fossem cristãos, seguiriam os ensinamentos elevados de todos os Espíritos crísticos que já estiveram encarnados na Terra, e não somente a um. Afinal, o ser crístico é universalista e jamais sectário. O ser crístico segue os ensinamentos universais, emanados do Cristo Planetário. Como já dissemos, estiveram na Terra vários Espíritos universalistas, todos trazendo as mensagens crísticas, culminando no luminar Jesus, o governante do nosso amado planeta.

QUAL O VERDADEIRO NOME DE JESUS?

O nome Jesus é uma adaptação para o Português de um nome hebraico que aparece no Evangelho em duas formas: Yehoshua (יְהוֹשׁוּעַ) e Yeshua (יֵשׁוּעַ). Yeshua é uma forma abreviada do nome Yehoshua.

O nome Yehoshua foi adaptado para o Português como Josué, e é o nome do auxiliar de Moisés, que após a morte de Moisés tornou-se o líder do Povo de Israel, e conduziu o povo na conquista da Terra de Canaã.

O nome Yeshua é uma forma abreviada do nome Yehoshua, sendo que um mesmo homem é chamado na Bíblia, ora pelo nome Yehoshua, ora pelo nome Yeshua. Este homem era o sumo sacerdote na época de Zorobabel. Nos livros dos profetas Ageu e Zacarias, ele é chamado de Yehoshua, que na versão em Português aparece como Josué (Ageu 1:1 e Zacarias 3:1), e nos livros de Esdras e Neemias, ele é chamado de Yeshua, que na versão em Português aparece como Jesua (Esdras 3:2 e 5:2 e Neemias 7:7).

O sucessor de Moisés, que nos livros de Êxodo, Números, Deuteronômio, Josué e Juízes é chamado de Yehoshua (Josué), em Neemias 8:17 é chamado de Yeshua (Jesua, ou Jesus).

Tanto o nome Yehoshua quanto o nome Yeshua foram adaptados para o grego como Iesus. Na tradução do Antigo Testamento (Tanach) para o grego, chamada Septuaginta, feita no século III A.C., o nome Yehoshua aparece como Iesus, e o nome Yeshua também aparece como Iesus. Daí é que veio a forma Jesus, que é usada nas traduções do Evangelho para o Português.

Yehoshua significa "o Senhor vai salvar/salva;salvou". Yeshua também tem este mesmo significado.

Josué, Jesua e Jesus são o mesmo nome, em três diferentes adaptações para a língua portuguesa.

Existem pessoas que dizem que é muito importante pronunciar o nome de Jesus como Yehoshua, ou como Yeshua, mas, na realidade, tanto faz falar Yehoshua, ou Yeshua, ou Jesus, pois de qualquer forma é o mesmo nome.

Alguns dizem que nomes próprios não se traduzem. Realmente, nomes próprios não são traduzidos, mas muitas vezes são adaptados para outras línguas, pois existem certos fonemas (sons) que existem em uma certa língua, mas não existem em outras línguas. Por exemplo: O nome Jacó é a adaptação para o Português do nome hebraico Ya'acov, sendo que em hebraico existe uma letra, chamada "ayin", cujo som não existe na língua portuguesa. Também não existe em Português palavra terminada em consoante que não seja l, m, r, s ou z. Por isso foi necessário fazer uma adaptação do nome Ya'acov para o Português.

O nome hebraico Yochanan foi adaptado para o Português como João, pois em Português não existe o y como semivogal, e também não existe o som que é representado como ch, mas não é o mesmo som que tem o ch em Português, é uma espécie de h aspirado, porém diferente do h aspirado que existe na língua inglesa. O mesmo nome, Yochanan, foi adaptado para o grego como Ioanan, para o inglês como John, para o espanhol como Juan, para o francês como Jean, para o alemão como Johan, e para o italiano como Giovanni.

Portanto, vê-se que é normal adaptar-se os nomes próprios de uma língua para outra, mesmo porque, sem esta adaptação se torna muito difícil pronunciar certos nomes.

Principalmente os nomes de pessoas importantes são adaptados para outras línguas. Por exemplo, o reformador alemão Martin Luther é conhecido no Brasil como Martinho Lutero. Outro exemplo: o nome do imperador Carolus Magnus foi adaptado para o português como Carlos Magno, e para o francês como Charlemagne, e para o alemão como Karl der Grosse.

Portanto, podemos pronunciar o nome do Messias (Mashiach) como Yehoshua, Yeshua, ou Jesus. É indiferente. Além destas formas, podemos pronunciar o nome do Messias (Mashiach, (...) ou Ungido) nas formas Josué, Josua, Jeosua e Jesua.

(http://www.servosdejave.org.br/qual_o_verdadeiro_nome_de_jesus.htm - com adaptações do autor)

A partir daqui, defenderemos a importância do aprendizado do Evangelho Redentor. Por isso insistimos que os umbandistas primeiramente devem se tornar tenazes aprendizes dos ensinamentos de Jesus, para depois, poderem entender os ensinamentos universalistas, principalmente os que nos são passados pela Mãe Natureza.

Somente absorvendo os ensinamentos do Evangelho como regra de vida, poderemos então, com mansidão, amor, paz, perdão e caridade, entendermos tudo o que está em nós e a nossa volta. Mas, queremos deixar claro: A Umbanda é crística, como já explanado acima, e não mais uma religião cristã existente no mundo; a Umbanda é toda permeada nos ensinamentos crísticos, mas, principalmente no legado que Jesus nos deixou, aplicando-o em toda a sua doutrina religiosa universalista.

A nossa casa, o "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista", particularmente, é uma escola de ensinamentos preconizados pelo Mestre Jesus, pois lemos, estudamos, seguimos e procuramos vivenciar fielmente o que é orientado pelos quatro Evangelhos, integrando-o na pluralidade das vivências umbandistas; em nossa casa, ser cristificado, é também seguir os exemplos e os ensinamentos deixados por vários Emissários da Luz, que estiveram presentes em nosso meio, encimado pelo Mestre Jesus. A Umbanda não defende Jesus, que, aliás, não necessita de defesa, mas sim, defende a Sua mensagem em todos os tempos.

Ramatis, em seu livro: "Magia de Redenção", nos diz: *"Ademais, o homem cristão, aquele que segue os ensinamentos deixados por Jesus de Nazaré na face do Ocidente terráqueo, é avesso às prescrições morais de Buda, Confúcio, Krishna, Hermes e outros líderes siderais. Isso então produz uma linha separativista no corpo do Cristo, o qual é incondicionalmente Amor e Efusão Espiritual sem limites de crença ou de preferências religiosas. Enquanto o cristão segue uma ética que o isola dos demais homens afeitos a outras éticas espiritualistas, a criatura cristificada é universalista e jamais discute, critica ou opõe restrições a quaisquer empreendimentos, esforços, preferências doutrinárias religiosas e espiritualistas do irmão!"*

Muitos são aqueles que querem seguir os ensinamentos de Jesus de qualquer maneira. Muitos são os que buscam a Deus e a Jesus do jeito que querem e da maneira que lhes convém, mas saibam que segundo os ensinamentos evangélicos, as coisas não podem acontecer dessa forma.

Para compreendermos a nossa vivencia humana e espiritual, primeiramente há de ser como Jesus nos orienta; isto é: obedecendo e seguindo a todos os Seus ensinamentos que estão nos Evangelhos.

Por isso, Jesus nos adverte: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega ao Pai, senão através de mim"* (João 14, 6). Com isso Jesus nos orienta a seguir literalmente Seus ensinamentos. Essa é a única maneira de podermos entender e vivenciar tudo o que está em nossa volta.

Só não podemos ficar sujeitos aos achismos, às interpretações e dogmas impostos por qualquer filosofia ou pessoa, mas sim, devemos pensar por nós mesmos, não aceitando nada sem uma análise feita utilizando a razão, a lógica e o bom senso, e que podemos questionar tudo, mas tudo mesmo, porque infalível, só Deus.

"Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus" (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o resto é pura idiossincrasia.

Estamos discorrendo sucintamente sobre a cristandade da Umbanda, mas, precisamos atentar que a Umbanda cresceu desordenadamente, sem estrutura, e por esse fato, acabou por cada dirigente e seus seguidores a aceitaram os postulados particulares ensinados a pecha de "tradição" (costume transmitido de geração a geração), surgindo daí, a grande diversidade denominada de: "modalidades da Umbanda" – cada grupamento seguindo o que lhes foi ensinado como prática de Umbanda. Uma coisa é certa: Com o tempo, somente sobreviverá a modalidade que estiver alicerçada na razão e no bem senso em união com as emanações da Espiritualidade Superior. O tempo é o melhor juiz de todas as coisas.

Se nos reportarmos aos primórdios do cristianismo primitivo, existiam inúmeras igrejas, cada uma com seu dirigente, e cada uma realizando seus cultos, doutrinas, liturgias diferentes, mas todas tendo um só princípio: amor e caridade. Somente no Concílio de Nicéia em 325; foram fixadas linhas diretrizes, criando uma só igreja estruturada e um só dirigente, que na época era chamado de bispo, posteriormente papa.

Reparam que o mesmo acontece com a Umbanda hoje: inúmeros Terreiros, cada um realizando um culto diferente, com roupagens, doutrinas, liturgias e rituais diferenciados, uns dos outros.

Essa opinião reflete exatamente o nosso pensamento: *"Existe apenas uma Umbanda. Esta é uma religião de inclusão que se constrói e se renova a cada dia e não há desrespeito a seus fundamentos desde que não se afaste da prática do amor e da caridade e do lema de que se dá de graça aquilo que de graça se recebeu"* (Tenda Espírita São Jorge/RJ).

Os dirigentes só deveriam se posicionar, e esclarecer o "tipo de ramificação" seguida pelo seu Templo.

Reiterando: o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos deixou a mensagem: *"A Umbanda é a manifestação do Espírito para a prática da caridade"*, e do Caboclo Mirim: *"Umbanda tem fundamento e é coisa séria para quem é sério ou quer se tornar sério"*.

Finalizando, a Umbanda é Crística, pois, mesmo como sistema religioso, fundamenta-se no universalismo, no respeito, amor e caridade. A Umbanda não é sectarista, dogmática e nem codificada. Os dirigentes espirituais da Umbanda nos incitam a estudarmos todos os livros ditos como "santos" do mundo, aproveitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal.

Sempre se ouve falar do tal "Concílio de Nicéia", mas, o que foi? Como ocorreu? Vamos sucintamente estuda-lo, observando como surgiu o catolicismo e muitos dos seus dogmas. Também entenderemos que os atuais, ditos evangélicos (tradicionalista, pentecostais e neo-pentecostais), seguem muitas das diretrizes dos Concílios Católicos, pois eles são descendentes dos mesmos. Com isso, vamos entender o porquê os Guias Espirituais não permitem a "união" dos umbandistas quando querem fixar certas diretrizes na Umbanda, calcadas na imposição doutrinária/ritualística/magística (codificação).

O CONCÍLIO DE NICÉIA

O Primeiro Concílio de Nicéia ocorreu em 325, durante o reinado do imperador romano Constantino I, o primeiro a aderir ao cristianismo. Considerado como o primeiro dos três concílios fundamentais na Igreja Católica, foi a primeira conferência de bispos ecumênica (do Grego oikumene, "mundial") da Igreja Cristã. Lidou com questões levantadas pela opinião Ariana da natureza de Jesus Cristo: se uma pessoa com duas naturezas (humana e Divina) como zelava até então a ortodoxia, ou uma pessoa com apenas a natureza humana.

Foi um dia na história que marcaria, nos séculos vindouros da História Ocidental, o princípio do fim de conceitos como o da pré-existência e da reencarnação, e de importantes conceitos cosmogônicos como a distinção entre o Deus Ignoto e o Logos, ou Demiurgo, ao mesmo tempo em que promovia o distanciamento entre o homem e o Cristo. Ao mesmo tempo, afirmava a ideia de uma humanidade passiva, "corrompida pelo pecado original", à qual restava e bastava acreditar na literalidade dos fatos históricos da vida de Jesus Cristo e obedecer cegamente aos padres da Igreja – exclusivos intermediários entre Deus e o povo – para ser salva.

Constantino desejava um Império forte e unido. Naturalmente que, para manter o seu domínio sobre o povo e estabelecer uma ditadura religiosa, as autoridades eclesiásticas teriam que promover o obscurecimento e a ignorância do conhecimento existente nas brilhantes escrituras e filosofias arcaicas (e perenes…), que constituíam um obstáculo aos objetivos da nova religião imperial.

Foi no Concílio de Nicéia que se deram dados passos decisivos no sentido de criar uma nova religião unificada, engendrada de forma a servir ao Imperador como forma de domínio político e social.

O Deus do Império deveria ser suficientemente forte para se opor aos Deuses do Olimpo, ao Jeová dos Hebreus e ao Buda do Oriente. Misturando as divindades arcaicas orientais com as antigas histórias de Moisés, Elias e Isaías, foram assim convenientemente criados os símbolos da nova Igreja Romana. De igual modo, para a fabricação desta nova religião, assimilaram-se as práticas do paganismo mais convenientes, enquanto, em paralelo, todas as filosofias contrárias aos interesses da Igreja e do Império eram suprimidas ou ocultadas. O Concílio de Nicéia constituiu-se como o primeiro de vinte e um concílios (oficialmente reconhecidos) realizados ao longo dos séculos com o fim de fabricar e consolidar a teologia de uma nova religião concebida para o fácil controlo das populações.

Embora tenham havido concílios anteriores, o de Nicéia foi o primeiro considerado como Concílio Ecumênico e o primeiro que foi alvo de convocação. E, certamente, é o mais celebrado pela Igreja Católica Romana, em toda a sua história. Iremos ver como nele foram instituídas as primeiras “ferramentas” facilitadoras da criação do profissionalismo religioso e do afastamento entre o Homem e o ideal de Cristo; como foram criados os fundamentos da teologia da nova Igreja Cristã, alicerçados na deificação de Jesus e sua consubstanciação com o Deus Pai, bem como na escolha dos Evangelhos que, a partir deste Concílio, passaram a ser os únicos textos considerados como sagrados no Cristianismo.

A Conjuntura

Vejamos então o conjunto de circunstâncias que levou a este acontecimento decisivo da nossa história e cultura. Até Constantino, Roma exigia uma obediência total ao estado, mas tinha bastante abertura à livre expressão da liberdade do pensamento religioso. Em Roma coexistiam grupos que professavam a Tradição Hermética Egípcia, o Zoroastrismo Persa, o Budismo Oriental, o Monoteísmo Judeu, bem como grupos Gnósticos, Filósofos Platônicos, e outros. Esta confluência de diversidade religiosa e filosófica permitia o intercâmbio de tradições e ensinamentos, contribuindo assim para o desenvolvendo de uma teologia bastante rica. Alexandria era o centro de aprendizagem deste império (que então integrava) e a sua biblioteca era a mais famosa da antiguidade. Além do mais, a sua localização geográfica proporcionava a congregação de pessoas grupos de várias culturas e credos. Entretanto, a acumulação de riqueza nos estratos sociais mais altos, a cobrança de impostos injustos aos pobres, a escravatura disseminada e o desrespeito pela vida humana, tinham chegado a um ponto de decadência que se tinha alastrado, e que estava agora a corromper o coração do império.

Neste contexto vários grupos Gnósticos floresciam em Alexandria. Simultaneamente, nasciam escolas filosóficas e grandes instrutores religiosos que procuravam despertar, nos seus alunos, ideais mais nobres. Grupos Gnósticos foram aos cristãos primitivos, verdadeiros herdeiros da Religião-Sabedoria. Até 250 DC, as suas ideias difundiram-se e foram amplamente toleradas. Eles ensinavam que o caminho para a libertação se encontrava pela obtenção da Gnose, o conhecimento das verdades sagradas do Universo Espiritual.

Para os cristãos dos primeiros séculos, Cristo era o símbolo vivo da centelha divina em cada Homem; e Jesus, o Homem sublimado, era o “… Chréstos, ou discípulo no Caminho ascendente, (que) havia chegado a ser um poder maior, Christos, ao realizar a união permanente com o seu Espírito, a Mônada Divina, o Pai. Neste estado crístico, Jesus volveu-se apto para ser o veículo de uma Entidade (ainda) mais excelsa, um Mestre de Mestres – o Cristo manifestado em Jesus”. Através da sua vida e morte, era demonstrada a via da libertação e ensinavam-se os segredos da ascensão espiritual.

Em contraste com a cultura Romana, estes grupos de cristãos ensinavam a simplicidade, muitas vezes levando vidas ascéticas. Denunciavam a escravatura, a opressão e a brutalidade dos jogos romanos, onde se sacrificavam os desfavorecidos, às centenas, em espetáculos de carnificina. Roma tinha sido até ai bem sucedida a silenciar protestos populares por meio da morte ou suborno. Estes grupos cristãos, porém, não eram permeáveis a ameaças: não tinham medo da morte, não eram tentados por suborno, e continuavam a aumentar.

Entretanto, paralelamente, as facções Cristãs mais literalistas, mais fanáticas e que se vieram a tornar ortodoxas, viram o seu poder confirmado por Constantino. Em 314, um mês depois da morte de Miltiades, Bispo de Roma, o Imperador Constantino nomeou publicamente Silvestre como o sucessor daquele. Silvestre foi o primeiro bispo de Roma a ser coroado como um príncipe.

Constantino doou-lhe terras, palácios, poder judicial, dinheiro, força política e até controlo sobre o exército, estendendo assim o seu poder e autoridade sobre todo o Império. Ao ter aceite a aliança entre o Estado e a Igreja, Silvestre foi o primeiro Papa a ter verdadeiro poder temporal. Em troca, promovia-se o papel divino do Imperador Constantino.

Em sequência, dois anos antes da realização do Concílio de Nicéia, o Imperador Constantino declara oficialmente o Cristianismo (Ortodoxo) como a religião do império Romano. Consequentemente, toda a Igreja passou também a receber grandes poderes, promovendo assim o apetite pela riqueza da classe eclesiástica.

Toda a nova classe de líderes da Igreja Romana deixou então de ser estrangeira no mundo, para ser parte ativa no sistema político vigente, acumulando riqueza e dominando congregações. Os Bispos tornaram-se homens de poder e de política, assim como conselheiros do Imperador, alguns gozando de grande prestígio e cooperando com o Imperador na construção da nova religião, como foi um exemplo Eusébio de Cesareia.

Localização e participantes

Nicéia (hoje Iznik), é uma cidade da Anatólia (hoje parte da Turquia). No verão de 325, os bispos de todas as províncias foram chamados ao primeiro concílio ecumênico em Nicéia: um lugar facilmente acessível à maioria dos bispos, especialmente aos da Ásia, Síria, Palestina, Egito, Grécia, Trácia e Egrisi (Geórgia ocidental). O número dos membros não pode exatamente ser indicado; Atanásio contou 318, Eusébio somente 250. Foram oferecidas aos bispos as comodidades do sistema de transporte imperial – livre transporte e alojamento de e para o local da conferência – para encorajar a maior audiência possível. Constantino abriu formalmente a sessão. A religião cristã nesses tempos era majoritária unicamente no Oriente. No Ocidente era ainda minoritária, especialmente entre os pagãos, vilas rústicas. Daí o nome de pagãos para os gentios. Uma exceção era a região de Cartago ou Túnis. Portanto, os bispos orientais estavam em maioria; na primeira linha de influência hierárquica estavam três arcebispos: Alexandre de Alexandria, Eustáquio de Antioquia, e Macário de Jerusalém, bem como Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesareia. Entre os bispos encontravam-se Stratofilus, Bispo de Pitiunt (Bichvinta, reino de Egrisi).

O ocidente enviou não mais de cinco representantes na proporção relativa das províncias: Marcus de Calábria de Itália, Cecilian de Cartago de África, Osio de Córdoba (Hispânia), Nicasius de Dijon, na França, e Domnus de Stridon da província do Danúbio. Estes dignitários eclesiásticos naturalmente não viajaram sozinhos, mas cada qual com sua comitiva, de modo que Eusébio refere um grupo numeroso de padres acompanhantes, diáconos e acólitos.

Entre os presentes encontrava-se Atanásio, um diácono novo e companheiro do Bispo Alexandre de Alexandria, que se distinguiu como o “lutador mais vigoroso contra os arianos” e similarmente o patriarca Alexandre de Constantinopla, um presbítero, como o representante de seu bispo, mais velho.

O Papa em exercício na época, Silvestre I, não compareceu ao Concílio. A causa de seu não comparecimento é motivo de discussões: uns falam que recusou o convite do imperador esperando que sua ausência representasse um protesto contra a convocação do sínodo pelo imperador; outros, que Silvestre já ancião estava, impossibilitado, portanto de comparecer. Silvestre já fora informado da condenação de Ário ocorrida no Sínodo de Alexandria (320 a 321) e para o Concílio de Nicéia enviou dois representantes Vito e Vicente (presbíteros romanos).

Ao que parece, quem presidiu o Concílio foi o Bispo Osio. Que Osio presidiu o Concílio afirma-o Atanásio, contemporâneo de fato (Apol. de fuga sua, c. 5), afirmam-no implicitamente os próprios arianos escrevendo que ele “publicara o sínodo de Nicéia” (Ap. Athânas, Hist. arian. c. 42)".

Outra fonte da influência, apesar do não comparecimento do Bispo de Roma, é que as assinaturas dos três clérigos – Osio, Vito e Vicente – estão sempre em primeiro lugar, bem como a citação de seus nomes pelos historiadores do Concílio, o que seria estranho, dado que o Concílio se deu no Oriente, e os três clérigos eram ocidentais – o primeiro um Bispo espanhol e os outros dois sacerdotes romanos. Só o fato de serem representantes do Papa explicaria tal comportamento. Portanto, é mais provável a impossibilidade do comparecimento de Silvestre, do que um protesto contra o imperador.

As questões doutrinárias

Este Concílio deliberou sobre as grandes controvérsias doutrinais do Cristianismo nos séculos IV e V. Foi efetuada uma união entre o extraordinário eclesiástico dos conselhos e o Estado, que concedeu às deliberações deste corpo o poder imperial. Sínodos anteriores tinham-se dado por satisfeitos com a proteção de doutrinas heréticas; mas o concílio de Nicéia foi caracterizado pela etapa adicional de uma posição mais ofensiva, com artigos minuciosamente elaborados sobre a fé. Este concílio teve uma importância especial também porque as perseguições aos cristãos tinham recentemente terminado, com o Édito de Constantino.

A questão ariana representava um grande obstáculo à realização da ideia de Constantino de um império universal, que deveria ser alcançado com a ajuda da uniformidade da adoração divina. Os pontos discutidos no sínodo eram:

- A questão ariana
- A celebração da Páscoa
- O cisma de Milécio
- O batismo de heréticos
- O estatuto dos prisioneiros na perseguição de Licínio.

Embora algumas obras afirmem que no Concílio de Niceia discutiu-se quais Evangelhos fariam parte da Bíblia não há menção de que esse assunto estivesse em pauta, nem nas informações dos historiadores do Concílio, nem nas Atas do Concílio que chegaram a nós em três fragmentos: o Símbolo dos apóstolos, os cânones, e o decreto senoidal. O Cânone Muratori, do ano 170, portanto cerca de 150 anos anterior ao Concílio, já mencionava os Evangelhos que fariam parte da Bíblia. Outros escritores cristãos anteriores ao Concílio, como Justino, Ireneu, Papias de Hierápolis, também já abordavam a questão dos Evangelhos que fariam parte da Bíblia.

É um fato reconhecido que o anti-judaísmo, ou o anti-semitismo cristão, ganhou um novo impulso com a tomada do controle do Império Romano, sendo o concílio de Nicéia um marco neste sentido. Os posteriores Concílios da Igreja manteriam esta linha. O Concílio de Antioquia (341) proibiu aos cristãos a celebração da Páscoa com os Judeus. O Concílio de Laodicéia proibiu os cristãos de observar o Shabbat e de receber prendas de judeus ou mesmo de comer pão ázimo nos festejos judaicos.

A Crescente Controvérsia

Naturalmente, as vozes dos Gnósticos, cujos valores não se coadunavam com os do Império Romano, e que recusavam a interpretação literal da vida de Jesus promovida pela facção ortodoxa, constituíam um perigo para a Igreja de Constantino. Os Gnósticos entendiam Deus a um nível metafísico e místico, e sugeriam uma relação com o Divino bem mais madura do que a promovida pelos ortodoxos-literalistas. Em conseqüência, começaram a surgir verdadeiros focos de discórdia e diferendos vários, que vinham a causar grandes ressentimentos na comunidade ortodoxa e a contribuir para debilitar cada vez mais a relação entre estes grupos.

Diferentemente da facção ortodoxa, os cristãos originais, Gnósticos, consideravam o Deus Jeová dos Judeus como o Demiurgo, o Criador ou Governante do mundo imperfeito, do mundo inferior, e não como o Pai de que falava Jesus ou muito menos como o Absoluto. Pretendiam ainda alguns dos grupos Gnósticos cortar a ligação a este Deus caprichoso, ou melhor, separar o Cristianismo das noções de um Deus ciumento e vingativo que aparece em tantas páginas do Antigo Testamento.

Em acréscimo, nos primeiros tempos do Cristianismo discutia-se na Igreja Ortodoxa a segunda vinda de Cristo (Parusia). Acreditava-se – e a Igreja continua até hoje a subscrever esta ideia – que a humanidade estava prestes a entrar numa idade gloriosa em que Cristo voltaria para recompensar os que nele acreditavam, castigar os que não acreditavam nele e voltar a dar vida física àqueles que tinham morrido em seu favor. Por contraste, a generalidade dos Gnósticos não defendia essas crenças literalistas. Tal como a crucificação, a ressurreição física não significava nada para eles, pois a verdadeira vitória estava em transcender o corpo físico (e a natureza animal), não em transportá-lo depois da morte. A ressurreição de Cristo não era interpretada de uma forma literal, mas sim simbólica, referindo-se a uma transformação interior levada a cabo na Iniciação nos Mistérios.

Outros diferendos, como a Doutrina das Emanações, e as doutrinas sobre a Criação do Universo, suscitavam de igual modo feroz reação nos cristãos ortodoxos, tendo-se atingido o ponto máximo de controvérsia – que levou à convocação do Concílio de Nicéia por Constantino – com a discussão em torno da Doutrina da Trindade.

A Controvérsia "Ariana"

Discutida pela primeira vez no Concílio de Antióquia em 269 DC, as divergências sobre Doutrina da Trindade alcançam o seu clímax no Concílio de Nicéia, quando do diferendo entre Árius (e seus seguidores, os "Arianos") e o Bispo Alexandre de Alexandria (e seu protegido Atanásio), relativamente à consubstancialidade de Jesus com Deus Pai, defendida por este(s) último(s).

Até então, em muitas comunidades cristãs, era o ensinamento preponderante que Jesus fora um homem que, em virtude da sua vida perfeita e sem pecado, recebera pelo batismo a iniciação, tornando-se (um) Salvador do Mundo. Este tinha sido também o ensinamento da Igreja até então, nomeadamente através de Paulo de Samosata (260 – 272 DC), Bispo de Antioquia.

Esta concepção foi seguida por Árius, um presbítero da Igreja de Alexandria. Começava, no entanto, a surgir a tendência materializante da facção ortodoxa. Deste modo, e ao contrário de Árius, Alexandre, Bispo de Alexandria, afirmava nos seus sermões que, em relação ao mistério da Trindade, o Filho era igual ao Pai, que o gerara, e da mesma substância. Dava-se início, assim, à formulação das três pessoas da divindade cristã ortodoxa, uma trindade antropomorfizada e que não admite divindade superior.

Árius, tendo sabido dos sermões do Bispo, declarou-lhe oposição e afirmou publicamente a sua dedução lógica: se o filho era gerado pelo Pai, tem que ter havido um tempo, um momento em que o Filho não existia, ou seja, o momento anterior à sua criação. O Filho tinha, portanto, tido um começo, um início. Antagonizando o Bispo Alexandre, Árius iniciou uma forte campanha ensinando em Igrejas e assembleias públicas a doutrina de que Jesus Cristo era filho do Pai, criado pelo Pai e, portanto, uma criatura. Em resposta o Bispo Alexandre escreveu a vários Bispos, incluindo ao Bispo Alexandre de Constantinopla, denunciando Árius e os seus seguidores por tentarem evitar a deificação de Cristo.

O verdadeiro propósito do Concílio de Nicéia

Constantino terá percebido que a controvérsia entre os seus Bispos podia constituir uma ameaça e ser um impedimento à unidade do Império Romano. Ou, talvez ainda mais provavelmente, Constantino terá visto nesta conjuntura uma oportunidade para a unidade da religião que ele pensava impor ao império (e como forma de controlar a população), e que acabou por assentar na facção que se opunha a Árius – a facção que veio a ser a ortodoxa.

A nova religião imperial, assente numa mistura confusa das ideologias dos vários grupos cristãos e pagãos, permitia a difusão desejada. A adaptação (desvirtuadora, embora) das tradições do passado, facilitaria também a sua aderência pelos povos de Roma.

Adicionalmente, ao atribuir "origens divinas" à Igreja Cristã de Roma, garantia-se que Deus ficava acessível apenas à hierarquia eclesiástica – controlada por Constantino – e não ao indivíduo comum. Constantino estendia então e reforçava o seu poder político através de todo o Ocidente, garantindo também que, como Imperador defensor da Igreja, se revestia ele próprio de um manto divino.

Quanto à moralidade que Jesus teria ensinado, esta seria gradualmente modificada de acordo com interesses do Império e da Igreja, que impunha que "fora da igreja não há salvação", evitando focos de dissidência. Por último, e de modo a garantir a adesão da população a um catecismo pouco credível, a Igreja postulou a ideia que acreditar nos eventos históricos da vida de Jesus era o suficiente para a salvação, fundando-se assim a "Religião Imperial Católica Apostólica Romana" ou, por outras palavras, o Cristianismo Imperial de Constantino.

Historiadores do Concílio de Nicéia: Uma boa fonte para o estudo deste período histórico é-nos apresentada hoje sob a forma da obra de Edward Gibbon, um historiador representativo do iluminismo inglês do século XVIII, ainda hoje lida e traduzida para várias línguas: A história do declínio e queda do império romano. Há diversas obras a respeito do Concílio de Nicéia, mas de fato os historiadores que gozam de mais credibilidade e são a fonte desse período histórico para os demais autores são os próprios contemporâneos do Concílio de Nicéia: Eusébio, Sócrates de Constantinopla, Sozomenes, Teodoreto e Rufino, (...) junto com algumas informações conservadas por Atanásio e uma história do Concílio de Nicéia escrita em grego no século V por Gelásio de Cícico.

O caráter, a sociedade, e os problemas

A cristandade do século II não concordava sobre a data de celebração da Páscoa da ressurreição. As igrejas da Ásia Menor, entre elas a importante igreja de Éfeso, celebravam-na, juntamente com os judeus, no 14º dia da primeira lua da primavera (o 14º Nisan, segundo o calendário judaico), sem levar em consideração o dia da semana. Já as igrejas de Roma e de Alexandria, juntamente com muitas outras igrejas tanto ocidentais quanto orientais, celebravam-na no domingo subsequente ao 14º Nisan. Com vistas à fixação de uma data comum, em 154 ou 155, o bispo Policarpo de Esmirna, entrou em contato com o papa Aniceto, mas nenhuma unificação foi conseguida e o assunto permaneceu em aberto.

Foi no concílio de Nicéia que se decidiu então resolver a questão estabelecendo que a Páscoa dos cristãos seria sempre celebrada no domingo seguinte ao plenilúnio após o equinócio da primavera. Apesar de todo esse esforço, as diferenças de calendário entre Ocidente e Oriente fizeram com que esta vontade de festejar a Páscoa em toda a parte no mesmo dia continuasse sendo um belo sonho, e isso até os dias de hoje.

Além desse problema menor, outra questão mais séria incomodava a cristandade católica: como conciliar a divindade de Jesus Cristo com o dogma de fé num único Deus?

Na época a inteligência dos cristãos ainda estava à procura de uma fórmula satisfatória para a questão, embora já houvesse a consciência da imutabilidade de Deus e da existência divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Nesse quadro, um presbítero de nome Ário passa a defender em Alexandria a ideia de que Jesus é uma "criatura do Pai", não sendo, portanto, eterno. Em suas pregações, Ário por várias vezes insistia em afirmar em tom provocativo que “houve um tempo em que o Filho não existia”. Dizia que Cristo teria sido apenas um instrumento de Deus, mas, sem natureza divina. A esse ensinamento de Ário aderiram outros bispos e presbíteros. Sobretudo, o bispo Eusébio de Cesareia, conhecido escritor da igreja, que se colocou do lado de Ário.

Por outro lado, a doutrina de Ário, ou arianismo, foi prontamente repudiada pelo restante dos cristãos, que viam nela uma negação do dogma da encarnação. O repúdio mais radical, talvez Ário tenha encontrado no bispo Alexandre de Alexandria e no diácono Atanásio, que defendiam enfaticamente a divindade de Cristo. Um sínodo foi convocado e a doutrina do Ário foi excluída da igreja em 318. Mas o número de seus adeptos já era tão grande que a doutrina não pode ser mais silenciada. A situação se agravava cada vez mais e, desejoso de resolver de vez a questão, o imperador Constantino, que recentemente, no ano de 324 d.C., havia se tornado o imperador também do Oriente convoca um Concílio Ecumênico.

Dado este importante, pois apesar de Constantino agora ser o imperador também do Oriente mostra a independência que os Bispos orientais (a maioria no Concílio) tinham do seu recente imperador.

Os procedimentos

O concílio foi aberto formalmente a 20 de maio, na estrutura central do palácio imperial, ocupando-se com discussões preparatórias na questão ariana, em que Ário, com alguns seguidores, em especial Eusébio de Nicomédia, Teógnis de Nice, e Maris de Chalcedon, parecem ter sido os principais líderes; as sessões regulares, no entanto, começaram somente com a chegada do imperador. O imperador abriu a sessão na condição de presidente de honra e, depois, assistiu às sessões posteriores, mas a direção das discussões teológicas ficou com as autoridades eclesiásticas do Concílio.

Nem Eusébio de Cesárea, Sócrates, Sozomenes, Rufino e Gelásio de Cícico, proporcionam detalhes das discussões teológicas. Rufino nos diz tão somente que se celebraram sessões diárias, as opiniões de Ário eram escutadas e discutidas com seriedade, apesar de que a maioria se declarava energicamente contra suas doutrinas.

No início os arianos e os ortodoxos mostraram-se incondescendentes entre si. Os arianos confiaram a representação de seus interesses a Eusébio de Cesareia, cujo nível e a eloqüência fez uma boa impressão perante o imperador. A sua leitura da confissão dos arianos provocou uma tempestade de raiva entre os oponentes.

No seu interesse, assim como para sua própria causa, Eusébio, depois de ter cessado de representar os arianos, apareceu como um mediador. Apresentou o símbolo (credo) batismal de Cesareia que acabou por se tornar a base do Credo Niceno.

A votação final, quanto ao reconhecimento da divindade de Cristo, foi um total de 300 votos a favor contra 2 desfavoráveis. A doutrina de Ário foi anatematizada e os dois Bispos que votaram contra e mantiveram sua posição contrariando a posição do Concílio foram exilados pelo imperador.

A profissão de Fé e os cânones do Concílio de Nicéia

O Concílio de Nicéia estabeleceu 20 cânones, os quais darão seqüência ao Credo. Um breve resumo de seu conteúdo:

- Cânon I - Eunucos podem ser recebidos entre os clérigos, mas não serão aceitos aqueles que se castram.

- Cânon II - Aqueles que provieram do paganismo não poderão ser imediatamente promovidos ao Presbiterato, pois não é de conveniência um neófito sem uma provação de algum tempo. Mas se depois da ordenação constatou-se que ele anteriormente pecara, que seja afastado do Clero.

- Cânon III - Nenhum deles deverá ter uma mulher em sua causa, exceto sua mãe, irmã e pessoas totalmente acima de suspeita.

- Cânon IV - Um bispo deve ser escolhido por todos os bispos da província ou, no mínimo, por três, apresentando os restantes seu assentimento por carta; mas a escolha deve ser confirmada pelo metropolita.

- Cânon V - Quem foi excomungado por algum bispo não deve ser restituído por outro, a não ser que a excomunhão tenha resultado de pusilanimidade ou contenda ou alguma outra razão semelhante. Para que esse assunto seja resolvido convenientemente, deverá haver dois sínodos por ano em cada província : um na Quaresma e o outro no Outono.

- Cânon VI - O bispo de Alexandria terá jurisdição sobre o Egito, Líbia e Pentápolis; assim como o bispo Romano sobre o que está sujeito a Roma. Assim, também, o bispo de Antióquia e os outros, sobre o que está sob sua jurisdição. Se alguém foi feito bispo contrariamente ao juízo do Metropolita, não se torne bispo. No caso de ser de acordo com os cânones e com o sufrágio da maioria, se três são contra, a objeção deles não terá força.

- Cânon VII - O bispo de Aélia seja honorificado, preservando-se intactos os direitos da Metrópole.

- Cânon VIII - Se aqueles denominados Cátaros voltarem, que eles primeiro façam uma profissão de que estão dispostos a entrar em comunhão com aqueles que se casaram uma segunda vez, e a dar perdão aos que apostataram. E nessas condições, aquele que estava ordenado continuará no mesmo ministério, assim como o bispo continuará bispo. Àquele que foi Bispo entre os Cátaros permita-se que, no entanto, seja um corepíscopo ou goze a honra de um presbítero ou bispo. Não deverá haver dois bispos numa única igreja.

- Cânon IX - Quem quer que for ordenado sem exame deverá ser deposto, se depois vier a ser descoberto que foi culpado de crime.

- Cânon X - Alguém que apostatou deve ser deposto, tivessem ou não consciência de sua culpa os que o ordenaram.

- Cânon XI - Os que caíram sem necessidade, ainda que, portanto, indignos de indulgência, no entanto lhes será concedida alguma indulgência, e eles deverão ser "genuflectores" por doze anos.

- Cânon XII - Aqueles que sofreram violência e indicaram que resistiram, mas depois caíram na maldade e voltaram ao exército, deverão ser excomungados por dez anos. Mas, de qualquer modo, a maneira de fazerem penitência deve ser examinada. O bispo poderá tratar mais brandamente alguém que está fazendo penitência e se mostrou zeloso em seu cumprimento do que quem foi frio e indiferente.

- Cânon XIII - Os moribundos devem receber a comunhão. Mas se alguém se recupera, deve ser posto no número daqueles que participam das preces, e somente com eles.

- Cânon XIV - Se alguns dos catecúmenos caíram em apostasia, deverão ser somente "ouvintes" por três anos; depois poderão orar com os catecúmenos.

- Cânon XV - Bispos, presbíteros e diáconos não se transferirão de cidade para cidade, mas deverão ser reconduzidos, se tentarem fazê-lo, para a igreja para a qual foram ordenados.

- Cânon XVI - Os presbíteros ou diáconos que desertarem de sua própria igreja não devem ser admitidos em outra, mas devem ser devolvidos à sua própria diocese. A ordenação deve ser cancelada se algum bispo ordenar alguém que pertence a outra igreja, sem consentimento do bispo dessa igreja.

- Cânon XVII - Se alguém do clero praticar usura ou receber 150% do que emprestou deve ser excluído e deposto.

- Cânon XVIII - Os diáconos devem permanecer dentro de suas atribuições. Não devem administrar a Eucaristia a presbíteros, nem tomá-la antes deles, nem sentar-se entre os presbíteros. Pois que tudo isso é contrário ao cânon e à correta ordem.

- Cânon XIX - Os Paulianistas devem ser rebatizados. Se alguns são clérigos e isentos de culpa devem ser ordenados. Se não parecem isentos de culpa, devem ser depostos. As diaconisas que se desviaram devem ser colocadas entre os leigos, uma vez que não compartilham da ordenação.

- Cânon XX - Nos dias do Senhor e de Pentecostes, todos devem rezar de pé e não ajoelhados.

Nas atas do Concílio de Nicéia, assinadas por todos os bispos participantes, com exceção dos dois seguidores de Ário, constou o texto da seguinte profissão de Fé:

"Cremos em um só Deus, Pai todo poderoso, Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis; E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial do Pai, por quem todas as coisas foram feitas no Céu e na Terra, o qual por causa de nós homens e por causa de nossa salvação desceu, se encarnou e se fez homem, padeceu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao Céu e virá para julgar os vivos e os mortos; E no Espírito Santo. Mas quantos àqueles que dizem: 'existiu quando não era' e 'antes que nascesse não era' e 'foi feito do nada', ou àqueles que afirmam que o Filho de Deus é uma hipóstase ou substância diferente, ou foi criado, ou é sujeito à alteração e mudança, a estes a Igreja Católica anatematiza".

O Concílio

Segundo Helena Blavatsky uma névoa de mistério envolve este Concílio, o qual *"… pode muito bem ser chamado de misterioso. Havia mistério, em primeiro lugar, no número místico dos seus 318 bispos, a que Barnabé deu muita importância; além disso, não há concordância entre os escritores antigos quanto à época e ao local de realização dessa reunião, nem mesmo sobre quem seria o bispo que a presidiu"*. Não obstante, os frutos da realização deste concílio marcaram de forma indelével o curso da nossa civilização.

Segundo a história oficial da Igreja Católica, o concilio terá sido presidido pelo próprio Imperador Constantino, e nele terá estado presente Eusébio de Cesareia, um dos maiores apoiantes da Ortodoxia, que mais tarde reescreveu a história da Igreja, segundo a perspectiva do Cristianismo Imperial de Constantino.

Deve-se a este concílio duas ferramentas chave da teologia da igreja Católica:

A decisão de quais, entre os muitos Evangelhos existentes, eram inspirados pelo Divino, ou seja, a seleção dos Evangelhos oficiais (e a subseqüente erradicação de todos os escritos considerados apócrifos);

A formulação Oficial da Doutrina da Trindade, em que a Igreja rejeita o principio "Ariano" (de Árius) e afirma que Jesus é da mesma substância (ou seja, é a mesma entidade) que Deus.

Consequentemente, o Credo de Nicéia foi redigido e modificado (nele se inserindo várias redundâncias) de forma a identificar o Pai com o Filho. Quem discordou, foi pura e simplesmente perseguido pelo imperador.

Ainda durante os vários séculos posteriores, os Concílios defenderam as visões mais antagônicas e contraditórias sobre a Doutrina da Trindade, visando reforçar cada vez mais a ideia da identidade de Jesus como Deus Absoluto, e o consequente afastamento do homem e do ideal do Cristo. É exemplo a proclamação de Maria, mãe de Jesus, como "Theotokos" – mãe de Deus – no Concílio de Éfeso realizado em 431 DC.

O Concílio – a seleção dos Evangelhos

Quanto à seleção dos Evangelhos, diz-nos Helena Blavatsky na sua obra "Ísis sem Véu":

"Todo o atual dogmatismo religioso da Igreja se deve à Sortes Sanctorum, a prática de lançar à sorte alguma coisa com o fim da adivinhação, exercida pelo clero cristão primitivo e medieval. Não sendo capazes de concordar quais dos numerosos Evangelhos seriam os mais divinamente inspirados, foi resolvido no Concílio de Nicéia deixar a decisão nas mãos da intervenção milagrosa". Como tal, os atuais Evangelhos Canônicos são estes e não outros devido à Sortes Sanctorum.

Curiosamente esta prática de adivinhação era considerada uma prática sagrada, se feita pelo clero cristão primitivo e medieval. Porém, se exercido por leigos, hereges ou pagãos o sortes sanctorum convertia-se, se acreditarmos nos piedosos padres, em sortes diabolurum ou sortilégio (feitiçaria).

Ainda segundo Helena Blavatsky, *"… Pappus diz-nos no seu Synodicon daquele Concilio: 'Depois de terem promiscuamente colocado todos os livros que tinham sido referidos para determinação ao Concílio sob a mesa de comunhão de uma Igreja, eles (os Bispos) imploraram ao Senhor para que os livros inspirados fossem parar em cima da mesa, e assim sucedeu (…) Com base na autoridade das testemunhas eclesiásticas, portanto, tomamos a liberdade de dizer que o mundo cristão deve a sua 'Palavra de Deus' a um processo adivinhatório, pelo qual a Igreja, em seguida, condenou vítimas infelizes como conjuradores, encantadores, mágicos, feiticeiros e vaticinadores e os queimou aos milhares. Falando desse fenômeno verdadeiramente divino da escolha dos manuscritos, os padres da Igreja dizem que o próprio Deus preside ao Sortes".*

Refira-se que, nos primeiros séculos do Cristianismo, os Evangelhos teriam chegado a ser mais de 300. A sua redução para somente 04, decorrente do Concílio de Nicéia, e o fato de se conhecerem hoje mais de 60 Evangelhos ditos "apócrifos" (como os de Tomé, de Pedro, de Filipe, de Tiago, dos Doze Apóstolos, dos Hebreus, etc.) vem demonstrar o papel preponderante da Igreja Católica na eliminação e adulteração dos primeiros escritos cristãos. Adicionalmente, sabe-se que os diversos grupos de Cristãos Gnósticos, de que são exemplo os Ebionitas e os Nazarenos, tinham os seus próprios Evangelhos, muito diferentes dos textos selecionados sob os auspícios de Constantino.

Reforçando a incoerência de todo este processo, e de acordo com um dos compiladores da obra "Apócrifos, os Proscritos da Bíblia", houve textos que, não obstante eliminados da Bíblia Romana, viriam mais tarde a ser nela reintegrados, como são exemplos o Livro da Sabedoria (atribuído a Salomão), o Eclesiástico ou Sirac, as Odes de Salomão, o Livro de Tobias, o Livro de Macabeus, e outros mais. Outra parte de escritos veterotestamentários ficou, no entanto, de fora, como o famoso Livro de Enoch, o Livro da Ascensão de Isaías, e os Livros III e IV dos Macabeus.

O Concílio – o Credo Niceno

Para prover a nova religião de origens divinas, os Bispos reconstruíram um credo existente, enfatizando a consubstanciação do Filho com o Pai, de Jesus com Deus:

"Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis; E em um Senhor Jesus Cristo, filho unigênito de Deus, gerado de Seu Pai antes de todos os tempos, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro, gerado e não criado, consubstancial ao Pai (…)".

De fato, como já foi dito, um dos dois pontos na agenda do Concílio, foi a discussão sobre a natureza de Cristo e a natureza da sua relação com Deus: se o Pai tinha existido antes do Filho, e se Pai e Filho eram da mesma natureza ou "apenas" de natureza semelhante. A discussão centrou-se à volta de uma variação da palavra grega "homos": em grego a palavra "homos" significa da mesma natureza ou substância, consubstancial. No entanto, adicionando um "i" à palavra – "homoios" – passa a significar de natureza semelhante. Decidiram os Bispos que o termo correto para designar Jesus seria, na língua Grega, "homos", ou seja, consubstancial.

A Trindade de Hipóstases divinas existente no Hinduísmo e no antigo Egito, assim como em todos os sistemas religiosos e filosóficos arcaicos 10, foi assim decalcada e antropomorfizada. Consequentemente o Concílio decidiu que a Trindade Cristã seria constituída por Três Pessoas: o Pai, o Filho (Jesus) e o Espírito Santo, e que Jesus, o Filho, era consubstancial a Deus.

Nos Mistérios e religiões arcaicas que antecederam a Cristandade, era bem conhecido que o termo "Filho de Deus" se usava para designar o grau de Iniciação nos mais altos Mistérios, a realização da sua natureza divina por parte do iniciado. Quando um aspirante alcançava, através da Iniciação, de grandes provas e sofrimentos, um elevado estado de perfeição, o seu nome era transformado em Christos, o "purificado". Para a generalidade dos grupos Gnósticos, Jesus era a Sabedoria e a palavra de Deus em virtude da sua indissolúvel união com o Verbo. Cristo, filho de Deus, corresponde analogicamente ao segundo Aspecto do Logos e o princípio Crístico, ou Buddhi, no homem.

Como é óbvio, estas considerações metafísicas por muito enriquecedoras do ponto de vista do conhecimento religioso-filosófico que fossem, não beneficiavam em nada o poder e a autoridade da classe eclesiástica, que se começava a formar no Império através do domínio da facção ortodoxa nas paróquias.

Se os padres da Igreja Ortodoxa fizessem a distinção entre a preexistência da alma de Jesus (ou Jesus homem) e o Cristo ao qual ele ascendeu, isso implicava obviamente que qualquer alma podia, da mesma forma que Jesus, vir a identificar-se com o Filho e, portanto, a progredir na direção de uma União com a Divindade. O poder e a autoridade do Clero, como únicos mediadores entre Deus e o Homem, seriam, desta forma, ameaçados.

Os padres tomaram, portanto, a direção contrária – uma direção que lhes permitisse o controle absoluto dos seus crentes, um movimento na direção da absoluta deificação de Jesus.

Em oposição, vários bispos favoráveis às teses de Árius apresentaram um outro credo ao concilio, o qual foi rasgado, resultando na excomunhão de Árius. O livro de Árius foi igualmente queimado no próprio Concílio. Uma confissão de fé (o Credo Niceno) foi então escrita no Concílio e assinada por todos os presentes, de acordo com ordem dada por Constantino. Todos os que se recusaram a assinar o Credo, foram banidos.

O Credo subscrito em Nicéia é muito mais do que a afirmação da Divindade de Jesus: é também a afirmação da nossa separação de Cristo e do Divino.

Entretanto, curiosamente, o Credo Niceno é também visto por alguns estudiosos como um simples (mas pouco lúcido) desenvolvimento da fórmula "O Buddha, A Lei, A Comunidade Monástica (Buddha, Dharma, Sangha), tendo sido o Concílio o momento em que o Cristianismo rompeu definitivamente com o Budismo eclesiástico, visto que os Essênios, os Terapeutas e os Gnósticos são identificados como o resultado da fusão entre o pensamento Indiano e Semítico, demonstrado por comparação entre a vida de Jesus e Buddha. Na parte lendária, ambas as histórias são idênticas. A parte lendária é contrastada com a característica correspondente noutras religiões, principalmente com a história Védica do Visvakarman".

Aliás, são patentes as similaridades do Credo Niceno com a antiga doutrina Hindu. Krishna era considerado como a encarnação de Visnhu, cuja função era análoga à Segunda Pessoa da Trindade Cristã. No Bhagavad-Gita (datado aproximadamente de 250 AC), o mesmo Krishna é representado como a suprema personificação de Brahman – a divindade suprema que desce para iluminar o homem e contribuir para a sua salvação. Isto vem evidenciar, uma vez mais, que o Credo proposto pela facção ortodoxa e feito assinar pelos Bispos em Nicéia resultou de uma amálgama fabricada com elementos de outras doutrinas mais antigas, adaptadas aos interesses e objetivos da nova religião imperial.

Posteriormente, ao longo da história da Igreja Católica, e no decorrer de vários Concílios, foram também adicionadas ao Credo Niceno diversas outras referências refletindo a constante adaptação da religião fabricada, nomeadamente a inclusão da passagem *"… e encarnou pelo Espírito Santo na Virgem Maria…"* e *"… também por nós foi crucificado e sob Pôncio Pilatos"*, numa clara tentativa de enfatizar um elemento histórico na vida literal de Jesus, justamente por ser um elemento controvertido".

Conclusão

Como vimos, a política do Império Romano foi lentamente assimilada na Igreja, sendo formulada uma religião totalitária com o nome de Catolicismo Romano. A ascensão de Constantino foi um período de grande crescimento da Igreja, com o criar da religião oficial do Império.

Vimos também que no concilio de Nicéia se dão os primeiros passos no sentido de construir os alicerces da teologia desta igreja oficial: são "sorteados" os Evangelhos "Divinamente" inspirados, e Jesus Cristo é oficialmente declarado como Deus.

Após este ato, haverá sempre, para muitos, um abismo entre a humanidade e Cristo. De acordo com os padres pós-Niceia, Jesus é o próprio Deus Eterno Imanifestado e Absoluto. Também a noção de "Iniciação" é eliminada. As doutrinas gnósticas e esotéricas, cujos ensinamentos incidiam na evolução espiritual, tornaram-se supérfluas e indesejáveis. A teologia resultante do Credo Niceno promoveu uma passividade em que, de acordo com aquela fórmula, qualquer pessoa tem apenas que aceitar o credo, partilhar dos sacramentos, obedecer aos bispos e à Igreja, bem como às decisões dos concílios, e será "salvo".

Este concílio e as doutrinas daí advenientes prepararam também o terreno no qual floresceram as doutrinas do pecado original e do Inferno Eterno, contribuindo para a degradação e aviltamento da humanidade.

Vimos ainda que o triunfo do Cristianismo não pode ser separado da influência política do Império Romano. Ao promover o casamento entre Igreja e Estado, os líderes da Igreja tornaram-se monarcas e Constantino foi quase foi considerado um santo.

Consequentemente, uma das grandes preocupações da Igreja foi (não a teologia), mas a eliminação de todos os elementos que se atravessaram na obtenção do poder absoluto. A partir daqui e até 1798 (quando os exércitos de Napoleão entraram em Roma), o Papa e as Monarquias governaram em uníssono.

Quando Constantino morreu, em 337, foi batizado (ironicamente só no seu leito de morte e por um seguidor de Árius) e enterrado na consideração que se tornara um décimo terceiro apóstolo. Na iconografia eclesiástica foi representado como recebendo uma coroa da mão de Deus…

O Concilio de Nicéia – outra visão

Por Paty Witch Maeve 09/04/2010 - 325 D.C.

É realizado o Concílio de Nicéia, atual cidade de Iznik, província de Anatólia (nome que se costuma dar à antiga Ásia Menor), na Turquia asiática. A Turquia é um país euro-asiático, constituído por uma pequena parte européia, a Trácia, e uma grande parte asiática, a Anatólia. Este foi o primeiro Concílio Ecumênico da Igreja, convocado pelo Imperador Flavius Valerius Constantinus (285 - 337 d.C), filho de Constâncio I. Quando seu pai morreu em 306, Constantino passou a exercer autoridade suprema na Bretanha, Gália (atual França) e Espanha. Aos poucos, foi assumindo o controle de todo o Império Romano. Desde Lúcio Domício Aureliano (270 - 275 d.C.), os Imperadores tinham abandonado a unidade religiosa, com a renúncia de Aureliano a seus "direitos divinos", em 274. Porém, Constantino, estadista sagaz que era, inverteu a política vigente, passando, da perseguição aos cristãos, à promoção do Cristianismo, vislumbrando a oportunidade de relançar, através da Igreja, a unidade religiosa do seu Império. Contudo, durante todo o seu regime, não abriu mão de sua condição de sumo-sacerdote do culto pagão ao "Sol Invictus". Tinha um conhecimento rudimentar da doutrina cristã e suas intervenções em matéria religiosa visavam, a princípio, fortalecer a monarquia do seu governo.

Na verdade, Constantino observara a coragem e determinação dos mártires cristãos durante as perseguições promovidas por Diocleciano, em 303. Sabia que, embora ainda fossem minoritários (10% da população do império), os cristãos se concentravam nos grandes centros urbanos, principalmente em território inimigo. Foi uma jogada de mestre, do ponto de vista estratégico, fazer do Cristianismo a Religião Oficial do Império: Tomando os cristãos sob sua proteção, estabelecia a divisão no campo adversário. Em 325, já como soberano único, convocou mais de 300 bispos ao Concílio de Nicéia. Constantino visava dotar a Igreja de uma doutrina padrão, pois as divisões, dentro da nova religião que nascia, ameaçavam sua autoridade e domínio. Era necessário, portanto, um Concílio para dar nova estrutura aos seus poderes.

E o momento decisivo sobre a doutrina da Trindade ocorreu nesse Concílio. Trezentos Bispos se reúnem para decidir se Cristo era um ser criado (doutrina de Ário) ou não criado, e sim igual e eterno como Deus Seu Pai (doutrina de Atanásio). A igreja acabou rejeitando a ideia ariana de que Jesus era a primeira e mais nobre criatura de Deus, e afirmou que Ele era da mesma "substância" ou "essência" (isto é, a mesma entidade existente) do Pai.

Assim, segundo a conclusão desse Concílio, há somente um Deus, não dois; a distância entre Pai e Filho está dentro da unidade divina, e o Filho é Deus no mesmo sentido em que o Pai o é. Dizendo que o Filho e o Pai são "de uma substância", e que o Filho é "gerado" ("único gerado, ou unigênito", João 1. 14,18; 3. 16,18, e notas ao texto da NVI), mas "não feito", o Credo Niceno, estabelece a Divindade do homem da Galiléia, embora essa conclusão não tenha sido unânime. Os Bispos que discordaram, foram simplesmente perseguidos e exilados. Com a subida da Igreja ao poder, discussões doutrinárias passaram a ser tratadas como questões de Estado. E na controvérsia ariana, colocava-se um obstáculo grande à realização da ideia de Constantino de um Império Universal que deveria ser alcançado com a uniformidade da adoração divina.

O Concílio foi aberto formalmente a 20 de maio, na estrutura central do palácio imperial, ocupando-se com discussões preparatórias na questão ariana, em que Ário, com alguns seguidores, em especial Eusébio , de Nicomédia; Teógnis, de Nice, e Maris, de Chalcedon, parecem ter sido os principais líderes. Como era costume, os bispos orientais estavam em maioria. Na primeira linha de influência hierárquica estavam três arcebispos: Alexandre, de Alexandria; Eustáquio, de Antioquia e Macário, de Jerusalém, bem como Eusébio, de Nicomédia e Eusébio, de Cesaréia. Entre os bispos encontravam-se Stratofilus, bispo de Pitiunt (Bichvinta, reino de Egrisi). O ocidente enviou não mais de cinco representantes na proporção relativa das províncias: Marcus, da Calabria (Itália); Cecilian, de Cartago (África); Hosius, de Córdova (Espanha); Nicasius, de Dijon (França) e Domnus, de Stridon (Província do Danúbio). Apenas 318 bispos compareceram, o que equivalia a apenas uns 18% de todos os bispos do Império. Dos 318, poucos eram da parte ocidental do domínio de Constantino, tornando a votação, no mínimo, tendenciosa. Assim, tendo os bispos orientais como maioria e a seu favor, Constantino aprovaria com facilidade, tudo aquilo que fosse do seu interesse. As sessões regulares, no entanto, começaram somente com a chegada do Imperador.

Após Constantino ter explicitamente ordenado o curso das negociações, ele confiou o controle dos procedimentos a uma comissão designada por ele mesmo, consistindo provavelmente nos participantes mais proeminentes desse corpo.

O Imperador manipulou, pressionou e ameaçou os partícipes do Concílio para garantir que votariam no que ele acreditava, e não em algum consenso a que os bispos chegassem. Dois dos bispos que votaram a favor de Ário foram exilados e os escritos de Ário foram destruídos. Constantino decretou que qualquer um que fosse apanhado com documentos arianistas estaria sujeito à pena de morte. Mas a decisão da Assembléia não foi unânime, e a influência do imperador era claramente evidente quando diversos bispos de Egito foram expulsos devido à sua oposição ao credo. Na realidade, as decisões de Nicéia foram fruto de uma minoria. Foram mal entendidas e até rejeitadas por muitos que não eram partidários de Ário.

Posteriormente, 90 bispos elaboraram outro credo (O "Credo da Dedicação") em, 341, para substituir o de Nicéia. (...) E em 357, um Concílio em Smirna adotou um credo autenticamente ariano. Portanto, as orientações de Constantino nessa etapa foram decisivas para que o Concílio promulgasse o credo de Nicéia, ou a Divindade de Cristo, em 19 de Junho de 325. E com isso, veio a consequente instituição a Santíssima Trindade e a mais discutida, ainda, a instituição do Espírito Santo, o que redundou em interpolações e cortes de textos sagrados, para se adaptar a Bíblia às decisões do conturbado Concílio e outros, como o de Constantinopla, em 381, cujo objetivo foi confirmar as decisões daquele.

A concepção da Trindade, tão obscura, tão incompreensível, oferecia grande vantagem às pretensões da Igreja. Permitia-lhe fazer de Jesus Cristo um Deus. Conferia a Jesus, que ela chama seu fundador, um prestígio, uma autoridade, cujo esplendor recaia sobre a própria Igreja Católica e assegurava o seu poder, exatamente como foi planejado por Constantino. Essa estratégia revela o segredo da adoção trinitária pelo Concílio de Nicéia. Os teólogos justificaram essa doutrina estranha da divinização de Jesus, colocando no Credo a seguinte expressão sobre Jesus Cristo: "Gerado, não criado". Mas, se foi gerado, Cristo não existia antes de ser gerado pelo Pai. Logo, Ele não é Deus, pois Deus é eterno!

Espelhando bem os novos tempos, o Credo de Nicéia não fez qualquer referência aos ensinamentos de Jesus. Faltou nele um "Creio em seus ensinamentos", talvez porque já não interessassem tanto a uma religião agora sócia do poder Imperial Romano. Mesmo com a adoção do Credo de Nicéia, os problemas continuaram e, em poucos anos, a facção arianista começou a recuperar o controle. Tornaram-se tão poderosos que Constantino os reabilitou e denunciou o grupo de Atanásio. Ário e os bispos que o apoiavam voltaram do exílio. Agora, Atanásio é que foi banido. Quando Constantino morreu (depois de ser batizado por um bispo arianista), seu filho restaurou a filosofia arianista e seus bispos e condenou o grupo de Atanásio. Nos anos seguintes, a disputa política continuou, até que os arianistas abusaram de seu poder e foram derrubados. A controvérsia político/religiosa causou violência e morte generalizadas. Em 381 d.C, o imperador Teodósio (um trinitarista) convocou um concílio em Constantinopla. Apenas bispos trinitários foram convidados a participar. Cento e cinquenta bispos compareceram e votaram uma alteração no Credo de Nicéia para incluir o Espírito Santo como parte da divindade. A doutrina da Trindade era agora oficial para a Igreja e também para o Estado. Com a exclusiva participação dos citados bispos, a Trindade foi imposta a todos como "mais uma verdade teológica da igreja". E os bispos, que não apoiaram essa tese, foram expulsos da Igreja e excomungados (...).

Tudo isso nos leva a crer que o homem chamado "Jesus Cristo" na maneira descrita nos Evangelhos nunca existiu. Suas peripécias são fictícias; não padeceu sob nenhum Pôncio Pilatos; não foi nem poderia jamais ser a única Encarnação do Verbo; e qualquer Igreja, seita ou pessoa que diga o contrário ou está enganada ou enganando. Não quero dizer com isto que um homem assim não pudesse ter nascido, pregado e padecido. Segundo a Doutrina Teosófica, teria existido um homem chamado Joshua Ben Pandira. Tais homens nascem continuamente, e continuarão a nascer por todos os tempos: Encarnações do Logos, Templos do Espírito Santo, Cruzes de Matéria coroadas pela Chama do Espírito.

(...) Por volta do século IX, o credo já estava estabelecido na Espanha, França e Alemanha. Tinha levado séculos desde o tempo de Cristo para que a doutrina da Trindade "pegasse". As políticas do governo e da Igreja foram às razões que levaram a Trindade a existir e se tornar a doutrina oficial da Igreja. Como se pode observar, a doutrina trinitária resultou da mistura de fraude, política, um imperador pagão e facções em guerra que causaram mortes e derramamento de sangue. As Igrejas Cristãs hoje em dia dizem que Constantino foi o primeiro Imperador Cristão, mas seu "cristianismo" tinha motivação apenas política. É altamente duvidoso que ele realmente aceitasse a Doutrina Cristã. Ele mandou matar um de seus filhos, além de um sobrinho, seu cunhado e possivelmente uma de suas esposas. Ele manteve seu título de alto sacerdote de uma religião pagã até o fim da vida e só foi batizado somente em seu leito de morte.

Em 313 d.C., com o grande avanço da "Religião do Carpinteiro", o Imperador Constantino Magno enfrentava problemas com o povo romano e necessitava de uma nova Religião para controlar as massas. Aproveitando-se da grande difusão do Cristianismo, apoderou-se dessa Religião e modificou-a, conforme seus interesses. Alguns anos depois, em 325 D.C, no Concílio de Nicéia, é fundada, oficialmente, a Igreja Católica (...).

(http://www.oarquivo.com.br/index.php/polemica/religiao-ceitas-e-organizacoes/2367-o-concilio-de-niceia-parte-2)

Vamos a uma curiosidade acontecida nesse Concílio, e não divulgada. Pelo texto, podemos até pensar que de fato, deve ter saído daí, a famosa lenda do "Lúcifer", que teria sido expulso do "Reino de Deus":

SÃO LÚCIFER – O SANTO CATÓLICO QUE A IGREJA "ESCONDE"

São Lucifer Calaritano

Igreja de São Lúcifer, em Cagliari (Sardenha/Itália)

Muitos não sabem da existência de um Santo com o nome de Lúcifer. A Igreja Católica não toca muito no assunto, pois o fazendo, teria que admitir que o nome "Lúcifer" colocado na Bíblia tem outro sentido, que é deturpado em seu real significado. Se a Igreja admitisse isso publicamente, a fé de muitas pessoas seria abalada.

Até o século IV da era Cristã, o nome Lúcifer era um nome como outro qualquer e não tinha nada de diabólico. A prova mais eloquente disto é que houve, no século IV, até um bispo católico chamado Lúcifer de Cagliari.

Bispo Lúcifer ou Lúcifer Calaritano (em italiano *San Lucifero*) (m. 370 ou 371) foi um bispo de Cagliari na Sardenha e é um santo cristão conhecido, sobretudo, pela sua oposição ao arianismo. No Concílio de Milão em 354 defendeu violentamente Atanásio de Alexandria e suas ideias, se opondo a arianos poderosos, o que fez o imperador Constantino II, simpatizante dos arianos, confiná-lo por três dias no palácio. Durante seu confinamento, Lúcifer debateu tão veementemente com o imperador que ele acabou por ser banido, primeiro para a Palestina e depois, para Tebas, no Egito. No exílio escreveu duras cartas ao imperador, que o pôs sob o risco de martírio.

Após a morte de Constantino e a ascensão de Juliano, Lúcifer foi solto em 362. Entretanto não pode se reconciliar com os antigos arianos. Ele consagrou o bispo Paulino, sem licença, criando assim um cisma. Possivelmente foi excomungado. Nos dá uma pista disso os escritos de Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo, que referem-se a seus seguidores como *luciferianos*, uma divisão que surgiu no início do século V. São Jerônimo não gostava da intransigência nem das opiniões do Bispo Lúcifer de Cagliari e seus seguidores. São Jerônimo inclusive escreveu um livro criticando detalhadamente tais opiniões. São Jerônimo em seu *ALTERCATIO LUCIFERIANI ET ORTHODOXI* (Altercação entre Luciferianos e Ortodoxos) demonstra quase tudo que se sabe sobre Lúcifer e suas ideias. Inclui-se entre os principais escritos do bispo de Cagliari: *DE NON CONVENIENDO CUM HAERETICIS*, *DE REGIBUS APOSTATICIS*, e *DE S. ATANASIO*.

Sua festa, no calendário da Igreja Católica é dia 20 de maio. Seu nome demonstra que *Lúcifer* não era, pelo menos no século IV, apenas um sinônimo para Satã. Todavia, com os movimentos a partir do século XIX houve certa confusão, dando a entender que luciferianos (diferentemente do sentindo teológico que é apresentado aqui) fossem satanistas. É de se observar que isso não faz com que seu culto seja suprimido ou sua canonização reavaliada. Muito embora ele não seja muito citado para evitar mal-entendidos e escândalos.

Uma capela na Catedral de Caligliari é dedicada a São Lúcifer (talvez a única no mundo). Maria Josefina Luísa de Savóia, rainha consorte, esposa de Luís XVIII de França está enterrada lá.

Juntamente com o bispo, outro santo foi exilado, Eusébio de Vercelli, defensor da plena divindade de Cristo.

Pouco depois, quando São Jerônimo traduziu a Bíblia do Grego para o Latim, ao traduzir Isaias 14, São Jerônimo traduziu "Estrela da Manhã" por Lúcifer (Lúcifer em Latim realmente quer dizer "Estrela da Manhã").

Note que a expressão "Estrela da Manhã" é usada na Bíblia várias vezes para indicar Grandeza, Grandiosidade. Em Apocalipse, a expressão "Estrela da Manhã" é usada duas vezes para designar Jesus. Em Isaias 14, a expressão "Estrela da Manhã" é usada como adjetivo para o rei da Babilônia (um homem, não um Espírito). Mas, São Jerônimo escolheu usar a palavra Lúcifer, como tradução de "Estrela da Manhã" neste único ponto: em Isaias 14,12. Em todos os outros pontos São Jerônimo usou a expressão composta "Estrela da manhã", em Latim.

Por isso, todas as traduções da Bíblia baseadas na tradução de S. Jerônimo têm uma única ocorrência da palavra Lúcifer e é precisamente em Isaias 14. As Bíblias que não são baseadas na tradução de São Jerônimo simplesmente não têm a palavra Lúcifer.

Pouco depois da tradução da Bíblia por São Jerônimo, Santo Agostinho criou a fábula da revolta dos anjos contra Deus. E pouco depois, no século V, início da Idade Média, o nome Lúcifer passou a ser o nome do anjo chefe de tal rebelião. A fábula da revolta dos anjos contra Deus se tornou tão popular que muitas pessoas acreditam que ela está na Bíblia, mas na realidade não está.

Antes de Santo Agostinho, a única menção a anjos caídos era no Livro de Enoch (que não é parte da Bíblia). Este livro conta a estória de 200 anjos que tendo se apaixonado por mulheres comuns escolheram voluntariamente abandonar os Céus e descer à Terra para serem seus maridos. Deus não aprovou a decisão deles, enviou cinco Arcanjos que os localizaram e os prenderam em lugares remotos da Terra, onde esperam o julgamento no fim dos tempos. O Livro de Enoch foi escrito no século II (dois) antes de Cristo, e há evidências (por exemplo, Epístola de São Judas e Segunda Epístola de São Pedro) que os Apóstolos e os chamados Pais da Igreja Católica conheciam este livro (ou, pelo menos, a estória contida nele). No Livro de Enoch também não aparece o nome Lúcifer nem Heilel (o correspondente em hebraico de Lúcifer).

Além disto, algumas pessoas citam Ezequiel 28 como sendo relativo a Lucifer, mas não há fundamento para isto. Ezequiel 28 é uma repreensão feita por Deus ao rei de Tyro (um homem, não um Espírito). Não há nada que ligue este texto ao nome de Lúcifer, nem mesmo o uso da expressão "Estrela da Manhã".

SIGNIFICADO DO NOME LÚCIFER

Lúcifer (em hebraico, *heilel ben-shachar*, הילל בן שחר; em grego na Septuaginta, *heosphoros*) representa a estrela da manhã (a estrela matutina), a estrela D'Alva, o planeta Vênus, mas também foi o nome dado ao anjo caído, da ordem dos Querubins, como descrito no texto Bíblico do Livro de Ezequiel, no capítulo 28. Nos dias de hoje, numa nova interpretação da palavra, o chamam de Diabo (caluniador, acusador), ou Satã (cuja origem é o hebraico *Shai'tan*, que significa simplesmente *adversário*). Atualmente se discute a probabilidade de Lucifer ter sido um Rei Assírio da Babilônia.

O nome Lúcifer ocorre uma vez nas Escrituras Sagradas e apenas em algumas Traduções da Bíblia em língua portuguesa. Por exemplo, a tradução de Figueiredo verte Isaías 14:12: *"Como caíste do céu, ó Lúcifer, tu que ao ponto do dia parecias tão brilhante?"*

Lúcifer (do latim Lux fero, portador da Luz, em hebraico, *heilel ben-shahar*, הילל בן שחר; em grego na Septuaginta, *heosphoros*) significa *o que leva a luz', representando a* estrela da manhã*, o planeta Vênus, que é visível antes do alvorecer. A designação descritiva de Isaias 14:4, 12, provém duma raiz que significa "brilhar" (Jó 29:3), e aplicava-se a uma metáfora aplicada aos excessos de um "rei de Babilônia", não a uma entidade em si, como afirma o pesquisador iconográfico Luther Link "Isaías não estava falando do Diabo. Usando imagens possivelmente retiradas de um antigo mito cananeu, Isaías referia-se aos excessos de um ambicioso rei babilônico".*

A expressão hebraica (heilel ben-shahar) é traduzida como "o que brilha", nas versões NM, MC, So. A tradução "Lúcifer" (portador de luz), (Fi, BMD) deriva da Vulgata latina de Jerônimo e isso explica a ocorrência desse termo em diversas versões da Bíblia.

Mas alguns argumentam que Lúcifer seja satanás e por isso, também foi o nome dado ao anjo caído, da ordem dos Arcanjos. Assim, muitos nos dias de hoje, numa nova interpretação da palavra, o chamam de Diabo (caluniador, acusador), ou Satã (cuja origem é o hebraico *Shai'tan*, *Adversário*).

(http://redeesgoto.blogspot.com.br - http://www.ocultura.org.br, com adaptações do autor)

A MODALIDADE “UMBANDA CRÍSTICA”

Símbolo da Umbanda Crística
(Fé: representada pela cruz, Esperança: representada pela âncora, e Caridade: representada pelo coração)

Quando resolvemos instituir formalmente uma modalidade umbandista, foi somente para que todos possam se situar, pelo fato de existirem múltiplas formas de práticas umbandísticas por esse país afora. Muitos praticam doutrinas e rituais que divergem grandemente com as “Linhas Mestras” fundamentadas pelo instituidor da Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Como seguimos fielmente as “Linhas Mestras” do instituidor da Umbanda, queríamos utilizar a denominação “Linha Branca de Umbanda”, mas, achamos por bem não usá-la, pois, em época de Zélio de Moraes, era usada, quando, para diferenciar as práticas umbandísticas do Bem, diferenciando daqueles que se intitulavam umbandistas, mas, na realidade, muitos praticavam o Mal, e a maioria praticava um culto totalmente distanciado das normas do instituidor da Umbanda, culto esse conhecido por Macumba, mas, com ares e título de Umbanda. Hoje se fossemos utilizar o termo “Linha Branca de Umbanda”, muitos umbandistas poderiam entender que estaríamos tachando-os de praticarem a “banda negra”. Consultamos os Guias Espirituais, e recebemos autorização para instituir a “Modalidade Umbanda Crística”, que nada mais é que, a “Linha Branca de Umbanda” com outra denominação. A fundação oficial se deu em 21 de Setembro de 2011.

Revivendo e restaurando a Escola do Caboclo das Sete Encruzilhadas, juntamente com os ensinamentos crísticos, tudo calcado na razão e no bom senso, fundamentamos as bases, criando um estatuto direcionador e regulador de toda a temática doutrinária, seguindo as “Linhas Mestras” instituídas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, com os princípios, deveres, e os interditivos necessários, para que todos os que estiverem dispostos a terem seus Terreiros pautados nestas orientações, tenham onde se modelar.

Vamos versar sobre a modalidade “Umbanda Crística” fundamentado e seguido pela nossa casa: “Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista – fundada em 21 de setembro de 1937”. Sobre a questão – “Ser Crístico” – já elucidamos no capítulo anterior: “Umbanda – Uma Religião Crística”.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou: *“(...) A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal deste culto* (Umbanda)*, que teria por base o Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo o Cristo”.* Portanto, a Umbanda Crística segue fielmente os ensinamentos de Jesus, e tem como Mestre Supremo o Cristo Planetário, fonte do Amor Ilimitado, vitalidade e sustento das almas encarnadas ou desencarnadas.

Em época, o que ocorreu com a "Linha Branca de Umbanda e Demanda" do Caboclo das Sete Encruzilhadas, pela falta de normatização estatutária registrada, todo Terreiro da Macumba e/ou prática de mediunismo se tachou de Umbanda, distorcendo e deturpando quase a totalidade das "Linhas Mestras" do Caboclo, de como deve ser a Umbanda, e como devem se portar os umbandistas. Hoje, assistimos entristecidos, alguns Terreiros com desvirtuamentos efetuados, criando modalidades totalmente descaracterizadas, pautadas somente na idiossincrasia, no exercício exterior, roupas extravagantes, cultos e homenagens a Orixás, Espíritos, Exus, Pombas-Gira e homens, magias disparatadas, oferendas e despachos a torto e direito, barulhos ensurdecedores, rituais lúdricos, e ai por fora.

Não tivemos contato direto ou indireto com o instituidor da Umbanda e nem com a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, mas trabalhamos sob os princípios e "Linhas Mestras" da Linha Branca de Umbanda e Demanda, mantendo a pureza e a singeleza das orientações do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Os Espíritos fundadores de nossa casa, Pai Matheus de Aruanda (nas sessões de caridade – os atendimentos fraternos), Pai Jacob (nas sessões de cura), Pai Caboclo (nas sessões de desobsessões) e o (Caboclo) Pai Kalunga (nos processos demandatórios e desmaches de magia negra), desde 1937, preconizavam e priorizavam os mesmo ensinamentos, sem tirar e nem por. Isso se deve ao plano espiritual.

Em Umbanda Crística existem outras práticas seguidas e ensinadas que sabemos estarem corretas, pois raciocinamos em cima do seguinte proferido:

Tudo o que estiver pautado nos ensinamentos crísticos, nas orientações da codificação kardeciana, e principalmente nas orientações dos Evangelhos, sem achismos e sem idiossincrasias, regrando todas as práticas, sejam elas doutrinárias ou ritualísticas, na razão e no bom senso, está no caminho de praticar a Religião de Umbanda.

E para sabermos se os ensinamentos dos textos acima, sejam quais forem, estão pautados na sabedoria divina, é só seguir o seguinte aforismo:

"*Não devemos crer em algo meramente porque seja dito.*

Nem em tradições só porque elas vêm sendo transmitidas desde a antiguidade. Nem em rumores e em textos de filósofos porque foram esses que os escreveram.

Nem em ilusões supostamente inspiradas em nós por um Deva (ou seja: através de inspiração espiritual).

Nem em ilações obtidas de alguma suposição vaga e casual. Nem porque pareça ser uma necessidade análoga. Nem devemos crer na mera autoridade de nossos instrutores ou mestres.

Entretanto, devemos crer quando o texto, a doutrina ou os aforismos forem corroborados pela nossa própria razão e consciência.

Por isso vos ensinei a não crerdes meramente porque ouvistes falar.

Mas quando houverdes acreditado de vossa própria consciência, então, devereis agir de conformidade e intensamente".

(Siddhartha Gautama – Buddha)

"A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável. A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião". **(Dalai Lama)**

A Umbanda, incondicionalmente, também aceita e segue os 14 preceitos engajados do budismo. Levemente adaptamos os preceitos, para se encaixar na Umbanda, sem ferir o seu conteúdo:

1. ***Não seja idólatra por causa de nenhuma doutrina, teoria ou ideologia, mesmo a umbandista. Os sistemas umbandistas de pensamento são meios de orientação; eles não são a verdade absoluta.***

2. ***Não pense que o conhecimento que você possui no presente é imutável, ou que ele é a verdade absoluta. Evite ser fechado e estar preso a opiniões presentes. Aprenda a praticar o desligamento de pontos de vista a fim de estar aberto a receber os pontos de vista de outros. A verdade é encontrada na vida e não simplesmente no conhecimento de conceitos.***

3. ***Não force os outros, incluindo crianças, por nenhum meio, a adotar seus pontos de vista, seja por meio de autoridade, ameaça, dinheiro, propaganda, ou mesmo educação. Entretanto, através do diálogo compassivo, ajude os outros a renunciarem o fanatismo e a estreiteza de ideias.***

4. ***Não evite o sofrimento, não feche seus olhos ao sofrimento. Não perca a consciência da existência do sofrimento na vida do mundo. Encontre maneiras de estar com aqueles que estão sofrendo, incluindo contato pessoal, visitas, imagens e sons. Por tais meios, lembre a si mesmo e aos outros à realidade do sofrimento no mundo.***

5. ***Não acumule riqueza enquanto milhões passam fome. Não faça o objetivo da sua vida adquirir fama, lucro, riqueza, ou prazer sensual. Viva simplesmente e compartilhe seu tempo, energia e recursos materiais com aqueles que estão passando necessidades.***

6. ***Não mantenha a raiva ou o ódio. Aprenda a penetrá-los e transformá-los enquanto eles ainda só existem como sementes na sua consciência.***

7. ***Não se perca nas distrações à sua volta, mas continue sempre em contato com tudo que é maravilhoso, refrescante e curativo dentro de você e ao seu redor. Plante sementes de alegria, paz e entendimento em si mesmo, a fim de facilitar o trabalho de transformação nas profundezas da sua consciência.***

8. ***Não pronuncie palavras que podem criar discórdia e causar a quebra da comunidade. Faça todos os esforços para reconciliar as pessoas e resolver todos os conflitos, nem que sejam pequenos.***

9. ***Não diga coisas falsas nem por interesse pessoal, nem para impressionar as pessoas. Não diga palavras que causam divisão e ódio. Não espalhe notícias que você não sabe se são verdadeiras. Não critique ou condene coisas das quais você não tem certeza. Sempre fale a verdade, de maneira construtiva. Tenha a coragem de levantar sua voz quando vir uma situação injusta, mesmo quando ao fazer isto você coloca sua segurança em perigo.***

10. ***Não use a comunidade umbandista para ganho ou lucro pessoal, e não transforme sua comunidade em um partido político. Uma comunidade religiosa, no entanto, deve tomar uma atitude clara contra a opressão e injustiça, e deve tentar mudar a situação sem se envolver em política partidária.***

11. ***Não viva com uma vocação que é nociva aos seres humanos e à natureza. Não invista em companhias que privam outras pessoas da sua chance de viver. Selecione uma vocação que o ajude a realizar seu ideal de compaixão.***

12. ***Não mate. Não deixe que outras pessoas matem. Encontre todos os meios possíveis de proteger a vida e impedir a guerra.***

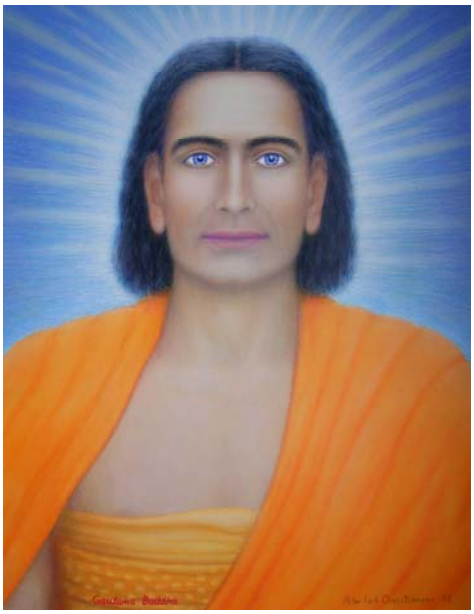
13. ***Não possua nada que deveria pertencer a outras pessoas. Respeite a propriedade dos outros, mas impeça os outros de lucrarem do sofrimento humano ou do sofrimento de outras espécies na Terra.***

14. ***Não maltrate seu corpo. Aprenda a cuidar dele com respeito. Para preservar a felicidade dos outros, respeite os direitos e os compromissos dos outros. Preserve suas energias vitais (sexual, espiritual, respiração) para a realização de seu Caminho.***

Para irmãos e irmãs que são médiuns umbandistas: suas expressões sexuais não devem ser sem amor e comprometimento. Em uma relação sexual tenha consciência do sofrimento que pode ser causado no futuro. Para preservar a felicidade de outros, respeite seus direitos e compromissos. Esteja plenamente consciente da responsabilidade de trazer novas vidas a este mundo. Medite sobre o mundo para o qual você está trazendo novos seres.

Agora, o que estiver contrário a tudo isso, pare imediatamente; está no caminho errado; não está praticando a Religião de Umbanda. A Umbanda é uma religião de amor, compreensão e compaixão.

Muitos podem perguntar: Mas a Umbanda segue os preceitos de Buddha? Mais uma vez reiteramos: A Umbanda é crística, e em suas fileiras militam Espíritos universalistas, que seguem os ensinamentos dos Espíritos crísticos que estiveram entre nós, inclusive Buddha. Mas, o quem seria Buddha, e o seu contesto na humanidade? Vamos a um texto concernente, sucinto e explicativo:



Siddharta Gautama (O Buddha)

Ser de muita luz, não se dizia uma encarnação divina, nem tampouco um representante de alguma divindade hindu.

Filho do Rei Suddhodana e da rainha May, foi um homem, considerado um dos mais sábios e santos ser entre os seres da humanidade terrena. Viveu muitas vidas aprimorando-se espiritualmente. Toda essa experimentação fez nele acender-se a natureza divina que todos nós possuímos.

O Budismo é um conjunto de ensinamentos emitidos e vividos por esse grande homem conhecido por Buda (Buda não é um nome próprio, mas uma condição de pleno desenvolvimento espiritual, um título, que quer dizer: "O Iluminado". Hoje, os que seguem a Filosofia Budista não o têm como um deus, mas como um Mestre Espiritual que ensina a todos como se libertar do ciclo reencarnatório, buscando a iluminação e o Estado de Pureza Espiritual, libertando-se das preocupações materiais e do ciclo ininterrupto de vida e morte.

Na Filosofia Budista, o ser humano é escravo do ciclo reencarnatório, que é gerado pelo "Karma" (a Lei da Ação e Reação). Conseguir livrar-se do Karma significa encerrar o ciclo de reencarnações, atingir a iluminação e encontrar a porta que abre o caminho para o "Nirvana" *(No Budismo, o significado de Nirvana é o estado de libertação atingido pelo ser humano ao percorrer sua busca espiritual. O termo tem origem no sânscrito, podendo ser traduzido por "cessação do sofrimento")*. Para que isso pudesse acontecer, Buda ensinou aos seus discípulos aquilo que é a base do Budismo: "As Quatro Nobres Verdades" e os "Oito Caminhos", uma combinação de ensinamentos morais por meio da meditação e concentração.

Basicamente, os ensinamentos de Buda buscaram a libertação de todos os seres cientes de seu sofrimento.

Cerca de 2.550 anos a.C., depois de experimentar seu Estado de Iluminação, meditando sob uma figueira, Buda faz o seu primeiro sermão, iniciando seus ensinamentos.

UMBANDA E BUDISMO UNIDOS PELA ILUMINAÇÃO

(...) Na Filosofia Budista, o ser humano é escravo do ciclo reencarnatório, que é gerado pelo Karma, a Lei de Ação e Reação.

Conseguir livrar-se do Karma significa encerrar o ciclo de reencarnações, atingir a iluminação e encontrar a porta que abre o caminho para o Nirvana (estar liberto). Para que isso pudesse acontecer, Buda ensinou aos seus discípulos aquilo que é base do Budismo: "As quatro Nobres Verdades" e os "Oito Caminhos" (nota do autor: "Nobre Caminho Óctuplo"), uma combinação de ensinamentos morais por meio da meditação e concentração.

As Quatro Nobres Verdades

1. Existe o sofrimento;
2. O sofrimento tem causas;
3. O sofrimento tem um fim;
4. Existe um caminho para acabar com o sofrimento.

Nota do Autor: ***NOBRE CAMINHO ÓCTUPLO***

O Nobre Caminho Óctuplo é, nos ensinamentos do Buda, um conjunto de oito práticas que correspondem à quarta nobre verdade do budismo. Também é conhecido como o "caminho do meio" porque é baseado na moderação e na harmonia, sem cair em extremos. Essas oito práticas estão descritas nesta passagem:

O Nobre Caminho Óctuplo é, nos ensinamentos do Buda, um conjunto de oito práticas que correspondem à quarta nobre verdade do budismo. Também é conhecido como o "caminho do meio" porque é baseado na moderação e na harmonia, sem cair em extremos. Essas oito práticas estão descritas nesta passagem:

1. *Compreensão correta: Conhecer as Quatro Nobres Verdades de maneira a entender as coisas como elas realmente são, e com isso gerar uma motivação de querer se liberar de dukkha e ajudar os outros seres a fazerem o mesmo.*

2. *Pensamento correto: Desenvolver as nobres qualidades da bondade amorosa, não tendo má vontade em relação aos outros, não querendo causar o mal (nem em pensamento), não ser avarento, e em suma, não ser egoísta.*

3. *Fala correta: Abster-se de mentir, falar em vão, usar palavras ásperas ou caluniosas, e ao invés disso, falar a verdade, ter uma fala construtiva, harmoniosa, conciliadora.*

4. *Ação correta: Promover a vida, praticar a generosidade e não causar o sofrimento através de práticas moralistas.*

5. *Meio de vida correto: Compreender e respeitar o próprio corpo, olhar os outros com amor, compaixão, alegria e equanimidade, que são as quatro qualidades incomensuráveis, e na prática do dia-a-dia, praticar os seis paramitas (*Nota do autor: Pāramitā (em *sânscrito*) ou Parami (em pali): "Perfeição" ou "Transcendente" (lit. "Que alcançou a outra margem"). No budismo, chama-se de paramitas as perfeições ou culminações de certas práticas. Tais práticas são cultivadas por arahants e bodhisattvaspara percorrer o caminho da vida sensorial (samsara) à iluminação (nirvana)). *da generosidade, ética, paz, esforço, concentração e sabedoria. Também inclui ter uma profissão que não esteja em desacordo com os princípios.*

6. *Esforço correto: Praticar autodisciplina para obter a quietude e atenção da mente, de maneira a evitar estados de mente maléficos e desenvolver estados de mente sãos.*

7. *Atenção correta: Desenvolver completa consciência de todas as ações do corpo, fala e mente para evitar atos insanos, através da contemplação da natureza verdadeira de todas as coisas.*

8. *Concentração correta: A partir da concentração, a mente entra em estado contemplativo e em seguida vem o nirvana.*

Buda ensinou que toda a causa do nosso sofrimento é o desejo, o apego às coisas materiais. Quando o desejo e o extremo apego acabam, o sofrimento termina.

Para se chegar ao fim do sofrimento existem oito caminhos. Buda ensinou que o esforço correto em nossa busca pelo fim do sofrimento é sempre manter o equilíbrio – o Caminho do Meio. Quando diagnosticamos a causa do sofrimento, podemos encontrar o caminho da cura.

Na Umbanda existe a mesma crença de que o homem caminha para sua evolução espiritual buscando, através de suas várias encarnações, o entendimento da linha evolutiva traçada para nossa Humanidade. Por meio da prática da caridade, exercendo sua fé e humildade, o médium Umbandista busca sua evolução rumo à Pureza Espiritual, um Estado de Iluminação, o despertar para a Vida Eterna. Por sua vez, os Guias e Protetores Espirituais que incorporam nas Sessões de Umbanda também estão cumprindo seu papel na Escala Evolutiva do Planeta, levando aos necessitados palavras de fé, amor e compreensão, sempre passando a mensagem da Eternidade do Ser, única maneira de nos libertarmos das amarras de nossa condição humana, rumo à evolução.

Quando somos estimulados amorosamente pelos Caboclos e Pretos Velhos a promover nossa reforma íntima, com a extinção da vaidade, do egoísmo e do ódio, nos ligando a sentimentos de amor, compaixão, humildade e caridade, estamos buscando a evolução do ser ao se libertar dos apegos e sentimentos materiais, como nos ensinam as Quatro Nobres Verdades do Budismo.

A Umbanda é a Luz de Aruanda que nos dá força e que nos conduz na busca do autoconhecimento, revelando que quando descobrimos nossas dores, cessa-se nosso sofrimento e cessando o sofrimento, o homem segue, sem medo, seu caminho rumo à evolução e iluminação de seu Espírito Imortal.

(http://taniawentzel.blogspot.com.br/2012/10/umbanda-e-budismo-unidos-pela-ilumincao.html)

Em nosso Terreiro, num tempo curto, devido à permitirmos "certas influências", quando da manifestação dos Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros, autorizamos a utilização de alguns adereços simples, tais como chapéus de palha, saias e capas, mas, durou pouco, pois os nossos Mentores os rechaçaram, dizendo-nos que tudo isso era tão somente coisa da cabeça do médium, da nossa vontade, pois nada de material nos pediram. Nos disseram que os Espíritos trabalhadores da Umbanda refutam a vaidade.

Nas Sessões de Caridade ou nas Sessões de Educação Mediúnica, os pontos cantados (cânticos) de raiz, sejam de força e/ou de poder, ou os pontos cantados terrenos, são entoados somente de viva voz, sem acompanhamentos de instrumento de percussão. Alguns, com mensagens cristicas são efetuados com arranjos musicais. Os cânticos são entoados de forma muito firmes (sem gritarias), ritmados, harmoniosos, para a manutenção (egrégora) da corrente vibratória, e a manifestação dos Guias e Protetores Espirituais.

Linhas gerais sobre a Umbanda Crística:

Usamos alguns termos para nos referir aos Orixás e ao conjunto dos Espíritos trabalhadores da Umbanda, bem como suas atividades. Para melhor entendimento e classificação, assim são nomeados:

"Essenciais" (Orixás – Espíritos Arcangélicos): *"Que caracteriza, denota o mais relevante; Que é primordial".*

"Sustentadores" (Orixás – Anjos Planetários): *"Aquele que ampara, sustenta; mantêm em pé"*

"Mediadores" (Orixás – Espíritos Superiores): *"Que ou aquele que intervém. Intercessor".*

"Guia" (Espirituais): *"Pessoa que conduz, que dirige, que mostra o caminho. Pessoa que dá uma direção moral, intelectual"*), os integrantes das "Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais".

"Protetores" (Espirituais): *"Que ou o que protege; que serve para proteger ou defender"*), os integrantes das "Linhas Auxiliares e Secundária de Trabalhos Espirituais".

"Linha": *"Série de pessoas ou de objetos dispostos numa mesma direção" – "Orientação teórica adotada por um grupo"*.

"Excelsa": *"Tornar excelso"*. Excelso: *"Muito alto, elevado".*

"Mestra": *"O que é perito ou versado em qualquer ciência ou arte".*

"Auxiliar": *"Que auxilia, que presta ajuda; ajudante".*

"Sublime": *"De característica moral ou intelectual admirável: modos sublimes".*

"Secundaria": *"Que, ou o que é de segunda ordem; que ocupa o segundo lugar em ordem, graduação ou qualidade relativamente a outrem ou outro".*

"Corrente": *"Diz-se das águas que correm, que não se acham estagnadas" – "Deslocamento orientado das águas do mar: correntes marinhas"*.

"Irmandade": *"Associação de caráter religioso"*.

"Falange": *"Corpo de Tropa".*

"Tarefeiro": *"Aquele que trabalha por tarefa; pequeno empreiteiro que realiza os trabalhos unicamente com auxílio de sua família, ou ajudado por outros trabalhadores".*

- Sem atabaques ou qualquer outro tipo de instrumento de percussão, bem como a não utilização de palmas ritmadas.

Nas Sessões de Caridade ou nas Sessões de Educação Mediúnica, os pontos cantados (cânticos) de raiz, sejam de força e/ou de poder, ou os pontos cantados terrenos, são entoados somente de viva voz, sem acompanhamentos de instrumento de percussão. Os cânticos são entoados de forma muito firmes (sem gritarias), ritmados, harmoniosos, para a manutenção (egrégora) da corrente vibratória, e a manifestação dos Guias e Protetores Espirituais.

Pontos Cantados de Raiz: são os cânticos compostos por Guias e Protetores Espirituais que os trazem dos Planos Superiores onde habitam, fazendo deles uma chamada particular ou da Linha de Trabalho Espiritual que integram, ou mesmo ativador de egrégoras. Ativam uma linguagem espiritual referente aos sons que o ponto emite, estabelecendo uma conexão vibratória entre o plano físico e o plano espiritual.

Traduzem verdadeiras magias sonoras de movimentação psíquica, e devem ser cantados com concentração. Os Pontos de Raiz somente são ensinados pelos Guias e Protetores Espirituais, pessoalmente, ou mesmo intuídos para médiuns abalizados. Existem os pontos cantados de raiz dolentes, e os mais vibrantes, mas, todos são entoados de forma harmoniosa sem o concurso de qualquer tipo de instrumento musical e não ser a própria voz. Tais cânticos, de forma nenhuma devem ser alterados em suas letras (somente podemos alterar quanto ao nome do Guia Espiritual invocado) e melodias, já que são direcionados e estabelecidos pelos Guias e Protetores Espirituais para fins específicos.

Pontos Cantados Terrenos: São os cânticos criados pelos encarnados para homenagear os Orixás, as Linhas de Trabalhos Espirituais, ou determinado Guia Espiritual, sendo aceitos pela espiritualidade desde que providos de musicalidade religiosa, harmonia, espiritualidade, razão e bom senso. Às vezes, porém, nos deparamos com pontos cantados terrenos que nos causam verdadeiro espanto, quando não tristeza. São composições "sem pé nem cabeça", destituídas de fundamento, com frases ingênuas, algumas vezes chulas, e sem nenhum nexo, chegando algumas a denegrirem os reais valores umbandistas; estes são veementemente rechaçados pela espiritualidade.

- Dá ênfase a simplicidade dos rituais, sem salamaleques, sem complicações litúrgicas, que permite a dedicação integral do tempo das Sessões ao atendimento fraterno dos necessitados.

- Jesus e seus ensinamentos são os pilares centrais da Umbanda Crística.

- O aspecto doutrinário é embasado nos ensinamentos de Jesus e dos Espíritos Crísticos, sendo bastante severos os testes que irão considerar aptos as pessoas que devem cumprir a missão de manifestar o Espírito para a caridade, a mediunidade na Umbanda.

- Sem roupagens coloridas, sem rendas e lamês, panos de pescoço, ou qualquer tipo de adornos ou adereços regionais externos, tipo: balandraus, cocares, penas, chapéus, capacetes, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, ternos, smoking, bijuterias, etc. O vestuário utilizado, tanto para homens como mulheres, é somente composto de jaleco e calça brancos, de tecido modesto e simples (algodão). Os calçados são de pano grosso (lona), com solado de corda (tipo Alpargata Rueda).

- As guias (colares) usadas são: uma de quartzo translúcido, o Rosário das Santas Almas Benditas e/ou as que determinam o Guia Espiritual que se manifesta; todas as guias são confeccionadas com elementos eletromagnéticos positivos, provindos na Natureza. *"A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium"* (Zélio de Moraes).

- Abomina o sacrifício de animais, quer para homenagear Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei), quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios ou demandatórios para obtenção de favores de quaisquer ordens.

- Não se aceita retribuição financeira e/ou presentes pelos atendimentos fraternos ou pelos trabalhos realizados, sejam eles quais forem. A prática da caridade no sentido do amor fraterno é uma das características principais da Umbanda Crística. Damos de graça o que de graça recebemos.

- Incentiva o estudo e a realização do Evangelho no lar.

- Promove a realização de evangelização para os médiuns e para os assistidos.

- Tem como trabalho essencial, em todas as Sessões de Caridade e de Educação Mediúnica, os Descarregos (desobsessão). Em nossas Sessões temos a preocupação de curar os obsediados e/ou os perturbados.

- Sem cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei) ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antônio manifestado em Zélio de Moraes: *"Festa é fazer Caridade".* Em datas específicas, privadas, efetuamos "Sessões de Reverência" *("Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado")* aos Poderes Reinantes do Divino Criador (Sagrados Orixás), ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas através da realização do Rosário das Santas Almas Benditas para o reverenciado, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos, normalmente.

- Aceitamos a existência dos Poderes Reinantes do Divino Criador, nominados de "Orixás Essenciais" *(Essencial: Que caracteriza, denota o mais relevante; Que é primordial)* os Espíritos Arcangélicos, também conhecidos como Engenheiros Siderais ou Arquitetos Maiores, Mentes Superiores, construtores e responsáveis pelas constelações. Não são deuses, mas sim denominações humanas para uma classe de Hierarquia do Divino Criador.

- Aceitamos a existência dos "Orixás Sustentadores" *(Sustentador: Aquele que ampara, sustenta; mantêm em pé)*, os Anjos Planetários, responsáveis diretos por toda a criação e sustento de tudo no Planeta Terra. São os embaixadores dos "Orixás Essenciais".

- Aceitamos a existência de "Orixás Mediadores" *(Mediador: Que ou aquele que intervém. Intercessor)*, também conhecidos como "Pais de Segredo", os Espíritos Superiores, que são os enviados diretos dos "Orixás Sustentadores". As atuações e posturas arquetípicas dos Espíritos Guias e Protetores na Umbanda, manipulam os reservatórios de energia (Orixás) de cada Linha; por isso as "Sete Linhas de Umbanda" postadas como se fossem Orixás em si; nada mais seriam, do que Poderes Reinantes do Divino Criador, fundamentados por Arcanjos Planetários (Orixás Essenciais), manipulados por Anjos Planetários (Orixás Sustentadores), e, distribuídas com 21 Espíritos Superiores para cada Linha Excelsa (Orixás Mediadores – em número de 147 no total), que comandam Espíritos Guias (Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos), seus enviados, por afinidade fluídica. Isso tudo é para a Umbanda somente.

- Em Umbanda Crística, Orixás Essenciais (Espíritos Arcangélicos), ou Orixás Sustentadores (Anjos Planetários), não se manifestam na fase mediúnica de incorporação. Os que raramente manifestam-se mediunicamente, quando muito necessário, são Espíritos Superiores que nominamos de Orixás Mediadores, que trabalham na "força" Orixá, sendo Seus emissários. Os Guias e Protetores Espirituais, também enviados pelos Orixás, não trabalham na "força" Orixá, mas somente na "Irradiação" Orixá. *"Orixá não se incorpora. São Espíritos que trabalham na sua irradiação, não na sua força. Não são os Orixás que se incorporam, mas são os seus enviados".* (Zélio de Moraes)

- Em Umbanda Crística não há "obrigações" para Orixás;

- Em Umbanda Crística não existe "feitura de cabeça", "fazer o santo", e nem "coroação" de médiuns.

- Em Umbanda Crística não há determinar se alguém é filho deste ou daquele Orixá. Todos somos filhos somente de Deus. Os Sagrados Orixás atuam mais decisivamente devido ao nosso temperamento estar ligado a uma força da Natureza, mudando em cada encarnação, nos auxiliando em nossas falhas (carma) ou graças (darma).

- Em Umbanda Crística a condução e direção dos descarregos e atendimentos fraternos se dá com as Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos.

- Em Umbanda Crística se realiza aplicações de Araporã. Araporã é uma palavra do idioma Tupí é quer dizer: **Ara:** dia, luz, tempo, clima, nuvem, hora, nascer. **Porã:** bonito. Literalmente, Araporã quer dizer: **"Luz Bonita"**. A Luz de Deus, das Santas Almas Benditas a da Mãe Natureza que é emanada pelo nosso amor através das nossas mãos (sem incorporação) para o auxílio ao próximo. O Araporã é um veículo da manifestação do amor de Deus, dos Sagrados Orixás, de Jesus e da Mãe Maria Santíssima, onde através dos Fluidos Universais, dos Fluidos Magnéticos e dos Fluidos dos Elementos da Natureza, proporciona o equilíbrio físico-mental-espiritual. É um sistema de imposição de mãos misto (Guia Espiritual/Médium), da Umbanda Crística. O Araporã é a presença da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente (Linha do Oriente), em ação.

- Aceita os Espíritos tidos como condutores e/ou obreiros de outras filosofias e/ou religiões e seus ensinamentos (Ex: Santos, Kardecistas, Budistas, Hinduístas, etc.), desde que calcados nos princípios crísticos, na razão e no bom senso.

- Aceita primordialmente as obras da codificação kardeciana como fonte de estudos e aplicações, principalmente os: "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns" e o "Evangelho Segundo Espiritismo".

- Aceita os escritos de autoajuda e reforma íntima, desde que calcados nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso (Ex: A série dos livros: "Metafísica da Saúde", Os Livros: "A Doença como Caminho", todas as obras da autora "Louise L. Hay", etc.).

- Faz largo uso de ervas em defumações, em banhos, em amacis, e o uso ritualístico de tabaco.

- Promove concentrações nos sítios vibratórios da Natureza (praias, matas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, etc.), para refazimento energético, harmonizações e captações de energias sublimes.

- Restringe o uso indiscriminado de oferendas e despachos.

- A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas e possíveis despachos demandatórios. A importância magística das bebidas é a manipulação dos elementos em fermentação (lúpulo, cevada, cana, uva, etc.) e não o álcool em si. Não existe manipulação magística na ingestão de alcoólicos.

- Dá ênfase a realização de rezas, orações e principalmente à prática diária do Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas.

- Incentiva o estudo e promove a educação mediúnica, doutrinária e reforma íntima dos médiuns iniciantes, bem como de simpatizantes, reservando 01 dia da semana para tais misteres.

- Semanalmente, um Guia Chefe dá atendimento fraterno aos médiuns que necessitarem.

- Realiza, quando necessário, uma Sessão de Descarrego, privativa para os trabalhadores da Casa.

- A educação mediúnica é efetuada a par de Descarregos (desobsessão), e harmonizações de captação fluídica receptiva mediúnica, onde os que possuem o dom paranormal de incorporação possam ser amestrados. Em processos de incremento mediúnico não são utilizados nenhum subterfúgio para "criar clima catártico", hipnotizando os médiuns com bater intermitente de sinete, adjá, tambor, pandeiro, maracá, atabaque, girar o médium, etc. Também não usamos o subterfúgio do uso de qualquer tipo de beberagem alucinógena e/ou enteógena. Somente são entoados cânticos firmes, ritmados e harmoniosos para a manutenção da corrente vibratória, e a manifestação dos Guias e Protetores Espirituais.

- Nominamos de Congá, todo o salão, o espaço onde ficam os médiuns para os trabalhos mediúnicos e afins *(Congá: Corruptela do termo quimbundo "ngonga" (pronunciado como Gongá), que quer dizer: "cesto; cofre". No antigo reino de Ndongo a palavra "ngonga" designava uma espécie de sacrário onde se guardavam as relíquias da pátria. (Novo Dicionário Banto do Brasil))*. Nominamos de Peji, especificamente o altar onde ficam imagens sacras e algumas firmezas e assentamentos *(Peji, de origem Banto, que dizer: "A morada dos Orixás")*.

- O conjunto dos trabalhos espirituais é classificado de "Sessões" *(Espaço de tempo que dura uma atividade. Período de tempo)*, Utilizamos o termo "Engira", no sentido de "um caminho seguido". O trabalho em si chama-se: "Sessão". O que vai acontecer nesse trabalho chama-se "Engira". Ex: Uma Sessão (período de tempo) com a Engira (caminho) de Caboclos; uma Sessão (período de tempo), com a Engira (caminho) de Pretos-Velhos.

Hoje, na grande maioria dos Terreiros umbandistas utiliza-se o termo "Gira" como designativo de "conjunto dos trabalhos espirituais". Segundo os dicionários, "Gira", quer dizer: *"Ato de girar, de dar uma volta, um passeio. Adoidado, meio louco"*. E "Girar": *"Andar a roda, dar voltas ou giros. Andar de um lado para outro; circular. Vaguear. Lidar, cavar a vida. Fazer rodar, pôr em movimento circular"*. Segundo o sentido etimológico do termo "Gira", se usado para um grupo de pessoas, define o simples fato de um conjunto de indivíduos dando voltas, dançando em círculo intermitentemente, adoidados, meio loucos. Portanto, seria um termo muito banal para se referir aos trabalhos dos Guias Espirituais dentro de um Terreiro de Umbanda, pois eles não ficam vagueando, dando voltas, e muito menos ficam girando como loucos. Guias Espirituais "descem em terra" somente para ensinar ou fazer a caridade. "Gira", é um termo trivial surgido na Macumba, e erroneamente continuado na Umbanda. É uma adulteração do termo "Engira", que é uma corruptela dos termos kikongo *"nzila"*, e do kimbundo *"njila",* que literalmente quer dizer: *"*Caminho".

"(...) Na Cabula a reunião dos camanás formava a Engira. Esta palavra igualmente, com a sílaba "en" sincopada, se perpetua na Macumba. "Gira" é um dos termos usados para designar uma cerimônia cultual da Macumba. É possível que na Macumba e Umbanda a hodierna expressão proceda da "Engira Cabulística", assim como aproximada do verbo português "girar", andar à roda, mover-se circularmente, rodopiar, porque as duas modalidades comportamentais verificavam-se no antigo ritual da Macumba. O ritual se desenvolvia com os adeptos dançando e "girando" num grande círculo, uns após os outros, em fila indiana, como ainda hoje se vê em alguns Candomblés e Sessões de Umbanda com influência afro, realizadas nas matas, como presenciamos várias vezes. A segunda acepção da palavra "girar": — rodopiar — girar sobre si próprio, também se ajusta às umbandas com influência afro, porque assim se comportam seus adeptos, quando entram em estado de transe. Rodopiam cambaleando, seguindo a fenomenologia precursora do transe, assim como o fazem, quando já "possuídos" pelas "entidades"(...)". (Valdeli Carvalho da Costa com adaptações do autor)

Também encontramos o termo “gira” em vários pontos cantados, que na realidade deveria ser “Engira”, sempre como designativo de “caminho”.

- Observamos com muita atenção, a seguinte orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas: *“São três os perigos que ameaçam o médium: 1º) A vaidade; 2º) O assistido e a médium mulher para o médium homem e vice-versa; e, 3º) E o dinheiro. A vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior”.*

- A Umbanda Crística dá ênfase à educação da corrente mediúnica quanto à questão da “predisposição sensual incontida”, onde os médiuns, inadvertidamente, caem pelo “fator sexo”, entre irmãos, dirigente e/ou assistidos, fato considerado escabroso e escuso, jamais aceito pelos Guias e Protetores Espirituais, e se ocorrer, provocará a queda do médium com o afastamento dos Guias e Protetores Espirituais.

- Para militar como médium umbandista, a Umbanda Crística dá ênfase a Moral, que nada mais é do que um conjunto de virtudes, adquiridas no estudo e aplicação sistemáticos do Evangelho Redentor, a retidão de caráter e os princípios crísticos dos médiuns, para que possam ter mediunidades positivas.

- Atua mediunicamente, e somente, com as roupagens fluídicas arquetípicas regionais de apresentação, assim classificados:

Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e suas Linhas Auxiliares:

- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos Sertanejos (Caboclos Boiadeiros e as Caboclas Rendeiras).

- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos D´Agua (Caboclos Marinheiros, Caboclos Marujos, Caboclos Caiçaras, Caboclos Barqueiros, Caboclos Pescadores, Caboclos Canoeiros, etc., e as Caboclas Lavadeiras).

Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos e sua Linha Auxiliar:

- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Baianos.

Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Crianças.

Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Magos Brancos do Oriente e sua Linha Auxiliar:

- Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Curadores.

Linha Secundaria de Trabalhos Espirituais dos Protetores Ciganos.

Em Sessões de Caridade com a engira de Guias Caboclos da Mata e/ou Guias Pretos-Velhos, em algumas exceções e precisão, as Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais dos Protetores Baianos, dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D´Agua e a Linha Secundária dos Protetores Ciganos, atuam nas Sessões de Caridade integradas às Linhas Mestras, não havendo sessões privativas para eles.

Atuam quando necessário, auxiliando os Guias Caboclo da Mata e os Pretos-Velhos, em processos vibratórios, para aliviar, desoprimir, libertar ou descarregar um assistido; efetuado o trabalho, o Guia Caboclo da Mata ou o Preto-Velho do medianeiro retorna, e continua seus afazeres.

A Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Guias Magos Brancos do Oriente (Linha do Oriente) atuam quando acham necessários, mas, somente para palestras elucidativas e orientações vocativas, mediúnicas, evangélicas e doutrinárias; a Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Curadores se faz presente 01 vez por semana em Trabalhos caritativos de cura.

A Linha Sublime dos Guias Crianças atuam somente em congraçamentos, quando clamadas. Quando necessário, atuam nas Sessões de Caridade, auxiliando os Guias Caboclos da Mata e/ou os Pretos-Velhos, em processos vibratórios, para aliviar, desoprimir, libertar ou descarregar um assistido; efetuado o trabalho, o Guia Caboclo da Mata ou o Guia Preto-Velho do medianeiro retorna, e continua seus afazeres.

Todas as Sessões de Caridade são dirigidas exclusivamente por Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos.

Corrente de Trabalhos Espirituais das Sereias e dos Tritões

São Espíritos (não são elementais) ligados ao magnetismo marinho que manifestam-se em grupo, procedendo a descarregos e desagregações mais pesadas. Os Tritões são a contraparte masculina das Sereias. Eles vêm por ordem da Mãe Yemanjá.

Corrente de Trabalhos Espirituais das Yaras

São Espíritos (não são elementais) ligados ao magnetismo dos rios, riachos e cachoeiras. São também conhecidas como “ninfas da água – sereias dos rios”. Manifestam-se em grupo, procedendo a descarregos e desagregações em processos psicológicos de toda ordem. As Yaras vêm por ordem do Pai Oxossi.

Quando necessário, as “Correntes de Trabalhos Espirituais” são as que manifestam-se mediunicamente somente em descarregos e desagregações, mas não procedem a consultas. Não utilizam roupagem arquetípica. São o que são.

Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Semirombas (Santos (as), padres, freiras, Mestres Ascencionados e todos os Espíritos cujas vidas foram e são devotadas a evangelização, rezas, orações e práticas caritativas)

Na Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Semirombas, encontram-se todos os Espíritos abnegados que seguem os preceitos universais crísticos, principalmente de Jesus, semeando a evangelização, o amor, a caridade, a união, a fraternidade, a esperança, o perdão e a oração. São os Mestres da evangelização, da reforma íntima e da caridade.

Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Sakáangá (benzedoras, benzedores, rezadeiras, rezadeiros e parteiras)

Os Sakáangás são Espíritos que atuam concomitantemente com as rezas e orações, de onde utilizam suas poderosas energias mentais para seus trabalhos de cura, descarregos e principalmente para que possam auxiliar os Espíritos perturbadores de toda ordem. A Irmandade de Trabalhos Espirituais dos Sakáangás é composta por Espíritos Mestres da magia mental, rezas, orações e benzeções.

Os Espíritos quando em trabalho nas “Irmandades de Trabalhos Espirituais dos Semirombas e dos Sakáangás” não atuam na fase de “incorporação” mediúnica. Só nos dão sustentação vibratória e se fazem presentes quando se realiza evangelização, perdão, reforma íntima, rezas, orações, benzimentos e principalmente no Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas.

Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda (Guardiões e Amparadores)

A Umbanda Crística nomina de Tarefeiros (subdivididos entre Guardiões e Amparadores), os Espíritos recém egressos do Reino da Kimbanda (trevas humanas), recrutados, e que já estão totalmente integrados na Lei de Umbanda em trabalhos caritativos onde forem ordenados. Deixamos de usar os termos “Exu e Pomba-Gira” pelo fato de serem nomes que, infelizmente, como o passar do tempo, tomaram conotação muito negativa, sendo, pela maioria da população brasileira, reconhecidos como: baderneiros, madraços, malandros, demônios, feiticeiros, arruaceiros, drogados, beberrões, prostitutas, imorais, etc.

Tanto é verdade que os próprios umbandistas quando querem se referir aos Falangeiros integrados à Lei da Umbanda, não falam só: Exus e Pombas-Gira, mas sim: "Exus e Pombas-Gira da Lei", por falta de uma outra nomenclatura.

Na Umbanda Crística, a Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda atuam mediunicamente em processos demandatórios, trabalhos de defesa e desmanches de magias negras.

Por determinação da diretoria espiritual da Umbanda Crística, não são realizadas Sessões especificas com os Tarefeiros, e nem procedem a atendimentos fraternos públicos. Por isso não é considerada uma "Linha de Trabalho Espiritual". Em Sessões de Caridade, em algumas exceções e precisão, com anuência e fiscalização do Guia Chefe, algum Espírito da Falange dos Tarefeiros da Umbanda pode se fazer presente num médium, isoladamente, mas somente para processos demantatórios, sem contudo, proceder a atendimentos. Suas presenças são discretíssimas, não sendo muitas vezes reconhecidos pelos assistidos. Efetuado o trabalho, o Guia Espiritual do medianeiro retorna, e continua seus afazeres.

A Umbanda Crística dá ênfase a questão de que Guias e Protetores Espirituais não "vem em terra" só para bebericar, dançar, rodar, jogar conversa fora, brincadeiras, demonstrações circenses, fortificar mediunidades ou quaisquer atitudes pueris. Somente manifestam-se espiritualmente para instruções doutrinárias, e/ou para práticas humanitárias.

- **A Umbanda Crística trabalha integrada às "Sete Linhas Excelsas de Umbanda", assim nominadas:**

  1) Linha Excelsa de Oxalá;
  2) Linha Excelsa de Ogum:
  3) Linha Excelsa de Oxossi;
  4) Linha Excelsa de Xangô;
  5) Linha Excelsa de Yemanjá (as entidades femininas de Nanã Buruquê e de Oxum se apresentam e trabalham dentro desta Linha);
  6) Linha Excelsa de Yansã; e,
  7) Linha Excelsa de Santo (também chamada de "Linha das Almas"), dirigida e inspecionada por Omulú/Obaluaê.

Obs.: Durante todo o discorrer dos Módulos I, II, III, e IV, estaremos explicando de forma mais abrangente, tudo o que dissemos acima. No Módulo III, estarão as explicações sobre os Sagrados Orixás, os Guias e Protetores Espirituais e os Tarefeiros. É só ler e observar com atenção. Não leia somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele trecho. Leia todos os compêndios do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Esclarecimento:

Quando se diz praticar a Umbanda Crística, baseada nos ensinamentos e práticas orientadas pelo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, imediatamente, os inconformados nos dizem estarmos praticando uma "Umbanda Católica". Se aceitamos os ensinamentos da codificação kardeciana ou algumas literaturas pscografadas por médiuns kardecistas, imediatamente, os mesmo inconformados nos tacham de estarmos praticando uma "Umbanda Kardecista". Interessante isso.

Quer dizer então que ser crístico é somente acreditar em Jesus, mas ignorar e não praticar Seus ensinamentos? Seguir e praticar o Evangelho Redentor quer dizer ser católico, ou evangélico? Seguimos as orientações calcadas no Pentateuco Kardequiano, principalmente no "Livro dos Espíritos", no "Livro dos Médiuns" e no "Evangelho Segundo o Espiritismo"; não praticamos a Religião Kardecista. Esqueceram-se que somos da Religião de Umbanda, crística por natureza, mas, uma modalidade de Espiritismo? (A questão da Umbanda ser uma "Modalidade de Espiritismo", está explicitada neste Módulo, no capítulo "POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?")

Muitos irmãos inconformados querem a todo custo que todos sigam e preguem incondicionalmente àquilo que suas mentes acreditam e aceitam, por achismos, ser a Umbanda verdadeira, mas, não se dão ao luxo de estudarem e analisarem a luz da razão e do bom senso, o que outros também acreditam.

Se fosse assim então, poderíamos também dizer que esse ou aquele pratica uma Umbanda Africana, uma Umbanda Cigana, uma Umbanda Oriental, etc. Não nos esqueçamos que a Umbanda é eclética e aproveita tudo o que é bom da Espiritualidade positiva praticada em várias religiões; mas sua religiosidade primordial é calcada em Jesus e nos ensinamentos crísticos.

Se fossemos então retirar cada contribuição religiosa positivíssima que a Umbanda recebeu, somente por acharmos inconveniente ou mesmo não gostarmos, com certeza, o que somente existiria não seria Umbanda, mas sim, cultos estranhos particulares. Seria tão somente mediunismo. Só temos que ter cuidados para não trazermos para a Umbanda aquilo que fere as "Linhas Mestras" de seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, os ensinamentos crísticos, à razão e o bom senso.

Relembrando Ramatis: *"Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto".* Readaptando um aforismo do Espírito Miranez: *"Toda doutrina, culto ou filosofia religiosa que combate o tipo de fé de outra, é por não estar seguro da sua".*

Nós, do "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista" praticamos e propagamos a modalidade Umbanda Crística, primordialmente calcada no Evangelho Redentor de Nosso Senhor Jesus Cristo, nos ensinamentos dos Espíritos na codificação kardeciana, com aceitação doutrinária do conhecimento Uno preconizada pelo universalismo espiritual, ensinada pelos Espíritos Crísticos, e fundamentada nas "Linhas Mestras" preconizadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, tudo fundamentado na razão e no bom senso.

Após instituir a Umbanda Crística, recebemos dos Guias Espirituais, ordens para abrirmos uma escola onde fossem professados os ensinamentos doutrinários da Umbanda Crística. Assim, idealizamos o "Educandário da Umbanda Crística".

EDUCANDÁRIO DA UMBANDA CRÍSTICA

Primeiramente, vamos entender o que é um Educandário.

- Educandário: *"Estabelecimento em que se ministra educação. Escola".*

O QUE É O EDUCANDÁRIO DA UMBANDA CRÍSTICA

O Educandário da Umbanda Crística é um ideal de vivência umbandista consubstanciado em um programa de trabalho e fraternização.

O Educandário da Umbanda Crística, em si mesmo, não é uma nova sociedade umbandista nem representa divisão ou competição em relação a quaisquer instituições ou sistemas, mas sim uma realização simples, honesta e positiva de fraternização integrada para se efetivar o ideal de vivência crística na comunidade dos adeptos, com desprendimento e humildade. Estas são as bases que assegurarão sua sobrevivência e crescimento.

Quais são suas finalidades

- Tornar efetivo o ideal de vivência crística na comunidade de seus adeptos.
- Difundir pelos meios que julgar conveniente a Umbanda Crística, como revivescência na atualidade, do preconizado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, os ensinamentos crísticos, agremiando em torno dessa finalidade instituições umbandistas que comunguem os mesmos ideais.
- Propugnar pela criação e funcionamento nos Grupos Integrados, de Escolas de Doutrina Umbandista, de Cursos de Educação Mediúnica e de Assistência Espiritual nos termos estabelecidos pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em caráter gratuito, aberto e livre de quaisquer restrições ou discriminações.
- Estimular a aplicação dos programas de Movimento Juvenil e Infantil Umbandista nos seus Centros Integrados.

O Educandário da Umbanda Crística também é uma escola iniciática. Vamos entender:

- Iniciático: *"Relativo à iniciação".* Iniciação: *"Ação de dar a alguém as primeiras noções de certas coisas que ignorava".*

As Escolas Iniciáticas, são também denominadas Escolas de Mistérios, palavra que deriva do termo grego *"muô"*, que quer dizer cerrar os lábios. *"Mistae"* eram chamados os iniciados gregos, significando, "*os de lábios selados*". Assim, podemos dizer que iniciar é o mesmo que revelar, ou desvelar os Mistérios.

ESCOLAS INICIÁTICAS

(...) Um antigo professor ensinava que deveríamos responder a seis questões básicas para termos uma noção básica de qualquer assunto. Empregaremos esta técnica para tratar das escolas iniciáticas.

O QUE É UMA ESCOLA INICIÁTICA?

Embora haja escolas de ensino profissionalizante, arte, engenharia, etc., o tipo de escola a que nos referimos não serve apenas para se aprender, mas também para que as pessoas mudem o seu nível de ser, tornem-se diferentes.

Escolas iniciáticas são organizações para transmitir, a pessoas preparadas, o conhecimento oriundo de mentes superiores. Além dessa característica essencial, há o fato de que só pessoas com determinada preparação e grau de compreensão farão progresso numa verdadeira escola. Uma escola, embora possa estar aberta a todos, poucos se interessarão por ela. O estágio das escolas depende da preparação e do nível de ser dos seus alunos. Quanto mais elevado, maiores serão as exigências feitas aos adeptos. Mas, mesmo nas escolas com menos exigências, o começo do trabalho já exige certa preparação. Não podemos passar diretamente da nossa vida habitual para a escola. Mesmo que uma escola faça tudo que seja possível para dar algo a um homem, se este não souber como apreendê-lo, ele nada poderá conquistar.

O homem sempre pensa que sabe. Ao entrar então em contato com uma escola iniciática, dá-se conta de que sabe muito menos do que pensa que sabe.

PORQUE AS ESCOLAS INICIÁTICAS?

Há uma graduação infindável entre os Espíritos mais evoluídos, próximos do Criador, e a nossa escala humana. O conhecimento que vem de seres de mente superior só pode ser transmitido a um número muito limitado de pessoas simultaneamente. Sem observar uma série de condições definidas, o conhecimento não pode ser transmitido corretamente, sem distorções.

PARA QUEM É A ESCOLA INICIÁTICA:

A maioria das pessoas não julga que as escolas iniciáticas lhes são necessárias. Elas o são apenas aos que se deram conta de que o conhecimento reunido pela inteligência ordinária é insuficiente e sentiram que, sozinhos, com a sua própria tenacidade, não podem resolver os problemas que os rodeiam nem descobrir o caminho certo. A grande maioria está convicta de já possuir as condições necessárias à sua evolução espiritual, e não crê que seja preciso buscar o que acredita já possuir. Assim, seria contrariar o livre-arbítrio, impor escola a quem não a quer.

COMO?

A transmissão do conhecimento exige esforços de quem o recebe e de quem o transmite. Para que isto ocorra, a escola iniciática torna possíveis tais esforços, de acordo com um plano elaborado há muito tempo. As escolas não podem ter nada arbitrário e improvisado. Mas podem ser de tipos diferentes, correspondentes a diferentes caminhos.

A condição ideal de existência de uma escola é propiciar um desenvolvimento simultâneo do conhecimento (saber) e da moral (ser). O desenvolvimento de um sem o correspondente desenvolvimento do outro acarreta resultados muito limitados, porque há poucas possibilidades de evoluir sem uma escola de iniciação.

QUANDO?

Quando o ser se desilude dos apelos da materialidade e anseia por encontrar o que preencha seu vazio espiritual, se iniciar uma busca incessante, acontecerá o dito “procura e acharás”; pois “quando o discípulo estiver pronto o mestre aparece”. É necessário estar preparado para entender o início do processo, quando nos damos conta de nosso estado, e de que é necessária ajuda para mudar.

Só podemos entrar em uma escola quando estamos preparados para perder (abrir mão de apelos da materialidade), porque a escola é também disciplina. Disciplina no sentido de fazer o que não queremos (isto é, nos contrariar), mas que nos é necessário Lembremos Paulo em Romanos 7:16 - *“E, se faço o que não quero, reconheço que a lei é boa”*.

Embora com iguais oportunidades de ingressar em uma escola, alguns acumulam experiências e estão preparados para a mudança e outros não. Mesmo os que estão preparados, precisam de ajuda e têm que fazer grandes esforços.

PARA ONDE LEVAM AS ESCOLAS?

Uma escola pode ajudar os homens que estão cansados de ser prisioneiros da materialidade e ensinar-lhes como isso pode ser feito. Sem as escolas iniciáticas, as possibilidades de transformação do homem velho em homem novo praticamente inexistem.

(http://principal.inf.br/wordpress/wp-content/uploads/2011/08/ESCOLAS-INICI%C3%81TICAS-PRE-ESTUDO 01.pdf)

A formação iniciática de um médium é um período de transformação interior, onde receberá instruções sobre cada aspecto doutrinário, espiritual e simbólico de toda temática umbandista, a fim de prepará-lo para a grande jornada mediúnica evolutiva espiritual. Após cada Caminho, o médium efetuará um ritual iniciático (conforme o Caminho lhe será aplicado um Amaci específico; exemplo: Amaci Propiciatório, Amaci de Elevação, Amaci de Vitalização, Amaci de Consagração, Amaci Litúrgico, etc.), que o ligará ao Caminho ascendido, a fim de se haver uma junção mental/espiritual que fará com que o médium se predisponha a sua evolução.

Que fique bem claro que estas iniciações são materiais e espirituais, onde deverá ter um esforço grande por parte do médium, que utilizará seu livre arbítrio a fim de que com seu amor e abnegação, consiga galgar os Caminhos Iniciáticos, que só lhe serão conferidos após realmente mostrar seus reais objetivos, mudanças e intenções pelo estudo e dedicação.

Existe todo um caminhar iniciático espiritual e terreno, preparatório, que o capacitará para a sua vida mediúnica.

Somente serão conferidos os Caminhos aos médiuns que forem assíduos presencialmente, bem como ter aprendido todos os procedimentos doutrinários e ritualísticos. No aprendizado doutrinário, haverá avaliações de capacitação.

Os médiuns que forem relapsos, tanto na questão presencial quanto no aprendizado doutrinário e ritualístico, não sairá do Caminho que já alcançou.

A cada Caminho alcançado pelo médium será anotado em sua ficha cadastral, bem como receberá um "certificado" com a chancela do Terreiro, atestando sua iniciação. Se o mesmo for para outra Casa e esta tiver o mesmo procedimento iniciático, poderá provar a sua graduação, e já iniciar o trabalho espiritual de onde parou.

A contar da data da primeira iniciação, o médium deverá adquirir os livros doutrinários referentes à Doutrina Umbandista, a qual deverá estudar e será avaliado para prosseguir em todas os Caminhos.

A cada Caminho que o médium estiver, usará um distintivo em cor específica, tendo bordado em cor preta a nomenclatura em que o médium se encontra, que será usado por sobre o uniforme, na manga, na altura do ombro esquerdo.

Em todos os Caminhos, a cada aula, será dedicada meia hora para o estudo do Evangelho e Reforma Íntima.

Os Caminhos são os seguintes:

OS CAMINHOS EXOTÉRICOS

Exotérico: *"Refere-se aos ensinamentos transmitidos publicamente, sem restrições".*

- **1º CAMINHO – MÉDIUM NEÓFITO (MN)**

Neófito: "Novo adepto de uma doutrina. Principiante, novato".

Não usam distintivos.

Depois de admitido, o neófito passará a frequentar o curso para iniciantes. Iniciarão os aprendizados na seguinte ordem.

- **O que é Umbanda**. Os ensinamentos serão divididos em 06 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: "Umbanda – A Manifestação do Espírito para a Caridade"; autoria: Padrinho Juruá.

- **As Rezas e Orações**. Os ensinamentos serão divididos em 02 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: "O Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas"; autoria: Padrinho Juruá.

- Já no 3º mês, o médium neófito será convidado a participar como membro ativo em serviços externos (cantina, fiscalização, portaria), ou seja, serviços que não tem vínculos com atendimentos espirituais.

- No 8º mês iniciará o aprendizado sobre os **Pontos Cantados**. Os ensinamentos serão aplicados em 1 módulo, com duração de 01 mês. É o método onde aprenderemos à importância e a utilização dos cânticos de poder, também conhecidos como – "pontos cantados".

- No 09º mês, iniciará o estudo da "Arte de Cambonar", com duração de 01 mês.

Finalizando todo o processo, que tem duração de 01 ano, assiduamente, bem como avaliado doutrinariamente, o médium neófito será preparado, galgando a graduação de Cambono de Amparo.

- **2º CAMINHO – CAMBONO DE AMPARO (CA)**

Amparo: "Auxiliar, proteger, suster, sustentar".

Distintivo na cor Verde

Sãos os médiuns que já estão preparados para a arte de cambonar. Os médiuns que não possuem o dom paranormal da "incorporação" (pode ser temporário) são classificados como: CA. Não atingirão os caminhos onde será exigido que seja médium de incorporação, mas, poderão fazer todos os cursos e se inteirarem dos ensinamentos. Iniciarão os aprendizados na seguinte ordem.

- **O Estudo da Mediunidade.** Os ensinamentos serão divididos em 06 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: "Estudo da Faculdade Paranormal da Mediunidade – autoria de: Luiz Antonio Brazil"

Livros de aporte doutrinário: "O Livro dos Espíritos", e **"O Livro dos Médiuns"**, ambos de Allan Kardec.

- **O Sistema de Imposição de Mãos**. Os ensinamentos serão divididos em 2 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: "Araporã – A Cura pelo Amor": autoria: Padrinho Juruá.

- **Os processos de Descarrego (desobsessão)**. Os ensinamentos serão divididos e 02 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: "O Trabalho de Descarrego na Umbanda" – Padrinho Juruá. É obrigatório para os mediuns com o dom paranormal de "incorporação".

Ficarão como – CA – pelo o período de 01 ano.

Finalizando todo o processo, assiduamente, devidamente avaliados doutrinariamente, o Cambono de Amparo que tiver o dom paranormal de "incorporação" serão preparados, galgando a graduação de Cambono de Descarrego.

- **3º CAMINHO – CAMBONO DE DESCARREGO (CD)**

Descarrego: "Aliviar, desoprimir, libertar, desabafar, desafogar"

Distintivo na cor Vermelha

São os médiuns que estão em processo de desenvolvimento mediúnico. Na Umbanda Crística, os médiuns com o dom paranormal de "incorporação" procedem ao seu amestramento mediúnico em trabalhos caritativos na "Mesa de Descarrego", em desobsessões. Iniciarão os aprendizados na seguinte ordem:

- **Banhos Ritualísticos**. Os ensinamentos serão aplicados em 1 módulo. Material adotado: Livro: "O Caminho dos Banhos que Curam"; autoria: Padrinho Juruá. É o método onde é utilizada a cura em todos os níveis através de banhos ritualísticos com ervas. É a cura pela transferência dos elementos da Natureza para o nosso corpo.

- **Defumações**. Os ensinamentos serão aplicados em 1 módulo. Material adotado: Livro: “O Caminho da Defumação que Cura”; autoria: Padrinho Juruá.

- **O uso ritualístico do Tabaco**. Os ensinamentos serão divididos em 02 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: “O Caminho do Tabaco que Cura”; autoria: Padrinho Juruá.

- **O uso ritualístico do Fogo**. Os ensinamentos serão efetuados em 01 módulo. Material adotado: Livro: “O Caminho do Fogo que Cura”; autoria: Padrinho Juruá.

- **Sistemas de Passes Mediúnicos**. Os ensinamentos serão divididos em 3 módulos (01 por mês). Material adotado: “O Caminho dos Benzimentos que Curam”; autoria: Padrinho Juruá. Só poderão fazer os médiuns com o dom paranormal de incorporação.

Os médiuns com o dom paranormal de “incorporação” ficarão em trabalhos de Descarregos, iniciando ai seu desenvolvimento mediúnico. Entre os descarregos, dará passividade primeiramente para Caboclos e Pretos-Velhos. Após certo período começarão a dar passividade às Linhas Auxiliares, Falanges e Correntes de Trabalhos Espirituais.

Finalizando todo o processo, assiduamente bem como avaliado doutrinariamente, o Cambono de Descarrego será preparado, galgando a graduação de Cambono Passista.

Desde o 2º Caminho, e, principalmente no período do 3º Caminho, os que possuem o dom paranormal de psicofonia, deverão realizar trabalhos de aplicações de Araporã, para depois serem iniciados em Passistas, e posteriormente em Cambonos Medianeiros procedendo a atendimentos fraternos.

Ficarão como – CD – pelo período de 01 ano.

- **4º CAMINHO – CAMBONO PASSISTA (CP)**

Passista: “Aquele que ministra o passe”. Passe: “Ato de uma pessoa passar as mãos ao longo do corpo de outra, com o propósito de atuar sobre ela com fluidos mediúnicos, magnéticos etc.”.

Distintivo na cor Azul Escuro

São os que já estão gabaritados para ministrarem passes mediúnicos. Iniciarão os seguintes aprendizados na seguinte ordem:

- **Os Guias e Protetores Espirituais**. Os ensinamentos serão divididos e 02 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: “Guias e Protetores Espirituais – Os Espíritos Tutelares Militantes na Umbanda”; autoria: Padrinho Juruá.

- **Os Tarefeiros**. Os ensinamentos serão divididos em 02 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: ”A Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda – Simbolismos e Funções”; autoria: Padrinho Juruá.

- **O Código de Ética**. Os ensinamentos serão divididos em 02 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: “O Código de Ética dos Médiuns de Atendimento Fraterno Umbandista”; autoria: Padrinho Juruá.

Ficarão como – CP – pelo período de 06 meses.

Todos os médiuns que possuem a dom paranormal de “incorporação” deverão chegar até o caminho seguinte, que é o de – CM – Cambono Medianeiro.

- **5º CAMINHO – CAMBONO MEDIANEIRO (CM)**

Medianeiro: “Mensageiro ou aquele que está entre o mundo dos Espíritos e os homens”.

Distintivo na cor Azul Claro

São os que irão ser preparados para o atendimento fraterno. Iniciarão os aprendizados na seguinte ordem:

- **Metafísica da Saúde.** Os ensinamentos serão divididos e 04 módulos (01 por mês). Material adotado: Livro: "Metafísica da Saúde"; autoria: Valcapelli e Gaspareto.

Durante os 03 meses restantes, receberão noções sobre:

• **O uso ritualístico das oferendas** • **Os pontos riscados** • **Os mantras** • **O uso ritualístico das águas** • **O uso ritualístico dos pós**	• **O uso ritualístico das fitas e dos nós** • **O uso Ritualístico dos patuás** • **O uso ritualístico das flores** • **O uso ritualístico das pedras**

Ficarão como – CM – pelo período de 2 anos.

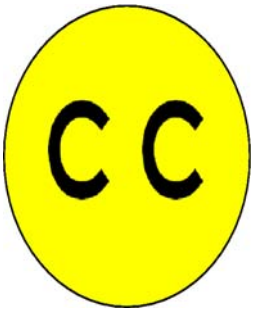
É nesse caminho que definiremos os médiuns que querem e a real possibilidade de serem Dirigentes de Terreiros. Esses prosseguirão nos caminhos seguintes. Os que não se interessarem ou não terem autorização da Cúpula Astral de Umbanda para dirigirem um Terreiro, ficarão como: CM, não tendo acesso às iniciações aos 6º e 7º Caminhos Esotéricos.

OS CAMINHOS ESOTÉRICOS

Esotérico: *"Refere-se aos ensinamentos transmitidos a círculo restrito e fechado ao público"*

- **6º CAMINHO – CAMBONO COORDENADOR (CC)**

Coordenador: Pessoa incumbida de orientar, harmonizar, coordenar os trabalhos de um grupo.



Distintivo na cor Amarela

São os médiuns preparados para a condução ritualística, doutrinária e disciplinar de todo o Terreiro. Estão se preparando para Escola de Comando. São médiuns gabaritados a ministrarem os ensinamentos da Doutrina Umbandista para todos os outros Caminhos. Devem focar em obter experiências sbre a doutrina, ritualística e disciplina dos trabalhos espirituais e se preparar para aprender a comandar Sessões.

Iniciarão o aprendizado na seguinte ordem:

- **Evangelizadores.**
- **Preparação para Dirigente de Terreiro de Umbanda.**

O CC assessorara o DCT em todos os procedimentos, bem como o substituirá nas funções do Terreiro em seus impedimentos.

Ficarão como – CC – pelo período de 01 ano.

- **7º CAMINHO – DIRIGENTE COMANDANTE DE TERREIRO (DCT)**

Dirigente: Gerir, administrar, ter a direção de. Governar, comandar

Distintivo na cor Violeta

São os médiuns Dirigentes Comandantes de Terreiro. São os médiuns dirigentes de Sessão e devem orientar todos os irmãos que estiverem percorrendo os outros Caminhos Iniciáticos.

O Dirigente Comandante de Terreiro é um Iniciador, que tem como Guias Espirituais entidades de Comando Espiritual e Doutrinário da instituição e é auxiliado pelo CC (Cambono Coordenador).

O DCT assessorara o DPT em todos os procedimentos, bem como o substituirá nas funções do Terreiro em seus impedimentos.

Todos os integrantes do Alto Comando de um Templo Umbandista (CC e DCT) serão juramentados, isto é, prestarão juramento de honra e fidelidade ao Comando Espiritual da instituição e perante as suas respectivas Entidades Espirituais para assumirem tal responsabilidade.

DIRIGENTE PRIMAZ DO TERREIRO

Primaz: Que ocupa o primeiro lugar.

Distintivo na cor do Arco Íris

Direção total do Terreiro.

Todo o corpo doutrinário do Educandário da Umbanda Crística está sendo implantado homeopaticamente, e poderá demorar alguns anos para que se torne efetivo, prático e definitivo, podendo, portanto, sofrer alterações, para sua melhor efetividade.

AOS IRMÃOS DE OUTRAS MODALIDADES UMBANDISTAS ESCLARECEMOS

A doutrina umbandista se baseia na crença em Deus, na existência da alma, na pluralidade de mundos habitados e na comunicação entre Espíritos e homens. Isso é possível a pessoas de diferentes religiões e mesmo sem religião definida.

No entanto, em o "Livro dos Espíritos", os mensageiros de luz já ensinam que Jesus é o modelo de Espírito puro, o mais elevado que já encarnou na Terra. Seus ensinamentos morais, comentados em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", são o roteiro seguro para a perfeição da alma.

De acordo com as revelações espirituais Jesus está à frente de uma equipe de Espíritos elevadíssimos (os Sagrados Orixás Essenciais e Sustentadores) responsáveis pela criação de nosso planeta. Ele, como enviado do Cristo Planetário, é o Guia da parcela da humanidade universal que constitui a população espiritual (encarnada e desencarnada) da Terra.

Para sermos umbandistas, primeiramente é mister colocarmos em prática as orientações de Jesus ensinadas em Seu Evangelho Redentor para alcançarmos a vida em abundância que ele nos prometeu.

Diferentemente do catolicismo, do protestantismo, dos pentecostais e dos neo-pentecostais, não vemos Jesus como Deus, nem encontramos nas Escrituras qualquer afirmação dele que permita essa interpretação. Ao contrário, lemos: *"Aquele que me enviou (...), o Pai é maior que eu (...), nem o filho o sabe, mas somente o Pai (...)"* e muitas outras passagens em que ele deixa claro sua subordinação a Divino Criador.

Então, o umbandista segue fielmente os ensinamentos de Jesus, não por considerá-lo como Deus e que será salvo por essa forma particular de crença, mas por edificar sua casa sobre a rocha, ouvindo suas palavras e as cumprindo. Como ele disse ao fariseu: *"faze isto e viverás"*.

Consideramos a Umbanda, uma religião crística e brasileira. Não somos católicos e nem kardecistas, mas aceitamos alguns Santos católicos e seus exemplos de vida cristã, bem como alguns mentores kardecistas e seus ensinamentos e mensagens edificantes.

O Evangelho nos ensina: *"Examina tudo e retém o que é bom* (Ts 5.21)*"*. Qual é a melhor das religiões para que possamos segui-la? Aceite tudo o que é bom e rejeite tudo o que é mal; eis a melhor das religiões.

"A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável. A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião". (Dalai Lama)

"A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus. Mas o homem não chega a Deus enquanto não se fizer perfeito. Toda religião, portanto, que não melhora o homem, não atinge a sua finalidade. Aquela em que ele pensa poder apoiar-se para fazer o mal é falsa ou foi falseada no seu início. Esse é o resultado a que chegam todas aquelas em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos símbolos exteriores é nula, quando não impede os assassinos, os adúlteros, as espoliações, as calúnias e a prática do mal ao próximo, seja qual for. Ela faz supersticiosos, hipócritas, fanáticos, mas não homens de bem". (Jota Alves de Oliveira)

"A religião verdadeira é aquela que enternece os corações, fala às almas orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois onde há liberdade, aí reina o Espírito do Senhor". (Paulo, apóstolo, II aos Coríntios, 3:7)

"Acima das diferenças doutrinárias, deve prevalecer o sentimento de fraternidade universal, independente de qualquer religião. Não há religião superior à outra, não há doutrina superior a outras doutrinas. A questão é de consciência, de estágio experiencial (...) O importante é que o homem se torne melhor na religião que abraçou. Se for cristão, que se apóie nas práticas de Jesus, e viva Seu Evangelho de luz (...). Estamos a favor da Causa Maior, operando em nome de Deus, ou estamos usando a religião como um trampolim da nossa vaidade e do nosso orgulho, a fim de projetarmo-nos aos olhos da sociedade?" (Gandharananda Shanti)

O umbandista é aquele, pois, que procura seguir os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, já que busca a vivência do seu Evangelho. A Umbanda estuda e propaga o Evangelho Redentor, tendo Jesus com pilar central, e o Cristo Planetário como Mestre Supremo.

Aceitamos Jesus incondicionalmente e procuramos, assim, nos integrarmos e interiorizarmos Seus ensinamentos em nossas mentes e em nossos corações, pois só assim conseguiremos nos elevar aos páramos da luz.

Jesus disse: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai, senão através de mim"* (João 14, 6). A Umbanda não aceita a salvação do homem através do batismo pela água, mas sim pelo batismo da prática da palavra que Jesus nos deixou, o farol mais seguro para seguirmos e assim alcançarmos a felicidade plena.

Aceitamos a Jesus incondicionalmente, não como o único filho de Deus, mas sim, como nosso irmão amado, Mestre em sabedoria, Pai por carinho, luz de nossas vidas, e Senhor pelo Seu amor. O Filho unigênito de Deus Pai é o Cristo que habita em Jesus.

Jesus para a Umbanda é o médium do Cristo Planetário, o grande luminar de toda a humanidade, pois veio nos trazer, por amor, a libertação através da palavra, dos ensinamentos e de Seus exemplos. Jesus é o governador do planeta Terra.

Aquele que está diuturnamente nos amparando, abençoando, irradiando amor, fé, perdão, bondade, caridade e paz. Jesus é o articulador da Umbanda para o plano terreno. A Umbanda existe atualmente, pela graça e a benção de Nosso Senhor Jesus Cristo.

De nada adianta ficarmos somente em magias, oferendas, simpatias, despachos, descargas, passes; carregarmos patuás, guias; efetuarmos banhos de ervas, defumações, charutos; colocarmos uma roupa branca e somente ficarmos nos Terreiros cantando e dançando. Somente o dia que olharmos de fato para Jesus; aceitá-lo incondicionalmente em nossos corações e interiorizarmos Seus ensinamentos, conseguiremos praticar uma religião de verdade, onde todos se beneficiarão e encontrarão a tão procurada paz. Com Jesus, aí sim, poderemos utilizar todo o arsenal da Umbanda com êxito.

Devemos descer Jesus dos altares, integrá-Lo em nossas vidas, apresentando-O a todos, assim como fazem nossos Guias e Protetores Espirituais. Vamos vivenciar Seus ensinamentos; vamos aplicá-los em nosso dia a dia, principalmente em nossa vida religiosa. E como fazer isso? Estudando, aceitando, vivenciando e propagando o Seu Santo Evangelho. *"De nada adianta andar com Jesus no peito; queremos ver quem tem peito de andar com Jesus".*

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1.908 nos exortou: **"***Os banhos de ervas, os amacis, as concentrações nos ambientes da Natureza,* ***a par do ensinamento doutrinário contumaz, na base do Evangelho****, constituem os principais elementos de preparação do médium. E são severos os testes que levam a considerar o médium apto a cumprir a sua missão mediúnica".*

A Umbanda baseia toda a sua doutrina nos ensinamentos cristicos, principalmente nos do Mestre Jesus, procurando incitar seus adeptos ao estudo e aplicações dos ensinamentos proferidos por Ele.

A Umbanda aceita em seus postulados tudo aquilo que já foi ensinado em questão de espiritualidade pelo mundo afora, desde que sejam conceitos firmados nas verdades eternas, com razão e bom senso, pois aceita como realidade, tudo aquilo que é feito por amor e para o bem. Mas, sua fé, seus postulados, suas leis, seus princípios básicos, sua finalidades são baseados nos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Às vezes, a Umbanda utiliza recursos da magia planetária como uma alavanca para levantar a quem ela procura, mas sua síntese de fé baseia-se, tão somente, na reforma íntima tão necessária à evolução humana. A Umbanda, religião sem mistérios, prega que o homem deve conhecer a verdade a fim de se libertar das amarras da matéria. A Umbanda aceita os ensinamentos de Jesus como o caminho para se chegar ao Pai. A Umbanda aceita Jesus como a Luz do mundo. A Umbanda aceita Jesus como o pão da vida. A Umbanda ama ao próximo. A Umbanda é perdão.

Temos a Umbanda como uma das seguidoras, sustentadoras e aplicadoras dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, o pilar mestre da nossa religiosidade; respeitamos, mas não aceitamos o cristianismo como é ensinado e praticado por muitos religiosos. Temos a nossa maneira de entender e praticar os ensinamentos de Jesus. A Umbanda realiza o Divino propósito de ensinar a existência de um Deus único, mas que se irradia através de Suas Emanações (Orixás), para todos e por todos. A Umbanda não dissocia Deus do homem, mas sim, Integra-o, tornando-nos Um com o Pai. A Umbanda prega a verdade da vida, conscientizando-nos de que todos são irmãos perante Deus, e que tudo o que fizermos, estaremos fazendo ao Pai. A verdade é Cristo atuando em nós.

Se ainda somos escravos das inferioridades, que são a causa das nossas desgraças, das dores, dos sofrimentos, das doenças, tratemos, hoje mesmo, de por em movimento o trabalho de nossa recuperação através de um treino diário de mentalizações e realizações para o bem; pela manhã, ao levantar, durante o dia, e à noite, ao deitar.

A realidade evangélica é chamada a fazer luz em nosso entendimento, para que a nossa razão seja despertada para o movimento da magia positiva em nossa consciência. Sem esse desejo veemente não alcançaremos aquela paz que nos falta e de que o Mestre Jesus nos falou.

Sigam as orientações crísticas dadas pelos Guias e Protetores Espirituais, transformando suas vidas, pois só assim conseguiremos reatar a amizade com a paz, a saúde, a união, a fraternidade, a fim de entendermos realmente o que seja a verdade da vida.

O CAMINHO

Na verdade o caminho que nos conduz ao Mestre é difícil de ser trilhado. Difícil e doloroso. Muitos acreditam que seja preciso uma viagem ao Tibet misterioso para o aprendizado necessário. Puro engano!

O caminho não está em determinadas regiões da Terra, fora do alcance comum e das possibilidades humanas. O peregrino encontrará o seu sendeiro na mesma cidade e lugar onde o destino o colocou.

As provas de experimentações impostas aos candidatos ao noviciado espiritual não se encontram também nos cerimoniais complicados e fossilizados de várias lojas e seitas religiosas, mas apenas na percepção dos pequenos lances da vida quotidiana nas renúncias diárias de coisas que aparentemente parecem úteis e imprescindíveis, mas que na realidade pouco significa.

O que importa ao caminhante é saber aproveitar as experiências e as esplêndidas lições do agora, porque é neste efêmero que está à plenitude da eternidade, e neste agora que está a vida, que também é eterno presente.

O caminho que nos conduz ao encontro do Cristo interno é uma via interior; profundamente interior. É uma espiral em ascensão para o infinito. É um caminho doloroso e difícil, já o dissemos. Está também cheio de renúncias.

Mas o peregrino tem, contudo, as suas compensações: enquanto os pés sangram na escalada dolorosa da montanha, feridos pelas pedras e pelas urzes das estradas, os olhos do caminheiro vão contemplando novas e mais belas paisagens, novas e mais belas perspectivas de horizontes infinitos, novas e mais deslumbrantes iluminuras de poentes e de alvoradas.

É assim que caminhamos para mais perto do azul e das estrelas, para mais perto de Deus. A vista do Espírito através dos olhos da carne vai contemplando novas claridades, e só muito alto, no píncaro da montanha é que eles defrontam a vastidão imensurável, a vastidão maravilhosa das coisas infinitas. E o caminhante ao defrontar este panorama soberbo, amplo, permeado de luz, indefinido, sente-se extático e fica com a alma de joelhos na volúpia da contemplação. É a visão maravilhosa. A visão Suprema, a visão sem formas, o Pensamento incriado. É a luz transcendente. É Deus!

"Eu sou o Caminho da Verdade e da Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim"! (João 14, 6).

É Jesus que nos orienta. É preciso incorporar à nossa vida o Evangelho do Mestre. O Evangelho é essa chave perdida que alguns "magos" andam procurando pelo Tibet, pela Índia, pelo Egito, pela China, por Lemúria, pela Atlântida. E, afinal, não conseguem encontrar o caminho dos "passos perdidos". É que a tal chave está conosco mesmo, em cada um de nós.

Está com todos aqueles que queiram seguir a Jesus e fazer a vontade do Pai. Não há fórmulas cabalísticas ou de magia que façam você ser feliz ou afortunado, se você não se colocar dentro da faixa vibratória do merecimento e fizer por onde. Você é que tem as chaves do reino e só você poderá fazer uso delas.

Então se ponha em condições, cada dia, de fazer penetrar essas chaves em seu próprio reinado, no mundo da sua consciência e o fim será maravilhoso. Prepararmo-nos para o futuro e para a eternidade, deve ser a nossa mais ardente preocupação. Mas nunca pelo aniquilamento do próximo, do nosso irmão, ou com processos escusos de matar animais.

O Evangelho, repetimos, está de braços abertos aguardando a nossa chegada. É o amigo sempre presente; faça amizade com ele e terá encontrado o caminho que você procura.

O Espiritualismo de Umbanda está aí para proporcionar Luz e Amor no entendimento e no coração dos filhos de Deus e não para promover demandas, nem atiçar a fogueira do ódio, da vingança, das represálias. Não! "A melhor maneira de se extinguir o fogo é recusar-lhe combustível.

"A fraternidade operante será sempre o remédio eficaz, ante as perturbações dessa natureza. Por isso mesmo o Cristo aconselhava o amor aos adversários, o auxilio aos que nos perseguem e a oração pelos que nos caluniam, como atitudes indispensáveis à garantia da nossa paz e da nossa vitória". – Citado por André Luiz em "Nos Domínios da Mediunidade".

(Trecho do livro: "O Evangelho à Luz da Astrologia" – Dr. Aníbal Vaz de Melo)

O CRISTO INCONFUNDÍVEL

Mas Jesus assinala a sua passagem pela Terra com o selo constante da mais augusta caridade e do mais abnegado amor. Suas parábolas e advertências estão impregnadas do perfume das verdades eternas e gloriosas.

A manjedoura e o calvário são lições maravilhosas, cujas claridades iluminam os caminhos milenários da humanidade inteira, e, sobretudo, os seus exemplos e atos constituem um roteiro de todas as grandiosas finalidades, no aperfeiçoamento da vida terrestre.

Com esses elementos, fez uma revolução espiritual que permanece no globo há dois milênios. Respeitando as leis do mundo, aludindo à efígie de César, ensinou as criaturas humanas a se elevarem para Deus, na dilatada compreensão das mais santas verdades da vida.

Remodelou todos os conceitos da vida social, exemplificando a mais pura fraternidade. Cumprindo a Lei Antiga, encheu-lhe o organismo de tolerância, de piedade e de amor, com as suas lições na praça pública, em frente das criaturas desregradas e infelizes, e somente Ele ensinou o "Amai-vos uns aos outros", vivendo a situação de quem sabia cumpri-lo.

Os Espíritos incapacitados de o compreender podem alegar que as suas fórmulas verbais eram antigas e conhecidas; mas ninguém poderá contestar que a sua exemplificação foi única, até agora, na face da Terra.

A maioria dos missionários religiosos da antiguidade se compunha de príncipes, de sábios ou de grandes iniciados, que saíam da intimidade confortável dos palácios e dos templos; mas o Senhor da semeadura e da seara era a personificação de toda a sabedoria, de todo o amor, e o seu único palácio era a tenda humilde de um carpinteiro, onde fazia questão de ensinar à posteridade que a verdadeira aristocracia deve ser a do trabalho, lançando a fórmula sagrada, definida pelo pensamento moderno, como o coletivismo das mãos, aliado ao individualismo dos corações – síntese social para a qual caminham as coletividades dos tempos que passam – e que, desprezando todas as convenções e honrarias terrestres, preferiu não possuir pedra onde repousasse o pensamento dolorido, a fim de que aprendessem os seus irmãos a lição inesquecível do "Caminho, da Verdade e da Vida".

(Chico Xavier – Emmanuel)

Uma das mais respeitadas médiuns kardecistas, referiu-se assim sobre a Umbanda:

“O MARTÍRIO DOS SUICIDAS” (Yvonne do Amaral Pereira)

“(...) Então foi uma espécie de recordação? Sim. Creio que aquela cinta que puseram na minha cabeça era para regressão de memória. Meu Espírito foi salvo pelo Charles, mas ele não podia ir lá me retirar daquele antro. Ele serviu-se da Linha da Umbanda. É por isso que eu respeito a Umbanda. Eu vi. Puseram uma corda por onde desciam os Espíritos de Umbanda. Quando escrevi o romance, eles me puseram a tal cinta que creio, foi para provocar a regressão de memória. Aquilo doía muito. Então, havia uma cratera da qual fui retirada pelos Espíritos de Umbanda através de uma corda. Eu respeito a Umbanda por causa disso. Há muita coisa que não está certa na Umbanda, não resta a menor dúvida; há muitas mistificações (...). Mas os Espíritos adiantados se servem desses Espíritos para fazer o bem. Quantas vezes eu fui com o Dr. Bezerra fazer esses trabalhos, na Terra mesmo, ou no astral inferior (...)”.

PARÁBOLAS DE JESUS – Parte 38

O Cristo planetário por intermédio do seu médium Jesus, induz em seguir seus ensinamentos, por ser a única maneira do ser humano libertar-se dos ciclos reencarnatórios.

Em vez dos seres humanos estagnarem no artificialismo da vida material transitória, enquanto destroem a civilização pelas forças enfermiças do ódio, eles poderiam, criar a ventura humana através das energias sublimes do Amor. O Amor, que salva e redime o ser humano, é a saúde espiritual dos que reinam e se confortam com as vicissitudes e as dores do corpo físico, sem desejo de vingança, o ódio, que destrói e intoxica, é a enfermidade do espírito sob a imantação do reino animal.

Por isso o Evangelho do Pai, transmitido pelo Cristo Planetário e pelo médium Jesus, é especificamente um tratado da saúde do Espírito, porque modificando o campo moral do ser humano muda também a frequência vibratória do Espírito, e o ajusta cientificamente à pulsação harmônica e eterna do próprio Cosmo.

O Evangelho, além de código moral, é também, um tratado profundamente científico das leis cósmicas, que operam na intimidade de cada ser humano, conforme a sua frequência vibratória e graduação espiritual.

Jesus é a entidade que se descobriu a si mesmo, livre do tempo e do espaço, vencedor dos desejos e paixões, do tédio e das insatisfações.

Jesus então conforta o ser humano e semeia esperança na humanidade, ao informar sobre a vida futura, numa vivência de completo domínio espiritual.

O Espírito feliz se autogoverna sem qualquer preocupação da humanidade Sideral, porque a sua contextura íntima já se ajusta a frequência da realidade, acima de qualquer ato ilusório, egoísta ou evidência espiritual.

(Texto de: Vanderlei Bacic de Araujo)

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER E A RELIGIÃO DE UMBANDA

Omolubá com Francisco Cândido Xavier em 15 de abril de 1975 na cidade de Uberaba (MG) por ocasião do Dia Nacional do Livro quando entrevistou o médium para a revista "Seleção de Umbanda".

Seleções de Umbanda: A seu ver como sente a Umbanda atual?

- ***Chico Xavier:*** *Eu sempre compreendi a Umbanda como uma comunidade de corações profundamente veiculados a caridade com a benção de Jesus Cristo e nesta base eu sempre devotei ao movimento umbandista no Brasil o máximo de respeito e a maior admiração.*

Seleções de Umbanda: Chico, cada religião, traz ou deve trazer algo de verdadeiro que possa contribuir a salvação de seus profientes (o hinduísmo trouxe o dharma para os hindus, o hermetismo a ciência e o poder das forças ocultas, o orfismo é a religião da beleza para os gregos, o cristianismo o amor e assim por diante) o que traz de positivo a Umbanda?

- ***Chico Xavier:*** *A meu ver o movimento de Umbanda no Brasil está igualmente ligado ao Espírito de amor do cristianismo. Sem conhecimento de alicerces umbandísticos para formar uma opinião específica eu prefiro acreditar que todos os umbandistas são também grandes cristãos construindo a grandeza da solidariedade cristã no Brasil para a felicidade do mundo.*

Seleções de Umbanda: O que você acha do mediunismo na Umbanda através de "Caboclos" e "Pretos-Velhos?".

- ***Chico Xavier:*** *Acredito que o mediunismo no movimento de Umbanda é tão respeitável quanto a mediunidade das instituições kardecistas com uma única diferença que eu faria se tivesse um estudo mais completo de Umbanda; é que seria extremamente importante se a mediunidade recebesse a doutrinação do espírita do evangelho com as explicações de Allan Kardec fosse onde até mesmo noutras faixas religiosas que não fosse a Umbanda. Porque a mediunidade esclarecida pela responsabilidade decorrente dos princípios cristãos é sempre um caminho de interpretação com Jesus de qualquer fenômeno mediúnico.*

Cinco horas da manhã do dia 19 de abril de 1976, despedimo-nos de Chico que atendera perto de 2.000 pessoas totalizando assim 18 horas de trabalhos ininterruptos na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba.

"Apareçam amanhã para conversarmos mais. Quero saber das novidades da Guanabara". Foram as últimas palavras, sempre amáveis que ouvimos do médium espírita Francisco Cândido Xavier.

Parte da entrevista concedida à jornalista Alcione Reis, editora da Revista Seleções de Umbanda com a presença do Babalorixá Omolubá, recebido com muito carinho pelo médium espírita. Presentes na ocasião, entre outros, o Professor Paulo Garrido, presidente da Fraternidade Espírita Bezerra de Menezes.

PRETOS-VELHOS

A conversa corria animada, com aquele toque de alegria cristã, pura e singela de que se impregnam os ambientes onde Chico (nota do autor: Chico Xavier) se faz presente.

Alguém comentara sobre a presença de vultos destacados da sociedade em núcleos de Umbanda, via de regra respeitosos e genuflexos.

Componentes das mais altas camadas sociais, especialmente do Rio de Janeiro, civis ou militares, acorriam a esses locais de fraternidade e amor, ávidos por uma palavra amiga, um conselho, uma orientação.

Chico tomou a palavra:

– Geralmente essas pessoas de elevada posição social procuram humildemente os Pretos-Velhos, como se estivessem pedindo perdão pelo mal que lhes fizeram no passado, na posição de grandes latifundiários, de senhores feudais. No íntimo da consciência, pesa-lhes o haver sido, em sua grande maioria, impiedosos com os irmãos procedentes da África distante. Explica-se aí a posição de humildade com que se apresentam ante o Preto-Velho, que lhes dirige a palavra sempre consoladora e repleta de sabedoria. São os verdugos de ontem na benção do arrependimento de hoje. Descansam a consciência pesada diante do carinho dos generosos Pretos-Velhos.

(Trecho extraído do livro: "Chico Xavier – Mandato de Amor" – União Espírita Mineira - 1997)

A UMBANDA E O EVANGELHO

Os Pretos-Velhos são "os representantes de Jesus Cristo e da Mãe Maria Santíssima" dentro da Umbanda. Seus mensageiros, como podemos notar em suas orientações, seus atos, suas postura e nos pontos cantados que são como pequenas orações onde sempre encontramos as palavras "Jesus", Cruz, Cruzeiro, Maria, Rosário, nomes de Santos e de Anjos (Pedro, Miguel, João, Benedito, etc.), e tantas outras palavras que revelam ou denunciam esse vínculo, essa ligação, entre os Pretos-Velhos e a representação da fé em Jesus e do Evangelho redentor dentro da Umbanda.

Os Pretos-Velhos são o Evangelho de Jesus praticado em palavras e atos.

Os ensinamentos de Jesus, assim como a Umbanda, são simples e destituídos de fórmulas e símbolos complicados. Ademais, Jesus não exigia dos homens que se tornassem santos ou heróis, sob a influência de seus ensinamentos.

Ele ensinava a realidade dos Céus no meio da vida comum, nas ruas, vielas, campos, lares, sob as árvores, ou a beira de praias. Jesus teve sua convivência por escolha entre o povo aflito e sofredor, sedentos por amor e um pouco de carinho em vez de estar entre eruditos, políticos, ou entre as complicações religiosas do mundo. Seus ensinamentos eram simples, compreendidos por todos, e eram gravados com letras de fogo no coração de cada um. Ensinamentos compreendidos e aceitos pela simplicidade das verdades inesquecíveis como:

"Ama a teu próximo como a ti mesmo". "Faze aos outros o que queres que te façam". "Quem se humilha será exaltado". "Cada um colhe conforme suas obras"

Jamais, outra regra de reforma íntima tão singela e espiritual poderia permear a Umbanda, cuja doutrina é tão simples, desprovida de pompas, lógica e libertadora.

Nenhum outro Mestre que viveu entre nós conseguiu em poucas palavras e em tão pouco tempo expor um código de moral tão elevado (Evangelho) aos humanos. Poderíamos também classificar o Evangelho como: "Códigos e normas para se ter uma vida plena e feliz".

A Umbanda não pretende isolar-se na interpretação pessoal do Evangelho tão bem exposto e explicado através de Allan Kardec, aliás, não devemos nos esquecer que as explicações contidas no "Evangelho Segundo o Espiritismo", foram dadas por Espíritos iluminados; portanto ser umbandista é ser crístico, e ser crístico é seguir os ensinamentos dos Espíritos elevados, sejam eles quais forem e de onde forem.

Adotar alguma literatura kardecista condizente não quer dizer praticar a Religião Kardecista, mas sim, nos educarmos nas mensagens edificadoras e filosóficas de alguns irmãos espirituais que ali militam. Adotando, também, o "Evangelho Segundo o Espiritismo" em nossos Templos, estaremos contribuindo para a libertação das pessoas, e contribuindo para a única maneira de nos espiritualizarmos, que é a "educação e o reforma íntima".

Nós Umbandistas, devemos ter como objetivo a redenção dos Espíritos através de uma conscientização contínua das verdades eternas contidas no Evangelho de Jesus, sem aguardar o milagre da santidade instantânea. O Umbandista deve interessar-se profundamente pelo seu aperfeiçoamento e não eleger e confiar somente nos ensinamentos dos mestres e doutrinadores. Não basta querer ter sua vida resolvida, crer numa vida espiritual eterna se ainda não se converteu às verdades e aos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, reformando-se interiormente.

Evangelizar não se trata apenas de um conjunto de preceitos pregados a outras pessoas, mas sim interiorizados e vividos no íntimo de nossa alma, assim como fez Jesus, pois ele não só pregava, como também praticava todos os Seus ensinamentos.

Jesus não estabeleceu nenhum culto, nem pregou nenhum tipo de poder a multidão; não criou castas e nem outorgas sacerdotais; não criou magos e nem mestres; não pregou aprisionamentos de Espíritos; não ordenou que Espíritos fossem enviados para "o embaixo"; não ensinou a retornar nenhum mal que nos fizessem, não nos ensinou a revidar ofensas, e muito menos, não nos deu fórmulas mágicas ou mesmo magias para que pudéssemos nos beneficiar egoisticamente, promovendo facilidades materiais ou espirituais. Ele nos pregou o amor, o perdão, a redenção pela fé, e foi muito objetivo quando nos disse: *"Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; - porquanto, aquele que se quiser salvar a si mesmo, perder-se-á; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará. – Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo?* (Marcos, cap. VIII, vv. 34 a 36; - Lucas, cap. IX, vv. 23 a 25; - Mateus, cap. X, vv. 38 e 39; - João, cap. XII, vv. 25 e 26.) *"Vinde a mim, todos os que andam em sofrimento e vos achais carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".* (Mateus, XI: 28-30).

Os Espíritos da Luz nos orientam: *"Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perdas de seres queridos, encontram sua consolação na fé no futuro, e na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, pelo contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições pesam com todo o seu peso, e nenhuma esperança vem abrandar sua amargura. Eis o que levou Jesus a dizer: "Vinde a mim, vós todos que estais fatigados, e eu vos aliviarei". Jesus, entretanto, impõe uma condição para a sua assistência e para a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição é a da própria lei que ele ensina: seu jugo é a observação dessa lei. Mas esse jugo é leve e essa lei é suave, pois que impõe como dever o amor e a caridade".* (O Evangelho Segundo o Espiritismo)

Com estas palavras, Jesus foi claro a nos dizer que Ele não nos tiraria a "cruz" de problemas adquiridos pelas nossas falsas crenças e ignorância em mal viver, mas sim, que se O seguíssemos (seguir Seus ensinamentos), o nosso jugo será leve, e seremos salvos das nossas próprias imperfeições.

Jesus deu um toque sutil em todas as situações humanas e espirituais, operando o verdadeiro milagre da nossa reforma intima, transformando angustias, fracassos e desesperos em bênçãos para o caminho do Céu.

Ao invés de menosprezar a vida nos ensinou que ela é um instrumento necessário para o aperfeiçoamento da alma. Transformou dores em bênçãos, choros, sofrimentos e aflições em bem-aventuranças eternas. Nenhum suspiro, dor, ou lágrima serão perdidos ante o Divino Criador.

Existe uma simbiose; uma sintonia moral entre a Umbanda e o Evangelho. Ambos requerem a redenção humana. Ambos valorizam a vida humana, nos ensinando que devemos viver tudo o que Deus nos proporcionou com disciplina, e não ver a vida simplesmente como condição expiatória ou apenas sofredora.

A Umbanda, portanto, também será um caminho a ser trilhado pela humanidade, e o Evangelho é a luz que ilumina o caminho, facilitando a nossa vida. A Umbanda, pelo Evangelho nos ensina: *"Deus te ama como você é. Deus não se importa com o que você é, mas se importa com o que você faz".*

Deus só tem uma missão para todos nós: Que nos tornemos pessoas do bem, praticando a compaixão em qualquer setor da vida que escolhemos pelo nosso livre arbítrio.

Nós, Umbandistas, não devemos aguardar a aproximação do Evangelho, mas sim buscá-lo e vivenciá-lo em toda sua plenitude, como norma a ser seguida, a fim de nos desvencilharmos das ilusões e sofrimentos humanos, encontrando um caminho curto e seguro que nos levara a Deus.

O Evangelho é fonte criadora de homens incomuns em caráter amor e igualdade. Não é egoísta, mas sim altruísta; não se exalta, mas cria humildes. Deixa o ser humano terno e não cruel. Pacífico e não armado.

O Evangelho será a pátria dos homens santos. Os gigantes de espiritualidade, vencedores de suas mazelas e paixões.

Todos os problemas do mundo também serão solucionados pela leitura, estudo e prática do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o porto mais seguro da espiritualidade superior.

Nós Umbandistas, devemos usar dos recursos materiais que Deus nos proporcionou, que chamamos de "arsenal" de Umbanda, com disciplina, bom senso e parcimônia, sempre que necessário ajudar a qualquer irmão, mas desde que esse, naquele momento, não se encontra em condições de ser doutrinado ou transformado. Após o equilíbrio do mesmo devemos proceder a sua evangelização, para que o nosso irmão continue seu caminhar no plano terreno com equilíbrio e não venha cair nas malhas das viciações internas e nem dos nossos irmãos menos esclarecidos.

Então meus irmãos, mãos a obra, na edificação evangélica do nosso Espírito imortal, pois só assim estaremos contribuindo para o nosso aprimoramento e elevação espiritual.

Não nos esqueçamos do iniciador da Umbanda, em 1.908, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando nos exortou: *"Que o desenvolvimento do médium fosse com base na Evangelização contumaz". "Dos Espíritos aprenderemos; os que nada sabem ensinaremos e a ninguém reacusaremos auxílio, pois essa é a vontade do Pai". "E que o Cristo é o nosso Mestre Supremo".*

Nós umbandistas também acreditamos que há outras obras tão importantes para a nossa evolução espiritual e carnal; conhecer as histórias, mitos e lendas das religiões do mundo afora, do hinduísmo, budismo, islamismo, lendas gregas, etc. e os abençoados livros psicografados por Chico Xavier, João Nunes Maia, Hercílio Maes, etc., pois a Umbanda é crística, e não devemos nos fechar em nossos parcos conhecimentos. Relembrando: *"Aceite tudo o que é bom e rejeite tudo o que é mal".*

A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO NA UMBANDA

A palavra Evangelho é a tradução portuguesa da palavra grega "Euangelion (ευαγγέλιον)" que foi notavelmente enriquecida de significados. Para os gregos mais antigos ela indicava a "gorjeta" que era dada a quem trazia uma boa notícia. Mais tarde passou a significar uma "boa-nova", segundo a exata etimologia do termo.

Na tradução do vocábulo hebraico "Besorah", significa uma notícia de grande alegria. Evangelizar, que corresponde ao verbo "bissar", tem na tradução portuguesa a correspondência "alvíssara" *(Auspicioso, promissor)*, derivado do árabe. A palavra "Evangelho" aparece cerca de 68 vezes no Novo Testamento.

"Se algo existe pelo qual possa o homem viver e trabalhar lutar e sofrer satisfeito e feliz, então é o Evangelho da redenção e do amor, que o divino Mestre espargiu pelas terras da Palestina e mandou levar até os confins do Universo, sob a vigilância da competente autoridade". (Huberto Rohden)

Foi depois da "ressurreição", quando Jesus apareceu aos apóstolos e aos discípulos e lhes falou pela última vez: *"Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura"* (Mc 16, 15). É uma lição e uma ordem que deveria ser repetida milhões de vezes para que pudéssemos realmente entender e praticar. Merece uma análise a última instrução do Mestre. Uma análise ampla, de maneira que se estabeleçam paralelos com a ação das religiões e, principalmente, daquela que se julga mandatária (...).

O Mestre, ditando as Leis para a felicidade do seu povo, do seu rebanho, o fez em nome do Pai, do Criador, de Deus. Vemos que ele não orientou o seu Colegiado a organizar-se em comunidades onde se prestasse culto à idolatria, rituais disparatados, profusão de magias e oferendas, a vestimentas especiais, ou de púrpura e que houvesse um sistema de celibato que serviu para degradar o homem e levá-lo ao pecado; não orientou confissões, nem batismos com água.

Não ordenou sacerdotes especiais, nem orientou profissionais para pregar o seu Evangelho. Olhando os séculos percorridos, deparamos decepcionados, com o desvirtuamento do: *"Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura".*

Mas o Evangelho é a semente da nossa redenção. Por isso, se até ontem não nos detivemos para cuidar dessa semente, façamo-lo a partir de hoje; nunca é tarde! Jesus nos espera de braços abertos!

Nas considerações que nos ocorrem, encontramos o Mestre a dirigir-se ao povo, expressando-se de maneira clara, quando afirma em Mateus 24:14 e Marcos 13:10: *"E será pregado este Evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações".*

Jesus diz *"este Evangelho"* e que não se refere, nunca se referiu, a que fossem pregar, O Velho Testamento! (...). Por quê? Somente os interesses judaicos, católicos e os protestantes poderão responder. Mas que é uma desobediência, não tenha a menor dúvida. Por certo, haverá quem seja castigado por tal desobediência. Fariseus, hipócritas, saduceus e fanáticos fundaram as "Sociedades Bíblicas" para ofuscar o Evangelho de Jesus e complicar a vida da humanidade toda. O Velho Testamento existia, serviu para uma época. Vem o dono da Terra e anuncia o Novo Testamento, para substituir o Velho.

É que o Velho já havia cumprido sua missão, sua finalidade. Mas, os falsários do tempo de Jesus, reencarnando por vários países, resolveram guerrear a Obra do Mestre e retardar o progresso do rebanho, que se debate entre a treva e a luz. Porém, mais treva do que luz; por isso vão caindo no fosso.

Paulo, apóstolo, prega o Evangelho e deixa patente sua obrigação na primeira carta aos Coríntios, 19:16: *"Se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o Evangelho".*

Seria cansativo se fossemos apontar as passagens do Evangelho em que Jesus, Mestre e Senhor, afirma e reafirma a Sua Doutrina, sem Moisés e sem o Velho Testamento. E nós repetimos sempre com o mesmo entusiasmo e com o mesmo vigor: *"Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura"*.

Novo Testamento

O Novo Testamento veio substituir o velho. O Velho Testamento e o Novo Testamento formam a Bíblia. No Evangelho segundo João, capítulo 1º, versículo 17, temos referências quanto à Lei do Velho Testamento, com Moisés e ao Novo, com Jesus: - *"Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo".* No Evangelho segundo Lucas, cap. 16, vers. 16, Jesus define ambos os Testamentos e qual devem vigorar, afirmando: - *"A lei e os profetas vigoraram até João; desde tempo vem o Evangelho do Reino de Deus sendo anunciado e todo homem se esforça por entrar nele".*

O Velho Testamento, pois, está condenado; poderá nos servir, apenas, como livro histórico, para consulta, somente e que deveria figurar, exclusivamente, nas bibliotecas públicas, ou nos museus. O Novo Testamento, tal como palavra o esclarece: Novo! Que veio substituir o Velho! O Ano Velho sai, entra o Novo! O velho é arquivado. É posto de lado para consulta, nada mais. O Novo é que é o portador das Boas Novas! No Evangelho segundo Lucas, cap. 24, vers. 14, temos outra afirmativa do Mestre: *"E será pregado este Evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações*".

O Novo Testamento é o livro doutrinário, básico, a ele se juntam os livros da Terceira Revelação, mas nunca o Velho Testamento!

O grande livro doutrinário, pois, se compõe de: O Evangelho apresentado pelos quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João, cada qual apresentando a narrativa pessoal do que viram e ouviram e que nos dão um sentido geral da Doutrina de Jesus e sua vivência entre nós, têm, no Sermão do Monte, caps 5, 6 e 7 de Mateus toda a Alma doutrinária do livro do Mestre.

Vem depois a Vida e Atos dos apóstolos, a seguir as epistolas (cartas) doutrinarias, de instruções enviadas a vários povos e por fim o Apocalipse, o livro profético e simbólico de João Evangelista.

(Jota Alves de Oliveira com complementações do autor)

NO EVANGELHO ENCONTRAMOS OS POSTULADOS, AS PRÁTICAS E A SÍNTESE DE FÉ UMBANDISTA

Disse Jesus: *"Por aquele tempo tomou Jesus a palavra e disse: Louvo-te, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelas aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece o filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o filho, e aquele a quem o filho quiser revelá-lo. Vinde a mim todos os que estais fatigados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo leve*". (Mat. 11:25-30). Com isso Jesus nos exorta que Ele é o farol da Umbanda, onde nós nos nortearemos em busca da espiritualidade maior. A Umbanda alicerçada em Nosso Senhor Jesus Cristo é a que nos toca, sem cerimônias barulhentas; é aquela onde se fazem preces elevadas; onde se estabelece o silêncio edificador e se pede a concentração. Onde se estabelecem horários; onde a disciplina impera desde o dirigente até aos auxiliares menos graduados.

A Umbanda de Jesus é aquela que tem finalidades elevadas e educativas, retificadoras e regenerativas, onde se recomenda a reforma íntima e a lei do amor ao próximo. Onde se aconselha o perdão e não se atiça o consulente à luta, ao acirramento.

Onde já foi substituído o olho por olho. Onde o adepto ou simpatizante, além do passe, dos descarregos e dos aconselhamentos, tenha em vistas a sua reforma íntima, a sua melhoria, tanto material quanto espiritual, em sentido do seu aperfeiçoamento. *(Jota Alves de Oliveira)*

- **Jesus dizia aos judeus que criam nele: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos. E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".** (João. 8:31-32)

"Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus". A verdade nos chega por etapas, isto é: em porções que nós possamos compreender e assimilar sem temor. Todos sabemos que a verdade é o oposto à mentira. Mas sabemos, também, que há muitas meias-verdades e muitas meias-mentiras engendradas pelo homem, composto de bem e de mal: meio honesto e meio desonesto. O homem é, também, um ser ardiloso, feito camaleão: quando está no sol ele é azulado, quando na sombra, é verde. Assim procedem ainda, em maioria, os homens no mundo. Mas, se queremos nos libertar das amarras de tudo que é inferior e que nos inferniza, tomemos a decisão de procurar a verdade e viver com ela, sem mais tintas.

O Mestre nos deixou lições de filosofia, de ciência e de moral para vivermos em equilíbrio, para sermos felizes dentro do relativo entendimento de cada um e das luzes que vamos acendendo em nosso interior, não só através do estudo, que nos enriquece a razão, como o de agirmos dentro da bondade e da caridade. É indispensável conhecer a verdade, procurando-a num trabalho intenso e constante, para colhermos todo o bem e todas as virtudes que estão latentes em nós e tem de ser desenvolvidas e postas em ação para alcançarmos à perfeição. A realidade evangélica é chamada a fazer luz em nosso entendimento, para que a nossa razão seja despertada para o movimento da magia positiva em nossa consciência. Sem esse desejo veemente não alcançaremos aquela paz que nos falta e de que o Mestre nos falou.

Seguí as orientações dadas pelos Guias e Protetores Espirituais, transformando suas vidas, pois só assim conseguiremos reatarmos a amizade com a paz, a saúde, a união, a fraternidade, a fim de entendermos realmente o que seja a verdade da vida.

- **"Por todos os lugares, pregai e proclamai que o Reino dos Céus se aproxima.".** (Mt – 10:7)

Na Umbanda, procuramos sempre conscientizar os nossos irmãos da importância da fé na espiritualidade, bem como em nossas vidas terrenas. Jesus quis nos dizer que devemos nos investir da espiritualidade superior, com fé no coração e por onde estivermos pregar e proclamar, mas sempre respeitando a individualidade, a diversidade e a crença de cada um, não impondo, mas esclarecendo, que o Reino dos Céus se aproxima.

Este reino se aproxima pela bondade, compaixão, caridade, benevolência, paciência, humildade, fé, amor e perdão que cada um deverá ter plantado em seu íntimo, a fim de receber o reino de luz em seu Espírito. Não devemos tentar "converter" ninguém, mas sim, esclarecer, através de nossos exemplos, da importância de somente fazermos o bem. A Umbanda deve ser anunciada a todos através dos nossos exemplos, por tudo o que aprendemos dentro de um Terreiro Umbandista, e vivenciamos na vida. Afinal, a Umbanda tem como lei a caridade e como meta, a nossa fé e a nossa luta para salvarmos a todo irmão, mas com uma particularidade: sem vaidade, sem fins pecuniários, respeitando, ouvindo, ensinando e aprendendo, pois Oxalá (Jesus) nos aponta o caminho que devemos seguir.

- **"Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os Espíritos maus..".** (Mt 10:8)

Vejam bem, que a Umbanda obedece fielmente o determinado por Jesus:

"(...) Curai os enfermos" (...) – Realizamos em nossos Terreiros a edificante mensagem do Evangelho, calcada nas preciosas orientações dos Espíritos de luz, a fim de "curarmos" as enfermidades do Espírito e do corpo de cada um, pois será somente através da reforma íntima que conseguiremos alcançar nossa cura interior e assim termos paz. A Umbanda realiza este trabalho de conscientização, onde todos têm a oportunidade bendita do aprendizado, e assim, crescer perante Deus e a humanidade. Quantos não vêm procurar a Umbanda, a fim de terem suas doenças físicas curadas ou minoradas. Deus, em sua infinita misericórdia nos deu a condição abençoada de através da mediunidade redentora, podermos orientar e minimizar as doenças corporais daqueles que nos procuram. Jamais devemos nos escoimar do atendimento fraterno, àqueles que vêm em busca do alivio para as doenças de seu corpo. Não somos médicos, e nem queremos passar por cima da medicina convencional, mas, temos condições de minorar o sofrimento dos nossos irmãos, através das orientações calcadas no Evangelho, passes, banhos, descarregos, defumações e tudo o que a Natureza dispõe, a fim de auxiliarmos a quem nos procura, com parcimônia.

"(...) Ressuscitai os mortos" (...) – Aqui, claramente, Jesus se refere à comunicação com os mortos (que deixou de viver), ou seja, a prática da mediunidade. Com isso, claramente definido no Evangelho, Jesus nos exorta da importância do trabalho mediúnico. Jesus não se refere à ressuscitação de um falecido, de alguém morto na carne, pois tal fato feriria a Lei Divina, e Jesus disse: *"Não cuideis que vim destruir a lei e os profetas, não vim ab-rogar, mas cumprir". (Mat. 5:17). S*e fosse ressuscitar um corpo morto, Jesus diria: "Ressuscitai os cadáveres" (corpo morto). A prática da mediunidade consciente é uma dádiva divina, que deve ser cultivada e praticada, pois nela estaremos cumprindo com amor, os designativos de Deus, sendo fieis servidores da espiritualidade maior, através dos Espíritos Santos de Deus, nossos Guias e Protetores Espirituais.

"(...) Curai os leprosos" (...) – Aqueles que se encontram desiludidos, sem tempero pra nada, desvitalizados, sem o doce da vida, ou seja, praticamente "mortos" para o mundo e para o Espírito. São esses que infelizmente, pela perca do amor próprio, criam verdadeiras "feridas" no corpo espiritual, e, muitas vezes, essas "feridas" se materializam no corpo físico. São as feridas ocasionadas pelas doenças morais. É a esses que Jesus exortou, para que curássemos os leprosos. São aqueles que já se encontram com as "feridas" das desilusões, depressão, pânico, drogas, alcoolismo, etc., instaladas em seus corpos físicos e seus Espíritos. A Umbanda nos ensina que a vida é um dom precioso que Deus nos deu e que devemos vivê-la com intensidade, mas, tendo disciplina. Somente aprendendo a viver a vida, sem temores, sem hipocrisia, sem falsos pudores, falsos limites, nos reformando diariamente, conseguiremos ter a alegria de viver plenamente, renascendo, encontrando a luz que ilumina nossos caminhos e tendo a certeza que estamos amparados por uma força maior. A Umbanda nesta hora nos ensina a termos fé incondicional em Deus, mas também nos ensina a termos fé na vida e na possibilidade infinita que temos de sempre vencer, pois não está escrito em lugar nenhum, que estamos aqui, encarnados, para tão somente sofrer; *"A dor é inquestionável, mas o sofrimento é opção"*. Então, conscientizando a cada um, que a vida é bela, que o mundo não é um vale de lágrimas, e que Deus está presente em tudo, somente querendo a nossa felicidade, estaremos "curando os leprosos", fazendo-os reviverem para a vida e para Deus.

"(...) Expulsai os Espíritos maus" (...) – É a caridade efetuada com os obsessores, kiumbas e sofredores, e perfazem um dos trabalhos mais importantes e bonitos na Umbanda. Eis aqui, um verdadeiro trabalho de caridade. Através do Descarrego (desobsessão), atingimos com eficiência, tanto aos desencarnados quanto aos encarnados desequilibrados, orientando, auxiliando e encaminhando todos, para a realidade da vida e do Espírito.

- **"De graça recebestes, de graça dareis..".** (Mt 10:8)

Nos mais confins rincões do planeta, encontramos irmãos abnegados que muitas vezes sacrificam parte de suas vidas, para socorrer os irmãos necessitados. Praticam o bem pela caridade, sem nada pedirem ao seu próximo.

Muitas vezes não medem sacrifícios, e doam aquilo que mais falta lhes faz na presente vida – a saúde. Estes são os verdadeiros servos humildes de Deus. Fazem o que o Mestre Jesus ensinou: "*Imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão".*

Os médiuns também devem transformar-se em educadores, a fim de que os assistidos possam ter orientações seguras sobre como ter uma reforma íntima, tanto mental como física, pois senão a cura será momentânea, de efeito superficial, pois não estaremos curando o princípio da doença que é a mente. O bom médium não poderá apenas dar os seus bons fluídos, mas também orientar o assistido e a si mesmo pelo estudo, evangelização, meditação e a prática da caridade.

Pelos caminhos da vida, vamos encontrar proliferando mercenários sem escrúpulos, que não pensam duas vezes antes de minar as minguadas carteiras, daqueles que se encontram necessitados da benção de uma cura, de uma orientação. Jesus por várias vezes nos advertiu contra eles:

"Casas caiadas de branco"

"Lobos em pele de ovelhas"

"Ladrões e salteadores que entram pela janela, explorando a simplicidade dos necessitados".

Em nome da espiritualidade, vamos encontrar aos montes aqueles exploradores em benefício próprio.

O pior, é que estão mercantilizando um dom que nos veio de graça. Grandes carmas e grandes penas estão adquirindo. Todo médium que emprega o seu dom na prática remunerada, que não seja simplesmente à vontade de servir a um propósito maior, está incurso no Evangelho: "*A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória. E quem colhe, é Deus Pai Todo Poderoso"*. E todos receberão segundo suas obras.

Mais uma vez, lembre-se do que o Mestre Jesus disse: "*Orai e vigiai, para não cairdes em tentação".*

Médiuns! Lembre-se de Judas Iscariotes, quando lhe foi dito: "*Que te não seja pesada a tua bolsa".*

- **"Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita"** (Mt 6:1-4)

"Tomai cuidado de não fazer as vossas boas obras diante dos homens para serem vistas por eles, de outro modo não recebereis a recompensa de vosso Pai que está nos Céus. Então, quando derdes esmolas, não façais sob a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados pelos homens. Eu vos digo em verdade, que receberam sua recompensa. Mas quando derdes esmola, que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita; a fim de que a esmola esteja em segredo; e vosso Pai que vê o que se passa em segredo, dela vos entregará a recompensa".

"Jesus tendo descido da montanha, uma grande multidão de povo o seguiu; e ao mesmo tempo um leproso veio a ele e o adorou dizendo-lhe: Senhor, se quiserdes, podereis me curar. Jesus estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Eu o quero curado; e no mesmo instante a lepra foi curada. Então Jesus lhe disse: Guardai-vos de falar disto a alguém; mas ide vos mostrar aos sacerdotes e oferecei o dom prescrito por Moisés, a fim de que isso sirva de testemunho".

(Mt 7:1-4)

Com isso, Jesus nos alertou sobre o infortúnio da prática da ostentação. Se houver ostentação, não existirá mérito. Se ocultarmos o que uma mão faz, estaremos nos investindo de uma superioridade moral. Devemos renunciar dos prazeres da ostentação na prática da caridade. Temos que observar que devemos somente fazer o bem por que é bom ser bom, mas, sem alardes, e sem nos preocuparmos da aprovação social e Divina. Aqueles que somente querem a aprovação dos homens, tendo a necessidade de alarde quando for praticar algum ato benevolente, está provando que somente tem fé nos homens, em detrimento da fé Divina.

Existem aqueles que somente prestam algum serviço caridoso, na esperança de terem seus nomes afamados. Com certeza, na presença de muitos farão de um tudo para auxiliar, mas na obscuridade nada farão em favor do próximo.

Bem disse Jesus: *"Aqueles que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa".* Muitos, quando desencarnarem, clamarão: "E o que eu fiz?". Ser-lhes-á dito: *"Já colocaram um valor sobre o que fizeram. Aqui, não tens o direito de reclamar por nada"*.

Muitos fazem o bem, seja qual for, mas, sempre deixando um pequeno espaço para que outros vejam o que foi feito. Com certeza, também já ganharam o que queriam – serem vistos e reconhecidos – já estão satisfeitos. É só o que terão.

A beneficência desinteressada é favorecida pela caridade moral e pela caridade material. Faz-se pelo amor. Pela simples vontade de fazer o bem. Não dissimula o beneficio. Evitam-se as menores aparências. A verdadeira caridade é feita sem ostentação, sem vaidade, sempre sentindo em seu íntimo, que ao invés de auxiliar, está sendo auxiliado, ou seja, ao invés de beneficiar, é ele quem esta sendo beneficiado.

- **"Eu sou a luz do mundo; quem me segue, de modo nenhum andará em trevas, mas terá a vida eterna"** (João 8:12)

A luz é o símbolo da vida. Onde não existe luz, não há condições de vida.

O Hino da Umbanda diz: "*Refletiu a luz divina; em todo seu esplendor; vem do Reino de Oxalá; onde a paz e amor; luz que refletiu na Terra. Luz que refletiu no mar; luz que veio de Aruanda; para tudo iluminar (...)".*

A Umbanda, se seguida fielmente em seus preceitos crísticos, é a luz redentora de Jesus presente na Terra. Quem seguir a luz redentora de Jesus, com certeza não andará nas trevas.

Na espiritualidade, a luz se revela através de Jesus, que através de Seus ensinamentos é a luz que faz com que todos se aproximem mais do Divino Criador.

Todos nós precisamos desta luz para nos conduzir. Todos nós precisamos desta luz para não tropeçar nos caminhos da vida. Caminhar sem esta luz, que é Jesus, é caminhar nas trevas, onde tudo é difícil e perigoso, e com certeza, vamos nos expor a quedas imprevisíveis.

Assim, pois, se Jesus é a luz que ilumina o mundo e os nossos caminhos, então, sigamos com Ele, não nos apegando com dependência na figura terrena de Jesus, mas sim, seguindo fielmente Seus ensinamentos. Muitos se apegam na figura de Jesus, pedindo que Ele resolva seus problemas; suas pendengas não serão resolvidas por Jesus, mas terão soluções se seguir o que Ele ensinou.

Afinal, Jesus mesmo nos disse: *"Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia, e siga-me"* (Lc 9,23); vejam que Jesus não disse que iria tirar a nossa cruz (nossos problemas).

Em outro trecho do Evangelho Ele completa: *"Vinde a mim, todos vós que sofreis e que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e aprendei de mim que sou brando e humilde de coração, e encontrareis o repouso de vossas almas, porque meu jugo é suave e meu fardo é leve".* (Mt, cap. XI, vv. 28 a 30), com isso Jesus quis nos dizer que somente os Seus ensinamentos são capazes de oferecer o lenitivo para as nossas dores e sofrimentos.

- **"Eu sou o pão da vida..".** (Jo 6:48-51/58)

"Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná do deserto, e morreram. Este é o pão que desce do Céu, para todo o que dele comer não pereça. (João 6:47)

Eu sou o pão vivo que desceu do Céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; é o pão que darei pela vida do mundo, é a minha carne. Este é o pão que desce do Céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram, e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente". (João 6.50-58)

Jesus é o caminho, é a verdade, é a luz, é a vida e é também o pão. A Umbanda diz que Jesus é o pão que alimenta as nossas almas! Sem esse pão, nossa vida perece! Com o pão do Céu, nossa vida se completa! O pão espiritual é que alimenta a alma; o pão material alimenta o nosso corpo. Pão que desceu do Céu através da palavra do Mestre Jesus, e tem de ser levado ao nosso intelecto, ao nosso conhecimento, fazer morada e alimentar as nossas vidas; aquela que perece que é a do corpo, e a que permanece e é eterna, a vida do Espírito. O pão espiritual é tão importante quanto pão material. Jesus fala do maná do deserto. Maná que é o alimento material, uma espécie de resina que dá nos arbustos e que é, também, um excelente fortificante. Foi esse maná que a legião de retirantes, comandada por Moisés, e encontrou pelo deserto; por isso saciaram a fome, mas morreram. Os judeus tinham como milagroso o aparecimento do maná, e achavam que havia caído do Céu, por isso acharam estranhas as palavras de Jesus.

"E o pão que eu darei pela vida do mundo, é a minha carne". A substância do pão que desceu do Céu, é a Sua palavra; e o pão que Jesus dará pela vida do mundo, é a Sua carne, é o que corresponde ao seu sacrifício.

No versículo 27 do mesmo capítulo 6 de João, o Mestre Jesus põe em evidência a comida espiritual, quando ensina: *"Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo".* (João 6:27)

Todos cuidam do pão material para o sustento diário do corpo; corpo que morre; poucos cuidam do pão espiritual que alimenta a alma, e que tem a vida eterna.

O trabalho está incompleto; por isso, Nosso Senhor Jesus Cristo nos convida a que façamos, principalmente, o trabalho total, aliando o Seu pão em forma de alimento para a eternidade! Pois com a alma enriquecida por esse alimento que é a Sua doutrina, ficamos farto, e fácil nos é conquistar o pão que alimenta o corpo que morre. Porém, nós temos invertido o sentido da Lei, e por isso vimos sofrendo toda a sorte de males nestes dois mil anos da era cristã.

Noutra passagem do capítulo 6, versículo 63, o Mestre Jesus afirma categoricamente: *"O Espírito é o que vivifica. A carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são Espírito e vida".* (João 6:63)

- **Os discípulos são o sal da Terra e a Luz do Mundo.** (Mt 5:13 – 16 e 11:33-36 – Mc 9:50 – Luc 14:34 – 35)

Esta lição é, ainda, para os trabalhadores da Umbanda, os discípulos do Colegiado do Senhor Jesus e de outros que se ponham a caminho e venham enfileirar-se no trabalho de esclarecimento e de renovação.

"Vós sois o sal da Terra". O sal é condimento que poucos lhe dão a importância que ele merece. Condimento dos mais baratos, só se lhe atribui grande valor quando não é encontrado para atender à cozinha doméstica, ou o gado.

Mas o sal tem propriedades magníficas para a conservação dos alimentos, além da de temperá-los. Quando o sal se torna insosso, então é jogá-lo fora, para mais nada serve.

Os discípulos, unidos, disciplinados, amorosos, vigilantes, humildes, serão qual o sal da Terra: Condimento precioso para a edificação da obra do Senhor Jesus na Terra. Mas, se, desunidos, vaidosos, convencidos, são como o sal insosso, deteriorado, para nada valem, para nada prestam, pois que, ao invés de irradiação para ajudar a humanidade a se identificar com o Mestre Jesus, perturbam e desmoralizam o programa do Mestre.

- **"Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade sobre um monte; e ninguém acende uma vela e a coloca debaixo de um balde, mas no castiçal. E assim ilumina a todos os que estão na casa. De tal modo brilhe vossa luz diante dos homens, que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus".** (Mt 5:14 – 15)

"Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a coloca num subterrâneo, nem debaixo de um balde, mas sobre o castiçal, a fim de que os que entram vejam, a luz. A lâmpada do corpo é o olho. Quando o olho é simples todo o teu corpo é luminoso, mas quando for doente, todo o teu corpo fica trevoso. Vá, pois, se a luz que há em ti não sejam trevas. Pois se todo o teu corpo for luminoso, sem ter parte alguma em trevas, será inteiramente luminoso, como quando uma lâmpada te iluminar com o seu fulgor". (Mt 11:33 – 36)

Jesus dirige-se aos seus discípulos e a todos aqueles que venham a fazer parte do seu Colegiado de Iniciação, em qualquer tempo, e qualquer hora. Os discípulos são a luz do mundo, já que estão de posse do conhecimento, têm de fazer fulgurar essa luz, de projetá-la em todas as direções do planeta, não podem nem devem retê-la. Ela tem de ser espalhada. Do conhecimento, que é luz, há outra recomendação: *"(...) que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus".*

A luz aliada às boas obras é imprescindível para ter valor, para ser destacada. As obras devem ser vistas por todos, sem ser alardeadas, sem vaidades. Isto exige humildade, simplicidade, naturalidade. As obras, sejam de feição material ou espiritual, devem ficar no anonimato de quem as fez ou produziu. É assim que o Mestre Jesus ensina, e tem lógica.

"Vê, pois, se a luz que há em ti não sejam trevas". É uma advertência amiga. Toma cuidado! Sê verdadeiro!

Quando os olhos são simples, puros, há luz positiva, mas quando estão impuros, refletindo más intenções ligadas à mente, ao Espírito, então há treva e não luz. A maldade e a malícia turvam a limpidez dos olhos e permite que a treva invada todo o corpo. A comparação e o comentário podem ser ampliados pela luz que cada um possui. Sempre que abrirmos o nosso entendimento ao aprendizado, far-se-á luz, mas se, ao contrário, evitarmos o conhecimento, permanece as trevas da ignorância em nós. Vamos fazer luz em nós, aprendendo e pondo em prática as lições do Mestre Jesus. Comecemos hoje mesmo! Amanhã o dia estará mais desanuviado e o nosso Espírito terá outras possibilidades, se nós deixarmos penetrar a luz do conhecimento.

O melhor dia é hoje e o melhor momento é agora.

Concitamos a todos os irmãos Umbandistas a reverem suas ideias e seus ideais, que a Umbanda deve ser praticada, calcada no Evangelho Redentor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Estamos passando por tempos difíceis onde à perseguição ainda é contumaz. Mas não nos esqueçamos dos primeiros cristãos que eram queimados, crucificados e até jogados aos leões, tudo em nome de alguma religião ou mesmo interesses pessoais.

Hoje, só mudou de circo romano, para programas de televisão, rádios e outros meios de comunicação, bem como através de "bancadas políticas". Os tempos mudaram, mas a perseguição continua a mesma. Ainda bem que temos Leis Federais a nos proteger, senão...

Desses, Jesus já nos alertou:

"Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Por ventura os homens colhem uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos"? Assim toda a árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz maus frutos.

Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará nos reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci! Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade"

Há indivíduos, instituições, colegiados e pseudo religiões que vivem da iniquidade e da ilusão de somente se dirigir a Deus para conquistarem bens materiais e cura para os seus corpos. Vivem da falsidade e da perversidade; fingem-se corretos e são injustos, enganam o próximo, vivem de expedientes inconfessáveis, a ludibriar o povo. Só fazem promessas de casa, telefones, fazendas, piscinas, empregos, indústrias, ou seja, somente bens temporais. Outras, somente fazem promessas de curas de todas as ordens.

Pregam um deus que é justo somente para aqueles que vão a sua igreja. Pregam um deus que facilita as coisas materiais, dando "verdadeiras fortunas", curando tudo, para aqueles que o aceitarem em suas vidas, mas com a condição de serem fieis dizimistas, pois se não derem o seu pagamento mensal para ele, perderão tudo. Pregam um deus carrancudo, cruel, vingativo, que vive à custa de "castigar" os infiéis que não praticam a religião da sua igreja. Geralmente são os que ficam dizendo o dia todo: Jesus, Jesus – Jesus salva – Jesus te ama – Ta amarrado – Meus amados –, etc. Será que não estão incursos como falsos profetas? Só o tempo o dirá.
Infelizmente, em muitas Umbandas também só se muda a maneira de se fazer a coisa. Em nome da Umbanda, muitos estão fazendo cabeças, santo, camarinhas, ebós, boris, sacrifício de animais, feitiçarias, magias mil. Pois então, para esses, que hipocritamente saúdam o Pai Oxalá, Jesus também deixou a mesma lição.

Muitos abandonaram a Umbanda, convencidos de que praticavam feitiçarias, ou mesmo estavam servindo a demônios. A estes dizemos: verdadeiramente estavam servindo a encostos. É real o título de que se investiram de "pais, mães e filhos de encostos", pois somente a estes vocês serviam. Guias e Protetores Espirituais reais jamais fazem ou fizerem os malefícios que vocês efetuaram em nome da Umbanda. Jamais um Guia Espiritual na Umbanda apregoou ou efetuou malefícios, despachos, magias negras, olhos gordos, invejas, maledicências, fofocas, desuniões, etc. Jamais o fato de ser Umbandista nos traz desgraças; àqueles que tiveram ou tem suas vidas desgraçadas, com certeza é pelo fato de serem ignorantes, viciosos, maledicentes, hipócritas, maus e serviam a Espíritos impuros. Vieram para a Umbanda tão somente para resolver seus mesquinhos e maldosos desejos pessoais. A esses a Umbanda somente deseja paz, amor e tranquilidade em seus corações, para que possam um dia voltar suas mentes para os verdadeiros ensinamentos de Jesus. Não nos esqueçamos do ensinamento evangélico: *"O salário do pecador é a morte".*

Quando observarem indivíduos agindo de maneira em desacordo com a moral crística em nome da Umbanda, com certeza, a única coisa Umbandista que eles têm em sua vida, é a placa que mandaram pintar com o nome de Umbanda, e penduraram em frente a suas casas, que são verdadeiros antros de maldades.

A Umbanda nos ensina que a verdadeira abundância e fartura, não reside em possuir bens materiais, mas sim, esta na paz interior. Possuído pela verdadeira abundância, não necessitaremos de mais nada, pois estaremos fartos de bênçãos e agradecidos pela vida.

Lembre-se de Jesus: *"Não junteis tesouros na Terra, onde a traça rói e o ladrão rouba; mas, junteis tesouros no Céu" – "A verdadeira felicidade não é deste mundo".*

Teremos que partir deixando tudo para trás. Logo, não se apeguem a coisa alguma. Não cumulem negatividade em nome de riqueza.

- **Do amor ao próximo**

Uma das coisas que a Umbanda mais valoriza, é o amor ao próximo. A Umbanda faz da sua vivência religiosa, o amor. Os Guias e Protetores Espirituais militantes no movimento Umbandista incentivam o amor. Na Umbanda, nada é feito sem o amor. O amor é a maior das magias. A Umbanda segue fielmente o que Jesus ensinou:

"Ouviste que foi dito: Amarás teu próximo e odiarás teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei o bem a quem vos odeia e orai por aqueles que vos maltratam e perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai que está nos Céus, o qual faz surgir o sol sobre os bons e os maus e faz chover sobre os justos e os injustos. Se, porém, amais aqueles que vos ama, qual recompensa tereis? Por acaso, não fazem isso também os publicanos? E se saudardes somente vossos irmãos, que fazeis de excepcional? Por acaso, os gentios não fazem isto também? Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito". (Mt 5:43-48)

Jesus põe em evidência a lógica dos seus ensinos, e, ainda desta vez, faz relembrar o passado. No passado era assim, agora eu proponho seja assim, de maneira mais humana e mais atual. O passado passou. Venho Eu para melhorar tudo, entendei e ponde em prática o que vos ensino, pois é para vosso bem, para vossa felicidade.

Amar o próximo, o conhecido, os familiares, etc., é norma comum; não oferece obstáculos; porém, o amar aos inimigos exige um preparo maior, um treino mais profundo; como? Se inimigos houver, vamos movimentar a Lei do Perdão! Sem o perdão constante não atingiremos aquela faixa vibratória que nos conduz ao amor fraternal. Como, pois, amar a quem nos quer mal, ou por quem sentimos repulsas?

Na vida presente, vida que corresponde a uma outra que se foi, ou outras vidas que se foram, no passado das reencarnações, tivemos nos caminhos encontros, desencontros, brigas, amores, e, quem sabe, até provocamos ou cometemos um assassinato. Os companheiros de ontem entraram hoje no caminho de nossa jornada, por isso, muitas vezes, nos votam alergia, e nós por eles. O que for mais capaz, mais competente, mas capacitado, que entre no treinamento e na faixa vibratória do perdão, da reconciliação, da amizade, da estima e, por certo vencerá! Vencedor só é aquele que tem coragem de converter o inimigo em amigo! Jesus deu a lição; procuremos meios de executá-la. Se o bem é a realidade da Lei Universal, da Lei Suprema, e se o mal é a ausência do bem, tomemos precauções para evitar o mal ou por em prática todo o bem que nos seja possível.

O Mestre Jesus chama filhos de Deus, naturalmente, todos aqueles que estão aptos a seguir-lhe os conselhos. E vai mais além, lembrando-nos com naturalidade de que o Pai faz nascer o Sol sobre todos, bons e maus, e as chuvas sobre justos e injustos.

Assim teremos de proceder para estabelecer o reinado do equilíbrio, da harmonia, da paz, do amor, princípios que nos trazem felicidade. *"Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste":* Mas ser perfeitos, como? Será possível? Ante tamanhas desigualdades e problemas, será possível? É possível, pois não é Jesus que o afirma? Então vamos movimentar a nossa capacidade de agora, deixemos de lado a preguiça, e trabalhemos em prol do nosso aperfeiçoamento, mas como? Como manda Jesus; voltemos atrás e examinemos tudo que consta a partir do Sermão da Montanha e encontraremos o caminho aberto à nossa passagem, à nossa iniciação para a perfeição.

- ## Do Perdão

"Se perdoardes aos homens as ofensas que vos fazem também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados" – (Mt 6:14-15)

"Se teu irmão pecar contra ti, vai, e corrige-o entre ti e ele somente; se te ouvir, terás ganho o teu irmão. Então, chegando-se Pedro a Ele, perguntou: Senhor, quantas vezes poderá pecar o meu irmão contra mim, para que eu lhe perdoe? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas que até setenta vezes sete vezes". (Mateus, XVIII: 15, 21 e 22).

A resposta que Jesus deu à pergunta de Pedro corresponde ao perdoar sempre e incondicionalmente. Dessa orientação de Jesus: *"(...) setenta vezes sete vezes",* por curiosidade, nos munimos de uma calculadora e fomos fazer as contas de quanto dava isso. Pasmem: Jesus mandou que não perdoássemos somente 7 vezes, mas, 1.183.490 vezes. Ou seja, perdoar infinitamente, sem limites. Só assim, alcançaremos o complemento da nossa Paz, de fato, da nossa paz que será contagiante a outros irmãos que não tenham, ainda, atingido o grau de compreensão para perdoar, não setenta vezes sete vezes, mas indefinidamente.

"Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la. (Mt 5: 23-24)

O perdão, em qualquer circunstância, é uma necessidade, senão um dever de qualquer criatura. Evita o remorso, a intranquilidade, a dor de cabeça. O cultivo das lições de Jesus e o desejo de espiritualizar-se devem ser a constante nos homens deste século. A lição exposta é calar e não admite qualquer interpretação duvidosa, vacilante, e está condicionada, dentro da liberdade que Deus nos concede e da escolha. De forma alguma deve ser guardada mágoa ou raiva dos desencontros, pois *"tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu e tudo o que desligardes na Terra, será desligado no Céu"*. A responsabilidade dos novos sentimentos amadurece com o livre arbítrio; a vingança martiriza e escraviza, o perdão liberta. O perdão, antes de ser uma dádiva de bondade, é uma libertação da alma. Perdoando se é perdoado e todo o desentendimento é sanado pela misericórdia.

"Se perdoardes, vosso Pai vos perdoará. Se não perdoardes, vosso Pai não vos perdoará".

A nossa fraqueza, por causa da ignorância que habita em nós, não nos permitirá, de pronto, perdoar abertamente, sem sentir mágoa do nosso ofensor. Porém, o trabalho do Evangelho é o de evangelizar, o de espiritualizar o homem, para torná-lo menos agressivo, mais comedido, mais compassivo com os seus irmãos em humanidade.

Então, para sermos filhos dignos aos olhos do Pai, vamos exercitar, diariamente, o perdão, de maneira a que a tranquilidade seja em nós uma constante. Perdoar é nobre, quando se perdoa com a palavra e com o "coração", sem fingimento, sem hipocrisia.

A defesa e a imunidade contra todos os tipos de feitiços reside na "cristificação" do homem e não na escolha deste ou daquele credo. Ninguém adquire espiritualidade defensiva e protetora contra todos os tipos de maldade, somente por rezar ou citar trechos do evangelho, da bíblia, acender velas, tomar banhos de descarrego, riscar pontos, efetuar magias, simpatias, passes, oferendas, despachos e ebós. Só conseguirá se for assiduamente evangelizado, dependendo dessa constante espiritualização como se dependesse de se alimentar.

O INÍCIO E O IDEALIZADOR DA RELIGIÃO DE UMBANDA

O que agora irei relatar foram duas experiências espirituais, dois arrebatamentos, dois êxtases em momentos de oração; portanto, por ser uma experiência pessoal, não posso "provar" a veracidade dos fatos, mas apelo para a razão e o bom senso de cada um para que reflitam e utilizem suas intuições para entenderem e saberem da realidade do que será relatado. Peço a todos também, que perguntem a um Guia Espiritual, de fato, sobre o assunto, e verão a sua opinião.

Nesse relato, vou transcrever tudo o que ficou impresso em minha mente, embora, quando temos uma experiência em desdobramento consciente muita coisa pode se perder, mas, procurarei através da parca lembrança, ser fiel ao que vivenciei.

Num dia, num momento contemplativo de oração, de repente, fui praticamente arrebatado. Meio estonteado, minha visão turvou-se, e num segundo, comecei a ver uma cena que me impressionou muito.

Eu via tudo como se eu estivesse assistindo a um filme em terceira dimensão. Tal era a realidade, que dava a impressão que eu estava participando ativamente de tudo. Em meu íntimo eu sabia que estava em Aruanda.

Era noite, e a Lua brilhava intensamente. Como um mero expectador, por traz, via uma imensa multidão sentada, num grande ambiente natural, a meia luz. Ao fundo do ambiente, entre frondosas árvores, erguia-se tipo uma "concha acústica" simples, toda formada e adornada floridamente com a própria Natureza. Essa "concha acústica" brilhava de modo especial e de onde qualquer um estivesse, via-a perfeitamente, sem entraves. Todos estavam compenetrados, em estado meditativo, em silêncio total.

Nessa multidão, à frente, divisei vários veneráveis sentados, em forma de meia lua, mantendo a leveza do semblante, todos em estado contemplativo.

De repente, olhando atentamente um a um, emocionadamente comecei a reconhecer alguns. Divisei primeiramente, Santo Agostinho, Santo Antônio de Pádua e São Benedito; logo em seguida, no meio dos veneráveis, vislumbrei um índio, simples, sereno, que imediatamente reconheci ser o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Ao lado estava um venerável trajando roupas indianas, que logo reconheci como sendo o Senhor Maha Baba. Em torno deles estavam outros anciões, senhores e senhoras sentados, os quais não reconheci de imediato, pois fiquei atento e embevecido com os que conhecia.

Por traz dos anciões posicionavam-se a grande assistência em silêncio. Quando olhei atentamente para a multidão, comecei a reconhecer Índios, Pajés, Caboclos, Pretos-Velhos, senhoras e senhores de idade avançada, mulatos, mamelucos, cafuzos, padres, freiras, crianças, muita gente vestida de branco, todos de semblante calmo e irradiante. Eu estava intensamente emocionado, pois me encontrava diante de uma imensa irmandade que reconheci serem Guias Espirituais da Umbanda. Isso me fazia arrepiar. Todo o meu ser vibrava de emoção.

Num dado momento, até a Natureza em volta silenciou totalmente. Todos se levantaram, de cabeças baixas, com as mãos postas juntas à altura do peito, e na "concha acústica" apareceu nada mais, nada menos que o Mestre Jesus, todo vestido de branco. Creio que Jesus nesse momento praticamente "apagou" sua luz, pois apareceu normalmente, vibrando uma paz infinda.

Eu, como um mero espectador, gelei; senti todo o meu ser estremecer, tal a emoção que de mim se apossou.

Jesus, a todos olhava com ternura. Com um sinal das mãos, pediu para que todos sentassem. Calmamente, disse:

"Que a paz e o amor que emana de Deus Pai esteja entre todos vós. Hoje é um dia de muita alegria, pois sou portador de alvissareira notícia que fará resplandecer mais ainda o amor do nosso Pai sobre a humanidade.

Há muito, foi-nos enviada farta documentação sobre a criação terrena de mais uma religião que iria permear as vidas de muitos. Não é da vontade de nosso Pai impor uma religião ou doutrina exclusivista, mas, sempre abre caminhos quando surge um grupamento voltado ao bem, com a oportunidade abençoada de esparramar as bênçãos do amor.

Essa religião virá integrar-se a outras, onde terá como missão ser a portadora da humildade, da paz, do amor e da compaixão desmedida, onde os filhos da luz, abençoados, humildes e determinados, irão espargir a mensagem redentora do meu Evangelho aos filhos encarnados, mostrando que todos podem e tem condições de serem medianeiros da Espiritualidade Maior.

O final dos tempos teve inicio quando da minha vinda na Terra. Hoje, todos presenciamos os acontecimentos plasmados da vontade frenética dos irmãos ainda perdidos na ignorância de suas ilusões. Os tempos são chegados. Estão sendo conclamados os trabalhadores da última hora. Precisamos da colaboração de todos.

Muitos de meus irmãos, simples de coração, oraram diuturnamente por uma oportunidade abençoada de fazer algo pelos seus. Suas preces foram ouvidas.

Nesse momento, Jesus estendeu suas mãos chamando o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Este levantou-se, chorando copiosamente. Ao chegar diante de Jesus, dobrou seus joelhos encostando a cabeça no chão aos pés de Jesus; o Mestre imediatamente levantou-o, abraçando-o ternamente; nesse momento, todos se emocionaram.

Jesus, de frente com o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, pegou suas mãos, e olhando-o bem nos olhos, disse-lhe: *"Filho amado. Quando servias ao plano espiritual, encarnado como jesuíta, levando aos seus irmãos indígenas em terras brasileiras a mensagem do Evangelho, sobressaístes em amor e humildade. Posteriormente, tivestes a oportunidade abençoada de reencarnar como silvícola, angariando respeito e amizades; de volta ao plano espiritual, junto aos seus irmãos de jornada, os nativos, conseguistes reunir todos em ideais nobres, auxiliando-os a se tornarem mensageiros crísticos, bruxuleando a formação de uma nova religião. A "Manifestação do Espírito para a Caridade" já estava sendo plantada no coração dos Espíritos afins, angariados por ti. A semente desta religiosidade compassiva já estava sendo gradativamente formada há tempos, sem alardes, sem ostentação, mas, sim, simplesmente pela boa vontade dos obreiros da vida eterna em trabalhar e servir.*

Hoje, é em tuas mãos que deposito a missão de plasmar na Terra de Santa Cruz, essa que será a mais serviçal das religiões, pois ela terá como lema: "A manifestação do Espírito para a caridade pura, desmedida, gratuita e amorosa".

Pegando no ombro do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, virou-o para a assistência e lhe disse: *"Aqui,* (apontando para os veneráveis), *estão teus confrades. Eles os auxiliarão a conduzir tão nobre religião. Ali,* (apontando para a grande multidão), *estão teus irmãos. Conduzi-os para o trabalho árduo na Terra, para que através da mediunidade redentora possam ser abençoados todos que delam fizerem uso. Paulatinamente, com amor e dedicação, oriente-os na paciência no trato com os filhos desgarrados que encontram-se encarnados. Ensinai a todos com ardor, como reconduzir os irmãos que encontram-se perdidos na ignorância, na senda da luz e do perdão".*

Depositando um imenso livro nas mãos do Caboclo disse: *"Aqui está registrado todas as considerações que necessitar, para que possa plantar e erguer a manifestação religiosa da humilde religião que ora irá anunciar. Junte tudo o que aqui está escrito com o Evangelho e mais o livro da sua vida, e coloque em prática.*

Nada oculte. Seja sempre claro e objetivo, mas, simples e humilde. Mostre que o conhecimento e a dedicação a Deus estão ao alcance de todos. Mostre que essa religião é universalista, e que aceita tudo o que é bom, rejeitando tudo o que é mal.

Ensine que: "Todos serão ouvidos, e nós aprenderemos com aqueles que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é à vontade do nosso Pai"

O trabalho será grande e espinhoso. Assim como foi comigo, será espezinhado, mal compreendido, ofendido e muitos, principalmente os de dentro, quererão derrubar pra sempre, o que plantarás, desvirtuando e deturpando o que humildemente ensinarás. Mas, tenha fé, amor, dedicação, disciplina, obediência e principalmente paciência. Muitos, no anonimato, estarão alertas e trabalhando para no momento certo, auxiliarem-no.

Neste mesmo dia, 30 de abril de 1856, na França, também foi entregue nas mãos de Rivail (Allan Kardec) *toda a organização, todo o esquema do que seria a implantação do Consolador prometido, a manifestação mediúnica dos Espíritos Santos de Deus na Terra.*

Como vos disse, o caminho será espinhoso e a incompreensão preconceituosa será abundante, mas seja firme. No inicio serão duas linhas paralelas, duas correntes religiosas mediúnicas com direcionamentos diferentes, mas com o mesmo objetivo: caridade; mas no final, se encontrarão e seguirão unidas, num só coração e num só pensamento.

Vá. O tempo urge. Que a paz de Deus esteja convosco.

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, abraçado ao livro, chorava copiosamente.

A multidão, de pé, também chorando, entoavam majestosamente um cântico: *"Oxalá meu Pai; tem pena de nós tem dó; se a volta do mundo é grande, seu poder ainda é maior. Dai-nos forças Oxalá; dai-nos forças Oxalá; pra cumprir nossa missão, dai-nos forças Oxalá".*

O Caboclo desceu da "concha acústica", misturando-se a todos, entre choros e abraços.

Depois disso, nada mais vi. Abri meus olhos, chorando de emoção.

Encontramos um trecho esclarecedor, ditado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas ao seu discípulo, Leal de Souza, que nos esclarece liricamente seu encontro com Jesus, que lhe apontou o caminho que deveria seguir, corroborando com o que vimos, descrito acima:

(...) *"Estava esse Espírito no espaço, no ponto de intersecção de sete caminhos, chorando sem saber o rumo que tomava, quando lhe apareceu, na sua inefável doçura, Jesus, e mostrando-lhe, numa região da Terra, as tragédias da dor e os dramas da paixão humana, indicou-lhe o caminho a seguir, como missionário do consolo e da redenção. E em lembrança desse incomparável minuto de sua eternidade, e para se colocar no nível dos trabalhadores mais humildes, o mensageiro de Cristo tomou o seu nome dos caminhos que o desorientavam, e ficou sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas"* (...). (Texto de Leal de Souza, em seu livro "O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA – 1933")

Somos sabedores que tudo o que se passou, passa e passará, já é do conhecimento do Divino Pai. Mas, também somos sabedores da Lei Maior imperante no plano terreno, que se chama – Lei do Livre Arbítrio – ou seja, nos é dado à liberdade de fazermos, pensarmos e realizarmos tudo o que quisermos com a nossa vida (desde que não interfiramos negativamente no livre arbítrio alheio), no plano terreno, enquanto aqui estivermos encarnando. Assim, tudo o que acontece no plano terreno, sempre será pela ideação, vontade e realização humana. A Espiritualidade Maior nunca interfere nas decisões humanas; somente nos orientam, nos intuem, mas deixam a decisão por nossa conta. Assim sendo, a Umbanda também foi idealizada por um Espírito humano. Mas, quem seria o Espírito que enviou farta documentação para a Espiritualidade Superior, sobre a implantação da Umbanda na Terra? Tive a grata satisfação de conhecê-lo.

Numa segunda experiência (anterior à relatada), num dia, em frente ao Peji, estando em estado contemplativo de oração, fui igualmente arrebatado para fora do meu corpo. Num dado momento, encontrava-me numa densa floresta, ladeada por árvores centenárias de uma beleza sem igual, todas recobertas por uma espécie de musgo verde-escuro exuberante. O colorido do local era mais vivo e o perfume emanado das plantas era inebriante. O ar era úmido e me fazia bem inalá-lo. Todo o local era orvalhado, e as gotículas irradiavam a luminosidade do Sol, formando pequenos arco-íris de uma cor intensa, mas que não feriam os olhos. Tudo a minha volta era belo, calmo, compassivo e sereno. Pássaros cantarolavam aqui e acolá, numa melodia suave e hipnotizadora.

O interessante é que eu não inquiria onde estava ou mesmo não me encontrava espantado com tudo o que via. Dava-me a impressão de que me encontrava em minha casa. Tudo era natural e eu andava pela trilha formada naturalmente, como se estivesse no paraíso, a caminhar meditativamente. Num dado momento da trilha, do lado esquerdo, observei uma imensa construção no meio da floresta. Era um edifício de grandes proporções, tendo a sua frente várias colunas bem distribuídas, em muito parecendo o "Paternon", da Grécia antiga, todo ladeado pelas árvores. Nas colunas centrais, e acima, existiam símbolos desconhecidos por mim. O símbolo entalhado na porta (triângulo e Cruz) reconheci como um símbolo da Umbanda. Era de uma beleza e singeleza sem igual. Ao mesmo tempo em que irradiava seriedade, também irradiava simplicidade e serenidade. Parei na frente do Templo e fiquei curiosamente a observá-lo cuidadosamente.

De repente, a porta principal do Templo se abriu, e de dentro surgiu um ancião. Este senhor estada trajado com uma roupagem branca, a maneira indiana. Era calvo, estatura baixa, e tinha um semblante sereno, firme, bondoso, de uma segurança impressionante. Suas rugas refletiam beleza.

Portava o símbolo " ॐ " no pescoço. De suas mãos, naturalmente, espargiam uma luz cor-de-rosa calmante. Difícil explicar. Com um belo sorriso, abriu seus braços e alegremente me recepcionou dizendo: *"Bem vindo meu filho. Que bom que estejas aqui".*

Após o longo, demorado e emocionante abraço, com eu, emocionadíssimo, em lágrimas, me pegou pelas mãos e disse-me: *"Me acompanhe".* Caminhamos por uma trilha na mata, parando defronte a uma pequena elevação de terra recoberta por uma leve camada de gramado. Ladeando a elevação de terra, formando um nicho, grassava uma vegetação abundante, toda florida de azul e cor de rosa, muito se parecendo com a planta chamada "primavera". Deste nicho dava pra avistar um imenso vale recoberto de árvores, sendo algumas floridas multicoloridas, tendo ao fundo uma leve névoa esbranquiçada por cima de uma cachoeira formando uma lagoa; pássaros e borboletas exóticas revoavam para lá e para cá.

Daquele lugar, o Céu era visto como um tapete de seda azul, pontilhados de nuvens branquíssimas. Mostrando-me o nicho, ele me disse: *"Filho. Aqui nasceu a Umbanda".*

Fiquei a contemplar a pequena elevação, quando abruptamente voltei à realidade física, com os olhos embargados com lágrimas.

À noite, em conversação com os Guias Espirituais, para o meu espanto, me informaram que tive o privilégio de conhecer o Espírito que tinha idealizado a Religião de Umbanda. Chorei de alegria.

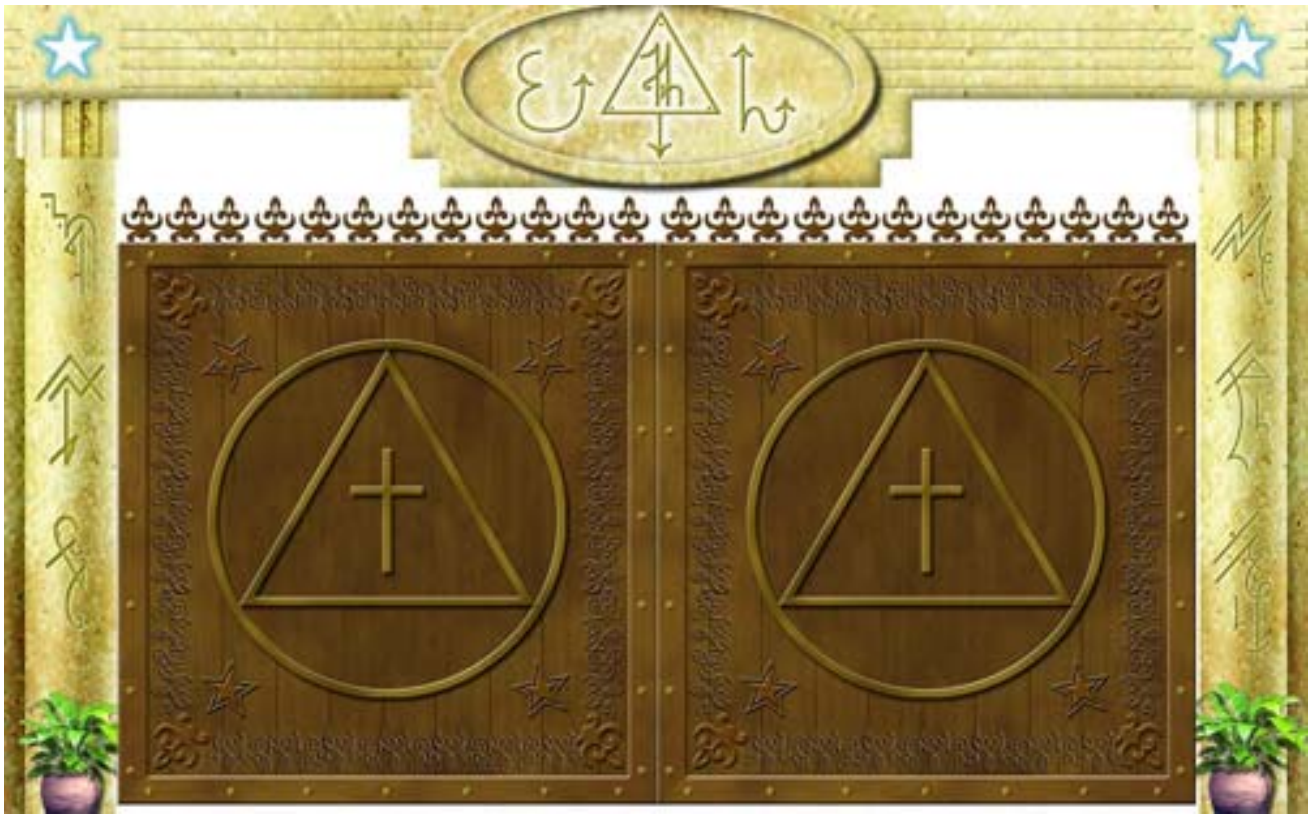
Disseram-me que este Espírito, em sua última encarnação, foi um grande luminar em terras indianas (na Umbanda, os Espíritos fazem uso de nomes simbólicos, erradicando os nomes pelos quais foram conhecidos quando encarnados, numa alusão à sua humildade. Não querem de forma alguma que os veneremos pelo que foram quando encarnados, mas sim, que os respeitemos e sigamos seus exemplos. Querem somente servir a Deus e ao amor). Também me disseram que este Espírito, hoje, pontifica a Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente), sendo conhecido como: Venerando Maha Baba.

Pedimos a um pintor que fizesse, sob nossa orientação, passo a passo, a reprodução da imagem do Venerando Maha Baba:

Maha Baba – Venerando da "Linha Sublime dos Magos Brancos do Oriente" – idealizador da religião de Umbanda

Maha: significa grande. Baba: significa Pai. Portanto, Maha Baba quer dizer: Grande Pai.

Abaixo, de forma humilde, a reprodução da entrada do grande Templo vislumbrado por mim, que pedi ao mesmo pintor, reproduzir da melhor forma:



Bom, essas foram umas das mais belas experiências que já tive. Acredite quem quiser. Mas, como eu já disse, façam uma experiência: Perguntem aos seus Guias e Protetores Espirituais, da veracidade da existência do Senhor Maha Baba, Venerando da Linha Sublime de Trabalhos Espirituais dos Magos Brancos do Oriente, idealizador da Religião de Umbanda.

Eis ai, talvez, uma das explicações do porque esse movimento religioso ter o nome Umbanda, que é uma regionalização do termo – "Aumbhandham" – em sânscrito.

Após este Espírito idealizar um movimento religioso que viria resgatar a religião primeva, simples, caridosa, universalista, humilde, suas ideias foram aceitas com unanimidade pela Espiritualidade Superior, sendo ordenada a fundamentação de tão nobre religião.

Após a idealização e aceitação da Religião de Umbanda, iniciou-se a sua formação espiritual, que demandou um bom tempo, e deu-se um grande movimento, pois muitos Espíritos vieram solícitos auxiliar a constituição da religião emergente, pois viram a efetividade e a seriedade da nova corrente religiosa/mediúnica, que viria permear a vida de muitos.

Foi iniciada a coordenação espiritual para num breve futuro formar a Religião de Umbanda; aproveitando o culto ancestral da Jurema (pajelança), fortalecendo a crença em Jesus e Seu Evangelho legados pelo Catolicismo, aprendendo a lidar com as forças da Natureza (Orixás) com os cultos africanos, equilibrando a mediunidade através dos conceitos estudados no Pentateuco kardequiano e por fim, o rigor e a importância do conhecimento milenar do Orientalismo.

Mais tarde, a partir de 1856 (relato anterior), houve a materialização da religião, onde começaram as primeiras manifestações mediúnicas de Espíritos já em grau elevado, formadores deste movimento (os que vieram abrir caminho) por todos os rincões brasileiros (mas ainda sem apresentar o nome da Umbanda), para formalizá-la em 1.908. Estava sendo preparada a implantação da Umbanda como religião em solo brasileiro. O venerando senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas é o instituidor da Umbanda no Brasil, como religião.

Alguns anos antes da instituição oficial da Umbanda, muitas entidades já se manifestavam, aqui e ali, trazendo as primeiras sementes da nova religião e preparando o importante advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Na página 14 do livro "Umbanda e o Poder da Mediunidade" de Wilson Woodrow da Matta e Silva, encontramos as seguintes referências em relação ao assunto:

- *"Em 1934 tivemos contatos com um médium de nome Olímpio de Mello, oriundo de Magé (um mulato alto, magro) que praticava "a Linha de Santo de Umbanda" há mais de 30 anos (portanto, desde 1904 mais ou menos) e que trabalhava com um Caboclo dito como Ogum de Lei, com um "Preto Velho", de nome Pai Fabrício e com um Exu de nome Rompe-Mato".*

- *"Em 1935 conhecemos também o velho Nicanor (com 61 anos de idade) num sítio da Linha Auxiliar denominado Costa Barros, que sempre afirmava orgulhosamente que, desde 16 anos, já recebia o Caboclo Cobra-Coral e o Pai Jacob e que desde o princípio, as suas sessões "era no "girado" da Linha Branca de Umbanda", nas demandas e na caridade (portanto desde o ano de 1890, segundo suas afirmativas)".*

- *"Em 1940 conhecemos um famoso "pai-de-santo" denominado Orlando Cobra-Coral (nome de sua Entidade de cabeça, um Caboclo), também num subúrbio da Linha Auxiliar, em Belfort Roxo, que dizia praticar a "Umbanda Branca", já há 27 anos, portanto desde 1913 (...)".*

Observem que esses médiuns declararam que praticavam Umbanda, antes de 1908, mas, deram essa informação na década de 1930/1940. Com certeza, incorporaram em suas práticas o nome Umbanda, a partir do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, após 1908. Antes, com certeza, praticavam somente mediunismo ou mesmo a famosa "Macumba", mas, já com bruxuleios de manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos.

Ainda em relação ao evento anterior, o leitor poderá encontrar mais detalhes na página 128 do mesmo livro de W. W. da Matta e Silva:

"Muitos vanguardeiros receberam a tarefa ou a missão de lançarem as primeiras sementes da Umbanda, a fim de que em dias futuros pudessem brotar, e seus frutos se transformassem num sistema, numa Lei, numa Regra, numa Religião. As maiorias dos eventos desses vanguardeiros, não foram registradas oficiosamente, ou seja, não foram destacados pelos interessados que escreviam.

Dentre esses vanguardeiros, merece destaque especial, o grande enviado, o Espírito do Caboclo Curugussu, que preparou por vários e vários anos o advento primeiro do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que atuaria nas grandes massas populares, visando tornar popular o termo Umbanda e o culto apregoado por esse portentoso enviado da Espiritualidade. Devemos ainda ressaltar que, no Nhengatú (Tupi antigo), o termo Curugussu significa: "O Grito do Guardião".

Não pudemos comprovar efetivamente, que o nome "Curugussu" realmente significa: "O Grito do Guardião". Segundo o Dicionário da língua Tupy: chamada língua geral dos indígenas do Brasil, de 1858 – por Antônio Gonçalves Dias, o mais aproximado que encontramos sobre "grito", foi: *"Çapucái": clamar, bradar, apregoar, gritar por alguém.* E, o mais aproximado de "Guardião: *"Manhána": guardar, guarda, vigia, custódia, ronda.* Não encontramos o termo: *"Curug"*, mas sim, *"ussu"*, nesse mesmo dicionário: *"uçu"*: grande. De onde o Sr Matta e Silva tirou a conclusão que "Curugussu" quer dizer o grito do guardião, desconhecemos.

O jornalista Leal de Souza dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, relatou, através de sua pena, sincera e honesta, alguns fatos relativos a essa Entidade, numa entrevista publicada no Jornal de Umbanda de outubro de 1952, com o título de "Umbanda – Uma Religião Típica do Brasil":

"A Linha Branca de Umbanda é realmente a religião nacional do Brasil, pois que, através dos seus ritos, os Espíritos dos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem a sua descendência. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curugussu, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos Guias Superiores, que regem o nosso ciclo psíquico de realizar na Terra a concepção do espaço (...)".

Se Leal de Souza disse isso, com certeza ouvir do próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois foi médium na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade por 10 anos. Infelizmente não foi deixado claro se o Caboclo Curugussu comunicou-se espiritualmente através de um médium, e nem onde ele teria se manifestado. Pelo relatado por Leal de Souza, da claramente a entender que o Caboclo Curugussu trabalhou espiritualmente, e não em trabalho mediúnico, como precursor da Umbanda.

Um grande movimento se formou na espiritualidade, chamando pelos seus "Emissários da Luz", para abrir o caminho da implantação da Umbanda na Terra. As manifestações desordenadas de muitas entidades espirituais, sem disciplina, sem hierarquização, com particularidades de apresentação mediúnica regionais, iniciaram seus trabalhos, dentro do que já existia no plano terreno, que era o Catimbó, a Cabula, e, posteriormente a Macumba.

Tudo culminou com a manifestação ordenada do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 16 de novembro de 1908, ditando as "Linhas Mestras" e regras da religião emergente, separando-a da Macumba, do Catimbó, dos cultos afro-brasileiros e do Espiritismo, fundamentando um novo culto que ali se iniciava.

No mais curto espaço de tempo possível abarcou-se o maior número de fiéis. Era o momento da abertura da conscientização e de uma nova maneira evolucional para todos os Espíritos. Era o momento da chamada de todos, para as coisas do Espírito.

Era o momento do rompimento das barreiras da escravidão espiritual, surgindo assim, a manifestação Divina em tudo e em todos. Era o momento de plantar a ideia de que Deus se irradia em todos e para todos, e não somente para alguns poucos "escolhidos". Era o momento de plasmar uma religião que também viria orientar sobre as necessidades materiais dos filhos de Deus. Foram chamados os trabalhadores da última hora (tanto encarnados como desencarnados) para atender ao apelo de Jesus, em trabalho caritativo em terras brasileiras. Os obreiros de Ogum saíram abrindo os caminhos, clamando pelos doadores da energia divina.

Quais os objetivos da formação de tão nobre religião?

A ORDEM DO MESTRE

Avizinhando-se a Natal, havia também no Céu um rebuliço de alegrias suaves. Os anjos acendiam estrelas nos cômodos de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias misteriosas que encheram um dia de encantadora suavidade a noite de Belém. Os pastores do paraíso cantavam sob o esforço caricioso dos zéfiros da imensidade, o Senhor chamou o Discípulo Bem-Amado ao seu trono de jasmins matizados de estrelas.

O vidente de Patmos não trazia o estigma da decrepitude como nos seus últimos dias entre as Espórades. Na sua fisionomia pairava aquela mesma candura adolescente que o caracterizava no principio do seu apostolado.

- *João* – disse-lhe o Mestre – *lembras-te do meu aparecimento na Terra?*

- Recordo-me Senhor. Foi no ano 749 da era romana, apesar da arbitrariedade de frei Dionísios, que colocou erradamente o vosso natalício em 754, calculando no século VI da era cristã.

- *Não, meu João* – retornou docemente o Senhor – *não é a questão cronológica que me interessa em te argüindo sobre o passado. É que nessas suaves comemorações vem até mim o murmúrio doce das lembranças!*

- Ah! Sim, Mestre Amado – retrucou pressuroso o Discípulo – compreendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento. Oh!, se me lembro; a manjedoura, a estrela guiando os poderosos ao estábulo humilde, os cânticos harmoniosos dos pastores, a alegria ressoante dos inocentes, afigurando-se-nos que os animais vos compreendiam mais que os homens, aos quais ofertáveis a lição da humildade com o tesouro da fé e da esperança. Naquela noite divina, todas as potências angélicas do paraíso se inclinaram sobre a Terra cheia de gemidos e de amargura para exaltar a mansidão e a piedade do Cordeiro.

Uma promessa de paz desabrochava para todas as coisas com o vosso aparecimento sobre o mundo. Estabelecera-se um noivado meigo entre a Terra e o Céu e recordo-me do júbilo com que vossa Mãe vos recebeu nos seus braços feitos de amor e de misericórdia. Dir-se-ia, Mestre, que as estrelas de ouro do paraíso fabricavam naquela noite de aromas e de radiosidades indefiníveis um mel divino no coração piedoso de Maria!.

Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem-amado, vejo o transcurso da vossa infância, sentindo o martírio de que fostes objeto; o extermínio das crianças de vossa idade, a fuga aos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuais em companhia de José, as vossas visões maravilhosas no infinito, em comunhão constante com o vosso e nosso Pai, preparando-vos para o desempenho da missão única que vos fez abandonar por alguns momentos os palácios de sol da mansão celestial para descer sobre as lamas da Terra.

- Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres como seguem no mundo as coisas atinentes à minha doutrina?

- Vão mal, meu Senhor. Desde o concílio ecumênico de Nicéia , efetuado para combater o cisma de Ário em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arianismo seguiu-se o movimento dos iconoclastas em 787 e tanto contrariaram os homens o vosso ensinamento de pureza e de simplicidade, que eles próprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangélicos.

- Mas não te recordas João, que a minha doutrina era sempre acessível a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do caminho, da verdade e da vida sem lhes haver escrito uma só palavra.

- Tudo isso é verdade, Senhor, mas logo que regressastes aos vossos impérios resplandecentes, reconhecemos a necessidade de legar à posteridade os vossos ensinamentos. Os evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas atividades, o véu da matéria e do símbolo. A todas as coisas puras da espiritualidade adicionam a extravagância de suas concepções. Nem nós e nem os evangelhos poderíamos escapar. Em diversas basílicas de Rávena e de Roma, Mateus é representado por um jovem, Marcos por um leão, Lucas por um touro e eu, Senhor, estou ali sob o símbolo estranho de uma águia.

- E os meus representantes, João, que fazem eles?

- Mestre, envergonho-me de o dizer. Andam quase todos mergulhados nos interesses da vida material. Em sua maioria, aproveitam-se das oportunidades para explorar o vosso nome e, quando se voltam para o campo religioso, é quase que apenas para se condenarem uns aos outros, esquecendo-se de que lhes ensinastes a se amarem como irmãos.

- *As discussões e os símbolos, meu querido* – disse-lhe suavemente o Mestre – *não me impressionam tanto. Tiveste, como eu, necessidade destes últimos, para as predicações e, sobre a luta das ideias, não te lembras quanta autoridade fui obrigado a despender, mesmo depois da minha volta da Terra, para que Pedro e Paulo não se tornassem inimigos? Se entre meus apóstolos prevaleciam semelhantes desuniões, como poderíamos eliminá-las do ambiente dos homens, que não me viram, sempre inquietos nas suas indagações? O que me contrista é o apego dos meus missionários aos prazeres fugitivos do mundo!*

- É verdade, Senhor.

- Qual o núcleo de minha doutrina que detém no momento maior força de expressão?

- É o departamento dos bispos romanos, que se recolheram dentro de uma organização admirável pela sua disciplina, mas altamente perniciosa pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado suntuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palácios confortáveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravização das consciências. Enquanto vós não tínheis uma pedra onde repousar a cabeça, dolorida os vossos representantes dormem a sua sesta sobre almofadas de veludo e de ouro; enquanto trazíeis os vossos pés macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador traz a vossa imagem nas sandálias matizadas de pérolas e de brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surpreendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basílicas suntuosas, erigidas no mundo como um insulto à glória da vossa humildade e do vosso amor, choram as crianças desamparadas, os mesmos pequeninos a quem estendíeis os vossos braços compassivos e misericordiosos. Enquanto sobram as lágrimas e os soluços entre os infortunados, nos templos, onde se cultua a vossa memória, transbordam moedas em mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demônio no chão acolhedor da vossa casa.

- Então, meu Discípulo, não poderemos alimentar nenhuma esperança?

- Infelizmente, Senhor, é preciso que nos desenganemos. Por um estranho contraste, há mais ateus benquistos no Céu do que aqueles religiosos que falavam em vosso nome na Terra.

- Entretanto – sussurraram os lábios divinos docemente – consagro o mesmo amor à humanidade sofredora. Não obstante a negativa dos filósofos, as ousadias da ciência, o apodo dos ingratos, a minha piedade é inalterável. Que sugeres, meu João, para solucionar tão amargo problema?

- Já não dissestes, um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse?

- Mas prometi ao mundo um Consolador em tempo oportuno!

E os olhos claros e límpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pai Celestial, Jesus exclamou:

- Se os vivos nos traíram, meu Discípulo Bem-Amado, se traficam com o objeto sagrado da vossa casa, profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos túmulos para que a verdade ressurja das mansões silenciosas da morte.

Os que já voltaram pelos caminhos ermos da sepultura retornarão à Terra para difundirem a minha mensagem, levando aos que sofrem, com a esperança posta no Céu as claridades benditas do meu amor!

E desde essa hora memorável, há mais de cinquenta anos, o Espiritismo veio, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a todas as criaturas.

(Trecho extraído do livro: "Biblioteca Chico Xavier – Palavras do Infinito" – pelo Espírito de Humberto de Campos, através do médium Chico Xavier – Pedro Leopoldo 20 de dezembro de 1935)

No dia, 30 de abril de 1856, na França, foi entregue nas mãos de Allan Kardec todo o esquema do que seria a implantação do Espiritismo. Neste mesmo dia, também foi entregue nas mãos do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, todo o esquema da implantação da Umbanda nas Terras de Santa Cruz, nosso amado Brasil. Estava aí, a concretização da promessa do Senhor Jesus: O Consolador Prometido. Jesus disse: *"E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre"* (João 14:16).

Logo após, completou: *"Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito".* (João 14:26). Por isso, consideramos que o Consolador prometido é a presença dos Espíritos Santos de Deus, os Guias e Protetores Espirituais em si, em benefício de todos, e não nenhuma doutrina filosófica ou religiosa em particular. Nessa mesma hora memorável, também, a Umbanda nascia para ser serviçal às obras do Senhor, como, também, uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma "Modalidade de Espiritismo", está explicitada neste Módulo, no capítulo "POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?", no subtítulo "1ª Missão"), a manifestação mediúnica dos Espíritos Santos de Deus, os Guias e Protetores Espirituais na Terra, que vem nos trazer as mensagens do Cristo Planetário.

Vejam só o que o Espírito de Ramatis, através de Hercílio Maes diz quando se refere a muitos Espíritos que iriam reencarnar e vindo para a Umbanda:

O EVANGELHO A LUZ DO COSMO

Até o fim do século atual, período em que se processa o profético "Juízo Final", e época dos "Tempos Chegados", provavelmente devem ser convocados à reencarnação mais de 5 bilhões de Espíritos na erraticidade, para aí no mundo físico darem o testemunho da evolução espiritual.

Antigos magos negros serão chamados a militar na magia branca de Umbanda, e muitos retornarão às antigas práticas em prejuízo do próximo, ainda estimulados pela sua deficiência espiritual.

Entre antigos inquisidores, líderes sombrios da Idade Média, polemistas de dissensões religiosas e mesmo políticas, serão convidados a participar da renovação espiritual do mundo, embora muitos deles ainda devam prosseguir preferindo as discussões estéreis à ação crística.

Mas, conforme as estatísticas da "Administração Sideral", apenas um terço da vossa humanidade deverá ser escolhido à direita do Cristo e gozar da concessão de voltar a encarnar-se na Terra, no próximo milênio. Os dois terços restantes compreendem os "feixes" de joio, que "atados de pés e mãos", e devido à sua irresponsabilidade espiritual, serão classificados à "esquerda" do Cristo e obrigados a emigrar para um mundo primitivo, onde o homem ali mal consegue amarrar machados de pedra!

São esses Espíritos escravos do "mundo de César", que preferiram exclusivamente a "porta larga" dos prazeres, vícios, das ignomínias, paixões e facilidades humanas, desprezando a "porta estreita", que simboliza o dever, estoicismo, e paciência e resignação.

(Trecho extraído do livro: "O Evangelho à Luz do Cosmo", pelo Espírito de Ramatís através do médium Hercílio Mães – 1974 – Capítulo 16 – "O trigo e o joio")

Vejam então que antigos Espíritos endividados perante a Espiritualidade Maior, magos negros, mas, portadores de grandes conhecimentos herméticos, infelizmente, no pretérito, usados egocentricamente, receberam o beneplácito de se tornarem médiuns umbandistas, e se recuperarem de seus passados escusos, utilizando seus conhecimentos para o bem, a caridade e o amor *("Fora do amor não há salvação"*). Se fosse só por isso, já seria grandiosa a missão da Umbanda.

A Umbanda veio como um farol direcionar, onde as almas poderão se guiar perante a obscuridade materialista que ofusca e enegrece os corações humanos. Muito ainda tem-se por fazer, pois ainda estamos engatinhando perante toda a grandeza da missão da Umbanda, que é reestruturar a Religião Primeva (Relativo aos primeiros tempos; antigo, primitivo). Pai Antonio, o 1º Guia Espiritual Preto-Velho a incorporar na recém criada Umbanda em 1908, através de Zélio de Moraes, entoava um ponto cantado que sabiamente diz em sua simples formulação que pouquíssimos sabem o que realmente é a Umbanda; o ponto diz assim:

Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda

Infelizmente, hoje, muitos são os Umbandistas que ainda caminham distantes, desvirtuados do caminho traçado pela Cúpula Astral da Umbanda, através dos simples ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, tudo é providencial, e a espiritualidade é paciente conosco, esperando o amadurecimento necessário para iniciar a jornada definitiva, rumo à Luz Maior. Enquanto esperam, trabalham com o que tem na mão. Dos piores, fomos os melhores escolhidos para permear tão nobre missão perante Deus e a humanidade, que é a vivenciação das Leis Divinas dentro da Umbanda.

A Umbanda não é simplesmente a reimplantação da religião primeva, somente como a mais certa e a que contém a realidade absoluta. A Umbanda é a reestruturação da Religião Privema, como simplicidade, humildade, amor, perdão compaixão e caridade.

A Umbanda não é somente a ressuscitação dos cultos ancestrais indígenas, afros ou mesmo orientais. Ela esta aqui, para, juntamente com a modernidade, nos dar a simplicidade que é servir a Deus, sem luxo, sem ostentação, sem as complicações metafísicas, litúrgicas, ritualísticas, doutrinárias e sacerdotais, sempre respeitando, mas, nos ensinando que não existem mistérios, mas sim, conhecimentos ainda não absorvidos condizentemente por falta de maturidade espiritual.

A Umbanda veio sim, ressuscitar a ideia de que todos nós somos merecedores dos dons Divinos e que estes dons podem e devem ser utilizados somente para o bem.

Infelizmente as religiões criaram um verdadeiro abismo entre o homem e Deus, mas a Umbanda, com a sua simplicidade, veio nos dizer e ensinar que não existe essa separação, mas que o Pai esteve, está, e sempre estará presente em nossas vidas, pois nós somos não somente a imagem e a semelhança de Deus, mas sim, a Sua presença viva, dentro de nós mesmos.

A Umbanda nasceu entre os Espíritos simples de coração (*"Bem - Aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus"! (Mateus V: 8*) - A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade, e exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho) e cresceu entre os pioneiros humanos de boa vontade, pois somente estes poderiam iniciar a restauração de tão grandioso movimento.

Depois do seu nascimento como religião, a Umbanda cresceu calcada na humildade, na tolerância e nos ensinamentos dos povos humildes, representados por arquétipos das classes sociais: Caboclos da Mata, Pretos Velhos, Crianças, Caboclos Sertanejos, Baianos, Caboclos D´Agua, Ciganos, Curandeiros e Orientais. Vejam, que a própria representação arquetípica das entidades militantes no movimento Umbandista já nos mostra que é entre os simples de coração, que Deus se faz presente. Reparem que a Umbanda não se preocupa com o fator racial em si, ou seja, não defende essa ou aquela raça, mas sim, com o fator social, em suas manifestações arquetípicas fluídicas regionais de apresentação.

A Umbanda veio não só propagar, mas sim, vivenciar, trabalhando, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos ter como objetivo a redenção dos Espíritos através de uma conscientização contínua das verdades eternas contidas no Evangelho de Jesus. A Umbanda veio nos ensinar que Evangelizar não se trata apenas de um conjunto de preceitos pregados a outras pessoas, mas sim interiorizados e vividos no íntimo de nossa alma, assim como fez Jesus, pois Ele pregava e praticava todos os Seus ensinamentos, trabalhando arduamente junto do povo, que era a paixão de Jesus.

O Senhor Maha Baba idealizou a Umbanda para que seja o caminho a ser trilhado por nós, e em seus preceitos está que, o Evangelho é a luz que ilumina o caminho, facilitando as nossas vidas. A Umbanda veio para ficar.

A Umbanda, como aspiração religiosa sublimada, ainda meio estonteada por estar em seu início, sendo implantada com amor, carinho e paciência, calcada no amor, na caridade, e na benevolência, trazendo ao homem a união e que todos somos irmãos perante Deus e que devemos nos manter coesos em ideais. A Umbanda quer reviver a simplicidade e a maturidade de que basta o amor e basta à caridade.

A Umbanda quer reviver os tempos em que todos se respeitavam, comungados num só pensamento que é o amor a Deus acima de todas as coisas e o amor ao próximo (Religião Primeva), vivenciando e ensinando que somos uma religião crística a servir ao Pai Eterno ("Há muitas moradas na casa de meu Pai" – João, 14: 1-3), e que servimos a Deus de uma forma própria ("Amarás a teu Deus de todas as formas, de todo o seu coração, com todas as suas forças e de todo o seu entendimento – Marcos 12:30").

A Umbanda quer reviver o respeito e a reverencia a Mãe Natureza. A Umbanda quer reviver o pensamento e a certeza de que existe um Deus só, mas que Ele se manifesta através das Suas criações, em tudo e em todos. A Umbanda somente quer que todos sejam felizes aos seus modos, mas, que pratiquem o bem de todos os modos. Enfim, a Umbanda somente quer ser, não a melhor, mas somente a mais serviçal das religiões.

Agora, muito poderão perguntar: Mas isso é Umbanda? Mas, não é o que vemos. Isso é possível? Respondemos: Sim. Isso é Umbanda. Sim. Isso é possível. Só que muitos umbandistas se desvirtuaram, distanciando-se totalmente das simples "Linhas Mestras" preconizadas pelo seu iniciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, usando o livre arbítrio, mas, com egocentrismo, achismos, idiossincrasias e cupidez como desculpas, dando valor somente às exteriorizações externas, relegando ao esquecimento às práticas internas (reforma íntima, evangelização).

AS RAÍZES (EXOTÉRICAS) DA UMBANDA

Embora não coadunamos com alguns pequenos conceitos desta reportagem, achamos por bem disponibilizá-la, devido a certas peculiaridades:

UMA RELIGIÃO PARA TODAS AS CLASSES

Apesar da crença geral de que a Umbanda provém diretamente do Candomblé, é possível comprovar que este culto tem suas influências mais antigas no ritual indígena do culto da Jurema, e posteriormente do Catimbó. A ele se juntariam posteriormente elementos africanos, católicos e espíritas, numa mistura peculiaríssima que arregimenta cada vez maior número de adeptos, entre todas as raças e divisões sociais brasileiras – o que lhe vale a denominação de "a primeira religião brasileira".

Em que pesem as teses em contrário e mesmo pontos de contato mais ou menos íntimos entre essas quatro correntes religiosas, a Umbanda não é uma dissensão do Candomblé e nem do Espiritismo.

Uma documentação bastante farta – nem sempre levada a sério, mas ainda assim disponível ao interessado que queira procurá-la – aponta claramente que a Umbanda não é nada mais nada menos que a religião ancestral do indígena que adotou a nomenclatura nagô, quer para elementos do culto (comidas, oferendas), quer para algumas das entidades, os Orixás. Do catolicismo ela adotou o reconhecimento da figura do Cristo e a adoção de Seu ideal de amor e caridade. Esse ideal, acoplado à práxis do exercício mediúnico, objetiva, segundo o Umbandista, a sua própria evolução espiritual e a de toda humanidade.

No Candomblé, o culto é dirigido ao Orixá, como parte de uma ordem estruturada e preestabelecida. Na Umbanda, esse aspecto devocional-prático limita-se a algumas orações cantadas (pontos) ou recitados no início de um culto para que, a seguir, como médium, o fiel preste-se a permitir o contato temporário dos assistentes com a hierarquia espiritual admitida pelo credo. Essa hierarquia atende a assistência, dá conselhos e remédios, faz previsões (...).

África, Europa e América numa só religião

Não é fácil rastrear as origens da Umbanda, ainda mais quando se tornou hábito, entre eruditos e não eruditos, classificá-la como subproduto do Candomblé. Mesmo o significado da palavra, para a qual já se fizeram as mais aventurosas traduções, é desconhecido.

Certos elementos do culto, porém, lhe são básicos, independentemente das diferenças que haja entre uma casa e outra. Podemos lembrar, entre eles, a existência de um Deus Criador, uma Trindade, um setenário de forças emanados do Primeiro Princípio, entidades tutelares de forças naturais, a estrutura do ritual e a mediunidade, esta, aliás, nunca praticada nos cultos yorubás. Todas essas identificações podem ser encontradas na religião do indígena sul-americano, numa ou noutra comunidade.

O Pajé, sacerdote, curandeiro e médium, deve aprender as particularidades de sua função, é verdade. No entanto, a iniciação real é resultado de uma experiência mística, só depois, sobrevindo um período de instrução, junto a um Pajé mais antigo, já reconhecido pela comunidade.

Suas funções são várias: desfazer malefícios e curar doenças usando remédios, imposição das mãos (passes) ou sortilégios, onde as defumações ocupam lugar de destaque. Também são porta-vozes dos Espíritos, sejam ancestrais ou tutelares naturais, e exercem essa função quase sempre através de práticas mediúnicas. Seus conselhos regram a vida do individuo e influem na vida da comunidade.

Catimbó: o ancestral indígena

Não é outra função do pai-de-santo na Umbanda, tampouco são outras crenças.

O elo que une essa religiosidade processada no Templo verde das matas e a Umbanda, sua sucedânea urbana, pode ser localizado no culto, hoje quase desaparecido, do Catimbó.

No Brasil colônia, muitos dos indígenas, voluntariamente ou como prisioneiros, passaram a conviver junto à comunidade branca. Nos centros urbanos ou em suas proximidades, os que ali permaneceram não abandonaram seu culto, Embora batizados e indo às missas, não deixaram de procurar seus Pajés. Da mesma forma como mestiçaram-se negros e brancos, uniram-se índios aos colonizadores europeus, e processos da inquisição já apontam esses últimos em reuniões religiosas dos primeiros.

O culto, simples encontro do Pajé com seus seguidores, resumiu-se ao transe mediúnico do sacerdote para atender as consultas ou na sua orientação quanto a remédios naturais e mágicos.

Porém, logo os frequentadores também apresentaram o fenômeno do transe. À defumação e aos passes junta-se, no ritual, a presença de uma bacia de louça onde é macerada a “Jurema”, palmeira tóxica do Nordeste. Referem-se ao culto como Catimbó – literalmente, mata de timbó, o cipó que o indígena utilizava para entorpecer os peixes e apanhá-los com maior facilidade.

Tudo indica a analogia. A mata, para o indígena, é a região dos Espíritos; nela interpenetram-se os mundos visível e invisível. Realmente, um médium, principalmente na Umbanda, antes e de se tornar porta-voz efetivo de entidades sobrenaturais, passa por estágios de semi-torpor, fica tonto. Aliás, ainda hoje procura-se, nos Terreiros, estimular, apressar esse estado, entontecendo o médium ao fazê-lo girar rapidamente.

O Catimbó serviu de ponte para a religiosidade indígena, e em São Paulo mesmo encontraremos no velho Jaú, ex-jogador e técnico do futebol, mas antes de tudo decano dos pais-de-santo, um antigo seguidor desse culto.

Nota do autor:

Pai Jaú – Um Grande Mártir da Umbanda

Euclides Barbosa, o “Pai Jaú”. Foi zagueiro do Corinthians e do Vasco da Gama e participou da Copa do Mundo de 1938, na França. Barbosa morreu dia 26 de dezembro de 1988, aos 82 anos, de insuficiência respiratória, em São Paulo. 15/12/1906 - 26/12/1988. (Fonte: Veja, 4 de janeiro, 1989 - Edição n° 1061 - DATAS - Pág.; 65)

“Um apelido como qualquer outro” era a resposta que Euclides Barbosa dava quando lhe perguntavam de onde ou do que havia surgido o apelido Jaú. Evitava falar de sua vida e das mulheres que sempre povoaram sua existência de alegrias e muitos dissabores. Apenas dizia que, como filho de Ogum, estava seguindo à risca os ensinamentos de seu pai.

De fato, o cidadão Euclides Barbosa, que ficou conhecido como Jaú, sempre foi um líder, desbravando territórios que ainda não haviam sido tocados por nenhum outro brasileiro.

Sua espiritualidade, como a de todos os seres que são contemplados com este tipo de missão, surgiu nos primeiros anos de sua vida, mas a visita a algumas benzedeiras da época retardou a explosão espiritual, que se deu após encerrar sua brilhante carreira como jogador de futebol.

“Sou uma pessoa que tem três pesos e três medidas: sou da raça negra, umbandista e corintiano”.

Sábias palavras de quem tinha um parco conhecimento das letras, mas um infinito instinto de sobrevivência e de garra para não se deixar derrubar por nada neste mundo.

Suas façanhas no futebol foram cantadas em versos e prosa; a mais conhecida foi um jogo de vida e morte do "Coringão".

Jaú, em uma dividida de bola, acabou tendo um ferimento grave na cabeça. Sua presença era essencial para que o time conseguisse vencer o adversário. Foi nesse instante que recebeu, pela primeira vez, uma mensagem espiritual, e a levou a sério.

Jaú estava deitado na maca, fora das linhas do campo, o médico dizendo ao técnico que ele não poderia voltar ao jogo, pois o sangue não parava de jorrar e, provavelmente, ele havia sofrido uma concussão cerebral; somente um milagre faria com que ele se levantasse.

Quando olharam para o lado, Jaú estava de joelhos, olhando para o infinito, como se estivesse ouvindo instruções, e passou a mão no gramado, arrancou um chumaço de grama, colocou no ferimento, e, ainda seguindo as instruções, enfaixou a cabeça. Depois, solenemente encostou a testa na terra e levantou-se, como que impulsionado por uma mola, entrando vitorioso no campo, sob os aplausos da torcida e a perplexidade do médico e do técnico.

Mais tarde, este gesto de tocar o solo do gramado com a testa passou a ser marca registrada do grande jogador e tinha tanta influência entre os colegas que ninguém se atrevia a colocar os pés no gramado sem que houvesse o toque da sorte, como passou a ser conhecido.

Quando Jaú pendurou as chuteiras e passou a dedicar-se inteiramente à sua missão religiosa, teve realmente de ter o mesmo espírito de luta que sempre lhe acompanhou nas disputas esportivas.

Sua religião era mais discriminada do que ser da raça negra ou então ser corintiano. Mesmo sem jogar, continuou fazendo, no Pacaembu, toda a vez que o timão fosse jogar, suas "mandingas" no campo para dar sorte aos jogadores.

O radialista Estevam Sangirardi imortalizou a figura de Jaú nos programas que eram apresentados após cada jogo e ninguém reclamava, pois realmente era uma homenagem merecida ao grande guerreiro.

Na religião, não teve tanto reconhecimento, ao contrário, foi o mais discriminado, o mais criticado e o mais perseguido pela polícia, que juntava a bronca de Jaú ter sido grande jogador corintiano com o fato de sua magia ainda ajudar nas grandes partidas.

Foi preso diversas vezes, sob alegação de estar praticando feitiçarias. Passou por muitas torturas, como ficar horas ajoelhado no milho; dias e noites sem comer, recebendo apenas goles de água. "Se ele recebe mesmo Espíritos, não precisa comer nem beber", satirizavam os carrascos. Por fim, acabavam libertando-o, pois os filhos-de-santo se aglomeravam defronte à delegacia e, cantando pontos de Umbanda, pediam a libertação de Pai Jaú.

Uma das torturas mais cruéis ocorreu quando o Timão estava disputando uma final e Pai Jaú, ao acabar de fazer sua mandinga de sorte, disse ao técnico que o zagueiro deveria ficar mais solto, pois o gol da vitória estaria em seus pés. Não deu outra e o timão foi campeão daquele ano. Não mencionaremos o nome do time adversário para não causar constrangimento, pois temos certeza de que o ato praticado por alguns indivíduos não era a vontade de todos os torcedores.

A noite, Pai Jaú estava fazendo seu trabalho espiritual, quando seu pequeno Terreiro foi invadido por policiais, que alegaram ter recebido uma denúncia de que no local estavam promovendo uma orgia pela vitória do timão. Pai Jaú foi arrastado para o camburão e levado para a delegacia, não na mesma de sempre, o que dificultou aos filhos localizarem prontamente e pedirem sua soltura.

Até que fosse encontrado, na noite seguinte, Pai Jaú passou pela humilhação de ficar no "pau-de-arara", levando choques e foi jogado entre marginais de outros times, que o espancaram.

Não satisfeitos, os policiais separaram dez palitos de fósforo, fizeram pontas bem finas e enfiaram, bem devagarzinho, entre as unhas das mãos de Pai Jaú, que nesse momento invocou a proteção do Senhor Ogum.

Foi atendido; quando os carrascos acenderam os palitos, ele começou a ver, nas chamas, uma espécie de luz, formando uma figura de índio. De seus olhos escorreram lágrimas, não de dor e sim de pena daqueles sujeitos que acharam que estavam lhe fazendo um grande mal. Estavam lhe proporcionando passar por um grande milagre espiritual.

Os policiais foram afastados a bem do serviço e nunca mais Pai Jaú foi perseguido pela polícia.

Euclides Barbosa (Pai Jaú) – 15/12/1906 – 26/12/1988

Até os 82 anos, idade em que faleceu, Pai Jaú atendia pessoas todas as quartas-feiras. Todos admiravam seu Caboclo (nota do autor: Caboclo Lumumba)*, pois sempre vinha do mesmo jeito, independente da idade ou da saúde do velho guerreiro. Na incorporação, seu corpo estirado se elevava mais de um metro do chão e, ao tocar no solo, o caboclo batia a cabeça no chão, no gesto característico do grande Decano.*

Como já aconteceu com muitos dirigentes, por não deixar por escrito sua vontade, após sua morte, no que diz respeito a cerimônia e legados, Pai Jaú sofreu a discriminação e o desrespeito. Seus filhos-de-santo não puderam fazer nada, pois a família, com exceção de seu filho Jair, que nunca havia participado de sua vida, proibiu qualquer cerimonial umbandista e, no dia seguinte ao enterro, sua filha evangélica desmontou o Congá, jogou tudo na rua e colocou fogo, sob os olhos atônitos dos vizinhos, que não puderam ou não quiseram interferir.

Terminava assim a trajetória de um homem que honrou seu tempo, seus amigos e seus filhos espirituais, mas que recebeu muito pouco ou quase nada em troca, a não ser sua própria luz na eternidade.

Ao Velho Pai Jaú, por seu dia de glória. Oxalá o abençoe e guarde hoje e sempre. Sua benção Pai Jaú.

(Texto extraído do livro "Os Decanos, os Fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda")

Seríamos ingênuos em achar que, muito antes do Império, caboclos e mestiços, indígenas aculturados, que percorreram o Brasil de norte a sul na aventura das bandeiras e migrações diversas, não tenham espalhado também sua religiosidade, Mais tardem outros fluxos migratórios (a guerra do Paraguai, por exemplo), deram sem dúvida sua contribuição.

Medicina, consolo e orientação dos humildes, são entre os menos favorecidos que a “nova prática” cria raízes. Na década de 40, porém, já havia chegado até a chamada classe média, e hoje, entre seus praticantes (como no Candomblé), estão representadas todas as camadas culturais e socioeconômicas brasileiras.

O que foi relatado acima pode ser comprovado tanto por testemunhos e observação desapaixonada como pela comparação de textos a respeito. O estudioso e o filho de fé, curioso não deixarão de se sentirem seduzidos por uma aventura, tentando explicar a origem do culto.

Místicas, é verdade, são essas especulações, mas bastante verossímeis a partir de uma infinidade de pontos da história do homem e sua civilização que até hoje nunca foram suficientemente explicados.

Restos de um conhecimento fragmentado

De maneira geral, são de duas espécies essas hipóteses: parte referindo-se à destinação da Umbanda e seu papel de religião universal para uma época futura, uma nova Idade de Ouro. As demais, ligadas as primeiras atribuem-lhe não só o papel de religião universal como ainda de essência do conhecimento ancestral da humanidade, difundindo-se a partir da América (como parte da Atlântida mítica), para o resto do mundo, em épocas imemoriais e lendárias. Variantes dessa teoria admitem que o conhecimento e a civilização ancestrais da América vieram em migrações de diversos povos, também em datas muito remotas, passando nosso indígena por descendente de asiáticos (chineses, japoneses), polinésios, egípcios, sumerianos e hebreus.

Muitas evidências não devidamente apreciadas por pesquisadores oficiais, falam da presença na América de outros povos que não os autóctones. As mais conhecidas (e documentadas) registram colônias de navegadores nórdicos cristãos da América do Norte, antes da chegada de Colombo às Antilhas. Há mesmo registros de contribuições desses colonos feitas aos cofres do Vaticano. Os restos documentais, tradições, lendas e também construções, falam de civilizações desaparecidas quando o europeu aqui chegou oficialmente e relatam estruturas metafísicas muito elaboradas para povos "primitivos". O certo é que há um centro "cultural" nas Américas, não localizado ao norte do continente, como seria de se esperar caso a cultura tivesse chegado ao Novo Mundo vinda do Estreito de Behring. Essa geografia da cultura americana mostra que suas civilizações mais desenvolvidas se localizaram no Yucatán, México (incluindo os pueblos ainda existentes no Sul dos Estados Unidos), nas Guianas e Norte do Brasil (marajoaras) e no litoral do Pacífico (incas).

Pobres e ricos integrados no mesmo culto

Se é possível dar a esses povos um atestado de originalidade, é impossível também negar-lhes esse papel. O proto-americano, o americano original, tanto pode ser herdeiro de civilizações remotas vindas da Ásia, como querem alguns, como pode, exercendo papel oposto, serem o ancestral e o exportador dessas culturas. No Ocidente, relatam as tradições, está o país Ancestral, no Ártico, a terra sempre verde de Thulé. Acontece que o Oeste egípcio, o seu *Amenti*, é o lugar onde o Sol se põe, mas também aponta o caminho da América. O norte céltico aponta o pólo, mas também o caminho que levaria a essa mesma América anterior; e quanto aos vikings, sabe-se que eles buscaram esse caminho.

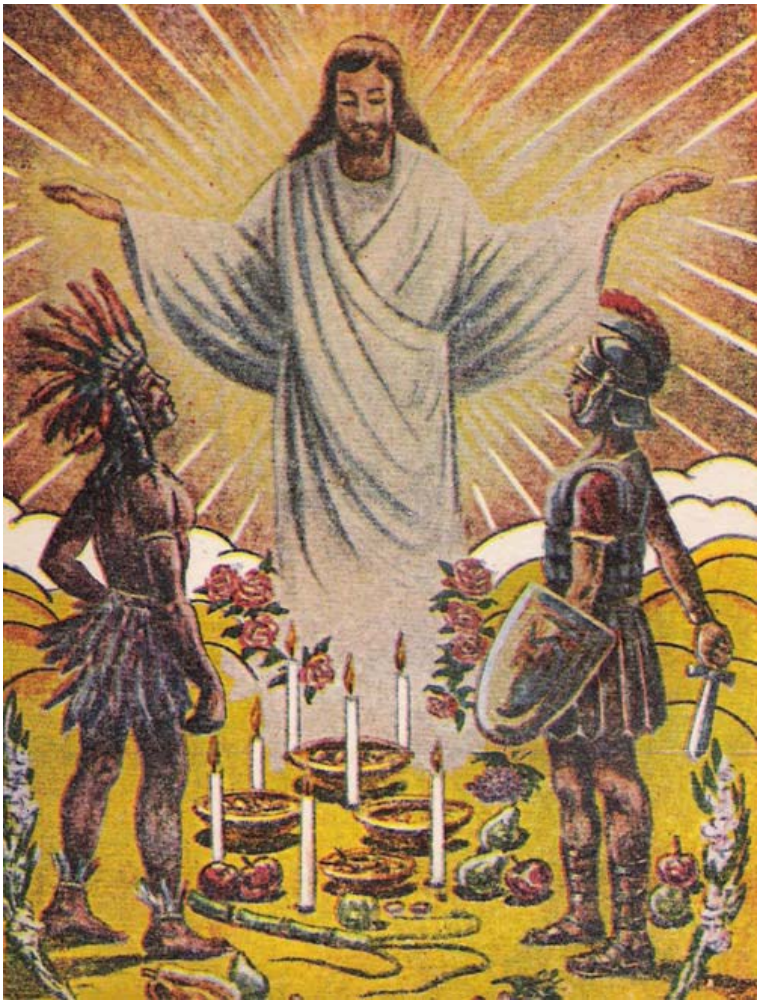
A Umbanda, vista como religião ancestral, abstraindo-se dela a nomenclatura nagô, identifica-se com todas as grandes religiões, do Egito ao hinduísmo védico, do panteão celta às sutilezas do taoísmo na China, sem falar do Olimpo greco-romano. É verdade que se pode argumentar com a coincidência, com a identidade arquetípica (teoria segundo a qual, independentemente de contatos, a humanidade partilha de ideias básicas) ou mesmo com erros de interpretação. Cada uma dessas teorias, porém, explicará um fragmento da Umbanda, e não seu todo. A evidencia (e não prova) da universalidade do culto, surgido entre os Caboclos humildes nas periferias urbanas do Brasil, deve ser reconhecida com sua aceitação universal. Registra-se sua mediunidade não só entre nosso Caboclo que tentou a civilização, mas com a japonesa que ainda não aprendera português e veio se radicar aqui, em uma comunidade de seus conterrâneos no meio da Amazônia. Seus princípios mágicos são universais, e sua prática, baseada na prestação de auxilio aos fiéis, não contradiz qualquer complexo religioso "evoluído".

Pode-se indagar por que tantos tropeços em sua prática. Por que tantas vezes um culto de Terreiro sofre merecida menção desfavorável no noticiário dos jornais. Nelson Cunha, babalorixá há mais de vinte anos, tem uma explicação para essa circunstância:

"Ao homem – diz – *é impossível conhecer os desígnios de Deus. Ao mesmo tempo, tem-se a tendência de fazer de nossa própria existência o centro do universo, quando, na verdade, somos apenas uma partícula ínfima do Todo. Muito próximos dos fatos, não podemos avaliar o que aquilo que vivenciamos hoje representará para a eternidade. Por mais desvios que essa religiosidade, irrompida para conhecimento público há menos de meio século, possa apresentar, não podemos avaliar o que ela está representando para o destino do homem. A Umbanda abre potencialidades desconhecidas e, simultaneamente, perigos também desconhecidos. Só o futuro, quem sabe não muito remoto, apontará os frutos de sua prática".*

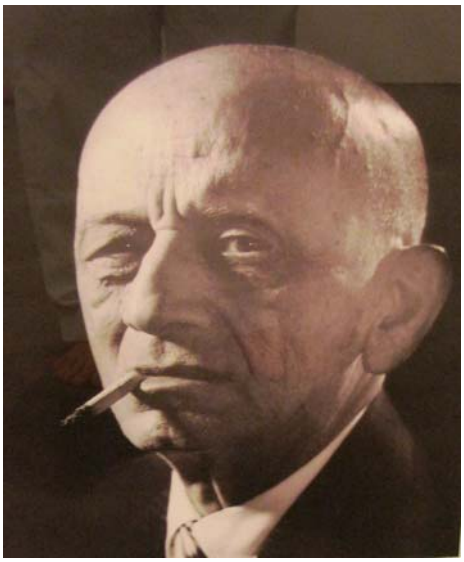
(Trecho extraído da revista: Planeta Extra – Candomblé e Umbanda – nº 09 – 1983)

O QUE É UMBANDA



Primeiramente, vamos atentar para algumas opiniões de alguns primeiros umbandistas sobre a Umbanda:

- *"A Umbanda é hoje uma religião nacional, bem nossa, bem brasileira".*
- *"Umbanda é o milagre vivo diante dos nossos olhos deslumbrados; Umbanda é ação do Cristo na sua jornada pelo planeta, realizando a magia divina em favor da humanidade que se debate no sofrimento e na dor".*
- *"A tarefa que sobre seus ombros tomou o Caboclo da Sete Encruzilhadas – organizar a Lei de Umbanda no Brasil – é um verdadeiro milagre de fé e nos leva a um sentimento de profundo respeito por essa Entidade que se faz pequenina e procura valer-se sob a capa de uma humildade perfeita. É a ele que se deve a purificação dos trabalhos nos Terreiros. Não veio destruir o ritual e sim lhe dar força e métodos, manter sua pureza e propagá-lo com a sua organização maravilhosa".*
- *"Religião de raízes antiquíssimas, cujas origens remontam a eras anteriores ao cristianismo, sua liturgia encontra-se a cada passo do Velho e do Novo Testamento, nos Templos do Egito e da Índia e na própria Igreja Católica. Por mais remota que seja uma religião, nela encontraremos os vestígios da Umbanda, ou seja, sob outro ponto de vista, de cada uma delas a Umbanda dos nossos dias colheu uma contribuição para consolidar a sua própria liturgia. Mas assim como a velha religião mosaica, à qual pertenciam os homens que falavam face a face com o próprio Deus, teve de ser expurgada por Jesus de todo rito impuro, a Umbanda deixou para trás a seita que os cientistas classificavam de animismo fetichista e, libertada dos rituais complexos, pesados e, por vezes, contrários às normas de bondade, caridade e perdão, passou a ser o caminho mais simples e acessível para o homem se reaproximar do Criador".*
- *"A religião que lhes estava destinada deveria ser uma religião eclética, cujas características principais fossem a caridade, a humildade e a perfeita tolerância para com a imensa ignorância dos homens".*
- *"Umbanda é a própria alma do mundo trabalhando em prol da regeneração dos homens".*



(Textos de José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa) – Dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo (1935), uma das sete tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas)

- *"Não cobrar, não matar, usar o branco, evangelizar e utilizar as forças da Natureza – eis a Umbanda".*

(Texto de Moab Caldas – umbandista, eleito deputado estadual no Rio Grande do Sul em 1950).

- *"Os conceitos emitidos através da mediunidade de Zélio de Moraes determinaram uma Linha de Trabalho que será, mais hoje, mais amanhã, aquela que definirá os rumos verdadeiros da Umbanda".*

(Texto de Floriano Manoel da Fonseca – Dirigente da Cabana Espírita Senhor do Bonfim – 1939).

- *“O Espiritualismo de Umbanda está aí para proporcionar Luz e Amor no entendimento e no coração dos filhos de Deus e não para promover demandas, nem atiçar a fogueira do ódio, da vingança, das represálias. Não! “A melhor maneira de se extinguir o fogo é recusar-lhe combustível”.*

(Dr. Aníbal Vaz de Melo)

- *“Se a nossa missão é Umbanda, nosso dever primordial é cultuá-la com absoluta convicção, respeitando seus princípios, estudando seus fundamentos a fim de compreender os seus fins. Respeitemos as outras crenças, mas deixemo-las a cargo daqueles que a praticam. Não é certo misturar crenças e rituais. Estudemos a Umbanda, pura, simples e bela, para que possamos praticá-la conscientemente, elevando-a ao nível que merece. Umbanda é religião e ciência admirável, que apaixona quem a ela se dedica”.*

(Texto de Átila Nunes (1948) (pai)).

- *“O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de magia negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos.”*

- *“A Linha Branca de Umbanda e Demanda tem o seu fundamento no exemplo de Jesus.”*

- *“A Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador, nada se encontra susceptível de condená-la”.*

- *“E o amor de Deus e a prática do bem são a divisa da Linha Branca de Umbanda e Demanda”.*

(Textos de Leal de Souza, em seu livro “O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA – 1933”)

- *“A doutrina da Umbanda é um sistema religioso inspirado nas Leis Divinas. Sua interpretação é feita pelos Guias Espirituais que a transmitem por via das comunicações mediúnicas. A lógica, a justiça e a razão são as bases dos conceitos emitidos pelas Entidades em torno de tudo o que nos rodeia na vida terrena. A doutrina umbandista é uma via de reformação humana, de espiritualização autêntica para transformar em realidade o almejado sonho de fraternidade entre os homens. Não é falsa asserção, pois é notório o resultado obtido com a doutrina ininterruptamente feita pelos Espíritos missionários que se apresentam como Pretos Velhos ou Caboclos”.*

(Texto de João de Freitas).

- *“Umbanda se nos apresenta como a estrada luminosa e ampla pela qual podem seguir juntos, irmanados no mesmo desejo de liberdade e perfeição, no mesmo sentimento de amor e progresso, povos de todas as raças, crenças, cores e nacionalidades”!*

- *“Segundo dados conhecidos, a Umbanda vêm sendo praticada em terras brasileiras desde o meado do século XVI, sendo, por conseguinte, a mais antiga modalidade religiosa implantada sob o Cruzeiro do Sul, depois do Catolicismo, que nos veio com os descobridores”.*

- *“A Deus o que é de Deus e a César o que é de César”: essas palavras sábias do doce Nazareno ainda aqui têm cabimento. À Umbanda não interessa nem especulação nem mistificações.*

(1º Congresso de Umbanda – Textos do Senhor Diamantino Coelho Fernandes, da Tenda Espírita Mirim – 1941)

- *“A Umbanda é uma religião porque possui culto, ritual, dirigente, oferenda, e tudo quanto uma religião devidamente organizada possui neste ou naquele grau. A Umbanda é uma ciência porque, não se limitando a aceitação cega da imposição ritualística sacerdotal dogmática, indaga, pesquisa, investiga o dito sobrenatural servindo-se dos métodos mediúnicos kardequianos (mesmo quando seus adeptos não conhecem a “Terceira Revelação”) e dos métodos mediúnicos de Papus e Elifas Levi (mesmo quando as fórmulas evocativas são diferentes). A Umbanda, tanto quanto o Espiritismo é uma ciência de experimentação e passível de evolução em grau que se não pode limitar. E é a Umbanda uma religião verdadeira? Para o católico nenhuma outra religião, além da sua, é verdadeira; e a sua fórmula dogmática é: “Fora da Igreja não há salvação”. Entretanto para o estudioso de religião comparada, que, à luz da história das civilizações e da ciência, concluiu que a fonte é uma só; a Umbanda não apenas é uma religião verdadeira como é também um vasto campo de pesquisa teosófica. É, portanto, a Umbanda, como antes dissemos, uma verdadeira religião e uma verdadeira ciência”.*

(Texto retirado do Livro Codificação da Lei de Umbanda (Emanuel Zespo, Rio de Janeiro: Ed. Espiritualista, 1953, p.8 e p.47))

- *“Umbanda é a expressão de uma elevadíssima corrente espiritual que traz para o povo da América a glória de uma época de luz que ficará na história. Não é um movimento arbitrário: está obedecendo ao Plano Divino”.*

(1º Congresso de Umbanda – Texto do Senhor Roberto Ruggiero, da delegação da Tenda Espírita Mirim – 1941)

- *“A Umbanda é qual libélula que se desvencilhou da lagarta rastejante e alçou vôos para viver uma nova vida, vida de luz, de renovação, levando em suas asas as vibrações amigas de Paz, Caridade, Perdão e Amor”.*

- *"A Umbanda, esteira de luz a iluminar os filhos de Deus nos caminhos da trevas, chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o Amor Universal, a imortalidade da alma e a vida futura, consagrando-se como verdadeira religião de caráter nacional".*

(Textos de Jota Alves de Oliveira – 1965)

- *"A Umbanda tem por objetivo a transformação moral do homem, revivendo os ensinamentos crísticos na sua verdadeira expressão de simplicidade, fé, humildade, pureza e amor. A Umbanda é uma religião simples, desprovida de complicações doutrinárias e metafísicas. O fim essencial da Umbanda é a melhoria do homem, iluminando-lhes os sentimentos, na superioridade das caracteristicas morais, libertando-o para a Vida Maior".*

(Texto de: Padrinho Juruá, dirigente do "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista")

UMBANDA – RELIGIÃO/FILOSOFIA/CIÊNCIA/ARTE

Umbanda é uma religião milenar em seus fundamentos, cósmica em seus preceitos, evolutiva em suas manifestações, crística em seus princípios, aspectos, finalidades, postulados, e brasileira em sua origem. Explicaremos melhor:

- **É Milenar** porque seus fundamentos são os mesmos que presidiam o reencontro com Deus desde o início da raça humana em nosso planeta.

- **Cósmica** porque seus fundamentos culminaram com a união preconizada pelo Movimento Umbandista dos quatro pilares do conhecimento humano, que são: Filosofia, Ciência, Religião e Arte.

- **Evolutiva** em suas manifestações, porque a Umbanda se manifesta em seu dia a dia, utilizando todos os recursos positivos existentes no ontem, no hoje e com certeza usará os que vierem no amanhã.

- **Crística** porque os seus aspectos, princípios, postulados e finalidades estão calcados nos ensinamentos dos Mestres da Luz, principalmente no Mestre Jesus, sendo a manifestação e a vivência do Evangelho Redentor, aceitando tudo o que é bom é rejeitando tudo o que é mal.

- **Brasileira em suas origens.** Como prática religiosa, surgiu e se desenvolve no Brasil.

Do catolicismo absorveu alguns sacramentos, a crença em Jesus, na Mãe Maria Santíssima, aos Anjos e alguns Santos; do Espiritismo, o estudo sistemático da codificação kardeciana; dos culto-afros, absorveu a crença nos Sagrados Orixás, a temática de oferendas e despachos; dos cultos Indígenas, o uso ritualístico das ervas, do tabaco e o respeito à Terra e tudo o que ela possui e, finalmente, do Ocultismo e Orientalismo toda a gama de informações sobre o mundo oculto, mantrans, pedras, incensos, concentração, meditação, etc. Isto tudo unido é Umbanda e traz uma compreensão maior do próprio homem, entendendo-se como Ser Espiritual habitante não apenas de uma cidade, país ou planeta, mas sim de todo o Universo; o papel de cada um neste contexto cósmico é revelado pela Umbanda no conhecimento das causas e origens deste mesmo Universo.

Podemos resumir o objetivo de todos estes processos através das seguintes equações:

- **Filosofia + Ciência = Sabedoria**
- **Arte + Religião = Amor**
- **Sabedoria + Amor = Caridade**
- **Caridade = Umbanda.**

A Sabedoria é alcançada através da Razão, e o Amor é a expressão máxima e suprema do sentimento. Assim, o caminho para atingir o binômio Sabedoria + Amor que é a Caridade expressada, através da fé raciocinada e da razão sentimentalizada; a Caridade, é a maior expressão existente do Amor. Com tudo isso sedimentado, houve por bem manifestar todos esses dons no Brasil. Surgiu então, a Umbanda. Quem imaginaria que por trás da aparência singela de um humilde Terreiro Umbandista, existissem conceitos tão profundos e propósitos tão sublimes? Dizemos que a Umbanda é evolutiva referindo-nos, em primeira estância, as formas de apresentação do Movimento Umbandista que não só tem variações entre os diversos Terreiros (modalidades de Umbanda), atendendo às necessidades dos que os procuram, mas também variações evolutivas do ritual de cada um desses Terreiros no decorrer do tempo.

Este é princípio básico de expansão e evolução do Movimento Umbandista. É claro que, se as pessoas vão evoluindo e adquirindo valores espirituais superiores, é justo que os rituais reflitam esta evolução, abandonando gradativamente os aspectos da forma, e buscando a essência da vida.

Umbanda é vibração mágica de amor e de força, que envolve e atinge a tudo e a todos. É a força mágica que abrange este crescente movimento religioso.

Umbanda é lei que regula os fenômenos das manifestações e comunicações entre os Espíritos da Aruanda para o mundo das formas.

A Umbanda é uma poderosa corrente espiritual, mantida no astral, para a massa humana, tendo dentro de si os aspectos religiosos, filosóficos, científicos, simbólicos, mitológicos, ritualísticos ou litúrgicos, os fenômenos da mediunidade, os da metafísica, o terapêutico e o magístico.

A Umbanda é uma profissão de fé baseada no Evangelho de Jesus, nos ensinamentos crísticos, nos Sagrados Orixás, no trabalho com as forças da Natureza, e na manifestação mediúnica e orientação dos Espíritos que usam a roupagem arquetípica fluídica de apresentação na forma regionalizada de: Caboclos da Mata, Caboclos D´agua, Caboclos Sertanejos, Baianos, Povo do Oriente, Pretos-Velhos, Crianças, Ciganos, Curandeiros, Tarefeiros, nos trabalhos mediúnicos pró-caridade, excluindo-se o totemismo, as superstições e o sobrenatural.

A Umbanda com sua mundividência cósmica é mais requintada com sua reflexão sobre a espiritualidade do que os sistemas religiosos extremamente homocêntricos que dominam o mundo atual. A Umbanda está profundamente enraizada no mundo natural e no relacionamento da humanidade com o Universo.

As religiões monoteístas dominantes, em suas formas estabelecidas e heréticas, rejeitam a Natureza e o mundo material como tentações malfazejas, que desviam o verdadeiro crente do caminho espiritual. A Umbanda admite os perigos do ultramaterialismo, mas tem uma visão mais realista da Natureza, reconhecendo o papel da humanidade na roda cósmica da vida. A Umbanda veio unir o conceito filosófico crístico que leva a Deus, a fenomenologia da mediunidade (Kardec) e a vivência com à mãe Natureza.

(Texto formulado em base de um capítulo do livro: "Cultura Umbandística" – Brasão de Freitas, Roger T. Soares, e, Willian C. Oliveira – Editora Ícone)

A UMBANDA COMO RELIGIÃO

Na evolução do sincretismo religioso afro-brasileiro, provavelmente com o Dr. Nina Rodrigues à frente, a partir de 1896, tiveram início as primeiras pesquisas dos cultos africanos, introduzidos no Brasil, hoje denominados de Candomblés e por extensão Kimbanda, Omolokô, Xangô e Linhas de Nações.

Vamos encontrar, nos autores estrangeiros, estudos relacionados com o fetichismo africano e as várias fases de mesclagem com o judaísmo, o islamismo e o catolicismo principalmente.

Encontramos alguns estudiosos a fazerem escavações atlantes e lemurianas procurando tirar, dos subterrâneos milenares, o fenômeno Umbanda. Será isso possível? A Umbanda já teria existido ou se originado com as características atuais das terras submersas da Atlântida e da Lemúria, como querem alguns estudiosos? Talvez...

Mas, se a Umbanda, como verificamos no Rio de Janeiro, Estado do Rio, Espírito Santo, Estado de Minas, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e outros Estados, se apresenta freqüentemente com as características esotéricas das práticas do Candomblé africano – como poderemos encontrá-la nos milênios recuados – se tudo indica que o seu despontar, o seu nascedouro, como o afirmam muitos, se deu mesmo nas Terras de Santa Cruz, depois da intromissão de gente civilizada?

Percebemos que ainda estão a confundir Umbanda com Candomblé...

É possível! Entretanto...

Nos dias que correm não devemos confundir Umbanda com o Candomblé africano ou o Candomblé de Caboclo, este último em larga proliferação em Salvador, Bahia e geralmente difundido no Rio de Janeiro e Estado do Rio, notadamente nas cidades satélites do Estado, como Caxias, São João de Meriti, Belfort Roxo, Éden, São Mateus e pelo ramal de Nova Iguaçu e, por outro lado da baía, nas cidades de Niterói e São Gonçalo.

O Candomblé que se pratica nessas cidades é um pouquinho diferente daquele que nos descreve o professor Waldemar Valente, no livro "Sincretismo Religioso Afro-brasileiro.

É um Candomblé com mais atrativos e funcional, com horários para consultas particulares, onde a maioria dos médiuns, ou "cavalos", Babá, Ialorixá, ou Babalawô, se tornam profissionais do culto, fazendo comércio com sua mediunidade e com os Espíritos atuantes, em total desarmonia com os médiuns apóstolos do Cristo.

Os designativos ou apelidos dos médiuns dos Candomblés são os mesmos usados e algumas Tendas de Umbanda.

Não obstante os paradoxos entre as práticas de caridade limpa e as consultas sob pecúnia, alguns Terreiros do Candomblé também usam salvar a Nosso Senhor Jesus Cristo (...). O ritual além de muito longo, é cansativo (...), com excesso de cânticos e saudações entrosadas com dialetos africanos (...), estende-se pela madrugada adentro.

Muitos Terreiros se excedem no uso de bebidas alcoólicas de variados tipos. Fazem matanças e oferendas de sangue e de comidas, inclusive (...). Recomendam despachos simples ou complicados (...).

Sempre há um trabalho feito contra o consulente, que deve ser desmanchado através de obrigações, com outros despachos para estabelecer a contra magia.

É a lei de Moisés, dizem, do olho por olho, dente por dente (...). Babás e Babalaôs e seus "filhos" de Terreiro, usam roupagens complicadas, vistosas e coloridas, de elevado custo, com abundância de colares de variados tipos, braceletes e outros adornos de grande efeito e valor, de maneira que corresponda o melhor possível às exigências dos "mortos" da grei e seus ascendentes, em face da herança e dos preceitos transmitidos de pai para filho (...). Colares e adornos que pretendem confundir com os "mantrans". Mas é bonito e leva o "cavalo" a usar muitos quilos desses enfeites. Por todo esse sistema e armação, querem, também, chamar de Umbanda.

Entretanto, convém que fique bem claro; o que entendemos por Umbanda, o que apreciamos em vários lugares, o que centralizamos para o nosso estudo é um pouquinho mais que as cerimônias barulhentas com batidas de atabaques e palmas, com gritos e assovios de Caboclos e de Índios, como se estivessem em plena selva comemorando algum feito guerreiro. A Umbanda que nos toca à sensibilidade é aquela onde se faz prece de abertura e encerramento das sessões. Onde se estabelece silêncio e se pede concentração. Onde se estabelece horário e se cumpre o horário. Onde a disciplina impera desde o chefe do Terreiro, homem ou mulher, o responsável pelos trabalhos espirituais, até os auxiliares menos graduados. Onde os atabaques ou tambores são usados somente em dias de festas, já que são instrumentos totalmente impróprios para dias de sessões públicas, denominadas de caridade e nos dias reservados à escola de médiuns. Atabaques e tambores que os sacerdotes africanos usavam a pleno Céu aberto, nos Terreiros adrede preparados para oficiar o culto, durante dias e noites, sem se darem conta de horários, nem de preocupações com trabalho e patrões (...).

A Umbanda com a qual nos identificamos é aquela que tem finalidades elevadas e educativas, retificadoras e regenerativas, onde se recomenda a reforma íntima e a lei de amor ao próximo. Onde se aconselha o perdão e não se atiça o consulente à luta, ao acirramento. Onde já foi substituído o olho por olho de Moisés, pelo ensino de Jesus: *"Quem com ferro fere, com ferro será ferido*", que corresponde a outro ensinamento: *"Com a mesma medida que medirdes sereis medidos"*.

De modo que, além do passe o do conselho, ou da corrente de descarga, o adepto ou simpatizante tenha em vista a sua reforma, a sua melhoria, tanto material quanto espiritual, em sentido de seu aperfeiçoamento.

A Umbanda em nossos dias, já é mais que a resultante do sincretismo progressivo; muito mais. A Umbanda é um movimento dinâmico produzindo magnetismo sadio por Espíritos selecionados, cujas falanges desenvolvem um trabalho de limpeza psíquica e o "toque" de despertar nas criaturas desorientadas, nos viciados, nos desiludidos, nos doentes de todos os matizes.

São Espíritos que agem dentro das ondas vibratórias positivas, onde há perfeita sintonia e receptividade nas faixas de amor ao próximo, capaz de estabelecer, através dos médiuns, sua luz edificante. A Umbanda é qual rio caudaloso a distribuir ondas de luz radiosa e de renovação incessante, onde seus trabalhadores não medem sacrifícios para atender aos ensinamentos do Evangelho: *"Fazei aos outros o que quereis que os outros vos façam".*

Muito diferente do africanismo atuante em sua origem e mesclado no Brasil, onde a exploração e a ignorância estão em oposição ao *"Daí de graça o que de graça recebeis".*

A Umbanda é qual libélula que se desvencilhou da lagarta rastejante e alçou vôos para viver uma nova vida, vida de luz, de renovação, levando em suas asas as vibrações amigas de Paz, Caridade, Perdão e Amor.

Promoção, renovação e constante evolução, são as características dinâmicas que observamos no variadíssimo sistema e método de trabalho, normas e práticas, quer em sessões de caridade, quer nas sessões de iniciação e preparo mediúnico onde já foram introduzidas lições doutrinárias do Evangelho de Jesus.

A variedade encontrada nas sessões espirituais da Umbanda, dentro do terreno positivo, honesto, de servir sem pecúnia, de não fazer da Umbanda balcão de negócio é elemento que não pode ser desprezado, nem combater, exigindo uniformidade de rituais ou sistemas.

Pois que, encontramos exatamente, na variedade de métodos e sistemas de trabalhos, um fator importantíssimo ao seu desenvolvimento, ao seu aprimoramento por todos os recantos das Terras do Cruzeiro. É preciso atender ao fator vibratório dos seus condutores, às condições do meio ambiente; a capacidades intelectuais, culturais, etc., dos médiuns ou aparelhos. É preciso, inclusive, respeitar as tendências, os gostos, quando os mesmo não sejam prejudiciais aos trabalhos.

Em várias regiões do Brasil e variadíssimos ambientes, quer do Centro, Norte e Sul, detivemo-nos em observações, levamos tempo para nos convencer que é na variedade que está a progressividade atuante deste maravilhoso fenômeno que se chama Umbanda.

Não se deve esquecer a situação e nossos irmãos que foram convocados ao trabalho para sua própria redenção, desde o varredor de rua até o ministro das relações e o introdutor diplomático. A Umbanda atende à sintonia vibratória da maioria dos filhos de Deus, muitos esquecidos e alheios aos desígnios da Providencia Divina e, outros descrentes das religiões atuantes que lhes negaram e negam até o direito de raciocinar e o de conhecer a verdade mais próxima e lhes têm impingido a mentira atrás de atitudes veladas e dogmas que repugnam ao bom senso, ao infinito amor do Pai, de Deus.

Sentimos a Umbanda como se fora uma esteira de luz a iluminar os filhos de Deus, nos caminhos das trevas. Vemos a Umbanda como se fora uma Casa de Saúde a restabelecer e a recompor os transeuntes abalados e afadigados. Percebemo-la como se fosse um grande hospital a curar as chagas morais e espirituais e as feridas dos doentes de todas as classes. Percebemos a Umbanda, naquele conselho de Jesus à mulher sofredora: *"Vai e não peques mais".*

Embora sem doutrina própria, a Umbanda chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o Amor Universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação; consagrando-se como uma verdadeira religião de caráter nacional.

Assim vemos a Umbanda despertando as consciências e iluminando as veredas para a ascensão do homem, do Espírito-imortal.

Não confundir a Religião de Umbanda, com a Religião Espírita, com o Candomblé de Caboclo e muito menos com o Candomblé Africano – são como água e azeite, de mistura impossível.

Nós, umbandistas, não seguimos a Religião Espírita, a Religião Católica, ou mesmo a Religião do Candomblé, mas simplesmente seguimos os ensinamentos crísticos, os Espíritos de luz e suas lições preciosas calcadas no Evangelho Redentor, sejam de onde foram quando encarnados.

Muitos filhos, adeptos e frequentadores do negativismo, têm chegado até a Umbanda e, vislumbrados com sua luz radiosa, não mais se perderão no caminho das trevas em que vegetavam até então.

A propósito, examinemos este conceito do Espírito Emmanuel, em seu livro edificante, "Pensamento e Vida". – *"Com o auxilio dos múltiplos instrutores que nos guiam da cátedra e da tribuna, pelo livro e pela imprensa, retomamos no mundo a nossa realidade psíquica determinada pela soma de nossas aquisições emocionais e culturais no passado, com a possibilidade de mais ampla educação da verdade para o devido ajustamento à Vida Superior".*

(Trechos extraídos do livro: Umbanda Cristã e Brasileira – Jota Alves de Oliveira – Ediouro – 1989", com algumas adaptações do autor)

A DOUTRINA UMBANDISTA

Muitas pessoas só em ouvir falar em "Umbanda" já sentem ojeriza. Imaginam sacrifícios de animais, feituras de magias negras, amarrações, invocações demoníacas, ataques histéricos, baixo espiritismo e outras coisas terríveis. Nada disso tem a ver com a Umbanda, a religião que prega a caridade, o amor ao próximo, a reforma íntima, a evangelização, a adoração a Deus, e a fé inabalável que remove montanhas.

É um tanto difícil falar de tão encantadora doutrina, pois quanto mais conhecemos mais nos aproximamos da bondade de Deus e da sua sabedoria. Mais nos encantamos, e mais descobrimos quão pequenos somos, e quanto ainda temos que aprender. Aprender a amar a Deus sobre todas as coisas e aprender a amar ao próximo como a si mesmo. Amar, amar e amar; aprender, aprender e aprender; trabalhar, trabalhar e trabalhar.

E nesse contexto de amar, aprender e trabalhar é que devemos entender a Umbanda como uma corrente de fé, que por meio do contato com os Espíritos Santos de Deus, Os Espíritos Tutelares, nossos Guias e Protetores Espirituais, seres abnegados que já passaram por experimentações terrenas, onde muitos já alcançaram a plenitude da sabedoria universal e hoje se dirigem a nós no intuito de auxiliar-nos em nossa caminhada evolutiva, nem sempre fácil, mas sempre digna e merecedora do aprendizado.

A Umbanda busca por meio da mediunidade, contatar os Espíritos da luz para que num elo "corpo e essência" os mesmo possam ensinar tudo aquilo que aprenderam em suas vidas e por diversos caminhos nos levar a uma mudança de pensamento e de vida, sempre para o bem, pautados nos ensinamentos eternos de Jesus.

A Umbanda, durante uma Sessão de Caridade, manipula as energias cósmicas e da Mãe Natureza para auxiliar aqueles que necessitam, seja para uma cura espiritual, para uma cura física ou mesmo para um direcionamento na vida. Lembremo-nos, entretanto, que a Umbanda não presta auxílio somente aos encarnados, mas auxilia e muito os nossos irmãos que no plano espiritual sofrem, pelo remorso de suas consciências, pelas suas ignorâncias ou ainda por não terem entendido e vivenciado as verdades eternas. Os Guias e Protetores Espirituais, em suas simplicidades, nos orientam para o único e inevitável caminho de todos os seres: Deus.

Entendemos que a Umbanda é patrimônio dos Seres Espirituais de alta evolução que governam o planeta Terra e os seres humanos encarnados e desencarnados são herdeiros deste Conhecimento-Uno. Entretanto, a aquisição deste conhecimento cósmico depende de condições ou pré-requisitos que o indivíduo deva possuir para compreender a extensão e significado deste patrimônio.

Ao processo de amplificação da consciência que conduz a integração de ser neste contexto, denomina-se "Processo Iniciático" ou Iniciação, no qual o pretendente busca o início das causas e origens do nosso Universo, a partir do conhecimento de si mesmo, e das leis que regem o macrocosmo.

O Movimento Umbandista é um movimento filo-religioso que visa reestruturar o Conhecimento-Uno. Sua divulgação é estimulada pela Cúpula Astral de Umbanda, calcado nos ensinamentos crísticos, sob a égide do Mestre Jesus, pilar central da Umbanda e seus aspectos internos ou iniciáticos são propagados pelos Guias e Protetores Espirituais, alicerçados em médiuns verdadeiros, devotos e conscientes de seu trabalho espiritual.

Considerações sobre a Umbanda:

A Umbanda é um conjunto de leis que regem a vida e a harmonia do Universo. Como religião ou como ciência, na Umbanda, tanto na prática ritualística material como na esfera espiritual das comunidades umbandistas, só se conhece uma hierarquia: a da evolução de cada Espírito nos diversos planos da criação, e a vibratória estabelecida pelo mérito de cada um. A par do conhecimento perfeito da vida, a Umbanda aproveita o ambiente material fornecido pela vibração humana para abrir o verdadeiro caminho da sabedoria onde se aprende que a verdade ou a realidade final do Universo é imutável. Dentro da concepção de que o aproveitamento material fornecido pelo homem é força ativa indispensável à realização da Umbanda, sobre o médium é que repousa integral responsabilidade, somente excedida pela sua própria compreensão quanto à missão que lhe é, por escolha, auto-imposta. A Umbanda é uma síntese expressiva de Amor, Sabedoria, Respeito, Tolerância e Renúncia, tal qual nos deparamos através do Evangelho de Jesus e dos ensinamentos crísticos através dos Mestres do Amor. O Umbandista dela se serve como meio de progresso e defesa, mas nunca como instrumento de ataque. Esta síntese de concepção atende tanto a uniformidade das comunidades Umbandistas, como diretamente fica subordinada às manifestações dos diversos planos de criação, quando emanadas de uma determinação superior, única e universal.

- O Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu do astral superior, a missão de purificar um culto, surgido no Brasil entre a mesclagem de Pajelança, Catimbó, Cabula e Macumba, que se deturparam no final de 1880, até 1940, tornando-se instrumento de interesses pessoais, com magias negras e fins pecuniários.

- Umbanda é o sinônimo de prática religiosa e caritativa, não tendo cobrança pecuniária como uma de suas práticas usuais. Mas, é lícito o chamamento dos médiuns e das pessoas que freqüentam os Terreiros no sentido de mensalmente, contribuírem espontaneamente para a manutenção do mesmo ou para a realização de eventos de cunho religioso e assistencial aos mais necessitados. Vivemos para a Umbanda e não da Umbanda.

- A Umbanda não aceita a tese defendida por adeptos dos cultos de nação, e que diz que só com a raspagem e catulagem e só com o sacrifício de animais é possível às feituras de cabeça, e os assentamentos dos Orixás, pois, para a Umbanda, a reforma íntima, a fé, o amor, a caridade, as rezas e as orações são os mecanismos íntimos que ativam Deus, seus Poderes Reinantes (Orixás), e os Guias e Protetores Espirituais em beneficio dos médiuns e os frequentadores dos seus Templos. Inclusive, em Umbanda, também não existe "coroação de médiuns".

- A Umbanda não recorre aos sacrifícios de animais para assentamentos magísticos, e não tem nessa prática legitima do Candomblé um dos seus recursos ofertatórios aos Poderes Reinantes do Divino Criador (Orixás) e nem "demandatórios", pois recorre às orações, rezas, desobsessões, ou se preciso, oferendas de flores, bebidas, frutos, sucos, chás, alimentos, incensos, velas, ou seja, produtos naturais e de elevada vibração em manipulações magísticas. A reforma íntima, fé, amor, rezas e orações são os principais fundamentos religiosos da Umbanda e suas práticas ofertatórias são isentas de materiais de baixa energia vibratória (sangue, ossos, carnes, etc.). A Oferenda, além de operação magística, é também uma reverência espontânea aos Sagrados Orixás e é recomendada a sua prática aos seus fiéis, onde os Sagrados Orixás e os Elementais da Natureza, ou os que se servem dela, simplesmente usam-nas, retirando as energias, devolvendo-as, para auxiliarem o oferendante.

- A Umbanda é uma religião ainda difusa, devido à incorporação massiva de médiuns cujas formações religiosas se processaram em outras religiões, e cujos usos e costumes vão sendo diluídos muito lentamente para não melindrar os conceitos e as posturas religiosas dos seus adeptos, adquiridas fora da Umbanda, através de milênios, mas respeitadas por ela. Mas, tudo isso é providencial, pois cada um trouxe para a Umbanda àquilo que era necessário para a futura fundamentação doutrinária/ritualística/litúrgica/magística, excluindo somente as superstições, totemismos, fanatismos, dogmas, idolatrias e tudo mais que fere a vivenciação evangélica, aos ensinamentos crísticos, à razão e ao bom senso.

- A Umbanda não é somente magística, mas faz uso da magia a fim de auxiliar seus prosélitos, para quando estiverem fortificados, possam ser doutrinados na prática do Evangelho Redentor e nos ensinamentos crísticos.

- A Umbanda não apressa o despertar mediúnico ou doutrinário de seus fiéis, pois tem no tempo e na espiritualidade dois ótimos recursos para conquistar o coração e a mente de cada um.

- A Umbanda tem no "dom paranormal de incorporação" a sua maior fonte de adeptos, pois a mediunidade independente da crença religiosa das pessoas. Como a maioria das religiões condena os médiuns ou os segregam, taxando-os de pessoas possessas ou desequilibradas, então a Umbanda não tem que se preocupar, pois sempre será procurada pelas pessoas portadoras de faculdades mediúnicas, principalmente a da "incorporação" (psicofonia) mediúnica.

- A reformulação de certos aspectos da Umbanda não depende somente dos escritores e dirigentes, que acreditamos tenham boa vontade para externarem aquilo que acham correto. Simplesmente todos somente fazem aquilo que suas mentes concebem como certo. Cremos que nunca vá existir um codificador ou mesmo uma codificação. A Umbanda é unilateral; se fosse para fazer um código, deveria ser com todo mundo junto e mesmo assim ainda teria as limitações. O que a Umbanda carece atualmente é de um reformulador, que irá contribuir para a disciplina, coordenação e assentamento doutrinário, calcado nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso. Sabemos que somente com as benções dos Sagrados Orixás, com desprendimento, humildade, espírito de caridade e muito amor no coração, o que alguém escrever, e no momento certo, frutificará. O fato de não ter sido criada com uma codificação ritualística/litúrgica/magística, foi fundamental para a consolidação da Umbanda, pois caso fosse desde o início, o movimento se estreitaria, tornando-se reservado somente a alguns "escolhidos e iniciados", com ritualísticas e liturgias codificadas, não permitindo o que viesse futuramente. A Umbanda dá liberdade para que todos os seus adeptos leiam e estudem todos os livros sagrados do mundo, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal. Seria impossível conceber, uma religião do porte da Umbanda, ser prejudicada pela desinformação, ou somente pelo egoísmo de seus dirigentes e seguidores materiais. Tudo aconteceu e acontece de conformidade com as diretrizes da Cúpula Astral da Umbanda. Confiemos, e envidemos todos os esforços para contribuirmos pela unificação doutrinária da Umbanda. O que realmente aconteceu, foi que o Caboclo das Sete Encruzilhadas ditou "Linhas Mestras" a serem seguidas por todos; "Linhas Mestras" essas que permeiam a essência do trabalho umbandista, por isso, devem ser seguidas rigorosamente, o que não acontece em praticamente a maioria dos Terreiros da atualidade.

- Os dirigentes umbandistas têm que se prepararem condignamente, para que acolham em seus Terreiros todas as pessoas portadoras de faculdades mediúnicas, e as auxiliarem em seus desenvolvimentos, preparando-as para que futuramente se tornem, também elas, os seus futuros dirigentes. Dirigente se forma com anos de trabalho ativo, iniciático e doutrinário dentro de um Terreiro Umbandista, e não tão somente por querer, e menos ainda através de cursos e literaturas. Aceitamos sim, "cursos especializados" que visam aperfeiçoar e capacitar os já reconhecidos dirigentes pela espiritualidade nos aspectos exteriores e magisticos. Os dirigentes têm, primeiramente, por obrigação, tornarem-se evangelizados e evangelizadores.

- A Umbanda prega que os integrantes dos Poderes Reinantes do Divino Criador (os Sagrados Orixás), indissociáveis da Natureza terrena, não são deuses, mas sim, são seres dotados de alta Espiritualidade, Arcanjos Planetários, Anjos Planetários e Espíritos Superiores, recomendando a prática de rezas, orações e caridade como forma de reverenciá-los e invocá-los, e não somente festas, magias e oferendas.

- A Umbanda não alimenta em seu seio segregacionismo religioso de espécie alguma, e vê as outras religiões como legítimas, todas como ótimas vias evolutivas, permitidas pelo Pai Eterno, para acelerarem a evolução de vários setores regionais humanos. Cada qual, onde se afiniza. Para a Umbanda não existem religiões ruins, mas somente locais onde se reúnem pessoas de boa vontade, que praticam àquilo que acham ser o correto. Dão o melhor de si, e com certeza, auxiliam muitas pessoas.

- A Umbanda é uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma "Modalidade de Espiritismo", está explicitada neste Módulo, no capítulo "POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?", no subtítulo "1ª Missão"), mas não é prática religiosa kardecista. Somente fundamentamos, com razão e bom senso, os estudos doutrinários mediúnicos e de entendimentos dos Espíritos, na codificação kardeciana; aceita e acata os ensinamentos de alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista. A Umbanda, também é espiritualista porque incorporou conceitos e práticas espirituais universais (referentes ao mundo espiritual). Também manipula os elementos superiores da Natureza (comandadas pelos Anjos Planetários, os Orixás Sustentadores), e trabalha com os Espíritos elevados, os Espíritos Tutelares (Guias e Protetores Espirituais), para auxiliar as pessoas que freqüentam os Terreiros Umbandistas.

- Nas apresentações mediúnicas, com os Espíritos, a Umbanda procura mostrar arquétipos sociais e não raciais, ou seja, enfatiza grupos sociais a fim de serem aceitos e melhor compreendidos, e não defendendo e impondo fatores raciais. A Umbanda nos traz os arquétipos sociais/regionais que fazem parte de toda a nossa ancestralidade e por isso são aceitos sem ressalvas, nos fazendo sentir bem por estar em contato com Espíritos afins. O que a Umbanda não faz, é defender e impor as raças: negra, branca, amarela ou vermelha.

- O aparente sincretismo foi previsto pela espiritualidade, para no menor tempo possível, angariar o maior número de adeptos, em decorrência da própria formação racial brasileira. Mas, na verdade, a Umbanda, que não é afrodescendente; não é sincrética. Cremos que alguns Santos proeminentes, Espíritos elevados, que na Umbanda são nominados de Orixás, pontificam Linhas de Trabalhos dos Orixás Mediadores, como trabalhadores dos mesmos, atuando em comunhão com essa força; Exemplos: Jesus milita na força Oxalá; São Jorge milita na força Ogum; São Jerônimo milita na força Xangô; Santa Bárbara milita na força Yansã; São Lázaro milita na força Omulú, etc. (eles não são "o" Orixá, mas "militam na força Orixá", perfazendo toda uma Linha de Trabalho Espiritual). Somente os culto-afros são sincréticos. O único sincretismo existente na Umbanda é dos arquétipos regionais dos Guias e Protetores Espirituais, ligando-os aos tipos sociais brasileiros.

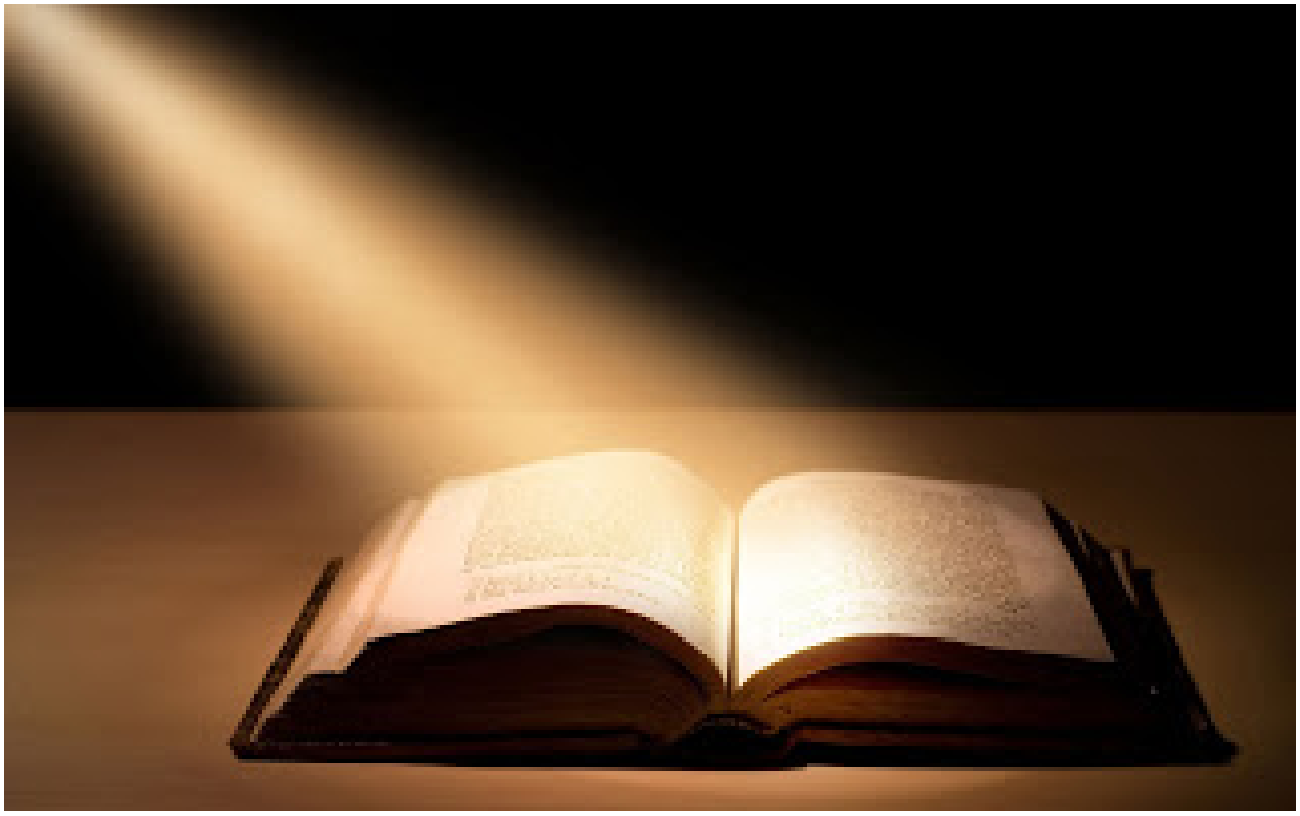
- A Umbanda prega a existência de um Deus único e tem nessa sua crença o seu maior fundamento religioso, pois não o dispensa em momento algum em seus cultos religiosos; reverencia os Sagrados Orixás como sendo Poderes Reinantes do Divino Criador e não como deuses (divindades); os Espíritos elevados, Espíritos Tutelares (os Guias e Protetores Espirituais), e não os dissocia Dele, o nosso Pai Maior. A Umbanda não encerrou Deus em quatro paredes, elegendo alguns "dignos" representantes D`Ele (Monoteísmo), mas sim, reconhece a presença Divina em tudo e em todos e que o Pai manifestasse de todas as formas através de uma hierarquia muito bem distribuída e disciplinada (Neo-Panteísmo). Por isso, Umbanda não é monoteísta, mas sim, Neo-Panteísta.

- A Umbanda não é catolicismo, mas aceita e acata os Anjos e alguns Santos. A Umbanda não é culto-afro, mas aceita e acata, com entendimento próprio, a crença nos Orixás.

- No atual momento terreno, encerra-se o primeiro ciclo do movimento umbandista no Brasil (100 anos). Atualmente caminhamos para o "tempo de escolha", onde será separado o trigo do joio, para que a Umbanda floresça em toda a sua plenitude espiritual e material.

O tempo é o melhor juiz de todas as coisas. Devemos envidar todos os nossos esforços a fim de contribuirmos para que a Umbanda seja higienizada, retirando de seu culto o folclore, o totemismo, as superstições, as excentricidades, o exagero dos cultos externos, o uso exagerado de oferendas, despachos, fantasias, adereços, vaidades, dançarias, manifestações circenses, etc., transformando-a numa religião na acepção da palavra, modificando o homem para melhor, e a fim de auxiliar sua religação a Deus. O maior fundamento da Umbanda reside na crença em Jesus o Oxalá, o Mestre dos Mestres, o Governador Espiritual do Planeta Terra e sua doutrina – Os Evangelhos, e nos ensinamentos crísticos, a fim de nos prepararmos para a grande jornada, que é o nosso reencontro com Deus.

OS POSTULADOS DA UMBANDA



Na visão da Umbanda Crística, vamos apresentar os “Postulados da Umbanda” para que todos possam entender o que seguimos, em que acreditamos, e quais as nossas finalidades, para que não fiquem em divagações negativas sobre tão nobre religião:

APOTEGMAS DA UMBANDA

1) A Umbanda é uma religião crística.

2) A Umbanda é uma religião Neo-Panteísta.

3) A Umbanda é uma religião evolucionista teísta.

4) A Umbanda é uma religião brasileira.

SÍNTESE DA PROFISSÃO DE FÉ DOS UMBANDISTAS

1) Cremos em um Deus único, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as Suas perfeições.

2) Cremos em Jesus, incondicionalmente, não como o único filho de Deus, mas sim, como nosso irmão amado, Mestre em sabedoria, Pai por carinho, luz de nossas vidas, e Senhor pelo Seu amor, sendo Ele o pilar central da Umbanda.

3) Cremos na existência do Cristo Planetário, responsável por toda a evolução planetária, e O temos como Mestre Supremo.

4) Cremos na Mãe Maria Santíssima e em Suas obreiras, as padroeiras responsáveis por diversos países.

5) Cremos na doutrina dos Evangelhos (segundo Marcos, segundo Mateus, segundo João e segundo Lucas) e nos ensinamentos dos Espíritos Crísticos, os Mestres do Amor como via evolutiva para se chegar a uma espiritualidade superior.

6) Cremos na Lei da Reencarnação.

7) Cremos na mediunidade, sob as mais variadas apresentações, e na comunicação dos Espíritos.

8) Cremos na mediunidade como tarefa – não como profissão.

9) Cremos na Alma (chamamos de Alma o Espírito preso à carne) e no Espírito (quando já está desvencilhado da carne).

10) Cremos na imortalidade do Espírito e na vida futura.

11) Cremos no batismo da palavra, da conversão, e não no da água.

12) Cremos na Lei de Causa e Efeito, excluídos os castigos de Deus, do Céu ou do inferno.

13) Cremos na Lei do Livre-Arbítrio.

14) Cremos e aplicamos o exposto nas obras kardecianas, principalmente em o "Livro dos Espíritos", em o "Livro dos Médiuns" e em o "Evangelho Segundo o Espiritismo".

15) Cremos na existência da pluralidade dos mundos religiosos, filosóficos e doutrinários espirituais.

16) Cremos na existência da matéria como energia – massa e de espaço – cósmico, indestrutíveis, eternos, porém de natureza intrínseca, ligados entre si.

17) Cremos em duas linhas evolutivas: Ascensão e Evolução material; que a linha de Ascensão, "via matéria", foi escolha nossa.

18) Cremos na Lei das consequências, ou de causa e efeito, ou seja: Carma.

19) Cremos na Lei das consequências benéficas adquiridas, ou seja: Darma.

20) Cremos na existência das Hierarquias Espirituais Angelicais assim constituídas: Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins, Tronos, Potestades, Potências, Dominações e Principados.

21) Cremos na existência dos Poderes Reinantes do Divino Criador, nominados de "Orixás Essenciais" *(Essencial: Que caracteriza, denota o mais relevante; Que é primordial)* os Espíritos Arcangélicos, também conhecidos como Engenheiros Siderais ou Arquitetos Maiores, Mentes Superiores, construtores e responsáveis pelas constelações. Não são deuses, mas sim denominações humanas para uma classe de Hierarquia do Divino Criador.

22) Cremos na existência dos "Orixás Sustentadores" *(Sustentador: Aquele que ampara, sustenta; mantêm em pé)*, os Anjos Planetários, responsáveis diretos por toda a criação e sustento de tudo no Planeta Terra. São os embaixadores dos "Orixás Essenciais".

23) Cremos na existência de "Orixás Mediadores" *(Mediador: Que ou aquele que intervém. Intercessor)*, também conhecidos como "Pais de Segredo", os Espíritos Superiores, que são os enviados diretos dos "Orixás Sustentadores". As atuações e posturas arquetípicas dos Espíritos Guias e Protetores na Umbanda, manipulam os reservatórios de energia (Orixás) de cada Linha; por isso as "Sete Linhas de Umbanda" postadas como se fossem Orixás em si; nada mais seriam, do que Poderes Reinantes do Divino Criador, fundamentados por Arcanjos Planetários (Orixás Essenciais), manipulados por Anjos Planetários (Orixás Sustentadores), e, distribuídas com 21 Espíritos Superiores para cada Linha Excelsa (Orixás Mediadores – em número de 147 no total), que comandam Espíritos Guias (Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos), seus enviados, por afinidade fluídica. Isso tudo é para a Umbanda somente.

24) Cremos na existência e comunicação mediúnica em trabalhos caritativos em atendimentos fraternos dos Espíritos Tutelares, os Guias e Protetores Espirituais, também conhecidos como Espíritos Santos de Deus ou Santas Almas Benditas, assim classificados: Guias Caboclos da Mata, Guias Pretos-Velhos, Guias Crianças, Guias Curandeiros, Guias da Linha do Oriente, Protetores Baianos, Protetores Caboclos Sertanejos, Protetores Caboclos D´Agua, e Protetores Ciganos.

25) Cremos na existência e comunicação mediúnica dos Espíritos Tarefeiros (conhecidos como Exus e Pombas-Gira de Lei), em trabalhos caritativos somente em processos demandatórios e de defesa.

26) Cremos nos Espíritos tidos como condutores e/ou obreiros de outras religiões e filosofias, que quando encarnados serviram às causas nobres, ensinando a todos o bem, o amor, a caridade a reforma íntima, principalmente com seus exemplos e tidos por muitos como Santos (Semirombas), Mentores (Espiritismo), ou Mestres (Budismo, Fraternidade Branca, Hinduísmo, etc.), desde que calcados nos princípios crísticos, na razão e no bom senso.

27) Cremos na existência do Espírito, sobrevivendo ao homem físico, no caminho da evolução, buscando o aperfeiçoamento.

28) Cremos na Lei da Magia Planetária que rege todo o Universo e sua aplicação com parcimônia.

29) Cremos na unificação de todas as religiões.

30) Cremos na afirmação de que as religiões constituem os diversos caminhos de evolução espiritual, que conduzem a Deus.

31) Cremos na prática da caridade material e espiritual.

32) Cremos na necessidade do ritual como elemento disciplinador e direcionador dos trabalhos espirituais.

33) Cremos na crença de que o homem vive num campo de vibrações que condicionam a sua vida para o bem ou para o mal, conforme sua própria tônica vibratória.

34) Cremos na compaixão como sinônimo de prática caritativa diária.

35) Cremos na existência de sítios vibratórios da Natureza (praias, matas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, jardins, etc.), por onde os Poderes Reinantes do Divino Criador (Orixás Mediadores), manifestam-se vibratoriamente com mais intensidade emanando magnetismos necessários à nossa sobrevivência, e aonde vamos constantemente promovendo concentrações para refazimento energético, harmonizações e captação de energias sublimes, nos reequilibrando com as forças da Mãe Natureza. A Umbanda reverencia a Natureza, por ser nela que se encontram as mais puras manifestações Divinas, e onde também iremos buscar e nos harmonizar com as forças ali reinantes, sustentadoras de toda a forma de vida planetária.

PROFERIDOS UMBANDISTAS

1) Seguimos tudo o que estiver pautado nos ensinamentos crísticos, nas orientações dos Espíritos na codificação kardeciana, e principalmente nas orientações dos Evangelhos, sem achismos e sem idiossincrasias, regrando todas as práticas, sejam elas doutrinárias ou ritualísticas, na razão e no bom senso.

E para sabermos se os ensinamentos dos textos acima, sejam quais forem, estão pautados na sabedoria divina, é só seguir o seguinte aforismo:

"*Não devemos crer em algo meramente porque seja dito.*

Nem em tradições só porque elas vêm sendo transmitidas desde a antiguidade. Nem em rumores e em textos de filósofos porque foram esses que os escreveram.

Nem em ilusões supostamente inspiradas em nós por um Deva (ou seja: através de inspiração espiritual).

Nem em ilações obtidas de alguma suposição vaga e casual. Nem porque pareça ser uma necessidade análoga. Nem devemos crer na mera autoridade de nossos instrutores ou mestres.

Entretanto, devemos crer quando o texto, a doutrina ou os aforismos forem corroborados pela nossa própria razão e consciência.

Por isso vos ensinei a não crerdes meramente porque ouvistes falar.

Mas quando houverdes acreditado de vossa própria consciência, então, devereis agir de conformidade e intensamente".

(Siddhartha Gautama – Buddha)

"A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável. A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião". (Dalai Lama)

A Umbanda, incondicionalmente, também aceita e segue os 14 preceitos dados pelo Senhor Siddhartha Gautama (Buddha), um dos Espíritos crísticos que estivem entre nós. Levemente adaptamos os preceitos, para se encaixar na Umbanda, sem ferir o seu conteúdo:

1. *Não seja idólatra por causa de nenhuma doutrina, teoria ou ideologia, mesmo a umbandista. Os sistemas umbandistas de pensamento são meios de orientação; eles não são a verdade absoluta.*

2. *Não pense que o conhecimento que você possui no presente é imutável, ou que ele é a verdade absoluta. Evite ser fechado e estar preso a opiniões presentes. Aprenda a praticar o desligamento de pontos de vista a fim de estar aberto a receber os pontos de vista de outros. A verdade é encontrada na vida e não simplesmente no conhecimento de conceitos.*

3. *Não force os outros, incluindo crianças, por nenhum meio, a adotar seus pontos de vista, seja por meio de autoridade, ameaça, dinheiro, propaganda, ou mesmo educação. Entretanto, através do diálogo compassivo, ajude os outros a renunciarem o fanatismo e a estreiteza de ideias.*

4. *Não evite o sofrimento, não feche seus olhos ao sofrimento. Não perca a consciência da existência do sofrimento na vida do mundo. Encontre maneiras de estar com aqueles que estão sofrendo, incluindo contato pessoal, visitas, imagens e sons. Por tais meios, lembre a si mesmo e aos outros à realidade do sofrimento no mundo.*

5. *Não acumule riqueza enquanto milhões passam fome. Não faça o objetivo da sua vida adquirir fama, lucro, riqueza, ou prazer sensual. Viva simplesmente e compartilhe seu tempo, energia e recursos materiais com aqueles que estão passando necessidades.*

6. *Não mantenha a raiva ou o ódio. Aprenda a penetrá-los e transformá-los enquanto eles ainda só existem como sementes na sua consciência.*

7. *Não se perca nas distrações à sua volta, mas continue sempre em contato com tudo que é maravilhoso, refrescante e curativo dentro de você e ao seu redor. Plante sementes de alegria, paz e entendimento em si mesmo, a fim de facilitar o trabalho de transformação nas profundezas da sua consciência.*

8. *Não pronuncie palavras que podem criar discórdia e causar a quebra da comunidade. Faça todos os esforços para reconciliar as pessoas e resolver todos os conflitos, nem que sejam pequenos.*

9. *Não diga coisas falsas nem por interesse pessoal, nem para impressionar as pessoas. Não diga palavras que causam divisão e ódio. Não espalhe notícias que você não sabe se são verdadeiras. Não critique ou condene coisas das quais você não tem certeza. Sempre fale a verdade, de maneira construtiva. Tenha a coragem de levantar sua voz quando vir uma situação injusta, mesmo quando ao fazer isto você coloca sua segurança em perigo.*

10. *Não use a comunidade umbandista para ganho ou lucro pessoal, e não transforme sua comunidade em um partido político. Uma comunidade religiosa, no entanto, deve tomar uma atitude clara contra a opressão e injustiça, e deve tentar mudar a situação sem se envolver em política partidária.*

11. *Não viva com uma vocação que é nociva aos seres humanos e à natureza. Não invista em companhias que privam outras pessoas da sua chance de viver. Selecione uma vocação que o ajude a realizar seu ideal de compaixão.*

12. *Não mate. Não deixe que outras pessoas matem. Encontre todos os meios possíveis de proteger a vida e impedir a guerra.*

13. *Não possua nada que deveria pertencer a outras pessoas. Respeite a propriedade dos outros, mas impeça os outros de lucrarem do sofrimento humano ou do sofrimento de outras espécies na Terra.*

14. *Não maltrate seu corpo. Aprenda a cuidar dele com respeito. Para preservar a felicidade dos outros, respeite os direitos e os compromissos dos outros. Preserve suas energias vitais (sexual, espiritual, respiração) para a realização de seu Caminho.*

Para irmãos e irmãs que são médiuns umbandistas: suas expressões sexuais não devem ser sem amor e comprometimento. Em uma relação sexual tenha consciência do sofrimento que pode ser causado no futuro. Para preservar a felicidade de outros, respeite seus direitos e compromissos. Esteja plenamente consciente da responsabilidade de trazer novas vidas a este mundo. Medite sobre o mundo para o qual você está trazendo novos seres.

Agora, o que estiver contrário a tudo isso, pare imediatamente; está no caminho errado; não está praticando a Religião de Umbanda.

A Umbanda é uma religião de amor, compreensão e compaixão.

2) Abominamos o sacrifício de animais, quer para homenagear Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira), quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios para obtenção de favores de qualquer ordem.

3) Em Umbanda damos de graça o que de graça recebemos de Deus; trabalhos espirituais não se cobram. Tudo é feito gratuitamente.

4) Em Umbanda não se cultua ou "incorpora" Orixás, mas tão somente seus enviados.

5) Fazemos largo uso de ervas em defumações, banhos e amacis e o uso ritualístico de Tabaco.

6) Fazemos uso, com parcimônia da sistemática de oferendas e quando necessário, os despachos demandadores.

7) A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas e possíveis despachos demandatórios. A importância magística das bebidas é a manipulação dos elementos em fermentação (lúpulo, cevada, cana, uva, etc.) e não o álcool em si. Não existe manipulação magística na ingestão de alcoólicos.

FINALIDADES DA UMBANDA

"Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade".

Frase lapidar e insubstituível, que nos legou o saudoso e inesquecível Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Coadjuvando tal definição, poderemos, inclusive, cimentá-la com uma outra que diz: *"Fora do amor não há salvação".* A caridade é a maior expressão de amor.

A caridade propiciada nos Templos Umbandistas é muito ampla, e sempre começa com a ação dos Espíritos, proporcionando o bem espiritual, com uma série de benefícios aos Espíritos perturbadores que lá chegam com as pessoas e logicamente aos consulentes, tais como:

1) Caridade para com os médiuns, por sua dedicação e renúncia e, concomitantemente, ao seu aperfeiçoamento moral, espiritual e material.

2) A caridade proporcionada ao Espírito comunicante, pela necessidade que tem do médium, pois sem este não seriam possíveis as comunicações e na diversidade nos serviços (como esclarece o apóstolo Paulo); o Espírito Guia, no intercâmbio com o médium e a coletividade, também faz o seu progresso, a sua evolução pelos trabalhos ou serviços que presta.

3) A caridade para com os Espíritos perturbados/perturbadores, obsessores, kiumbas, os desarvorados que são trazidos ao recinto dos trabalhos espirituais da Umbanda, bem assim os que enfermam as pessoas, com ou sem noção do mal que estão praticando, e que, por tais mal-estares que causam, obrigam as pessoas a recorrerem aos Terreiros. É o chamado: Trabalho de Descarrego (desobsessão).

4) A caridade material, sem a intervenção dos Espíritos, através do Departamento de Assistência Social onde são distribuídos gêneros alimentícios, roupas, enxovais para recém-nascidos, remédios, por vezes médico e dentista; enfim, campanhas para dar assistência quase que geral aos pobres são comuns aos Terreiros bem organizados.

5) *"Todas as entidades serão ouvidas, e nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é à vontade do Pai".* (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO NEO-PANTEÍSTA

A Umbanda é profissão de fé, crística, baseada nas manifestações dos Espíritos utilizando a roupagem arquetípica fluídica regional de Caboclos da Mata, Pretos-Velhos, Crianças, Baianos, Caboclos Sertanejos, Caboclos D´agua, Ciganos, Curandeiros, Povos do Oriente, e Tarefeiros, na orientação dos mesmos nos trabalhos mediúnicos pró-caridade, dentro da ritualística própria; excluindo-se mitos, dogmas, idolatria, totemismo, fetichismo, milagres, superstições e o sobrenatural.

UMBANDA: UMA RELIGIÃO

Segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, *"Religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas que unem em uma mesma comunidade moral todos os que a ela aderem".*

Com base nesse conceito, pode-se afirmar que a Umbanda é uma religião. A fusão positiva de algumas práticas de outros credos, filosofias e as diferenças de ritos nos Terreiros não invalidam tal classificação. Variações litúrgicas, magísticas e ritualísticas são passíveis de ocorrer não apenas em religiões tradicionais, como em todas aquelas que, por motivos diversos – invasão, evasão, idiossincrasia, guerra, etc. – tenham sofrido influência de terceiros.

Por isso, a doutrina umbandista se caracterizar pela infiltração positiva de outros costumes, pela falta de coesão e de origem única deve-se considerar universalista. É essencialmente brasileira. Teve contribuições positivas dos cultos afro-ameríndios, com doutrina e rituais absorvidos de outras fontes, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal; desenvolveu-se e consolidou-se num credo apropriado à evolução, temperamento, cultura e anseio do povo brasileiro. Não representa, portanto, um culto africano, como pretendem muitos, apesar de ter com alguns deles diversos pontos positivos de contato. Ressente-se ainda de uma uniformidade doutrinária e de uma ritualística padronizada.

Tende, porém com o tempo, à uniformização, tornando-se homogênea, com uma base única, assim que forem corrigidas as discrepâncias que permanecem em consequência de equivocadas ritualísticas/doutrinas herdadas pelas idiossincrasias. É preciso, todavia, tolerância e compreensão, visto ser uma religião muito nova, não totalmente firmada em seus postulados.

Esses tropeços, que não permitiram sua consolidação, são facilmente explicáveis. A maior parte das religiões possui um fundador, um avatar, um messias, elaborador da doutrina, que a ensinou e a difundiu.

Mesmo aqueles que a transmitiram apenas oralmente, tiveram seguidores que se preocuparam em transcrevê-la para que ficasse sedimentada e perpetuada, sem perigo de deturpação.

Remontando às primeiras épocas, encontram-se os Vedas, onde ficaram registradas as leis que regem a pluralidade das existências e dos mundos e a comunicação com os mortos. Através do Bardo Thodol, livro que enfeixa a sabedoria do Tibet, se obteve o conhecimento da Lei do Carma. No Zenda Avesta, foram fixados os ensinamentos de Zoroastro, transmitidos ao povo da Pérsia.

No Torá, foram consolidadas as leis hebraicas. Nos Evangelhos, ficaram imortalizadas as palavras e lições ministradas por Jesus. Maomé deixa impresso no Alcorão as crenças e doutrina a ele comunicada por Entidades Celestiais. O esclarecimento dos mistérios que envolviam o intercâmbio com o Além, com base nas verdades pregadas por Jesus, foi enviado por Espíritos a Kardec, que o enfeixou numa série de livros. Nasceu, assim, o Espiritismo.

A Umbanda, todavia, não teve um messias (ela teve um instituidor) e ressente-se de um reformador que a resuma e lhe unifique o ritual e a doutrina, a fim de possibilitar uma estruturação única. Isto, porém, virá oportunamente, através de empenho pessoal, da luta, do uso da razão e da fé de algum umbandista iluminado.

Talvez seja essa a diretriz seguida pelo Alto para ensinar o homem atual. Fazê-lo atingir o conhecimento da verdade, por si mesmo, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter uma Entidade Angelical ao supremo sacrifício de descer ao Plano Físico para elucidá-lo. As bases primordiais das Normas Divinas foram fartamente explicadas pelos Avatares das diversas religiões, o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

A alta Hierarquia Espiritual, reconhecendo que a humanidade, no estágio evolutivo em que se encontra, está preparada para servir-se de razão com discernimento, e valer-se da intuição mais burilada, faculta ao homem usá-las com objetividade. É um método didático de permitir que o indivíduo cresça e se aprimore por esforço próprio.

Na elaboração da Doutrina Espírita já se nota a tendência de não impor a verdade, mas deixar que ela seja procurada e achada. O Espiritismo não surgiu de uma fonte única ou de dogmas, mas foi produto de informações e esclarecimentos prestados por diversas entidades, enviados a todos os quadrantes do mundo, fornecidos a inúmeros médiuns e, finalmente, convergindo para um ponto.

Foi preciso um esforço imenso e grande trabalho sacrificial para separar a realidade da fantasia. De mensagens propositadamente falsas, transmitidas por Espíritos inferiores, deduziu-se o modo de vida desses seres e a razão de ocorrências desse tipo.

De informações fragmentadas e escritas em idiomas diferentes, formulou-se uma doutrina única, real e verdadeira, somente exequível por existir um raciocínio lógico, objetividade, dedicação, sensatez e intuição de uma mente superior como a de Kardec.

Pelo imenso número de adeptos que a Umbanda possui, não é difícil surgir em seu meio alguém portador das qualidades necessárias para estruturá-la e fazer com que todas as casas de culto se unam sob o mesmo código.

Como nada sucede na Terra que não seja programado pelo Alto, presume-se que as Entidades Celestiais que supervisionam as religiões e especificamente as que amparam a Umbanda estejam esperando que ela amadureça um pouco mais para providenciarem a vinda de uma pessoa habilitada a reformá-la.

Quanto mais o homem progride na mente, no coração e na intuição, mais os mestres podem levantar o véu que encobre a realidade única.

(Trecho extraído do livro: "O Ritual da Umbanda – Vera Braga de Souza Gomes – Ediouro", com adaptações do autor)

Como muitos tacham a Umbanda de seita numa alusão pejorativa, vamos entender o que realmente significa esse termo e não mais nos aborrecermos quando ouvimo-lo:

Seita:

1º) Do latim secta = "seguidor", proveniente de "sequi" = "seguir". É um conceito utilizado para designar, em princípio, simplesmente qualquer doutrina, ideologia ou sistema que divirja da correspondente doutrina ou sistema dominante, bem como também para designar o próprio conjunto de pessoas (o grupo organizado ou movimento aderente a tal doutrina, ideologia ou sistema), os quais, conquanto divergentes da opinião geral, apresentam significância social. Usualmente conecta-se o termo à sua significação específica (stricto sensu) apenas religiosa, com o que por "seita" entende-se, a priori e de ordinário, imediatamente "seita religiosa". Porém, tal nexo causal não é imperativo, pois nem sempre uma seita está no domínio religioso. *(http://pt.wikipedia.org/wiki/Seita)*

2º) Doutrina religiosa ou ideológica que se afasta de outra; conjunto de crentes de uma doutrina que diverge da geral; partido; grupo de pessoas que seguem determinados princípios ou doutrinas, diversas dos geralmente aceitos no respectivo meio; teoria de algum professor célebre, seguida por muitos. *(pt.wiktionary.org/wiki/seita)*

DEFINIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES DA RELIGIÃO

Religião é um sistema qualquer de ideias, de fé e de culto, como é o caso da fé cristã.

Interpretação da religião: É o conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus. Doutrina ou sistema de princípios que regula a subordinação da criatura ao Criador.

- Religião (do latim: "religio" usado na Vulgata *(Vulgata é a forma latina abreviada de "vulgata editio" ou "vulgata versio" ou "vulgata lectio", respectivamente, edição, tradução ou leitura de divulgação popular – a versão mais difundida (ou mais aceita como autêntica) de um texto)*, que significa "prestar culto a uma divindade", "ligar novamente", ou simplesmente "religar"); é um conjunto de crenças sobre as causas, natureza e finalidade da vida e do universo, especialmente quando considerada como a criação de um agente sobrenatural, ou a relação dos seres humanos ao que eles consideram como santo, sagrado, espiritual ou divino.

- Religare: estar ligado, unir, atar;

- Relígio: dúvida, escrúpulo e mais tarde cerimônia de culto;

- Relegere: escolher cuidadosamente.

- Religião é um conjunto de crenças e práticas organizadas, formando algum sistema privado ou coletivo, mediante o qual uma pessoa ou um grupo de pessoas é influenciado.

- Religião é um corpo autorizado de comungantes que se reúnem periodicamente para prestar culto a um deus, aceitando um conjunto de doutrinas que oferece algum meio de relacionar o indivíduo àquilo que é considerado ser a natureza última da realidade.

- Religião é qualquer coisa que ocupa o tempo e as devoções de alguém. Há, nessa definição, um quê de verdade, já que aquilo que ocupa o tempo de uma pessoa é geralmente algo a que ela se devota, mesmo que não envolva diretamente a afirmação da existência de algum ser supremo ou seres superiores. E a devoção encontra-se na raiz de toda religião.

- Religião é o reconhecimento da existência de algum poder superior, invisível; é uma atitude de reverente dependência a esse poder na conduta da vida; e manifesta-se por meio de atos especiais, como ritos, orações, atos de misericórdia, etc.

Finalidade da religião: ***"****A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus. Mas o homem não chega a Deus enquanto não se fizer perfeito. Toda religião, portanto, que não melhora o homem, não atinge a sua finalidade. Aquela em que ele pensa poder apoiar-se para fazer o mal é falsa ou foi falseada no seu início. Esse é o resultado a que chegam todas aquelas em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos símbolos exteriores é nula, quando não impede os assassinos, os adúlteros, as espoliações, as calúnias e a prática do mal ao próximo, seja qual for. Ela faz supersticiosos, hipócritas, fanáticos, mas não homens de bem".*
("o Evangelho na Umbanda" – Jota Alves de Oliveira)

A partir destas tentativas de definição, podemos nos atrever a classificar as religiões em tipos de acordo com a similaridade de suas crenças.

Especialistas no assunto destacam pelo menos nove classes de religiões. Mas, como o leitor perceberá, há casos em que a distinção é mantida por uma linha muito tênue, o que faz que surja certa mistura de conceitos (tipos) em uma única religião.

De fato, os tipos de religiões mesclam-se em qualquer fé que queiramos considerar, e, geralmente, as religiões progridem de um tipo a outro ao longo de sua trajetória.

Assim, os vários tipos de religiões alistados a seguir não são necessariamente contraditórios ou excludentes entre si. Acompanhe:

1) **Religiões animistas:** Sistemas de crenças em que entidades naturais e objetos inanimados são tidos como dotados de um princípio vital impessoal ou uma força sobrenatural que lhes confere vida e atividade.

2) **Religiões naturais:** Pregam a manifestação de Deus na natureza, e, geralmente, rejeitam a revelação divina e os livros sagrados. Segundo seu pensamento, toda e qualquer revelação à parte da natureza não é digna de confiança.

3) **Religiões ritualistas:** Enfatizam as cerimônias e os rituais por acreditar que estes agradariam as divindades. Tais ritos e encantamentos teriam o poder de controlar os Espíritos, levando-os a atuar para o bem ou mal das pessoas.

4) **Religiões místicas:** São também revelatórias, porém, seus adeptos acreditam na necessidade de contínuas experiências místicas como meio de informação e crescimento espiritual. Os místicos regem sua fé pela constante e diligente busca da iluminação.

5) **Religiões revelatórias:** Na verdade, seriam uma espécie de subcategoria das religiões místicas. Este grupo de religiões fundamenta-se nas supostas revelações da parte de deuses, de Deus, do Espírito, ou de Espíritos desencarnados que compartilham mistérios que acabam cristalizados em livros sagrados.

6) **Religiões sacramentalistas:** São grupos que têm nos sacramentos meios de transmissão da graça divina e da atuação do Espírito de Deus. Estas religiões, geralmente, acreditam que o uso dos sacramentos por meio de pessoas "desqualificadas" impede a atuação do Espírito de Deus. Os sacramentos constituem-se em veículo para promoção do exclusivismo.

7) **Religiões legalistas:** São construídas sob preceitos normativos, algum código legal que deve governar todos os aspectos da vida de um indivíduo. Este código é usualmente concebido como divinamente inspirado. O bem é prometido aos obedientes e a punição aos desobedientes.

8) **Religiões racionais:** Neste grupo, a razão recebe ênfase proeminente e a filosofia é supervalorizada. A razão, segundo acreditam, seria algo tão poderoso que nada mais se faria necessário além de seu cultivo bem treinado e disciplinado.

9) **Religiões sacrificiais:** Pregam a salvação por meio de sacrifícios apropriados. O cristianismo é uma religião sacrificial, no sentido de que Jesus Cristo é reputado como o autor do sacrifício supremo necessário à salvação. A suprema palavra do Senhor declara: *"E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão"* (Hb 9.22).

Todos estes princípios de crenças sustentam, cada qual à sua maneira, a religiosidade do mundo em que vivemos. Não foram poucas as declarações de filósofos e intelectuais que vislumbraram o desaparecimento destes sistemas. Mas eis que a religião ainda persiste, manifestando-se de diversas formas, em todos os lugares e coisas, em pleno século XXI, tão forte e influente quanto a mais recente descoberta científica. Por quê? Porque o homem não vive só de pão, mas também de religião.

É justamente ela (a religião) quem se candidata a responder ao "drama da alma humana", o traço magno de todo interesse espiritual. Um mundo caído sem religião não é concebível.

Em sua famosa canção, "Imagine", o célebre cantor e compositor John Lennon nos convida a imaginar um mundo ideal, sem coisas ruins (entre as quais ele destaca as religiões), propõe um mundo em que as pessoas pudessem viver em paz e sugere a religião como fonte incentivadora das guerras.

Em verdade, não há como negar que o abuso das atitudes religiosas produziu sangrentas guerras entre nós. Entretanto, temos de ponderar que as guerras não nasceram das convicções religiosas, mas, sim, do comportamento errado diante delas, o que é diferente.

Se os homens são tão ímpios com religião, o que seriam sem ela? Não é possível desfazer-se das religiões simplesmente tentando ignorá-las.

(www.icp.com.br – com adaptações do autor)

E qual tipo de religião a Umbanda se encaixa? Encontramos um artigo que coaduna com o nosso pensamento:

UMBANDA – UMA RELIGIÃO UNIVERSAL

É lugar comum encontrar vários textos que se referem a Umbanda, a confinante classificação de "religião cultural". Sinto pelos que concordam, mas me debato fervorosamente a esta ideia. É certo que pertenço a uma "nova geração" de umbandistas. Não tenho raízes apontadamente africanas, nunca freqüentei um Terreiro de "chão de barro" e desde que me lembro, sempre ouvi explicações, senão científicas, ao menos lógicas para todo e qualquer fenômeno ocorrido dentro de uma Sessão de Umbanda.

Dentro da irmandade espiritual a que pertenço, temos pessoas de todas as classes, níveis culturais e correntes intelectuais. Médicos, jardineiros, professores, promotores de justiça, vendedores, engenheiros, donas de casa, diaristas, advogados, artistas, enfim, uma gama bastante variável em termos de cultura e origens as mais diversas. Então a conclusão me parece óbvia: A Umbanda não é uma religião cultural, porque não depende de uma determinada cultura apenas. Uma religião cultural é a religião que pertence especificamente a um grupo cultural, como podemos observar no bramanismo ou judaísmo. A Umbanda, não pode ser considerada uma religião deste gênero, porque é universal.

Eu explico: A Umbanda é uma religião essencial ao ser humano, enquanto consideramos a sua essência, não apenas a sua porção corpórea, mas também a sua causa psíquica e espiritual. Seus fundamentos, encontrados similarmente em diversas religiões, cultos e correntes filosóficas através do tempo e espaço humano, não pertencem à esquemática de um ciclo determinado da cultura humana, mas sim ao sistema do homem enquanto homem, por isso não pode ser limitada a uma cultura ou grupo social, mas sim encarada como um caminho da própria natureza do ser humano.

A Umbanda, mesmo que hoje isto já seja bastante óbvio, não pode ser considerada uma religião racial porque não depende de qualquer raça. E seria um erro julgar apenas que fosse uma manifestação amálgama, um estágio posterior ao encontro dos cultos africanos com a doutrina espírita européia, com influências sincréticas do cristianismo ou crenças indígenas nativas. Embora em sua forma atual perceba-se esta fusão de elementos culturais diferentes, alguns até antagônicos, conciliados em uma percepção global do Sagrado, absolutamente não é esta sua condição final. Nem tão pouco pode ser considerada uma religião de classes, porque embora determinadas classes em determinados contextos possam formar suas religiões e as têm formado ao longo dos anos, a Umbanda não pertence a nenhuma classe, ou casta, porque não depende delas para ser.

A Umbanda é uma religião da espécie humana, tomada em sua totalidade: corpo, mente e Espírito. Assim, mesmo formando-se e surgindo em uma determinada área racial e cultural, pertence a mais genérica parte do ser humano, o anseio do homem pelo sagrado. Porque a preocupação com o corpo, a mente e a alma humana independe, inclusive, do tempo, quanto mais da cultura, espaço ou classe social.

A Umbanda, apreendida através do contato com a espiritualidade superior, poderia surgir – se é que não o fez – em qualquer instante do tempo, não estando simplesmente determinada a condições históricas em que surgiu. Essas talvez, apenas facilitaram e facilitam sua atual percepção.

Poderia ter surgido antes, como poderia ter surgido depois, aqui ou ali em relação ao espaço geográfico. Por isso as suas possibilidades não dependem das condições culturais, porque pertencendo aos anseios inerentes ao homem enquanto homem se torna, então, universal.

(Marcelo – médium umbandista do Centro Espírita de Umbanda Xangô Caô do Oriente)

Chegamos a duas conclusões:

1ª) A Umbanda é uma religião, pois atende ao Evangelho: *"A religião verdadeira é aquela que enternece os corações, fala às almas, orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois "onde há liberdade, aí reina o Espírito do Senhor".* (Paulo, apóstolo, II aos Coríntios, 3:7).

2ª) Das classificações e definições de religiões, a Umbanda deve ser classificada como religião crística, devido a sua universalidade, pois é uma escola da alma, eclética, local de oração, de estudo dos ensinamentos divinos, de fraternidade, da comunhão entre as pessoas encarnadas e desencarnadas, de meditações, da prática da caridade, de boas leituras, boas músicas e boas canções.

A Umbanda é politeísta, monoteísta, panteísta, ateísta ou neo-panteísta?

TIPOS DE RELIGIÕES

Há várias formas de religião, e são muitos os modos que vários estudiosos utilizam para classificá-las. Porém há características comuns às religiões que aparecem com maior ou menor destaque em praticamente todas as divisões. A primeira destas características é cronológica, pois as formas religiosas predominantes evoluem através dos tempos nos sucessivos estágios culturais de qualquer sociedade.

Outro modo é classificá-las de acordo com sua solidez de princípios e sua profundidade filosófica, o que irá separá-las em religiões com e sem Livros Sagrados. Pessoalmente como um estudioso do assunto, prefiro uma classificação que leva em conta essas duas características, e divide as religiões nos seguintes 04 grandes grupos distintos: Panteísta – Monoteísta – Politeísta – Ateísta. Nessa divisão há uma ordem cronológica.

As Religiões Panteístas são as mais antigas, dominando em sociedades menores e mais “primitivas”. Tanto nos primórdios da civilização mesopotâmica, européia e asiática, quanto nas culturas das Américas, África e Oceania. As Religiões Politeístas por vezes se confundem com as Panteístas, mas surgem num estágio posterior do desenvolvimento de uma cultura.

Quanto mais a sociedade se torna complexa, mais o Panteísmo vai se tornando Politeísmo. Já as Monoteístas são mais recentes, e atualmente as mais disseminadas, o Monoteísmo quantitativamente ainda domina mais de metade da humanidade. E embora possa parecer estranho, existem religiões Ateístas, que negam a existência de um ser supremo central, embora possam admitir a existência de entidades espirituais diversas. Essas religiões geralmente surgem como uma reação a um sistema religioso Monoteísta ou pelo menos Politeísta, e em muitos aspectos se confunde com o Panteísmo embora possuam características exclusivas. Essa divisão também traça uma hierarquia de rebuscamento filosófico nas religiões. As Panteístas por serem as mais antigas, não têm Livros Sagrados ou qualquer estabelecimento mais sólido do que a tradição oral, embora na atualidade o renascimento panteísta esteja mudando isso.

Já as politeístas muitas vezes possuem registros de suas lendas e mitos em versão escrita, mas nenhuma possui uma Revelação propriamente dita. Isto é um privilégio do Monoteísmo. Todas as grandes religiões monoteístas possuem sua Revelação Divina em forma de Livro Sagrado. As Ateístas também possuem seus livros guias, mas por não acreditarem num Deus pessoal, não tem o peso dogmático de uma revelação divina, sendo vistas em geral como tratados filosóficos. Vejamos alguns quadros comparativos.

	ÉPOCAS DE SURGIMENTO E PREDOMÍNIO.
PANTEÍSMO	As mais antigas, remontando a pré-história onde tinham predominância absoluta, e também presentes em muitos dos povos silvícolas das Américas, África e Oceania.
POLITEÍSMO	Surgem num estágio posterior de desenvolvimento social, tendo sido predominantes na Idade Antiga em todo o velho mundo, e mesmo nas civilizações mais avançadas das Américas pré-colombianas.
MONOTEÍSMO	Mais recentes, surgindo a partir do último milênio aC e predominando da Idade Média até a atualidade.
ATEÍSMO	Surgem a partir do século V aC, tendo vingado somente no Oriente e no Ocidente ressurgindo somente após a renascença numa forma mais filosófica que religiosa.
NEO PANTEÍSMO	Embora possuam representantes em todos os períodos históricos, popularizam-se ou surgem a partir do século XVIII.

	BASE LITERÁRIA
PANTEÍSMO	Próprias de culturas ágrafas, não possuem em geral qualquer forma de base escrita, sendo transmitidas por tradição oral.
POLITEÍSMO	Nas sociedades letradas possuem frequentemente registros literários sobre seus mitos, e mesmo nas ágrafas possuem tradições icônicas mais elaboradas.
MONOTEÍSMO	Possuem Livros Sagrados definidos e que padronizam as formas de crença, servindo como referência obrigatória e trazendo códigos de leis. São tidos como detentores de verdades absolutas.
ATEÍSMO	Possuem textos básicos de conteúdo predominantemente filosófico, não possuindo, entretanto, força dogmática arbitrária ainda que sendo também revelados por sábios ou seres iluminados.
NEO-PANTEÍSMO	Seus textos são em geral filosóficos, embora possuam mais força doutrinária, não incorrendo, porém em dogmas arbitrários.

	MITOLOGIA
PANTEÍSMO	Deus é o próprio mundo, tudo está interligado num equilíbrio ecossistêmico e místico. Crê-se em Espíritos e geralmente em reencarnação, é comum também o culto aos antepassados. Procura-se manter a harmonia com a Natureza, e o mundo comumente é tido como eterno.

POLITEÍSMO	Diversos deuses criaram, regem e destroem o mundo. Se relacionam de forma tensa com os seres humanos, não raro hostil. As lendas dos deuses se assemelham a dramas humanos, havendo contos dos mais diversos tipos.
MONOTEÍSMO	Um Ser transcendente criou o mundo e o ser humano, há uma relação paternal entre criador e criaturas. Na maioria dos casos um semi-deus se rebela contra o criador trazendo males sobre todos os seres. Messias são enviados para conduzir os povos, profetiza-se um evento renovador violento no final dos tempos, onde a ordem será restaurada pela divindade.
ATEÍSMO	O Universo é uma emanação de um princípio primordial "vazio", um Não-Ser. Crê-se na possibilidade de evolução espiritual através de um trabalho íntimo, crê-se em diversos seres conscientes dos mais variados níveis, e geralmente em reencarnação.
NEO-PANTEÍSMO	Acredita-se em geral no Monismo, uma substância única que permeia todo o Universo num Ser único. São em geral reencarnacionistas e evolutivas. A desatribuição de qualidades do Ser supremo por vezes as confunde com o Ateísmo.

	SÍMBOLOS
PANTEÍSMO	Utilizam no máximo totens e alguns outros fetiches, é comum o uso de vegetais, ossos, ou animais vivos ou mortos.
POLITEÍSMO	Surgem os ídolos zoo ou antropomórficos na forma de pinturas e esculturas em larga escala. A simbologia icônica se torna complexa em alguns casos resultando em formas de escrita ideográfica.
MONOTEÍSMO	O Deus supremo geralmente não possui representação visual, mas os secundários sim. Utilizam símbolos mais abstratos e de significados complexos.
ATEÍSMO	O Não-Ser supremo não pode ser representado, mas há muitas retratações dos seres iluminados. Há vários símbolos representativos da Natureza e metafísica do Universo.
NEO PANTEÍSMO	Diversos símbolos e mitos de diversas outras religiões são resgatados e reinterpretados; também não há representação específica do Ser Supremo, mas pode haver de outros seres elevados.

	RITUAIS
PANTEÍSMO	Geralmente ligados à Natureza e ocorrendo em contato com esta. É comum o uso de infusões de ervas, danças, oráculos e cerimônias ao ar livre.
POLITEÍSMO	Passam a surgir os templos, embora em geral não abandonem totalmente os rituais ao ar livre. Em muitos casos ocorrem os sacrifícios humanos, oráculos e as feitiçarias de controle ambiental.
MONOTEÍSMO	Geralmente restritas aos templos, as hierarquias ritualistas são mais rígidas, não há oráculos pessoais, mas sim profecias generalizadas com base no Livro Sagrado. Não há rituais de controle ambiental.
ATEÍSMO	Embora ainda comuns nos templos sejam também freqüentes fora destes. Desenvolvem-se técnicas de concentração, meditação e purificação mais específicas, baseadas antes de tudo no controle dos impulsos e emoções.
NEO-PANTEÍSMO	Em geral baseados no uso de "energias" da Natureza. Não mais têm influência nos processos civis, sendo restritos a curas, proteção contra ameaças físicas e extra físicas.

	EXEMPLOS
PANTEÍSMO	Religiões silvícolas, xamanismo, religiões célticas, druidismo, amazônicas, indígenas norte americanas, africanas, etc.
POLITEÍSMO	Religião Grega, Egípcia, Xintoísmo, Mitologia Nórdica, Religião Azteca, Maia, etc.

MONOTEÍSMO	Bhramanismo, Zoroastrismo, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Sikhismo, Kardecismo.
ATEÍSMO	**Orientais:** Taoísmo, Confucionismo, Budismo, Jainismo. **Ocidentais:** Filosofias Neo-Plantônicas, Ateísmo Filosófico (Não Religioso)
NEO-PANTEÍSMO	Umbanda, Racionalismo Cristão, Neo-Gnosticismo, Teosofia, Wicca, "Esotéricas", etc.

PANTEÍSMO

As religiões primitivas são Panteístas; acredita-se num grande "Deus-Natureza". Todos os elementos naturais são divinizados, se atribuí "inteligências" espirituais ao vento, a água, fogo, populações animais e etc. Há uma clara noção de equilíbrio ecossistêmico, onde é comum ritos de agradecimento pelas dádivas naturais e pedidos às divindades da Natureza, em alguns casos requisitando autorização mesmo para o consumo da caça que embora tenha sido obtida pelo esforço humano, seria na verdade permitida, se não ofertada, pelos entes espirituais.

A relação de dependência do ser humano com o ecossistema é clara, assim como a de parentesco e de submissão. As entidades elementais da Natureza estão presentes em toda a parte, conferindo a onisciência do Espírito divino.

Embora haja a tendência da predominância de uma presença mística feminina, a "Mãe-Terra", o elemento masculino também é notável a partir do momento que os seres humanos passam a compreender o papel do macho na reprodução. Ocorre então à presença de dois elementos divinos básicos, o Feminino e Masculino universal.

É um domínio de pensamento transcendente, mais compatível com a subjetividade e a síntese, não sendo então casual que este seja o tipo religioso onde as mulheres mais tenham influência. A presença de sacerdotisas, bruxas e feiticeiras é em muitos casos, muito mais significativa que a de seus equivalentes masculinos.

Todas essas religiões são ágrafas, sem escrita, com exceção é claro dos Neo-Panteísmos contemporâneos. Portanto são as mais envoltas em obscuridade e mistérios, não tendo deixado nenhum registro além da tradição oral e de vestígios arqueológicos.

POLITEÍSMO

Com o tempo e o desenvolvimento as necessidades humanas passam a se tornar mais complexa. A sobrevivência assume contornos mais específicos, o crescimento populacional hipertrofiado graças à tecnologia que garante maior sucesso na preservação da prole e da longevidade, gera uma série de atividades competitivas e estruturalistas nas sociedades, que se tornam cada vez mais estratificadas.

Nesse meio tempo a influência racional em franca ascensão tenta decifrar as transcendentes essências espirituais da Natureza. Surge então o Politeísmo, onde os elementos divinos são então personificados com qualidades cada vez mais humanas. O que era antes apenas a água, um ser de essência espiritual metafísica e sagrada, agora passa a ser representada por uma entidade antropomórfica ou zoomórfica relacionada a água.

No princípio as características dessas divindades não são muito afetadas, mas com o tempo, a imaginação humana ou a tentativa de se adequar as religiões às estruturas sociais, elas ficam cada vez mais parecidas com os seres humanos comuns, surgindo então entre os deuses relacionamentos similares aos humanos inclusive com conflitos, ciúmes, traições, romances e etc.

E cada vez mais os deuses perdem características transcendentes até que a "degeneração" chegue a ponto destes se relacionarem sexualmente com seres humanos, o que significa a perda da natureza metafísica, da característica invisível, ou mais, de haver relações físicas e pessoais de violência entre humanos e divindades, sem qualquer caráter transcendente.

Em muitos casos é difícil distinguir com clareza se determinadas religiões são Pan ou Politeístas. Mesmo no estágio Panteísta por vezes pode-se identificar com muita evidência algumas personificações das entidades divinas, mas algumas características como as citadas no parágrafo anterior são exclusivas do politeísmo. É possível que os elementos que contribuam ou realizem essa transição sejam o Animismo, Fetichismo e Totemismo.

Ocorre também uma relativa equivalência entre deidades femininas e masculinas, embora as masculinas mostrem sinais de predominância à medida que o sistema de crenças se torne mais mundano, características de uma fase mais racional e técnica onde muitas vezes a religião politeísta caminha junto com filosofias da Natureza. É sempre nesse estágio também que as sociedades desenvolvem escrita, ou pelo menos passa a utilizar símbolos abstratos e códigos visuais mais elaborados, no caso do politeísmo asiático, egípcio e europeu, por exemplo, evoluiu para um sistema de escrita complexo.

Muitas destas religiões têm então, narrativas de seus mitos em forma escrita, mas tais não possuem o valor e a significância de uma Revelação propriamente dita.

Num estágio final tende a ocorrer o fenômeno da Monolatria, onde a adoração se concentra numa única divindade, o que pode ser o ponto de partida para o Monoteísmo.

MONOTEÍSMO

Chega um momento onde o Politeísmo está tão confuso, que parece forçar o "inconsciente coletivo", ou a "intuição global" a buscar uma nova forma de crença. Alguém precisa pôr ordem na casa, surge então um poderoso Deus que acaba com a confusão e se proclama como o Único soberano.

Acabam-se as adorações isoladas e hierarquizam-se rigidamente as deidades, de modo a se submeter toda a autoridade do universo a um ente máximo.

O Monoteísmo não é a crença em uma única divindade, mas sim a soberania absoluta de uma. A própria teologia judaico/cristã/islâmica adota hierarquias angélicas que são inclusive encarregadas de reger elementos específicos da Natureza.

Um elemento que caracteriza mais claramente o Monoteísmo mais específico, Zoroastrista, Judaico, Cristão, Islâmico e Sikh, é antes de tudo a ausência ou escassez de representações icônicas do Deus supremo, e sua desatribuição parcial de qualidades humanas, nem sempre bem sucedidas. Já as entidades secundárias são comumente retratadas artisticamente.

A própria mitologia grega através da Monolatria, já estaria a dar sinais de se dirigir a um monoteísmo similar ao que chegou a religião Hindu, ou a egípcia com a instituição do deus único Akhenaton, embora ainda impregnadas fortemente de Politeísmo a até de reminiscências Panteístas no caso do Bhramanismo. Zeus assomava-se cada vez mais como o regente absoluto do universo.

Entretanto um certo obstáculo teológico impedia que tal mitologia atingisse um estágio sequer semi-Monoteísta. Zeus é filho de Chronos, neto de Urano, essa descendência evidencia sua natureza subordinada ao tempo, ele não é eterno ou sequer o princípio em si próprio, que é uma característica obrigatória de um Deus Uno e absoluto como Bhraman ou Jeová.

Um fator complicador é que todas essas religiões apesar de seu princípio Uno são também Dualistas, pois contrapõem um deus do Bem contra um do Mal. Entretanto não se presta "Sob hipótese alguma!", qualquer Culto ao deus maligno, como ocorre nas Politeístas. Saber se o deus maligno está ou não sujeito afinal ao deus supremo é uma discussão que vem rendendo há mais de 3.000 anos.

Diferente do estado Panteísta original não ocorre harmonia entre os opostos, e um deles passa a ser privilegiado em detrimento do outro. Sendo assim onde antes ocorria a divinização dos aspectos masculinos e femininos do universo, e a sacralidade da união, aqui ocorre à associação de um com o maligno, fatalmente do elemento feminino uma vez que todas as religiões monoteístas surgiram na fase patriarcal da humanidade.

O Bhramanismo sendo o mais antigo, ainda conserva qualidades tais como veneração a manifestações femininas da divindade, não condena a relação sexual e ainda detém a crença reencarnacionista que é uma quase constante no Panteísmo. Do Politeísmo guarda toda uma miríade de deuses personificados, com estórias bastante humanas que envolvem conflitos e paixões.

Mas a subordinação a um Uno supremo, no caso representado pela trindade Bhrama/Vishnu/Shiva, é clara. O panteão anterior Hindu foi completamente absorvido pelo monoteísmo Bhraman, e conservou até mesmo a deusa Aditi, que outrora fora a divindade suprema.

Já os monoteísmos posteriores, mais afastados do fenômeno panteísta, entram em choque mais evidente com o Politeísmo que geralmente está em estado caótico. Ocorre um abafamento da religião anterior pela nova e seu caráter patriarcal e associado à violência, especialmente a partir do Judaísmo, se impõe de forma opressiva. As divindades femininas são erradicadas ou demonizadas, sendo então obrigatoriamente associadas ao elemento maligno do universo. Esse fenômeno acompanha a queda da condição social feminina na sociedade.

Embora as teologias monoteístas, especialmente na atualidade, se esforcem para afirmar o contrário, o deus único Hebreu, Cristão e Islâmico, basicamente o mesmo, assim como o do anterior Zoroastrismo e posterior Sikhismo, é nitidamente masculino, aparentemente renegando o aspecto feminino divino do universo, mas na verdade o absorvendo, uma vez que ao contrário de deuses "supremos" Politeístas como Zeus, Osíris e Odin, eles são carregados de atribuições de amor e compaixão, embora ainda conservem sua Ira divina e seus atributos violentos, o que resulta em entidades complexas, que possuem aspectos paternos e maternos simultaneamente.

Tal como a própria emocionalidade, esse é o período mais contraditório da evolução do pensamento Teológico. Apesar de estar sob o domínio de uma característica de predominância subjetiva, é o momento onde as sociedades se mostraram paradoxalmente mais androcráticas.

Os elementos femininos são absorvidos pelo Deus Único dando a ele o poder de atrair e seduzir as massas pela sua bondade, mostrando sua face benevolente, mas por outro lado a espada da masculinidade está sempre pronta a desferir o golpe fatal em quem se opuser a sua soberania.

Tal união confere aos deuses monoteístas um poder supremo inigualável, e tal contradição, tal desarmonia intrínseca, resultou não por acaso no período religiosamente mais violento da história. As religiões monoteístas, especialmente o trio Judaísmo/Cristianismo/Islamismo, são as mais intolerantes e sanguinárias da história.

ATEÍSMO

As religiões aqui caracterizadas como Ateístas negam simplesmente a existência de um Ser Supremo central, que tudo tenha criado e a tudo controle, e talvez seja nesse grupo que se sinta mais radicalmente a ruptura entre Ocidente e Oriente, mas basicamente o Ateísmo religioso tende a funcionar da seguinte forma:

Se o Monoteísmo tenta acabar com o "pandemonium" Politeísta e estabelecer uma nova ordem por algum tempo, acaba por também se mundanizar. As autoridades religiosas interferindo fortemente na política e na estruturação social enfraquecem como símbolos transcendentes. A inflexibilidade fundamentalista do sistema se revela injustificável ante a problemática social e as conquistas e descobertas filosóficas e científicas e num dado momento o sentimento de descrença é tal que se deixa de acreditar num deus. Surge o Ateísmo.

Esse é o ponto crucial, a razão pela qual de fato não acredito que existam ateus no sentido mais profundo do termo, no máximo "agnósticos". Geralmente o ateu não é aquele que desacredita do "invisível", de qualquer forma de Téos, mas sim o que descrê dos deuses personificados e corrompidos. Afinal até o mais materialista e cético dos cientistas trabalha com forças invisíveis! Fenômenos da Natureza ainda inexplicáveis. Gravitação Universal, Lei de Entropia, Mecânica Quântica e etc. não podem ser vistas! Apenas seus efeitos. Tal como sempre se alegou com relação aos deuses.

No que se refere a uma visão do Princípio, não creio fazer diferença acreditar que um corpo é atraído para o centro da Terra por uma força invisível da Natureza ou pela vontade de um deus também invisível. Há apenas uma maior compreensão racional do fenômeno, com maiores resultado práticos, mas de um modo ou de outro, a explicação possui um certo caráter de fé, tão racionalmente satisfatório para o cientista quanto para o religioso, capaz de explicar com clareza o funcionamento do mundo e mesmo quando isso não ocorre, admiti-se como mistérios divinos, ou causas científicas ainda desconhecidas.

No caso do Oriente, o Ateísmo religioso surge principalmente na Índia, sob a forma do Budismo e do Jainísmo, e na China, sob o Taoísmo e o Confucionismo.

Todas essas religiões possuem textos base com certo grau de respeitabilidade mística ou filosófica, mas o grau de liberdade com que se pode reinterpretar ou mesmo discordar destes textos é incomparável em relação aos livros sagrados Monoteístas.

E nesse nível que muitas posturas passam a ser desconsideradas como religiões, sendo tidas em geral como filosofias. No Ocidente, tal movimento ocorreu também na Grécia Antiga, através de Filósofos da Natureza que estabeleciam como princípio primário universal alguma "substância" completamente impessoal. Mais especificamente, Aristóteles colocava o Motor Imóvel como o princípio primário, e Plotino, estabelecia o Uno. Porém essa breve ascensão do Ateísmo filosófico e científico ocidental foi logo minada pelo sucesso do Monoteísmo cristão.

O Ateísmo no Ocidente só surgiu novamente após a renascença, no Iluminismo, onde outras formas filosóficas se desenvolveram, mas a mistura destas com os Neo Panteísmos e o avanço científico em geral resultam num quadro difícil de se diferenciar. Mas o ponto mais complexo na verdade, e que Ateísmo e Panteísmo se confundem.

Religiões Ateístas e Neo-Panteístas

As religiões Ateístas não creem numa entidade suprema central, mas pregam a interdependência harmônica do Universo, da mesma forma que o Panteísmo. Pregam a harmonia dos opostos como Yin e Yang, da mesma forma que a harmonia entre a Deusa e o Deus no Panteísmo, e constantemente adotam uma posição de neutralidade em relação aos eventos. Provavelmente não por acaso Taoísmo e Budismo são as mais avançadas das grandes religiões num sentido metafísico, racional e mesmo científicas. São imunes as contestações racionais, pois seus conceitos trabalham num plano mais abstrato, mas ao mesmo tempo capaz de explicar a realidade, e fartos de paradoxos escapistas, sendo extremamente mais flexíveis que as religiões monoteístas, por exemplo. Não há casos significativos de atrocidades cometidas em nome destas religiões em larga escala como as monoteístas ou nas politeístas monolátricas. Porém, barreiras intransponíveis impedem que essas religiões sejam nesse esquema de divisão, classificadas como Panteístas.

Taoísmo e Confucionismo que são chinesas enquanto o Budismo e o Jainismo Indianos são religiões letradas. Possuem seus escritos fundamentais como os Sutras Budistas, o Tao-Te-King Taoísta e os Anacletos Confucianos e os textos dos Tirthankaras Jainistas. Todas possuem seus mentores, Buda, Lao-Tsé, Confúcio e Mahavira.

E todas são muito desenvolvidas filosoficamente, por vezes sendo consideradas não religiões, mas filosofia. Todas essas características inexistem no Panteísmo primitivo. Portanto isso me leva a classificá-las como Religiões Ateístas, por declararem a inexistência de um Ser Supremo. Pelo contrário, o Tao ou o Nirvana, o centro de todo o Universo segundo o Taoísmo e Confucionismo, e o Budismo, são uma espécie de Vazio, um Não-Ser.

Já o Neo-Panteísmo possui sim seus textos. É o caso do Espiritismo Kardecista, do Bahaísmo, do Racionalismo Cristão, etc. Embora muitos insistam em negarem-se como Panteístas se inclinando para o Monoteísmo, porém uma série de fatores a distanciam muito deste grupo. Tais como:

- A ênfase atenuada dada ao livro base da doutrina, que embora seja uma revelação, não tem o mesmo peso dogmático e em geral se apresenta de forma predominantemente racional.

- A postura passiva e não proselitista, e muito menos violenta, do Monoteísmo tradicional. A caracterização de seu fundador que mesmo sendo dotado de dons supranaturais, não reivindica deificação e nem mesmo reverência especial. E o mais importante, diferenciando-as principalmente do Monoteísmo "Ocidental", o tratamento totalmente diferenciado dado à questão da existência do "Mal". Esses são alguns exemplos que tendem a afastar essas novas religiões, que prefiro agrupar na categoria Neo-Panteísmo, do grupo das Monoteístas.

PANTEÍSMO	=>	Deus é Tudo
POLITEÍSMO	=>	Deus é Plural
MONOTEÍSMO	=>	Deus é Um
ATEÍSMO	=>	Deus é Nada

Evidentemente, afirmar que Deus é tudo é muito similar a afirmar que é nada. O zero é tão imensurável e incalculável quanto o infinito. Eles não podem ser medidos ou divididos, assim como não se divide por eles.

Vale lembrar que não se pode também rotular tal ou qual religião como meramente Pan, Poli ou Monoteísta. Muitas passaram pelas várias fases nem sempre de maneira perceptível e consensual. O próprio Budismo tem várias escolas bastante diferentes entre si, e mesmo o Cristianismo tem suas variantes com direito à reencarnação e sexo tântrico, e cujas atribuições de Deus o afastam das características monoteístas. Mas o processo macro, inconsciente, me parece ser esse! O de fases "psico-históricas" que vão à forma: Panteísmo/Politeísmo/Monoteísmo/Ateísmo/Neo-Panteísmo.

Outro ponto importante é que jamais uma dessas formas religiosas deixou de existir totalmente, principalmente na atualidade onde a intolerância religiosa não é mais "tolerada" na maior parte do mundo. Esses tipos de religiões se misturam e se confundem o que explica porque qualquer tentativa de se classificar as religiões é tão complexa. Até mesmo essa divisão esquemática apresenta problemas, como a notável diferença entre o Monoteísmo "Ocidental", Judaísmo/Cristianismo/Islamismo, fortemente interligadas, o Monoteísmo Oriental, Hindu, Bhramanismo e Sikhismo, e o sempre complexo Zoroastrismo, de características fortemente Maniqueístas, o que viria por vezes a suscitar a questão de se o Maniqueísmo, que tem forte influência sobre o Gnosticismo e o Catolicismo, poderia ser considerado Monoteísta.

SÍMBOLOS

O mantra sagrado “OM” ou “AUM” Hindu. Representa o “Som” primordial.

A Roda do Dharma budista, ou “Roda da Vida”.

O Tei-Gi do Taoísmo. Simbolizando a interdependência dos princípios universais Yin e Yang.

A estrela de Davi. Um dos símbolos do Judaísmo e do estado de Israel.

A cruz do Cristianismo. Encruzilhada entre o material e o espiritual.

A Lua e Estrela Muçulmana, oriunda de um dos mais antigos estados a adotar o Islã.

Nenhuma religião em especial, mas algumas igrejas protestantes costumam usar um livro como símbolo.

(Texto de: Marcus Valério XR)

E a Umbanda?

Depois de tudo entendido, chegamos à conclusão que a Umbanda é Neo-Panteísta.

Cremos na percepção da Natureza e do Universo, com a presença de Deus, sendo Ele a causa e o efeito de tudo o que existe.

Na Umbanda Neo-Panteísta, a ideia de um Deus que vive em tudo, complementa e coexiste com o conceito de Deus associado com os diversos elementos da Natureza, onde surge o que conhecemos como Orixás, que nada mais são que a presença do próprio Pai Eterno, através de Suas Hierarquias Superiores, os Poderes Reinantes do Divino Criador.

A principal convicção é que Deus, está presente no mundo e permeia tudo o que nele existe. O Divino também pode ser experimentado como algo impessoal, como a alma do mundo, ou um sistema do mundo.

Cremos que Deus está em tudo e em todos, mas não somente como o efeito (mundo material), mas principalmente a causa de tudo. Tudo está interligado num equilíbrio ecossistêmico e místico.

Cremos em Espíritos, em reencarnação, comunicação espiritual. Procuramos manter a harmonia com a Natureza.

A Umbanda é ligada a Natureza e ocorrendo em contato com esta, o uso de ervas em todas as suas formas é essencial ao nosso culto.

A Umbanda é crística, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal, e está ligada intimamente ligada às religiões, doutrinas e ritualísticas xamanistas, célticas, africanas, orientais, cristãs, etc.

A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO HUMANA

Pergunta efetuada ao médium Chico Xavier:

- Qual o mais importante aspecto da Doutrina Espírita: o da religião, o de filosofia ou o de ciência?

- O Espírito Emmanuel costuma nos dizer que a coisa mais importante que cada um de nós poderá fazer na vida é seguir o mandamento cristão que nos aconselha a mar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Segundo Emmanuel, tudo o mais é mera interpretação da verdade. Dessa forma, não temos dúvida ao crer ser o aspecto religioso da Doutrina Espírita o seu ângulo fundamental. Muito nobre a filosofia, mas em verdade a filosofia nada mais faz que muita conversa. Muito nobre o esforço científico, mas em verdade a mesma ciência que inventou a vacina construiu a bomba atômica. Então, nós devemos reconhecer que todos, os seres humanos, trazemos no íntimo um alto grau de periculosidade e, até hoje, a única força no mundo capaz de frear estes impulsos de periculosidade humana, é sem sombra de dúvida, a religião.

Geraldo Lemos Neto

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 217, maio/junho de 1991)

Quando da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, foi dito o seguinte:

(...) *"E ainda, usando o médium, anunciou o tipo de missão que trazia do astral: fixar as bases de um culto, no qual todos os Espíritos de Caboclos e Pretos-Velhos poderiam executar as determinações do Plano Espiritual, e que no dia seguinte (16 de novembro de 1908) manifestaria na residência do médium, às 20h00min, e fundaria uma Tenda Espírita que falaria aos pobres, humildes, doentes, necessitados do corpo da alma, onde haveria igualdade para todos, encarnados e desencarnados. E ainda foi guardada a seguinte frase, que a entidade pronunciou no final: "Levarei daqui uma semente e vou plantá-la nas Neves (bairro onde o médium morava) onde ela se transformará em árvore frondosa".*

Durante o desenrolar da entrevista, entre muitas outras perguntas, o vidente teria perguntado se já não bastariam às religiões já existentes e fez menção ao Espiritismo. O Caboclo respondeu da seguinte forma: "Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte, o grande nivelador universal, rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornariam iguais na morte, mas vocês, homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não haverem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além?". (...)

Trecho extraído do 1º Módulo desta obra)

Quanto a existir uma "nova religião", no caso a Umbanda, encontramos uma importante informação, constada na Revista Espírita de Novembro de 1858, onde o Espírito da Madame Staël (Anne Louise Germaine de Staël – baronesa de Staël-Holstein 1766/1817), em comunicação numa Sessão na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ditou o seguinte:

(...) *"Alguns Espíritos perguntam para que ensinar nova religião se o Cristo já estabeleceu as bases para a caridade grandiosa da felicidade. Não queremos mudar o que nos deixou. Só viemos confirmar a segurança, aumentar as esperanças; quanto mais nos adiantarmos na civilização mais firmeza precisaremos ter e também mais necessidade de mantê-las no alto. Não é para alterar a face do Universo, mas para torna-lo melhor e se hoje não socorremos o homem, ele será muito infeliz".* (...)

Por isso, também surgiu a Umbanda como religião: para socorrer, acalentar, desoprimir, ensinar. A Umbanda só quer ser servidora agradecida, e nada mais.

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO EVOLUCIONISTA TEÍSTA

Para nos posicionar e entendermos bem, vamos a um estudo simplificado do que é Criacionismo e Evolucionismo:

CRIACIONISMO

Há pelo menos três níveis possíveis distintos de Criacionismo, que evoluíram historicamente.

Criacionismo religioso puro, sem pretensão científica

É a forma original, que remonta aos mitos primitivos, dessa forma, quase toda a humanidade já foi criacionista. Mesmo hoje em dia, muitas pessoas estão satisfeitas com suas visões místicas de mundo, e ou ainda não tomaram contato com conhecimentos científicos ou filosóficos mais avançados. Nesse caso qualquer tensão entre a visão religiosa e a visão científica se dá somente a nível individual, normalmente sem prejuízo significativo para ambas as áreas. Porém, é daqui que nascem as outras formas de Criacionismo, e de onde estes retiram boa parte de suas forças, se apoiando numa visão de mundo ainda muito difundida e enraizada.

Criacionismo intermediário, de menor teor religioso, e maior teor teológico-Filosófico

Surge somente após o desenvolvimento da Ciência do século XIX, em especial do Evolucionismo, quando a reação religiosa ortodoxa contra o desenvolvimento científico se mostrou pouco viável. Às vezes mantém da religião, normalmente da Bíblia, apenas a parte moral e talvez a parte divina que não entre em choque direto e explícito com a Ciência. Pode não se apegar duramente a dogmas e ser flexível, podendo admitir por exemplo a possibilidade da não universalidade do Dilúvio, de um período geológico maior para a criação da Terra.

Ao menos até a virada de século XIX / XX, um grande número de cientistas, principalmente por tradição, ainda era criacionista. Hoje, porém, o que resta deste estágio costuma ocorrer como Criacionismo de Terra Antiga.

Alguns aceitam a Teoria do “Big-Bang” e reinterpretam a Gênese para encaixá-la. Outros admitem uma idade antiga para a Terra através da Teoria da Lacuna, que declara que a Bíblia omite um imenso período de tempo, ou da alegação de que um “Dia” na gênese seria um símbolo para um período de tempo muito superior. O mais importante é que esse tipo de Criacionismo normalmente entre em atrito somente com a Teoria da Evolução.

Criacionismo “científico” fundamentalista, fortemente religioso

É um resgate da ortodoxia religiosa, porém disfarçada de ciência, surgindo nos EUA somente a partir da década de 20 do século XX, e se baseando nas reações contra o Liberalismo Cristão da virada dos séculos XIX / XX, mas só se difundindo a partir das décadas de 50 e 60. É o mais contraditório, pois ao mesmo tempo em que é ortodoxo em termos religiosos, tenta ser avançado em termos científicos, inclusive usando argumentos que possam validar uma idade jovem para a Terra, o mito do Dilúvio e a Arca de Noé, e até mesmo os episódios da Torre de Babel ou de Josué fazendo o Sol “parar” sobre Jericó.

É mais conhecido como “Criacionismo de Terra Jovem”, e o principal fator de seu surgimento foi a intervenção federal norte-americana que extinguiu as proibições do ensino evolucionista nas escolas de estados do sul.

Especialmente fundamentado na Inerrância Bíblica, curiosamente é o que mais se difunde, pois tende a sofisticar seus conceitos com dados aparentemente razoáveis, ainda que muitas vezes errôneos, falsos, e atingindo graves deturpações de conceitos científicos.

Embora haja exceções, isso decorre dado ao fato de que o objetivo maior deste movimento ser simplesmente a apologética religiosa, que assume contornos de uma Guerra Santa, na qual evidentemente tudo é válido por uma causa pretensamente justa.

Acredita numa idade de 6 a 12 mil anos para a Terra, alegando ter “provas” para tal, e não abre mão da existência de um Dilúvio Global, não obstante, as vertentes mais famosas tem incorporado cada vez mais elementos evolutivos, porém visto como “Micro-Evolução”, que inegavelmente ocorre dentro do âmbito de uma mesma família de espécies, sendo esta a única forma de possibilitar alguma chance de credibilidade para os mitos da Gênese sem negar diretamente dados inequívocos da Natureza. Dada sua interpretação literal da Bíblia, ataca principalmente o conceito de “Macro-Evolução”, bem como a Cosmogênese do “Big-Bang”, e as teorias de origem da Terra e da Vida, normalmente confundindo todas elas com a Teoria da Evolução.

Criacionismo de Terra Antiga x Criacionismo de Terra Jovem

Na atualidade a disputa tem sido, porém, entre essas duas tradições, que atacam conjuntamente o Evolucionismo, mas também brigam entre si, mesmo porque normalmente se baseiam em tradições bíblicas diferentes e inconciliáveis, cada qual com sua certeza de possuir a interpretação verdadeira. A maioria esmagadora é de tradição Cristã Protestante, mas há também alguns exemplares católicos, judaicos e islâmicos de menor expressão.

Também são Criacionista, as tradições: Grego-antiga, Hinduísta, Yorubá, Islâmica e Judaica.

As versões mais expressivas costumam estar ligadas a igrejas Metodistas, Batistas e Assembléia de Deus, onde predomina o Criacionismo de Terra Jovem. Outro grande foco ocorre entre os Adventistas do Sétimo Dia, onde ocorre tanto o Criacionismo de Terra Jovem quanto o de Terra Antiga. Já os Testemunhas de Jeová são provavelmente os maiores representantes do Criacionismo de Terra Antiga. Porém a mais expressiva costuma ser a ala do Criacionismo de Terra Jovem, onde ocorre o Criacionismo “Científico”.

EVOLUCIONISMO

Involucionismo, evolucionismo Teísta e design inteligente

Os Evolucionistas Teístas são aqueles que têm muito pouco ou nenhuma objeção à Teoria da Evolução, mas acreditam na participação de uma inteligência intencional por trás do processo evolutivo. Nesse grupo também podem ser inclusos Deístas, assim como qualquer aceitação de uma finalidade, teleologia ou propósito por detrás da evolução, pode ser considerado ao menos uma inclinação ao Teísmo.

Na realidade, visto que a maioria das pessoas, incluindo cientistas, mesmo concordando com os fatos da Evolução não se tornam atéias e não desconsideram a possibilidade de uma intervenção divina na natureza, pode-se dizer que são Evolucionistas Teístas, mesmo que não se proponham a levar essa hipótese para o campo científico. Uma exceção porém são os Criacionistas Ufológicos, ou Evolucionistas ufológicos, da Religião Raeliana, que não se encaixa em qualquer outra categoria.

Dessa forma sem dúvida a maioria dos Evolucionistas são Teístas, ainda que aparentemente a maioria dos Grandes Evolucionistas sejam Ateus.

Pelo menos duas religiões neo-cristãs são oficialmente evolucionistas, O Racionalismo Cristão, e o Espiritismo. Bem como várias designações esotéricas e místicas, embora seja comum ocorrer entre estas um tipo de Contra Evolucionismo, que poderia ser chamado de Involucionismo.

Normalmente influenciados pela Teosofia ou gnosticismo, estes costumam entender o desenvolvimento da vida na Terra como um tipo de decadência de seres tidos como superiores que regrediram a estágios tidos como mentalmente, e mesmo fisicamente, menos dotados. Em geral propõem que a humanidade atual da Terra é uma degeneração da raça de Atlântida, que por sua vez o é da raça Lemuriana.

Contudo nenhum destes termina por ser um movimento definido e com aparentes pretensões científicas como o é o Criacionismo "Científico". Porém, há um ramo do Evolucionismo Teísta que embora não Criacionista, termina por engrossar as fileiras dos combatentes do Evolucionismo Tradicional, isto é o Neodarwinismo.

Trata-se do movimento favorável ao Design Inteligente, que entendem que a Evolução não seria possível sem um tipo de projeto intencional oculto, ainda que normalmente não se diga muito sobre esse "Projetista".

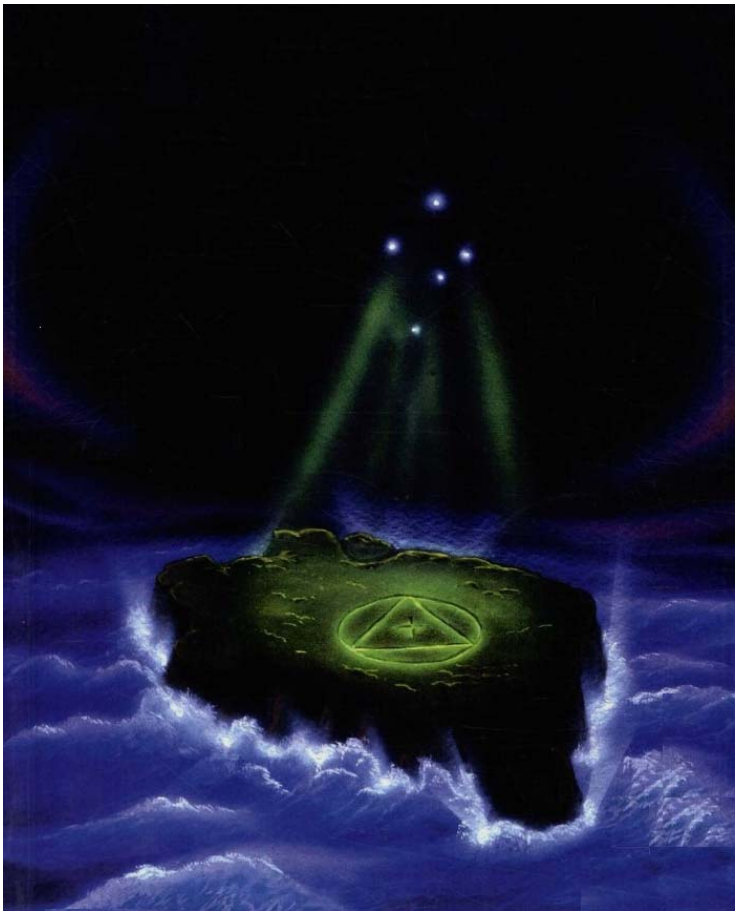
Seus proponentes defendem um novo paradigma evolucionário em substituição ao Neodarwinismo, que já não mais seria capaz de explicar todos os dados recentemente descobertos. Embora eles em geral não se misturem com os Criacionistas, e muitas vezes até os reneguem, o Criacionismo tem tirado dos teóricos do Projeto Inteligente seus melhores argumentos.

Muitos cientistas e céticos desconfiam entretanto que o Design Inteligente possa ser um tipo de Criacionimo disfarçado, ocultando suas intenções na tentativa de abrir um precedente teórico na comunidade científica, para posteriormente ser explorado e aprofundado pelos Criacionistas.

(Marcus Valerio XR com adaptações do autor)

Portanto, por tudo que lemos, chegamos a uma só conclusão: A Umbanda, sem sombra de dúvida, é Evolucionista Teísta, pois cremos na Teoria Científica da Evolução, mas, tendo Deus Pai como causa primária de todo esse processo evolutivo natural.

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO BRASILEIRA



Como muitos querem apregoar, a Umbanda não é afrodescendente e nem é oriunda de algum tipo de dissensão de irmãos desiludidos com a Religião Kardecista. A Umbanda não é um subproduto da Religião do Candomblé. A Religião de Umbanda é uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma "Modalidade de Espiritismo", está explicitada neste Módulo, no capítulo "POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?", no subtítulo "1ª Missão"), e é brasileiríssima, fundamentada, alicerçada e propagada no Evangelho de Jesus e nos ensinamentos crísticos, temperada com tudo o que é de positivo de algumas filosofias e religiões.

"A Umbanda já é mais do que a resultante do sincretismo progressivo; é muito mais. É um movimento edificante, produtor de magnetismo sadio de Espíritos selecionados, cujas linhas, falanges e legiões trabalham incansavelmente em trabalhos de limpeza psíquica, despertando a todos os desorientados, viciados, desiludidos e doentes, a luz redentora dos ensinamentos de Jesus. A Umbanda é como uma imensa cachoeira renovadora, a espargir luz onde toca, e seus trabalhadores não medem sacrifícios para atender aos ensinamentos de Jesus: "Fazei aos outros o que quereis que os outros vos façam". (Jota Alves de Oliveira)

Antes da formalização da Religião de Umbanda no Brasil, já bruxuleavam as manifestações de Espíritos em vários cultos mediúnicos, utilizando formas de apresentação regionalizada, as quais, posteriormente, foram sendo umbandizadas, como o está até os dias atuais.

Indiscutivelmente, a Umbanda foi instituída no dia 16 de novembro de 1908, em Neves – Niterói, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, através da mediunidade de Zélio Fernandino de Morais, um jovem com 17 anos de idade.

Alguns apregoam que a Umbanda é afrodescendente. Vejamos:

- No Rio de Janeiro, antes de 1908, existiam pequenos, mas muitos grupamentos mediúnicos praticando magias do sertão (Catimbó), e práticas de cultos africanos desordenados, conhecidos pelo povo como "Cabula e Macumba". Ainda não existia um movimento religioso chamado Umbanda.

- O termo Umbanda como designativo de religião foi anunciado pela primeira vez, em 16 de Novembro de 1908, através da mediunidade de um jovem com 17 anos (Zélio Fernandino de Morais) de formação católica. O que esse jovem sabia de africanismo? O que esse jovem entendia de Catimbó, de Cabula ou mesmo da Macumba?

- A primeira manifestação mediúnica de um Guia Espiritual utilizando o termo "Umbanda" foi na forma fluídica de um silvícola, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que em encarnação anterior diz ter sido um padre, o jesuíta Gabriel Malagrida.

- Na mesma noite, 16 de novembro de 1908, revelou-se através da mediunidade de Zélio, um Guia Espiritual, apresentando-se como Pai Antônio. Estava ai, a sacralização de um representante "africano" na Umbanda, mas, um representante africano cristianizado.

- A formação da Religião de Umbanda, por determinação do Caboclo das Sete Encruzilhadas deu-se totalmente ao contrário do que apregoava a Cabula/Macumba, ou seja: Na recente criada Umbanda não havia sacrifício de animais, não havia atabaques e nem palmas ritmadas. Não havia, fins pecuniários (trabalhos espirituais pagos). Não havia saias com rendas e lamês, dançarias, rodopios, espadas na mão, capacetes de penas, capas, ternos, smoking, cartolas, chapéus e nenhum tipo de adornos ou adereços. Não havia feituras de santo, camarinhas e nem coroações. O desenvolvimento do médium era a par das idas aos pontos de forças da Natureza para harmonizações, aplicações de Amacis, e a prática da Evangelização contumaz, tendo o Evangelho como guia e o Cristo Planetário como Mestre Supremo. A Umbanda é calcada no Evangelho Redentor e nos ensinamentos crísticos; os cultos afros não seguem o Evangelho e nem os ensinamentos crísticos.

- Segundo estudos efetuados pelo antropólogo da USP, Sr. Reginal Prandi que apresentaremos logo a seguir, o Candomblé estruturado surgiu muito tempo depois da Umbanda – "*Mas o Candomblé somente se disseminou pelo Brasil muito tempo depois da difusão da Umbanda".* Como pode então a Religião de Umbanda ser um subproduto do Candomblé?

- *"É comum ouvir-se dizer que Umbanda foi trazida ao Brasil pelos escravos. Entretanto, o testemunho dos historiadores nos faz saber que os negros não davam aos seus cultos a denominação de Umbanda. O vocábulo era praticamente desconhecido entre os cultores das seitas africanas".* (Gilberto Freire – sociólogo, antropólogo e historiador)

Portanto, somente com estes pequenos dados, poderemos confirmar que a Umbanda é brasileiríssima, mas é uma Religião Crística e atualmente, com doutrina, ritualísticas e liturgias formadas pela idiossincrasia de seus seguidores. Consideramo-la a mais universalista das religiões, pois aceita em seus postulados tudo o que for de bom que existe em questões religiosas ou filosóficas, rejeitando tudo o que é mal, calcada no Evangelho Redentor e nos ensinamentos dos mestres do amor, na razão e no bom senso.

Os que dizem que Umbanda é de afrodescendente, não encontram base alguma para tal dissertativa. Somente se apegam ao fato de os umbandistas cultuarem os Sagrados Orixás, e dai apregoam que estes são de matizes africanas; mas se esquecem que Orixás são Poderes Reinantes do Divino Criador, e, portanto, os Poderes de Deus não pertencem à nenhuma cultura terrena; os africanos só deram um nome às manifestações desses Poderes em solo Africano, mas, que sempre existiu no mundo em todas as épocas com outras denominações. Os nomes dos Orixás Essenciais e Sustentadores são de origem africana, mas o que eles representam na realidade não tem pátria e muito menos credo religioso. São as religiões que adotam os Sagrados Orixás como suas Hierarquias Superiores. Assim também o é Jesus. Jesus não é propriedade de religião alguma e nem de ninguém. Jesus é do mundo. As religiões adotam Jesus.

Nós Umbandistas, adotamos essas Hierarquias Superiores, e aceitamos os nomes africanos dos Sagrados Orixás, pois não haveria razão de se criar outros nomes, pois os mesmos já se encontravam plantados em 378 anos de escravidão e tinham a aceitação de todos; mas temos toda uma teologia própria explicativa do que sejam esses Orixás. Lembre-se que são Poderes Reinantes do Divino Criador cujos nomes foram dados por humanos africanos; isso não quer dizer que essas Hierarquias, em sua essência, tenham nascido ou sido criados em solo africano. Somos sabedores que os Poderes Reinantes do Divino Criador sempre estiveram presentes na Terra, em diversas culturas e religiões, e nessas culturas foram dados nomes diferentes a eles, mas essas Hierarquias Superiores sempre foram e sempre serão as mesmas.

Outros se apegam ao fato de que na maioria dos Terreiros Umbandistas, utiliza-se de elementos pertencentes aos cultos afros, como atabaques, agogôs, ganzás, adjás, saias rendadas coloridas, danças, rodopios e algumas ritualísticas e liturgias, que se forem bem analisadas, não são fundamentos umbandisticos; são somente ritos, pois fogem às orientações dadas pelo instituidor da Religião de Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, deturpadas totalmente a bel prazer, a titulo de tradição, mas bem sabemos que se deu pela idiossincrasia dos seguidores. Pela ignorância cultural de muitos médiuns e dirigentes, alguns apetrechos e ritualísticas pertencentes aos cultos afros foram praticamente "empurrados" para a Umbanda, a pecha de tradição, o que sabemos não ser verdade. Infelizmente, hoje ainda, faz-se presente dentro da Umbanda, apetrechos, ritualísticas, liturgias, doutrinas e outras coisinhas mais, pertencentes a outras religiões e filosofias, e sabemos que não tem nada há ver com a Cultura Umbandista em sua essência.

Ainda existe outro fator preponderante, onde dentro da maioria dos Terreiros Umbandistas, ainda se faz uso de certas saudações e termos em Yorubá, sendo que sabemos que a grande maioria dos dirigentes umbandistas nem sabem ao certo o que quer dizer cada uma delas. Dizem que é tradição por que sempre ouviram outros dizerem. Temos que abolir tais práticas por não fazerem parte efetiva da nossa cultura. Na Umbanda só se utiliza o "Sarava" como designativo de bênçãos. "Sarava" não quer dizer somente – salve. O termo "Sarava" é um mantra sânscrito, que não tem tradução literal, e quer dizer em seu conjunto: *"Que o poder* (é o poder que movimenta a Natureza) *que existe em mim lhe proteja"*. Este é mais um "pezinho" para muitos dizerem que a Umbanda é afrodescendente (as religiões afrodescendentes existente no Brasil são os vários Candomblés).

Chegamos a algumas conclusões:

- A Umbanda, embora ainda, sem doutrina própria, chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam a evangelização, o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação, consagrando-se como uma verdadeira religião de caráter nacional.

- A Umbanda é uma religião com bases crísticas, nascida, fundamentada e propagada em solo brasileiro, alicerçada em tudo o que é positivo de algumas filosofias e religiões planetárias existentes e não mais existentes. Como prática religiosa, surgiu e se desenvolve no Brasil. Do Espiritismo absorveu o estudo sistemático da mediunidade e dos Espíritos. Do catolicismo absorveu a crença em Jesus, em alguns Santos, Anjos e alguns sacramentos positivos. Dos cultos-afros absorveu os Sagrados Orixás, a temática de oferendas, despachos, e, em alguns Terreiros (contrariando o fundador), o atabaque. Dos cultos indígenas, o uso das ervas e do Tabaco, o respeito a Terra e tudo o que ela possui e, finalmente, do ocultismo e orientalismo toda a gama de informações sobre o mundo oculto, mantrans, concentração, meditação, etc.

- *"(...) Mas o Candomblé somente se disseminou pelo Brasil muito tempo depois da difusão da Umbanda (...)".* (A Dança dos Caboclos – Reginaldo Prandi). Pela opinião deste antropólogo, a Umbanda não é fruto direto do Candomblé.

- Não podemos dizer que a Umbanda é tão somente Africana ou Indígena, ou mesmo uma amalgamação, ou ramificação destas, mas sim, ela é a mais universalista das religiões. A Umbanda é uma Religião Crística, uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma "Modalidade de Espiritismo", está explicitada neste Módulo, no capítulo "POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?", no subtítulo "1ª Missão"), que tem em sua doutrina elementos positivos do Espiritismo, do Cristianismo, Budismo, Hinduísmo, Confucionismo, Taoísmo, Islamismo, Messianismo, Catolicismo, Ocultismo, Zoroastrismo, Teosofismo, Africanismo, Indígenismo, Catimbó, etc., enfim, bem brasileira. Mas, acima de tudo, encimada, dirigida e fundamentada nos ensinamentos do Mestre Jesus, ordenador e articulador da Umbanda e toda a sua doutrina; e temos o Cristo Planetário como nosso Mestre Supremo.

POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?

"Fora dos Ensinamentos de Jesus e dos Espíritos Crísticos, não há Umbanda sã"

Por que a existência da Umbanda se já existem várias religiões no Brasil, especialmente a Religião Kardecista, uma religião também mediúnica?

Apresentaremos cinco principais missões da Religião de Umbanda, embora com certeza, existem outras que necessitariam de um livro para apresentá-las e explicá-las condizentemente, mas nos ateremos nestas, pois explicarão muito do porque de tão nobre religião.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas tentou iniciar seus trabalhos juntamente com uma plêiade de Espíritos dispostos as práticas caritativas, nas religiões mediúnicas já existentes, mas não foi aceito. Na época da implantação da Umbanda no Brasil, o catolicismo, religião de predominância absoluta, repudiava a comunicação com os mortos. Os kardecistas estavam preocupados com a pureza doutrinária e apenas reverenciava e aceitava como nobres as comunicações rebuscadas de Espíritos considerados ilustres, catedráticos, civilizados, com formação europeia, trajados com fraques e cartolas. O Candomblé como religião estruturada somente surgiria no Rio de Janeiro na década de 1930 (segundo o antropólogo Reginaldo Prandi), não aceitava a incorporação de Eguns (Espíritos que tiveram vida na Terra). O Caboclo só teve uma saída: resolveu então, fundar uma nova religião, e seguir com o proposto perante a Espiritualidade Maior.

Relembrando: *"(...) Tomado por uma força estranha e alheia a sua vontade, Zélio levantou-se e disse: "Aqui está faltando uma flor". Saiu da sala indo ao jardim e voltando logo após com uma flor, que colocou no centro da mesa. Esta atitude causou um enorme tumulto entre os presentes, principalmente porque, ao mesmo tempo em que isso acontecia, ocorreram surpreendentes manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos em todos os médiuns da mesa. O diretor da sessão achou aquilo tudo um absurdo e advertiu-os, com aspereza, citando o "seu atraso espiritual" e convidando-os a se retirarem. Estava caracterizado o racismo espirítico desde aquele instante, até hoje. Novamente, essa força estranha tomou o jovem Zélio e através dele um Espírito falou: "Por que repeliam a presença dos citados Espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens. Seria por causa de suas origens sociais e da cor?" A essa admoestação da entidade, que estava com o médium Zélio, deu-se uma grande confusão, todos querendo se explicar, debaixo de acalorados debates doutrinários, porém a entidade "resoluta" mantinha-se firme em seus pontos de vista. Nisso, um vidente pediu que a Entidade se identificasse, já que fora notado que ela irradiava uma luz positiva. Ainda mediunizado, através do médium Zélio o Espírito respondeu: "Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque, para mim, não haverá caminhos fechados".*

O vidente interpelou a entidade dizendo que ele se identificava como um Caboclo, mas que via nele restos de trajes sacerdotais. A entidade respondeu então: "O que você vê em mim, são restos de uma existência anterior. Fui padre e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição, em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como Caboclo brasileiro".

E ainda, usando o médium, anunciou o tipo de missão que trazia do Astral: fixar as bases de um culto, no qual todos os Espíritos de Índios e Pretos-Velhos poderiam executar as determinações do Plano Espiritual, e que no dia seguinte (16 de novembro de 1908) desceria na residência do médium, às 20 horas, e fundaria um Tenda Espírita onde haveria igualdade para todos, encarnados e desencarnados. E ainda foi guardada a seguinte frase, que a entidade pronunciou no final: "Levarei daqui uma semente e vou plantá-la nas Neves (bairro onde o médium morava) onde ela se transformará em árvore frondosa".

No desenrolar desta "entrevista", entre muitas outras perguntas, o Sr. José de Souza teria perguntado se já não bastariam às religiões existentes e fez menção ao espiritismo então praticado, e foram estas as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: "Deus, em Sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal: rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornam iguais na morte. Mas vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido pessoas importantes na terra, também trazem importantes mensagens do além? Por que o "não" aos Caboclos e Pretos-Velhos? Acaso não foram eles também filhos de Deus?"

Completando, prestem atenção aos dizeres significantes de um belo e emocionante poema que recebemos de um irmão:

POEMA DO ANJO SIMPLES

Oh, irmãos, pela minha sincera
vidência;
é muita luz, creiam-me, deve ser
um anjo;
ou quem sabe, um apóstolo, um
arcanjo;
vem cercado de estrelas;
de luzes anis sem fim;
recebamos nosso irmão com
louvor;
nem todo dia merecemos;
sua presença, seu amor.

E antes de encerrar o colóquio;
mais um médium se arriscou;
com lágrimas vertidas;
um nome, singelo, esboçou:
- Com certeza, irmãos em Cristo
algo tão bonito, jamais tinha visto;
deve ser o próprio Jesus;
que pela sua misericórdia;
resolveu, enfim, nos visitar.

Que mérito nós teremos;
para nos congratular?
Façamos silêncio fecundo;
sinto que ele irá falar.
auscultemos nosso ouvido;
Deixemo-lo se manifestar.

E diante do silêncio recintal.
uma voz cândida, matuta, ali soou:

*- Vim trabaiá, meus fios, sem
cansá;
permitam-me me apresentá;
nunca fui médico holandês;
distante de mim ser pintor francês;
tampouco físico alemão;
ou apóstolo e druida gaulês;
sou um velho escravo, bufão;
também já fui um montês;
mas com vossa gentileza;
sou apenas mais um José;
um velho pai de senzala;
pronto para servir se quiser.*

O grupo, surpreso e desconfiado;
continuou a labuta cristã;
se aqueles pés descalços;
não lhes impedia o embaraço;
os dois dentes livres na boca;
além do rubor, lhes perturbou.

Porém, a paz emanada;
de quem não teve sangue azul;
provava sua evolução;
naquele dia singelo;
deixando nobre lição.
Pelas mãos daquele pai velho;
o grupo espírita aprendeu;
nos serviços de amparo a dor;
quem as chicotadas venceu;
e o tronco experimentou;
é inútil analisar a pele;
esquecendo de olhar o coração.

Num coro sublime, angelical;
cantando hinos de amor;
com harpas, ervas ou floral;
os anjos descem á Terra;
anunciam a cura do mal.

Estrelas consolam o sofredor;
semelhantes as virtudes do Céu;
marcham em nome do amor;
vozes que rasgam o véu;
Anjos de toda cor.

(João Márcio F. Cruz – Palestrante e escritor – Autor do livro Espelhos da vida)

Atentemos para um artigo de um espírita, que discorre sobre o preconceito sobre os Pretos-Velhos:

A HERANÇA ESPIRITUAL DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

As sequelas espirituais deste período de repressão e humilhação são subestimados

Durante muitos anos de trabalho em grupos mediúnicos nos deparamos, muitas vezes, com espíritos que em sua última encarnação foram negros escravos no Brasil. São, em quase sua totalidade, grupos relativamente grandes, unidos por experiências de extremo sofrimento moral e físico.

Como de praxe nesses casos, algozes e vítimas permanecem aprisionados na atmosfera psíquica de suas vivências, recapitulando-as incessantemente. Ao dialogarmos com esses irmãos, em meio ao ódio e ao desespero encontramos também uma imensa prostração das forças morais, uma tristeza profunda nascida da desesperança. Essas experiências nos fizeram perceber quão subestimada é a herança espiritual da escravidão no Brasil.

Uma rápida incursão na literatura um pouco mais especializada e para além dos livros escolares já nos dá uma noção das proporções do problema. Na literatura espírita, "Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho", também permite entrever a gravidade dessa questão.

É desnecessário nos alongarmos sobre a posição da Doutrina Espírita quanto ao tema da escravidão, mas apenas como exemplo, vejamos a questão 831 de "O Livro dos Espíritos":

Pergunta: A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência das raças mais inteligentes?

Resposta: *Sim, mas para que estas as elevem, não para embrutecê-las ainda mais pela escravização. Durante longo tempo, os homens consideram certas raças humanas como animais de trabalho, munidos de braços e mãos, e se julgaram com o direito de vender os dessas raças como bestas de carga. Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada vêem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito.* (361-803)

Porém, é oportuno lembrar que o nascente movimento espírita brasileiro, através de suas instituições e representantes ilustres tais como Adolfo Bezerra de Menezes e Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, contribuiu para o movimento abolicionista. Por exemplo, A. B. de Menezes, em se referindo à escravidão, pergunta:

"Pode haver paz e felicidade para as famílias enquanto guardarem elas em seu seio essa cratera ardente que lhes requeima sempre a flor da inocência e da virtude de seus filhos?"

Ou ainda, no "Reformador":

"Substituir o regime da liberdade, dom divino, pelo da escravidão, abuso da força sobre a fraqueza, menos não é do que contrariar o código de leis absolutas; a nós compete pôr, fielmente, em execução este código" (Reformador, 01 de janeiro de 1887).

Mas, se nós espíritas contribuímos para a extinção da escravidão no plano encarnado, temos contribuído igualmente para a devida cura de suas sequelas espirituais? Nossas reuniões mediúnicas tem acolhido fraternalmente esse particular grupo de Espíritos? Temos coração e entendimento abertos às suas histórias de vida? Receio que, via de regra, o preconceito e a desconfiança ainda permeiem o atendimento a esses irmãos. Neste aspecto, como em muitos outros, ainda não nos portamos a altura da doutrina que ora professamos, permitindo que a discriminação que ainda grassa na sociedade contamine a seara espírita.

Refletindo sobre as causas dessas dificuldades penso que ao menos uma delas seja o receio, consciente ou não, de sermos confundidos com adeptos das religiões e cultos de origem africana. Como sabemos, é grande ainda a confusão na sociedade em geral a esse respeito. Ora, tal receio não deveria ser maior que o de sermos rotulados de católicos ou protestantes, mas, no entanto, creio que os Espíritos de padres e pastores desencarnados não sejam objeto de semelhantes prevenções quando comparecem à maioria das tarefas mediúnicas. Ironicamente, essa relutância – ou até mesmo omissão dos espíritas – pode, perfeitamente, ter contribuído para o surgimento da Umbanda, em cujas genuínas lides esses irmãos encontram guarida.

Particularmente neste momento de transição espiritual urge estarmos atentos a todo o bem que possamos realizar. E os espíritas têm muito a contribuir para a quitação dessa dívida moral coletiva, que onera tão pesadamente a psicosfera do Brasil.

(Texto de: André Luiz Malvezzi – Professor do Departamento de Física da UNESP/Baurú)

Para os que ainda veem a Umbanda como uma seita estonteada e falseada em seu conjunto doutrinário e religioso, usaremos as palavras do Senador francês Saint-Etienne, do Partido Espírita, em 1868, numa petição encaminhada ao Senado Francês:

"O Espiritismo (nota do autor: aqui, leia-se também: A Umbanda) *é uma ideia que se infiltra sem ruído e, se encontra numerosos adeptos, é porque agrada. Jamais fez reclames nem quaisquer exibições; forte pelas leis naturais, nas quais se apoia, vendo-se crescer sem esforços, nem abalos, não vai enfrentar ninguém, não vai violar nenhuma consciência. Diz o que é e espera que a ela venham!"*

1ª Missão

FAZENDO AS CONTAS

Kardec iniciou o ano de 1869 fazendo contas. Na falta de estatísticas oficiais, tentava definir o número de espíritas espalhados pelo mundo. De acordo com seus cálculos, os Estados Unidos concentrariam a maior quantidade de adeptos: cerca de 4 milhões. A Europa abrigaria um milhão de espíritas, 600 mil deles residentes na França. O total no mundo chegaria a 6 ou 7 milhões – estimava. Números que fez questão de festejar em discurso na Sociedade Espírita:

"Mesmo que fosse só a metade, a história não oferece nenhum exemplo de uma doutrina que, em menos de quinze anos, reuniu tal número de adeptos, disseminados pela superfície inteira do globo".

Nota do autor: O mesmo aconteceu com a Umbanda no Brasil. Desde o dia da sua fundação, em pouquíssimo tempo, reuniu um número imenso de adeptos, assustando as lideranças religiosas brasileiras em época, que, imediatamente, forçaram o governo a iniciar as perseguições e fechamentos das Casas de culto.

O Brasil também integrava essas estatísticas. O Rio de Janeiro sediara, em 1865, o primeiro grupo de estudos e divulgação da doutrina espírita. Membros da colônia francesa instalada na corte, unidos à integrantes das elites e classes médias da cidade, lideravam o movimento.

A partir da farta correspondência recebida de todos os cantos, Kardec arriscava também uma espécie de censo sobre o Espiritismo. A doutrina seria seguida por mais homens (70% do que mulheres, a maioria deles instruídos, de classe média, com baixo número de iletrados. Entre os profissionais liberais, os médicos homeopatas eram maioria, seguidos de perto por engenheiros e professores. Em seguida, ao lado de representantes de consulados, padres católicos! Os sempre temidos – e combativos – jornalistas ocupavam a oitava posição no ranking de adeptos do Espiritismo, lado a lado com arquitetos, pintores e cirurgiões.

Outro número curioso – o provocativo – também despontava deste censo informal: 50% dos seguidores espíritas seriam "católicos romanos livres-pensadores, não ligados ao dogma".

O jornal parisiense "La Solidarité" deu crédito e destaque a estes percentuais na edição de 13 de janeiro de 1869. Kardec festejou o tratamento respeitoso dado pelo periódico a seus números. O texto soava como música a seus ouvidos já fatigados.

"Há espíritas em todos os graus de escala social. A grande maioria dos espíritas se encontra entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes. O Espiritismo se propagou por toda a parte, de alto a baixo, na escala social" (...)

(Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, Editora Record – 1ª edição - 2013).

Observemos no trecho acima, o ênfase dado ao crescimento da doutrina espírita entre os intelectuais, os esclarecidos, os instruídos, às classes médias e médias altas, profissionais liberais, médicos homeopatas, engenheiros, arquitetos, professores, pintores, cirurgiões, etc., ou seja, o Espiritismo era estudado, praticado e divulgado pela elite da sociedade, o que é compreensível, pois a mesma era intelectualizada. Mas, e o acesso da classe baixa e do proletariado na emergente doutrina, onde se encaixaria? A elite de então dava importância ao esclarecimento destas classes sociais, dando oportunidades iguais de ensino doutrinário espírita aos mesmos? Os espíritas de então respeitavam ou mesmo davam oportunidade aos Espíritos que em vida pertenceram a classes sociais menos favorecidas, que se manifestavam em suas Sessões? Sabemos que não. Relembremos uma reportagem sectária, escrita por um Espírita mal informado e mal intencionado de então (disponibilizada entre outras no 1º Módulo):

NO MUNDO ESPÍRITA – NO SEIO DO ESPIRITISMO

Infelizmente o espiritismo ainda não está sendo praticado de uma maneira uniforme como deveria sê-lo, de acordo com os ensinamentos exarados no Código legado por Allan Kardec, à humanidade.

Há de tudo no espiritismo pregado no Brasil, e, principalmente no Rio de Janeiro, onde impera o chamado – "Espiritismo de Terreiro", tão do agrado de muita gente civilizada e mesmo de jornalistas de destaque no nosso meio. O "Espiritismo de Terreiro" é uma prática esquisita e exótica, que, pelo maravilhoso que nele se observa, pela cantarias plangentes e curiosas, pelas manifestações de entidades que se dizem Caboclos ou Africanos, falando uma linguagem rebarbativa e incompreensível, que represente a sua linguagem verdadeira falta da caridade para com os presentes que não nos entendem, atraem uma assistência heterogênea de curiosos e basbaques.

E esta epidemia está proliferando em todo o Distrito Federal e adjacência, constituindo verdadeira calamidade para os incautos, que, desprevenidos, ali se aglomeram diariamente, absorvidos nos salamaleques ridículos dos pseudo "médiuns", os quais não passam se simples anímicos.

O que mais admira, é ver homens de letras e senhoras ilustradas, e, principalmente, jornalistas, e estes com espiritualidade, que têm a obrigação de perscrutar pelo dever de ofício, fanatizados nesses ambientes grosseiros de espiritismo de fancaria.

A "cachaça", que constitui para grande maioria de crentes do espiritismo (não digo espírita, porque ser espírita é matéria difícil), as manifestações Caboclas ou Africanas, dissemina-se cada vez mais, o que é para lamentar.

O espiritismo não transmite palavras; transmite pensamento, e por que razão o médium recebe pensamento e transmite aos assistentes palavras em patuá ou dialetos, principalmente se a maioria dos médiuns receptores são conscientes?

Está no dever do presidente de mesa, sempre que os pseudo médiuns começarem sua "arenga" em língua incompreensível, dirigirem a palavra ao suposto Espírito, observando-lhe, que ele está faltando com a caridade para com os seus semelhantes ali presentes, por estar falando língua diferente da que é usado no país; aconselhá-lo a voltar ao mundo espiritual, a fim de lá aprender a linguagem corrente, para depois, então, voltar e se manifestar.

Se todos os presidentes de mesa assim procedessem, cessariam por completo estas cenas ridículas que se observam em numerosos centros, onde os médiuns são submetidos aos caprichos dos tais Caboclos e Africanos, que, ainda terra a terra, fumam, bebem e praticam toda série de atentados a higiene e a moral.

Há tempos assistimos uma Sessão prática de espiritismo, na sede da União Espírita Trabalhadores de Jesus, num Centro bem organizado pelo nosso confrade Luiz Moraes, e tivemos ocasião de observar que esse nosso confrade, sempre que qualquer médium começava a engrolar qualquer patuá Caboclo ou Africano, ele dizia imediatamente ao Espírito julgado presente: *"meu irmão, vós estais faltando com a caridade para conosco; ide ao espaço e aprendei a língua que falamos e depois podeis voltar"*. Quando se tratava efetivamente de um Espírito, ele se afastava e breve voltava para dar uma manifestação em ordem e em linguagem corrente. Quando se tratava de um médium viciado, anímico, este revoltava-se e não voltava habituado a iludir ao público, e, o que era mais clamoroso, iludir-se a si próprio.

Combatamos, pois, os patuás Caboclos e Africanos, para honra e glória do espiritismo são e verdadeiro, tal como nos legou Kardec.

(Texto de João da Luz – Diário Carioca – Terça-Feira, 15 de Julho de 1930 – página 11)

Primeiramente, vamos entender o que seria classe baixa e proletariado:

"A classe baixa é uma classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como a que menos possui poder aquisitivo e de um padrão de vida e de consumo baixo em relação às demais camadas da população, de forma a suprir suas necessidades de sobrevivência com dificuldade e muitas vezes impossibilitada de permitir-se formas variadas de lazer e entretenimento. É composta principalmente pelos proletariados e desempregados". (http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_baixa)

"Proletariado (do latim proles, "filho, descendência, progênie") é um conceito usado para definir a classe antagônica à classe capitalista. O proletário consiste daquele que não tem nenhum meio de vida exceto sua força de trabalho (suas aptidões), que ele vende para sobreviver. O proletário se diferencia do simples trabalhador, pois este último pode vender os produtos de seu trabalho (ou vender o seu próprio trabalho enquanto serviço), enquanto o proletário só vende sua capacidade de trabalhar (suas aptidões e habilidades humanas), e, com isso, os produtos de seu trabalho e o seu próprio trabalho não lhe pertencem, mas àqueles que compram sua força de trabalho e lhe pagam um salário..."
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Prolet%C3%A1rio)

Após o entendimento destes termos, podemos concluir que dificilmente, quando o Espiritismo veio pra o Brasil em 1865, com seus conceitos doutrinários, disseminado e praticado pelas elites, as classes menos favorecidas não teriam acesso à doutrina, tanto pela falta de entendimento intelectual dos mesmos, quanto pela inoperância dos mais favorecidos, que viam nessas classes simples trabalhadores braçais sem condições de externarem quaisquer tipos de atividades quocientes intelectivas mais elaboradas; estavam fadados a serem somente assistidos assistencialmente na emergente doutrina, e não poderem ser servidores capacitados para externarem suas espiritualidades.

Surgiu a Umbanda, uma "Modalidade de Espiritismo", que veio abarcar todas as classes sociais, independente de raça, cor, ou posição, onde, precisamente a todos, encarnados ou desencarnados, seria dada a oportunidade de externarem seus dons espirituais e/ou mediúnicos, em práticas caritativas.

A Umbanda rompeu as barreiras do exclusivismo e sectarismo doutrinário, surgindo assim, a manifestação do Espírito para a caridade, em tudo e para todos. Era o momento de plantar a ideia de que Deus se irradia em todos e para todos, e não somente para alguns poucos "escolhidos". Era o momento de plasmar uma doutrina, que por amor, também viria orientar e assistir, sob a égide dos ensinamentos crísticos, todas as necessidades dos filhos de Deus sejam elas quais forem. Eram os trabalhadores da última hora atendendo ao apelo de Jesus, em trabalho caritativo ostensivo em terras brasileiras.

Vamos a mais um apontamento elucidativo sobre a questão, formulada pelo honorável Chico Xavier, onde faz uma referência sobre a importância da aproximação do Espiritismo com o povo, que é prioridade da Umbanda:

UM ENCONTRO FRATERNO E UMA MENSAGEM AOS ESPÍRITAS BRASILEIROS

No exato momento em que as forças vivas da família brasileira lembram o aniversário de cinqüenta anos de labor mediúnico do nosso querido médium espírita Francisco Cândido Xavier a ser verificar em julho próximo, é justo que recordemos nosso encontro com o citado médium, em termos doutrinários, e isto no mês próximo passado.

Procuremos registrar aqui, com a maior fidelidade possível, o conteúdo desse encontro, o diálogo que mantivemos, com vistas ao mais perfeito conhecimento por parte de quantos se interessam pelo assunto, assumindo nós, todavia, a responsabilidade do pensamento traduzido, a fim de evitar aborrecimentos ao nosso querido médium.

Inicialmente, nosso encontro foi uma resposta satisfatória a uma carta que lhe endereçamos em que fazíamos uma apreciação crítica do movimento espírita em geral e do de unificação em particular, confiando-lhe, assim, as nossas preocupações doutrinárias.

Suas palavras ainda ressoam em nossa acústica doutrinária, convidando-nos a uma meditação, séria em torno do Espiritismo que revive o Cristianismo primitivo em sua simplicidade e que tem na máxima "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" a sua expressão máxima.

O PROBLEMA DA "ELITIZAÇÃO"

- Jarbas, amigo, precisamos conversar desapaixonadamente sobre o nosso movimento. É preciso que nós, os espíritas; compreendamos que não podemos nos distanciar do povo. É preciso fugir da tendência à "elitização" no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar.

É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto às massas, que amemos a todos os companheiros, mas, sobretudo, aos espíritas mais humildes sociais e intelectualmente falando e delas nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade.

Se não nos precavemos, daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo, às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada.

Mais do que justo evitarmos isso. (repetiu várias vezes) a "elitização" no Espiritismo, isto é, a formação do "espírito de cúpula", com evocação de infalibilidade, em nossas organizações.

SUPOSTA PUREZA DOUTRINÁRIA

Pergunta: Então, caro Chico, o problema não é de direção, ou, melhor diríamos, de administração espírita?

Resposta: – Não, o problema não é de direção ou administração em si, pois precisamos administrar até a nós mesmos, mas a maneira como a conduzem, isto é, a falta de maior aproximação com irmãos socialmente menos favorecidos, que equivale à ausência de amor, presente no excesso de rigorismo, de suposta pureza doutrinária, de formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas nossas instituições; é a preocupação excessiva com a parte material das instituições, com a manutenção, por exemplo, de sócios contribuintes ao invés de sócios ou companheiros ligados pelos laços do trabalho, da responsabilidade, da fraternidade legítima; é a preocupação com o patrimônio material ao invés do espiritual e doutrinário; é a preocupação de inverter o processo de maior difusão do Espiritismo fazendo-o partir de cima para baixo, da elite intelectualizada para as massas, exigindo-se dos companheiros em dificuldades materiais ou espirituais uma elevação ou um crescimento, sem apoio dos que foram chamados pela Doutrina Espírita a fim de ampara-los na formação gradativa.

VERDADEIRA PUREZA DOUTRINÁRIA

– Naquele instante, recordamos que Allan Kardec, deixou bem claro na introdução ao Livro dos Espíritos que o caminho da Nova Revelação será de baixo para cima, das massas para as elites, porque "quando as ideias espíritas forem aceitas pelas massas, os sábios se renderão à evidência".

Recordou, ainda, o dever imperioso de todos nós de evitar a deturpação da mensagem dos Espíritos, como aconteceu com o Cristianismo oficializado por Constantino. A Doutrina dos Espíritos veio para restaurar o Cristianismo, mas na sua feição evangélica primitiva, entendendo-se que em Espiritismo Evangélico é respeitar e auxiliar, amparar e elevar sempre, entendendo-se que os melhores e os mais cultos são indicados a se fazerem apoio de seus irmãos em condições difíceis para que se alteiem ao nível dos melhores e mais habilitados ao progresso.

Aí está a essência de nossa conversação.

Nesse sentido, ressaltou muito bem o nosso irmão Salvador Gentile em Anuário Espírita-1977:

"Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhamos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem".

Depois deste diálogo, penetramos mais profundamente nas palavras do Dr. Bezerra de Menezes em "Unificação, Serviço Urgente, mas não apressado":

"É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios".

"Respeito a todas as criaturas, discriminações, evidências individuais, injustificáveis privilégios, imunidades, prioridades".

"Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec, para todos".

Em essência esse pensamento é repetido pelo mesmo Espírito em mensagem que vai publicada noutro local de "O Triângulo Espírita".

Emmanuel também é incisivo em "Aliança Espírita":

"Educarás ajudando e unirás compreendendo".

Jesus não nos chamou para exercer a função de palmatórias na instituição universal do Evangelho, e, sim, foi categórico ao afirmar: *"Os meus discípulos serão conhecidos por muito de amarem".*

Cumpre-nos, dessa forma, meditar melhor a mensagem dos Espíritos, mas, sobretudo, aplicá-la em nosso movimento espírita, em nossas Casas Espíritas, e, principalmente, em nosso movimento de Unificação, aplicação esta que vem sendo a tônica de toda a vida de nosso médium Chico Xavier. Aliás, ninguém mais do que ele viveu e vive o verdadeiro sentido da unificação e que é o retrato acima.

(Texto de Jarbas Leone Varanda. Transcrito do jornal: "O Triângulo Espírita", de 20 de março de 1977. Fonte: "O Espírita Mineiro", número 171, fevereiro/abril de 1977)

A doutrina cientifica espírita veio para ensinar, esclarecer e moralizar. A doutrina religiosa umbandista, como uma "Modalidade de Espiritismo", com toda a bagagem doutrinária espírita, mais as experiências de cada operador espiritual, veio para trabalhar no auxilio ao próximo, em todas as suas necessidades, desde que permitidas pela Justiça Divina.

Disse certeiramente, o Espírito de Pai Tomé: *"O Espiritismo é Jesus ensinando, e a Umbanda é Jesus trabalhando".*

Repetindo: Emmanuel, um dia disse a Chico Xavier: "Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus? - *Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem;* – respondeu o médium. – Não será você desamparado – disse-lhe Emmanuel – mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem. – *E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso?* – tornou o Chico. – Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço. Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou: – *Qual é o primeiro?* A resposta veio firme: – Disciplina. – *E o segundo?* – Disciplina. – *E o terceiro?* – Disciplina*".* Com respeito aos três pontos básicos, a resposta de um Caboclo da Umbanda, Cacique Araribóia, veio, firme, da seguinte forma: *"Queremos de vocês: 1º) Trabalho, 2ª) Trabalho, e, 3º) Trabalho. Porque disciplina, dificilmente, irão ter. Trabalhem; pois, enquanto aguardam as resoluções de seus problemas, vão fazendo algo de bom pra alguém".*

2ª Missão:

Desde o ano de 1908, os ditos espíritas já repudiavam a presença de Espíritos utilizando a roupagem fluídica arquetípica regional de apresentação de Caboclos e Pretos-Velhos. Surgiu então, a religião de Umbanda, para que esses Espíritos pudessem praticar suas caridades com, e por Jesus.

Com o tempo, formou-se no Brasil, um movimento com ares de religião, denominada popularmente como "Religião Kardecista" (que se autodenominam "espíritas"), pautada no geral, na codificação kardeciana, dando ênfase ao evangelismo. Vamos esclarecer, sucintamente, o porquê adotamos "Religião Kardecista" para definir o movimento religioso que se formou no Brasil com bases em Kardec, e, "Espiritismo Científico" para definir o Espiritismo erudito, voltado somente para estudos e aplicações puristas da codificação kardeciana, sem ares de religião.

José Lacerda de Azevedo, médico espírita brasileiro, compreendia o kardecismo como uma "prática ou tentativa de vivência da Doutrina Espírita", criado por brasileiros, "permeada de religiosidade, com tendência a se transformar em crença ou seita".

"O termo "kardecista" é repudiado por parte dos adeptos da doutrina que reservam a palavra "Espiritismo" apenas para a doutrina tal qual codificada por Kardec, afirmando não haver diferentes vertentes dentro do espiritismo, e denominam correntes diversas de "Espiritualistas". Estes adeptos entendem que o espiritismo, como corpo doutrinário, é um só, o que tornaria redundante o uso do termo "Espiritismo kardecista". Assim, ao seguirem os ensinamentos codificados por Allan Kardec nas obras básicas (ainda que com uma tolerância maior ou menor a conceitos que não são estritamente doutrinários), denominam-se simplesmente "espíritas", sem o complemento "kardecista". Outra parcela dos adeptos, no entanto, considera o uso do termo "kardecismo" apropriado. O uso deste termo é corroborado por fontes lexicográficas como o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa e o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa".
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Espiritismo_(termo))

"As expressões nasceram da necessidade de alguns em distinguir o "Espiritismo" (como originalmente definido por Kardec) dos cultos afro-brasileiros, bem como a Umbanda. Estes últimos, discriminados e perseguidos em vários momentos da história recente do Brasil, passaram a se auto-intitular espíritas (em determinado momento com o apoio da Federação Espírita Brasileira), num anseio por legitimar e consolidar este movimento religioso, devido à proximidade existente entre certos conceitos e práticas destas doutrinas. Seguidores mais ortodoxos de Kardec, entretanto, não gostaram de ver a sua prática associada aos cultos afro-brasileiros e a Umbanda, surgindo assim o termo "Espírita kardecista" para distingui-los dos que passaram a ser denominados como "Espíritas Umbandistas". (http://pt.wikipedia.org/wiki/Espiritismo_(termo))

Na Religião Kardecista (dita de pureza doutrinária) não existe a comunicação particular com os Espíritos, muito menos comunicação em público, ou seja, não existe uma pessoa ter uma orientação direta e pessoal com nenhum Espírito (na Religião Kardecista não existem atendimentos fraternos em consultas espirituais).

"(...) Há vários nomes que pode se dar a este trabalho: entrevista, consultas, atendimento espiritual. Aconselhamos a dar a denominação de "Entrevistas", pois o termo consulta por ser entendido como orientação médica e/ou atendimento espiritual, podendo confundir o Espiritismo com cultos afro-brasileiros, onde o médium fica "incorporado" no momento da conversa com o necessitado. E isso é inconcebivel dentro de um Centro Espírita (...)". (htpp://www.wspiritismo.org/tratamento.html)

A Religião Kardecista têm reuniões específicas, fechadas e íntimas para que somente os trabalhadores da Casa possam comunicar-se com os Espíritos, e através deles, obter informações do mundo espiritual, recebendo tão somente orientações sobre conduta espiritual/moral e nunca orientaçãos pessoais, sejam de que ordem forem. Alegam que este cuidado baseia-se na orientação dos próprios Espíritos, responsáveis pela elaboração do Espiritismo. Atentem bem: são orientações de Espíritos responsáveis SOMENTE pelo espiritismo e não responsáveis por outras doutrinas religiosas, sejam elas mediúnicas ou não.

Essa afirmação doutrinária é tão somente aceita para o mundo (material e espiritual) da Religião Kardecista, e não deve ser entendida como regra geral. Foi uma orientação exclusiva para o universo religioso kardecista.

Outras religiões, mediunicas ou não, tem suas maneiras de ser, entender e trabalhar para o bem, com suas próprias afirmações doutrinárias que também devem ser amplamente respeitadas. Agora, o porquê os Espiritos dirigentes da Religião Kardecista assim orientaram para SOMENTE os seus seguidores, só eles mesmos podem dizer.

O interessante é que vários religiosos, detratores da maneira peculiar de ser da Umbanda, bem como as peculiaridades dos Guias e Protetores Espirituais, quando encontram-se "enrolados" em seus problemas e não encontram respostas e nem soluções onde estão, rapidinho procuram um Terreiro de Umbanda, pedindo socorro.

O individuo só é sinceramente detrator de cultos alheios, somente quando está bem de saúde, bem financeiramente, bem com a família; senão...

A Umbanda somente segue os ensinamentos crísticos. Observem o que orienta o Evangelho: *"(...) A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo."* (Tiago 1:27).

Os órfãos e as viúvas aí referidos somos todos nós, em alguma aflição (grande sofrimento, dor profunda, tormento, pena moral, ânsia, mágoa) ou em outra, em algum grau de dor ou em outro. As aflições tanto podem ser morais como materiais. Por orientação do Evangelho também devemos auxiliar nas aflições materiais das pessoas, sejam quais forem, pois o Evangelho não as especificou (doenças, feridas, sentimentos, falta de emprego, falta de moradia, intrigas, maledicências, corações feridos, etc.). O atendimento fraterno umbandista é amplo e procura diminuir as aflições dos assistidos seja elas quais forem, sem, contudo, julgar, mas sim ponderar. Isso é praticar a compaixão.

Por isso Jesus nos deu o título de irmãos. Devemos nos tratar como tais, nos amando e nos cuidando reciprocamente, nos níveis que cada um precisa circunstancialmente, sem julgamentos.

O nazareno disse que seus seguidores seriam reconhecidos por muito se amarem. Consequentemente toda a humanidade deve integrar essa irmandade. Quem não precisa de ajuda? Quem não tem a sua cruz para carregar? A ladeira é íngreme. Sozinho o tempo todo é difícil subir.

A Umbanda veio suprir essa lacuna lastimável, onde as pessoas são tolhidas de desabafarem e receberem diretamente de um Guia Espiritual as orientações precisas de como bem dirigirem suas vidas em todos os sentidos.

Na Umbanda, o assistido vai ter a oportunidade de abrir sua alma para um Guia Espiritual, que o acolherá como um filho, orientando-o com segurança. Além de ouvir, no mesmo momento, Espíritos trabalhadores que estão ao lado do Guia Espiritual, imediatamente vão a busca da real problemática que aflige o assistido, trazendo ao Mentor o que está acontecendo e as providências que foram tomadas ou que precisarão de atenção especial.

Guias e Protetores Espirituais na Umbanda, por compaixão, além das orientações calcadas nos ensinamentos crísticos, também cuida e limpa as feridas de quem os procura, sejam elas espirituais ou materiais.

Muitos acusam os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda de tratarem da vida material das pessoas, dando-lhes orientações seguras de como bem dirigir suas vidas, resolvendo muitas vezes pendengas materiais. Com suas divinas magias, levam seus milagres aos lares aflitos.

Curam os enfermos, solucionando velhas questões de família, levando às casas onde não há pão o emprego para seus chefes e, consequentemente, o conforto às famílias desesperadas pelo sofrimento. Isso seria errado? Por se preocuparem em diminuir os problemas materiais de quem os procura, ajudando-os a viverem melhor, por ventura seria ação de Espíritos inferiores? Encontramos a resposta para essa questão nos primórdios diálogos que Kardec teve com o "Espírito da Verdade", seu Espírito familiar e protetor, que o auxiliava em todos os setores da vida, apoiando-o, inclusive, materialmente:

Na página 62 *"(...) Dissestes que serás para mim um guia, que me ajudará e me protegerá (...). Poderias dizer se essa proteção também alcança as coisas materiais da vida? A resposta veio suave desta vez: – "Neste mundo a vida material importa muito; não te ajudar a viver seria não te amar" (...)".*

Na página 63: *"(...) Amélie* (nota do autor: esposa de Kardec)*, presente à sessão, ficou aliviada. Quem sabe a vida não melhoraria (...).*

Na página 67: *"(...) O apoio material prometido pelo guia espiritual seria, portanto, muito bem-vindo (...)".*

(Textos extraídos do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, Editora Record – 1ª edição - 2013).

Observaram a preocupação do "Espírito da Verdade", considerado um Espírito Superior, em auxiliar a vida material de Kardec? Não é isso que os Guias da Umbanda fazem com quem os procura? Por amor a cada um, não procuram auxiliá-los dentro do permitido pela Lei Divina para que tenham suas vidas melhoradas e possam caminhar com mais dignidade? Com certeza, apoiamos totalmente a tese de que jamais deva se pedir algo escuso, ou mesmo facilidades materiais, o que com certeza, Guias e Protetores Espirituais jamais atenderiam, por serem conhecedores das Leis que nos regem. Mas, mesmo assim, esses abnegados obreiros da vida eterna não deixam de ouvir os pedintes, e com tato procuram auxiliá-los a se melhorarem, minorando suas dores, sem ferir o livre arbítrio e os ditames da Lei Divina. A Umbanda veio aproximar as pessoas da espiritualidade mostrando que a mediunidade e o mundo espiritual não são bichos de sete cabeças e muito menos inatingíveis para quem quer que seja. A Umbanda veio mostrar a todos que basta ter boa vontade, amor no coração, desprendimento e devoção, seguindo os passos de Jesus e os ensinamentos crísticos.

O Mestre Jesus viveu entre o povo, atendendo particularmente um por um com alegria no coração. Ele ia de encontro ao povo. Ele orientava e curava pessoalmente, a quem quer que fosse. Jesus nunca se esquivou de atender qualquer tipo de problema, fosse ele material ou espiritual. Porque agirmos diferente então?

Jesus disse: *"Seja o que for que desejardes quando orardes crede que o recebereis; e tê-lo-eis".* (Marcos, XI, vers. 24)

"Qualquer coisa" sugere a ideia de não haver limites. Pode-se pensar que a oração a Deus deve ser apenas para as coisas consideradas espirituais à consciência humana, porém a expressão acima indica que não é assim. A verdade nos revela que, como Deus é tudo e todas as coisas são manifestadas de Deus, todas as coisas, seja qual for sua forma ou condição, derivam-se de Deus, provêm de sua essência espiritual. Desta forma, vemos que todas as coisas são do Espírito, havendo distinção entre coisas materiais e coisas espirituais apenas na consciência daqueles que as consideram opostas.

"Que desejardes", exprime a liberdade ilimitada do indivíduo em fazer seu pedido. Esta promessa mostra que o bem dele não pode ser desviado pelos desejos dos outros, nem é necessário que altere seus desejos por causa das opiniões dos menos fiéis. Como a alma é livre, completa liberdade de formular seus próprios desejos lhe é dada por seu Pai, e dirige seu apelo na oração à Fonte de todo o bem.

"Quando orardes" indica claramente que o desejo, uma vez formulado, deve ser apresentado ao Pai e que Deus deve ser reconhecido pela alma como a Fonte da qual tudo nasce.

"Crede que recebereis" é a afirmação básica, pois é aqui, no reino da consciência, que a Lei da Mente, a qual torna visível o que é invisível, se manifesta, tornando possível a realização do desejo por meio da lei observada. Deixando de lado o que outros creem, que credes vós? Vossa crença não necessita ser limitada pela deles! Vossa crença deve ser ilimitada e será a maior ventura para vós, se o for, porquanto "conforme vossa fé, assim será". Vossa fé é o fator determinante em vossos negócios e estareis livres de toda influência de outras mentalidades, se não vos preocupardes com os pensamentos por elas projetados, mas pensardes apenas na Onipotência de Deus, tiverdes fé nele e acreditardes que tereis a realização de vosso desejo, porque Deus vo-lo prometeu. *"Crede que recebereis",* isto é, desde o momento de vosso pedido, vede sua realização aproximar-se com a mesma certeza que teríeis de que uma espiga de trigo nasceria de uma semente plantada no solo. Esperais uma espiga de trigo? Por quê? Porque, ao plantar a semente, cumpristes a lei que produz seu desenvolvimento. Assim, também na mente, cumpris a lei da materialização, quando credes que recebereis o que concebestes para ser manifestado.

"E o tê-lo-eis", é a promessa que Jesus fez na sua exposição de uma lei definida que, sendo aplicada, não pode falhar.

Se o próprio Mestre Jesus, em suas promessas, nos disse que poderíamos pedir o que quiséssemos que seríamos ouvidos por Deus, porque então, os Espíritos da luz, as Santas Almas Benditas, dentro dos nossos merecimentos, dentro da Lei e da Justiça Divina, se negariam a nos ouvir, bem como nos atender em nossas necessidades, sejam elas quais forem? É isso que os Guias da Umbanda fazem.

VÓS SOIS DEUSES

"Vós sois deuses", disse o Mestre de Nazaré, referindo-se à nossa condição de seres imortais. *"Podeis fazer tudo que faço e muito mais"*, acrescentou ainda.

Recordamos-lhe a vida e o vemos andando pelas estradas, atendendo o povo, sem cansaço. O povo, a sua paixão. Onde se manifestasse a dor, ei-Lo a espalhar o consolo.

Ele adentra Naim e, deparando-se com um féretro que levava ao sepulcro um corpo jovem, compadece-se da mãe em prantos. Estanca o passo dos homens e ordena ao moço que se erga, devolvendo-o à mãe, agora em júbilo.

Ele convive com a má vontade e a ignorância dos homens. Ouve as perguntas, tolas por vezes, que lhe são dirigidas e as responde, elucidando.

Vai à casa dos apontados como corruptos, serve-se do momento para ensinar o bem, sem conspurcar-se.

Ergue a mulher equivocada de Magdala, convidando-a a reformulação íntima. Recebe-lhe as demonstrações de carinho e ternura, mas insiste no convite à mudança de atitude.

Imparcial, sempre. Sereno, também.
Devolve a vista ao cego de nascença e lhe recomenda nada dizer a ninguém. Como se pudesse o beneficiado deter a alegria de que se revestiu.

Liberta o homem de Gadara da legião de Espíritos infelizes que o atormentavam.

Aponta diretrizes renovadas à mulher, na fonte, e lhe possibilita o crescimento espiritual.

Da virtude que emana de seu Espírito oferta a cura ao problema hemorrágico da mulher das distantes terras de Cesaréia de Felipe.

Entra, triunfante, em Jerusalém, sem, no entanto, prender-se às efêmeras manifestações de júbilo com que o recebe o povo.

"Podeis fazer muito mais...".

(Equipe de Redação do Momento Espírita.)

Para compreendermos bem a questão dos Guias e Protetores Espirituais da Umbanda atenderem a todos que os procuram, seja o que for, material ou espiritual, sem julgamentos, procurando dar soluções para tudo, só encontraremos na atitude da compaixão. Vamos entender:

COMPAIXÃO

1) **"**Sentimento de pesar que nos causam os males alheios, bem como uma vontade de ajudar o próximo. Sentimento de simpatia ou de piedade para com o sofrimento alheio, associado a vontade ou ao desejo de auxiliar de alguma forma.

2) Compaixão (do latim compassione) pode ser descrito como uma compreensão do estado emocional de outrem. A compaixão frequentemente combina-se a um desejo de aliviar ou minorar o sofrimento de outra pessoa, bem como demonstrar especial gentileza com aqueles que sofrem. A compaixão pode levar alguém a sentir empatia por outra pessoa.

3) A Compaixão, de acordo com um termo grego "συμπόνια" significa sentir e compreender a dor de outrem de forma verdadeira. É sentirmos pelas outras pessoas um amor que busca espelhar-se no amor de Deus. Não é um sentimento egoísta, ou com reservas. É sentir a dor do outro e tentar intervir de alguma forma para mudar o seu quadro.

A compaixão é frequentemente caracterizada através de ações, na qual uma pessoa agindo com espírito de compaixão busca ajudar aqueles pelos quais se compadece. A compaixão diferencia-se de outras formas de comportamento prestativo humano no sentido de que seu foco primário é o alívio da dor e sofrimento alheios, sejam eles quais forem, sem julgamentos. Atos de gentileza que busquem principalmente conceder benefícios em vez de aliviar a dor e o sofrimento existentes, são mais corretamente classificados como atos de altruísmo, embora, neste sentido, a compaixão possa ser vista como um subconjunto do altruísmo, sendo definida como o tipo de comportamento que busca beneficiar os outros minorando o sofrimento deles.

Pai João da Caridade, Pai Espiritual do Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista, certa feita, nos questionou:

"Fora do Amor não á Salvação. Mas, o que é amor? Quer amor é esse que Jesus nos ensinou? Como entender o que é "amor incondicional"?

Filhos. Todos, somente entenderão o que é amor incondicional, o dia que tiverem compaixão pelo próximo. Não conseguirão amar seu próximo como amam seus filhos ou suas mães, pois não são amores incondicionais, mas sim, amores egoísticos. Somente o dia que conseguirem ter a graça de se compadecerem de seu próximo, sem julgamentos, sem preconceitos, auxiliando-os da melhor forma possível, estarão exercitando o amor incondicional.

Na Umbanda, nos atendimentos, os Guias e Protetores Espirituais exercitam a compaixão, ouvindo as mazelas dos assistidos, sejam elas quais forem, sem julgamentos de espécie alguma; após ouvir, procuramos a melhor forma de diminuir o sofrimento, para após, incutirmos a reforma íntima sem martírio, com conceitos simples e efetivos, calcados nos ensinamentos crísticos.

Com isso, procuramos da melhor maneira possível diminuir o sofrimento dos filhos que nos procuram, imitando Jesus, que nunca se esquivou de atender ninguém, fosse o que fosse, sempre ouvindo, abençoando, curando e educando, de maneira simples e efetiva, sem complicações metafísicas ou mesmo impondo doutrinas".

JESUS ERA TOMADO DE COMPAIXÃO PELO SOFRIMENTO ALHEIO

"Tenho compaixão desta multidão" (Mt 15.32)

O Evangelho registra que Jesus, em suas andanças *"por todas as cidades e povoados"*, ao ver as multidões, tinha compaixão delas *"porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor"* (Mt 9.35-38). Pouco adiante, Mateus volta a registrar: *"Quando Jesus saiu do barco e viu tão grande multidão, teve compaixão deles e curou os seus doentes"* (Mt 14.14). Jesus mesmo expressa verbalmente esse sentimento por ocasião da segunda multiplicação de pães e peixes: *"Tenho compaixão desta multidão"* (Mt 15.32).

Porque Jesus não só enxergava, mas também se compadecia do sofrimento alheio, muitos clamavam e gritavam diante dele: *"Filho de Davi, tem misericórdia de nós"*. É o caso dos dois cegos (Mt 9.27), da mulher cananéia cuja filha estava endemoninhada e sofrendo muito (Mt 15.22), do homem cujo filho também estava endemoninhado e era jogado ora no fogo ora na água para ser morto (Mc 9.22), do cego Bartimeu, que pedia esmola numa rua de Jericó (Mc 10.47).

A compaixão de Jesus pelo sofrimento alheio ia muito além do mero sentimento. Ele se entregava a função de aliviar os outros de suas dores. O povo lhe trazia *"todos os que estavam padecendo vários males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos"* e ele os curava (Mt 4.23-25).

(...) Jesus se encontrava com os sofredores nas sinagogas (caso da mulher encurvada, do paralítico de Cafarnaum, do homem da mão atrofiada), em lugares públicos (caso do paralítico junto ao tanque de Betesda, do homem da orelha decepada no Getsêmani) e em ruas e estradas (caso do cego de nascença, da viúva de Naim, do endemoninhado de Gerasa, do cego Bartimeu).

As pessoas sofridas iam a Jesus em busca de alívio por iniciativa própria: a mulher por 12 anos hemorrágica (Lc 8.43-48), os dez leprosos (Lc 17.11-19), o cego de Jericó (Lc 18.35-42). As pessoas sofridas eram levadas a Jesus por parentes e amigos: o paralítico de Cafarnaum (Mc 2.1-12), a filha da mulher cananéia (Mt 15.21-28), a sogra de Pedro (Lc 4.38-40), o servo do centurião (Lc 7.1-10), a filha de Jairo (Lc 8.40-56), o menino endemoninhado (Lc 9.37-45).

As pessoas sofridas eram enxergadas pelo próprio Jesus, que tomava a iniciativa de aliviá-las: o homem da mão atrofiada (Lc 6.6-11), a viúva de Naim (Lc 7.11-17), o endemoninhado de Gerasa (Lc 8.26-39), a mulher encurvada (Lc 13.10-17), o servo do sumo sacerdote (Lc 22.51), o paralítico de Betesda (Jo 5.1-15), o cego de nascença (Jo 9.1-12).

(http://www.ultimato.com.br)

É isso que a Umbanda faz. Por compaixão, atende um por um, imparcialmente, orientando, descarregando, amando, curando, reformando, trabalhando, trabalhando e trabalhando. O povo também é a paixão da Umbanda.

A Umbanda nasceu e cresceu entre Espíritos simples de coração. *"Bem – Aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus"!* (Mateus V: 8). A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade e exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho.

A Umbanda quer mostrar a todos que os Espíritos Guias estão ao seu lado sempre, ajudando-os, confortando-os, dispondo-se sempre a ouvi-los, seja qual for à mazela existente, física ou espiritual, libertando-os e não criando falsas ilusões.

Os Guias e Protetores Espirituais na Umbanda não querem ser vistos como gurus ou mesmo como Espíritos Superiores; se igualam a nós em aparência, se diminuem em linguagem, e se mostram apenas como pais e mães amorosos a nos confortar. Querem ser conhecidos somente por muito amarem, e não por serem personagens históricos e proeminentes da sociedade; reparem seus simples nomes: Pai João, Pai José, Mãe Maria, Caboclo Tupinambá, Caboclo Treme Terra, Pai Baiano, etc. Jamais se identificam no que foram, mas somente no que fazem. Só querem servir, amar e trabalhar.

A doutrina religiosa mediúnica (Religião Kardecista) já plantada no Brasil, incumbiu-se de efetuar seu trabalho perante a comunidade, que é o da conscientização cristã, da educação moral, evangélica e mediúnica. A Umbanda atendendo ao apelo do Mestre Jesus, desbravadamente incumbiu-se dos atendimentos fraternos compassivos, irrestritos, sem julgamentos, pautados em Seus ensinamentos.

Portanto, essa é uma das principais missões: Por compaixão, o atendimento primário, ou seja, o atendimento face-a-face, sem julgamentos.

Os entendimentos e vivências humanas são múltiplos; como atendê-los com orientações programadas, pautados em livros e apostilas? Por isso, a Umbanda se especializou em atendimentos fraternos particulares, atendendo um por um, primeiramente procurando sanar, da melhor forma possível o problema imediato do assistido, seja material ou espiritual, para posteriormente entrar com o programa de reforma intima calcados nos ensinamentos crísticos, de forma simples, ou seja, orientações diretas, sem complicações filosóficas, sem metáforas, num linguajar simples e de fácil entendimento. Esse é o trabalho assistencial da Umbanda.

Mai uma vez, não nos esqueçamos do dito do Pai Tomé: *"O Espiritismo é Jesus ensinando e a Umbanda é Jesus trabalhando"*

Diz Pai Joaquim de Aruanda: *"(...) A Umbanda é criada para quem está sentado naquele dia, naquela hora. E o Espírito não precisa defender o Preto-Velho ou o Índio; ele tem que buscar aquilo que precisa às pessoas que estão sentadas. A Umbanda é dos Espíritos, mas não é feita para os Espíritos; é feita para a matéria.*

Os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda, em suas simplicidades e compaixão, sem julgamentos, só querem minorar o sofrimento alheio, imediato, para que as pessoas possam retomar suas evoluções pessoais com menos pesar. Os Guias da Umbanda não tem como prioridade a doutrina filosófica sistemática de quem ainda não consegue sequer se amar. Os Guias e Protetores Espirituais não interferem na evolução humana, somente o fazendo com orientações precisas de como bem viver a vida, e, posteriormente dão algumas noções de valores morais, incrementando o crescer natural do assistido (atendimento fraterno). Diminuindo o sofrimento de quem os procura, faz com que os mesmos retomem seus caminhos evolucionais pessoais com mais alegria, pois com dor e sofrimento o caminhar da vida se torna muito difícil. De nada adianta querermos reformar quem está passando por um sofrimento, seja ele qual for.

Mas, tem um porém: Que não fiquem imaginando que os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda somente efetuem um atendimento fraterno no que tange a orientações psicológicas; se o fosse não necessitaria a presença de um Espírito da luz para que fossem efetuadas as orientações; seria perda de tempo, pois nós mesmos, através de estudos temáticos da intrincada maneira de se pensar e agir humanos conseguiríamos bem mostrar um caminho seguro para todos; ou mesmo colocar psicólogos para os atendimentos; esse é só mais um dos aspectos das consultas. Não é só ouvir e orientar.

Os Guias e Protetores Espirituais, junto dos médiuns, utilizando seus magnetismos como ponte de acesso e manipulação ectoplasmática, nos momentos de atendimento fraterno, enquanto ouvem as lamúrias dos necessitados, em concentração profunda, auscultam a alma do assistido, procedendo a uma eficiente varredura áurica e perispiritual, muitas vezes acessando o arquivo ancestral pessoal em assuntos internos, solicitando auxílio dos Obreiros e Tarefeiros da Umbanda, que vão à procura de causas externas, e, diagnosticando-as imediatamente iniciam o tratamento no "caminho do meio", utilizando o vasto arsenal da Umbanda em socorro eficiente. Observem que os atendimentos fraternos na Umbanda é muito mais que somente ouvir e orientar.

O verdadeiro trabalho ocorre nos bastidores, no plano espiritual do Terreiro, onde equipes de socorro atendem aos chamados dos Guias Espirituais atendentes iniciando imediatamente o tratamento material/espiritual.

Em nossa ignorância nada vemos, e achamos que basta por uma roupa branca e se dirigir ao Terreiro com um charuto na boca, dançando freneticamente ao som de tambores, realizando somente simpatias e magias, achando estarmos realizando um eficiente atendimento fraterno espiritual.

Para bem exemplificar, vamos lançar mão de um interessante artigo do Sr. Alamar Regis que exemplifica a o que até aqui escrevemos, como a 1ª missão da Umbanda.

RELACIONAMENTO COM OS ESPÍRITOS

Esta é mais uma matéria que estou colocando para sugerir que os amigos raciocinem e tirem as suas próprias conclusões. Sabemos, muito bem, que a Umbanda é uma coisa e o Espiritismo é outra, o que não quer dizer que um seja melhor ou superior que o outro e nem que seja inferior.

A cultura popular, equivocada, acha sempre que tudo é a mesma coisa, mas quem estuda tanto uma proposta como outra sabe que são doutrinas distintas. Para o leigo o espiritismo é identificado pelas denominações, também equivocadas, de "kardecista" ou "mesa branca". Isto para diferenciar da Umbanda. Já no meio espírita encontramos também muitos que consideram a Umbanda como uma opção inferior de lidar com os Espíritos e até consideram os Espíritos que lá se manifestam como "irmãos inferiores". Acho que você já ouviu espírita falar assim.

Grande é o número de espíritas que se manifestam de forma arrogante, quando se dirigem à Umbanda. O mais estranho que podemos observar, em muitas casas espíritas, é algo, como primeiro detalhe, que já começo levando para o raciocínio dos amigos leitores. Veja bem:

Se, numa mediúnica espírita, surgir um Espírito perverso, ruim, vingativo, agressivo e terrível mesmo, tipo um padre que diz claramente odiar o Espiritismo e até disposição de prejudicar os espíritas e os trabalhos espíritas, esses serão recebidos sem qualquer problema, podem manifestar-se a vontade e o máximo que vão receber é a aproximação de um companheiro qualquer, que se apresenta como "doutrinador", ao seu lado, com toda paciência, toda caridade e todo amor do mundo, não é verdade?

Essa figura que trabalha como doutrinador em mediúnica é de uma bondade e uma evolução espiritual irreparável, tanto é que é considerado competente o suficiente para convencer, em apenas 05 minutos de papo, um Espírito do mais baixo nível em transformar-se num ser arrependido e bom.

Mas se, na mesma mediúnica, surgir algum Espírito apresentando-se com denominações de "Caboclos", "Pretos-Velhos" ou qualquer denominação que lembre a Umbanda, esses serão repudiados de cara, imediatamente, sem direito a abrirem a boca para dizer nada. Em muitos casos o dirigente da sessão age com um rigor enorme, como se estivesse diante de um bandido. É ou não é verdade também?

Você vê algum sentido nisto?

Por que há tanta compreensão, tanta caridade, tanta fraternidade e tanto amor para bandidos terríveis e tanta restrição a Espíritos que não tem ódio de ninguém, que não pretendem prejudicar ninguém e que não tem nenhum desejo de destruir o espiritismo, só porque se apresentam com denominações umbandistas?

Vamos em frente, neste tema.

Retratemos duas mediúnicas.

Quero contar com o exercício atencioso da sua inteligência, do seu discernimento, do seu bom senso e da sua coerência, para os dois exemplos que vou dar.

Mediúnica 01 – Ocorre em um Centro de Umbanda

Várias pessoas chegam para participar, sorrindo, alegres, conversando normalmente com outras pessoas que estão no ambiente. Cantam seus hinos, seus pontos e sabem que naquele ambiente não terão pressa para nada.

Ninguém repreende ninguém por estar sorrindo e feliz no ambiente.

Uma dessas pessoas é a Rosa, que vai ali porque está com vontade de bater um papo com o Espírito Pai Joaquim, a fim de se abrir para ele e pedir-lhe uns conselhos. Ali as pessoas conversam naturalmente com os Espíritos, sem restrições e sem pressas.

Cantam-se os pontos, até que o Pai Joaquim surge através do médium Jerônimo.

Pai Joaquim – Que a Paz de Deus esteja com todos, que Nosso Senhor Jesus Cristo abençoe a todos, que todas as falanges do bem protejam ocêis todos, meus irmãos. Vixi, que alegria ta aqui com ocêis de novo, nesta casa de paz e de luz. Como ocêis vão? Como vão os trabalhos da casa?

Rosa se aproxima do espírito, pega na mão do médium, dá um abraço carinhoso e começa um diálogo.

Rosa – Oi, Pai Joaquim, nós também ficamos alegres quando o senhor vem aqui, viu?

Pai Joaquim – Cadê a bença, minha fia? Pai Joaquim é véi e ocêis sabe que todo véi gosta de bença, né?

Rosa – Eu tinha me esquecido… Bença, Pai Joaquim!

Pai Joaquim – Deus te abençoe, minha fia, que ele te proteja, que ilumine bem essa sua cabecinha e lhe dê juízo.

Rosa – Ué, Pai Joaquim, e eu não tenho juízo não?

Pai Joaquim – Tem não, nem um pingo.

Rosa (rindo) – Tá bom, então. Mas eu vim aqui pra conversar com o senhor, porque eu tô com uns probleminhas aí e quero que o senhor me ajude.

Pai Joaquim – Claro, minha fia, claro, o pai véi taqui pra ajudar ocêis. Diga o que está se sucedendo com ocê.

Rosa – O senhor sabe, né? Os velhos problemas com o meu marido, eu tô que não agüento mais.

Pai Joaquim – E o que o seu marido ta fazendo com ocê, minha fia?

Rosa – Ele não pára em casa, fica se engraçando com tudo quanto é mulher por aí, não tem ligado muito pra mim e eu desconfio que ele tem outra mulher.

Pai Joaquim – Ocê quer o seu marido em casa o dia inteiro, minha fia? Pra quê? Como é que ocê quer que ele fica com as amigas dele?

Rosa – Eu não gosto, pai véi. Se ele é meu, tem que ser só meu.

Pai Joaquim – Ocê acha que agindo com ciúme, desconfiança, cobrança toda hora, mal humorada que nem o cão, como ocê vive, vai conseguir conquistar seu perna de calça?

Rosa – Ah, pai Joaquim, o senhor quer que eu fique como? Arreganhando os dentes pra ele, o tempo todo, se ele não liga pra mim?

Pai Joaquim – Rosa, minha fia, eu conheço sua casa, eu vejo como ocêis vive lá. Ocêis não me vê, mas eu vejo ocêis. Ocê é pirracenta, menina, vive provocando briga o tempo todo, briga com ele, briga com as criança, como é que pode querer receber carinho e atenção? Experimenta chutá aquele seu cachorrinho seu, todo dia, vai fazendo isto o tempo todo, e veja o que vai acontecer. Você acha que ele vai querer ficar perto de ocê? Ele vai é arreganhar os dente na hora que ocê quiser coisa com ele, não é assim?

Rosa – Ah, mas ele é bicho, né? Não tem nada a ver.

Pai Joaquim – Os homens são tudo igual os animais, minha fia. Eles tem sentimento do mesmo jeitim que ocê tem. É da natureza, Rosinha.

Rosa – Pensei que o senhor ia me ajudar, mas pelo que to vendo o senhor ta é do lado dele.

Pai Joaquim – Eu quero te ajudá, sim, eu gosto docê minha menina. Mas ajudá não é concordar com a sua cabecinha que ta oca não. Ocê precisa acordá, fia. Quando eu desejei que Deus te dê Juizo, é porque eu conheço essa cabecinha. Ocê tem se cuidado? Tem tratado de ficar melhor com ocê mesma?

Rosa – Claro que eu tenho me cuidado.

Pai Joaquim – Tem não, Rosinha, ocê não tem se cuidado não. Olhe no espelho, minha fia, veja bem como ocê ta, mas olhe bem profundo. Não é pra olhar pra cabelo, pra batom e pra roupa não, é pra oiá pra ocê mesma, óio nos óios.

Rosa – Mas eu to bem…

Pai Joaquim – Tá não. Ocê já viu gente ciumenta ta bem? Gente que não confia nem em si mesma não pode estar bem de espírito, minha fia. Aprenda a se amar, pra poder aprender a amar os outros. Daí ocê vai poder ser uma pessoa mais atraente e certamente poderá ser amada.

E nesse ritmo o Espírito manteve o diálogo com Rosa, pacientemente, compreendendo os seus desequilíbrios, mas não se compactuando com eles, procurando orientá-la sempre a rever o seu comportamento, a modificar-se a si mesma, com atitude paterna e protetora.

Depois da Rosa veio a Solange, a Tânia, o Zé Brandão, a Cleide, a Marlene e vários frequentadores daquele local, onde o trabalho começou às oito da noite e se estendeu até depois da meia noite.

Teve vela, teve defumação, teve indicação de banho de ervas e tudo aquilo que é comum na Umbanda, que não existe no Espiritismo.

Mediúnica 02 – Esta ocorre em um Centro Espírita, mais conhecido pelo leigo como Kardecista.

Centenas de pessoas frequentam o Centro e há quem diga que mais de mil pessoas passam lá todas as semanas. Mas apenas doze podem participar da mediúnica. Fazem parte da equipe da casa, altamente selecionada para tal.

A mediúnica começa às oito da noite, em ponto, e tem que terminar as nove, exatamente as nove, quando o ponteiro grande estiver indicando 21h00min, em nome da disciplina. Nenhum dos participantes pode sorrir, porque o sorriso ali é considerado como desrespeito ao ambiente que deve ser **SÉRIO**.

Uma pessoa como a Rosa jamais pode pensar em participar de uma mediúnica daquela.

Mas até aí, tudo bem. Vai haver uma reunião, embora com poucas pessoas, para conversar com os Espíritos amigos. Não! Não! Não é nada disto!

Mas..., como não? A reunião não é para conversar com os Espíritos amigos?

Não, a grande maioria das mediúnicas dos Centros Espíritas destina-se a atender a Espíritos sofredores e neste objetivo ocupam 75 a 85 por cento do seu tempo. Ou seja, se a reunião é prevista para durar uma hora, de 45 a 50 minutos do tempo é para intercâmbio com sofredores.

Mas não foi isto que Allan Kardec ensinou e nem sugeriu para que os espíritas fizessem!

Não importa, mas é isto que o movimento estabeleceu. Se está de acordo ou em desacordo com Kardec, não tem a menor importância.

E os Espíritos amigos, aqueles que desejam conversar com as pessoas, orientar, trocar ideias e falar da doutrina, não participam?

Os que desejarem participar, poderão, no máximo, fazer uma rápida saudação e pronto. Não podem falar muito porque o pequeno espaço de aproximadamente dez minutos deve ser usado para outros companheiros que, por educação e respeito ao direito dos outros se manifestarem, preferem mesmo só fazer a saudação e mais nada.

Gente, mas isto não tem nada a ver com o que Allan Kardec praticou. Não foi desse jeito que ele ensinou, está claríssimo na Revista Espírita.

Ihhhhh! Você agora vem querer falar em Revista Espírita? Acho bom você calar essa sua boca, senão vai ser considerado polêmico e se não calar por bem vão tentar fazer você se calar por mal.

Mas... como??? Apenas considerar-me como polêmico, e nada mais? Não se discute, não se aprofunda no assunto e fica tudo por isto mesmo?

É assim mesmo. Quando não há competência e capacidade para enfrentar um companheiro, discutindo olho no olho, de livro aberto, é mais cômodo qualificá-lo apenas como polêmico, porque aí sai-se pela tangente e não há risco de expor muito a carência doutrinária de alguns.

E assim a mediúnica 02 se encerra, sem ninguém aprender nada de novo, sem haver qualquer avanço no conhecimento da doutrina, sem que os Espíritos sejam ouvidos para nada, já que a presença deles não tem a menor relevância.

Conclusão

Fica aí a conclusão para ser tirada pela sua inteligência.

Onde há mais humildade, em se comparando os dois ambientes?

Onde há mais amor, mais carinho e mais afeto?

Onde há mais disposição de trabalho com os Espíritos?

Onde as pessoas têm mais consciência de que os Espíritos desencarnados são as mesmas pessoas que viveram entre nós e que a relação deve ser normal, sem reverências e sem formalidades?

Onde melhor pode se definir a palavra Caridade?

Detalhe: Não sou umbandista, sou espírita, mas também não sou cego e muito menos burro.

Para finalizar, me responda uma pergunta: Onde é que estão, mesmo, os nossos irmãos inferiores?

(Texto de Alamar Régis Carvalho)

Na Umbanda a doutrina é dos Espíritos. Os Guias Espirituais vem nos ajudar em nossas dificuldades e nos instruir pessoalmente. Em Umbanda, a primazia é o atendimento fraterno realizado pelos dos Guias Espirituais.

De acordo com o cremos e defendemos, a Umbanda é considerada por nós como uma "Modalidade de Espiritismo". Vamos dissertar esse assunto sucintamente, apresentando dois textos concernentes, inteligentemente escritos:

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB) E A UMBANDA

Uma das grandes polêmicas no meio espiritualista, durante o século XX, e que prossegue até hoje, é se a Umbanda é uma prática religiosa espírita ou não. A Umbanda surgiu com o médium Zélio de Moraes, no início do século passado, após incorporar o Caboclo que se denominou Sete Encruzilhadas.

Atualmente, não há ainda uma uniformização ou uma padronização no seio umbandístico brasileiro. Há agrupamentos que sincretizaram a Umbanda com os cultos afro-brasileiros aqui já existentes; há aqueles mais próximos do kardecismo, sem rituais, congás etc., há os que buscam na Índia a origem da Umbanda, entre tantas outras modalidades de trabalho mediúnico chamado de "Umbanda". Em suma, cada Casa umbandista possui sua "metodologia".

Mas o que pretendo ressaltar neste pequeno artigo é como a Federação Espírita Brasileira (FEB) se relacionou com a Umbanda no último século (nota do autor, século 20).

O primeiro pronunciamento oficial parece ter sido feito na década de 1920, mais especificamente em 1926. Tal pronunciamento não foi direcionado à Umbanda em si, mas aos Espíritos que se manifestavam como "Índios" e "Pretos-Velhos". Segundo a Federação, esses Espíritos não se pautavam pela doutrina de Allan Kardec. Porém, em 1953, A FEB publica na revista Reformador um parecer bem significativo sobre o Espiritismo e a Umbanda, em minha opinião, bem representativo do que Kardec pensaria se estivesse encarnado:

"Todo aquele que crê nas manifestações dos Espíritos é espírita; ora, o umbandista nelas crê, logo o umbandista é espírita". E adiante: *"os que aceitam o fenômeno espírita como manifestação de "satanás", ou como ocasionado somente por forças desconhecidas, esses não são espíritas; mas aqueles que o têm como produzido por Espíritos, esses devem ser considerados como adeptos do espiritismo, isto é, espiritistas, admitam ou não a reencarnação e pratiquem ou não rituais que nós não adotamos".* (revista Reformador, julho de 1953)

Curiosamente, em 1978, quando a abertura política dava seus primeiros passos no Brasil na contra-mão da história, a FEB revoga sua opinião anterior, altamente universalista e ecumênica, para publicar o seguinte: *"É imprópria, ilegítima e abusiva a designação de espíritas adotadas por pessoas, Tendas, Núcleos, Terreiros, Centros, Grupos, Associações e outras entidades que, mesmo quando legalmente autorizados a usar o título, não praticam a doutrina espírita, tal como foi clara e formalmente definida no editorial do Reformador de Setembro de 1977".*

Porém, lendo o editorial acima, o que se encontra é a afirmação de que os princípios básicos da Doutrina Espírita estão contidos nas obras fundamentais de Kardec e que, todas as demais obras são complementares.

Apesar disso, será que se encontra nas obras fundamentais argumentos para se dizer que a Umbanda não é uma manifestação Espírita? Vejamos o que os textos kardecianos, nos quais os princípios básicos da doutrina estão contidos, afirmam:

"O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensinamento dos Espíritos" (O que é Espiritismo, p.186) Kardec não está afirmando que índios ou ex-escravos não tenham nada para ensinar ou que não se pautam em sua doutrina, aliás, a doutrina é dos Espíritos. Além disso, não afirma que eles não podem se manifestar em trabalhos mediúnicos. Mas Kardec vai ainda mais longe:

"Ela (a ciência Espírita) *exige um estudo assíduo e, freqüentemente, longo demais; não podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem e, no geral, eles são conduzidos por circunstâncias das quais nem ao mesmo se sonha. Para o observador atento e paciente, os fatos se produzem em quantidade, porque ele descobre milhares de nuanças características que são, para ele, rasgos de luz. Assim o é nas ciências vulgares; enquanto que o homem superficial não vê numa flor senão uma forma elegante, o sábio nela descobre tesouros pelo pensamento. (...) Portanto, não nos enganemos, o estudo do Espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, e é todo um mundo que se abre diante de nós".* (Livro dos Espíritos, p. 32 e 33)

Parece evidente que o espiritismo para Kardec é uma ciência. Obviamente, e isso Kardec também afirma, deriva em uma filosofia de cunho moral e não em uma religião. Em suma, o espiritismo é uma ciência para estudar os "fatos Espíritas", ou seja, aqueles causados pela manifestação dos Espíritos. Kardec não define quais os fatos que podem e os que não podem ser estudados; os que são "doutrinários" e os que não são "doutrinários". E continua em outra obra:

"Os Espíritos não estão encarregados de nos trazerem a ciência pronta. Seria, com efeito, muito cômodo se nos bastasse perguntar para sermos esclarecidos, poupando-nos assim o trabalho de pesquisa. (...). Os Espíritos não vêm nos livrar dessa necessidade: eles são o que são e o Espiritismo tem por objeto estudá-los, a fim de saber, por analogia, o que seremos um dia e não de nos fazer conhecer o que nos deve estar oculto, ou nos revelar as coisas antes do tempo" (O Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 68)

Um leitor atento da obra de Kardec pode argumentar que a Umbanda, como manifestação de Espíritos, pode muito bem ser objeto de estudo do espiritismo, da ciência Espírita. Em outras palavras, como ciência, o Espiritismo pode estudar como as entidades se manifestam, o motivo para optarem pela forma de Índios, Pretos-Velhos ou Crianças, como se processam as curas espirituais etc. E isso fica ainda mais claro na passagem abaixo:

"O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu invólucro material. São a esses seres que damos o nome de Espíritos.

Eles nos rodeiam permanentemente, exercendo sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo, pois, está na Natureza e pode-se dizer que, em uma certa ordem de ideias, é uma potência, como a eletricidade o é em outro ponto de vista, como a gravitação o é em outro.

Os fenômenos, dos quais o mundo invisível é a fonte, são efeitos produzidos em todos os tempos; eis porque a história de todos os povos deles faz menção. Somente que, em sua ignorância, como para a eletricidade, os homens atribuíram esses fenômenos a causas mais ou menos racionais, e deram a esse respeito livre curso à imaginação.

O Espiritismo, melhor observado depois que se vulgarizou, veio lançar luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções: católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seus cultos, quando não são repelidos pela igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até budistas e brâmanes. Ele repousa, pois, sobre princípios independentes de toda questão dogmática".

(O que é espiritismo, p. 89)

E no mesmo livro, mais adiante, Kardec afirma: *"(...) Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por conseqüência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas".* (O que é Espiritismo, p. 189)

É claro que Kardec não poderia ter incluído a Umbanda, pois está surgiu no Brasil apenas no século XX. Mas pelo contexto da frase acima, não resta dúvida de que o adepto da religião chamada Umbanda também é Espírita. Aliás, muito mais Espírita do que o católico, o protestante e o muçulmano citado por Kardec, uma vez que, para se ser umbandista, é necessário crer nas manifestações dos Espíritos.

Outras passagens das obras fundamentais poderiam ser pinceladas para mostrar que a Federação, em 1953, esteve mais perto de defender os ideais kardecianos, nos quais, não resta dúvida, a Umbanda faz parte da fenomenologia Espírita surgida no século XX e que merece ser estudada com muito respeito pelos que apreciam o pensamento de Kardec e pensam o Espiritismo como uma ciência experimental que deriva em uma filosofia de cunho moral, mas que não é religião.

(Texto de: Adilson Marques)

KARDECISMO E ESPIRITISMO

Em 1859, Allan Kardec publicou um pequeno livro chamado *"O que é Espiritismo"*, em que faz um apanágio dos principais tópicos do espiritismo. Logo em seu preâmbulo, ele define em poucas palavras a proposta:

Para responder, desde agora e sumariamente, à questão formulada no título deste opúsculo, nós diremos que:

"O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações".
Pode-se defini-lo assim:

"*O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos, e das suas relações com o mundo corporal*".

Note que não há referência alguma ao aspecto religioso. Pelo menos até esse estágio de desenvolvimento, o movimento espírita não buscava ser um ramo à parte do cristianismo estabelecido e, sim, um corpo de conhecimento que pudesse ser aceito independente da religião do indivíduo.

Foi o aspecto filosófico, mais especificamente a Moral, que permitiu um desdobramento religioso. Mais adiante, na seção *Espiritismo e espiritualismo* do cap. I:

"Pergunto-vos, em primeiro lugar, qual a necessidade da criação de novos termos: espírita e espiritismo, para substituir: espiritualista e espiritualismo, que são da língua vulgar e por todos compreendidos? Já ouvi alguém classificar tais termos de barbarismos".

Allan Kardec. *"De há muito tem já a palavra espiritualista uma acepção bem determinada; é a Academia que no-la dá: Espiritualista, aquele ou aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao materialismo. Todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo. Aquele que crê que em nós existe outra coisa, além da matéria, é espiritualista, o que não implica a crença nos Espíritos e nas suas manifestações. Como o podereis distinguir daquele que tem esta crença? Ver-vos-eis obrigado a servir-vos de uma perífrase e dizer: É um espiritualista que crê ou não crê nos Espíritos.Para novas coisas são necessários termos novos, quando se quer evitar equívocos. Se eu tivesse dada à minha Revista a qualificação de espiritualista, não lhe especificando o objeto, porque, sem desmentir-lhe o título, bem poderia nada dizer nela sobre Espíritos, e até combatê-los".*

Em "Dissidências", ainda no cap. I

V.(isitante) – *"Essa diversidade, na crença que vós chamais uma ciência, é, parece-me a sua condenação. Se ela se baseasse nos fatos positivos, não deveria ser a mesma na América e na Europa"?*

A.K. – *"A isso responderei, primeiramente, que tal divergência só existe na forma, sem afetar o fundo; realmente ela apenas se limita ao modo de encarar alguns pontos da doutrina e não constituir um antagonismo radical nos princípios, como afirmam nossos adversários, sem ter estudado a questão. Dizei-me, porém, qual a ciência que, em seu começo, não deu nascimento a dissidências, até que seus princípios ficassem claramente assentados? Não encontramos as mesmas dissidências nas ciências melhormente constituídas? Estarão os sábios de perfeito acordo sobre todos os pontos? Não tem cada qual seus sistemas particulares?*

As sessões das Academias apresentam sempre o quadro de perfeito e cordial entendimento? Em medicina não há as Escolas de Paris e a Escola de Montpellier? Cada descoberta, em qualquer ciência, não em produzido cismas entre os que querem adiantar-se e os que desejam estacionar?(…)"

Essas três passagens de *"O que é Espiritismo"* mostram algo interessante no começo do espiritismo:

1. Ele tinha uma definição flexível, capaz de comportar muito daquilo que hoje chamas de espiritualismo;

2. O espiritismo não estava atrelado à figura de Kardec, considerando o trabalho em outros continentes também como espiritismo;

3. ”Espiritualismo” era qualquer coisa que se opusesse ao materialismo. Catolicismo poderia ser um “espiritualismo”, coisa que hoje não é mais dita. Deve-se ressaltar que Kardec já ouvira falar usos para o termo *espiritualismo* mais próximos ao moderno:

Espiritualismo, espiritualista, são as palavras inglesas empregadas nos Estados Unidos desde o início das manifestações: delas se serviu, primeiro, por algum tempo, na França. Mas, desde que apareceram as palavras espírita e Espiritismo, compreendeu-se tão bem sua utilidade, que foram imediatamente aceitas pelo público. Hoje o uso delas é de tal modo consagrado, que os próprios adversários, os que primeiro as apregoaram de barbarismo, não empregam outras. Os sermões e as pastorais que fulminam contra o Espiritismo e os espíritas, não poderiam, sem confundir as ideias, lançar anátema sobre o Espiritualismo e os espiritualistas.

Cap I, *Espiritismo e Espiritualismo*

1. Kardec era tolerante com dissidências e as via como algo normal no processo de evolução da ciência.

Ao parece, Kardec manteve esse opinião liberal por algum tempo considerável. Mais de meia década depois, ainda podia-se ler de sua pena:

“(...) Já se operaram divisões entre vós. Duas grandes seitas existem entre os Espíritas: os Espiritualistas da escola americana e os Espíritas da escola francesa; mas não consideremos senão esta última. Ela é na? Não.

Eis, de um lado, os Puristas ou Kardecistas, que não admitem cada verdade senão depois de um exame atento, e a concordância de todos os dados; é o núcleo principal, mas não é o único; diversos ramos, depois de terem se infiltrado nos grandes ensinos do centro, separam-se da mãe comum para formar seitas particulares; outros, não inteiramente destacados do tronco, emitem opiniões subversivas. Cada chefe de oposição tem seus aliados; os campos não estão ainda desenhados, mas se formam, e logo eclodirá a cisão.

Eu vo-lo digo, o Espiritismo, como as doutrinas filosóficas que o precederam, não poderá ter uma longa duração. Ele foi, cresceu; mas agora está no auge, e já desce. Faz sempre alguns adeptos, mas, como o Saint-Simonismo, como o Fourierismo, como os Teósofos, ele cairá, para ser talvez substituído, mas cairá, eu o creio firmemente..”

O Abade D… (um opositor do Espiritismo recentemente desencarnado)

Resposta de Allan Kardec:

“(…) Falais das seitas que, em vossa opinião, dividem os Espíritas, de onde concluís a ruína próxima de sua doutrina; mas vos esqueceis de todas aquelas que dividiram o Cristianismo desde seu nascimento, que o ensanguentaram, que o dividem ainda, e cujo número, até este dia, não se eleva a menos de trezentos e sessenta. No entanto, apesar das dissidências profundas sobre os dogmas fundamentais o Cristianismo ficou em pé, prova de que é independente dessas questões de controvérsias. Por que quereríeis que o Espiritismo, que se liga por sua própria base aos princípios do Cristianismo, e que não é dividido senão sobre questões secundárias se elucidando cada dia, sofresse divergência de algumas questões pessoais, quando tem um ponto de união tão poderoso: o controle universal?

O Espiritismo estaria, pois, hoje dividido em vinte seitas, o que não é e não será, que isso não levaria a nenhuma consequência porque é o trabalho de nascimento. Se divisões fossem suscitadas por ambições pessoais, por homens dominados pelo pensamento de se fazerem chefes de seitas, ou de explorarem a ideia em proveito de seu amor-próprio ou de seus interesses, estes seriam, sem contradita, os menos perigosos. As ambições pessoais morrem com os indivíduos, e se aqueles que quiseram se elevar não tem por eles a verdade, suas ideias morrem consigo, e talvez antes deles; mas a verdade verdadeira não poderia morrer.

Estais no verdadeiro, senhor abade, dizendo que haverá ruínas no Espiritismo, mas isso não é como o entendeis. Essas ruínas serão a de todas as opiniões errôneas que fervem e se fazem luz; se todas estão no erro, todas elas cairão, isto é inevitável; mas se houver uma só delas que esteja na verdade, ela sobreviverá infalivelmente (…)”

Revista Espírita de Out/1865 – *Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos.*

Nem tudo, porém, era concórdia e diplomacia. Pouco depois, na edição de abril de 1866, dois artigos teceram fortes críticas a duas dissidências: uma que depreciava o valor das comunicações espirituais recebidas até então, preferindo até mesmo interrompê-las ("Espiritismo sem Espíritos"), e outra autodenominada "Espiritismo Independente" que seria "*o Espiritismo livre, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode, tendo em vista que não é infalível*". Ainda que não seja possível provar, fica-se com a impressão que esse último grupo enviara uma crítica indireta a alguma postura centralizadora de Kardec. Ele teria visto que a carapuça era de seu tamanho e a vestiu. Na edição de junho, é discutido o lançamento de "*Os Quatro Evangelhos"*, de J. B. Roustaing, um comentário dos evangelhos à luz de comunicações espirituais. No geral, a Revista Espírita é simpática à novidade que, em suas palavras "*é um trabalho considerado, e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por "O Livro dos Espíritos e o dos médiuns". As partes correspondentes àquelas que tratamos em "O Evangelho Segundo o Espiritismo" o são num sentido análogo*".

A única objeção feita foi contra a alegação de que Jesus nunca tivera um corpo de carne e ossos, mas um (peri)espiritual. De certa forma, isso é reedição de heresia docetista, usada como premissa para explicar não só a Imaculada Concepção, mas todos os milagres de Jesus. O artigo da Revista Espírita aceita esse neodocetismo como hipótese a ser averiguada por novas comunicações espirituais e assevera um grande poder perispiritual de Jesus (um super médium por sua altíssima evolução espiritual) já bastaria como explicação. A opinião de Kardec sobre as teses rustanistas deve ter mudado algum tempo depois, já que em "*A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo"*, publicado em 1868, ele declaradamente rejeita essa hipótese (cap. XV, itens 64-5). Esse foi apenas o começo de uma longa rivalidade no meio espírita/espiritualista e que ainda dá o que falar.

Após a morte de Kardec, escritos seus ainda inéditos foram reunidos em *Obras Póstumas*, onde se encontra o que talvez seja sua opinião final sobre o *Espiritismo*:

Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum, o que todo homem tem de completar, como o entender, a obra que haja começado e de ser juiz da oportunidade.

Desde o instante em que cada um é livre de aderir ou não a essa obra, ninguém se pode queixar de sofrer uma pressão arbitrária. Criamos a palavra **Espiritismo**, para atender às necessidades da causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita. (Revista Espírita, abril de 1866, página III)

Obras Póstumas, 2ª parte, *Constituição do Espiritismo*

Isso não está nem um pouco de acordo com a ideia contido em *"O que é Espiritismo"*, onde definiu o termo *Espiritismo* de forma bem liberal e tolerante à divergência. No fim da vida, vendo essa liberalidade levar o espiritismo a rumos que não aprovava, quis se apoderar do neologismo que criara. Como nem *"O que é Espiritismo"*, nem *"Obras Póstumas"* pertencem ao conjunto de obras tidas como básicas pelos espíritas (o Pentateuco), então fica-se com uma espécie de "limbo doutrinário". Mas Kardec, ao menos originalmente, não se propôs a uma doutrina, mas a uma "ciência e filosofia", passível de dividir em escolas, portanto não seria mais conveniente chamar o resultado de seu trabalho de *kardecismo*?

A codificação espírita e as obras complementares ("Revista Espírita", "Obras Póstumas", "O que é Espiritismo", etc.) são o resultado da pesquisa coordenada por Kardec. Só que ele não o único a estudar as supostas relações entre o mundo espiritual e o nosso, sendo que muitos que também o fizeram chegaram a conclusões distintas. Com a ciência desse fato e a definição ampla de *espiritismo* constante em *"O que é Espiritismo"*, sem dúvida é conveniente chamar aquele seguem bem de perto as teses de Allan Kardec de *kardecistas*.

De experiência pessoal, há os sentem calafrios com essa palavra por a entender que existiria alguma espécie de "adoração" a Kardec. Isso é particularmente besteira, afinal os luteranos não cultuam Lutero. Outros consideram-na um neologismo desnecessário para distingui-los de membros de espiritualismos distintos (cultos afro-brasileiros, principalmente), afinal "o espiritismo é um só". Longe de ser uma novidade brasileira, esse termo pode ser rastreado até o século XIX, no livro "*Lights and Shadows of Spiritualism"* (1877), do médium escocês Daniel Dunglas Home. No segundo capítulo da terceira parte do livro (*Modern Spiritualism*), Home faz uma apreciação nada agradável da obra de Kardec, particularmente de sua defesa da reencarnação, tratando-a como uma das *fallacies of Kardecism*. Nem só antagonistas se valeram do termo. Henri Sausse – um dos maiores partidários do espiritismo e autor de uma biografia de Kardec que até hoje a Federação Espírita Brasileira edita junto com *"O que é Espiritismo"* – lançou em 1918 o periódico "*Le Spiritisme Kardéciste"*.

Portanto, é plenamente viável considerar os adeptos da "Umbanda", "Roustaing", "Ramatis", e afins como seguidores de correntes diferentes de espiritismos (nota do autor: "Modalidades de Espiritismo). Já vejo "kardecistas" levantando pedras e clamando: "Umbanda é um sincretismo, Roustaing escreveu absurdos e Ramatis é um pseudo-sábio!". Uma coisa de cada vez:

- Se o problema da Umbanda é sua mistura com religiões africanas, então o kardecismo também é problemático por misturar cristianismo com modismos cientificistas vitorianos e reencarnação pagã. A não ser que se viva numa tribo isolada, não há como se professar uma doutrina que seja "puro sangue", pois todas herdam algo de suas antecessoras, trocam ideias com suas rivais (ou se definem em oposição a elas) e se adaptam ao gosto local.

- Se Roustaing escreveu coisas duvidosas, não creia que Kardec está isento disso;

- Se Ramatis é suspeito, não ache que a codificação está livre deles, do contrário este portal não existiria. Talvez o principal erro dos ramatistas foi colocar muitos ovos num mesmo cesto.

O que realmente há de impressionante nessa querela, é que os "Espíritas Kardecistas", que se se consideram a adeptos da "Terceira Revelação", advogam o reconhecimento do seu caráter cristão pelas filhas da "Segunda Revelação" ao mesmo tempo rejeitam como espíritas as seitas que são irmãs da sua! Alguma coisa está incoerente…

(www.falhasespiritismo.org/tag/umbanda/#kardecismoeespiritismo)

KARDECISMO OU ESPIRITISMO?

Neste texto usarei de forma quase constante o termo "kardecismo", ou "espiritismo kardecista", me referindo à forma de espiritismo que tenta seguir as diretrizes expostas por Allan Kardec em meados do século dezenove. Creio que esse uso, apesar de bastante disseminado, requer alguns comentários especiais.

Há dentro do espiritismo kardecista uma polêmica que nem sempre é muito clara, e da qual muitos espíritas nem mesmo participam (sabiamente, diga-se de passagem).

Segundo alguns, só haveria um único espiritismo: o espiritismo criado, ou melhor, "codificado" e sistematizado, por Allan Kardec. Variações disso seriam deturpações, mudanças, crenças derivadas, mais ou menos aceitáveis, mas nunca podendo ser denominadas "espiritismo". Quaisquer práticas similares que não sigam a "ortodoxia kardequiana" deveriam ser definidas como "espiritualismo" ou "mediunismo", mas nunca "espiritismo". Isso incluiria, por exemplo, toda uma infinidade de matizes sincréticos que se pode observar em grupos que mesclam as visões kardequianas com as tradições e os conhecimentos vindos das religiões africanas.

Para as pessoas que professam essa ideia de que "espiritismo é só aquele segundo preconizado por Kardec, sem desvios", o termo "espiritismo kardecista" ou "kardecismo" seria, conseqüentemente, redundância e erro. Muitas vezes, elas reforçam seu argumento dizendo que foi Kardec que criou o termo "espiritismo" e "espírita", invocando, explícita ou implicitamente um certo direito a monopólio do uso destes termos.

Creio que há algumas considerações a serem expostas com relação a isso.

Em primeiro lugar, realmente parece ser correto dizer que Kardec criou os termos "espírita" e "espiritismo". Uma consulta a alguns dicionários etimológicos (que tratam da origem das palavras de uma determinada língua, tentando registrar o momento em que elas primeiramente apareceram) parece corroborar tal afirmação. O "Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa" (de Antônio Geraldo da Cunha e colaboradores, Rio de Janeiro – RJ, Editora Nova Fronteira, 1982.) registra: espiritismo – 1875, do Fr. Spiritisme, o que indica o aparecimento do termo no português brasileiro em 1875, remetendo à origem anterior francesa.

De modo complementar, o dicionário etimológico francês "Dictionaire Etymologique de la Langue Française" (Albert Dauzat – 7e édition – Librairie Larousse – Paris, 1938 – Imprimerie Larouse, 1947) registra: spirite (1858, Legoarant), ellipse de l'angl. Sprit – rapper, esprit frappeur (spirit, T lat. Spiritus). TM.: spiritisme (1872, L.), o que parece indicar uma origem francesa para o termo "espírita", em meados do século dezenove.

Corroborando os dados acima, o próprio Kardec alude ao fato de ter criado tal termo, e de ter sido inclusive criticado por isso por contemporâneos seus, devido à introdução de "barbarismos", segundo alguns (ou "neologismos", em uma apreciação técnica mais isenta). Em "O Livro dos Espíritos", logo no primeiro parágrafo da introdução, Kardec apresenta a obra por ele "codificada" justificando o uso do termo "espiritismo": "Para se designarem coisas novas são precisos termos novos... Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida... ...o espiritualismo é o oposto do materialismo.

Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo...".

Igualmente, Kardec discorre da seguinte maneira em "O que é o Espiritismo?" (página 66 da edição 38; Federação Espírita Brasileira).

Em hipotético diálogo com um cético, Kardec recebe a seguinte pergunta: "Pergunto-vos, em primeiro lugar, qual a necessidade da criação de novos termos: espírita e espiritismo, para substituir: espiritualista e espiritualismo, que são da língua vulgar e por todos compreendidos? Já ouvi alguém classificar tais termos de barbarismos.".

Finalmente, em "Obras Póstumas" (página 381; edição 27 – F.E.B.): *"Criamos a palavra Espiritismo, para atender às necessidades da causa,..."*.

Muita coisa leva a crer que realmente Kardec, ou o movimento espírita francês de meados do século passado a ele intimamente ligado, criou os termos espírita e espiritismo.

Há, contudo, algumas peculiaridades com relação a essa criação que fazem com que tais termos possam, de todo direito, ter um uso e uma significação bem mais elástica do que querem os kardecistas ortodoxos mais extremados.

Em primeiro lugar, ao criar-se o termo espírita, e espiritismo, foram utilizados radicais "vivos" da língua francesa. É muito comum nos meios científicos evitar-se tal prática, preferindo-se o uso de radicais que remetam à língua grega antiga, ou ao latim (às vezes rotuladas de "línguas mortas"), de modo a garantir um certo monopólio com relação ao termo que se criou, e de modo também a manter tais termos distantes do "domínio público" e das flutuações semânticas da língua viva onde o novo termo está aparecendo. As regras de taxonomia, nomeando e classificando as diversas espécies de seres vivos, são um exemplo disso.

Na verdade, o próprio Kardec parece ter tido justamente isso em mente, criando um termo que pudesse ser claramente entendido e utilizado por qualquer francês de sua época. Na mesma Introdução de "O Livro dos Espíritos" (primeiro parágrafo) já citada mais acima, Kardec afirma claramente: "...empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de serem perfeitamente inteligíveis,...".

Fica claro que Kardec, ou o movimento espírita ao qual ele estava ligado, quis criar um termo que tivesse um caráter "público". É contraditório querer criar um termo com feições públicas num momento inicial e, posteriormente, querer dar a tal termo um uso monopolizado (como querem alguns kardecistas, e como, aparentemente, quis o próprio Kardec mais para o fim de sua vida...).

O segundo problema na criação dos termos espiritismo e espírita, que aliás complementa o que foi dito logo acima, é que juntamente com sua "criação" veio sua "definição" nas obras iniciais da "codificação" kardequiana. Na introdução de "O Livro dos Espíritos", primeiro parágrafo, Kardec afirma: "Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.".

Também, em "O que é o Espiritismo ?" (página 66, edição 38 – Federação Espírita Brasileira) Kardec responde em seu hipotético diálogo com um cético: *"De há muito tem já a palavra espiritualista uma acepção bem determinada; é a Academia que no-la dá: Espiritualista, aquele ou aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao materialismo. Todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo. Aquele que crê que em nós existe outra coisa, além da matéria, é espiritualista, o que não implica a crença nos Espíritos e nas suas manifestações. Como o podereis distinguir daquele que tem esta crença? Ver-vos-eis obrigado a servir-vos de uma perífrase e dizer: É um espiritualista que crê ou não crê nos Espíritos"*.

E ainda na mesma obra "O que é o Espiritismo?", página 59, em hipotético diálogo com um visitante crítico, Kardec responde: *"Em resumo, senhor, todos têm completa liberdade de aprovar ou censurar os princípios do Espiritismo, de deduzir as consequências boas ou más que lhes aprouver, porém a consciência impõe ao crítico a obrigação de não dizer o contrário do que ele sabe que é; ora, para isso, a primeira condição é não falar do que não conhece"*. Kardec chega a dar uma definição extensa do que é o espiritismo neste livro, quando, na página 50 – preâmbulo, ele afirma (as letras maiúsculas são conforme aparecem no próprio livro): *"O ESPIRITISMO É, AO MESMO TEMPO, UMA CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO E UMA DOUTRINA FILOSÓFICA. COMO CIÊNCIA PRÁTICA ELE CONSISTE NAS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE NÓS E OS ESPÍRITOS; COMO FILOSOFIA, COMPREENDE TODAS AS CONSEQÜÊNCIAS MORAIS QUE DIMANAM DESSAS MESMAS RELAÇÕES. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal"*.

É importante ressaltar que as definições expostas nos três parágrafos acima se deram em uma época em que o espiritismo já se encontrava extremamente bem desenvolvido. Se referem aos dois primeiros livros da "codificação", "O Livro dos Espíritos" e "O que é o Espiritismo?".

O Livro dos Espíritos é uma obra que desenvolve os aspectos científico, filosófico, e moral (religioso) do espiritismo em um nível de profundidade bastante pleno. Do meu ponto de vista, muito pouco se acrescentou além dele. Não se justificaria, portanto, definições imaturas a respeito do tema.

Como pode alguém querer criar um termo com características "públicas", lhe dar uma definição bastante flexível (nessas definições iniciais do termo "espiritismo" se enquadrariam sem nenhum problema qualquer adepto do umbandismo brasileiro, já que Kardec restringe o significado de "espírita" apenas ao fato de crer-se na existência dos Espíritos e na possibilidade de comunicação com eles) e posteriormente querer reverter tal situação?

Na verdade, isso é o que é pretendido pelos que negam a umbandistas, por exemplo, o direito de (e o acerto ao) se auto intitularem "espíritas". Isso também foi o que pretendeu Kardec mais para o fim de sua vida, quando afirmou, em um tom um tanto quanto metódico e autoritário: *"Criamos a palavra Espiritismo, para atender às necessidades da causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita".* ("Obras Póstumas"; página 381; edição 27, Federação Espírita Brasileira). Nessa ocasião, Kardec deixou à mostra algumas de suas contradições internas, além de expor uma faceta de sua personalidade por vezes excessivamente metódica e autoritária (características essas que sem dúvida exerciam efeitos maléficos em determinadas situações, mas também benéficos em muitas outras, e que, além disso, eram bastante compatíveis com a época e o lugar onde viveu Kardec).

Creio que toda essa situação que cerca a criação dos termos "espiritismo" e "espírita" torna justo e acertado denominarmos de "Espiritismo" qualquer atividade ou prática científico-religiosa que tenha por base os pré-requisitos inicialmente expostos por Kardec**,** ou seja: que haja uma crença na existência de Espíritos; e, que haja uma crença na possibilidade de comunicação com eles.

Tal fato, consequentemente, levaria à conclusão ou ao ponto de vista de haver várias "correntes" ou "linhas" diferentes dentro do que se poderia chamar de Espiritismo**.** Uma linha que tente se aproximar o máximo possível dos postulados desenvolvidos por Kardec ao longo de sua vida deveria, portanto, ser com maior precisão denominada de "kardecismo". E é obedecendo a tais requisitos de precisão e clareza que utilizo o termo "kardecista" em meus artigos ao me referir a tal vertente do espiritismo.

É curioso assinalar que talvez quem tenha utilizado pela primeira vez o termo "espiritismo kardecista" foi justamente um dos principais seguidores imediatos de Kardec, Henri Sausse, autor da Biographie d'Allan Kardec (que consta da edição brasileira do livro "O que é o Espiritismo" editado pela FEB), tendo fundado em 1915 o jornal "Le Spiritisme Kardéciste" (citado no livro "Allan Kardec, Pesquisa Bibliográfica e Ensaios de Interpretação"; de Zeus Wantuil e Francisco Thiessen; volume 3 – página 300 – FEB).

Finalmente, é importante ressaltar que registros dicionarizados da língua portuguesa no Brasil incluem verbetes como "kardecismo" e "kardecista" já de longa data. Em "Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa" (segunda edição, Editora Nova Fronteira, 1986), temos: kardecismo – Doutrina religiosa de Allan Kardec; kardecista – 1. pertencente ou relativo a Allan Kardec ou ao kardecismo. 3. adepto do kardecismo. E em "Enciclopédia Universal" (Editora Pedagógica Brasileira LTDA, – São Paulo – 1969) temos: kardecismo – Doutrina de Allan Kardec, espiritismo; kardecista – aquele que adota as doutrinas de Allan Kardec. Relativo a kardecismo.

E como seria naturalmente esperado dentro de qualquer movimento ou atividade humana, o próprio kardecismo possui determinadas subdivisões. Um exemplo curioso disso pode ser encontrado no site do Grupo Espírita Bezerra de Menezes – São José do Rio Preto – SP (www.novavoz.org.br/). Neste site pode ser encontrada uma página remetendo a "temas polêmicos" (www.novavoz.org.br/reforma-03.htm) e dentre os artigos abordando tais temas polêmicos há um em especial que critica uma das vertentes do espiritismo kardecista, os "laicos", como são denominados no artigo (www.novavoz.org.br/os_laicos.htm). Os autores da página, por sua vez, seriam adeptos da "reforma", sendo "reformistas".

Espero que a maioria dos kardecistas julgue o assunto deste artigo, as polêmicas e minúcias expostas aqui, sem importância. Na verdade é isso que eu mesmo penso a respeito disso.

Acho importante, contudo, discorrer sobre esse tema para buscar um certo grau de exatidão no uso de determinadas palavras, e também por sentir que existe frequentemente, por parte dos que querem o monopólio do uso dos termos "espiritismo" e "espírita", uma postura de injustificável desvalorização para com o ponto de vista de outros grupos, dissimulada em explicações erroneamente construídas quanto à etimologia e correção no uso de tais termos.

(Texto de: Júlio César de Siqueira Barros)

Encontramos um texto curioso sobre a origem do termo "espiritismo" não ser de Kardec. Vamos apresentá-lo para o conhecimento de todos:

"Não bastasse isso, querer circunscrever o termo "espiritismo" ao espiritismo reencarnacionista evolutivo de Kardec ("kardecismo"), não tem qualquer base sólida, seja conceitual, seja histórica. As pesquisas do Sr. José Carlos Ferreira Fernandes demonstram de forma cabal que a origem do nome "Espiritismo" não é de Kardec, sequer francesa. Duas obras do ano de 1854 já utilizavam o termo "spiritism": a obra anti-espírita de Orestes Augustus Brownson (1803 – 1876), "The Spirit-Rapper: na Autobiography" (Boston, Little, Brown & Company, 1854), págs. 293-94, e o "Apocatastasis, or Progress Backwards", de Leonard Marsh (1800 – 1870), da Universidade de Vermont, editado em Burlington por Chauncey Goodrich. Ao longo do livro o termo "spiritism" ocorre dez vezes. Assim, o fato é que, em 1854, nos Estados Unidos (três anos antes da publicação de O Livro dos Espíritos de Kardec, onde o termo pretensamente teria vindo a público pela primeira vez), a palavra "spiritism" já era um mote comum para se referir aos fenômenos do new spiritualism. (www./obraspsicografadas.haaan.com/2010/resposta-a-richard-simonetti-e-alamar-rgis)"

Nos referimos a Religião Kardecista, não como leigos, mas sim, baseados na premissa de que, em nosso entendimentos, calcado no próprio Allan Kardec, a Umbanda também é uma modalidade de Espiritismo. A Religião Kardecista era e é tida por nós umbandistas como outra modalidade do dito Espiritismo; cremos assim, pois em nosso entendimento, Espiritismo não é religião.

"O Espiritismo era apenas uma simples doutrina filosófica; foi a Igreja quem lhe deu maiores proporções, apresentando-o como inimigo formidável; foi ela, enfim, quem o proclamou nova religião. Foi um passo errado, mas a paixão não raciocina melhor" (O que é Espiritismo – Allan Kardec). *"O espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrario teria seu culto, seus templos, seus ministros"* (Revista Espírita de 1859 – Allan Kardec).

"Desta feita, opta por um procedimento diferente. Já dissera nove anos antes (1859) de forma peremptória, que o espiritismo não era religião, enquanto essa palavra significasse culto formal, igreja ou seita, crença mística e piedosa ou coisa assim". (É o espiritismo uma religião? Revista Espírita, pg.351 a 360, ref. Dezembro de 1868 – Allan Kardec).

Kardec afirma: *"(...) Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por consequência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas"* (O que é Espiritismo, p. 189 – Allan Kardec).

Por essa afirmativa sem contestação, no entendimento dos Espíritos que militam nas lides umbandistas, a Umbanda também é Espírita.

"O TESTAMENTO: *Amélie* (nota do autor: Esposa de Kardec) *foi a primeira a ouvir o texto escrito pelo marido, sob o título "O Espiritismo é uma Religião". Kardec insistia na velha resposta: não. Uma religião organizada exigiria a realização de cultos e envolveria uma "casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios". E o Espiritismo deveria ser encarado e adotado como uma "doutrina filosófica e moral". O laço estabelecido entre os espíritas não deveria incluir contratos materiais nem práticas obrigatórias. Um sentimento moral, espiritual e humanitário deveria guiar cada reunião: o da caridade.* (Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – Marcel Souto Maior – Editora Record – 1ª edição – 2013)

Se Espiritismo não é religião (cremos ser uma doutrina filosófica científica), portanto, o que se formou em terras brasileiras como religião não é o Espiritismo em si, mas tão somente, a modalidade religiosa kardecista, pois chamar "Religião Espírita" confronta o próprio codificador. Os seguidores da "Modalidade Religiosa Kardecista" não aceitaram e não aceitam tal dissertativa, mas, os fatos estão ai; o resto é pura conjectura e/ou idiossincrasia. Mas, é somente nomenclatura e nada mais.

Só procuramos elucidar nosso modo de entendimento, pois tem muitos irmãos se digladiando, pelo simples fato de fazerem questão de serem nomeados como Espíritas e não como Kardecistas, e com isso, acabam criando um fosso imenso entre outras correntes filosóficas/religiosas, pois acabam por impor Espiritismo como religião, e outros não podem beber desta fonte, incorporando conceitos milenares, pelo simples fato de que se os conceitos pertencem a "uma religião", portanto, não podem ser trazidos para outra corrente religiosa; se fosse somente um filosofia espiritual, como aceitamos ser, ai sim, podemos, todos, aceitar, incorporar e difundir esses conceitos universalistas e não exclusivistas. Conceitos religiosos são exclusivos de uma religião; conceitos filosóficos são acatados e incluídos como verdade eterna, em todas as religiões, e cremos que era exatamente isso que Kardec ansiava.

Uma coisa concordamos: Prática religiosa da "Modalidade Espírita de Umbanda" é uma coisa; prática religiosa da "Modalidade Espírita Kardecista" é outra. Cada uma segue, a seu jeito, com seus postulados a servir a humanidade condignamente. A Umbanda não deseja ser tomada como Espiritismo. Não existe "Espiritismo de Umbanda" como dito pelos antigos, mas somente a "Modalidade Espírita de Umbanda", religião que tem como uma das bases, o estudo e aplicação sistemática dos conceitos espirituais e mediúnicos esposados e ensinados por Kardec, pois são verdades incontestáveis, ditadas por Espíritos da luz.

"Mesmo congregando elementos católicos, africanos e do ocultismo, a Umbanda se constituiu como uma "Modalidade de Espiritismo". É o que indicam os primeiros livros que identificavam a nova religião (...)". (GIUMBELLI, Emerson. "Kardec nos Trópicos". In Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 3, nº 33, junho de 2008, p. 14-19)

Alguns kardecistas dizem que a Umbanda não constitui "variante" e nem "modalidade" de Espiritismo. Primeiramente, vamos lançar mão das fontes lexicográficas:

- **Modalidade:** *"Maneira de ser; cada aspecto ou particularidade diferente do mesmo fato".*
- **Variante:** *"Que varia. Cada uma das formas de um texto, ou de um vocábulo, em relação à mais usada ou tida por mais genuína. Ramal de uma via de comunicação projetado numa diretriz diversa do projeto original".*

Observem que quem disse que a Umbanda não é "modalidade" ou mesmo "variante" do Espiritismo, não deve ter entendido bem o sentido léxico das palavras.

Como "modalidade", a Umbanda tem sua maneira de ser, tem particularidades diferentes do mesmo fato que é o Espiritismo. Como "variante", a Umbanda varia, e modifica uma doutrina em seus aspectos secundários, sem, contudo, desfigurar o tema original que é o Espiritismo.

Ambos os termos, "Modalidade" ou "Variante" se encaixariam perfeitamente na Umbanda. Escolhemos o termo: "Modalidade".

A Umbanda se rege pelo estudo sistemático da codificação kardeciana, não existindo absolutamente nada no Pentateuco que a condene.

Alguns espíritas/kardecistas detratores, cegos, com seus achismos e idiossincrasias se apegam somente a rituais e outros pormenores, dentro de suas visões limitadas, pois não se empenham em estudá-los a luz da razão. A maior das ignorâncias é versar sobre um assunto que nada se entende.

Muitos têm-nos inquirido sobre os rituais, apetrechos, oferendas, magias, etc. em nossos Terreiros, alegando serem de uso desnecessário, bem como, muitas vezes, utilizados por Espíritos atrasados em sua evolução. Será?

Na Revista Espírita de Outubro/Novembro de 1858, Allan Kardec, em pergunta efetuada ao Espírito do Dr. Muhr, fez-lhe uma pergunta: *No final, pedimos que desse uma opinião sobre a homeopatia: Dr. Muhr: A homeopatia é o início das descobertas dos fluidos latentes que existem; virão outras descobertas para conduzir nosso mundo até a perfeição.*

Observem que o Espírito do Dr. Muhr disse que viriam muitas outras descobertas dos fluidos latentes que existem; em toda a Natureza existem grupos de substâncias denominadas genericamente de fluidos, que apresentam propriedades em comum bem características. Em questão de oferendas, apetrechos, magias, ervas, etc., a Umbanda utiliza de todos os recursos que a Natureza oferece; a Umbanda lida basicamente com os "fluidos" emanados presentes no Planeta, em benefício dos que a procuram. Esses arsenal utilizado pela Umbanda, será, mais dia menos dia, explicado pela ciência.

Mas, esse é um assunto polêmico e infrutífero, haja vista o que o próprio Jesus disse: *"Há muitas moradas na casa de meu Pai"*; por ventura a Umbanda e sua maneira de trabalhar espiritualmente também não é uma das casas do Pai? Jesus também disse: *"Amai a Deus sobre todas as coisas, de todas as formas, com todas as suas forças e de todo o seu entendimento"*; a maneira de trabalhar da Umbanda por ventura também não é amar a Deus com o nosso entendimento? A demérito nisso? Somos mais inferiores ou praticamos "baixo-espiritismo" por causa disso? *"Examina tudo e retém o que é bom"*, ensina o Apóstolo. *"Qual é a melhor das religiões para que possamos segui-la? Aceite tudo o que é bom, e rejeite tudo o que é mal; eis a melhor das religiões"*.

Relembrando: "A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável... A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião.". (Dalai Lama)

"Acima das diferenças doutrinárias, deve prevalecer o sentimento de fraternidade universal, independente de qualquer religião. Não há religião superior à outra, não há doutrina superior a outras doutrinas. A questão é de consciência, de estágio experiencial... O importante é que o homem se torne melhor na religião que abraçou. Se for cristão, que se apóie nas práticas de Jesus, e viva Seu Evangelho de luz... Estamos a favor da Causa Maior, operando em nome de Deus, ou estamos usando a religião como um trampolim da nossa vaidade e do nosso orgulho, a fim de projetarmo-nos aos olhos da sociedade?" (Gandharananda Shanti)

Porventura não é isso que a Umbanda faz? A Umbanda é crística em sua origem e postulados, e universalista em sua doutrina, rituais e magias.

Somos umbandistas e praticamos a Umbanda respaldados em orientações dos nossos mentores. Não praticamos kardecismo e nem somos espíritas (somos uma "Modalidade de Espiritismo"), mas tão somente, aceitamos a doutrina explanada no Espiritismo por acharmos coerentes os seus ensinos, bem como também aceitamos as revelações psicográficas de alguns Espíritos atuantes no kardecismo, desde que pautadas na razão e no bom senso.

Agora, precisamos esclarecer um ponto importante: Cada escola espiritual, com seus mentores, propaga na Terra a sua verdade relativa; jamais a verdade absoluta.

Temos que entender que os mentores espirituais militantes do meio terreno também estão em fase evolutiva, portanto, não são Espíritos Superiores, ou mesmo Espíritos de Luz, na acepção da palavra; são sim, Espíritos devotados, trabalhando incansavelmente para nos auxiliar em nossa jornada terrena a fim de evoluirmos.

Pai João da Caridade, nosso mentor, nos disse uma vez: *"Filhos; eu não sou um Espírito de luz; quem dera; Espírito de luz é Jesus; eu sou tão somente um Espírito da luz, labutando na seara umbandista, a fim de aprender um pouco mais com todos vocês. Só isso. Afinal, a ordem nos foi passada pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas: "De quem sabe aprenderemos; aos que nada sabem ensinaremos e a ninguém negaremos auxílio, pois essa é a vontade do Pai".*

(...) *"... não existem Espíritos "da" Umbanda. Deste lado existem trabalhadores que atendem às necessidades dos filhos da Terra, independentemente de religião ou crença. Quando conseguimos compreender que o caminho que leva[]] ao Pai é um só, não rotulamos mais nada, nem ninguém; apenas trabalhamos. O amor é o único ingrediente..."* (Trecho extraído do livro: "Causos de Umbanda – A psicologia dos Pretos-Velhos" – pelo Espírito de Vovó Benta, psicografado pela médium Leni W. Savischi).

(...) *"... Meu querido irmão Manasses, se os encarnados pudessem ter uma pálida idéia de que nos planos superiores não existem questionamentos nem divisões religiosas, certamente abrandariam o fel da crítica infrutífera e respeitariam o credo religioso de quem quer que fosse. O que mais importa é se a fé que agasalha o coração do ser humano é sincera e, ainda mais, que esta fé possa torná-lo uma criatura mais piedosa, mais humana, mais caridosa e mais cristã... "* (Trecho do livro: "O Sétimo Selo – O Silêncio dos Céus" – pelo Espírito Irmão Virgílio, psicografado pelo médium Antonio Demarchi – Petit Editora)

Partindo desse pensamento, chegamos a uma conclusão: Os Espíritos e os humanos militantes em uma determinada escola espiritualista entendem àquilo que pertence àquela escola; jamais poderiam se arvorar em juízes da causa alheia. Jamais poderiam julgar os procedimentos utilizados por outras escolas espiritualistas pela simples análise daquilo que suas mentes entendem ser o certo, e mesmo àquilo que apreenderam em suas escolas. Entendem somente o que é ensinado em sua doutrina. Relembrando mais uma vez: *"Na casa de meu Pai existem muitas moradas" – "Amai a Deus de todo o seu entendimento";* os planos de existência nas dimensões espirituais ascendentes ou descendentes são tão extensas, que seria impossível um mentor espiritual, seja ele quem for, detalhar um por um com precisão e certeza. Existe muita idiossincrasia, muitas especulações, achismos e principalmente muita hipocrisia.

Portanto, a Umbanda, como mais uma escola crística, tem seus métodos de trabalhos espirituais para o auxilio aos homens. Absolutamente ninguém que milita fora do meio umbandista, seja encarnado ou desencarnado, pode ser arvorar em sabichão, dizendo com certeza, que utilizamos roupagens desnecessárias, profilaxias arcaicas, atrasadas, inócuas ou mesmo, que nos encontramos no primarismo espiritual, somente por não rezarmos da mesma cartilha, e/ou não praticarmos seus métodos, que eles "acham" serem o caminho a seguir.

Encarnados e desencanados espíritas, kardecistas, católicos, evangélicos, budistas, etc., entendem tão somente do espiritismo, do kardecismo, do catolicismo, do evangelismo, do budismo, etc. Não sabem e não entendem, muitas vezes, absolutamente nada do que se passa no universo umbandista, seus meios e métodos. Por isso, devem calar-se e nos respeitarem. Utilizamos nossos métodos, calcados em orientações espirituais da Cúpula Astral de Umbanda, com a anuência das Mentes Superiores emanadoras dos Poderes Reinantes do Divino Criador, os Sagrados Orixás.

Será que Deus, em sua infinita sapiência, criaria tudo na Natureza somente para o deleitamento do homem? Será que tudo o que existe na Terra não tem um função especifica, e, pode ser usado em benefício do homem? Será que basta somente "pensar", "crer", e tudo acontece na Terra? Uma coisa a nossa experiência nos ensinou: Para se resolver problemas terrenos tem-se que utilizar magnetismos e fluidos terrenos; não se resolve problemas terrenos com "fluidos cósmicos" e muito menos somente com o bom pensar; para curar a matéria em todos os níveis, necessita-se coisas da matéria; não se cura a matéria com coisas cósmicas e somente com pensamentos elevados.

Cada escola que trate, verse, ensine e trabalhe somente dentro das suas limitações materiais e espirituais. Deus, em sua infinita misericórdia é sabedor de tudo; criou a Umbanda por necessidade de parcela do nosso povo. Deus não criou a Umbanda tão somente para atender a uma camada da população em primarismo religioso, mas, para que seus filhos, sejam quem forem, em que situação estiverem, possam, com suas espiritualidades e seus jeitos de serem, servirem-No condignamente.

Muitas vezes nos divertimos ao lermos opiniões de religiosos e/ou filósofos de renome, tachando a Umbanda, seus métodos e seus trabalhadores de primitivos; e ainda alguns se dizem cristãos. Nesse momento, enviamos nossas preces a Deus e só dizemos: *"Pai; perdoai os ignorantes que não sabem o que falam".*

A nossa proximidade com o Espiritismo se com o estudo sistemático da Codificação kardeciana. A nossa proximidade com o kardecismo somente se dá no fator: estudo de **certas** orientações espirituais de **certos** Espíritos que consideramos ideais a serem seguidos.

Os kardecistas não poderiam falar em nome do espiritismo, praticamente "jogando pra fora" tudo o que não coaduna com suas materialistas e equivocadas suposições, onde através de elucubrações filosóficas, idiossincrasias, achismos, e estudos doutrinários somente calcados em suas materiais concepções, tornando-se tremendamente preconceituosos, em nome de uma suposta "pureza doutrinária". Devem se lembrar que outras religiões, igualmente usam as interpretações pessoais do próprio Evangelho contra o espiritismo. Fazem o mesmo com a Umbanda.

Pelo fato de no Brasil ter-se formado uma religião (kardecismo) em trono do Espiritismo, onde seus prosélitos afincamente dizem serem seus herdeiros totais, acabou criando um imenso fosso separativista em torno dos ideais espíritas, pois quem é de outra religião ou filosofia, afasta-se de seus ensinamentos, pois fizeram crer que pertencem somente ao kardecismo. O mesmo aconteceu com Jesus; criaram uma religião em torno Dele, se apossaram de Seus ensinamentos, tornaram-se preconceituosos, distanciando-se cada vez mais quem quisesse seguir Seus ensinamentos. Jesus é do mundo – é o ideal a ser seguido por todos. O Espiritismo é do mundo – é ciência – e o ideal a ter sua filosofia absorvida por todos e não somente por uma religião..

A única diferença que existe entre a Umbanda e o Kardecismo, onde seus prosélitos se apegam para nos tachar de primaristas, é a presença de rituais, magias, liturgias, etc. A proximidade com o catolicismo se dá somente com o uso de certos sacramentos, rezas, e aceitação de alguns Santos pelos seus exemplos cristãos (Foi perguntado ao Espírito de André Luiz, sobre o que seriam os Santos, e ele respondeu: *"É um atributo dirigido a determinadas pessoas que aparentemente atenderam, na Terra, à execução do próprio dever")*. Só isso.

Não seguimos e não nos importa o que os kardecistas, os católicos e os que se intitulam de "evangélicos" humanos apregoam.

Reafirmamos categoricamente: Não somos espíritas, não somos kardecistas e não praticamos kardecismo. Somos uma "Modalidade de Espiritismo", da religião umbandista e praticamos umbandismo.

Sabemos da problemática existente nas comunicações espirituais, seja a que nível for, mesmo que o médium seja da mecânica de incorporação inconsciente ou mesmo de psicografia mecânica. Nessas duas modalidades mediúnicas, mesmo entre médiuns cônscios de seus deveres, pode ocorrer o tão famoso animismo, onde o médium exprime seus pensamentos e não a vontade do Espírito atuante. Também pode existir a problemática de estar se comunicando algum Espírito, mesmo identificado como superior, manifestando tão somente suas impressões pessoais sobre diversos assuntos, não querendo dizer que é a verdade absoluta. Isso acontece muito, principalmente quando algum Espírito ou mesmo médium, quer versar sobre um assunto que nada entende, usando tão somente a idiossincrasia e o achismo. Quem entende de Espiritismo é espírita, e quem entende de umbandismo é umbandista.

O mesmo acontece com as várias igrejas "cristãs" que diariamente são abertas no Brasil, e todos se auto intitulando "evangélicos", o que sabemos ser redundante, pois evangélico seria quem praticasse tão somente o Evangelho de Jesus; os participantes dessas igrejas poderiam ser mais bem nomeados de "bibliegélicos", pois seguem quase em sua totalidade o antigo testamento e muito pouco os ensinamentos de Jesus.

Relembrando o venerável Espírito Ramatis: "*A Umbanda é o frasco e o espiritismo o perfume, e sem um deles o outro não progrediria".* Também disse: *"Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto"!*

E como também diz um ditado popular: *"O que seria do branco se todos gostassem do vermelho".*

Readaptando um aforismo do Espírito de Miranez: *"Toda doutrina, culto, ou filosofia religiosa que combate o tipo de fé da outra, é por não estar seguro da sua".*

A missão da Umbanda é análoga a do kardecismo, pois também busca praticar a caridade, fazer o bem, aliviar corações aflitos, consolar desesperados e reformar a moral individual.

O que acontece e confunde muitos irmãos kardecistas desavisados e madraços, é que muitos que se dizem umbandistas, realizam práticas que a própria Cúpula Astral de Umbanda rejeita. Isso também acontece no próprio meio "espírita", cada um analisando práticas e textos doutrinários com o seu crivo pessoal, e acabam transformando o Espiritismo numa verdadeira "Torre de Babel".

Repetindo: Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

1º) Isenção de preconceitos;

2º) Mente livre, não subordinada a dogmas;

3º) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;

4º) Raciocínio perquiridor e sagaz;

5º) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,

6º) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

Querer encaixar o entendimento de todas as atividades materiais/espirituais humanas num compêndio, seja ele qual for, tentando achar explicações para tudo na vida é no mínimo megalomania. Bem disse Willian Shakespeare: *"Existem mais coisas entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia".*

A Umbanda estuda e aplica o codificado na Doutrina Espírita. A Umbanda não é prática religiosa da "Modalidade Religiosa Kardecista", mas simplesmente é uma "Modalidade de Espiritismo".

O que confunde os estultos são as práticas que dizem ser umbandísticas, equivocadas, calcadas na maneira de ver, sentir e reagir de cada profitente, que nada tem há ver com a Umbanda, mas simplesmente com grupos que se dizem umbandistas. Esses grupos se identificam aleatoriamente como umbandistas, mas, na realidade praticam tão somente mediunismo, distante das práticas reais umbandísticas.

Tudo isso está muito bem explicitado no 1º Módulo desta obra. É só reler.

Os irmãos kardecistas sempre repisam que os "Espíritos Superiores" passaram toda a doutrina que culminou na Codificação do Espiritismo. Da maneira como se referem, dá a nítida impressão que esses "Espíritos Superiores" são a nata da sociedade espiritual, seres que estão em grau muito superior do que qualquer outro. Refutamos tal ideia, pois, em nossa concepção, a doutrina foi passada por Espíritos "DA" Luz (consideramos Espíritos Superiores, ou Espíritos "DE" Luz, a Jesus, aos Sagrados Orixás, seus iguais ou os mais elevados), sofrendo alterações pelo crivo de Kardec, raciocinando as mensagens à luz da razão e do bom senso. Aprendemos que os Espíritos Superiores não interferem na evolução humana, somente o fazendo com emanações fluídicas, nos infundindo valores morais, pois temos que crescer segundo nossos próprios passos.

Quando um Espírito Superior tem que interferir incisivamente na evolução humana, o faz reencarnando, passando pelas provações e privações da vida como todos, ou seja, vem ensinar e praticar juntamente com os encarnados; e o que eles ensinam é entendido segundo a capacidade evolucional de cada um. Como exemplo, podemos citar os ensinamento de Jesus e mesmo os de Maomé, que foram e são entendidos a bel prazer, provocando grandes desentendimentos, guerras, assassinatos, etc. Assim também o é com os ensinamentos de Kardec: cada grupo entendendo e aplicando de acordo com a idiossincrasia de cada um.

Será que todo o conteúdo doutrinário planetário está encaixado em simples cinco livros escritos por Kardec? Será que os ditos "Espíritos Superiores" declinaram a Kardec toda a realidade do mundo espiritual em tão poucos escritos que geram tantas discussões? Se geram discussões, com certeza não está bem explicado ou dissertado. Aliás, foram informações passadas para humanos (sendo alguns adolescentes), e, posteriormente analisados e explicitados por outro igualmente humano (Kardec). Não consideramos a codificação kardeciana definitiva, incontestável e muito menos infalível, mas sim, discutível dentro de parâmetros científicos espirituais, raciocinando consciencialmente, sem achismos, e sem idiossincrasias. Cremos que foi assim que Kardec procurou fazer, consultou Espíritos através de médiuns, humanos e falíveis como todos nós, e, posteriormente, analisando o conteúdo na razão e no bom senso. Todas as verdades são apenas meias verdades.

"O espiritismo kardecista possui, mesmo em seus postulados mais básicos, aspectos mal avaliados, e conclusões equivocadas" – "O espiritismo é uma fonte válida de acesso ao conhecimento da realidade objetiva.

Contudo, há que se ver com grande cautela aquilo que é tido como informações a nós transmitidas pelos Espíritos". (Julio Cesar de Siqueira Barros).

3ª Missão:

"(...) *Vovó* Benta, como à senhora definiria a Umbanda? – *É nossa casa, zi fio... eh, eh. UM com a Banda, religião que renasce em terras brasileiras numa tentativa que a espiritualidade faz de "reunificar" os ensinamentos sagrados que se fragmentaram através dos tempos. É o resgate da magia dos grandes mestres ancestrais que nela se apresentam na simplicidade dos Espíritos Guias e Protetores, usando a mediunidade dos encarnados (...)"* (Trecho extraído do livro: "Enquanto Dormes", pelo Espírito de Vovó Benta, psicografado pela médium Leni W. Savischi)

ESPIRITISMO E UMBANDA

- **Qual o motivo da aprovação da Umbanda pelo Alto, quando já se fazia o advento do Espiritismo?**

RAMATÍS: A Umbanda, no Brasil, é consequência de uma lei religiosa muito natural – a evolução moral!

Prevendo a decadência do Catolicismo pelos seus dogmas envelhecidos, o advento libertador e mentalista do Espiritismo e o consequente progresso científico do mundo, os mestres espirituais elaboraram o esquema de uma doutrina religiosa capaz de aproveitar as sementes boas da Igreja Católica, incluindo nos seus postulados o estudo da Reencarnação e Lei do Carma! Assim, foi delineada a doutrina que se conhece por Umbanda, despida de preconceitos racistas pela sua origem africana, no sentido de agrupar em sua atividade, escravos, senhores, pretos, brancos, nativos, exilados, imigrantes descendentes de todos os povos do mundo, sediados no solo brasileiro.

Assim como não se tira de uma criança um objeto de sua adoração, antes de o substituirmos por outro equivalente, o Alto também programou o crescimento da Umbanda à medida que o Catolicismo cede terreno por imposição dos eventos modernos. No momento, a Umbanda vive a sua fase de instabilidade religiosa, assim como na fervura de várias substâncias ainda não se distingue na panela o conteúdo definitivo e proveitoso.

Mas há de ser uma instituição louvável, no Brasil, porque também recebeu do Cristo a outorga para o serviço do Bem; e corresponde à ansiedade religiosa do povo brasileiro, cada vez mais descrente da obstinação sacerdotal católica, que ainda defende os seus dogmas seculares.

(Trecho extraído do capítulo "Espiritismo e Umbanda", do livro: "Missão do Espiritismo" – Psicografado por Hercílio Maes – Editora Freitas Bastos – Pelo Espírito de Ramatis)

Muitos dizem que a Umbanda é uma colcha de retalhos, pois baseia sua doutrina e ritualística em resquícios de outras religiões. Prestaram bem atenção quando a Vovó Benta, acima, diz: (...) *"religião que renasce em terras brasileiras numa tentativa que a espiritualidade faz de* ***"reunificar"*** *os ensinamentos sagrados que se fragmentaram através dos tempos (...)".*

A Cúpula Astral de Umbanda está "guardando" e praticando o que de positivo tem outras filosofias espiritualistas e religiosas que já existiram e algumas que ainda existem. Só isso.

A Umbanda não é sectarista e nem dogmática; a Umbanda é crística, é universalista. A Umbanda aceita tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal.

A influência de rituais tidos como "pagãos" foi de tamanha magnitude que o cristianismo primitivo incorporou uma grande parcela dos ensinamentos que têm sido usados em aplicações práticas. Assim sendo, a maior parte do ritual e do simbolismo usados pela Igreja Católica tem como ponto de origem às religiões antigas. A Umbanda não está "copiando" rituais da Igreja Católica; só esta resguardando alguns desses rituais positivos, que são assertivos, mas, também, com o tempo, foram absorvidos das religiões antigas, pelo catolicismo. Exemplos:

"Os cristãos primitivos não tiveram nem Templos, nem altares, nem círios, nem incenso, nem água benta, nem qualquer dos ritos instituídos posteriormente. Os cristãos começaram a edificar Templos no reinado de Diocleciano (final do séc. III), sendo o primeiro deles o de Nicomédia. Outros foram levantados em seguida, mas os cristãos continuavam com aversão aos círios, aos incensos, à água lustral (água benta) e aos hábitos pontificiais, pois isso tudo lhes parecia o selo distintivo do paganismo. Entretanto, estes usos foram sendo adotados aos poucos durante o reinado de Constantino (séc. IV) e de seus sucessores". (www.hierolinguistica.blogspot.com/2007/06/trecho-de-santo-profano-estudo.html)

"Os altares da Lutécia pagã foram enterrados e reencontrados sob o coro da Igreja de Nôtre-Dame de Paris, onde ainda hoje existe o poço onde era conservada a água lustral. Quase todas as grandes e antigas Igrejas do continente eram Templos pagãos ou foram construídas no mesmo lugar, em conseqüência das ordens dadas pelos Bispos e Papas romanos. Gregório, o Grande, assim dá suas ordens ao frade Agostinho, seu missionário em Inglaterra: "Destrua os ídolos, jamais os Templos. Borrife-os de água benta, coloque-lhes relíquias, e que os povos as adorem nos lugares onde têm o hábito de o fazer". Nas "antiguidades gaulesas" de Fauchet, lemos que os Bispos de França adotaram e usaram as cerimônias pagãs a fim de converter os pagãos ao cristianismo. Consultemos as obras do Cardeal Baronius em seus Anais do ano XXXVI, para achar sua confissão. "Foi permitido – diz ele – à Santa Igreja apropriar-se dos ritos e cerimônias utilizadas pelos pagãos no seu culto idólatra, pois que ela (a Igreja) os regeneraria pela sua consagração". (http://verdadesespeciais.blogspot.com/2009/06/agua-lustral.html)

"O termo "pagão" vem do latim "pāgānus", que se refere ao aldeão, o homem de aldeia e que não é soldado, aquele que habita o pagus (pago, aldeia, lugar pequeno, distrito) (...). *Na origem não havia qualquer significado pejorativo nesta palavra, pois simplesmente designava o habitante dos campos ou dos bosques, o que vivia a grande distância dos Templos urbanos e ignorava, portanto, a religião do estado e seus ritos (...). O latim eclesiástico mudou a sentido de "pagão" (aldeão) para "gentio, idólatra". Assim, todos os não-cristãos (deveríamos dizer "não-católicos"?) passaram a ser considerados "pagãos" e "morrer pagão" equivale ainda hoje a "morrer não convertido ao cristianismo", embora devesse significar simplesmente "morrer na condição de aldeão". O fato do "pagão" (o aldeão, não o idólatra) estar longe das grandes cidades e desconhecer seus deuses não significa que não tivesse sua própria religião. Na época clássica existiam as "pāganālia", as festas dos rústicos ou camponeses em honra de Ceres (deusa das searas, do pão e do trigo) e da Terra. Os pagãos cultuavam divindades como Arungus (T. "auruncus" e "averruncus"), deus das searas; Chlōris ou Flōra, deusa das flores; (...)".* (Trechos de: "Santo & Profano – estudo etimológico das línguas sagradas" (Danea Tage/Paulo Stekel))

Entre os gregos havia a água lustral (água benta) para as expiações e para as propiciações.

Os budistas consagravam o pão e o vinho, representando o corpo e o sangue de Agni, quando os bonzos aspergiam os crentes. Enquanto aspergem água lustral, cantam hinos ao Sol e ao Fogo, o *"Kirie Eleison"* que os católicos copiaram e cantam ou recitam durante a missa. O batismo era uma cerimônia praticada pelos antigos muito antes de se cogitar, sequer, do nome de cristão. Os hindus lavam o recém-nascido em água lustral, dando-lhe um nome de um gênio protetor. Aos oito anos, a criança aprende a recitar os hinos ao Deus-Sol.

"O batismo cristão é o mesmo rito de purificação celebrado durante a cerimônia de iniciação nos tanques sagrados da Índia, pertencente à primitiva teurgia dos caldeus e acádios, praticado nas cerimônias noturnas nas pirâmides e durante os Mistérios de Elêusis em honra de Deméter (Ceres). Há ainda relação com a lustração dos greco-romanos, especialmente a lustração da criança, na qual ela recebia seu nome e era purificada com uma aspersão de água lustral". (http://hierolinguistica.blogspot.com/2007/06/trecho-de-santo-profano-estudo.html)

O que acontece, é que existem pessoas que se arvoram em julgadoras, e pelo simples pensar limitante calcados em achismos, depõem contra a Umbanda tachando-a de vertente espiritualista popular, com uma mistura ignorante de seitas, religiões, doutrinas e rituais. Lego engano. A Umbanda tem fundamento e é preciso estudar, estudar e estudar. Aliás, nada no mundo se cria; tudo se copia e se transforma.

Eis então, a 2ª missão da Umbanda. Reunificar e propagar ensinamentos e rituais positivos e sagrados. Aproveitar, guardar e ensinar tudo o que é de bom do que já foi feito em termos de religião/doutrina/filosofia/ritualística/magia, e rejeitar tudo o que é mal, desde que tudo isso seja pautado nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

4ª Missão:

É o saneamento do submundo, do Reino da Kimbanda, que é tarefa de prioridade decretada por Nosso Senhor Jesus Cristo, delegado a Umbanda, através de seus obreiros da luz. Para a Umbanda, a Kimbanda (Banda Negra) é um termo utilizado para formalizar não um local geográfico especifico, mas sim, uma agremiação de Espíritos que seriam muito mais do que simplórios escarnecedores, obsessores, simples obsessores kiumbas, mas sim, Espíritos gabaritados, experientes, inteligentes, com metas específicas. São os famosos magos negros, os dragões, os senhores das sombras, os obsessores kiumbas empreiteiros e soldados do mal. Também consideramos kimbandeiros àqueles que utilizam de seus talentos para exercerem atividades condenatórias perante as Leis Divinas, sejam elas quais forem.

Após serem recrutados, começam a serem paulatinamente doutrinados e imediatamente aproveitados nas fileiras dos trabalhadores do bem na Umbanda, em missões específicas.

Já integrados a Lei da Umbanda, são engajados como trabalhadores da "Linha Excelsa de Santo"

A “Linha de Santo” (nomeada pela Umbanda Crística como “Linha Excelsa de Santo) ou “Linha das Almas” é a denominação dada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para definir duas qualidades de Espíritos trabalhadores da Umbanda.

Vamos ao apontamento sobre a “Linha Excelsa de Santo ou Linha das Almas”, efetuadas por Leal de Souza:

A LINHA DE SANTO

Os Espíritos que a constituem, mantendo-se em contato com a banda negra, de onde provieram não só resolvem pacificamente as demandas, como convertem, com hábil esforço, os trabalhadores trevosos.

Esse esforço se desenvolve com tenacidade numa gradação ascendente.

Primeiro, os conversores lisonjeiam os Espíritos adestrados nos maléficos, gabam-lhes as qualidades, exaltam-lhe a potência fluídica, louvam a mestria de seus trabalhos contra o próximo, e assim lhes conquistam a confiança e a estima.

Na segunda fase do apostolado, começam a mostrar aos malfeitores o êxito de alcançar a Linha Branca com a excelência de seus predicados.

Aproveitando para o bem um atributo nocivo, como a vaidade, os obreiros da Linha de Santo passam a pedir aos acolhidos para a conversão, pequenos favores consistentes em atos de auxílio e benefício a esta ou àquela pessoa, e, realizado esse obsequio, levam-nos a gozar, como uma emoção nova, a alegria serena e agradecida do beneficiário.

Convidam-nos, mais tarde, para assistir os trabalhos da Linha Branca, mostrando-lhes o prazer com que o efetuam em cordialidade harmoniosa, sem sobressaltos, os operários ou guerreiros do espaço, em comunhão com homens igualmente satisfeitos, laborando com a consciência e paz.

Fazem-nos, depois, participar desse labor, dando-lhes, na obra comum, uma tarefa à altura de suas possibilidades, para que se estimulem e entusiasmem com o seu resultado.

E quando mais o Espírito transviado intensifica o seu convívio com os da Linha de Santo, tanto mais se relaciona com os trabalhadores do amor e da paz, e, para não se colocar em esfera inferior àquela em que os vê, começa a imitar-lhes os exemplos, elevando-se até abandonar de todo a atividade maléfica.

Depois que esse abandono se consumou, o converso não é incluído imediatamente na Linha, mas fica como seu auxiliar, uma espécie de adido, trabalhando sem classificação. Geralmente, nessa fase, exalta-o o desejo de se incorporar efetivamente às Falanges braças e a seu trabalho de fé se reveste daquele ardor com que se manifestam, pela ação ou pelo verbo, os crentes novos.

Permitida, afinal, a sua inclusão na Linha de Santo, ou em alguma outra, o antigo serventuário do mal vai resgatar as suas faltas, corrigindo as alheias.

(Texto de Leal de Souza – “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – 1933)

(...) *“A Linha de Santo é transversal, e mantém a sua unidade através das outras”.* (...) (Leal de Souza)

1ª Qualidade: Temos os Espíritos egressos do Reino da Kimbanda (Linha Negra) mais próximos à matéria, em busca da luz, de melhoria e de evolução, sendo muitos de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas.

São os Exus e Pombas-Gira da Lei, sendo nominados na Umbanda Crística como “Tarefeiros” (Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros de Umbanda), supervisionados de perto pelas Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos, tendo como patrono e instrutor, Santo Antonio de Pádua.

Na Umbanda Crística, aceitamos e difundimos que o Semiromba Santo Antônio de Pádua é o patrono e responsável pela Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda. Dissemos “Patrono” e não que Santo Antônio foi “sincretizado”, ou seja, foi tido como Exu; Ele é o protetor, o defensor, o padroeiro, o instrutor e o advogado da “Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda”, auxiliando tenazmente e com amor desmedido esses Espíritos em suas evoluções. Santo Antonio de Pádua é o venerando da colônia denominada: “Fraternidade do Sagrado Coração de Maria”. Nesta Fraternidade trabalham centenas de Espíritos socorristas, voltados ao trabalho caritativo de auxílio aos necessitados de toda ordem, principalmente os Espíritos recém-egressos das trevas. A Fraternidade é especializada no trato evangélico, procurando com o tempo, persistência, amor, caridade e humildade, doutrinar a todos de que o amor é a base sólida para que possamos bem servir ao Divino Criador, como gratidão por tudo o que nos tem dado. Após serem doutrinados na Fraternidade, estão preparados para integrarem as lides caritativas da Umbanda.

Em trabalhos caritativos, estão em transição para o escalão de Protetores (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais), dos Guias Espirituais (Caboclos da Mata e dos Pretos-Velhos).

"(...) Exus, como bem exemplificado por Leal de Souza em 1933, são Espíritos com baixo grau evolutivo. O que os diferencia dos demais ao mesmo tempo em que permite a sua manifestação nos rituais de Umbanda, é o seu conhecimento sobre magia, manipulação de energia, que pode ter sido adquirido tanto em vida, quanto já depois do desencarne. Possuem, portanto, grau de evolução baixo se em comparação com os Espíritos das demais 06 Linhas – já que Exu se encontra na sétima, a "Linha de Santo", que possui Santo Antônio como patrono – por este motivo, a sua manifestação na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e nos ritos dirigidos pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, sempre ocorreu debaixo de grande respeito e cuidado, com médiuns, data e local específicos. Geralmente, a manifestação de Exus se fazia e ainda se faz somente necessária nas Sessões de Descarga, Sessões estas fechadas ao público, pois tem a única finalidade de fragmentar todo e qualquer resquício de energias negativas existentes na Tenda e nos médiuns integrantes.
As consultas não são autorizadas, pois como bem afirmado logo acima, é seguido o entendimento que não há o porquê de se consultar Espíritos que na maioria dos casos possuem o mesmo ou inferior grau de evolução que o consulente. São os Espíritos mais atrasados e mais cegos a se manifestarem na Umbanda. Não há vantagem, pois ainda necessitam de instrução. Mas fica claro, que Exus são cultuados na Linha Branca de Umbanda e Demanda sim; podem fazer suas descargas e trabalhar quando permitido, mas não dão consultas, ***assim como não se faz obrigações para a aproximação, ou melhor contato mediúnico com esta qualidade de Espíritos nos seus respectivos médiuns*** *(...)".* (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) – (nota do autor: colocamos uma parte da última frase em negrito para que todos atentem que em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas não se usa das tais "obrigações" para firmar Exu e Pomba-Gira em nenhum médium, afirmação que concordamos plenamente)

A Umbanda Crística nomina de Tarefeiros (Guardiões e Amparadores), os Espíritos recém egressos do Reino da Kimbanda, recrutados, e que já estão totalmente integrados na Lei de Umbanda em trabalhos caritativos onde forem ordenados. Deixamos de usar os termos "Exu e Pomba-Gira" pelo fato de serem nomes que, infelizmente, como o passar do tempo, tomaram conotação muito negativa, sendo, pela maioria da população brasileira, reconhecidos como: baderneiros, madraços, malandros, demônios, feiticeiros, arruaceiros, drogados, beberrões, prostitutas, imorais, etc. Tanto é verdade que os próprios umbandistas quando querem se referir aos Falangeiros integrados à Lei da Umbanda, não falam só, Exus e Pombas-Gira, mas sim, "Exus e Pombas-Gira da Lei", por falta de uma outra nomenclatura. Na Umbanda Crística, a Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda atuam mediunicamente em processos demandatórios, trabalhos de defesa e desmanches de magias negras. Por determinação da diretoria espiritual da Umbanda Crística, não são realizadas Sessões específicas com os Tarefeiros, e nem procedem a atendimentos fraternos públicos. Por isso não é considerada uma "Linha de Trabalho Espiritual".

Em Sessões de Caridade, em algumas exceções e precisão, com anuência e fiscalização do Guia Chefe, algum Espírito da Falange dos Tarefeiros da Umbanda pode se fazer presente na incorporação, isoladamente, mas somente para processos demantatórios, sem, contudo, proceder a atendimentos. Suas presenças são discretíssimas, não sendo muitas vezes reconhecidos pelos assistidos. A Umbanda não nega auxílio a ninguém, seja quem for.

Os Tarefeiros são classificados como "Falangeiros" e não como Protetores, pois possuem grande capacidade ofensiva, mas, nenhuma flexibilidade, precisando do auxilio das "Linhas de Trabalhos Espirituais".

2ª Qualidade: Temos os caboclos, índios e os negros, que estão em franca evolução, também de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas. Outrora conhecidos como: "Caboclos e Pretos Kimbandeiros", e posteriormente: "Caboclos e Pretos Traçados" (Traçados numa alusão a também trabalharem na banda negra; Espíritos de ex-Exus e ex-Pombas-Gira em transição para um posto superior). e hoje, os Espíritos dos Caboclos e dos Índios "Traçados" são conhecidos como Protetores Caboclos Sertanejos e Protetores Caboclos D´Agua (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata). Os Espíritos dos Negros "Traçados" são conhecidos como Protetores Baianos (Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos). Em trabalhos caritativos, os Espíritos dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D´Agua e dos Protetores Baianos, estão em transição para o escalão superior de Guias Espirituais (Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos).

Existem ainda os Espíritos dos Ciganos, que foram integrados na Umbanda posteriormente, e, na Umbanda Crística, são nominamos de "Linha Secundária de Trabalhos Espirituais", pois é composta por Espíritos de mediana evolução, ainda muito presos aos seus egos, portanto, externando grandemente suas materialidades, mas, já se gabaritando em trabalhos caritativos; é uma Linha de Trabalho independente (como muitos pensam, não estão integrados na Linha do Oriente), não sendo auxiliar exclusivo de nenhuma outra, mas, trabalham sob a coordenação e supervisão direta das Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos.

Embora os Ciganos então em transição para o escalão de "Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais", igualmente classificamo-los como "Protetores Espirituais".

Ramatis disse: (...) *"Até o fim do século atual, período em que se processa o profético "Juízo Final", e época dos "Tempos Chegados", provavelmente devem ser convocados à reencarnação mais de 5 bilhões de Espíritos na erraticidade, para aí no mundo físico darem o testemunho da evolução espiritual. Antigos magos negros serão chamados a militar na magia branca de Umbanda, e muitos retornarão às antigas práticas em prejuízo do próximo, ainda estimulados pela sua deficiência espiritual"* (...). *(Trecho extraído do livro: "O Evangelho à Luz do Cosmo", pelo Espírito de Ramatís através do médium Hercílio Mães – 1974 – Capítulo 16 – "O trigo e o joio")*

Embora muito dos Espíritos (Protetores Espirituais) trabalhadores da "Linha Excelsa de Santo" possuem grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas adquiridas em vidas pregressas, ainda precisam ser vigiados de perto pelas "Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais" (Caboclo da Mata e Pretos-Velhos), para que possam usar seus recursos magísticos para o bem, evitando suas voltas às práticas nefastas onde irá impera o ego, prejudicando ao próximo.

Precisamos entender que ainda existem milhares de Espíritos de ex-escravos, índios e mestiços (caboclos) que ainda encontram-se presos em seus egos, alguns vivendo como se ainda estivessem vivos, outros, já conscientes de estarem desencarnados, mas ainda vivendo segundo suas regras de justiça, sendo presas fáceis de encarnados e/ou desencarnados mal intencionados. Não pensem que todo ex-escravo, índio ou caboclo (mestiço) são Guias e Protetores Espirituais, trabalhadores da Umbanda.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que "baixa" em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *"Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo."* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: (...) *"O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele"* (...). – (...) *"O que deseja, sobretudo, é que este ritual (*nota do autor: ritual da Umbanda) *seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo"* (...).

Um das missões dos trabalhadores da "Linha Excelsa de Santo" é alcançar amigavelmente os seus antigos companheiros (no reino da quimbanda ou mesmo os que ainda se encontram centrados em seus egos), a suspensão de hostilidades, resolvendo pacificamente as demandas, convertendo, com hábil esforço, os trabalhadores trevosos e/ou ignorantes, convencendo-os a virem trabalhar como obreiros do bem na Umbanda.

Explicaremos pormenorizadamente a "Linha Excelsa de Santo ou Linha das Almas", no 3º Módulo, no capítulo "Os Guias e os Protetores Espirituais – Os Espíritos Tutelares":

5ª Missão:

Essa missão deixaremos para o Espírito de Pai Joaquim de Aruanda esclarecer, pois coadunamos com tal pensamento:

"(...) A falange umbandista tem como missão proteger o Espírito encarnado. Essa é a função dos Espíritos umbandistas. São os guerreiros que acompanham as encarnações dos Espíritos mais de perto. Ou seja, enquanto as demais religiões não têm função de ação, mas de esclarecimento, a Umbanda age. Não esperem da Umbanda nenhum esclarecimento doutrinário, pois ela não tem essa função. Para entender o papel da Umbanda pense que cada Espírito encarnado é um rei. As outras religiões são os conselheiros desse rei, mas quem dá a segurança para ele continuar sendo um rei é a sua tropa. Os Espíritos da falange umbandista são os que formam esse exército. E esses trabalhadores protegem o rei, mas também os seus reinos. Por isso são os trabalhadores espirituais da Umbanda que protegem os centros espíritas, as igrejas evangélicas, as igrejas católicas etc. Esses Espíritos são os guardiões do rei e dos seus reinos. Mas é importante deixar claro que esses trabalhadores protegem o seu reino espiritual, sua espiritualidade, e não sua vida material. Por exemplo, se no seu "livro da vida" está escrito que você deve ser assaltado, eles não vão impedir.

Mas se você, espiritualmente falando, começa a sofrer, eles vêm correndo, não para mudar o ato, mas para te ajudar a superar o sofrimento, enviando as energias adequadas para isso. Obviamente, você tem o livre arbítrio de aceitar essa energia ou não. E alguém precisa orar para ele vir ao seu auxilio. Qualquer filho de Deus que aceitou, por exemplo, o nervosismo que o ego disse que deveria sentir ao ser assaltado, faz soar uma espécie de alarme e um guardião vem correndo para lhe trazer a energia que possa lhe equilibrar. Mas, se você não aceitar essa energia, ele não pode fazer mais nada. Ele cumpriu o papel dele.

Por isso dissemos que esses trabalhadores espirituais não podem mudar uma linha sequer do seu "livro da vida". Eles não podem fazer o que seu ego quer, mas quando o Amor (a lei suprema) está em perigo, toca o alarme e um soldado que está sempre de prontidão para ajudar, vem ao seu auxílio (...)*".*

A UMBANDA SOB A VISÃO DA ESPIRITUALIDADE

Daremos agora, algumas explanações preciosas do nosso amado irmão, o Espírito de Ramatis, sobre a situação atual da Umbanda, bem como as diretrizes da Administração Sideral a fim de nos conscientizarmos, estudarmos, deixarmos as idiossincrasias, as egolatrias e os egocentrismos de lado, arregaçarmos as mangas, e partirmos para uma coesão doutrinária e ritualística de nossa amada religião.

ESPIRITISMO E UMBANDA

- **Como é que os Mentores Espirituais encaram o movimento de Umbanda observado do Espaço?**

Ramatis: Evidentemente, sabeis que não há separatividade nem competição entre os Espíritos benfeitores, responsáveis pela espiritualização da humanidade. As dissensões sectaristas, críticas comuns entre adeptos espiritualistas, discussões estéreis e os conflitos religiosos, são frutos da ignorância, inquietude e instabilidade espiritual dos encarnados. Os Mentores Espirituais não se preocupam com a ascendência do Protestantismo sobre o Catolicismo, do Espiritismo sobre a Umbanda, dos Teosofistas sobre os Espíritas, mas lhes interessa desenvolver nos homens o Amor que salva e o Bem que edifica!

Os primeiros bruxuleios de consciência espiritual liquidam as nossas tolas criticas contra os nossos irmãos de outras seitas. Em primeiro lugar, verificamos que não existe qualquer “equívoco” na criação de Deus e, secundariamente, já não temos absoluta certeza de que cultuamos a “melhor” Verdade! Ademais, todas as coisas são exercidas e conhecidas no tempo certo do grau de maturidade espiritual de cada ser, porque o Espírito de Deus permanece inalterável no seio das criaturas e as oriente sempre para objetivos superiores. As lições que o homem recebe continuamente, acima do seu próprio grau espiritual, significam a “nova posição evolutiva”, que ele depois deverá assumir, quando terminar a sua experiência religiosa em curso.

Obviamente, os Mentores Espirituais consideram o movimento de Umbanda uma seqüência ou aspiração religiosa muitíssimo natural e destinada a atender uma fase da graduação espiritual do homem. A Administração Sideral não pretende impor ao Universo uma religião ou doutrina exclusivista, porém, no esquema divino da vida do Espírito eterno, só existe um objetivo irredutível e definitivo – a Amor!

Em consequência, ser católico, espírita, protestante, umbandista, teosofista, muçulmano, budista, israelita, hinduísta, iogue, rosacruciano, krisnamurtiano, esoterista ou ateu, não passa de uma experiência transitória em determinada época do curso ascensional do Espírito eterno!

As polêmicas, os conflitos religiosos e doutrinários do mundo, não passam de verdadeira estultícia e ilusão, pois só a ignorância do homem pode levá-lo a combater aquilo que ele "já foi" ou que ainda "há de ser"!

É tão desairoso para o católico combater o protestante, ou o espírita combater o umbandista, como em sentido inverso, pois os homens devem auxiliar-se mutuamente no próprio culto religioso, embora se respeitem na preferência alheia, segundo o seu grau de entendimento espiritual.

É desonestidade e cabotinismo condenarmos a preferência alheia, em qualquer tributo espiritual da vida humana! Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto!

Nota do Autor: Tem uma frase significativa, dita pelo Espírito de Miranês, através do médium João Nunes Maia: *"Se uma religião combate o tipo de fé de outra é por não estar seguro da sua"*.

- **E o que vós julgais da Umbanda?**

Ramatis: Embora reconheçamos que o vocábulo trinário Umbanda, em sua vibração intrínseca e real, significa a própria "Lei Maior Divina" regendo sob o ritmo septenário o desenvolvimento da Filosofia, Religião e a existência humana pela atividade da magia em todas as latitudes do Universo, neste modesto capítulo referimo-nos à Umbanda, apenas como doutrina de espiritualismo de "Terreiro". Sabemos que a palavra Umbanda é síntese vibratória e divina, abrangendo o conjunto de leis que disciplinam o intercâmbio do Espírito e a Forma, em vez de doutrina religiosa ou fetichista. Ela é conhecida desde os Vedas e demais escolas iniciáticas do passado, mas foi olvidada na letargia das línguas mortas e abastardada nos ritos africanos, passando a definir práticas fetichistas e atos de sortilégios. Em certos casos, chegaram a confundi-la com a própria atividade do sacerdote negro!

Sem dúvida, ela deturpou-se na sua divina musicalidade e enfraqueceu a sua intimidade sonora na elevada significação de um "mantram" cósmico! Mas devido à ancestralidade divina existente no Espírito humano, Umbanda será novamente expressa e compreendida na sua elevada significação cósmica, mercê do trabalho perseverante dos próprios umbandistas estudiosos e descondicionados do fetichismo escravizante de seita! No entanto, nós prosseguiremos neste labor mediúnico, examinando Umbanda, somente em sua atual condição de sistema doutrinário mediúnico religioso!

- **E que dizeis de Umbanda, como "espiritualismo de Terreiro"?**

Ramatis: Em face de nosso longo aprendizado no curso redentor da vida humana, almejamos que a doutrina espiritualista de Umbanda alcance os objetivos louváveis traçados pela Administração Sideral.

Indubitavelmente, a Umbanda, ainda não passa de uma aspiração religiosa algo entontecida, mas buscando sinceramente uma forma de elevada representação no mundo. Não apresenta uma unidade doutrinária e ritualística conveniente, porque todo "Terreiro" adota um modo particular de operar e cada chefe ou diretor ainda se preocupa em monopolizar os ensinamentos pelo crivo de convicção ou preferência pessoal. Mas o que parece um mal indesejável é consequência natural da própria multiplicidade de formas, labores e concepções que se acumulam prodigamente no alicerce fundamental da Umbanda. Aqueles que censuram essa instabilidade muito própria da riqueza e variedade de elementos formativos umbandisticos, são maus críticos, que devido à facilidade de colherem frutos sazonados numa laranjeira crescida, não admitem a dificuldade do vizinho ainda no processo da semeadura.

- **Poderíeis usar de alguma imagem comparativa que nos sugerisse melhor entendimento sobre a situação atual da Umbanda?**

Ramatis: A Umbanda é como um grande edifício sem controle de condomínio, onde cada inquilino vive a seu modo e faz o seu entulho! Em consequência, o edifício mostra em sua fachada a desorganização que ainda lhe vai por dentro.

As mais excêntricas cores decoram as janelas ao gosto pessoal de cada morador; ali existem roupas a secar, enfeites exóticos, folhagens agressivas, bandeiras, cortinas, lixo, caixotes, flores, vasos, gatos, cães, papagaios e gaiolas de pássaros numa desordem ostensiva.

Debruçam-se nas janelas criaturas de toda cor, raça, índole, cultura, moral, condição social e situação econômica. Enquanto ainda chega gente nova trazendo novo acervo de costumes, gostos, temperamentos e preocupações, que em breve tentam impor aos demais.

Malgrado a barafunda existente, nem por isso é aconselhável dinamitar o edifício ou embargá-lo, impedindo-o de servir a tanta gente em busca de um abrigo e consolo para viver a sua experiência humana.

Evidentemente é bem mais lógico e sensato firmar as diretrizes que possam organizar a vivência proveitosa de todos os moradores em comum, através de leis e regulamentos formulados pela direção central do edifício e destinados a manter a disciplina, o bom gosto e a harmonia desejável.

- **Quereis dizer que apesar da confusão atual reinante na Umbanda, ela tende para a sua unidade doutrinária, não é assim?**

Ramatis: Apesar dessa aparência doutrinária heterogênea, existe uma estrutura básica e fundamental que sustenta a integridade da Umbanda, assim como um edifício sob a mais fragrante anarquia dos seus moradores, mentem-se indestrutível pela garantia do arcabouço de aço.

Da mesma forma, o edifício da Umbanda, na Terra, continua indeformável em suas "linhas mestras", bastando que os seus lideres e estudiosos orientem-se através da diversidade de formas exteriores, para em breve identificar essa unidade doutrinária iniciática. Os Terreiros ainda lutam entre si e atacam-se mutuamente, em nome de princípios doutrinários e ritualísticos semelhantes, enquanto sacrificam a autenticidade da Umbanda pela obstinação e pelo capricho da personalidade humana.

É tempo dos seus lideres abdicarem do amor-próprio, da egolatria e interesses pessoais, para pesquisarem sinceramente as "linhas mestras" da Umbanda e não as tendências próprias e que então confundem à guiza de princípios doutrinários.

- **Considerando-se que a Umbanda é de orientação espiritual superior, qual é a preocupação atual dos seus dirigentes, no Espaço?**

Ramatis: Os Mentores da Umbanda, no momento, preocupam-se em eliminar as praticas obsoletas, ridículas, dispersivas e até censuráveis, que ainda exercem os umbandistas alheios aos fundamentos e objetivo espiritual da doutrina. Sem dúvida, uns adotam excrescências inúteis e abusivas no rito e características doutrinarias de Umbanda, por ignorância, alguns por ingenuidade e outros até por vaidade ou interesse de impressionar o publico. Inúmeras práticas que, de inicio, serviram para dar o colorido doutrinário, já podem ser abolidas em favor do progresso e da higienização dos "Terreiros".

Aliás, a Umbanda é um labor espiritual digno e proveitoso, mas também é necessário se proceder à seleção de adeptos e médiuns, afastando os que negociam com a dor alheia e mercadejam com as dificuldades do próximo.

Raros umbandistas percebem o sentido especifico religioso da Umbanda, no sentido de confraternizar as mais diversas raças sob o mesmo padrão de contato espiritual com o mundo oculto. Sem violentar os sentimentos religiosos alheios, os Pretos-Velhos são o "denominador comum" capaz de agasalhar as angustias, súplicas e desventuras dos tipos humanos mais diferentes. São eles os trabalhadores avançados, espécie de bandeirantes desgalhando a mata virgem e abrindo clareiras para o entendimento sensato da vida espiritual, preparando os filhos e os habituando a soletrar a cartilha da humildade para mais breve entenderem a própria mensagem iniciática (e doutrinária) do Espiritismo.

A Umbanda tem fundamento e quando for conhecido todo o seu programa esquematizado no Espaço, os seus próprios críticos verificarão a comprovação do velho aforismo de que "Deus escreveu certo por linhas tortas".

- **Qual o motivo da aprovação da Umbanda pelo Alto, quando já se fazia o advento do Espiritismo?**

Ramatis: A Umbanda, no Brasil, é consequência de uma lei religiosa muito natural – a evolução moral! Prevendo a decadência do Catolicismo pelos seus dogmas envelhecidos, o advento libertador e mentalista do Espiritismo e o conseqüente progresso científico do mundo, os mestres espirituais elaboraram o esquema de uma doutrina religiosa capaz de aproveitar as sementes boas da Igreja Católica, incluindo nos seus postulados o estudo da Reencarnação e Lei do Carma!

Assim, foi delineada a doutrina que se conhece por Umbanda, despida de preconceitos racistas pela sua origem africana, no sentido de agrupar em sua atividade, escravos, senhores, pretos, brancos, nativos, exilados, imigrantes descendentes de todos os povos do mundo, sediados no solo brasileiro.

Assim como não se tira de uma criança um objeto de sua adoração, antes de o substituirmos por outro equivalente, o Alto também programou o crescimento da Umbanda à medida que o Catolicismo cede terreno por imposição dos eventos modernos. No momento, a Umbanda vive a sua fase de instabilidade religiosa, assim como na fervura de várias substâncias ainda não se distingue na panela o conteúdo definitivo e proveitoso.

Mas há de ser uma instituição louvável, no Brasil, porque também recebeu do Cristo a outorga para o serviço do Bem; e corresponde à ansiedade religiosa do povo brasileiro, cada vez mais descrente da obstinação sacerdotal católica, que ainda defende os seus dogmas seculares.

- **Caso a Igreja Católica Romana admitisse francamente a Reencarnação e a Lei do Carma e, também, o intercâmbio com os desencarnados, ela continuaria a atender aos seus objetivos religiosos?**

Ramatis: Sem dúvida, se o Clero Romano tivesse aderido incondicionalmente à fórmula sadia e racional da reencarnação, ao estudo da Lei do Carma e ao intercâmbio com os espíritos, não haveria necessidade de outra religião no Brasil. Mas o sacerdócio organizado ainda subestima as descobertas científicas do século atômico, continuando a pregar a gênese infantil do mundo, as lendas e os milagres narrados pela Bíblia, embora o céu se inunde de foguetes e aviões a jato.

- **Mas a Umbanda não poderia ser um movimento de competição religiosa à Igreja Católica?**

Ramatis: Inegavelmente, através da dignidade e do sentimento amoroso de muitos sacerdotes, o Catolicismo tem prodigalizado imensos benefícios ao povo brasileiro e enaltecido a figura de Jesus no tempo e no espaço. Mas é Lei criada por Deus que as religiões também nascem, crescem, envelhecem e desaparecem, como nos tem demonstrado a própria história do mundo. A medida que elas vão perdendo a sua autonomia sobre os fiéis, obstinadas em ensinar os mesmos postulados infantis e supersticiosos de vários séculos atrás, também vão sendo substituídos por outros credos ou movimentos espiritualistas, que melhor se ajustam ao progresso científico do mundo e da humanidade! E a Umbanda então progride, porque além de amparar o sentimento religioso do povo brasileiro, proporcionando-lhe ensejos semelhantes aos já recebidos no seio da Igreja Católica, é doutrina atualizada, que ensina a lógica das vidas sucessivas e a justiça do Carma!

- **A maioria dos espíritas assegura que na Umbanda só baixam Espíritos inferiores, ainda presos às superstições e práticas pagãs. Que dizeis?**

Ramatis: Inúmeras vezes temos advertido que a presença de Espíritos inferiores não depende do gênero de trabalho mediúnico, nem do tipo da doutrina espiritualista, mas exclusivamente da conduta, do critério moral dos seus componentes e adeptos.

Juntamente com as falanges de Espíritos primários ou pagãos, também operam na Linha Branca de Umbanda Espíritos de elevada estirpe espiritual, confundidos entre Caboclos, Pretos-Velhos, Índios ou Negros, originários de varias tribos africanas. Porventura, Jesus não prometeu: *"Quando dois ou mais reunirem-se em meu nome, ali eu também estarei"*.

Ademais, em face da agressividade que atualmente impera no mundo pelo renascimento físico de Espíritos egressos do astral inferior para a carne, os trabalhos mediúnicos de Umbanda ajudam a atenuar a violência dessas entidades que se aglomeram sobre a crosta terráquea, tramando objetivos cruéis, satânicos e vingativos. As equipes de Caboclos, Índios e Pretos experimentados à superfície da Terra, constituem-se na corajosa defensiva em torno dos trabalhos mediúnicos de vários centros espíritas.

Sem duvida, conforme o pensamento dos kardecistas, o ideal seria doutrinar obsessores e esclarecer obsediados sem o uso da violência que, às vezes, adotam as falanges de Umbanda. Em geral, tanto a vitima como os algozes estão imantados pelo mesmo ódio do passado. E então é preciso segregar a entidade demasiadamente perversa, que ultrapassa até o seu direito de desforra, assim como no mundo não se deixa a fera circular livremente entre as criaturas humanas. Tanto aí na Terra como aqui no Espaço, o livre-arbítrio é tolhido, assim que o seu mau uso principia a ferir os direitos alheios.

- **Quais as deficiências atuais da Umbanda para ela enquadrar-se definitivamente no seu objetivo mediúnico e doutrinário?**

Ramatis: Alhures, já explicarmos que a Umbanda ainda ressente-se de uma codificação ou seleção definitiva de seus valores autênticos, dependendo de estudos, pesquisas, debates, teses e simpósios entre os principais mentores, chefes e responsáveis por todos os Terreiros do Brasil. Também seria conveniente definir-se a posição da Umbanda, cada vez mais ocidentalizada pela penetração incessante de brancos, em contraste com os trabalhos tipo "Candomblé", de culto deliberadamente primitivo e fetichista, fundamentado nas danças histéricas do mediunismo do negro africano.

Há de se fixar regras, cerimônias e métodos de trabalhos imprescindíveis à característica fundamental da Umbanda, como ambiente simpático à livre manifestação dos Pretos e Caboclos, mas dispensando-se tanto quanto possível o uso exagerado de apetrechos inúteis e até ridículos no serviço mediúnico e de magia.

Justifica-se, também, a padronização das vestimentas dos cavalos e cambonos em sua cor branca, mas visando principalmente a higiene, a simplicidade, em vez da fascinação de paramentos eclesiásticos e que podem culminar na imprudência do luxo e do fausto (...).

(...) Finalmente, Umbanda pode ser aspiração ou manifestação religiosa de um estado evolutivo do vosso povo, mas perfeitamente compatível com o atual foro de civilização, sem as excentricidades dos Batuques primitivos e da gritaria histérica até de madrugada. Não é prova de fidelidade nem demonstração de Espírito sacrificial, o homem participar de ritos e cantorias prolongadas que perturbam a vivencia comum dos demais seres, pois a Igreja Católica e o Protestantismo também praticam suas liturgias em horas e dias que jamais despertam protestos ou censuras.

Os negros africanos atravessavam a madrugada adentro condicionado aos ritos intermináveis e às danças histéricas, porque eles também dispunham totalmente do dia seguinte para a recuperação física através do sono prolongado. Mas o cidadão atual é um escravo do cronômetro e de mil obrigações diárias, que lhe exigem o repouso adequado para não malograr no sustento da família.

(Trechos extraído do capítulo "Espiritismo e Umbanda", do livro: "Missão do Espiritismo" – Psicografado por Hercílio Maes – Editora Freitas Bastos – Pelo Espírito de Ramatis)

Para finalizar, não nos esqueçamos do aforismo de Ramatis: *"A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero".*

A PRESENÇA DO SEMIROMBA SANTO AGOSTINHO NA INSTITUIÇÃO DA UMBANDA

O Semiromba Santo Agostinho é um dos colaboradores da Umbanda.

Agostinho nasceu em Tagaste, norte da África, em 354 d. C., quando o Império Romano estava sendo destruído pelas invasões bárbaras. Seu Pai, Patrício, era pagão; sua mãe, Mônica, posteriormente Santa Mônica, era cristã.

Aos 16 anos, foi estudar direito em Cartago, mas em 375 começou a se dedicar à filosofia, como resultado da leitura de "Hortêncio", de Cícero. Converteu-se ao Maniqueísmo e tornou-se professor de retórica em Roma, em 383. De Roma, foi para Milão, onde se viu tomado pelo carisma do bispo cristão Ambrósio. Por algum tempo, atraiu-o o neoplatonismo, mas depois de longa e dolorosa luta tornou-se cristão em 386, recebendo o batismo de Ambrósio na Páscoa de 387.

Sua intenção era levar uma vida "monástica", mas em 391 foi ordenado, contra a sua vontade, bispo de Hipona (hoje Annaba, na Argélia). Foi bispo durante trinta e quatro anos, tempo em que escreveu copiosamente, combateu heresias e viveu em comunidade com outros cristãos.

Aos 76 anos de idade, em 430 d. C., foi morto em Hipona, durante cerco da cidade pelos vândalos.

"Santo Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte. A razão disso encontramo-la na vida desse grande filósofo cristão. Pertence ele à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais deve a cristandade seus mais sólidos esteios". (Erasto – Evangelho Segundo o Espiritismo)

Vejam a importância desse Espírito de Luz, na formação e divulgação da Religião de Umbanda, pois ele próprio colaborou com a vinda do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas para o início da religião, que viria permear toda uma espiritualidade própria no Brasil:

(...) "Na federação Espírita do Estado do Rio, presidida por José de Souza, conhecido por Zeca, rodeada por gente velha, homens de cabelos grisalhos, ***um enviado de Santo Agostinho*** *me chamou (Zélio de Morais) para sentar à sua cabeceira. Havia uma ordem; ele fora jesuíta até aquele momento, chamava-se Gabriel Malagrida (Caboclo das Sete Encruzilhadas), e, naquele instante iria anunciar a Lei de Umbanda, onde negros e caboclos pudessem se manifestar, porque ele não estava de acordo com a federação, que não recebia negros, nem caboclos. Pois, se o que existia no Brasil eram caboclos, eram nativos, se quem veio explorar o Brasil trouxe para trabalhar e engrandecer esse país, os negros da costa da África, como uma Federação Espírita não recebia caboclos e negros?"* (Trecho da mensagem do Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas gravada em 1971, na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, pela senhora Lilia Ribeiro, diretora da Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade – RJ)

No relato, claramente, Zélio de Morais diz que *"um enviado de Santo Agostinho"* pediu que se sentasse à cabeceira da mesa de trabalho, e que havia uma ordem. Com certeza era a ordem, o momento, de se fundar a religião de Umbanda. Seria muita pretensão achar que o Sr. José de Souza era "o enviado" de Santo Agostinho; portanto, descarta-se essa possibilidade.

Muitos podem achar que "o enviado de Santo Agostinho" poderia ser um Guia Espiritual "incorporado" no Sr. José de Souza, mas também descarta-se essa possibilidade pelo fato do próprio Zélio em outras oportunidades ter dito que: *"(...) resolveram me levar à Federação Espírita de Niterói, cujo presidente era o senhor José de Souza. Foi ele mesmo que me chamou para que ocupa-se um lugar à mesa de trabalho (...)".*

Se o próprio presidente da Federação o chamou, então não foi um Guia Espiritual incorporado. Aliás, além de não ser feitio do espiritismo, é até inconcebível um Guia Espiritual incorporado dirigir um trabalho público, ou mesmo dar atendimento pessoal. Portanto, não poderia ser um Espírito manifestado mediunicamente que deu a ordem a Zélio, mas sim, espiritualmente (podia até, intuitivamente ser, através do senhor Zeca) um enviado de Santo Agostinho, já sabedor do que ocorreria naquela reunião, que o convidou para se sentar à cabeceira da mesa. Tem-se por normal, que a cabeceira de uma mesa, sempre é ocupada pelo anfitrião ou reservada a alguém de destaque; por esse fato, também podemos concluir que o Espírito que o convidou para sentar-se, sabia do importante evento que ocorreria naquele momento.

Outros também conjecturam que a frase – *"um enviado de Santo Agostinho me chamou para sentar à sua cabeceira"* – seria pelo fato de que a Sessão da Federação estaria se dando num Centro Espírita de Niterói, pois o órgão federativo não teria sede própria e sempre fazia seus trabalhos emprestando a sala de algum Centro Espírita. A Casa que ora estaria sendo realizados os trabalhos espirituais, chamava-se – "Grupo Espírita Santo Agostinho", e, por isso, o tal enviado de Santo Agostinho seria o dirigente da Casa.

Ora; sabemos que os trabalhos ali realizados eram da Federação, dirigido pelo presidente da Federação e não do dito Centro Espírita. Portanto, essa questão também não procede.

"(...) A segunda razão histórica está no fato de o Caboclo das Sete Encruzilhadas ter confirmado que havia sido um Padre Jesuíta de nome Gabriel Malagrida. Por que as entidades escolheriam um Padre Jesuíta, queimado na fogueira da Inquisição para ser seu porta-voz? Ainda mais se considerarmos que esse jesuíta foi queimado vivo por ter se oposto a ações do Marquês de Pombal, as quais prejudicavam o povo e beneficiavam somente a um grupo próximo a ele. Acreditamos que essa foi à razão mais forte para sua escolha, pois a Umbanda, enquanto a Manifestação do Espírito para a Caridade, já nasceu com o intuito de atender a todos os irmãos, igualmente, sem discriminação. Finalmente, a terceira foi à comunicação que o Caboclo das Sete Encruzilhadas fez a respeito da chegada desse grupo de entidades para o trabalho da caridade na Umbanda, de que eles tinham vindo em nome de Santo Agostinho (...)". (Mãe Maria de Omulú – Casa Branca de Oxalá)

Em respeito à questão da comunicação feita pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas com respeito a chegada de um grupo de Espíritos vindo em nome de Santo Agostinho para auxiliar a recém criada Umbanda, dada pela Mãe Maria de Omulú (dirigente da "Casa Branca de Oxalá", situada na cidade Lagoa Santa/MG) , entramos em contato com a mesma, e comunicou-nos que esta informação foi fornecida pela filhas de Zélio de Moraes – Zélia e Zilméia –, quando em visita em sua casa, cujo conteúdo encontra-se gravado em fita cassete, que faz parte da biblioteca do Terreiro (como já explanamos no Módulo I, este Terreiro é depositário de todo o material fonográfico e documental da história do Caboclo das Sete Encruzilhadas). Aliás, também nos disse que segundo as informações das filhas de Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas era, além de admirador, um grande devoto de Santo Agostinho.

Zélia e Ziméia de Moraes em visita a Mãe Maria de Omulú

Na Umbanda, encontram-se Espíritos de toda ordem, trabalhadores do bem, não importando a religião que tiveram em vida; aliás, isso não existe na espiritualidade maior; lá todos estão irmanados para o bem comum.

Também encontramos numa palestra ("O Pastor da Umbanda" – 1942) proferida pelo senhor José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), Dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas em 1942, um trecho elucidativo, que também corrobora com o nosso pensamento, sobre a importante presença de Santo Agostinho, bem como de seus enviados, na Umbanda:

"(...) Essas minhas declarações são tanto mais insuspeitas quanto todos sabem o grande amor que eu e todos os que fazem parte da Casa de São Jerônimo temos ao Caboclo da Lua, que é por nós considerado uma entidade de grandes poderes e elevada espiritualidade. Todavia, e para isso chamo a atenção de todos, por muito grande que seja, ele não hesitou em trabalhar sob a Chefia do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e foi ele quem organizou e lhe ofereceu a Tenda de São Jerônimo, que espero será um dos esteios de sua obra formidável.

Há alguns anos, previmos que Umbanda seria a futura religião do Brasil, numa visão feliz que posteriormente foi plasmada num estudo humilde e modestamente ofertado ***pelos filhos de São Jerônimo aos filhos de Santo Agostinho****, que a nós são unidos pelo coração e pelos mesmos ideais (...)".*

Observem que o Capitão Pessoa diz: *"(...) ofertado pelos filhos de São Jerônimo aos filhos de Santo Agostinho, que a nós são unidos pelo coração e pelos mesmos ideais (...)",* numa clara alusão de que o estudo efetuado pelos componentes da Tenda Espírita São Jerônimo, chamados de *"filhos de São Jerônimo"*, foi oferecido aos *"filhos de Santo Agostinho"*, os componentes da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Portanto, a presença deste Santo na formação da Umbanda é fato indiscutível.

Observe na figura abaixo, o símbolo utilizado na mão de Santo Agostinho (coração e flecha).

Os pintores da Idade Média com razão representaram Santo Agostinho tendo em sua mão um coração atravessado por uma flecha. Ele havia dito a Deus que *"tu atinges meu coração com a flecha de teu amor"*. O coração simbolizando o amor de Deus por todos, bem como o desejo de conhecê-lo e experimentar seu amor Divino.

A flecha transpassando o coração, de cima para baixo, representa o Espírito de Deus entrando nos corações. Todos são chamados a continuar crescendo na fé, na esperança e na caridade, principalmente ao próximo.

Por isso, o coração atravessado por uma flecha, também é considerado um símbolo agostiniano.

Muitos podem dizer que vários Santos Católicos possuem o coração transpassado por uma flecha como símbolo; pode sim, mas, esse símbolo é consagrado principalmente a Santo Agostinho, pelas suas palavras.

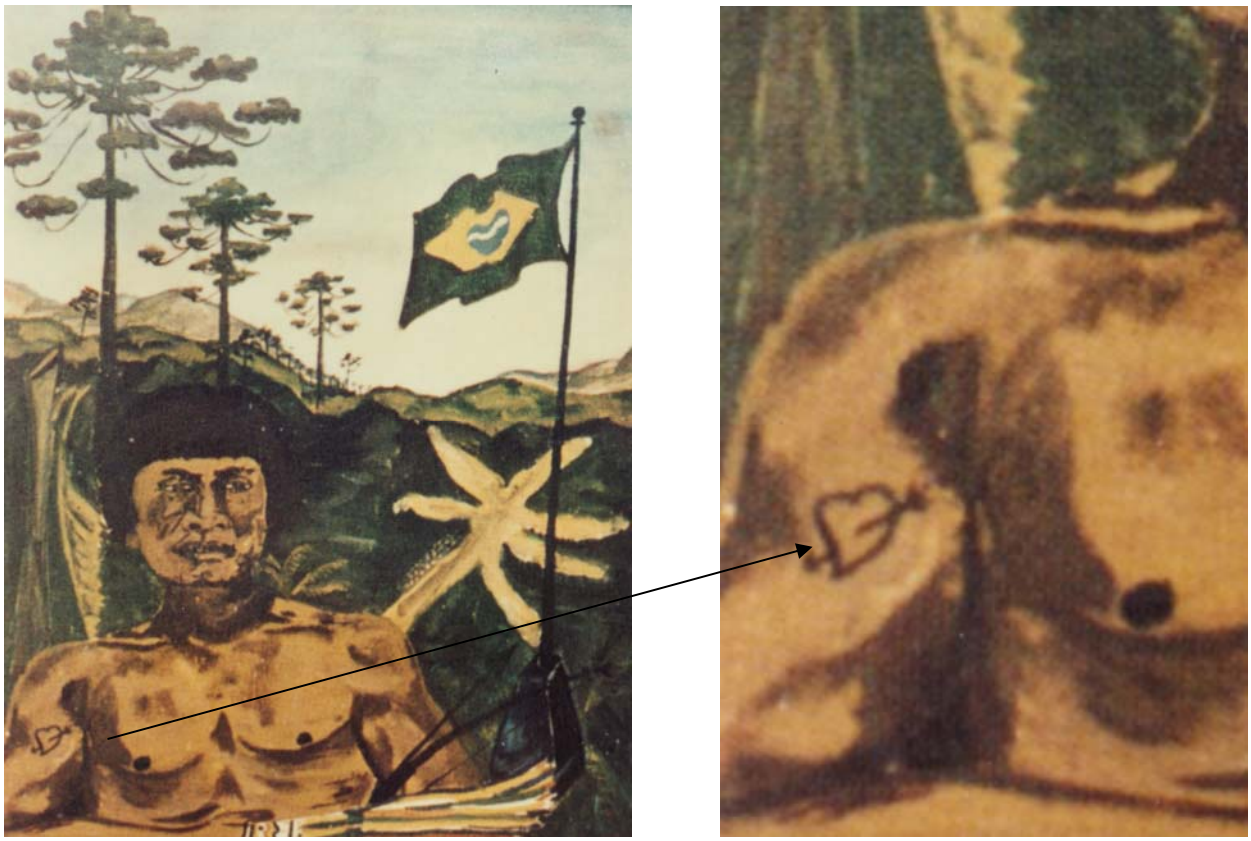
O ponto emblemático do Caboclo das Sete Encruzilhadas representando uma flecha atravessando um coração, está presente na antiga pintura mediúnica retratando o Caboclo das Sete Encruzilhadas, cujo original se encontra na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Isso mostra a ligação e o compromisso de Santo Agostinho com a Umbanda, juntamente com o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A presença deste Santo foi importante e decisiva na formação da Religião de Umbanda, e continua importantíssima na condução atual.

Santo Agostinho foi um dos mais importantes teólogos e grande inspirador da vida religiosa e do desenvolvimento do cristianismo no ocidente.

Segundo os Guias Espirituais, existe, no astral, a "Escola de Santo Agostinho". E uma das mais antigas Fraternidades de auxílio aos obsessores e portadores de doenças kármicas em serviço na crosta terrestre, ligada a Confraria dos Cavaleiros da Luz Divina; esta Confraria Espiritual umbandista é toda dedicada a receber os Espíritos trevosos retirados nos processos de Descarregos (desobsessão) nos Terreiros.

A "Escola de Santo Agostinho" está intimamente ligada à Umbanda.



Repare, na pintura original acima, a “tatuagem” no braço direito do Caboclo, bem como, abaixo, o mesmo símbolo emblemático, no antigo Peji da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. É o símbolo Agostiniano.

Símbolo Agostiniano afixado acima do altar principal da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade/RJ (o primeiro Terreiro de Umbanda do Brasil)

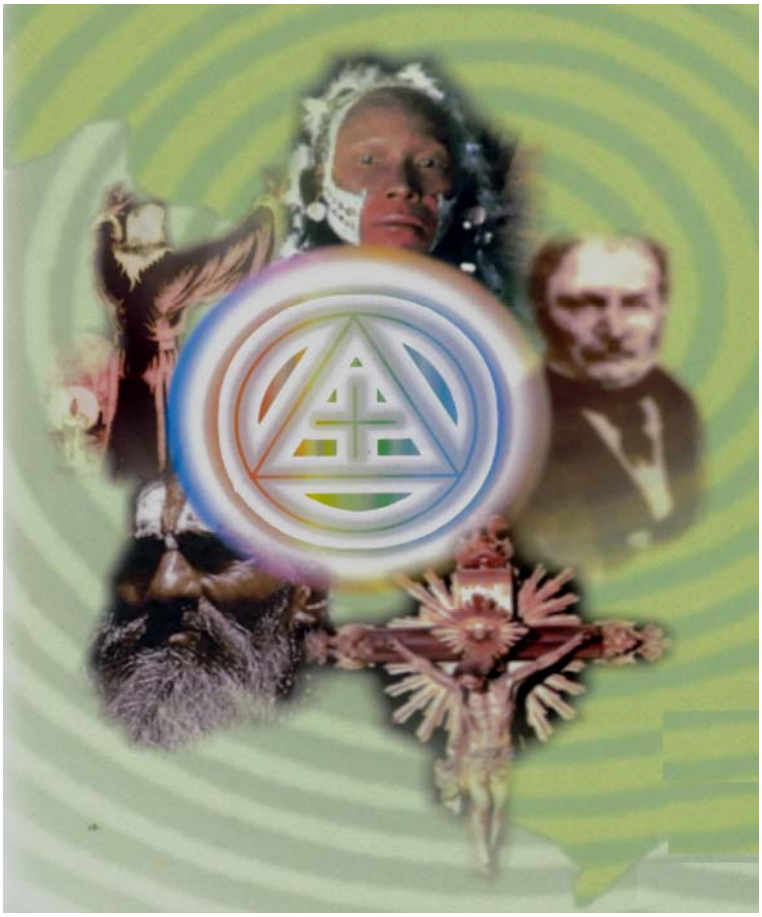
Observe que acima do Peji (altar), bem como no ponto riscado abaixo, o coração está disposto tendo a sua base voltada para a esquerda, fazendo com que a flecha fique direcionada para cima. Cremos que tenha sido colocado assim pelo fato de verem a flecha direcionando algo para cima. Mas o sentido ordinário do símbolo é com a base do coração em sentido normal e a flecha ficaria apontando para baixo, como está na tatuagem na pintura do Caboclo.

O primeiro “ponto riscado” na Umbanda foi o símbolo Agostiniano, o coração atravessado por uma flecha, o ponto emblemático do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas:

Ziméia de Moraes firmando o ponto riscado do Caboclo das Sete Encruzilhadas

Ponto riscado do Caboclo das Sete Encruzilhadas na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

A MULTIPLICIDADE RELIGIOSA, DOUTRINÁRIA E FILOSÓFICA PRESENTES NA UMBANDA



Usamos o termo “multiplicidade”, para designar a grande variedade religiosa, doutrinária e filosófica que a Umbanda apresenta.

Significado de Multiplicidade: *“Qualidade do que é múltiplo. Número considerável, abundância; grande variedade”.*

A Umbanda, atualmente, mostra-se ao leigo, como uma mistura heterogênea de cultos, religiões, magias, doutrinas e filosofias, devido às adaptações efetuadas ao longo dos anos segundo o critério pessoal de cada seguidor, e posteriormente colocadas como doutrina do seu Terreiro. Com isso, a Umbanda aparenta ser uma imensa colcha de retalhos formada pela diversidade cultural e religiosa do nosso país.

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, a partir de 1908, fixou as bases da “nova” religião, nos legando “Linhas Mestras” simples e objetivas como parâmetros a serem seguidos, a fim de que a Umbanda iniciasse sua trajetória terrena, rumo a sua real finalidade.

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas nenhuma religião nasce plena; ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Mas, como iniciar uma religião nacional, calcada na compaixão, nos ensinamentos crísticos, e na mediunidade científica propagada por Allan Kardec, num meio agreste, com a ignorância humana, o dogmatismo católico, o puritanismo kardecista, o primitivismo da macumba e a complexidade do orientalismo?

Como o Caboclo das Sete Encruzilhadas sendo porta voz da Cúpula Astral de Umbanda colocaria tudo o que é licito e rejeitaria tudo o que é ilícito dentro de uma recém formada religião, em tão pouco tempo de vida terrena de seu médium, sem ferir consciências, às vezes milenares, plantadas no intimo espiritual de cada um?

O Caboclo, como emissário da Espiritualidade Maior, com sua importante missão, plantou a Umbanda calcada na razão e no bom senso, nos ensinamentos crísticos, obedecendo fielmente o que Jesus ensinou, para assim, poder fincar sua doutrina em bases sólidas.

O Caboclo assim o fez: “*A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara”.* (Mt 9.37,38)

Pois foi isso mesmo o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas fez. Manifestou-se, ditou as "Linhas Mestras", iniciou o trabalho caritativo, e orou para que chegassem os companheiros de jornada, com paciência e resignação.

"O Reino dos Céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se. E quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu no teu campo boa semente? Por que tem então joio? E ele lhes disse: um inimigo é quem fez isso. E os servos disseram: queres pois que vamos arrancá-lo? Porém ele lhe disse: Não; para que ao colher o joio não arranques também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo ajuntai-o no meu celeiro". (Mateus, 13, 24 a 30)

O Caboclo das Sete Encruzilhadas começou a lançar a semente da doutrina umbandista, aguando-as com amor, ensinamentos e práticas caritativas, mas, deixando-as crescerem juntamente com o joio, pois, não queria contendas, revoltas, mágoas e nem impor nada a ninguém, mas somente conscientizar, e isso só se consegue com o tempo.

A partir daí, a Umbanda se disseminou aceleradamente, sem controle, pois, grandes partes de seus seguidores não atentaram para o preposto pelo iniciador, seguindo rituais primitivos, criando cultos próprios, com tendências ao que vinham praticando ou mesmo recordando práticas de outrora. Estava sendo semeado na recém criada Umbanda o joio das práticas obsoletas, censuráveis, primárias, sendo muitas condenáveis, e outras com ares de esoterismo milenar. Quem fez e faz isso, são os encarnados e alguns desencarnados descompromissados com as Verdades Divinas, no afã de reviverem suas práticas primitivistas. A Cúpula Astral de Umbanda foi e é complacente, aceitando cada um com o seu jeito de ser, até que completa-se 100 anos; a partir daí iniciou-se o saneamento, a separação do joio e do trigo. O trabalho será árduo.

Mas, o Caboclo, sabiamente, antevendo tudo isso, aguardou pacientemente, pois sabia que se fosse impor a Umbanda em sua realeza, com certeza faliria em sua missão, pois fora o joio, também acabaria, por osmose, ceifando também a boa semente. A Cúpula Astral de Umbanda permitiu que as práticas anti-crísticas e irracionais convivessem por determinado tempo, promovendo uma "umbandização" da miscigenação dos cultos mediúnicos existentes, bem como de práticas primitivistas, que perdura até os dias atuais. Observem que essa "umbandização" persiste, pois ainda não se pratica a Umbanda como quer a Espiritualidade Maior. Pratica-se muito sim, mediunismo umbandistico, mas não a Umbanda em sua totalidade. Ainda tem-se muita coisa a fazer e acertar. Com essa "umbandizaçao", podemos então entender o que se passa no universo umbandista, com as famosas "umbandas dentro da Umbanda, a idiossincrasia, as modalidades de Umbanda. Não é questão da Umbanda ter sofrido influências ou contribuições de outros cultos, mas simplesmente, a Umbanda está recolhendo o que é bom, inserindo em sua doutrina, e rejeitando o que é mal, relegando-o ao esquecimento. Mas isso leva muito tempo.

Ao invés de rejeitar o impróprio, a Cúpula Astral de Umbanda resolveu aceitar seus seguidores com suas manias e seus individualismos, com parcimônia, impondo a prática da compaixão como meta a cumprir, mesmo com imperfeições, aguardando chegar a doutrina conciliatória.

Hoje ainda se ouve: *"Cada Terreiro trabalha de um jeito".* Se for assim então devemos ser honestos e tirar a palavra Umbanda de nossas práticas e cada um se denominar de – Tenda, Casa ou Templo "Espiritualista" – pois ai sim cada um, com seus Espíritos, podem fazer o que quiserem sem se esconderem atrás de uma denominação religiosa, contrariando suas "Linhas Mestras", ditadas pelo instituidor.

Com tudo isso, o processo de "umbandização" ainda persiste, e hoje, muitos Terreiros, paulatinamente estão se integrando aos ensinamentos crísticos, e com certeza, futuramente, todos estarão unidos num só coração e num só pensamento, praticando a Umbanda como a Espiritualidade Maior quer, e não mais a Umbanda como o humano quer.

E chegado o momento da "ceifa"; o que é ilícito na Umbanda será ceifado, mas, como dissemos, demanda tempo. Com certeza, o momento é chegado, e a separação do joio e do trigo já começou.

Somos sabedores que sofremos influências, positivas e/ou negativas, tanto dos encarnados quanto dos desencarnados, diuturnamente. Mas, a decisão de seguir ou não essas influências que nos dão é completamente nossa, ou seja, do nosso livre arbítrio. Nosso Espírito é livre para decidir que caminho seguir.

A Umbanda é universalista em seus postulados e práticas, pois aceita tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal. Os umbandistas sérios, compenetrados e conscientes da sua religiosidade, procuram não aceitar em seu meio religioso práticas primitivas, desconexas, ou que não coadunam com os ensinamentos crísticos, com a razão e com o bom senso. Que possamos estar sempre receptivos às boas influências, ao chamado que nos levará ao caminho que nos direcionará ao Pai Misericordioso.

Entendamos que não é o culto, doutrina ou filosofia em si que está sofrendo o processo de "umbandização", mas sim, o que muitas pessoas trouxeram destes sistemas para a Umbanda, incorporando-os, alguns definitivamente como doutrina. Estes, estão sendo "umbandizados" paulatinamente, para que se transformem na realidade umbandista e sejam praticados condizentemente, pois após o processo de "umbandização", com certeza, estarão sendo praticados em conformidade com a querência da Cúpula Astral de Umbanda.

Devido a "umbandização", a Umbanda passa por imensas transformações a cada ano de vida, onde a Espiritualidade Superior vai separando a joio do trigo a fim de ressurgir uma religião livre do primitivismo, totemismo, idolatria, dogmatismo, idolatrias, dançarias desconexas, superstições, fetichismos, cultos externos desnecessários, magias disparatadas, sacrifício de animais, barulhos ensurdecedores, profusão de despachos e oferendas, apegos, fins pecuniários, adornos, adereços, roupagens coloridas, etc. Tudo isso leva tempo e grande persistência. Não podemos falar de influências antes de Zélio de Mores, pois a Umbanda começou com ele. Os fatores que contribuíram com a religiosidade da Umbanda, veio somente após algum tempo depois do advento do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. A Umbanda sofreu influências positivas e negativas, e está trabalhando afincamente para rejeitar tudo o que é mal, guardando somente o que é bom. Por trás dos bastidores, os trabalhos se desenvolvem de uma maneira fabulosa e não temos acesso e nem ideia de como tudo se processa. Por isso, o que escreveremos agora serão somente os aspectos exotéricos (externos) de cada religião, doutrina e filosofia que a Umbanda recebeu.

A Umbanda possui, em sua vertente astral uma infinidade de Espíritos atuantes das demais religiões ativas do plano material, e até mesmo aquelas que já terminaram suas missões na face da terra. Em se tratando de religiosidade, essas correntes abrigam tanto padres, rabinos, hindus, babalawôs africanos, como também magos caldeus, sacerdotes gregos, romanos, egípcios, druidas, pajés indígenas, malaios, tibetanos, indianos, etc. Isso é a Umbanda.

Vamos a um relato elucidativo do Espírito de Ramatis:

UMBANDA E INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS INDÍGENAS, NEGRAS E BRANCAS

- **PERGUNTA: - Umbanda; uma religião brasileira ou afro-brasileira?**

RAMATÍS: - Inquestionavelmente a Umbanda nasceu em solo pátrio, abrigando influências religiosas indígenas, negras e brancas. Unem-se em suas práticas, tal como está estruturada atualmente, em doutrina mediúnico-espiritualista de Terreiro, Espíritos de Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças, além de todas as outras formas e "raças" espirituais que as entidades do plano astral utilizam para fazer a caridade, tendo em vista que a Umbanda é guindada à universalidade no intercâmbio mediúnico, preponderantemente com influência africanista, em seu aspecto positivo, benfeitor.

É o contrário da rotina fetichista e atávica dos ritos de alguns Terreiros eminentemente de cultos africanos e indígenas já distorcidos dos rituais ancestrais das nações e tribos originais de que são procedentes, o que podeis denominar práticas mágicas populares, que não se enquadram nas "normas" do culto umbandista ditadas pelo missionário e luminoso Caboclo das Sete Encruzilhadas, particularmente quanto à gratuidade, dispensa de oferendas votivas com sacrifícios animais e não-utilização de sangue ritualístico.

Respeitosamente, e sem excluir nenhuma forma de mediunismo que almeja a caridade com o Cristo, diante da saudável diversidade da Umbanda, faz-se necessário, neste momento da formação da consciência coletiva umbandista, distinguirdes as práticas mágicas populares, distorcidas diante das leis de causalidade que regem a harmonia cósmica, do verdadeiro movimento de Umbanda, que se espraia na Terra provindo do Espaço com a finalidade de interiorizar nos corações o "Espírito" da caridade. As normas de culto ditadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas servem como balizadores àqueles que estão em dúvida sobre se os Terreiros que freqüentam são amparados ou não pela Divina Luz.

Está claro que toda sorte de mediunismo tem um valor diante da inexorável evolução dos seres, desde que a cada um seja dado em conformidade com seu merecimento e afinidade, necessidade de retificação e capacidade de assimilação, nada se perdendo do rumo do Pai. Ao público espiritualista que nos é simpático, impõem-nos os compromissos assumidos com os Maiorais do Espaço para ditar elucidações ampliando o discernimento das coletividades encarnadas que nos leem.

Assim, esclarecemos que há tipos de rituais confundidos com a Umbanda que vão desde a pajelança, um tipo de xamanismo brasileiro em que o Pajé incorpora em transe ritual com beberagem de ervas; o tambor de mina, em que se misturam cultos de diversas nações africanas com a pajelança para dar passagem às entidades de cura e para "tirar" feitiço; o Catimbó, em que a fumaça da queima de certas folhas oferece êxtase, dando poderes "sobrenaturais" ao pajé e colocando-o em comunicação com os Espíritos; o Ritual de Jurema, em que os "juremeiros" manifestam índios ousados, violentos e ardilosos ostentando enfeites de penas, cocares, tacapes, arcos e flechas, dançando em rito exterior que arrebata as populações carentes de assistência social e à saúde, com suas ervas e raízes curativas apresentando proezas fenomênicas entre fogo, brasa e cacos de vidros; bem como os rituais africanistas descaracterizados das matrizes ancestrais das antigas nações.

Não vos iludais com as aparências espirituais, em que Espíritos com formas astrais símiles aos da verdadeira Umbanda nas apresentações e completamente diferentes de sua essência caritativa, alimentam-se energeticamente em ritos "iniciáticos" sanguinolentos, regalados entre danças e acepipes de pedaços de animais sacrificados e farofas, finamente temperados, que enchem as covas estomacais qual enterro famoso em átrio sepulcral, tudo pago para o bem-estar dos médiuns e consulentes. Afirmamos que nada disso é Umbanda, enquanto movimento plasmado pelo Cristo Cósmico, que se irradia para a crosta terrícola do Astral Superior. Umbanda é uma verdade que independe da vontade e das suscetibilidades feridas de lideranças sacerdotais que conspurcam seu nome sagrado com práticas que não são condizentes com a caridade referendada no Evangelho de Jesus. Por outro lado, reconhecemos a existência de variados ritos, usos e costumes na Umbanda; alguns um tanto fetichistas, outros um pouco distorcidos: aqui um grito exagerado, ali uma apoteose dispensável, acolá um médium envaidecido com o guia "infalível", o consulente desejoso do milagre em seu favor, doa a quem doer. O hábil jardineiro do tempo extrai delicadamente os espinhos para não ferir as mãos. Nem tudo são belas e perfumadas rosas no jardim dos Orixás.

No atual movimento umbandista, isso é explicável pelo fato de não termos padronização ritualística ou codificação, o que, por sua vez, acaba "enxotando" os dogmas, tornando o movimento dinâmico e sempre evoluindo, como tudo no Cosmo. Oxalá e seus ditames prevêem o equilíbrio nessa diversidade.

Da obra Fundamentos de Teosofia, de C. Jinarajadasa, p. 22, publicada pela Editora do Pensamento, é transcrito o seguinte texto que elucida a questão da "diversidade" - tão vívida na Umbanda -, diante do Grande Plano de Evolução engendrado pelos engenheiros e arquitetos siderais: "(...) existe um processo evolutivo em incessante atividade; a conversão do Uno em Muitos. Não é um processo em que, nos Muitos, cada qual luta para si, mas em que cada qual chega à compreensão de que a sua mais alta expressão depende do serviço prestado a outros, por serem todos Um. A nota fundamental da evolução da forma não é uma série de partes semelhantes, simplesmente justapostas, mas um todo constituído de partes dessemelhantes em que uma depende das outras. E a nota fundamental da evolução da vida não se limita a um único temperamento, um único credo, um único modo de adoração, mas tem por característica a diversidade de temperamentos, de credos e de maneiras de servir, que se unem todos para cooperar com o Logos – Deus – e se lançarem na realização do que Ele planejou em relação a nós".

Diz-nos Ramatis: "Enquanto não praticardes o Espírito de cooperação e respeito fraterno entre as religiões e doutrinas da Terra, possivelmente continuareis retidos no ciclo vicioso das reencarnações sucessivas. O que rejeitais e excluís com o fel do preconceito de hoje influencia decisivamente o que, onde e como voltareis ao vaso carnal no futuro. Cooperação e respeito fraterno sem exclusões – que não vos leve a ter receio de indicar o que não é Umbanda, pois é convivendo em harmonia nas diferenças que amadurecereis espiritualmente. Os prosélitos que vos agridem, quando assim vos intuímos, não se mostram consciências preparadas para interiorizar e sentir a essência que sustenta a Umbanda: fazer a caridade".

É oportuno registrar que os costumes africanistas tribais de religiosidade ancestral aportaram no Brasil com acentuadas distorções de suas práticas originais. Já eram atacados pela Inquisição antes de as levas de escravos capturados serem jogadas nos fétidos porões das naus portuguesas. Via de regra, isso foi intensificado aqui pela continuidade da opressão do clero, que redundou em várias outras adaptações, com raras exceções que conseguiram manter os ritos primários incólumes. Impôs-se uma necessidade de sobrevivência da população negra explorada, "liberta" com a Lei Áurea, que ficou excluída do contexto social e entregue à própria sorte, sem nenhum apoio do Estado monárquico, que se curvava ao controle de um catolicismo arcaico e perseguidor (ambos se beneficiaram da pujança econômica oferecida pelo braço escravo). Finalmente livres, os negros se viram sem as moedas dos patrões que os alimentavam, sem o mínimo para a manutenção de suas vidas.

Foram, circunstancialmente, "obrigados" a cobrar pela magia curativa que faziam gratuitamente aos sinhôs e sinhás no recôndito das senzalas de chão batido. Dessa vez, estimulados pelos constantes pedidos dos próprios homens brancos que furtivamente saíam das missas e procuravam as choupanas dos ex-escravos alforriados, os quais subitamente se viram transformados em ilustres magistas de aluguel.

Distorceram, portanto, as leis divinas e deu no que deu: o vil mercantilismo religioso que viceja culturalmente em todos os recantos desta nação atual, formando o carma grupal a ser queimado no futuro, assim como foi no passado.

Afinal, quando nos vestimos com a roupagem transitória de Pai Benedito, perfilado na linha de frente da Umbanda, não fazemos a magia branca de raiz, ancestral e originária do Congo, da Angola, da Etiópia, do Egito ou dos velhos Templos da Luz de nossa remota e saudosa Atlântida?

A magia que praticamos do "lado de cá", apátrida, referendada por leis cósmicas universais e imutáveis, não é atingida pelas ilusões dos homens, que infelizmente se perpetuam, pelos equívocos que passam de geração a geração, ao longo das encarnações sucessivas nessa pátria verde e amarela (...).

- **(...) PERGUNTA: - O Brasil tem larga tradição católica, originária preponderantemente de Portugal, país de extrema devoção aos Santos, com os quais os fiéis estabelecem relação de favor sempre em troca de algo, presumindo "intimidade" com as coisas do sagrado. Isso não é intensificado na Umbanda?**

RAMATÍS: - A fé católica nos Santos e milagres era comum aos portugueses que aportaram no Brasil. Os lusitanos acostumados às "rezadeiras", com promessas aos Santos padroeiros, seus intercessores divinizados, acreditavam que seus pedidos eram levados mais rapidamente a Deus. Na luta dos conquistadores contra os índios selvagens e os negros sem alma, *("Os negros e índios passaram a ter alma, para a Igreja Católica, a partir de 1741, com a bula papal Immensa Pastorum, selada pelo papa Bento XIV, que declarava que essas raças, apesar de infiéis, eram receptivas à conversão como todas as outras. A aceitação das almas dos negros e índios simboliza a imposição da espiritualidade branca do catolicismo sobre as concepções originais dos escravos e silvícolas, que se apresentavam de fé inabalável, profundamente aferrados a seus mitos e rituais milenares, os quais foram combatidos ferrenhamente com muitos assassinatos que "contribuíam" para os "Céus" na extinção dos "endemoniados" da Terra, que não aceitavam a catequização imposta")* pela preservação da povoação dos territórios, invocavam os Santos guerreiros, como Santo Antônio, São Jorge, São Sebastião e São Miguel. Contra as doenças de pele, a tuberculose e a hidroencefalia, entre tantas outras enfermidades da época que acometiam seus familiares, reivindicavam apoio dos Céus por meio de ladainhas e autoflagelações a São Roque, São Brás e São Lázaro; das mulheres, como bom comportamento, exigiam que durante as missas intermináveis ficassem ajoelhadas, orando à Virgem Maria, em suas aparições como Nossa Senhora das Dores, da Conceição, do Parto, característica das famílias patriarcais portuguesas que elegiam a pureza de Maria como modelo de comportamento para suas moçoilas e matronas.

Na verdade, o catolicismo colonial é profundamente mágico e místico. Mesmo o clero proibindo as superstições pagãs, taxadas de heréticas em plena vigência inquisitorial, o discurso doutrinário não pregava a inexistência dos fenômenos ocultos e milagreiros. De maneira velada, os clérigos incentivavam essas práticas mágicas de apelo ao divino para conseguir benesses materiais, desde que a intervenção ao sobrenatural na vida dos crentes fosse propriedade da Igreja e por ela patrocinada.

Assim, bentinhos, figuras, medalhas de Santos, depois de benzidos pelos sacerdotes e colocados debaixo de travesseiros e colchões, detinham poderes miraculosos. Quando costurados em pequeno pedaço de pano viravam amuletos poderosos contra as forças maléficas do demônio. Ter em casa um vidro de água benta garantia proteção contra os maus Espíritos, bastando espargi-la nos cantos, entre cânticos. As fitas cortadas e abençoadas pelos padres nas missas dominicais, se amarradas na cintura do crente, removiam dores, nevralgias e problemas de coluna. Para as almas alcançarem os Céus, além da imprescindível extrema-unção, quanto mais velas, novenas e ladainhas fúnebres, maiores seriam os portões de entrada do paraíso.

Todo o fascínio mágico do catolicismo se confundia com a missa dominical: as rezas ritmadas, os sinos e campânulas, o altar com ossos e pedaços de roupas dos Santos, a purificação pela fumaça aromática dos incensadores, os anjos e querubins retratados na abóbada celestial nos tetos das capelas, sob os olhos intimidados dos crentes pedintes, tudo isso estabelecia uma fascinação mágica de que as lideranças eclesiais se aproveitam para reprimir fiéis, convertê-los e atraí-los.

Os negros e índios das cidades, proibidos de entrar pela porta principal das igrejas, eram acomodados em pé nas laterais, aos fundos (os melhores lugares eram da nobreza branca), e ficaram totalmente submetidos à religião do conquistador português, sendo convertidos, porém preservando sua religiosidade original, sem perda da fé ancestral.

Nos dias atuais, na Umbanda, essa relação de troca mágica entre os consulentes pedintes e os Espíritos é ainda visível. De fato, a grande aceitação das tradições afro-ameríndias amalgamadas com o espiritismo e os Santos católicos penetrou intensamente na alma mística do brasileiro. Existe um infindável número de Terreiros umbandistas e centros universalistas em que é possível o estreitamento do contato com os Espíritos dos mortos, criando uma relação mágico-religiosa personalizada pelo transe mediúnico. Nela, deságua o carma grupal que envolve as individualidades encarnadas e desencarnadas em busca de redenção espiritual, pois todas estão retidas no orbe terrícola, impedidas momentaneamente de alcançar o passaporte cósmico que as levará a novas paragens espirituais. Como dizem os Pretos-Velhos em suas mensagens simples e de grande sabedoria: *"(...) quando a pedra aperta no sapato, há de se parar um pouco para aliviar a dor no pé, podendo o filho continuar depois a caminhada"*.

Considerando o mediunismo de forma ampla, o qual não se restringe à Umbanda, não vos deixeis enganar, tendo em vista que as preces veladas, as posturas silenciosas e compungidas de muitos espíritas e espiritualistas da "Nova Era" são recheadas de pedidos íntimos e secretos de apelo materialista, além de muito escassos no merecimento, de acordo com as leis de causa e efeito e respeitando o livre-arbítrio do próximo.

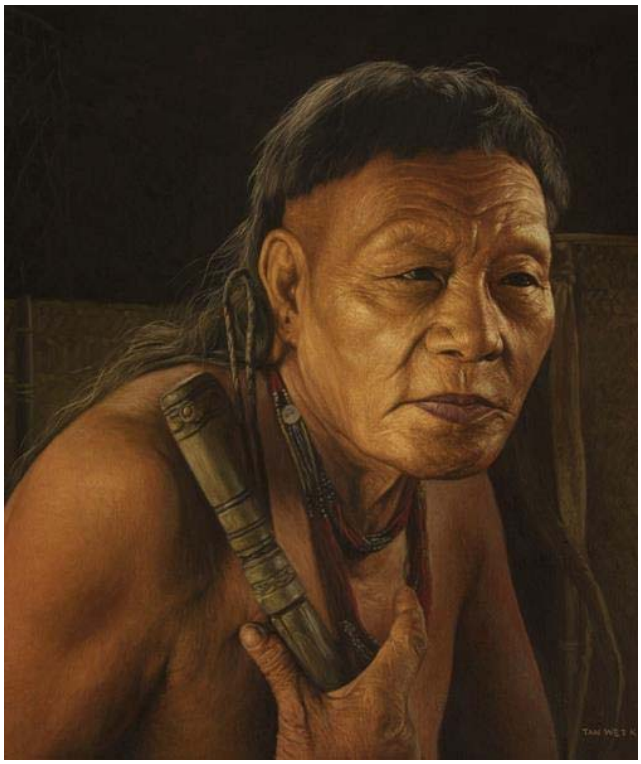
Na relação individual com o plano espiritual, são inevitáveis os maneirismos e condicionamentos mentais arraigados no inconsciente, como podereis deduzir por vós ao avaliar vosso próprio íntimo.

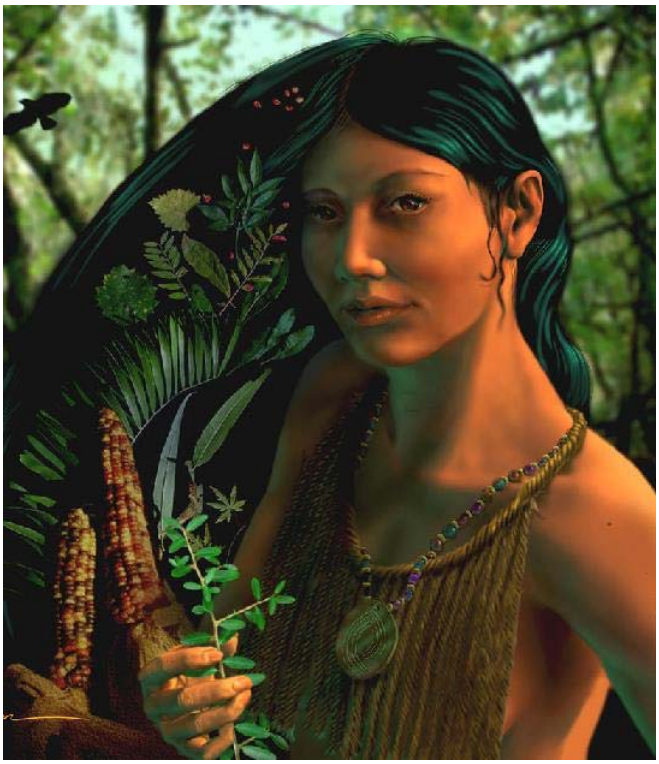
("A Missão da Umbanda" – Obra mediúnica inspirada pelo Espírito de Ramatís ao médium Norberto Peixoto)

Iremos versar sobre alguns conceitos, rituais e doutrina, que alguns cultos e filosofias mais marcantes legaram para a Umbanda após sua fundação, para entendermos que muita coisa que professamos atualmente encontra-se na raiz de cada um desses sistemas.

Vamos então ao estudo sucinto dos sistemas mais marcantes que estão presentes na Umbanda, lembrando que a Umbanda é uma religião crística, que tem em suas fileiras obreiros da vida eterna que tiveram encarnações em várias partes do orbe terrestre, com seus costumes e maneiras peculiares de apresentação e trabalho espiritual. A religião de Umbanda não se baseia em fatores religiosos e práticas raciais, mas sim, utiliza tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal, com fins totalmente caritativos. A Umbanda não é fundamentada em um aspecto racial/religioso/filosófico; é fundamentada essencialmente nos ensinamentos do Evangelho Redentor, constituindo-se numa religião compassiva. Temos as presenças positivas e as negativas, incorporadas, onde muita coisa infelizmente ainda persiste na religiosidade de Umbanda pela insistência de muitos profitentes, desconhecedores da realidade espiritual de tão magnífica religião. Vamos ao estudo sucinto das mais marcantes:

- **INDÍGENA**





AS ORIGENS DA UMBANDA: RITUAIS INDÍGENAS SEM PARÂMETROS NA VELHO MUNDO

Ao se depararem com os índios brasileiros, os padres jesuítas e reformadores calvinistas ficaram espantados com o que esperava por eles nestas terras. Ao contrário dos indígenas antes encontrados pelos colonizadores das Américas, os nossos índios tinham uma concepção religiosa e mística que espantou aos estudiosos da época, mas que hoje nos soaria extremamente familiar. São inúmeros os relatos onde a estrutura moral e concepção religiosa do indígena brasileiro, antes de ingênua ou selvagem como imaginavam os europeus, era na verdade de grande maturação espiritual se vista como o entendimento atual.

Em seu livro "*Crônica da Companhia de Jesus*", padre Simão de Vasconcelos relata: *"Os índios do Brasil, de tempos imemoriais a esta parte, não adoram expressamente deus algum: Nem tem templo, nem sacerdote, nem sacrifício, nem fé, nem lei alguma"*. Para continuar mais adiante: *"Disse do Brasil, porque dos Índios de quase todas as outras partes da América, do Peru, do México, Nova Espanha etc., sabemos o contrário, e que acharam aqueles primeiros seus descobridores grandes indícios, e ruínas de templos famosos, de variedades de ídolos, cerimônias e cultos".* Mesmo espantado com a falta de "adoração" por parte dos índios brasileiros, Simão de Vasconcelos não deixa de notar que: "*claramente por comum não reconhecem deidade alguma, tem, contudo, uns confusos vestígios de uma excelência superior, (...) os mesmos vestígios há entre eles da imortalidade da alma e da outra vida;"*

Na verdade, o que ele não entendia, é que desde aquela época, nossos índios tinham o costume de se comunicar com seus antepassados, através do transe mediúnico induzido através do tabaco e bebidas fermentadas. O que para ele era um sinal de selvageria e uma festa pagã, para os nossos índios era uma cerimônia com direito a passes, rezas e aconselhamentos. Observem como o mesmo Padre Simão relata o que viu os índios brasileiros fazerem, depois de usarem o tabaco e o vinho:

"(...) depois de assim animados, fazem visagens e cerimônias, como se foram endemoninhados, dizem aos outros o que lhes vem à boca, ou o que lhes ministra o diabo; e tudo o que dizem enquanto dura aquele desatino creem firmemente, qual se fora entre nós a revelação de algum Profeta. (...) A uns ameaçam más venturas e a outros boas, (...) como dito de alguma deidade". Padre Simão de Vasconcellos relata ainda neste mesmo livro e em outro em que narra a vida do também padre João de Almeida, diversos casos onde a tradição indígena demonstra resultados espantosos, claro que sempre interpretados pelos europeus como "*notáveis espécies de feitiçarias*".

Sem parâmetros de comparação com a "civilização" europeia, o índio brasileiro vivia, antes da chegada do homem branco, em perfeita comunhão com a Natureza, seus ancestrais e sua religiosidade. Se causou espanto aos pretensos colonizadores o modo como agiam, os selvagens que não tinham "*nem fé, nem rei e nem lei"* conforme escreveu em 1584, Gabriel Soares de Souza, viviam a seu modo simples em média até os 120 a 140 anos. Sua sabedoria e simplicidade ficam claras nas palavras que o missionário francês Jean de Léry coloca na boca de um velho caraíba, no livro "Viagem à Terra do Brasil*"* de 1578: *"(…) há muito tempo, já não sei mais quantas luas, um mair como vós, e como vós vestido e barbado, veio a este país e com as mesmas palavras procurou persuadir-nos a obedecer a vosso Deus; porém, conforme ouvimos de nossos antepassados, nele não acreditaram. Depois desse veio outro e em sinal de maldição doou-nos o tacape com o qual nos matamos uns aos outros".*

(http://umavelacesa.blogspot.com/search/label/umbanda)

Sua importância na religião é marcada pela presença espiritual fluídica de arquétipos de silvícolas, os Guias Caboclos da Mata, e seus auxiliares, os Protetores Caboclos Sertanejos (cafuzos), e Protetores Caboclos D´Agua (mamelucos). Trazem na essência espiritual suas hierarquias, sua espiritualidade, suas curas, seus cultos, suas crenças; trazem grandes influências para a Religião de Umbanda. A mística umbandista dos índios e mestiços como "Caboclos" é um dos pilares da Religião de Umbanda.

Viajantes e estudiosos que visitaram o Brasil colonial escreveram que as tradicionais religiões indígenas se valiam em procedimentos mágicos, para influírem na vida das pessoas e no mundo físico, através de plantas e animais. Assim, populariza-se a crença de que a heterogênea litúrgica e mística dos índios deriva de um antigo culto a Deus – "Tupã", conhecido como Supremo, por todos os povos indígenas.

Formaram-se rituais fúnebres para agradar os mortos, evitando que viessem à comunidade. Bebidas alucinógenas eram empregadas para expandir a consciência; o Tabaco misturado com ervas no cachimbo era utilizado para benzer, curar, expandir a consciência e exorcizar. O uso das ervas em maceração (banhos) e defumadouros era diário. Seu mundo místico era um universo em que os Espíritos de humanos, animais e divindades coexistiam em harmonia dinâmica. Curas físicas e espirituais eram processadas em rituais encantatórios com o uso da ectofitoplasmática brasileira.

A Pajelança, como hoje conhecemos, é uma medicina indígena praticada pelo sacerdote "Pajé", com o uso de infusões, beberagens, macerações, tisanas e mistura de Tabaco com ervas.

No aspecto litúrgico, observa-se o fato de uma forte relação com a Umbanda praticada nas regiões Norte e Nordeste, onde são comuns, em sessões de curas, procedimentos como: Chupão, Benzeduras, Beberagens (garrafada), entre outros. Nesses rituais, as entidades espirituais são genericamente chamadas "Caruanas" e recebem nomes como: Jatuzinho – Ariranha – Índia – Carumbé – Boto Branco – Jacarezinho – Mãe D´Agua – Yara, etc.

A RAIZ INDÍGENA NA UMBANDA

Neste contexto, a abordagem que se fará é indígena e não africanista. Por quê? Devido à supervalorização, até por parte de muitos umbandistas, da cultura negro-africana, do culto aos Orixás das nações de Candomblé, criou-se uma ofuscação da questão indígena.

Facilmente encontramos vasta literatura a respeito da cultura africana e muito pouca, quase nada, sobre a riquíssima cultura indígena brasileira no que se refere a Umbanda, sendo estes "índios e mestiços" formadores da nossa raiz ancestral e cultural.

Muitos irmãos de fé dizem que a raiz origem da Umbanda está na África. Muitos até dizem ser a Umbanda uma ramificação do Candomblé. Um fato inquestionável e indiscutível, na minha opinião (Hugo Saraiva), é que os negros africanos muito contribuíram para o surgimento do que hoje chamamos de Umbanda em solo brasileiro, mas acredito que a raiz da Umbanda esteja na Espiritualidade. Utilizou-se ela (a espiritualidade) da miscigenação das raças e pluralidade cultural e teológica existente no Brasil para difundir uma "religião única", baseada na caridade e no amor ao próximo. Por ser uma filo-religião dos Espíritos de Deus, os mesmos, com a permissão de Oxalá, se apresentam no mundo físico numa forma de pronto-socorro espiritual, religando o homem ao Divino através de seu encontro e harmonização com as forças da Natureza.

Podemos então perceber que a raiz da Umbanda não está no homem, mas sim no Espírito de Deus. Talvez, devido a este fato, a Umbanda não tenha uma codificação como o Espiritismo tem. Não tem um codificador (apesar de muitos irmãos quererem codificá-la) justamente para não criar certos dogmas e mitos, para não impor uma concepção única a respeito da Espiritualidade, dando-lhe a liberdade para que os irmãos se utilizem dos segmentos teológico/religioso que mais tiver afinidades, mas sabedor que só se chega ao Pai Maior utilizando-se da caridade desinteressada como prova de amor ao próximo, praticando assim o Evangelho de Jesus, tal qual nos foi revelado.

A raiz africanista de que muitos irmãos falam, parte da forte influência da cultura negra no processo de miscigenação umbandista. No entanto, estes mesmos irmãos não atentaram a analisar a Umbanda sob a perspectiva indígena. Ao chegarem os brancos europeus e posteriormente os negros escravos no Brasil, já existia aqui uma raça e uma cultura predominante. Os Tupis, Tupinambás e Tupis-Guaranis.

Os índios, na época, já tinham seus ritos religiosos e magísticos, danças típicas como o "Aruanã", danças totêmicas, cultuavam e reverenciavam as forças da Natureza como manifestações da divindade, tendo cada divindade respectiva, que, inclusive, podemos associar aos Orixás da Umbanda. Vejamos a Teogonia indígena:

TUPI ARCAICO	GUARANI	UMBANDA
Tupã	**Nhanderú**	**Deus – Zambi**
Araxalá	**Yandé Yará**	**Oxalá (Jesus)**
Xingu	**Karamurú**	**Xangô**
Araxassi	**Aimoré**	**Oxossi**
Yêagaum	**Urubatan**	**Ogum**
Yámanyá	**Cy ou Yacy**	**Yemanjá**
Rudá	**Rudá**	**Oxumarê**
Yára	**Yára ou Prânacy**	**Oxum**
Yámanacy	**Amanacy**	**Nanã Buruquê**
Yêmuerá	**Payessú**	**Omulú**
Yávyara	**Ycayabá**	**Yansã**
Yêrumym	**Kurumym**	**Ybeji**
Mara	**Mara**	**Pomba-Gira**
Anhangá	**Anhangá**	**Exu**

Estes são alguns exemplos e creio que muitos irmãos devem estar surpresos com estas informações, pois não costumamos valorizar nossa própria cultura, nossa brasilidade.

Percebemos aqui semelhanças entre cultos e rituais afros e indígenas. Raças diferentes, continentes diferentes, culturas diferentes. Tudo coincidência???

Acreditamos que tudo isso mostra a essência Divina que se manifesta em todas as partes, de acordo com a cultura, a estrutura social e a herança religiosa de cada povo.

(Texto de Hugo Saraiva, com complementações do autor)

A contribuição Indígena para a Umbanda, basicamente, foi a presença fluídica arquetípica regional de silvícolas e mestiços, o uso da ectofitoplasmática em banhos e defumações, o Tabaco sagrado e o respeito à Mãe Terra.

Os Espíritos com a roupagem fluídica arquetípica de Caboclos na Umbanda:

Com a roupagem fluídica arquetípica regional de silvícolas nominamos de: "Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos (as) da Mata".

Dessa Linha Mestra de Trabalhos Espirituais, surgem duas Linhas Auxiliares de Trabalhos Auxiliares:

1) Com a roupagem fluídica de cafuzos, surge a Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos Sertanejos (Caboclos Boiadeiros e Caboclas Rendeiras).

2) Com a roupagem fluídica de mamelucos, surge a Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos D´Agua (Caboclos Marinheiros, Caboclos Marujos, Caboclos Barqueiros, Caboclos Pescadores, Caboclos Canoeiros, Caboclos Caiçaras, Caboclos Jangadeiros, e Caboclas Lavadeiras).

Daí percebe-se, usando a razão e o bom senso, que a maior Linha de Trabalho Espiritual, e a de maior contribuição dentro da Umbanda não é a indígena africanista, mas sim, a indígena brasileira.

É isso. É ver, observar, estudar e comprovar.

Devemos estudar e resgatar as tradições indígenas da nossa terra, observando seus ensinamentos, pois ali encontraremos as "chaves" para muita coisa que ainda na Umbanda muitos dizem ser mistério. O que não podemos fazer é trazer para a Umbanda o primitivismo da Pajelança, o fetichismo, o vestuário, cocares de pena, tacapes, arcos e flechas, machados de pedra, ingestão de bebidas alcoólicas, alucinógenas e/ou enteógenas, o folclore, a superstição e o totemismo indígena e caboclo, mas sim, trazer e incorporar em nossa cultura todo o conhecimento e o respeito à Natureza e as coisas Divinas, que os indígenas se diplomaram há séculos. Afinal, somos uma Religião Crística,

- **CATOLICISMO POPULAR**

Embora a maioria dos dirigentes Umbandistas tenha assumido a identidade Umbandista, raramente o catolicismo é renegado. Podem, eventualmente, criticar algumas atitudes da Santa Sé, mas, em geral, não deixam de respeitar o catolicismo, que, aliás, é uma instituição respeitável.

Os símbolos e orações usados pelos católicos estão sempre presentes nas sessões de Umbanda. Não nos referimos apenas à presença dos Santos católicos nos altares, mas a própria celebração e sacramentos. Os cânticos de abertura e fechamento de sessões mais comuns dizem: "Abro e fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora".

Bênçãos são dirigidas a Deus, nosso Pai, e rezas utilizadas pelos católicos são frequentes. As rezas são importantes no contexto Umbandista, recomendadas por dirigentes e pelos Guias e Protetores Espirituais.

A Igreja Católica também convive tranquilamente com a apropriação popular de seus Santos, suas orações e alguns sacramentos, por parte da Umbanda.

Se o catolicismo é visto como a religião primeira, quais seriam os fatores capazes de atrair a Umbanda uma clientela vasta e predominantemente católica?

É claro que a presença de Santos, ritos, sacramentos, celebrações, rezas e mitos comuns e a ambivalência de símbolos religiosos facilitam a aproximação de católicos ao universo umbandista. Tratamento individualizado dos fiéis, em que os princípios e doutrinas religiosas são cotejados com a vivência, a qual assim adquire significado.

O confessionário católico decaiu, pois assumiu um caráter controlador e penitencial. Como a Umbanda não tem esta vocação repressiva, suas virtudes orientadoras afloram, pois não pode haver preconceitos e a Umbanda aceita a todos de braços abertos, orientando-os à luz dos ensinamentos crísticos.

Quanto ao parâmetro ideal de que todas as religiões são aceitas igualmente, válidas pela Umbanda, não encontra total fundamentação nas práticas concretas dos Terreiros. Todas as religiões são boas. Cada uma tem um método de seguir e todos os caminhos se encontram num (...) e um só: Deus.

Nós Umbandista aceitamos alguns Santos cultuados na Igreja Católica, pelo simples fato de serem Espíritos justos e virtuosos, que, quando encarnados, foram exemplos de paz, fé, amor, caridade e desprendimento material; e de volta ao plano espiritual, nos incitam ao bom caminho, calcados no Evangelho Redentor; e não somente pela explicação de sincretismo, fundamentada em estudos antropológicos, que diz que somente fizeram uma ligação dos Santos com os Orixás, por verem semelhanças entre eles; Não aceitamos tão somente tal dissertativa; sincretismo é coisa de cultos afros e não da Umbanda.

Repetindo: *"O aparente sincretismo foi previsto pela espiritualidade, para no menor tempo possível, angariar o maior número de adeptos, em decorrência da própria formação racial brasileira. Mas, na verdade, a Umbanda, que não é afrodescendente; não é sincrética. Cremos que alguns Santos proeminentes, Espíritos Superiores, que na Umbanda são também nominados de Orixás, pontificam Linhas de Trabalhos dos Orixás Mediadores, como representantes dos mesmos, atuando em comunhão com essa força; Exemplos: Jesus milita na força Oxalá; São Jorge milita na força Ogum; São Jerônimo milita na força Xangô; Santa Bárbara milita na força Yansã; São Lázaro milita na força Omulú, etc. (eles não são "o" Orixá, mas "militam na força" Orixá, perfazendo toda uma Linha de Trabalho Espiritual). Somente os culto-afros são sincréticos. O único sincretismo existente na Umbanda é dos arquétipos regionais dos Guias e Protetores Espirituais, ligando-os aos tipos sociais brasileiros"*. Estaremos explicando essa questão mais profundamente, no IV Módulo, no capítulo: "A UMBANDA NÃO É SINCRÉTICA".

Não se esqueçam que nós umbandistas seguimos aos Espíritos da Luz, não importam de onde venham ou o que foram na vida terrena. Muitos umbandistas refutam os Santos ou mesmo alguns Espíritos militantes no Espiritismo, pelo fato de serem militantes e cultuados por outra religião. Será que se esqueceram que muitos Guias de Umbanda também foram refutados simplesmente pelo fato de não serem civilizados, de serem negros, índios, etc., e pertenceram às religiões naturais? Porque seria diferente o umbandista refutar a presença de Espíritos de Santos que em vida foram Católicos ou mesmo alguns Espíritos que militam no Espiritismo?

Vale a pena acrescentar a opinião do abalizado Sr. Leal de Souza, em 1932, dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, umas das sete Tendas iniciais fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

A Linha Branca, o Catolicismo e as outras Religiões

Ensina Allan Kardec, a página 434 do "Livro dos Espíritos", que a religião se funda na revelação e nos milagres, e acrescenta, na página 440 da mesma obra: - *"O espiritismo é forte, porque assenta nas próprias bases da religião".*

Sendo assim, a religião de origem divina, não podemos esperar que as derrubem os nossos ataques, nem devemos considerá-la merecedora de nossas zombarias. Os filhos de Umbanda respeitam e veneram todas as religiões e, sobretudo, a Igreja Católica pelas suas afinidades com o nosso povo e ainda pelas entidades que a amparam no espaço.

Obre terrestre originária do espaço, a Igreja Católica está cheia da sabedoria dos iluminados, e a Linha Branca de Umbanda pede, com frequência, a sua tradição, e aos seus altares, elementos que lhe facilitem a missão de amar a Deus, servindo ao próximo, e nisso não se afasta de Allan Kardec, pois a página 442 do "Livro dos Espíritos" lê-se:

"O espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode inculcar-se como seu criador, pois, tão antigo é ele quanto a criação. Encontramo-lo por toda a parte, e em todas as religiões, principalmente na religião Católica, e aí com mais autoridade do que em todas as outras, porquanto nela se nos depara o princípio de tudo quanto há nele: os Espíritos em todos os graus de elevação, suas relações ocultas e ostensivas com os homens, os anjos guardiões, reencarnação, e emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, todos os gêneros de suas manifestações, as aparições, e até as aparições tangíveis. Quanto aos demônios, esses não são senão os Espíritos maus, salvo a crença de que eles foram destinados a passar perpetuamente no mal".

Estamos convencidos de que se os espíritas estudassem com mais profundeza e com ânimo desprevenido a liturgia da igreja, haveriam de aperceber-lhe um sentido oculto, compreendendo que na majestade sonora das naves se conjugam todas as artes para favorecer o êxtase e desprender a alma, elevando-a a Deus.

Sou dos que acreditam que o catolicismo, como todas as igrejas, vão entrar num período luminoso de reflorescimento, revigorado e rejuvenescido por surpreendentes reformas para as quais vão cooperar, com o antagonismo de suas diretrizes, as correntes materialistas de nosso tempo, e a evidência multiplicada dos fenômenos espíritas.

Um espírita eminente, o Dr. Canuto de Abreu, que é, além de médico e advogado, um verdadeiro teólogo, entende que o espiritismo trouxe para a Igreja Católica um dogma novo – o da reencarnação, e para todas as religiões necessárias a evolução humana, um princípio correspondente a esse.

Procurando penetrar o futuro, acreditamos que o espiritismo triunfará na Igreja, sem destruí-la. Assim como invoca o consenso unânime dos povos para demonstrar a existência de Deus, a igreja invocará a universalidade das manifestações espíritas para aceitar o espiritismo, e talvez época surja em que os templos tenham escolas e corpos de médiuns. Longe de prejudicar o espiritismo, isso lhe aumentará a força, o prestígio e a eficácia, colocando sob a orientação dos Espíritos as corporações sacerdotais.

Voltando, porém, ao presente, acrescentamos que a Linha Branca de Umbanda, que conta, entre os seus Guias, tantos antigos padres, não procura intervir na vida da Igreja para atacar seu clero, limitando-se a observar que há clérigos ruins, como há péssimos presidentes de sessões espíritas, e que nem aqueles, nem estes, com seus erros e falhas, atingem a Igreja e o espiritismo. Ante a Igreja, qualquer que ela seja, Católica, ou protestante, como diante do sacerdote, quer pastor, quer padre, é de simpatia e respeito a atitude do filho de Umbanda e o conselho que aqui poderíamos deixar aos crentes daqueles templos se resume em poucos palavras: *"Segue rigorosamente os preceitos da tua religião, e Deus estará contigo"*.

(Trecho de Leal de Souza – 1932 – Diário Carioca – Rio de Janeiro – Sexta-Feira, 23 de Dezembro de 1932 – 1ª Edição – 2ª Seção – página 06)

A contribuição mais valorosa não foi do catolicismo como instituição religiosa, com seus dogmas, leis e direitos canônicos, mas simplesmente do catolicismo popular, lírico, ensinado pelos nossos ancestrais. Nossos antepassados nos legaram a presença do Sagrado Evangelho Redentor, a crença e o amor em Nosso Senhor Jesus Cristo, na Mãe Maria Santíssima, nos Anjos e alguns Santos. Alguns sacramentos católicos também foram absorvidos pela Umbanda, pela sua positividade; a Umbanda aceita tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal.

Outra contribuição importante foram os exemplos dignificantes de vida cristã que nos legaram alguns Santos católicos consagrados pelo povo, que nos influenciaram positivamente na prática da caridade, do amor, da benevolência, do auxílio ao próximo, da fé, da oração, do Rosário, das rezas, etc.

- **CULTOS AFRO-BRASILEIROS**

A Chegada dos negros Africanos no Brasil – A escravidão

"Com um imenso território escassamente povoado, o Brasil tinha pouco mais de 3 milhões de habitantes – menos de 2% da população atual. De cada 3 brasileiros, 1 era escravo. Quase 2 milhões de negros cativos foram importados para trabalhar nas minas e lavouras do Brasil durante o século 18. Foram um dos maiores movimentos forçados de pessoas em toda a história da humanidade. O tráfico de africanos sustentava a prosperidade da economia colonial. Os escravos eram os motores das lavouras de algodão, fumo e cana, e também das minas que drenavam a riqueza para a metrópole. Os cativos somavam aos negros libertos, mulatos e mestiços – seus aliados entre os pobres que viviam à margem da sociedade colonial – eram mais de dois terços da população. A cidade de Salvador/BA era um polo distribuidor de escravos para a região das Minas e para o resto do Brasil. Eles chegavam de muitas regiões da África: da Costa da Mina, de Angola, de Moçambique. O tráfico havia se espalhado por toda a costa da África, e os preços estavam muito baixos. Junte-se a isso uma demanda crescente por trabalhadores nos canaviais do Recôncavo, e temos um aporte excepcional de cativos. As ruas de Salvador eram 100% negras "(...) (Revista Superinteressante edição 251 – abril/2008)

Escravatura do Brasil de 1530 a 1888

No Brasil, começa por volta de 1530, com a escravatura desordenada e em massa de diversos cultos, nações e línguas de negros africanos, ocasionando uma mistura de concepções religiosas. Como fatores marcantes dessa etapa, podemos citar:

- Mistura de cultos de Angola, Congo, Bantos, Nagô, Quêto, Malê, etc.
- Falta de mestres de culto (sacerdotes) entre os escravos.
- Conhecimento apenas parcial dos rituais e iniciações.
- Fugas e formação de quilombos.
- Formação das “bandas” (grupamentos de negros e índios que “rezavam na mesma cartilha”).
- Falta dos apetrechos rituais africanos, o que obrigou a assimilação dos apetrechos rituais dos índios.
- Utilização da sabedoria indígena no que concerne à magia do sertão, e a utilização das ervas medicinais brasileiras.
- Imposição do catolicismo pelo colonizador português, o que ocasionou o sincretismo dos Orixás com os Santos da Igreja Católica.

Os primeiros escravos que aqui chegaram, vinham da região da Guiné Portuguesa. Foram distribuídos pelas áreas dos canaviais da Bahia e de Pernambuco, além de outros estados. Também utilizados nas culturas de cana foram os de língua Banto, originários de Angola e do Congo.

A grande maioria dos escravos foi instalada no Sul/Centro-Oeste/Sudeste, em plantações de algodão, café e extração de minerais. Estes negros trouxeram consigo uma grande bagagem mística, diversificadas em várias tendências.

A presença determinante da cultura Congo na Umbanda e em outros aspectos importantes da vida nacional é uma consequência lógica da grande quantidade de habitantes que carregam essa descendência. Tal presença se vê nas performances ritualísticas (música, dança, transe), na pictografia (ponto riscado, simbolismo das cores) e nos elementos ritualísticos (pemba, plantas, otás (pedras sagradas)).

A tradição congolesa destaca-se também em importantes elementos filosóficos, como o culto aos mortos, o culto à Natureza e a crença na reencarnação. No Brasil, ela é erroneamente considerada inferior a Yorubá.

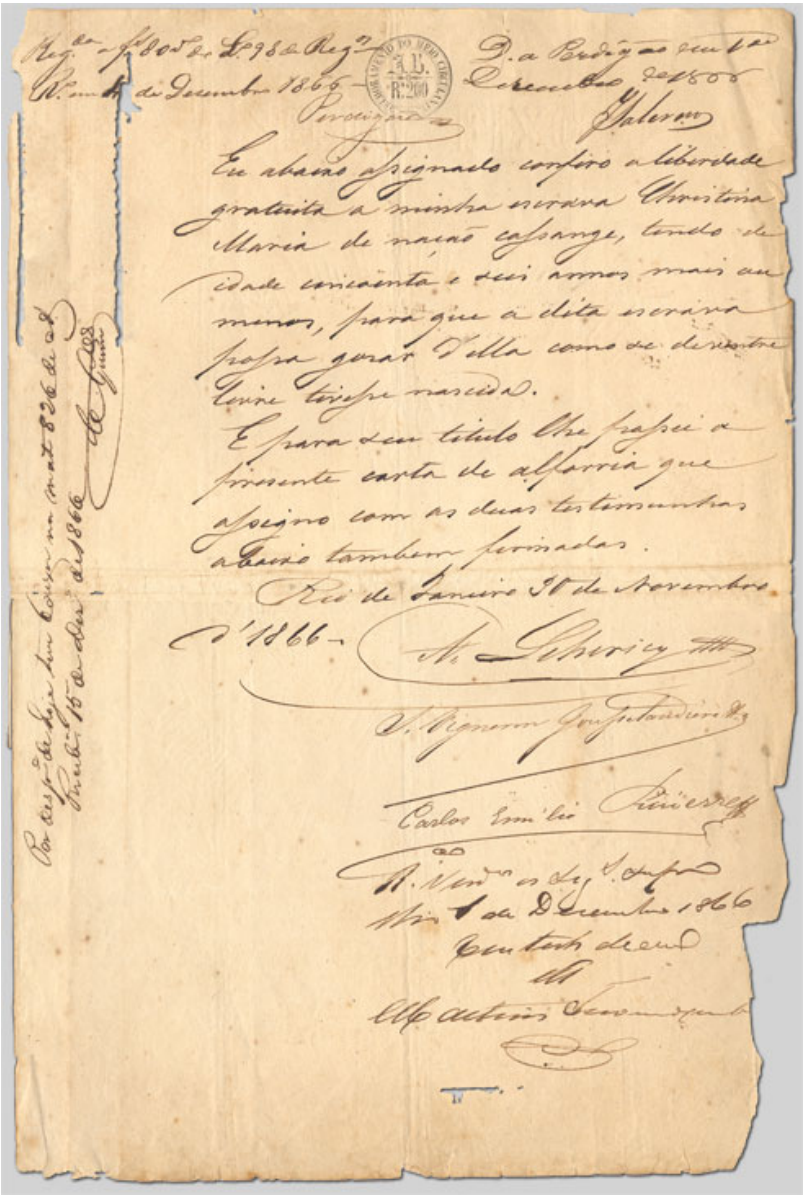
A maior parte dos estudiosos sequer a menciona diretamente, preferindo referir-se à cultura, sem reconhecer, que de fato, é no antigo reino do Congo que estão às origens da capoeira, das congadas e do maculelê. Foi de lá que veio o maior número de pessoas escravizadas para o Brasil.

Mas, o negro não aceitaria a religião do colonizador tão facilmente quanto a elite fez. Os grupos transportados para as Américas jamais poderiam ser completos em sua fé e filosofia mística tradicionais.

Entretanto, sua includente visão do mundo e a circunstância do exílio os levariam a adaptarem suas cultura e religião aos novos ambientes em que seriam inseridos. Muitos se rebelaram contra brasileiros com seus quilombos. Com a libertação, outros permaneciam nas cidades desenvolvendo estratégias de sobrevivência em que se destacavam as indolências, a predisposição para festas e celebrações (sincretismo com o calendário católico), e principalmente às práticas da Cabula e Macumba, com ênfase na feitiçaria pecuniária. Porém, o fato de eles adorarem a cruz e incluírem Nosso Senhor Jesus Cristo, Mãe Maria Santíssima, e alguns Santos em seus rituais para os antepassados, pareciam uma vergonhosa sujeição. Talvez por isso fossem tidos como dóceis e submissos, e tratados como "negros dos negros", além de discriminados até mesmo por outras etnias escravizadas.

CARTA DE ALFORRIA

Existiram dois tipos de Carta de Alforria: as pagas e as gratuitas. As cartas pagas geralmente eram feitas a prestação, por interesse dos proprietários. Assim, se o negro forro não pagasse uma prestação, voltava a condição de escravo. Outros meios utilizados para quitar a dívida eram pegar empréstimos (com amigos, familiares, instituições benfeitoras ou bancos), trabalhar por conta própria (geralmente vendendo na rua produtos que variavam entre bolos e doces, ou prestando serviços de barbeiro, carregador de peso, sapateiro, etc.), pedir a um benfeitor que pagasse sua dívida em troca de um tempo determinado de trabalhos gratuitos ou os estranhos casos de troca, em que o escravo que recebia a alforria dava ao seu senhor um outro escravo para trabalhar em seu lugar. As cartas gratuitas libertavam adultos e geralmente os reposicionavam como empregados do seu não mais proprietário. Deste modo, libertava-se um escravo e ganhava-se um trabalhador assalariado com uma carga horária diária pré-definida. Também era comum a libertação de crianças e a promessa de educá-las e criá-las por partes dos senhores. O momento histórico que registra a emissão de cartas de alforria gratuitas é importante porque mostra uma mudança de mentalidade na "alta sociedade" da época.



Exemplo de carta de alforria, datada de 1866.

LEI ÁUREA

Após uma longa batalha dos abolicionistas para acabar com a escravidão no Brasil no século XIX, no dia 13 de maio de 1888 finalmente é sancionada a Lei Áurea, que tinha por finalidade libertar todos os escravos que dependiam dos senhores de engenho e da elite cafeeira. Até a promulgação definitiva da abolição da escravatura, muitas leis foram criadas no sentido de "libertar lentamente" os trabalhadores forçados. Em setembro de 1871 foi criada a Lei do Ventre Livre, que proibia o trabalho de negros escravizados que não haviam atingido a maioridade; e a Lei dos Sexagenários, favorável aos escravos de mais de 60 anos.

Como regente do Brasil na época, a Princesa Isabel foi a responsável por assinar a Lei Áurea, depois de diversas tentativas empenhadas pelos integrantes da Campanha Abolicionista, que se desenvolvia desde 1870. Também houve grande envolvimento com a liberdade dos escravos da própria Princesa Isabel. Ela votou a favor à Lei do Ventre Livre como senadora do Parlamento e financiou quilombos e refúgios de escravos com o fim de libertá-los.

O projeto da Lei Áurea foi apresentado pela primeira vez uma semana antes de ser aprovado pelo ministro Rodrigo Augusto da Silva. Passou pela Câmara e foi rapidamente avançado pelo Senado, para sanção da princesa regente. Foi uma medida estratégica, porque os deputados e alguns senadores queriam que o projeto de lei fosse aprovado de qualquer maneira enquanto o rei D. Pedro II viajava para o exterior.

A aprovação da lei acabou se tornando uma faca de dois gumes para a princesa. Se por um lado ela pretendia alavancar sua carreira política, acabou arruinando todas as possibilidades ao assinar a Lei Áurea. De fato, a sanção foi um enorme passo dado pelos liberais, que um ano mais tarde iriam derrubar o sistema monárquico em favor da Proclamação da República.

Por mais que a libertação dos escravos representasse a vitória de uma árdua batalha contra as elites, os negros não foram absolvidos em sua totalidade. Primeiramente, não houve um projeto efetivo de integração que permitisse que os antigos escravos se sustentassem de forma independente. Assim, muitos continuaram prestando serviços aos seus senhores para garantir moradia e alimentação.

De todos os países do continente americano, o Brasil foi o último a abolir a escravidão. Ainda hoje, mais de um século depois de aprovada a Lei Áurea, o regime escravocrata ainda resiste em lavouras e grandes pedaços de terra.

(http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/lei-aurea/)

Dona Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon Bragança e Orléans, Princesa Imperial e Regente do Império do Brasil (1846-1921)

Lei N. 3353 de 13 de Maio de 1888

Declara extincta a escravidão no Brasil

A Princeza Imperial Regente em Nome de Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os subditos do Imperio que a Assembléa Geral Decretou e Ella sanccionou a Lei seguinte:

Artigo 1º É declarada extincta desde a data d'esta Lei a escravidão no Brasil.

Artigo 2º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contem.

O Secretario de Estado dos Negocios d'Agricultura, Commercio e Obras Publicas e Interino dos Negocios Estrangeiros, Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dado no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, 67º da Independencia e do Imperio.

Princeza Imperial Regente

Rodrigo A. da Silva

Carta de Lei, pela qual Vossa Alteza Imperial Manda executar o Decreto da Assembléa Geral, que Houve por bem sanccionar declarando extincta a escravidão no Brasil, como n'ella se declara.

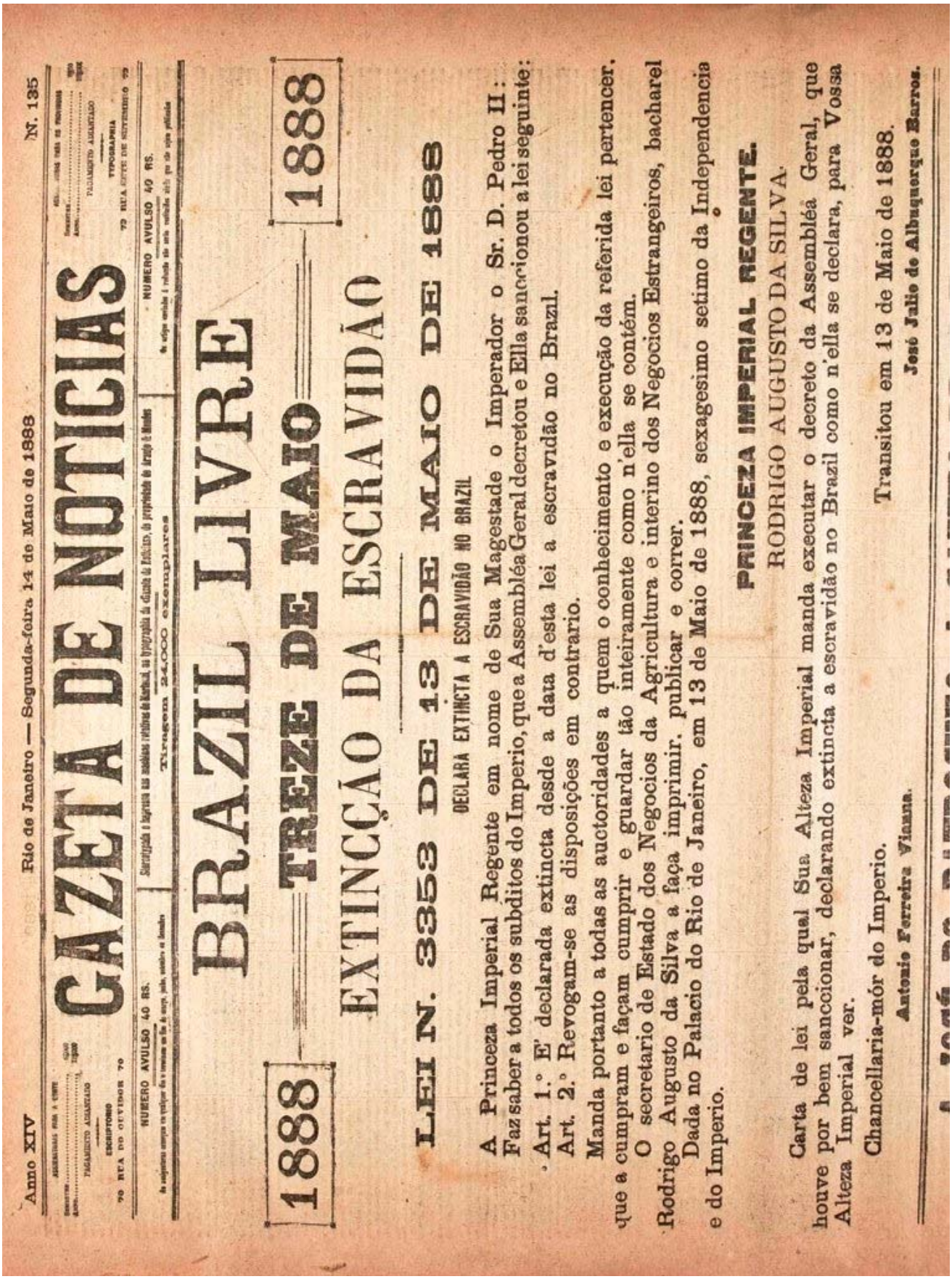
Chancellaria-mór do Imperio.

Antonio Ferreira Viana

Examinada em 13 de Maio de 1888.

João Julio de Araujo Penna

Para Vossa Alteza Imperial ver.



Anno XIV — Rio de Janeiro — Segunda-feira 14 de Maio de 1888 — N. 135

GAZETA DE NOTICIAS

NUMERO AVULSO 40 RS.

Tiragem 24.000 exemplares

BRAZIL LIVRE

1888 — TREZE DE MAIO — 1888

EXTINCÇÃO DA ESCRAVIDÃO

LEI N. 3353 DE 13 DE MAIO DE 1888

DECLARA EXTINCTA A ESCRAVIDÃO NO BRAZIL

A Princeza Imperial Regente em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II: Faz saber a todos os subditos do Imperio, que a Assembléa Geral decretou e Ella sanccionou a lei seguinte:

Art. 1.° E' declarada extincta desde a data d'esta lei a escravidão no Brazil.

Art. 2.° Revogam-se as disposições em contrario.

Manda portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e interino dos Negocios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.

RODRIGO AUGUSTO DA SILVA.

Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sanccionar, declarando extincta a escravidão no Brazil como n'ella se declara, para Vossa Alteza Imperial ver.

Chancellaria-mór do Imperio. — Transitou em 13 de Maio de 1888.

Antonio Ferreira Viana. — José Julio de Albuquerque Barros.

O DESTINO NOS NEGROS APÓS A ABOLIÇÃO

(...) Após a Lei Áurea, os negros libertos foram buscar moradia em regiões precárias e afastadas dos bairros centrais das cidades. Uma grande reforma urbana no Rio de Janeiro, em 1904, expulsou as populações pobres para os morros. A campanha abolicionista, em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente.

Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação. A campanha que culminou com a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, foi a primeira manifestação coletiva a mobilizar pessoas e a encontrar adeptos em todas as camadas sociais brasileiras. No entanto, após a assinatura da Lei Áurea, não houve uma orientação destinada a integrar os negros às novas regras de uma sociedade baseada no trabalho assalariado. Esta é uma história de tragédias, descaso, preconceitos, injustiças e dor. Uma chaga que o Brasil carrega até os dias de hoje.

Uma das percepções mais agudas sobre a questão foi feita em 1964 pelo sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995). Em um livro clássico, chamado "A Integração do Negro na Sociedade de Classes", ele foi ao centro do problema: *"A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel"* (...).

(...) A libertação: Em maio de 1888 veio a Lei Áurea e, 16 meses depois, como consequência direta das contradições que vivia o País, a República.

Com a abundância de mão de obra imigrante, os ex-cativos acabaram por se constituir em um imenso exército industrial de reserva, descartável e sem força política alguma na jovem República. Os fazendeiros – em especial os cafeicultores – ganharam uma compensação: a importação de força de trabalho européia, de baixíssimo custo, bancada pelo poder público. Parte da arrecadação fiscal de todo o País foi desviada para o financiamento da imigração, destinada especialmente ao Sul e Sudeste. O subsídio estatal direcionado ao setor mais dinâmico da economia acentuou desequilíbrios regionais que se tornaram crônicos pelas décadas seguintes. Esta foi a reforma complementar ao fim do cativeiro que se viabilizou. Quanto aos negros, estes ficaram jogados à própria sorte (...).

(...) Os ex-escravos, além de serem discriminados pela cor, somaram-se à população pobre e formaram os indesejados dos novos tempos, os deserdados da República. O aumento do número de desocupados, trabalhadores temporários, lumpens, mendigos e crianças abandonadas nas ruas redunda também em aumento da violência, que pode ser verificada pelo maior espaço dedicado ao tema nas páginas dos jornais. Escrevendo sobre esse período, Lima Barreto (1881-1922) ressalta que: *"Nunca houve anos no Brasil em que os pretos (...) fossem mais postos à margem"* (...)

(...) A descrição do historiador Luiz Edmundo (1878-1961), em seu livro O Rio de Janeiro do meu tempo, sobre morro de Santo Antônio e suas moradias e vielas miseráveis, poucos anos depois, mostra um pouco da cartografia humana da então capital: *"Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedarias da Rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte: mulheres sem arrimo de parentes, velhos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida, porém o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus...(...) No morro, os sem-trabalho surgem a cada canto"* (...)

"A preocupação pelo destino do escravo se mantivera em foco enquanto se ligou a ele o futuro da lavoura. Ela aparece nos vários projetos que visaram regular, legalmente, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, desde 1823 até a assinatura da Lei Áurea. (...) Com a Abolição pura e simples, porém, a atenção dos senhores se volta especialmente para seus próprios interesses. (...) A posição do negro no sistema de trabalho e sua integração à ordem social deixam de ser matéria política. Era fatal que isso sucedesse". (Florestan Fernandes)

(Texto de: Gilberto Maringoni)

Com a miséria instalada entre os negros, um dos recursos encontrados por muitos foi a prática sistemática de feitiçarias, que já eram efetuadas quando ainda eram escravos por encomenda dos alguns senhores, só que agora com fins pecuniários, pois viram ai uma grande fonte de renda, crescendo enormemente tais práticas, principalmente nos cortiços e nas favelas do Rio de Janeiro, atendendo a enorme demanda . Como disse João do Rio em seu livro: "As Religiões do Rio" (1904): (...) *"Vivemos na dependência do feitiço, dessa caterva de negros e negras, de babalorixás e iawôs, somos nós que lhe asseguramos a existência, com o carinho de um negociante por uma amante atriz. O feitiço é o nosso vício, o nosso gozo, a degeneração" (...).* Buscavam a feitiçaria famosa dos negros africanos, senhoras, senhoritas e cavalheiros da sociedade carioca, que em mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas para pagarem por "magias" que satisfizessem seus pedidos e desejos, muitas vezes sórdidos.

Depois da abolição, o que eles podiam fazer se não tinham algum tipo de ajuda. Eram rejeitados. Foram literalmente jogados ao mundo. Conhecidos como facinorosos, perambulavam pelo sertão.

Ex-escravos Malês

Uns, já idosos, se instalavam em casebres, vivendo como podiam:

Na década de 1900, ex-escravos trabalhavam na fabricação de roscas de polvilho

Ex-escravos

Casa de escravos

Outros, por falta de opções, seguiram o caminho da mendicância:

O retrato da pobreza. Foto tirada em 1902, na cidade de Santos/SP, retratando m casal de ex-escravos, mendigos; ele com 120 anos e ela com 110 anos.

Alguns, em vida, escolheram o caminho espiritual e o do auxilio ao próximo:

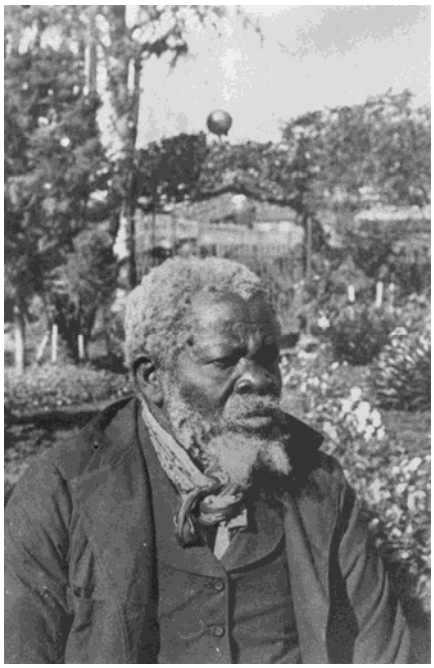
João de Camargo (Sarapuí, 05 de julho de 1858 — Sorocaba, 28 de setembro de 1942) foi um religioso brasileiro, também considerado santo popular, milagreiro e Preto-Velho. Viveu em Sorocaba, no Estado de São Paulo, onde criou a Igreja do Bom Jesus do Bonfim das Águas Vermelhas. Nascido escravo, herdou o sobrenome de seu antigo dono. Após a Lei Áurea, foi liberto e mudou-se para Sorocaba, onde foi cozinheiro, militar, trabalhador de lavoura e de olarias. Desde jovem recebeu muitas influências religiosas, das religiões africanas, através de sua mãe, e do cristianismo, através de sua sinhazinha Ana Teresa de Camargo e do padre João Soares do Amaral. Através dessas diversas influências, sua fé tornou-se uma espécie de sincretismo entre várias religiões. Nhô João, como mais tarde viria a ser chamado, segundo seus devotos, já praticava curas desde 1897. Porém, durante a vida, teve muitos problemas com o alcoolismo, que o impediriam de assumir plenamente sua missão. Em 1906, teria tido uma visão que o curou do vício na bebida, fazendo-o dedicar-se completamente ao projeto de criar a sua igreja, no distante bairro das Águas Vermelhas. Processado por curandeirismo em 1913, Nhô João decidiu, para proteger a nova religião, registrá-la oficialmente como *Associação Espírita e Beneficente Capela do Senhor do Bonfim*, reconhecida como pessoa jurídica em fevereiro de 1921.

Outros, depois de falecidos, ganharam o status de milagreiros:

ESCRAVO EDUARDO LOURENÇO

Araraquara/SP, Cemitério Sá Bento: O túmulo do escravo Eduardo é simples, ornamentado por uma lápide que foi dada pelos filhos do seu antigo senhor. Nascido em 1834, Eduardo conquistou em 1886 sua carta de alforria. Ele faleceu em 1915, aos 81 anos. Em seu epitáfio diz que ele morreu cercado de estima e respeito de seus contemporâneos. Recebe muitos pedidos e orações, sobretudo de fumantes que queiram largar o vício.

TONINHO ESCRAVO



Toninho escravo

Túmulo do Toninho Escravo (lado esquerdo), ao lado do túmulo do Barão Geraldo

Campinas/SP, Cemitério da Saudade: É o túmulo onde mais graças foram alcançadas e o mais antigo do cemitério, dentre os milagreiros. São mais de três centenas de plaquetas espalhadas por todos os lugares.

São placas não só de Campinas, mas de todo o país. O túmulo de Toninho escravo, o "preto véio" como é mais conhecido, fica no número 22, quadra 8. Toninho faleceu dia 13 de março de 1904. Foi escravo, mas teve a oportunidade de conhecer a liberdade. Diferentemente de outros, optou pela total servidão ao seu senhor, o barão Geraldo de Rezende. Trabalhava como cocheiro da fazenda Santa Genebra, pertencente ao barão, e era considerado o seu braço direito. Numa época de grande discriminação, a gratidão entre os dois fazia os moradores de Campinas refletirem sobre os valores sociais da época. Toninho viu seu patrão crescer.

A diferença de idade entre eles não pode ser precisada, uma vez que a data de nascimento do "preto véio" não chegou a ser conhecida.

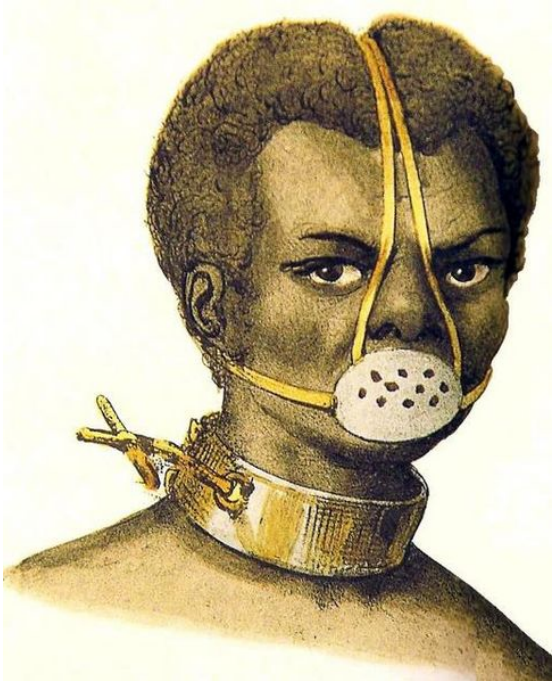
A figura desse escravo ficou gravada no livro “Um idealista realizador!, onde Maria Amélia Rezende, filha do barão, descreve a vida de seu pai, história da qual também faz parte Toninho.

Diz a história que o barão era um homem que confiava em poucos e que seu homem de confiança era Toninho. Essa amizade perdurou durante toda a vida dos dois.

Temeroso da morte, o barão achava que seu fim estava próximo e mandou construir um suntuoso túmulo, todo trabalhado em mármore Carrara e construído por famosos artesãos da época. O próprio barão escolheu o local em que queria ser enterrado. Preocupado com a saúde do patrão, Toninho pediu para ser enterrado no mesmo túmulo, assunto que se tornou muito polêmico para a família Rezende. A sociedade aristocrática e a família influenciada pelos valores sociais da época acabaram por cobrar do barão um "comportamento" à altura dos títulos que possuía. A amizade dos dois quase foi vencida pelo preconceito. O barão acabou achando uma outra forma de demonstrar sua gratidão ao ex-escravo. Comprou o terreno ao lado do seu futuro túmulo onde Toninho poderia ser sepultado e permanecer ao lado de seu senhor. Assim, terminaram as discussões.

Toninho faleceu três anos antes que seu patrão. Geraldo de Rezende faleceu no dia primeiro de outubro de 1907. No Saudade, na alameda principal, permanecem, lado a lado, por toda a eternidade. Embora o túmulo de Toninho seja simples, revestido de cimento apenas, brilha mais que o mármore Carrara do mausoléu ao lado. Quando as pessoas por ali passam impressionam-se pelo número de plaquinhas. Destaca-se também a beleza da imagem de Santo Antônio, colocada sobre o túmulo por uma pessoa que conseguiu alcançar graças. Ali também não falta um recipiente contendo água. A água, fonte da vida, seria a fonte de seus milagres. Os que acreditam costumam passá-la sobre os olhos, o rosto ou a friccionam na parte atingida por algum mal ou ferimento.

ESCRAVA ANASTÁCIA



A escrava Anastácia seria filha de Delminda, uma bela princesa banto que foi trazida como escrava para o Brasil num navio negreiro e, depois de vendida, foi violentada por seu dono, engravidando.

Anastácia, nome grego que significa "Ressurreição, teria nascido em 12 de maio de 1741. Era uma mulata dotada de rara beleza, tinha os olhos azuis, era muito inteligente e tinha o dom da cura, apenas impunha as mãos e as doenças desapareciam.
A beleza e bondade de Anastácia incomodavam as mulheres brancas, que com inveja começaram a persegui-la. Os homens a perseguiam, tentando roubar sua virgindade. Mas Anastácia era protegida pelo senhor Joaquim Antônio, filho da senhora do engenho, Joaquina Pompeu, e não permitia que ninguém abusasse dela. Mas Joaquim estava a muito tempo apaixonado por Anastácia e começou a assediá-la, rogando um amor que lhe era negado. Então, seu amor transformou-se em ódio, e Joaquim mandou que se colocasse em Anastácia uma máscara de folha de flandres, usada nas minas para que os escravos não engolissem as pepitas de ouro. Anastácia viveu assim amordaçada durante anos, só lhe sendo retirada a máscara para comer. Por fim a bela escrava adoeceu gravemente, e mesmo antes de morrer ainda curou seu algoz de uma doença pulmonar grave. Anastácia morreu vítima de gangrena em seu pescoço e boca. Desde essa data se espalharam pelo país relatos de curas e graças alcançadas por sua intercessão.

È muito cultuada pelos cultos afros brasileiros. O Santuário da Escrava Anastácia fica no Rio de Janeiro, mais precisamente na Rua Taubaté, 42, em Oswaldo Cruz.

Os Yorubás

A sobrevivência da tradição Yorubá no Brasil também exigiu de seus líderes e seguidores a elaboração de estratégicas sincréticas de convivência com a religião oficial. Só que neste caso, o sincretismo não foi tanto aprofundado quanto fora pelos congoleses, funcionando mais como um destaque que os permitia uma relativa liberdade de ação para a realização de seus rituais.

Ainda que os do Congo e do Brasil antes do Yorubá, a enorme influência desse último grupo em nosso dia-a-dia cultural, demonstra que, de um modo ou de outro, sua liderança foi aceita e reforçada pelas demais etnias afro-brasileiras. A nosso ver, um dos fatores que contribuíram bastante para isso foi à conservação do idioma Yorubá, pois é na língua que se encontram codificada grande parte das informações que constituem a identidade cultural e religiosa de um povo, e os demais idiomas africanos se deveu ao emprego de uma sábia diplomacia, observada na organização multicultural dos Terreiros de Candomblé, além de agruparem, num único Terreiro, divindades antes cultuadas separadamente em diferentes regiões da atual Nigéria.

Os Yorubás incorporaram ao seu panteão: Nanã Buruquê e Oxumarê, adorados por seus ex-arquinimigos Daomeanos.

Com êxito inegável, os cultos afros conseguiram fazer de seus Orixás, as divindades africanas no Brasil. Xangô – Yemanjá – Oxossi – Oxum – Ogum – Oiá (Yansã) – Yewá – Logunedé – Kitembo (Tempo - Iroko) – Orummilá/Ifá e Ibeji, sendo que alguns foram incorporados pela Umbanda. Oxalá, sincretizado como Jesus, é adorado como a entidade mais elevada numa escala ascendente de evolução espiritual.

A Umbanda pós Caboclo das Sete Encruzilhadas, mesmo sendo uma religião brasileira, com o passar do tempo, pela imposição de alguns seguidores dos cultos afros migrantes para a Umbanda, teve uma grande parcela de influência dos cultos afros, pois no início de sua origem, os negros do Rio de Janeiro eram uma parcela expressiva da população.

Logo passamos a contar com muitos médiuns da raça negra, sendo muitos africanos e descendentes, que, se sentindo a vontade da ausência de perseguição, pela familiaridade que ainda traziam de seus cultos e pela discriminação dos Santos católicos com os nomes dos Orixás Africanos, introduziram no ritual umbandista alguns ritos e o uso dos atabaques, de agogôs e até mesmo deturpando parte desse mesmo rito, que passou a tomar o nome de Candomblé de Caboclo, ou de Candomblé de Boiadeiros (fruto, naturalmente, da convivência durante e após o cativeiro de índios, Caboclos (mestiços) e negros, sob as ordens do branco cuidando da lida do gado) e também do culto Omolokô.

Muitos negros seguidores da Cabula/Macumba se iniciaram como adeptos da Umbanda, e passaram a exercer funções de médiuns, usando entidades africanas e palavras em dialeto africano como, por exemplo:

- **Agô:** Licença
- **Maleme:** Perdão
- **Matuto:** Homem
- **Agogô:** Espécie de dois sinos que toca-se com uma vara
- **Pemba:** Segundo o "Novo Dicionário Banto do Brasil": "MAPEMBA", s.f. (JC) – da raiz "pemb", presente em várias línguas bantas para designar coisas ou pessoas relacionadas com a cor branca. Veja-se o quimbundo "Pemba" e o quicongo "Mpemba", cal, giz, Cp. Pemba (Na África é fabricada com o pó extraído dos Montes Brancos Kimbanda – dedicado ao Orixá Okê) e a água que corre no Rio Divino U-Sil – dedicado a Orixá Oxum.

- **Adjá:** Espécie de sineta
- **Ebó:** Despacho
- **Babalorixá**: Pai de Santo ou Dirigente
- **Guiné:** Planta Africana
- **Aruanda:** Onde vivem os Espíritos da Luz.
- **Olorum:** Deus Supremo para os Yorubás
- **Zambi:** Deus Supremo entre os Bantos
- **Curimba:** Cânticos
- **Gongá e/ou Congá:** Espaço onde ficam os médiuns.
- **Peji:** Altar.
- **Mironga:** Segredo
- **Entre outras...**

FALAMOS BANTU SEM SABER

Ainda hoje, os estudos linguísticos privilegiam o Yorubá. O que é um equívoco, pois 75% dos africanos trazidos pra cá eram bantu-falantes, oriundos de territórios situados atualmente nos dois Congos e em Angola. Em meados do século XVII, o contingente bantu era de tal ordem em Salvador que um padre, Pedro Dias, resolveu escrever uma gramática para facilitar a catequese dos africanos. Várias palavras bantu substituíram as de sentido equivalente em português, como xingar por insultar, cochilar por dormitar, bunda por nádegas e cachaça por aguardente.

Os sistemas linguísticos do bantu e do português arcaico são muito próximos, o que teria permitido uma aglutinação, uma mistura muito bem resolvida. E é a mulher africana quem está na base de todo este entrosamento cultural, como uma espécie de porta-voz entre a casa-grande e a senzala. Ela participa da vida cotidiana do colonizador, servindo-lhe de mucama e de babá. Com ela os meninos brancos aprendem a falar. Assim africanizamos o português de Camões, numa verdadeira antropofagia linguística. Por isso, no Brasil, onde está a maior população de ascendência negra fora da África, não existe um crioulo como segunda língua, ou mesmo como língua nacional. Em Angola e Moçambique também não, e pelo mesmo motivo. Já em Guiné, outra colônia portuguesa, é diferente: lá não se falava bantu, e o encontro com a língua portuguesa foi mais conflituoso. Resultado: hoje falamos bantu sem saber. Caxumba, marimbondo, senzala, maconha, dengo, samba, quilombo, mucama...

(Yeda Pessoa de Castro – *Etnolingüista e consultora técnica de Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa)*

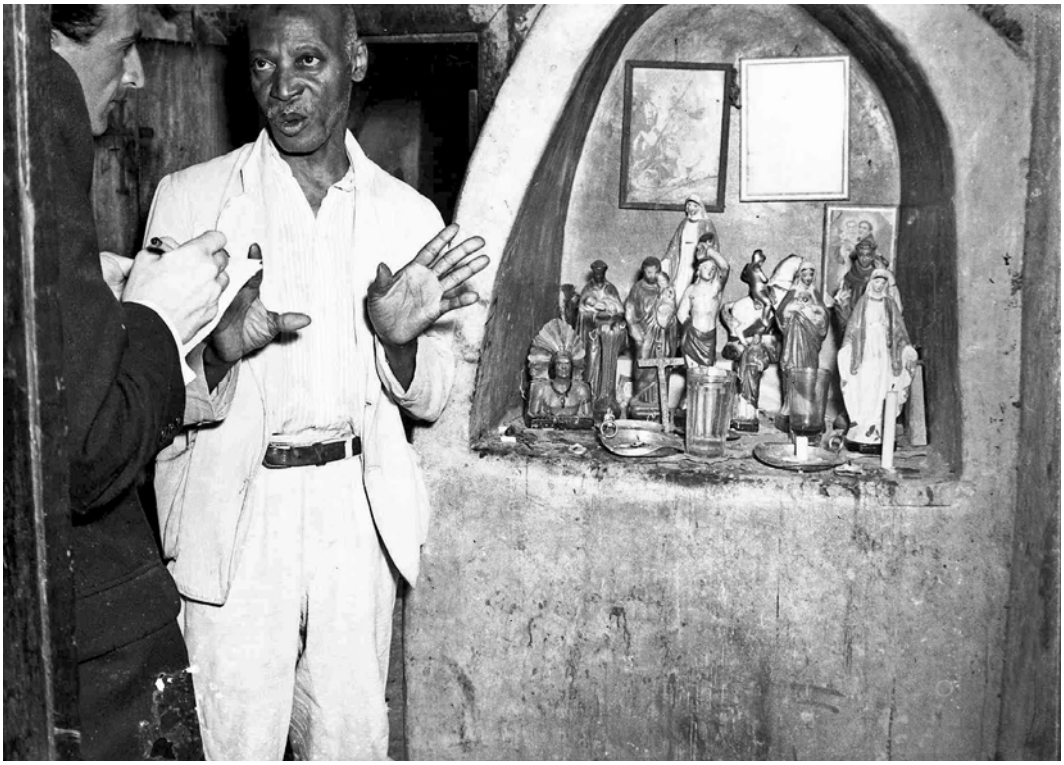
E hoje, graças às contribuições dos cultos afros, podemos contar com a presença fluídica arquetípica regional dos Pretos-Velhos, nos Terreiros de Umbanda:

Povo da Costa; Povo do Congo; Povo de Angola; Povo de Bengala; Povo de Moçambique; Povo de Luanda; Povo de Mina; Povo de Cambinda; Povo da Guiné; Entre outros...

Os cultos afros contribuíram para a Umbanda, basicamente, os Sagrados Orixás; em algumas umbandas a utilização dos atabaques como instrumento ritualístico (contrariando o preconizado pelo instituidor da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas) e o uso da magia dos despachos, a magia das oferendas, e em alguns Terreiros, algum tipo de oráculo.

A CABULA E A MACUMBA – CULTO BANTO

Primeiramente vamos ao estudo do culto Cabula e entendermos onde se iniciou a Macumba, e, posteriormente, as contribuições dadas a Umbanda pós ser instituída pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Encontraremos na Cabula muita coisa utilizada até hoje na Umbanda. A Cabula, como designativo de culto foi extinta pelas perseguições tenazes do governo, sendo posteriormente intitulada de Macumba. Podemos até considerar a Cabula como o ensaio da futura Umbanda. Não existia a Umbanda como religião antes de 1908, mas apenas bruxuleios de incorporações mediúnicas de Caboclos, Pretos-Velhos, Exus e Pombas-Gira, mas, de forma desordenada, sem hierarquia. O nome Umbanda como designativo de religião somente veio através do Caboclo das Sete Encruzilhadas como bem estudado no Módulo I. A Cabula, cultivada por negros e brancos de classes sociais diversas, mas considerada um cultos de escravos, antes da abolição, foi descrita no Rio de Janeiro (1848), em São Paulo (1854) e no Espírito Santo (1900). A Cabula mostra praticamente todas as características dos Kimpasis do antigo Reino do Congo. A Cabula foi a precursora da Macumba e da Umbanda.



Peji (altar) de um Terreiro de Cabula/Macumba – RJ

Sinais Cabalísticos (Lei de Pemba) riscados no chão de um Terreiro de Cabula/Macumba – RJ

CABULA

Cabula é o nome pelo qual foi chamada uma religião sincrética que passou a ser conhecida no final do século XIX com o fim da escravidão, com caráter secreto e fundo religioso (...).

(...) Vamos resgatar um pouco desta origem, digna de todo nosso respeito e veneração.

Na época da escravidão, houve um sincretismo afro-católico, principalmente nas áreas rurais da Bahia e do Rio de Janeiro, denominado Cabula. Segundo pesquisas de historiadores, refere-se aos rituais negros mais antigos, envolvendo imagens de Santos católicos sincretizados com os Orixás, herança da fase reprimida nas senzalas dos cultos africanos, onde os antigos sacerdotes mesclavam suas crenças e culturas com o catolicismo para conseguirem praticar e perpetuar sua fé.

Quando no final do século XIX ocorre a libertação dos escravos; a Cabula já era amplamente presente como atividade religiosa afro-brasileira. Este sincretismo foi mantido após a anunciação da Umbanda em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

No Rio de Janeiro de então e antes da origem oficial da Umbanda, eram comuns práticas afro-brasileiras similares ao que hoje ainda se conhece como Cabula e Almas e Angola. Cremos que o surgimento da Umbanda forneceu as “Linhas Mestras” de culto para uma prática ritual mais ordenada, orientada para o desenvolvimento da mediunidade e na prática da caridade com Jesus em auxílio gratuito a população pobre e marginalizada do início do século passado.

(raizculturablog.wordpress.com)

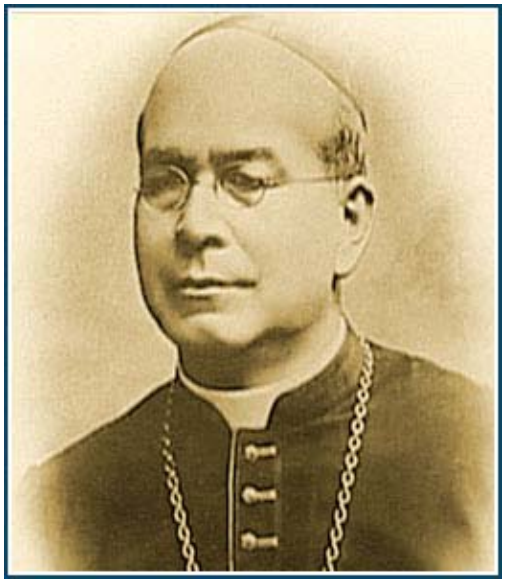
Apresentaremos um estudo/relato importante sobre a Cabula. Observe, que o relato dos rituais e termos se baseiam nas cartas de Dom Nery escritas em 1901, mais os relatos de estudiosos em 1934 e 1940. Observem nas descrições, a incrível semelhança com o que hoje é usado por muitos umbandistas, para assim entendermos que a Cabula/Macumba, até os dias atuais, está sofrendo um processo de umbandização, para futuramente praticarmos a Umbanda como o plano espiritual superior quer.

Podemos entender então, o porquê o Caboclo das Sete Encruzilhadas em suas “Linhas Mestras”, vetou alguns procedimentos que achou serem impróprios e dispensáveis para a recém criada Umbanda, procedimentos estes que eram largamente utilizados na Cabula. Possivelmente o Caboclo somente aceitou e guardou da Cabula àquilo que era lícito, calcado nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

Primeiramente vamos ao relato textual (observaremos tons preconceituosos, colocando a Cabula como demoníaca. O que era normal em época) de Dom Batista Correia Nery, escrito em 1901, e posteriormente o mesmo texto explicado, ponto a ponto, Por Valdeli Carvalho da Costa, escrito em 1987:

CARTA PASTORAL DE DOM JOÃO BATISTA CORRÊA NERY – ESPÍRITO SANTO

Nota do Autor: João Batista Corrêa Nery foi bispo católico brasileiro. Em 11 de abril de 1886 foi ordenado padre por Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho. Foi sagrado bispo, em Roma, no dia 1 de novembro de 1896, para assumir a diocese do Espírito Santo.



Houve alguém que disse ser grande e mais prejudicial do que pensamos, a influência exercida pelos africanos sobre os brasileiros. Parece mesmo que muito se tem escrito nesse sentido.

Em certa região de nossa Diocese, tivemos, em nossa última excursão, oportunidade de observar a verdade desse asserto.

Encontramos três freguesias largamente minadas por uma seita misteriosa, que nos pareceu de origem africana.

Nossa desconfiança mais se acentuou, quando nos asseveravam que, antes da libertação dos escravos, tais cerimônias só se praticavam entre os pretos e mui reservadamente.

Depois da áurea lei de 13 de Maio, porém, generalizou-se a seita, tendo chegado, entre as três freguesias, a haver para mais de oito mil pessoas iniciadas.

Bem que esteja agora privada dos elementos mais importantes, que infelizmente possuiu outrora, ainda encontramos crescido o número de adeptos.

O tom misterioso e tímido com que nos falavam a seu respeito e a notícia da grande quantidade de iniciados ainda existentes, nos levaram não só a procurar do púlpito invectivar essa tremenda anomalia, como também a tomar algumas notas que oferecemos à consideração e ao estudo dos curiosos.

Graças a Deus, nosso trabalho não foi inútil. Tivemos a consolação de ver centenares de Cabulistas abandonarem os campos inimigos e voltarem novamente a Nosso Senhor Jesus Cristo, ao mesmo tempo que, de muito bom grado, nos forneciam informações sobre a natureza, fins, etc., da associação a que pertenciam.

A nosso ver, a Cabula é semelhante ao Espiritismo e à Maçonaria, reduzidos a proporções para capacidades africanas e outras do mesmo grau.

Como o Espiritismo, acredita na direção imediata de um bom Espírito chamado *Tatá*, que se encarna nos indivíduos, e assim mais de perto os dirige em suas necessidades temporais e espirituais. Como a Maçonaria, obriga seus adeptos – que se chamam *Camanás* (iniciados) para distinguir dos *Caialos* (profanos) – a *segredo absoluto*, até sob pena de morte pelo envenenamento; têm suas iniciações, suas palavras sagradas, seus tatos e seus gestos, recursos particulares para se reconhecerem em público os irmãos.

Como em todas as inovações congêneres, há muito charlatanismo e exploração, sendo alguns centros por isso desprezados; também, à maneira das outras, misturam o catolicismo e suas venerandas cerimônias com essa exótica seita, talvez, como é sempre de plano, para atrair os incautos e inocentes.

Em vez de *Sessão*, a reunião dos Cabulistas tem o nome de *Mesa*.

Há duas *Mesas Capitulares*: a de *Santa Bárbara* e a de *Santa Maria*, subdividindo-se em muitas outras, com as mesmas denominações.

Disseram-nos que havia uma terceira *Mesa* – a de *São Cosme e São Damião* – mais misteriosa e mais central, que exercia uma espécie de fiscalização suprema sobre as duas outras, cujos iniciados usavam, nas reuniões, compridas túnicas pretas que cobriam o corpo todo, desde a cabeça até os pés – uma espécie de saco dos antigos penitentes. Nada, porém, podemos asseverar nesse sentido.

Graças a boas informações, ministradas ocultamente, podemos fazer uma ideia perfeita desta perigosa associação.

O chefe de cada *Mesa* tem o nome de *Enbanda*, e é secundado nos trabalhos por outro que se chama *Cambone*. A reunião dos *Camanás* forma a *Engira*.

Todos devem observar cegamente ao *Enbanda*, sob pena de castigos severos.

As reuniões são secretas, ora em uma determinada casa, mais comumente nas florestas, a alta noite. À hora aprazada, todos de camisa e calças brancas, descalços, se dirigem ao *Camucite* (templo).

Uns a cavalo, outros a pé, caminham silenciosos, fechando a retaguarda o *Enbanda*.

Um *Camaná*, ou um *Cambone*, vai na frente e conduz a *Mesa* (toalha, vela e pequenas imagens).

Em um ponto dado, deixam o caminho e tomam uma vereda, só conhecida dos iniciados.

Então acendem as velas.

Chegados ao *Camucite*, que é sempre debaixo de uma árvore frondosa, no meio da mata, limpam aí uma extensão circular de 50 metros mais ou menos.

Fazem uma fogueira e colocam a *Mesa* do lado do oriente, rodeando as pequenas imagens de velas acesas, simetricamente dispostas.

Há certa cerimônia para se acenderem as velas: primeiro se acende uma a leste, em honra do mar – *Carunga*, depois uma a oeste e outras duas ao norte e ao sul; finalmente muitas outras em torno do *Camucite*. Chamam as velas – *Estereiras*.

Aparece então o *Enbanda*, descalço, com um lenço amarrado na cabeça, ou com o *camolele* (espécie de gorro), tendo um cinto de rendas alvas e delicadas.

Enbanda cabulista

À presença do chefe, os *Camanás* o imitam amarrando lenços na cabeça. Segue-se uma espécie de oração preparatória, feita de joelhos diante da *Mesa*. Ergue-se o *Enbanda*, levanta os olhos ao céu, concentra o espírito e tira o primeiro *Nimbu* (canto):

Dai-me licença, carunga,
Dai-me licença, tatá,
Dai-me licença báculo
que o Enbanda qué quendá.

Estas e outras cantigas são acompanhadas de palmas compassadas, enquanto o *Enbanda* em contorções, virando e revirando os olhos, faz trejeitos, bate no peito com as mãos fechadas e compassadamente, emitindo roncos profundos e soltando, afinal, um grito estridente, horroroso.

O bater das palmas chama-se *Quatan* ou *Liquaqua*.

Se há algum descompasso, ao *Cambone* interroga o *Enbanda*: — Por conta de quem *Camaná* Fulano não bate *caliquaqua*? O *Cambone* responde: — Por conta de *Ca-Ussê*.

Esta partícula – *Ca* – precede quase todas as palavras. Cremos ser uma gíria particular para dificultar a compreensão dos que falam.

Ao estridor do *Enbanda* cessa o canto inicial, o *Cambone* traz um copo de vinho e uma raiz.

O *Enbanda* mastiga a referida raiz e bebe o vinho. Sorve o fumo do incenso, queimado neste momento em um vaso qualquer, e entoa o segundo *Nimbu*:

Baculo do ar
Me quisa na mesa,
Me tomba a girar.

O *Enbanda*, ora dançando ao bater compassado das palmas, ora em êxtase, recebe do *Cambone* o *Candaru* (brasa em que foi queimado o incenso), trinca nos dentes e começa a despedir chispas pela boca, entoando então o *Nimbu*:

Me chame três Candaru
Me chame três tatá,
Sou Enbanda novo (ou velho)
Hoje venho curimá.

É a hora das iniciações de novos *Camanás*.

Se há alguém para entrar ou para iniciar-se, tendo ficado até este momento em um local longe do *Camucite*, com o respectivo padrinho, agora deve aproximar-se.

O *Caialo* se apresenta humildemente vestido: calças brancas e camisa da mesma cor sem goma, e descalço.

Logo que penetra no círculo, passa três vezes por baixo da perna do *Enbanda*. É a tríplice viagem, símbolo da fé, da humildade e da obediência ao seu novo *Pai*, como dali por diante chamará ao *Enbanda*.

Os *Camanás*, entretanto, cantam um hino em ação de graças pela aquisição do novo irmão.

Estando depois o iniciando de pé, diante do *Enbanda*, este recebe a *Enba* e com ela fricciona os pulsos, a testa e o occiptal do *Caialo*; dá-lhe a raiz para que a mastigue e engula o suco, fá-lo beber um cálice de vinho e o conduz ao lugar que dali por diante tem na *Engira*.

Distribuída a *Enba* aos demais *Camanás* e tendo todos provado a raiz e bebido o vinho, segue-se a cerimônia da fé. O *Enbanda* entoa o seu *Nimbu*, seguem-se palmas, etc.

Toma então uma vela acesa, benze-a e começa a passá-la por entre as pernas, por baixo dos braços, pelas costas de cada indivíduo.

Se se apagar a vela diante de qualquer *Camaná*, grita logo o *Enbanda*: — Por conta de quem *Camaná* Fulano não tem *Ca-fé*, *Ca-tudo*?

O *Cambone* responde, e começa então aquele pobre *Camaná* a ser castigado com duas, três, quatro pancadas nas mãos, com o *Quimbandon* (palmatória), até que a vela não se apague mais.

Estes castigos são frequentes e o *Enbanda* manda aplicá-los sempre que julga conveniente para o aperfeiçoamento dos *Camanás*.

Verificada a fé de todos os irmãos, segue-se a tomada do *Santé*, ponto principal de todas as reuniões.

Todos dobram um lenço branco em forma de fita e com ele cingem a testa, amarrando na nuca.

Diminuem a luz da fogueira e queimam incenso ou resina que perfume o ambiente.

Entoam o hino apropriado e, ao compasso das palmas, o *Enbanda* dança, esforçando-se com grandes gestos e trejeitos, para que o *Espírito* se apodere de todos. Quase sempre há em cada *Mesa* mais de um *Enbanda*, e o esforço do *Enbanda*-chefe é no sentido de dar o *Santé* aos *Enbandas* inferiores, para que sejam dali afastados.

De espaço a espaço todos atiram *Enba* para o ar, a fim de que se afastem os maus Espíritos e fiquem cegos os profanos, não devassando assim seus sagrados mistérios.

De repente um deles, geralmente *Enbanda*, verga o corpo, pende a cabeça e rola pelo chão, em contorções. A fisionomia torna-se contraída, todo o corpo como que petrificado, e sons estertorados lhe escapam do peito. É o *Santé* que dele se apoderou.

Às vezes um simples *Camaná* merece ter o *Santé*. Nesse período, fala e discorre, sem ter aprendido, sobre as *cousas cabulares*, como o mais perfeito e sabido dos *Enbandas*.

Os que são sujeitos a ter *Santé* constituem uma espécie de *médiuns* do espiritismo, e quase sempre terminam *Enbandas*.

De tudo o que nos disseram a respeito desta perigosa associação, pondo de parte os charlatanismos e miseráveis explorações, concluímos, como dissemos no princípio, que o fim imaginado pelos seus adeptos é a aquisição de um Espírito que imediatamente os guie e proteja em suas necessidades.

Todos trabalham e se esforçam por ter o *Santé*, sujeitando-se para isso a diversas abstinências e ridículas penitências.

Uma vez tomado do *Santé*, trata de obter o seu Espírito familiar protetor, mediante certa cerimônia.
Entra no mato com uma vela apagada e volta com ela acesa, não tendo levado meio algum para acendê-la, e traz então o nome do seu protetor.

Há diversos nomes desses Espíritos protetores, como sejam: *Tatá Guerreiro*, *Tatá Flor da Carunga*, *Tatá Rompe Serra*, *Tatá Rompe Ponte,* etc.

Como se vê, são eloquentes vestígios de uma religião atrasada e africana que, transportada para o Brasil, aqui se misturou com as cerimônias populares de nossa religião e outras associações e seitas existentes, resultando de tudo isso perigosa amálgama, que só serve para ofender a Deus e perverter as almas.

Explicação dos termos

- **Camanás:** irmãos;
- **Caialos:** profanos;
- **Tatá:** Espírito familiar;
- **Mesa:** mesa com imagens e apetrechos de culto; reunião;
- **Enbanda:** chefe;
- **Engira:** grupo de iniciados funcionando;
- **Camucite:** espaço da reunião;
- **Cambone:** ajudante do Enbanda*;*
- **Carunga:** mar;
- **Estereiras:** velas;
- **Camolele:** gorro do Enbanda*;*
- **Nimbu:** cântico, hino;
- **Báculo:** pequenas imagens e também certa raiz de cujo suco se utilizam nas cerimônias;
- **Quendá:** funcionar;
- **Quatan ou Liquaqua:** bater palmas;
- **Candaru:** fogo*;*
- **Curimá:** brincar;
- **Pai:** nome por que deve ser tratado o Enbanda pelos *Camanás* que iniciou;
- **Enba:** pó sagrado, feito da tabatinga seca;
- **Quinbandon:** palmatória;
- **Santé:** Espírito principal.

(Extraído da carta pastoral de D. João Batista Correia Nery, “despedindo-se da diocese do Espírito Santo”, Tipografia a vapor Livro Azul, Castro Mendes e Irmão, Campinas, São Paulo, 1901, p. 71-6)

CABULA E MACUMBA

Sumário: *O artigo trata do culto de origem Banto-Angolana denominado Cabula que floresceu em fins do século passado na área do Estado do Espírito Santo (Brasil) e foi descrito pela primeira vez pelo Bispo de Vitória Dom João Batista Corrêa Nery. Fundando-se em Nery e em outras fontes até agora não exploradas, analisa minuciosamente o culto e o ritual da Cabula e descreve as suas particularidades. A Conclusão ressalta a importância que o estudo da Cabula apresenta para a identificação das fontes da expressão religiosa Banto no Brasil e para a compreensão da atual Macumba.*

No fim do século passado (nota do autor: fim de 1800), têm-se notícia da organização de um culto de origem Banto-Angolana na área do Estado do Espírito Santo, conhecido com o nome de Cabula e descrito sumariamente pela primeira vez pelo então bispo local, D. João Batista Corrêa Nery na Carta Pastoral despedindo-se dos párocos da Diocese do Espírito Santo.

Esta Carta descoberta por Nina Rodrigues foi inserida em seu trabalho sobre "Os africanos no Brasil" e retomada por Artur Ramos em "O Negro Brasileiro" 1940 e recentemente reeditada pela Comissão Espírito-santense de Folclore, informando sobre o andamento das pesquisas sobre a sobrevivência da Cabula no Estado.

O relato de D. Nery deixa ver inúmeras identidades entre a Cabula e a Macumba carioca, esta, na época, ainda não estruturada como culto, nem designada com tal nome. A descrição da Cabula por D. Nery chamou-nos a atenção, como já o fizera a Arthur Ramos e Roger Bastide para as inúmeras semelhanças entre o culto da Cabula e os ritos da Macumba do Rio. Ramos e Bastide acenam a algumas dessas semelhanças.

Nossas pesquisas permitiram descobrir um elenco maior de pontos em comum não elaborados nem por A. Ramos nem por R. Bastide. Face a esta constatação, pareceu-nos útil, para o aprofundamento dos estudos afro-brasileiros, desenvolver os dados por nós encontrados, que patenteiam, com grande riqueza de matizes, o liame entre a Cabula e a Macumba, como inflorescência tardia do aparentemente morto rizoma cabulístico. Analisemos os dados de D. Nery, confrontando-os com os nossos.

D. Nery e a Cabula

Em suas visitas pastorais, D. Nery descobriu em sua Diocese, ao norte do Estado do Espírito Santo, nas cercanias da cidade de São Mateus, "três freguesias largamente minadas por uma seita misteriosa" que lhe parecia de origem africana.

A descoberta motivou-o a tentar desvendar o mistério com que era celebrado o culto. Com efeito, convocou todas as pessoas que lhe pudessem fornecer informações. Obteve-as de todas as classes sociais, com minúcias sobre as cerimônias.

Durante os quinze dias em que permaneceu na região, ocupou-se principalmente do assunto. Muitas das informações vieram-lhe diretamente, até de ex-cabulistas, não obstante o risco de vida a que se expunham ao dá-las, já que a Cabula obrigava seus adeptos a manterem "segredo absoluto" a respeito do culto, sob pena de morte, por envenenamento. Isto explica o tom misterioso e tímido, com que muitas informações foram dadas, como informam pessoas a par dos relatos.

Através desses informantes soube que antes da abolição da escravatura (13/05/1888) o culto era praticado apenas por Negros e mui reservadamente. Após a Lei Áurea, a seita se generalizou, tendo chegado a mais de oito mil adeptos entre Brancos e Negros. Na época em que pesquisava e escreveu sobre o assunto (1901) o culto ainda tinha grande número de iniciados e adeptos, que o praticavam nas três freguesias, nas matas vizinhas à cidade.

O Culto

Segundo Olga G. Cacciatore, a palavra Cabula será uma deformação da palavra "cabala", chegada até os negros Bantos, através dos malês, de cultura muçulmana.

Um culto afro-brasileiro de características sincréticas, com traços de cultura cambinda, angola e muçulmi, por influência malê, identificável pelo gorro usado pelos participantes do ritual.

Nota do autor: Vide acima, o Pai Quintino, em 1924, chefe de uma Macumba, na Rua Araujo Leitão, no Engenho Novo, Rio de Janeiro, usando o "gorro" característico da Cabula, chamado "camolele" (do kimbundo *"mulele",* pano, através da forma diminutiva; *ka-mulele)*, de influência dos "Malês", que eram muçulmanos.

Na foto acima, está o "gorro" islâmico, chamado de "taqiyah".

Usam-no somente por motivos consuetudinários (hábito, costume)

Observem a semelhança com camolele cabulista e os usados hoje, por vários médiuns, em Terreiros de Umbanda.

O interessante, que até hoje observamos vários médiuns em Terreiros de Umbanda, ainda utilizando os mesmo gorros, mas, sem uma explicação doutrinária lógica plausível de seu uso, a não ser pura imitação, ou pretensa tradição.

Alguns dizem usá-lo para protegerem o "ori", a coroa. É onde todo o magnetismo universal é recebido; fisicamente ficaria no topo da cabeça, mas, refutamos tal dissertativa, pois a "coroa" de um médium não fica na cabeça física, mas sim, no corpo astral, no chacra coronário.

As manipulações efetuadas num passe, num Amaci com ervas, na "coroa" de alguém, simplesmente são transferidos os magnetismos disso tudo para o chacra coronário no corpo astral e não no cérebro físico.

Portanto, não justificaria um simples tecido cobrindo a cabeça de alguém, protegê-lo de toda negatividade; isso seria engodo.

Traços caracterizantes

Nestes, há divergências entre o relato de D. Nery, que tomamos por base desta análise, e as informações recentes de Olga Cacciatore. Luiz da Câmara Cascudo não se refere à Cabula em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, tornando-se difícil saber se Cacciatore dispôs de fontes outras a nós ainda inacessíveis. Nesta aporia, apresentaremos as informações segundo as fontes, sem podermos ajuizar da precedência de uma sobre a outra.

Cafioto era o termo geral usado para designar os adeptos da Cabula. Este termo já é a primeira identidade entre a Cabula e a Macumba carioca. Magalhães Corrêa em "O Sertão Carioca", informa que esse era também o termo usado para designar os primeiros adeptos da Macumba. Os camaradas eram chamados de cambas (kambas), palavra de origem kimbundo, significando "camarada". Se homens, chamavam-se mucambos, se mulheres, macambas. Os iniciados eram os camanás, distinto dos caialos, os estranhos, os profanos. O termo camaná também era usado para designar irmão de culto.

O local das reuniões chamava-se camucite. Liturgicamente usavam camisa e calça brancas e pés descalços. Aqui temos outra semelhança entre a Cabula e a Macumba. O traje ritual masculino da Macumba é o mesmo da Cabula: calça e jaleco branco e pés descalços. Hoje, nos Terreiros de Umbanda de influxo espírita já se admite sapato tênis branco. Olga Cacciatore informa que na Cabula usavam um gorro (camalelé) na cabeça, à muçulmana, e "largos cinturões com amuletos".

No ritual entravam espelhos, pedras, cachimbos, infusões de raízes, etc., além de sinais cabalísticos riscados, tais o signo de Salomão, cruzes, junto com velas acesas. Nisto também há inúmeras correspondências com os ritos da Macumba, na qual são usados cachimbos com fumo apresentados às "Entidades" que "baixam" durante o transe dos filhos de santo. Estas "Entidades" "incorporadas" após saudarem o altar, o gongá ou congá, o Chefe do Terreiro, o "pai" ou mãe-de-santo e os tambores, os atabaques ao retornarem ao local que lhes está destinado no grupo dos iniciados, devem fazer, hoje, sobre a tábua-de-pontos, e no passado, no chão, o ponto-riscado próprio da "entidade" "incorporada", uma como assinatura de autoconfirmação de sua presença. Esta prática da Macumba coincide com os sinais cabalísticos citados por Olga.

Os pontos-riscados na atual Macumba são formados pela composição e, às vezes superposição, de “estrelas de vai” nos Terreiros chamados de “signo de Salomão” — dois triângulos superpostos invertidamente — cruzes, meias luas, estrelas de cinco pontas, flechas, raios, etc., identicamente ao que se fazia na Cabula.

“Mesa” era o nome dado à reunião dos cabulistas. Os cultos, “trabalhos” ou “mesas” realizavam-se nas matas. Aqui, outra identidade com a Macumba. O mesmo nome “trabalho” é usual na Macumba, para designar os rituais mais secretos, semelhantemente à Cabula, realizados também “nas matas”. O chefe de cada mesa chamava-se Enbanda, que é o nome do sacerdote nas religiões Bantos. Os chefes dos Terreiros de Macumba, em torno de 1934, quando Arthur Ramos descreve o Terreiro do velho Honorato, chamavam-se também Enbandas, umbandas ou pais-de-Terreiro. Merece ressaltar que o termo Umbanda será futuramente a designação de um dos ramos da Macumba, após o seu desdobramento, por influência do Espiritismo Kardecista. Na Cabula, como futuramente na Macumba, o Enbanda era o chefe e doutrinador da comunidade.

Em cada mesa o Enbanda era auxiliado por um cambone. A palavra cambone(o/a), provavelmente, procede do “kimbundo – kambundu” com o significado de negrinho, que em muitos Candomblés de estrutura congo-angolana e nos Candomblés de Caboclo designam o tocador de atabaques. Também este termo cambono, com a mesma função de “auxiliar” do pai-de-santo encontra-se nos Terreiros de Macumba, continuadas nos de Umbanda e Quimbanda. É o nome dado ao filho(a)-de-santo, escolhido(a) pelo “pai” ou mãe-de-santo para acolitar uma “entidade” que tenha “baixado” numa gira.

Ao cambono compete acender o charuto, o cachimbo, o cigarro ou a cigarrilha e entregá-los acesos à “entidade” correspondente: Preto-velho, Caboclo, Exu ou Pomba-Gira “incorporados”.

Servem-lhes as bebidas prescritas no ritual, a saber vinho tinto ou moscatel para os Pretos-Velhos, cachaça, para os Exus e, recentemente, aniz, para as Pombas-Giras. Devem acender as velas, anotar as receitas prescritas pelas “entidades” para os consulentes, assim como, traduzir para estes, o jargão usado por essas “entidades”.

Na Cabula a reunião dos camanás formava a engira. Esta palavra igualmente, com a sílaba “en” sincopada, se perpetua na Macumba. “Gira” é um dos termos usados para designar uma cerimônia cultual da Macumba. É possível que na Macumba e Umbanda a hodierna expressão proceda da “engira” cabulística, assim como aproximada do verbo português “girar”, andar à roda, mover-se circularmente, rodopiar, porque as duas modalidades comportamentais verificavam-se no antigo ritual da Macumba. O ritual se desenvolvia com os adeptos dançando e “girando” num grande círculo, uns após os outros, em fila indiana, como ainda hoje se vê em alguns Candomblés e sessões de Umbanda, realizadas nas matas, como presenciamos várias vezes. A segunda acepção da palavra “girar”: — rodopiar — girar sobre si próprio, também se ajusta, porque assim se comportam os adeptos, quando entram em estado de transe. Rodopiam cambaleando, seguindo a fenomenologia precursora do transe, assim como o fazem, quando já “possuídos” pelas “entidades”.

T a t á

Na Cabula, os “Espíritos” que se acreditava “incorporarem nos iniciados, eram chamados de tatá, palavra que em dialeto kimbundo significa “pai“. Era um “Espírito familiar bom, que supunham se “apossar” de um iniciado e assim, mais de perto, o dirigir em suas necessidades temporais e espirituais. É a continuação do culto Banto aos ancestrais tribais através do transe em “estado de possessão”.

A palavra “tata”, agora com acentuação oxítona “tatá”, também permanece na Macumba e se perpetua na Umbanda mais fiel às tradições angolanas. O termo significa não mais os Espíritos dos ancestrais, que se supunha “incorporar” nos iniciados da Cabula, mas passou a designar na Macumba, Umbanda e Quimbanda, de tradições angolanas, “o grande sacerdote”, o grande Chefe de Terreiro ou de Terreiros, pessoa de grande conhecimento do ritual e do culto.

Entre 1971 e 1972, tive ocasião de entrevistar no Rio de Janeiro, Tancredo da Silva Pinto, falecido algum tempo após, considerado no meio umbandístico o grande “tata” de inquice, do ritual Omolokô.

A designação “tatá” para os Espíritos de ancestrais protetores sofreu, assim, uma modificação acomodada ao processo histórico de perda progressiva da memória ancestral, em consequência da vinda dos Bantos como escravos para o Brasil. Nos três séculos de vida escrava, a memória coletiva Banto esfumaçou a individualidade dos ancestrais tribais remotos.

Foram esquecidos e substituídos pelo culto dos antepassados mais recentes, falecidos no Brasil, durante o período de escravidão. Mas, mesmo estes, na vida urbana dos ex-escravos, logo perderam a própria individualidade, tornando-se apenas arquétipos estereotipados, hoje designados e cultuados com o nome vago de Pretos-Velhos, com uma pseudo-individuação, tais Pai Francisco de Aruanda, Pai Joaquim do Congo, Maria Conga, Mãe Benedita, etc. Isto, nos Terreiros de Macumba, como nas atuais Quimbanda e Umbanda. Constituem uma das várias linhas das almas cultuadas.

A palavra “tatá” assumiu também outra variante de sentido, como título de Orixás, forças da Natureza (...) Assim, o Orixá fálico e mensageiro dos demais Orixás no Candomblé, Exu, por vezes é chamado de Tatá Veludo; Oxossi, o Orixá dos caçadores é o Tatá das Matas; Xangô, na África, o Orixá dos meteoritos, do raio e do trovão e, atualmente, no Rio de Janeiro, Orixá da justiça e das pedreiras, é o Tatá da Pedreira.

O ritual

Na descrição de D. Nery, o ritual secreto por vezes era realizado em determinadas casas. Porém mais comumente, “nas florestas”, a altas horas da noite. Esta informação se harmoniza também com o ritual da Macumba e da Umbanda angolana. Algumas festas rituais, como a de Oxóssi, sincretizado com São Sebastião ou de Ogum, com São Jorge, no Rio de Janeiro frequentemente, têm a primeira parte do ritual realizado nos Terreiros, do início da noite à madrugada, continuando após, na madrugadinha da mesma noite, ou em outro dia, nas matas, onde concluem o ritual, com oferendas às “entidades”, incluindo a matança de animais, como presenciamos nas matas da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro, pela Tenda Espírita São Bernardo e Pena Branca, em 1972, para comemorar Ogum/São Jorge. Essa prática de ter rituais em “Casas” – hoje, nos Terreiros – e na “mata” é outro traço da Cabula que se perpetuou na Macumba.

Na Cabula, “à hora aprazada, todos de camisa e calças brancas, descalços, uns a pé, outros a cavalo, com o Enbanda à retaguarda, dirigiam-se silenciosos ao templo, o camucite. Um camaná ou um cambone ia à frente, conduzindo a mesa, isto é, a toalha, a vela e pequenas imagens. Em determinado ponto do caminho tomavam uma vereda, só conhecida dos iniciados, para chegar ao camucite, o sítio sob uma frondosa árvore, no meio da mata.

Preliminares

Uma vez chegados, limpavam no local uma área circular de uns cinqüenta metros de diâmetro. Faziam uma fogueira e instalavam a mesa do lado do oriente, rodeando as pequenas imagens de velas, chamadas esteireiras simetricamente dispostas. As esteireiras eram acesas ritualisticamente: a primeira, à leste, em homenagem ao mar, Carunga, a segunda, à oeste; a terceira ao norte; a quarta, ao sul; as restantes, em torno do camucite. Carunga, homenageado com a primeira vela é a corruptela de Kalunga, o mar ou oceano em lingua kimbundo. O termo ainda é usual nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda, com o mesmo significado, acrescido, porém, do qualificativo “grande” — a Calunga-Grande — para diferenciá-lo do cemitério: a Calunga-Pequena.

Segundo D. Nery, havia “duas mesas capitulares: a de Santa Bárbara e a de Santa Maria, subdividindo-se em muitas outras, com as mesmas denominações”. Além destas, informa ter recebido esclarecimentos, não confirmados, da existência de uma terceira mesa, a de Cosme e Damião, “mais misteriosa e mais central e que exercia uma espécie de fiscalização suprema sobre as duas outras e cujos iniciados usavam nas reuniões compridas túnicas pretas, que cobriam o corpo todo, desde a cabeça até os pés, à semelhança do saco dos antigos penitentes”. A respeito dessas “mesas diretoras” da Cabula e sua continuação na Macumba, Jacy Rego Barros, numa série de palestras dadas, informava que “as mesas diretoras do cerimonial, que se encontravam nas sessões cabulistas (...) se acham presentemente em todas as macumbas”.

Início do ritual

O Enbanda descalço, com um cinto de rendas alvas e delicadas, se não estivesse com o camolele (uma espécie de gorro) à cabeça, amarrava-a com um lenço. Seguindo o exemplo do Enbanda, faziam o mesmo os camanás. Em alguns Terreiros de Macumba e até de Umbanda mais fiéis às tradições africanas, ainda presenciei esta prática de ajustar um lenço dobrado em fita, em torno da fronte, amarrando-o atrás à cabeça. A prática está desaparecendo, não obstante a sua utilidade.

Amarra-se o lenço à testa para impedir o suor descer sobre os olhos, em consequência da sudação provocada pela agitação decorrente da entrada em estado de transe. Provavelmente esta era também a razão da mesma prática na Cabula, porque também nela, como veremos adiante, os adeptos do culto agitavam-se ao entrarem em estado de transe.

Iniciava-se, a seguir, a oração preparatória, rezada de joelhos diante da mesa. A prática da oração preparatória ainda hoje se repete nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. Atualmente, é designada como Oração de Abertura dos Trabalhos. Pode ser feita de joelhos, à muçulmana, ou em pé, voltados para o altar (na Cabula, denominado mesa, nos Terreiros atuais, gongá ou congá e nos primórdios da Macumba, canzol, como informa Magalhães Corrêa no Sertão Carioca, pp. 217-21). Após a oração preparatória, o Enbanda se erguia, elevava os olhos ao Céu, concentrava-se e entoava o primeiro cântico, denominado nimbu. Estes cânticos rituais, hoje, nos atuais Terreiros de Macumba e Umbanda são denominados pontos-cantados. Eis o primeiro nimbu:

"Dai-me licença, Carunga
"Dai-me licença, tatá
"Dai-me licença, baculo
Que o Enbanda qué(r) quendá(r)".

O nimbu dirige-se ao mar (Carunga), aos Espíritos de ancestrais (tatá) e aos baculos ou bacuros, que eram "Espíritos da Natureza, jamais tendo encarnado. Segundo O. Cacciatore, o termo proviria da expressão iorubá "igbàkúrò" isto é, salvador. Parece que os baculos tinham representação estatuária, pois D. Nery afirma que o termo designava pequenas imagens. Talvez as que estavam sobre a mesa fossem esses baculos. Além de estátuas, o termo segundo D. Nery, designava também a "raiz", como veremos logo a seguir, cujo suco era utilizado no ritual. A nosso ver, provavelmente o termo era entendido à raiz – esta talvez um alucinógeno – porque a ingestão do seu suco favorecesse a entrada em estado de transe, ou seja, a suposta "possessão" pelos baculos. Às três categorias de "seres" nomeados no nimbu pedia-se licença para se iniciar o ritual: o Enbanda poder "quendá(r)", isto é funcionar:

O nimbu era acompanhado pelas quatan ou liquaquá, as palmas ritmadas dos camanás. Este procedimento ritual ainda é usual nos atuais Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. Todo o ritual é acompanhado de pontos-cantados ritmados por palmas, e, liturgicamente, dançados, pelos filhos-de-santo, com uma ginga de corpo, no local em que se encontram. Como na atual Macumba, também na Cabula, o ritmo das palmas era muito importante. A ausência delas por parte de algum camaná era objeto de observação do Enbanda ao cambone.

- *"Por conta de quem camaná fulano não bate caliquaquá?"*

O cambone respondia:

- *"Por conta de Ca-Ussê".*

O uso do prefixo "ca" precedendo as palavras foi interpretado por D. Nery como uma "gíria" para dificultar a compreensão do que era falado no ritual. Na realidade, como observou R. Bastide, o "ka" é um prefixo classificatório Banto, conservado na Cabula antes das palavras portuguesas.

A "possessão" do Enbanda

Pelo relato de D. Nery, após o primeiro nimbu, o Enbanda entrava em estado de transe, pois informa que nesse momento *"o Enbanda em contorções, virando e revirando os olhos (fazia) trejeitos, (batia) no peito com as mãos fechadas e, compassadamente, emitindo roncos profundos, (soltava), afinal, um grito estridente, horroroso"*. Essa é a fenomenologia observável em muitos iniciados da Macumba, que se crêem "possuídos" pelos Espíritos de homens depravados, segundo a metamorfose realizada nos Terreiros de Macumba, por influência do Espiritismo Kardecista, sobre o mítico Orixá fálico e mensageiro dos demais Orixás, Exu.

Na seqüência ritual da Cabula a entidade "incorporada" no Enbanda, era objeto, a seguir, de homenagens, como ainda hoje se pratica nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. O cambono trazia à entidade "incorporada" um copo de vinho e uma raiz. O Enbanda mastigava a raiz e bebia o vinho. Este pormenor importante fornece-nos uma pista para presumir qual a entidade "baixada" no Enbanda. possivelmente um tatá, o "Espírito" de um ancestral – hoje, denominado de Preto-Velho – e não um bacuro. Por quê? Pelo tipo de bebida oferecida: "um copo de vinho". O vinho moscatel, ainda hoje, é a bebida oferecida aos Pretos-Velhos, quando "baixam" nos filhos-de-santo dos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. Se fosse Exu, seria cachaça. A fenomenologia do estado de transe, contudo, se aproxima mais do estado de "possessão" de Exus, que dos Pretos-Velhos tradicionais. Como a bebida oferecida foi "vinho" e não cachaça, a entidade "baixada" no Enbanda seria um tatá, tendo os traços estereotipados dos atuais Pretos-Velhos-traçados, segundo a descrição de pais-de-santo, ou seja, "Espíritos" de Exus em transição para o escalão superior de Preto-Velho.

Seriam Pretos-Velhos ainda portadores dos traços estereotipados dos atuais Exus da Macumba, Umbanda e Quimbanda. Este conceito de Preto-Velho-traçado é recente.

Posterior ao influxo do Espiritismo Kardecista sobre a Macumba.

Não pode, portanto, ser aplicado aos tatás da Cabula. Mas a descrição de D. Nery deixa ver sua presença já em gestação na Cabula.

Ao "vinho" vinha associada à raiz, atrás acenada. Este, porém, era o momento de sua presença litúrgica, pela mastigação e deglutição de seu suco. A mesma raiz reaparecerá mais adiante no ritual de iniciação dos camanás. Como nos rituais atuais da Macumba, também na Cabula, as oferendas não se restringiam apenas à raiz e ao copo de vinho. Era complementada com "fumo de incenso" queimado nesse momento, em um vaso qualquer, em homenagem à entidade e cuja fumaça era inalada. Também, esta prática ritual da Cabula se mantém na Macumba, Umbanda e Quimbanda, só que deslocada. Na Cabula, era homenagem à entidade "incorporada" no Enbanda. Nas atuais Macumba, Umbanda e Quimbanda transformou-se a incensação em rito preliminar de purificação ritual do local e dos participantes, preparatório para a abertura dos trabalhos. A incensação "purifica" o ambiente e as pessoas presentes. Libera-as das "cargas negativas", que lhes estão aderentes à pele (pelo fato de andarem nas ruas) e transportadas para os Terreiros ao neles entrarem. A incensação serve também para preparar a cabeça dos filhos-de-santo para "receberem" as entidades, procurando – como se fazia na Cabula – aspirar a fumaça do incenso e com ela impregnar a própria cabeça, trazendo a fumaça com as mãos para as têmporas, fronte e occipital, visando "fortalecer" a cabeça e melhor poder "incorporar" as entidades.

O segundo nimbu

Após a aspiração do incenso, o Enbanda entoava o segundo nimbu:

"Baculo do ar
Me quisa na mesa
Me tomba a girar"

Depois do nimbu de abertura do ritual, saudando Carunga, tatá e báculo e pedindo licença para funcionar – "quenda(r)" – este segundo nimbu dirige-se exclusivamente ao "baculo do ar", isto é, ou ao báculo que habita a atmosfera, ou à atmosfera com seus fenômenos metereológicos. Os dados que possuímos não especificam a identidade deste "baculo do ar". Contudo, ele é chave no ritual, pois o nimbu lhe atribui o poder de fazer o Enbanda "quisa(r) na mesa" e "tombar a girar". Até o momento deste trabalho não conseguimos descobrir o significado do "quisa(r)". A "mesa", como já vimos, corresponde ao gongá ou congá (altar) e à todo o ritual da Cabula.

O poder de "tombar a girar" não oferece dificuldade: pede-lhe o Enbanda que atue de modo a fazê-lo entrar em estado de transe, segundo a fenomenologia ritual de "girar", rodopiar até "tombar", cair no chão, em estado de transe, como ainda hoje sucede nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda com os iniciantes no ritual, que estão aprendendo a "desenvolver a mediunidade".

Este pedido, na lógica da sequência do ritual descrito por D. Nery, suporia que o Enbanda ainda não tivesse entrado em estado de transe. Mas, como vimos atrás, o Enbanda já havia entrado. O nimbu, portanto, deveria ser cantado: ou para obter a possessão, caso ainda não tivesse entrado em transe; ou, se já estivesse "possuído", para manter a sequência de hinos do ritual.

O rito do Candaru

A seguir, informa D. Nery, "o Enbanda, ora dançando ao bater compassado das palmas, ora em êxtase (estado de transe), recebe o Cambono o Candaru (brasa em que foi queimado o incenso), trinca nos dentes e começa a despedir chispas pela boca, entoando o Nimbu:

"Me chame três Candaru
Me chame três tatá
Sou Enbanda novo (ou velho)
Hoje venho curimá".

D. Nery define Candaru como fogo. Com maior precisão, o Candaru, referido neste nimbu, é uma palavra de origem provavelmente Yorubá e não Banto, correspondendo ao aje (coador) + ere (barro) = coador feito de barro, onde eram postas brasas. No ritual, o Candaru era usado como prova iniciática ou de comprovação da autenticidade da "possessão" por uma entidade. A prova consistia em colocar sobre a cabeça do iniciado, de cujo transe se duvidava da autenticidade, a vasilha de barro com orifícios no fundo e dentro fogo vivo (ajerê) ou brasas (Candaru), sobre as quais se derramava azeite.

Se o transe fosse autêntico, a pessoa não deveria se queimar. O rito usado na Cabula o era também em Terreiros sudaneses da Bahia e em outros lugares de influência Banto. Aqui, no Rio de Janeiro, nas pesquisas de campo em Terreiros de Umbanda e Macumba ouvi frequentemente referências a essa prática comprobatória da autenticidade da "possessão" por uma entidade, mas, nos quatro anos de intensiva pesquisa de campo não tive ocasião de presenciar a sua prática. Ao que tudo indica, está caindo em desuso, pela pressão de pais-de-santo de formação kardecista, que repugnam todas as práticas virulentas dos antigos rituais africanos.

Aqui na sequência ritual, o Candaru foi entregue ao Enbanda, que o "trincou com os dentes, soltando chispas de fogo pela boca", como uma demonstração da autenticidade de sua "possessão", ante á comunidade. O Candaru foi usado não da forma usual, sobre a cabeça, mas trincado pela borda com os dentes, de modo a poder, com as brasas próximas da boca, provocar chispas de fogo, dando a impressão de saírem. Visava a impressionar os neófitos, pois a seguir se fazia a iniciação.

Ao "curimã(r)" D. Nery dá o significado de "brincar". Precisamente, curimar significa cantar curimbas ou corimbas, cânticos religiosos negro-brasileiros, para saudar ou invocar as entidades do culto. Seria uma palavra: ou de origem Yorubá, formada de "ko" (cantou) + "orin" (canção) + "ba" (realmente); ou proceder do dialeto kimbundo, formada pelo prefixo verbal "ku" + "imba" (cantar).

Iniciação dos neófitos

Após esse nimbu principiava a iniciação dos novos camanás. Caso houvesse algum neófito, um caialo, com o seu padrinho, durante essa fase inicial do ritual, devia ter ficado afastado do camucite. Neste momento, o caiaio, vestido humildemente com calça e camisa brancas sem goma e descalço, após penetrar no círculo, devia passar três vezes por baixo das pernas do Enbanda. Era a tríplice viagem, simbolizando a fé, a humildade e a total obediência ao seu novo pai, como dali em diante chamará o Enbanda. É de se observar que aqui temos o mesmo tratamento que os adeptos da Macumba dão ao chefe religioso da comunidade: "pai", tanto como abreviação do termo pai-de-santo, tradução portuguesa de babaiorixá ["babá (pai) + "Orixá" (santo)], quanto no sentido de paternidade espiritual do chefe.

Durante a iniciação do caialo, os camanás entoavam hinos de ação de graças às suas "entidades", pela aquisição do novo irmão de culto. Com o caialo de pé diante de si, o Enbanda recebia de um dos cambonos a Enba. Segundo. D. Nery, o pó sagrado feito de tabatinga, espécie de argila branca, seca. Bastide, entendendo erradamento o termo "tabatinga", julgou que fosse uma árvore ou arbusto, daí concluir que Enba era "um pó mágico, feito de folhas". Com a Enba o Enbanda friccionava "os pulsos, a testa e o occipital do caialo". Esta também é outra das identidades entre a Cabula e a Macumba, Quimbanda e Umbanda de tradições africanas. A Enba da Cabula é a atual "pemba dos Terreiros, tabatinga branca ou em cores, compactada em pequenos bastões e usada para traçar pequenos sinais ou cruzes na fronte, pulsos, peito, peito-dos-pés dos filhos-de-santo. Exatamente nos mesmos locais do corpo iniciado, assinalados pelo Enbanda com a Enba sobre os caialos na Cabula.

O rito, atualmente em processo de desaparecimento, é aplicado, segundo informações colhidas entre 1968 e 1972 com os pais-de-santo, nos rituais semelhantes ao da iniciação da Cabula. Além deste uso, é aplicado em alguns Terreiros também sobre os mesmos pontos do corpo de pessoas que estejam se debatendo "possuídas" por "obsessores" nos Terreiros. Finalmente é usada no traçado dos pontos riscados nas tábuas de pontos. Após a assinalação, era-lhes entregue a raiz para mastigar e engolir o suco e um cálice de vinho para beber. Concluía-se assim, a iniciação. Pronto o caialo, o Enbanda o conduzia ao lugar que daí por diante ocuparia na engira, entre os camanás. Todos os caialos atendidos, era a vez dos camanás. Mastigavam a raiz, ingeriam-lhe o suco e bebiam do vinho. Novo nimbu era entoado ritmicamente acompanhado pelas palmas dos camanás.

O ritual da vela acesa

Na seqüência ritual o Enbanda tomava uma vela acesa, benzia-a e começava a "passá-la por entre as pernas, por baixo dos braços e pelas costas" de cada camaná. Este mesmo rito ainda hoje é praticado nos Terreiros de Macumba por filhos-de-santo "incorporados", especialmente, com Exus. O rito é usado algumas vezes associado à defumação pela fumaça do cachimbo ou charuto que a entidade esteja fumando, com a finalidade de purificar o consulente e liberá-lo das supostas "cargas negativas", que lhe estejam aderentes ao corpo. Este é mais um dos ritos que vinculam a Macumba à Cabula.

Na Cabula, a permanência da vela acesa, não obstante os deslocamentos no ar pela mão do Enbanda abaixo e acima, à direita e à esquerda do corpo do camaná, revelava ao Enbanda a fé do camaná. O lume aceso patenteava a robustez de sua fé no culto e em suas "entidades", por essa razão, quando se apagava a vela diante de algum camaná, gritava o Enbanda:

- *"Por conta de quem camaná fulano não tem cá-fé, cá tudo?".*

O cambone respondia, mas a falta de fé era punida com duas, três ou quatro palmatoadas com a palmatória, até que a vela não mais se apagasse. Os castigos eram freqüentes e aplicados pelo Enbanda para aperfeiçoar os camanás.

A tomada do Santé

Comprovada a fé de todos os camanás, chegava-se ao ápice do ritual: "a tomada do Santé". Esta expressão requer análise. A uma leitura de afogadilho, crer-se-ia que o Santé fosse uma bebida, algo que se toma, bebe. Na realidade significa ser tomado, possuído, pelo Santé. No pequeno glossário anexo ao texto, D. Nery define "Santé" como "Espírito Principal". Olga Cacciatore informa que "Santés" são os "Espíritos da Natureza", ao que se vê, conceito semelhante ou idêntico ao de "bacuro". Roger Bastide esclarece que "Santé" é a abreviatura da palavra "santidade", presente nos primórdios da colonização do Brasil e combatida pela primeira visitação do Santo Ofício, como atestam as Confissões da Bahia de 1591 – 1592. Era um culto sincrético, de base indígena com elementos do catolicismo popular e o uso do fumo. O "Espírito de santidade", ou "Santé" era o transe obtido pela inalação do fumo do tabaco, "a erva sagrada". O termo foi assumido pelo Culto dos Caboclos, mais ou menos cristianizado e disseminado pelo sertão nordestino, estando nas origens do Catimbó atual. Dele, provavelmente, os cabulistas tomaram a expressão para designar esta parte central do ritual. A "tomada do Santé", portanto, significa "receber o Santé", isto é, "incorporar", ou como é dito na Macumba carioca "receber o santé ou o "santo". O termo "santé" ainda hoje é usado nos Terreiros de Macumba e mesmo de Umbanda, como ouvi expresso pelo pai-de-santo do extinto Templo Umbandista da Legião Espiritualista de Assistência Social, na rua S. Clemente nº 321 em Botafogo (RJ) durante as pesquisas de campo realizadas entre 1968 e 1972.

Informa D. Nery que a "tomada do Santé" era o "ponto principal de todas as reuniões". O fato corresponde exatamente à finalidade central de todas as sessões de Macumba, Quimbanda e Umbanda: "receber" as entidades, para que "venham" "trabalhar e fazer caridade", como dizem. Nessa expectativa dobravam um lenço branco em forma de fita, cingindo com ele a testa e amarrando-o à nuca. Como D. Nery havia relatado que no início da engira todos os camanás já o haviam feito, supomos que o reiterar a referência esse momento queira se referir aos novos camanás recém-iniciados.

Para aumentar a concentração psicológica do grupo, reduziam a intensidade luminosa da fogueira e perfumavam o ambiente queimando incenso ou resinas aromáticas. Os dois procedimentos rituais ainda hoje são usados nos Terreiros de Macumba para criar condições ambientais propícias à "entrada" em estado de transe e à "possessão" pelas "entidades". Houve nessa continuidade histórica, contudo, um deslocamento: a incensação foi antecipada, realizando-se no início de todo o ritual, como cerimônia preliminar de purificação do ambiente, antes de se iniciarem as giras, mas, a redução da luminosidade continua como preparação ambiental imediata para a "descida" das entidades", como se fazia nas engiras da Cabula. Agora, nos Terreiros, onde não se acendem fogueiras, apagam-se as lâmpadas comuns ou de luz fria e acendem-se pequenas lâmpadas azuis, para dar ao ambiente uma luminosidade difusa de luar.

Criado o condicionamento imediato para a "possessão" pelo Santé, entoava-se o cântico evocativo. Ao ritmo das palmas, informa D. Nery, dançava o Enbanda, *"esforçando-se em grandes gestos e trejeitos, para que o Espírito se apoderasse de todos. Quase sempre há em cada Mesa mais de um Enbanda e o esforço do Enbanda chefe é no sentido de dar o Santé aos Enbandas inferiores, para que sejam dali afastados"* . O relato desta parte do ritual é confuso, embora coerente no início, com o que vem sendo narrado e que ainda se observa atualmente nos Terreiros de Macumba. O final parece contraditório. Vejamos:

Informa que *"quase sempre há em cada Mesa mais de um Enbanda"*. Se entendemos o termo "Enbanda", como vem sendo usado até agora, com o sentido etnológico de sacerdote do culto Banto na Cabula, a frase informa que na Cabula não havia um único Enbanda, mas vários, em hierarquia. Um Enbanda chefe e outros Enbandas subordinados, ou subchefes. Essa hierarquia ainda se encontra hoje nos Terreiros de Umbanda, procedentes da antiga Macumba, como constatamos, entre outros, no Templo Umbandista da Legião Espiritualista de Assistência Social, acima citado; na Tenda Espírita Pai Jerônimo, rua Barão de Ubá, 423 - fundos (Praça da Bandeira); na Tenda Mirim, Av. Marechal Rondon, nº 597 (S. Francisco Xavier).

Diz-nos que a preocupação e trabalho do *"Enbanda chefe é de dar o Santé aos Enbandas inferiores"*, portanto, ajudar, criar condições para que também os "Enbandas inferiores "incorporem" as entidades. Até aqui, tudo lógico. Mas a subordinada final – *"para que sejam dali afastados"* – parece ilógica! *"Dá-se o Santé aos Enbandas"* para afastá-los do ritual? Isto não tem sentido na lógica do ritual. "Enbandas inferiores" estariam sendo usados como sinônimo de "Espíritos inferiores", que devem ser afastados? Neste caso, o termo "Enbanda" não está sendo usado com o significado de "sacerdote" mas de "Espírito", "Santé", tornando equívoco o relato. Quando nos Terreiros os adeptos "recebem" suas entidades não se afastam do Terreiro. Permanecem nele, "incorporados". Como consequência, as entidades que "incorporam" não se afastam, antes, tornam-se "presentes", através da "incorporação". Assim, não se entende como possam "ser afastados", sejam os "Enbandas inferiores", seja o "Santé".

Cremos que o impasse esteja no uso equívoco do termo Enbanda. Parece-nos que para o trecho ter lógica é necessário manter o termo "Santé" como designando o "Espírito principal", que pode ser dado a todos os "Enbandas (sacerdotes) inferiores". Desse modo, o "Espírito principal", o Santé, por sua força preternatural afastaria os "Espíritos inferiores", perniciosos e prejudiciais, presentes no ar, no local do ritual. Esses "Espíritos Inferiores" prejudiciais razão pela qual devem ser "afastados" – corresponderiam ao que hoje nos Terreiros de Macumba se designa como kiumbas e obssessores. Cremos ser esse o sentido do texto, pois, no parágrafo seguinte, informa D. Nery que *"de espaço a espaço todos (atiravam) Enba para o ar, afim de que se afastem os maus Espíritos"*.

Esse gesto ritual — "atirar Enba para o ar" — não teve continuidade na Macumba e muito menos, na Umbanda atual. Permanece característico da Cabula, por ter sido a Enba – hoje, pemba – compactada em bastonetes para seu atual uso. Na forma arcaica de uso, como pó, é possível e tem sentido, "atirá-lo para o ar", pois, as partículas do pó sagrado, espalhando-se na atmosfera, entravam em contato com os "maus Espíritos", que nele se encontrassem afastando-os pela incompatibilidade mágico-religiosa da natureza sagrado-benéfica da Enba oposta à maléfica dos maus Espíritos.

Além desta finalidade, o rito tinha também uma segunda "cegar os profanos" para que não vissem ou devassassem os sagrados mistérios. As partículas da Enba no ar atingiriam os olhos dos profanos curiosos.

A "possessão" pelo Santé

"De repente um deles, geralmente o Enbanda, verga o corpo, pende a cabeça e rola pelo chão, em contorções. A fisionomia torna-se contraída, todo o corpo como que petrificado e sons estertorados lhe escapam do peito. É o Santé que dele se apoderou" (D.Nery).

Esta descrição corresponde ao estado de transe "selvagem" nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda, no qual o iniciado ainda não aprendeu a "receber" a entidade, permanecendo de pé, sem rolar pelo chão. Pode também ser a fenomenologia da assim dita "incorporação" de Exus e obsessores na Macumba, Umbanda e Quimbanda. Esse modo violento e doloroso, para os que são objeto deste tipo de transe, no dizer dos pais-de-santo dos Terreiros, pode ser sinal da "presença" ou de um obsessor ou a forma "punitiva", com que uma entidade "castiga" um filho-de-santo, que fez algo que ela lhe proibira, ou por ter infringido algum interdito cúltico. Como "punição" por "entidade superior" a fenomenologia é rara. As convulsões, contorções, jogar-se ao chão, esfolando-se no pavimento, na explicação dos pais-de-santo dos Terreiros, são características do modo de se "apresentar" dos obsessores. Como é perceptível, essa tipologia comportamental. corresponde, na verdade, a um estado psíquico conflitual violento, que tolhe ao adepto todo o autocontrole.

A "possessão" dos Camanás pelo Santé

"Receber" o Santé não era privilégio exclusivo dos Enbandas-chefes e subalterno. Também os simples iniciados, os camanás, o podiam e, de fato, o "recebiam". Quando isto sucedia, os camanás "possuidos" pelo Santé, transformavam - se psico-comportalmente.

Informava D. Nery: *"nesse período (o camaná) fala e discorre, sem ter aprendido, sobre as cousas cabulares, como o mais perfeito e sabido dos Enbandas"*. O camaná que "recebesse" o Santé se destacava de pronto dentre os demais e ascendia rapidamente ao status de Enbanda.

Do visto, ser "possuído" pelo Santé oferecia vantagens. A promoção no culto não era a maior Era decorrência de algo ainda mais precioso e buscado tenazmente pelos que se iniciavam no culto: a aquisição de um "Espírito" que os "guiasse" e "protegesse" em todas as necessidades duríssimas de suas vidas de escravos ou ex-escravos. Ter um "Espírito-Guia" era ter um "protetor" precioso. Esse "Guia" e "protetor" buscado era "encontrado" através do Santé, do estado de transe. Daí todos trabalharem e se esforçarem por entrar em transe – ter o Santé – sujeitando-se, para isso, no dizer de D. Nery, a *"diversas abstinências"* e *"ridículas penitências"*. Aqueles que conseguiam "ser tomados pelo Santé" buscavam imediatamente "obter o seu "Espírito" familiar protetor, mediante a cerimônia ritual de embrenhar-se no mato com uma vela apagada e retornar com ela acesa, não tendo levado consigo meio algum para acendê-la – o que implica o conhecimento do modo de obter fogo por meio de atrito de madeiras ou de chispas de pedras –. Com a vela acesa o camaná devia trazer o nome do seu "Espírito protetor" sendo os mais comuns: Tatá Guerreiro, Tatá Flor da Carunga, Tatá Rompe Serra, Tatá Rompe Ponte, etc.

A busca cabulística de um "Guia" e "protetor" para as dificuldades da vida diária se repete na agonizante Macumba e nas suas continuadoras, a Umbanda e a Quimbanda, decorrentes de sua cisão. Também no que atine aos nomes desses "Espíritos protetores" há uma relativa continuidade entre a Cabula e a Macumba, Umbanda e Quimbanda. Muitos deles, com variações de significado e aplicação, ainda são perceptíveis nos atuais Terreiros.

1º) O termo “tatá”, como já vimos, desapareceu como prenome de entidade, adotando novos significados.

2º) “Carunga”, hoje dito Calunga, não é mais cultuado, como entidade protetora pessoal. Permanece como arcaico nome Banto do oceano: a Calunga-Grande. Como força preternatural, objeto de culto, foi substituído no Brasil, por Yemanjá, conceito Yorubá, que no Brasil, passou a ser a Orixá do mar.

3º) Os designativos acoplados ao verbo “romper” – significando “força preternatural”: “rompe serra”, “rompe mato”, “rompe ponte” (...) — ao lado da formação de novos nomes de significado similar – ainda continuam a existir nos Terreiros atuais, mas aplicados a Caboclos (pseudo-alma de índios) tais: Caboclo Rompe Serra, Caboclo Rompe Mato.

Com essas informações encerra D. Nery o seu relato sobre o ritual. Não tendo a preocupação etnológica, mas apenas o “zelo pastoral” de “tomar algumas notas (oferecidas) à consideração e ao estudo dos curiosos”. Não descreve a conclusão do ritual. Esta lacuna final não desmerece a importância do relato. Ainda hoje é o que de mais importante temos sobre a Cabula.

Conclusão

O estudo da Cabula apresentado por D. Nery deu-nos acesso às raízes das arcaicas formas de expressão religiosa Banto no Brasil. O relato, como vimos, ajuda-nos a entender a origem de muitas das formas de expressão do culto de Macumba, que se transmitiram à Quimbanda e à Umbanda atuais, no que ainda conservam de suas raízes africanas. Detectamos essas raízes nas identidades que procuramos levantar ao longo do trabalho, iniciando-se com o termo cafioto, usado nos primórdios da Macumba rural, passando pelas mesmas litúrgicas calças e camisas brancas pés descalços e lenço em fita amarrado à testa. Na Cabula, como na Macumba, o sacerdote do culto denominado Enbanda ou umbanda, recebendo o mesmo tratamento de “pai” pelos caialos e camanás da Cabula como os atuais pais-de-santo dos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda o recebem de seus filhos-de-santo. A mesma hierarquia do Enbanda chefe e Enbandas subordinados da Cabula continuada na Macumba e Umbanda entre os pais-de-santo e os subchefes dos Terreiros. Os Enbandas, como os atuais pais-de-santo, acolitados por cambonos com idênticas funções nos dois cultos.

A sucessão de identidades continuou nos objetos rituais: cachimbos, velas, signos cabalísticos — hoje denominados pontos-riscados compostos de cruzes, meias-luas, estrelas de cinco e seis pontas, flechas, raios, etc. O quase idêntico uso da Enba, a atual pemba, nos dois cultos. O mesmo termo “engiara” ou hoje “gira”, para designar o ritual movimentado em círculos dos adeptos da Cabula, como da Macumba primitiva. O ritual cabulístico realizado em casas e nas florestas, repetindo-se nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda, com a primeira parte nos Terreiros e a conclusão das giras festivas nas matas. O termo “mesa, designativo das reuniões dos cabulístas, ainda usual em 1939 na Macumba carioca.

A repetição – ajustada às lâmpadas elétricas dos atuais Terreiros – da prática cabulística de reduzir a luminosidade da fogueira que iluminava o camucite, para favorecer a concentração psicológica dos adeptos e entrarem em estado de transe. A continuação da oração preparatória inicial do culto na atual oração de abertura dos trabalhos.

A estrutura musical do culto pontilhado de nimbus ritmados pelas quatan ou liquaquá, as palmas que se repetem nos atuais pontos-cantados ao ritmo de atabaques e palmas. A permanência do nome de Carunga, o oceano, na atual designação da Calunga-Grande, embora tendo cessado na Macumba o culto a ele. O termo Santé vez por outra ainda usado nos Terreiros com idêntico significado de ser “possuído” por uma entidade ao entrarem em estado de transe. A “possessão” pelo Santé não privilegiando apenas o Enbanda chefe e os Enbandas subalternos, mas acessível também aos camanás a repetir – se na Macumba, onde não apenas o pai ou mãe-de-santo “recebem” as entidades, mas igualmente os filhos-de-santo.

As identidades prosseguiram na mesma busca de um “Guia” pessoal na Cabula como na Macumba. Os nomes dos “Guias” mantidos relativamente, como “tatá”, hoje com acentuação paroxítona e significado mais amplo. O mesmo tipo de homenagens às entidades “baixadas”, como o “vinho”, para os antigos tatás e os atuais Pretos-Velhos, acompanhado do mesmo uso do incenso, embora com deslocamento na seqüência ritual. O rito da vela acesa, passada ao redor do corpo do camaná continuado nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda em torno do corpo dos consulentes atuais. Por último e ainda que em processo de esquecimento, o uso cabulístico da prova do Candaru, para autentificar a “possessão” por uma entidade.

Este acúmulo de identidades, a nosso ver, não só revelam a origem Banto comum dos dois cultos, como sugerem uma continuidade histórica, intermediada por um período de encasulamento e metamorfose da Cabula na atual Macumba, esta, ressurgida algumas décadas após, a princípio, na área rural e, em seguida, inserida no contexto da periferia urbana da cidade do Rio de Janeiro, com extensão para São Paulo e Espírito Santo.

(Texto de: Valdeli Carvalho da Costa)

Vamos a um texto interessante, onde o jornalista nos relata sucintamente a Cabula, sua existência, perseguições e extinção:

CABULA

"Macumba diabólica em Itaúnas".

Manchetes como essa, carregadas de sangue de feiticeiros, eram freqüentes dos anos 30 aos anos 50, no jornal "A Gazeta". Época em que temidos oficiais da Polícia Militar, como o major Djalma Borges, atuavam no norte do Estado matando os chefes das Cabulas, numa missão oficial planejada para o extermínio da principal seita de magia negra da região.

Essa ação dos militares concentrou-se mais no Vale do Cricaré, que hoje abrange os municípios de São Mateus e Conceição da Barra. Foi um capítulo de ódio sedento de sangue, segundo o depoimento de um antigo morador de Itaúnas, Ográcio Barcelos, de 67 anos. Ele cita uma lista de cabuleiros abatidos neste período em que Carlos Lindenberg era o governador do Estado. *"Isto aqui virou um terror, com policiais invadindo casas, espancando e matando cabuleiros e adeptos da cabula"*.

Mas o temor e, consequentemente, a perseguição à Cabula vêm lá de trás, ainda por ocasião da escravatura, quando ela foi usada pelos negros como força revolucionária nos seus confrontos com os fazendeiros. A Cabula era um ritual para abater os inimigos com feitiço, executando continuamente líderes escravagistas, especialmente aqueles que perseguiam os negros fugidos da senzala.

Era, em verdade, um instrumento de luta manejado por um guerreiro invisível e intangível, de demônios constituídos. O ódio era maior, principalmente, se esse feiticeiro fosse remanescente dos vindos da África.

(Segundo um dos maiores especialistas em assuntos da África, o jornalista polonês Rysard Kapuscinski, os povos africanos são regidos por forças sobrenaturais. São forças concretas, Espíritos que têm nomes e encantos. São eles que definem o curso e o sentido da vida, sentenciam o destino de cada um e tudo decidem).

Realmente esse sentido de magia afro, guardadas, evidentemente, as devidas distâncias, tem tudo a ver com a nossa Cabula, cujo ritual nos é contado agora por um antigo adepto, João de Deus Falcão dos Santos, 53 anos, morador de Itaúnas, mestre do Ticumbi, mas criado dentro de uma mesa de Santa Maria (a própria da Cabula):

- Começava a Cabula com o cambone, que é o secretário do cabuleiro, forrando o chão com uma toalha branca. Colocava os santos sobre ela, botava os cordões e também as facas. Os participantes amarravam uma fita branca na cabeça. O cabuleiro era quem fazia a sessão, sempre à noite, pois a noite traz segurança e tranqüilidade aos Espíritos. O cabuleiro trabalhava nela e o cambone seguia as suas ordens. O povo da mesa só cantava e rodava.

- Divino vai, Divino vai, Divino vai; Eu vou dar o meu licaço (uma roda); O cambucito vai embora; eu vou dar o meu licaço; é o santé, o Caboclo que está no corpo de fulano. Aí o pessoal da roda fazia os pedidos. O cabuleiro receitava para tratar de doenças. A primeira parte da Cabula era só para fazer o bem, como a cura dos doentes. Depois entrava a parte para fazer o mal.

Aí, diz João, o cabuleiro trabalhava com a parte do Satanás. Incorporava nele só gente brava. Vinham os pedidos para fazer mal aos desafetos. Recebido o pedido, o cabuleiro ia para o mato fazer o serviço, enquanto que o povo da mesa cantava e fazia novamente a roda. Ele voltava com o corpo envolvido em cipó e cheio de espinhos. Nesta hora, alguém tombava em algum lugar – garante João, com toda convicção ainda de antigo devoto da Cabula.

Manter o segredo sobre o ritual era como uma lei para não ser desobedecida nunca pelos seus adeptos. Há inúmeras histórias de adeptos da Cabula presos e torturados pela polícia, mas que jamais revelaram os segredos de seus rituais. A longevidade da Cabula andou, inclusive, por conta desse pacto da sociedade negra para com a sua religião, segundo o historiador Maciel de Aguiar. Mas Maciel divide em dois momentos distintos a Cabula: uma em que ela mantinha a chama revolucionária e outra servindo às rixas entre suas próprias comunidades.

Sobre os casos das rixas, João Falcão também testemunhou vários e conta um que nunca lhe saiu da memória:

- Houve um ponto que foi um confronto entre duas mesas de Cabula. Uma de Santa Maria (a mais freqüentada) e outra de Santa Bárbara (de menor número de adeptos). Eu estava na mesa de Santa Maria. Era um cabuleiro querendo matar o outro. Um chamava-se Sebastião e o outro Zé Gonçalves, mas esse era mais conhecido com Zé da mesa de Santa Bárbara.

- Quando estava acabando a sessão na de Santa Maria, apareceu uma cobra no meio da mesa. O cabuleiro ordenou ao seu cambone que não deixasse ninguém matar ou tocar nela. Pegou uma zema (areia) e soprou em cima da cobra, dizendo que foi o Zé da mesa de Santa Bárbara quem havia enviado a cobra para matá-lo. Colocou levemente a mão sobre ela. E ela morreu logo em seguida.

- Depois de encerrado a sessão da Cabula, ele convidou os participantes a seguirem com ele para a beira do rio, a fim de apreciar o corpo de Zé da mesa de Santa Bárbara passar para o cemitério. E não é que apareceu uma canoa com o corpo do Zé? Uma grande canoa de pequi, com adeptos da mesa de Santa Bárbara, em silêncio, trazendo o defunto do cabuleiro inimigo para ser enterrado no cemitério de Itaúnas.

Era um tempo que João classificou de muito feitiço, com o que concorda Maciel (responsável pela maior parte das informações dessa reportagem). Mas ai nós já estamos em meados do século XX, quando a Cabula passa a sobreviver com outros propósitos.

Mas o seu começo foi realmente o de servir à luta pela libertação dos escravos. Sua eficiência foi tamanha nesta etapa que o governo da Província, instigado pelo padre da região, Duarte Pereira Carneiro, instituiu a guerrilha de São Mateus para o extermínio da Cabula.

Segundo ainda Maciel, essa guerrilha remanejou para São Mateus capitães do mato de outras regiões do país. Entre eles veio um dos mais temidos, o cearense Francisco Vieira de Melo, que executou o Negro Rugério, chefe do Quilombo de Santana.

Mas escaparam dele outros líderes revolucionários, entre eles Benedito Meia Légua e Clara Maria do Rosário, que só seriam mortos depois da ida à região do bispo diocesano do Estado, D. João Batista Correia Nery.

Mas o bispo só chegou lá depois da abolição da escravatura, movido pelo momento por que passava o país, ainda tomado pelo alvoroço religioso-fanático de Antônio Conselheiro no sertão da Bahia. Desconfiavam os dirigentes católicos da terra que este mesmo fanatismo do sertão baiano seria transportado para a região do vale do Cricaré, onde existiam, na época, cinco mil escravos libertos.

Por esse tempo, a Cabula havia crescido muito, tinha deixado de ser apenas religião dos negros fugidos, passando a ser, também, dos negros libertos e praticamente de toda a população negra. A partir desse novo contingente de freqüentadores, ela dedicou-se também ao culto aos seus heróis revolucionários, com a sistemática encarnação nos cabuleiros dos espíritos revolucionários de Benedito Meia Légua, Negro Rugério e Maria Clara do Rosário.

Por esse período da grande afluência dos negros a Cabula, que vai da abolição da escravatura (1888) ao início do século XX, passando pela transição da Monarquia para a República, o bispo D. João Batista Nery conseguiu que o governo pusesse em execução a maior perseguição policial à Cabula, sob suspeita, novamente, de que ali estaria também para surgir um novo Canudos, com outro fanático à frente do tipo de Antonio Conselheiro.

A intervenção do bispo chegou ao ponto de fazer o governo considerar a Cabula uma atividade criminosa. E a Cabula defendeu-se caindo na clandestinidade, disfarçando sua atividade na prática do espiritismo, que era tolerado pelas autoridades policiais. Essa situação durou até os anos 20, quando veio a surgir, no sertão de Itaúnas, um branco, atuando também na mesa de Santa Maria. Tratava-se de um fazendeiro, de origem portuguesa, de nome Duca Tora.

Ficaria famoso como curandeiro, milagreiro, mas que, segundo o seu parente Lauro Vasconcelos Nascimento, de 87 anos, todo mundo conhece em Itaúnas como "seu Dodozinho". Duca Tora era um cabuleiro que jamais tratou do mal na sua mesa de Santa Maria. Acabou sendo por isso usado pela elite para incentivar ainda mais o combate à Cabula dos feiticeiros negros. Em 1941, morreria Duca Tóra e as populações da região voltavam a sentir a novamente a presença forte da Cabula feita pelos negros. Era comum, inclusive, nesta época, se esconder a vítima do feiticeiro como forma de salvar-lhe a vida. Já era final dos anos 40, para inicio dos anos 50, quando finalmente o governo enviou à região levas de policiais para dar fim à Cabula, como desejavam também autoridades de São Mateus e, principalmente, de Conceição da Barra.

À frente seguiu o mais temido de todos os oficiais da história da PM: o major Djalma Borges, que promoveu impiedosa matança de feiticeiros, conhecidos na região como cabuleiros. Não deixou sequer um único cabuleiro vivo. Extinguiu, literalmente, a Cabula, cujo segredo do ritual não chegou a conhecer, pois lhe negaram todos os cabuleiros, muito dos quais debaixo de sessões de torturas, como mais tarde o próprio oficial revelaria aos seus superiores. O que leva a crer que a Cabula acabou, mas levou consigo todos os seus segredos, pelos quais, anos a fio, combateram diversas gerações das elites rurais do Estado.

(Texto do Jornalista Rogério Medeiros)

"Sobre a Cabula, especificamente, Maciel disse que ela enfrentou dois poderosos inimigos: os fazendeiros escravocratas e a Igreja. Os fazendeiros, para mantê-los como mão-de-obra escrava. Com a Igreja foi diferente. Uniu-se às elites e ao governo para proteger seus interesses em livrar-se de uma religião eminentemente afro, que resistia a todo tipo de fusão dos seus ritos com os do catolicismo e havia crescido enormemente depois da libertação dos escravos". (Rogério Medeiros)

"Passaram a fazer os seus cultos através da Mesa de Santa Bárbara, numa simbiose com a liturgia dos católicos. O que era permitido e até estimulado pelos líderes católicos para ajudar na destruição da Cabula". (Rogério Medeiros)

Da Cabula, surgiu a Macumba. Só tem um porém: A Cabula era um culto sincrético onde predominava a comunicação com os Espíritos, através da mediunidade, ao invés de só cultuar Orixás. A Macumba se tornou um termo genérico onde se praticava o culto cabulistas com seus Tatás (Espíritos). Os praticantes de cultos afros com seus Orixás (sem a presença de Espíritos), também foram tachados de Macumba.

MACUMBA

A primeira definição de Macumba que se encontra em qualquer dicionário é: *"antigo instrumento musical de percussão, espécie de reco-reco, de origem africana, que dá um som de rapa (rascante); e Macumbeiro é o tocador desse instrumento".* (nota do autor: Deram a designação de instrumento musical, pelo fato de que nos rituais de Macumba, tocavam-se os ditos instrumentos).

O conceito da Macumba está tão arraigado na cultura popular brasileira, que são comuns expressões como "xô Macumba" e "chuta que é Macumba" para demonstrar desagrado com a má sorte. As superstições nesse sentido são tão grandes, que até mesmo para a Copa do Mundo foram criados sites para espantar o azar. São também muito comuns amuletos que vão desde adereços até objetos que remetem aos utilizados nos cultos religiosos.

Popularmente, a palavra Macumba é utilizada para designar genericamente os cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades dos povos africanos trazidos ao Brasil como escravos, tais como os Bantos, como o Candomblé. Entretanto, ainda que Macumba seja confundida com o Candomblé e Umbanda, os praticantes e seguidores dessas religiões recusam o uso da palavra para designá-las. Outras acepções para o termo Macumba são:

- Macumba, na acepção popular do vocábulo, é mais ligada ao emprego do ebó, feitiço, "despacho", coisa-feita, mironga, mandinga, muamba;
- Palavra usada no sentido pejorativo para se referir ao Candomblé ou à Umbanda;
- Diz-se mais comumente Macumba que Candomblé, no Rio de Janeiro, e mais Candomblé do que Macumba, na Bahia.

"Ainda ao tempo das reportagens de João do Rio os Cultos de origens africanas no Rio de Janeiro chamavam-se, coletivamente, Candomblés, como na Bahia, reconhecendo-se contudo, duas seções principais: os Orixás dos Cultos nagôs e os Alufás dos Cultos muçulmanos (malês) trazidos pelos escravos. Mais tarde o termo genérico "Macumba", foi substituído por Umbanda. Meio século após a publicação de "As Religiões do Rio", estão inteiramente perdidas as tradições malês e em geral os cultos, abertos a todas as influências, se dividem em Terreiros (cultos nagôs) e Tendas"(...). (Câmara Cascudo)

"E a Macumba carioca, portanto, pode bem ter se organizado como culto religioso na virada do século, como aconteceu também na Bahia. Não vejo, pois, razão para pensá-la como simples resultante de um processo de degradação desse Candomblé visto no Rio no fim do século por João do Rio, essa Macumba sempre descrita como feitiçaria, isto é, prática de manipulação religiosa por indivíduos isoladamente, numa total ausência de comunidades de culto organizadas. Arthur Ramos fala de um culto de origem Banto no Rio de Janeiro na primeira metade do século, cultuando Orixás assimilados dos nagôs, com organização própria, com a possessão de Espíritos desencarnados que, no Brasil, reproduziram ou substituíram, por razões óbvias, a antiga tradição Banto de culto aos antepassados (Ramos, 1943, v.1, cap. XVIII).

São cultos muito assemelhados aos Candomblés Angola e de Caboclos da Bahia, registrados por Edison Carneiro, que já os tratava como formas degeneradas (Carneiro, 1937. Para uma análise atual da questão da pureza nagô, ver Beatriz Góis Dantas, 1982 e 1988)". (Reginaldo Prandi, 1991)

(Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre)

Candomblé Banto, dirigido pela "Kilondirá" em Duque de Caxias, Baixada Fluminense no Rio de Janeiro (década de 1940) – em pé, ao fundo, com o terno fechado, está Joaozinho da Goméia

A razão mais plausível que encontramos, foi no termo "Makiumba" (logo após por regionalização fonética da palavra ficaria Macumba) foi justamente, porque é um culto onde são invocados, necessariamente, os Espíritos de almas penadas (de humanos desencarnados). Segundo o dicionário Afro-Brasileiro, kiumba na língua kibundo/kicongo (Banto), significa literalmente: *"Alma Penada".* O plural em kibundu/kicongo nunca termina com "s", como no português.

Conforme a palavra, um dos prefixos usados no kimbundo/kicongo para colocar uma palavra no plural é: "ma". O plural de kiumba como almas penadas seria então: "Makiumba". Portanto, era designado como "Macumba", um culto que incorporava tradições africanas, orientações ameríndias, católicas e espíritas, com predominância na presença mediúnica de "gente desencarnada", Espíritos regionais (Índios, Pretos-Velhos, etc.), que seria então o novo nome da extinta Cabula, contrariando os cultos de nação, que refutam a presença de Espíritos (chamados de Eguns), pois só trabalham com Orixás. Pelo explicado, o nome "Macumba" estava sendo corretamente utilizado como designativo de um culto.

Encontramos outro termo – "Makuba" – do idioma Banto (kikongo/kimbundo), significando originalmente reza, invocação.

Com as interpretações do termo – Macumba – dadas acima, podemos então afirmar que jamais poderia ser tão somente o designativo de um instrumento musical. O negro não seria tão ignorante de dar o nome de um simples "reco-reco" a um culto religioso.

Daí, podemos entender que já haviam bruxuleios de manifestações desordenadas regionais de Espíritos na dita Macumba, que era um culto baseado na Cabula e posteriormente na tradição africana, no Rio de Janeiro, pela desorganização, falta coesa de doutrina, geralmente, era dirigido para atender a solicitações pessoais, bem como para práticas escusas, como feitiçarias de toda ordem.

"Por muito tempo tanto os Candomblés de divindades africanas e os cultos que giravam em torno de Espíritos brasileiros e europeus (isto é, o Candomblé de Caboclo, a encantaria de mina, o Catimbó ou Jurema dos Mestres) permaneceram mais ou menos confinados a seus locais de origem. Mas logo no início de sua constituição, com o fim da escravidão, muitos negros haviam migrado da Bahia para o Rio de Janeiro, levando consigo suas religiões de Orixás, Voduns e Inquices e também a de Caboclos, de modo que na então capital do país reproduziu-se um vigoroso Candomblé de origem baiana, que se misturou com formas de religiosidade negra locais, todas eivadas de sincretismos católicos, e com o espiritismo kardecista, originando-se a chamada Macumba carioca e pouco mais tarde, a Umbanda". (Reginaldo Prandi)

"As Macumbas – mistura de catolicismo, fetichismo africano e superstições nativas – multiplicavam-se, atraindo todas as classes sociais. Surgiu, assim, a atividade remunerada dos feiticeiros; o "trabalho feito" passou a ordem do dia, dando motivo a outro, que viria destruir os seus efeitos maléficos, e aos "despachos" que visavam obter favores para uns e prejudicar a outros. Querendo aumentar os seus rendimentos, o feiticeiro exigia objetos que dificilmente seriam encontrados pelo leigo e se destinavam, segundo dizia, a presentear entidades benéficas ou aplacar a fúria dos elementos do baixo astral. A magia dos velhos africanos – transmitida oralmente através de gerações – deturpou-se e foi colocada a serviço de interesses pessoais. Objetos os mais curiosos eram exigidos; sacrificavam-se com as mais diversas finalidades, aves e animais inocentes, obedecendo sempre aos objetivos primordiais: enriquecer o mago e seus companheiros ou "derrubar" – termo que esteve muito em voga – os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhes concorrência". (Trecho extraído da reportagem: "Umbanda – O Início de uma Longa Jornada" – de Lilia Ribeiro – Rio de Janeiro, 1970)

Em 1904, surge no Rio de Janeiro o livro "Religiões do Rio", elaborado por "João do Rio", pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, membro emérito da Academia Brasileira de Letras. No livro, o autor faz um estudo sério e inequívoco das religiões e seitas existentes no Rio de Janeiro, naquela época, capital federal e centro sócio-político-cultural do Brasil.

O escritor, no intuito de levar ao conhecimento da sociedade os vários segmentos de religiosidade que se desenvolviam no então Distrito Federal, percorreu Igrejas, Templos, locais de feitiçarias, Macumbas, cultos baseados na tradição africana, Sinagogas e outros, entrevistando pessoas e testemunhando fatos.

Não obstante tal obra ter sido pautada em profunda pesquisa, em nenhuma página desta respeitosa edição cita-se o vocábulo Umbanda, pois tal terminologia era desconhecida, ou seja, não existia ainda, como designativo de culto ou seita.

O livro: "Religiões do Rio" deve ser leitura obrigatória para quem quer entender os processos que culminaram na vinda do Caboclo das Sete Encruzilhadas em 1908, trazendo a "Linha Branca de Umbanda e Demanda", no combate às feitiçarias de então. Ele estará sendo disponibilizado junto desse livro em nosso site, no ícone: "DOCUMENTOS HISTÓRICOS", no subtítulo: "Livros Históricos".

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (João do Rio)

Vamos a dois trechos desta importante obra, que especificamente tratam de feitiços, para que tenhamos uma pálida ideia de como tudo ocorria naquele tempo:

O feitiço – Pág. 9 a 12:

Nós dependemos do feitiço. Não é um paradoxo, é a verdade de uma observação longa e dolorosa. Há no Rio, magos estranhos que conhecem a alquimia e os filtros encantados, como nas mágicas de teatro, há Espíritos que incomodam as almas para fazer os maridos incorrigíveis voltarem ao tálamo conjugal, há bruxas que abalam o invisível só pelo prazer de ligar dois corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessas horrendas mulheres tem para este povo o indiscutível valor do feitiço, do misterioso preparado dos negros.

É provável que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não há ninguém cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros e das negras. É todo um problema de hereditariedade e psicologia essa atração mórbida. Os nossos ascendentes acreditaram no arsenal complicado da magia da idade média, na pompa de uma ciência que levava à forca e às fogueiras sábios estranhos, derramando a loucura pelos campos; os nossos avós, portugueses de boa fibra, tremeram diante dos encantamentos e amuletos com que se presenteavam os reis entre diamantes e esmeraldas.

Nós continuamos fetiches no fundo, como dizia o filósofo, mas rojando de medo diante do feitiço africano, do feitiço importado com os escravos, e indo buscar trêmulos a sorte nos antros, onde gorilas manhosos e uma súcia de pretas cínicas ou histéricas desencavam o futuro entre cágados estrangulados e penas de papagaio!

Vivi três meses no meio dos feiticeiros, cuja vida se finge desconhecer, mas que se conhece na alucinação de uma dor ou da ambição, e julgo que seria mais interessante como patologia social estudar, de preferência, aos mercadores da paspalhice, os que lá vão em busca de consolo.

Vivemos na dependência do feitiço, dessa caterva de negros e negras, de babalorixás e iawôs, somos nós que lhe asseguramos a existência, com o carinho de um negociante por uma amante atriz. O feitiço é o nosso vício, o nosso gozo, a degeneração. Exige, damos-lhes; explora, deixamo-nos explorar, e, seja ele *maitre-chanteur* (Nota do autor: chantagista), assassino, larápio, fica sempre impune e forte pela vida que lhe empresta o nosso dinheiro.

Os feiticeiros formigam no Rio, espalhados por toda a cidade, do cais à estrada de Santa Cruz. Os pretos, alufás ou Orixás, degeneram o maometismo e o catolicismo no pavor dos *"aligenum"* (nota do autor: Espíritos diabólicos para os negros Malês), Espíritos maus, e do Exu, o Diabo, e a lista dos que praticam para o público não acaba mais.

Conheci só num dia a Isabel, a Leonor, a Maria do Castro, o Tintino, da Rua Frei Caneca; o Miguel Pequeno, um negro que parece os anões de D. Juan de Byron; o Antônio, mulato conhecedor do idioma africano; Obitaiô, da Rua Bom Jardim; o Juca Aboré, o Alamijo, o Abede, um certo Maurício, ogan de outro feiticeiro – o Brilhante, pai Macumba dos Santos Cabindas; o Rodolfo, o Virgílio, a Dudu do Sacramento, que mora também na Rua do Bom Jardim; o Higino e o Breves, dois famosos tipos de Niterói, cuja crônica é sinistra; o Oto Ali, Ogan Didi, jogador da Rua da Conceição; Armando Ginja, Abubaca Caolho, Egidio Aboré, Horácio, Oiabumin, filha e mãe-de-santo atual da casa de Abedé; Ieusimin, Torquato Arequipá, Cipriano, Rosendo, a Justa de Obaluaiê, Apotijá, mina famoso pelas suas malandragens, que mora na Rua do Hospício, 322 e finge de feiticeiro falando mal do Brasil; a Assiata, outra exploradora, a Maria Luiza, sedutora reconhecida, e até um empregado dos Telégrafos, o famoso pai Deolindo.

Toda essa gente vive bem, à farta, joga no bicho como Oloô-Teté, deixa dinheiro quando morre, às vezes fortunas superiores a cem contos, e achincalha o nome de pessoas eminentes da nossa sociedade, entre conselhos às meretrizes e goles de parati. As pessoas eminentes não deixam, entretanto, de ir ouvi-los às baiúcas infectas, porque os feiticeiros que podem dar riqueza, palácios e eternidade, que mudam a distância, com uma simples mistura de sangue e de ervas, a existência humana, moram em casinholas sórdidas, de onde emana um nauseabundo cheiro.

Para obter o segredo do feitiço, fui a essas casas, estive nas salas sujas, vendo pelas paredes os elefantes, as flechas, os arcos pintados, tropeçando em montes de ervas e lagartos secos, pegando nas terrinas sagradas e nos obelês, cheios de suor.

- V. S., se deseja saber quais são os principais feitiços, é preciso acostumar-se antes com os santos, dizia-me o africano.

Acostumei-me. São inumeráveis. As velhas que lhes discutem o preço em conversa, até confundem as histórias.

Em pouco tempo estava relacionado com Exu, o Diabo, a que se sacrifica no começo das funçanatas, Obaluaiê, o santo da varíola, Ogum, o deus da guerra, Oxossí, Eíulé, Oloro-quê, Obalufan, Orixá-agô, Exu-Maré, Orixá-ogrinha Aíra, Orominha, Ogodô, Oganju, Baru, Orixalá, Bainha, Dadá, Percuã, Coricotó, Doú, Alabá, Ari e as divindades beiçudas, esposas dos santos - Aquará, Oxum-Gimoun, Aíá-có, a mãe da noite, Inhansam, Obi-am, esposa de Orixálá; Orainha, Ogango, Jená, mulher de Elôquê; Lo-máo-já, a dona de Orixáocô; Oxum de Xangô e até Obá, que, príncipe neste mundo, é no éter hetairia do formidável santo Ogodô.

Os fetiches contaram-me a história de Orixá-Alum, o maior dos santos que aparece raras vezes só para mostrar que não é de brincadeiras, e eu assisti às cerimônias do culto, em que quase sempre predomina a farsa pueril e sinistra.

Diante dos meus olhos de civilizado, passaram negros vestidos de Xangô, com calça de cor, saiote encarnado enfeitado de búzios e lantejoulas, avental, babadouro e gorro; e esses negros dançavam com Oxum, várias negras fantasiadas, de ventarolas de metal na mão esquerda e espadinha de pau na direita.

Concorri para o sacrifício de Obaluaiê, o santo da varíola, um negro de bigode preto com a roupa de polichinelo e uma touca branca orlada de urtigas. O santo agitava uma vassourinha, o seu xaxará, e nós todos em derredor do babalorixá víamos morrer sem auxílio de faca, apenas por estrangulamento, uma bicharada que faria inveja ao Jardim Zoológico.

Os africanos, porém continuavam a guardar o mistério da preparação.

- Vamos lá, dizia eu, camarário, como é que faz para matar um cidadão qualquer?

Eles riam, voltavam o rosto com uns gestos quase femininos.

- Sei lá!

Outros, porém tagarelavam:

- V. S. não acredita? É que ainda não viu nada. Aqui está quem fez um deputado! O...

Os nomes conhecidos surgiam, tumultuavam empregos na polícia, na Câmara, relações no Senado, interferências em desaguisados de famílias notáveis.

- Mas como se faz isso?

- Então o senhor pensa que a gente diz assim o seu meio de vida?

E imediatamente aquele com quem eu falava, descompunha o vizinho mais próximo – porque, membros de uma maçonaria de defesa geral, de que é chefe o Ojó da Rua dos Andradas, os pretos odeiam-se intimamente, formam partidos de feiticeiros africanos contra feiticeiros brasileiros, e empregam todos os meios imagináveis para afundar os mais conhecidos.

Acabei julgando os babalorixás sábios na ciência da feitiçaria como o Papa João XXII e não via negra mina na rua sem recordar logo o bizarro saber das feiticeiras de d'Annunzio e do Sr. Sardou.

A lisonja, porém, e o dinheiro, a moeda real de todas as maquinações dessa ópera pregada aos incautos, fizeram-me sabedor dos mais complicados feitiços.

Há feitiços de todos os matizes, feitiços lúgubres, poéticos, risonhos, sinistros. O feiticeiro joga com o amor, a vida, o dinheiro e a morte, como os malabaristas dos circos com objetos de pesos diversos. Todos, entretanto, são de uma ignorância absoluta e afetam intimidades superiores, colocando-se logo na alta política, no clero e na magistratura.

Eu fui saber, aterrado, de uma conspiração política com os feiticeiros, nada mais nada menos que a morte de um passado presidente da República. A principio achei impossível, mas os meus informantes citavam com simplicidade nomes que estiveram publicamente implicados em conspirações, homens a quem tiro o meu chapéu e aperto a mão. Era impossível a dúvida.

- O presidente está bem com os santos, disse-me o feiticeiro, mas bastava vê-lo à janela do palácio para que dois meses depois ele morresse.

- Como?!

- E difícil dizer. Os trabalhos dessa espécie fazem-se na roça, com orações e grandes matanças. Precisa a gente passar noites e noites a fio diante do fogareiro, com o tessubá (nota do autor: espécie de rosário muçulmano) na mão, a rezar. Depois matam-se os animais, às vezes um boi que representa a pessoa e é logo enterrado. Garanto-lhe que dias depois o Espírito vem dizer ao feiticeiro a doença da pessoa.

- Mas por que não matou?

- Porque os caiporas não me quiseram dar sessenta contos.

- Mas se você tivesse recebido esse dinheiro e um amigo do governo desse mais?

- O feitiço virava. A balança pesa tudo e pesa também dinheiro. Se Deus tivesse permitido a essa hora, os somíticos estariam mortos.

Esse é o feitiço maior, o *envoutement* (nota do autor: feitiço efetuado com boneco de cera) solene e caro. Há outros, porém, mais em conta.

Para matar um cavalheiro qualquer, basta torrar-lhe o nome, dá-lo com algum milho aos pombos e soltá-los numa encruzilhada. Os pombos levam a morte. É poético. Para ulcerar as pernas do inimigo um punhado de terra do cemitério é suficiente. Esse misterioso serviço chama-se "etu", e os babalorixás resolvem todo o seu método depois de conversar com os iffá, uma coleção de 12 pedras. Quando os iffá estão teimosos, sacrifica-se um cabrito metendo as pedras na boca do bicho com alfavaca de cobra.

Os homens são em geral volúveis. Há o meio de os reter *per eternum* sujeitos à mesma paixão, o effifá, uma forquilha de pau preparada com besouros, algodão, linhas e ervas, sendo que durante a operação não se deve deixar de dizer o ojó, oração.

Se eu amanhã desejar a desunião de um casal, enrolo o nome da pessoa com pimenta-da-costa, malagueta e linha preta, deito isso ao fogo com sangue, e o casal dissolve-se; se resolver transformar catão, o honesto, no mais desbriado gatuno, arranjo todo esse negócio apenas com um bom tira, um rato e algumas ervas! E maravilhoso.

Há também feitiços porcos, o *mantucá* (nota do autor: feitiço), por exemplo, preparado com excremento de vários animais e coisas que a decência nos salva de dizer; e feitiços cômicos como o terrível *xuxuguruxu*. Esse faz-se com um espinho de Santo Antônio besuntado de ovo e enterra-se à porta do inimigo, batendo três vezes e dizendo: - *Xuxuguruxu io le bará.*

Para o homem ser absolutamente fatal, D. Juan, Rotschild, Nicolau II e Morny, recolhi com carinho uma receita infalível; É mastigar orobô quando pragueja, trazer alguns tiras ou breves escritos em árabe na cinta, usar do ori para o feitiço não pegar, ter aléni do xorá, defesa própria, o essiqui, cobertura e o irocó, defumação das roupas, num fogareiro com que se queima azeite-de-dendê, cabeças de bichos e ervas, visitar os babalorixás e jogar de vez em quando o até ou a praga. Se apesar de tudo isso a amante desse homem fugir, há um supremo recurso: espera-se a hora do meio-dia e crava-se um punhal detrás da porta.

Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o "Livro de São Cipriano". Os maiores alufás, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do São Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletram o São Cipriano, à luz dos candeeiros.

O feitiço compõe-se apenas de ervas arrancadas ao campo depois de lá deixar dinheiro para o saci, de sangue, de orações, de galos, cabritos, cágados, azeite-de-dendê e do livro idiota. É o desmoronamento de um sonho!

Os feiticeiros, porém, pedem retratos, exigem dos clientes coisas de uma depravação sem nome para agir depois fazendo o egum, ou evocação dos Espíritos, o maior mistério e a maior pândega dos pretos; e quase todos roubam com descaro, dando em troco de dinheiro sardinhas com pó-de-mico, cebolas com quatro pregos espetados, cabeças de pombo em salmoura para fortalecer o amor, uma infinita série de extravagâncias.

Os trabalhos são tratados como nos consultórios médicos: a simples consulta de seis a dez mil réis, a morte de homem segundo a sua importância social e o recebimento da importância por partes. Quando é doença, paga-se no ato – porque os babalorixás são médicos, e curam com cachaça, urubus, penas de papagaio, sangue e ervas.

A policia visita essas casas como consultante. Soube nesses antros que um antigo delegado estava amarrado a uma paixão, graças aos prodígios de um galo preto. A polícia não sabe, pois que alguns desses covis ficam defronte de casas suspeitas, que há um tecido de patifarias inconscientes ligando-as.

Mas não é possível a uma segurança transitória acabar com um grande vício como o feitiço. Se um inspetor vasculhar amanhã os jabotis e as figas de uma das baiúcas, à tarde, na delegacia os pedidos choverão.

Eu vi senhoras de alta posição saltando, às escondidas, de carros de praça, como nos folhetins de romances, para correr, tapando a cara com véus espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e notas aos gritos dos negros malcriados que bradavam: - Bota dinheiro aqui!

Tive em mãos, com susto e pesar, fios longos de cabelos de senhoras que eu respeitava e continuarei a respeitar nas festas e nos bailes, como as deusas do conforto e da honestidade. Um babalorixá da costa da Guiné guardou-me dois dias às suas ordens para acompanhá-lo aos lugares onde havia serviço, e eu o vi entrar misteriosamente em casas de Botafogo e da Tijuca, onde, durante o inverno, há recepções e *conversationes* às 5 da tarde como em Paris e nos palácios da Itália.

Alguns pretos, bebendo comigo, informavam-me que tudo era embromação para viver, e, noutro dia, tílburis paravam à porta, cavalheiros saltavam, pelo corredor estreito desfilava um resumo da nossa sociedade, desde os homens de posição às prostitutas derrancadas, com escala pelas criadas particulares. De uma vez mostraram-me o retrato de uma menina que eu julgo honesta.

- Mas para que isso?

- Ela quer casar com este.

Era a fotografia de um advogado.

- E vocês?

- Como não quer dar mais dinheiro, o servicinho está parado. A pequena já deu trezentos e cinqüenta.

Tremi romanticamente por aquela ingenuidade que se perdia nos poços do crime à procura do amor.

Mas esse caso é comum. Encontrei papelinhos escritos em cursivo inglês, puro Coração-de-Jesus, cartões-bilhetes, pedaços de seda para misteres que a moralidade não pode desvendar. Eles diziam os nomes com reticências, sorrindo, e eu acabei humilhado, envergonhado, como se me tivessem insultado.

- A curiosidade tem limites, disse a Antônio que desaparecera havia dias para levar aos subúrbios umas negras. Se eu dissesse metade do que vi, com as provas que tenho! Continuar é descer o mesmo abismo vendo a mesma cidade misteriosamente rojar-se diante do feitiço. Basta!

- V. S. não passou dos primeiros quadros da revista. É preciso ver as loucuras que o feitiço faz, as beberagens que matam, os homicídios nas camarinhas que nunca a polícia soube; é preciso chegar à apoteose. Venha.

E Antônio arrastou-me pela rua, do General Gomes Carneiro.

Os novos feitiços de Sanin – Pág. 16 a 19:

(...) Sanin começou a falar dos feitiços dos outros, lembrou-se dos seus aos bocados, e em pouco, com a esperança de ganhar mais, fazia-me revelações.

Cada feiticeiro tem feitiços próprios. Abubaca Caolho, o alcoólico da Rua do Resende, tem o ibá, cuia com pimenta-da-costa e ervas para fazer mal. Quando se fala do ibá, diz-se simplesmente: o feitiço do Abubaca. Gia, cabeça de pato com lesmas e o cabelo da pessoa, é uma descoberta de Ojô e serve para enlouquecer. Quem quer enlouquecer o próximo, arranja ou falsifica a obra de Ojô.

- Mas Baba Sanin, como é que sabe tudo isso?

- Então, não aprendi? Eu sei tudo.

E como sabe tudo, dá-me receitas. Fico sabendo, sem pasmo, sentado numa cadeira, que giba de camelo com corpo de macaco e um cabrito preto em ervas matam a gente e que esta descoberta é do celebrado João Alabá, negro rico e sabichão da Rua Barão de S. Félix, 76. Não é tudo. Sanin faz-me vagarosamente dar a volta ao armazém do feitiço. Eu tomo notas curiosas dessa medicina moral e física.

Para matar, ainda há outros processos. O malandrão Bonifácio da Piedade acaba um cidadão pacato apenas com cuspo, sobejos e treze orações; João Alabá conseguirá matar a cidade com um porco, um carneiro, um bode, um galo preto, um jaboti e a roupa das criaturas, auxiliado apenas por dois negros nus com o tessubá, rosário, na mão, à hora da meia-noite; pipocas, braço de menino, pimenta-malagueta e pé-de-anjo arrancados ao cemitério (nota do autor: são os pés e mãos arrancados de uma criança morta e enterrada) matam em três dias; dois jabotis e dois caramujos, dois abis, dois orobôs e terra de defunto sob sete orações que demorem sete minutos chamando sete vezes a pessoa, é a receita do Emídio para expedir desta vida os inimigos.

Há feitiços para tudo. Sobejo de cavalo com ervas e duas orações, segundo Alufá Ginja, produz ataques histéricos; um par de meias com o rastro da pessoa, ervas e duas orações, tudo dentro de uma garrafa, fá-la perder a tramontana; cabelo de defunto, unhas, pimenta-da-costa e ervas obrigam o indivíduo a suicidar-se; cabeças de cobras e de cágado, terra do cemitério e caramujos atrasam a vida tal qual como os pombos com ervas daninhas, e não há como pombas para fazer um homem andar para trás.

- Mas para dar sorte, caro tio?

- Há mão de anjo (nota do autor: "mão de anjo" seria a mão arrancada de uma criança morta e enterrada) roubada ao cemitério em dia de sexta-feira.

- E para tornar um homem ladrão, por exemplo?

Um rato, cabeça de gato, ervas, o nome da pessoa e orações.

- E para fazer um casal brigar?

Cabeça de macaco, aranha e uma faca nova.

- E para amarrá-los por toda a vida?

O negro pensou, olhando-me fixamente:

- Um obi, um orobô, unhas dos pés e das mãos, pestanas e lesmas.

- Tudo isso?

Preparado por mim.

Então Sanin fala-me dos seus feitiços. Sanin é poeta e é fantasista.

Sob a dependência de Ojô, quase seu escravo, esse negro forte, de quarenta anos, trouxe do centro da África a capacidade poética daquela gente de miolos torrados, as últimas novidades da fantasia feiticeira. Para conquistar, Sanin tem um breve, que se põe ao pescoço. O breve contém dois tiras, uma cabeça de pavão e um colibri tudo colorido e brilhante; para amar eternamente, cabeças de rola em saquinhos de veludo; para apagar a saudade, pedras roxas do mar. Quando lhe pagam para que torne um homem judeu errante, o preto prepara cabeças de coelho, a presteza assustada; pombos pretos, a dor; ervas do campo, e enterra em frente à porta do novo Ashaverus; quando pretende prender para sempre uma mulher, faz um breve de essências que o apaixonado sacode ao avistá-la. Sanin é também mau – mas de maneira interessante. Os seus trabalhos de morte são os mais difíceis. Sanin ao meio-dia levanta no Terreiro uma vara e reza.

Pouco tempo depois sai da vara um maribondo e o maribondo parte, vai procurar a vítima, e não pára enquanto não lhe inocula a morte.

O maribondo é vulgar à vista do boto vivo metido dentro de uma caveira humana; em presença do feitiço do morcego, a asa que roça e mata, a raposa e o lenço, e eu o fui encontrar pondo em execução o maior feitiço: baiacu de espinho com ovo de jacaré – que é o babalawô da água, baiacu que faz secar e inchar à vontade das rezas e domina as almas para todo o sempre.

Mas por que você, um homem tão poderoso, não me queria receber?

- Por que andam a falar de nós, porque a polícia vem aí. Fizemos outro dia até um despacho no campo de Santana com os dentes, os olhos de um carneiro, jabotis, ervas e duas orações para quem fala de nós deixar de falar.

Mas por que um carneiro?

- Porque o carneiro morre calado. Foi o Antônio Mina quem fez o despacho e todos nós rezamos de bruços e todos nós demos para o despacho, que custou cento e oitenta e três mil reis.

Então eu apanhei o meu chapéu, apertei a mão do fantasista Sanin.

- Pois fez mal, Baba, fez muito mal em dar o seu dinheiro, porque quem fala de vocês sou eu.

E como o negro aterrado abrisse a boca enorme, eu abri a carteira e o convenci de que todas as suas fantasias, arrancadas ao sertão da África, não valem o prazer de as vender bem.

Dinheiro, mortes, e infâmia as bases desse templo formidável do feitiço!

(Religiões do Rio – por: João do Rio – 1904)

Vamos agora a três relatos do jornalista Leal de Souza, diretor da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, em seu livro: "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" de 1933:

A MACUMBA – capítulo 13 (relembrando)

A Macumba se distingue e caracteriza pelo uso de batuques, tambores e alguns instrumentos originários da África. Essa música bizarra em sua irregularidade soturna, não representa um acessório de barulho inútil, pois exerce positiva influência nos trabalhos, acelerando, com suas vibrações os lances fluídicos.

As reuniões não comportam limitações de hora, prolongando-se, na maioria das situações, até o alvorecer. São dirigidas sempre por um Espírito, invariavelmente obedecido sem ter diversificações, por que está habituado a punir os recalcitrantes com implacável rigor.

É de ordinário, o Espírito de algum africano, porém também há de Caboclos. Os métodos sejam qual for a entidade dirigente são os mesmos, porque o Caboclo aprendeu com o africano.

Os médiuns que ajudam o aparelho receptor do Guia da reunião às vezes, temem receber as Entidades auxiliares. Aqueles lhes ordena que fiquem de joelhos, dá-lhes um copo de vinho, porém com mais freqüência, puxa-lhes, com uma palmatória de cinco buracos dos alentados bolos.

Depois da incorporação, manda queimar-lhes pólvora nas palmas das mãos, que se torna incombustível quando o Espírito toma posse integral do organismo do médium. Conhecendo essa prova e seus resultados quando a incorporação é incompleta, apassivam-se os aparelhos humanos, entregando-se por inteiro àqueles que devem utilizá-los.

Os trabalhos que, segundo os objetivos, participam da magia, ora impressionam pela singularidade, ora assustam pela violência, surpreendem pela beleza. Obrigam a meditação, forçam ao estudo, e foi estudando-os que cheguei à outra margem do Espiritismo.

A MAGIA NEGRA – capítulo 14

(...) Um desses Espíritos tem se prestado a experiências, não só diante de conhecedores do espiritismo, como perante pessoas de brilho social nos círculos da elegância.

Assim, tomando o seu aparelho, isto é, incorporando-se ao seu médium, o faz triturar com os dentes, sem ferir-se, cacos de vidro. Caminha, de pés descalços, sobre um estendal de fundos de garrafas quebradas, sendo que, por duas vezes, convidados, levaram as garrafas e as quebraram, aguçando lâminas pontudas para o passeio do médium (...).

(...)Tais entidades tem ufania de seu poder, são com frequência irritadiças e vingativas, mas, quando querem agradar a um amigo da Terra, não medem esforços para satisfazê-lo. As suas lutas no espaço, por questões da Terra, têm a grandeza terrível das batalhas e das tragédias (...).

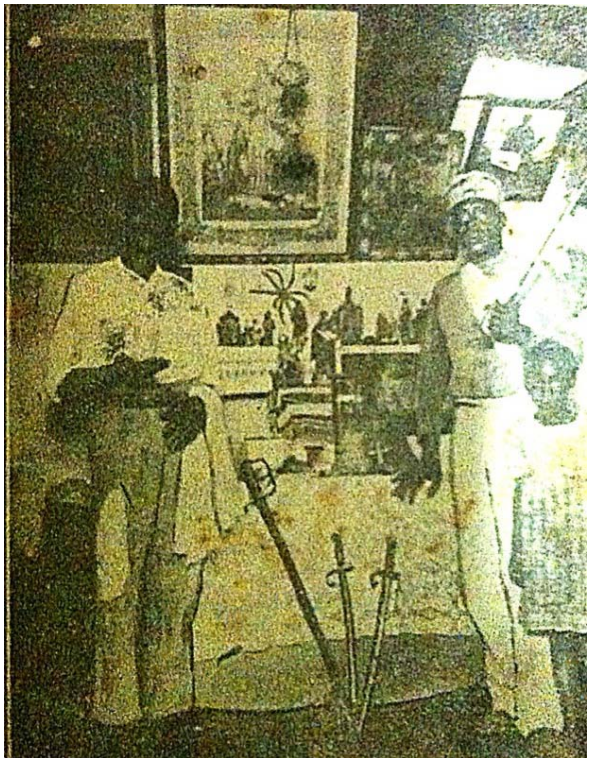
(...) Nos centros dessa magia, conforme a finalidade das reuniões, os aparelhos humanos laboram vestidos, desnudos da cinta para cima ou totalmente despidos. Trabalha-se com entusiasmo, até para o bem, quando lhes encomendam.

(Trechos extraídos dos livros: O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda", de 1933)

Vamos a uma reportagem de Leal de Souza, sobre um Terreiro de Macumba no Rio de Janeiro:

NO MUNDO DOS ESPÍRITOS – O ESPIRITISMO NA MACUMBA

Do cavalo de São Jorge a conjura das trevas – Outros aspectos e cenas de feitiçaria



Pai Quintino, paramentado e com a sua espada de Ogum, em seu canzel, em companhia de seu auxiliar e de uma criança

Íamos, no Engenho Novo, pela Rua Araújo Leitão. Sob os nossos pés, arbustos rasteiros, gramas tenras, águas paradas, buracos enganosos. Aos lados, à espessa vegetação condensando massas de sombras. Era meia noite. Reinava a treva.

Cercada de árvores, advínhamos uma casa pelo desenho das portas e janelas, a traços de luz. Um rumor cadente de palmas acompanhando um sussurro melancólico de vozes escapava por entre essas frinchas luminosas. Quando nos aproximamos, abrindo-se uma porta silenciosa em nossa frente, surgiu dela um vulto que, após uma breve inspeção, mandou que entrássemos.

Éramos quatro pessoas, pois estavam conosco um jovem paraense de óculos, o senhor Paulo Torres, e o escritor Carlos Nóbrega, homem de prestigio na "Macumba". Penetramos um aposento escuro, onde se esboçavam figuras em movimento. Mãos quase invisíveis arrebataram os nossos chapéus. Rolamos, então, para a sala contígua, o "canzel" de "Pai Quintino", tomado assento, após o seu consentimento, num banco encostado à parede.

Ao fundo, numa espécie de altar, forrado de plano branco, com ornatos vermelhos, imagens diversas, e numerosas, em quadros, e, sobretudo, em estatuetas, representando santos da igreja e talvez ídolos barbarescos; tigelas cheias de água, contendo pedras e cruzes de pão; latas, copos, vidros, um cachimbo, velas acesas em candelabros, um polvarim, garrafas, pacotes de velas, caixas de fósforos…

Diante do altar, enterramos no chão, encruzando as lâminas, uma espadas de dois sabres de Comblain, com as folhas cheias de cruzes de giz; uma estrela de metal; punhais de varias dimensões; velas ardendo; uma pedra preta, um bloco de vidro branco… Pelas paredes brancas, imagens sagradas e velas bruxuleando em suportes especiais de madeira. Três bancos encostados ao muro, estavam cheios de gente, ficando, porém, as mulheres de um lado, e os homens do outro.

No meio da sala, sentado numa cadeira, com os rugosos pés nus e a camisa fora das calças, tendo uma vela acesa na mão, um negro de estatura vultuosa, quase velho, "pai Quintino", passeava os olhos pelo solo, e tinha, na sua frente, um sabre fincado, um copo, e um santo de gesso enrolado num rosário e pesando sobre dois papeis garatujados.

"Pai Quintino" fez um sinal a uma preta, que se ajoelhou aos seus pés e mandou que ela amarrasse aqueles papeis na saia, bateu a palmas e cantou:

-Oia o nó, Guiomá!

Em coro, os assistentes repetiam: *"Oia o nó, Guiomá".* Os papeis não tinham sido amarrados com segurança e, desprendendo-se da saia, rolaram na poeira. Pedindo uma bengala, Quintino deu duas fortes pancadas na cabeça da mulher, ordenando-lhe que reatasse com cuidado a saia, guardando nela os papeis.

Riscou, a giz, um circulo no chão, e, dentro do circulo, uma cruz, sobre o qual emborcou o Santo. Apanhando um copo, entornou cachaça em quatro pontos diversos, em torno da imagem emborcada; rabiscou diante de nós e nossos companheiros umas figuras cabalísticas, que foram cobertas de pólvora. Apagou as velas que lhe ardiam aos pés e mandou chegar fogo aos desenhos de pólvora, que deflagravam, ao canto, cadenciado a palmas:

-Quema o maus oio ! Quema a má língua !

Era, disseram-nos, um ato preventivo, motivado pela nossa presença de desconhecidos, e destinado a conjurar forças que nos impedissem de fazer mal à "macumba".

Tomada essa precaução, Quintino traçou uma cruz na palma da mão direita e estendeu-a a um homem que nela pois um pouco de pólvora, logo incendiada. Ao clarão estrondeante, o negro, erguendo-se, fez o circulo da sala, e todos lhe beijaram a mão. Quintino passara a ser o Pai Raphael de Umbanda. Chamou a mulher de saia amarrada, e, indicando-lhe a vela que estivera entre seus dedos, determinou:

-Minha fia, enterra esta vela de pavio pra baixo, inté a metade numa valla in que não passa água.

Falou, por momentos, numa língua africana incompreensível, sacudiu a cabeça violentamente e abaixou o tronco, a dobrar-se, fazendo, com os lábios: "Burr! burr ! burr ! burr !

-A minha língua é a lingua de Angola, mas eu me experico p'ra os meos fio comprehendê.

Fez uma dissertação confusa sobre o Gênesis, e terminou:

-Mas que há Deus, há! Que há bons esprito, há! Com a graça de Deus, não temo o inferno e diabo. Com a graça do nosso veio Oxalá eu entro em bataia co o inferno, co diabo, cãs treva e eu sô vencedô na bataia.

Cravou um punhal na parede, apontou para a imagem do Cristo, com um sorriso embevecido, e disse:

- O nosso pai véio Oxalá! Viva o nosso veio Oxalá!

Voltando-se para um soldado do Exercito, perguntou:

-Quem é mais veio? Quem é mais premero, tu ou teu pai?

-Meu pai.

-Pois viva o teu pai! E quem veio premero que o premero? Quem é o maió que ta por cima? É os podê de Deus ! Viva os podê de Deus, meu fio ! Viva o mais maió que ta por cima !

A assembléia repetiu as aclamações, e Raphael continuou:

- Há uma justiça do céu e há uma justiça da terra. È preciso arrespeitá os podê do céu e obedece os podê da terra, porque os home não é ermão, meu fio. Uma muié tem dois fio; um é arto, outro é baixo; um é moreno, o outro é claro; um dá pra deputado, outro dá pra ladrão.Deus fez o mundo dereito, meus fio, mas os home pois o mundo às avessa. Agora os home é que tem de endireitá o mundo que elles entortaro.

Sentou-se, e pediu o "Santo Gronhonhô". Alcançaram-lhe numa bandeja, comida pela ferrugem, umas sementes que ele pois na palma da mão e sacudiu no chão, como dados, cantando:

-Minha baráio de mamona !
Os assistentes, em coro, repetiam: "minha baráio de mamona". Raphael, ou Quintino, chamando uma mulata de enorme cabeleira, fez ela ajoelhar-se ao seu lado, de face para o altar, e cantou: *"Maria, eh! Maria eh!"*

Por uns quinze minutos, o coro, batendo palmas, em toada dolente, clamou:

-Maria, eh! eh! Maria eh! eh!

A mulata começou a mover com os ombros em requebros e passou a bater com as mãos espalmadas no chão… A poeira, batida cadentemente subia em nuvens, espalhando-se pelo ar, e a cabeleira da dançarina genuflexa, desprendendo-se, varria o solo e resvalava sobre o fogo das velas. Depois, levantada por dois homens, a mulher, braços caídos, pernas rígidas, a face a aparecer horripilante por entre o véu dos cabelos, ficou a cambalear volteios, dançando sem consciência até o raiar da aurora.

Raphael reatou o sermão, dizendo às mulheres:

-Quando o seu fio chora e faiz a travessura, nunca chama ele de peste nem de diabo, porque as criança, é o nosso anjo da guarda. Mãe que chama o fio de diabo, mete o azar dentro de casa. Quando seu marido for desinfeliz e não pode comprar as coisa, não zanga co ele, minhas fia. Diz: a minha fome é grande, mas o pode de Deus é mais maió.

Aos homens disse Raphael:

-Tudo não pode sê iguá. Tem de have deferença pra se cumpri as lei de Deus. Se todo os home fosse rico, quem havera de querê faze as molasinhas piquena das machina grande? E quem prantava o feijão e o mio? Quem suava no cabo do machado? E quem é que fazia o machado meus fio? Portanto, viva o mais maió que tá por cima e viva o nosso véio Oxalá !

-Viva ! Viva ! bradavam os filhos de Raphael.

Mandou ajoelhar-se ao seu lado uma negrinha jovem, de lindas faces, pés descalços, vestido branco, cabelos curtos, e que obedeceu sem alegria. Fez com que lhe tirassem os grampos e cantou:

-Ogum eh! Ogum eh!

Batendo palmas, os circunstantes romperam a cantar: “Ogum eh! Ogum eh!”

-Ogum é São Jorge, segredou-nos o nosso colega Nóbrega. Repare e verá o Espírito incorporar-se à médium.

Sebastiana, este era o nome da rapariga, como a outra, entrou a bater com as mãos no solo, porém, verificando que ela evitava o transe, Raphael fazendo-a sentar-se sobre os calcanhares, empunhou uma palmatória, e deu-lhe dois bolos bem puxados. Pediu: “Sangue!” e recebendo um copo de vinho, verteu-o no solo, dando o restante à médium.

Esta estendeu a mão a um homem que lhe depôs, na palma, uma porção de pólvora, a que chegou um fósforo. Ao estrondo luminoso, Sebastiana, contorcendo-se continuava, mas modificada:

-Percura a minha falange ! Percura a minha falange!

De repente, num salto, erguida, a moça, também com as pernas rígidas, com as articulações perras, saiu a voltear, inconscientemente, e tombou de costas, diante do altar.

-Levanta ela!

Levantada por dois homens, Sebastiana continuou a dança cambaleante, ao canto de:

-Percura a minha corôa!

Com os olhos parados, os maxilares comprimidos, os beiços apertados e escondidos os braços sem governo, respirava em bufidos, quebrava o corpo em corcovos, batia rudemente com os pés.

-Eles acreditam que ela recebe São Jorge, mas que é o cavalo do Santo, sussurrou Nóbrega ao nosso ouvido.

Mas, atirando-se de bruços, a bailarina de pernas duras bateu com a fronte na pedra preta e, pois os lábios no bloco branco de vidro. Reerguida, puseram-lhe na mão o grande sobre o riscado de cruzes, cantando o coro:

-Defende a minha coroa!
Ela, ora arrastando o sabre, ora pondo-o no ombro, rodava, rodava, rodava, e de repente, riscando uma cruz no chão, cravou, sobre ela, a arma; e estendeu, para nós, os braços.

-Levante-se, abrace-a! Aconselhou Nóbrega.

Obedecemos. Abraçando-nos, Sebastiana bateu com o seio esquerdo em nosso ombro direito, e, após, num movimento rápido, tocou o nosso ombro esquerdo com o seio direito, reproduzindo a cena com os nossos companheiros. Fez um sinal a um rapaz indiático, em mangas de camisa, voltou-se com ele para o altar e, como se o coroasse, pôs-lhe a mão na cabeça.

Em seguida, começaram a surgir diante dela os que haviam recorrido a "Pai Raphael", por doenças ou negócios. Sempre inconsciente, pernas endurecidas, a reluzir o suor, a rapariga, quando se lhe aproximava o individuo a ser atendido, tomava as sementes que nos pareceram dados, e, fechando-as, na mão, batia na sua e na cabeça do outro, alongava o braço em oferenda à imagem de São Jorge, e jogava as sementes no chão. Davam-lhe, então, uma vela acesa, e a dançar, a moça fazia essa luz girar ao redor de cada uma das pernas, dos braços, da cabeça e da cintura do cliente, apertava-lhe, em seguida, a destra, e impelia-o, para que se afastasse.

Jogadas, uma vez, em intenção a um moço acaboclado, de boas roupas, as sementes, ao serem examinadas, alarmaram os circunstantes.

Sebastiana deu um pulo, e acicatando as ilhargas com os punhos cerrados, batia com os pés no mesmo lugar, como se estivesse correndo. Colocou, depois, a vela na cabeça do paciente, e, largando-a, vimos a luz cair, apagando-se.

A ansiedade geral argumentou. Novo pulo da dançarina que, desta vez, apoiando-se unicamente sobre o pé direito, com a perna esquerda estendida, a cabeça ereta e os braços abertos como azas, dava a impressão de querer voar. Tornando, porém, ao rapaz, refez, com a vela, a experiência anterior, e, vendo-a apagar-se ao tombar, empunhou o sabre.

-É perigo de vida!- disse-nos o nosso confrade Nóbrega.

Sebastiana dançando de pernas rígidas, descreveu um circulo ao redor do moço, olhando com face arrogante, como a encarar inimigos. Com a ponta do sabre, riscou no chão o circulo que percorrera, e, rodilhou-o, em seguida, brandindo a arma sobre e entre as nossas cabeças, a desferir pontaços e golpes defensivos. parou, e, levantando o corpo sobre as pontas dos pés voltada para a imagem de S. Jorge, alçou magnificamente o braço e elevou a espada ao teto. Nesse momento, aquela negrinha descalça, de vestido sujo de pó, com os olhos dilatados, o rosto majestoso, resplandecia de beleza, como um anjo esculpido em ébano. Fincando o sabre no solo, retomou a vela, e, resoluta, pô-la sobre a cabeçado rapaz. A luz tombou, rolando pelo solo sem apagar-se.

-*Viva a fé!* Gritou Raphael.

-Viva a fé! Gritaram mulheres e homens.

Um tipo gordo, claro, de fartos bigodes, avançando, apresentou a Sebastiana os pulsos justapostos, como se estivessem amarrados. Ella, recolhendo um charuto aceso, que lhe alcançaram, descreveu alguns giros de dança, a fumar; apertou a mão do gorducho, encheu a boca de fumo, e, curvando-se, fez a fumaça insinuar-se a atravessar as duas palmas unidas, e, com um giz, gravou cruzes nos sapatos, na testa, nas fontes, na nuca e nas mãos do consulente.

Colocando as duas mulheres diante de sua cadeira Pai Raphael, movendo uma vela acesa, recitou uma oração feita de pedaços de outras orações e mandou "acordem". Sylvia e Sebastiana continuaram a cambalear. Pai Raphael cantou, repetindo-lhe o côro, o canto:

-Andorinha, leva o meu anjo pr'o ceó !

De repente, a mulata estacou, e, levantando a cabeleira com a mão,olhou em roda, e disparando, saiu do canzel! A pretinha, porém, não saia do transe. Pai Raphael gritou:

- Levanta o ponto, e o côro mudou*:*

- O anjo que trouxe, o anjo que leve!

O transe não passara.

- Encruza ela!

Dois homens pegaram Sebastiana pelos braços. Terceiro traçou-lhe, com força, uma cruz na face. Quarto soprou-lhe o rosto.

Como Sylvia, está, recobrando-se, deitou a correr, desaparecendo no aposento escuro.

Raphael, fazendo aproximar-se dele uma cabocla de lisas madeixas, encheu a boca de paraty, e, com os dentes, arrancou uma porção de cabelos à mulher, e, cuspindo-os no chão, resolveu:

- Manda abri uma bananera de São Tomé e bóta esses cabelo dentro, e, anunciou:

-Eu vô m'imbora.

Todos, um a um, deitando-nos de bruços, no pó, beijamos o solo, entre os pés do bonzo vivo da macumba. E ele, derramando água no chão e formando um barro, considerou:

- A terra te fez. A terra te abençoe. A terra te coma.

Um a um, todos, metendo os dedos naquele barro, fizemos, com ele, o sinal da cruz, enquanto Raphael cantava:

-Eu vou m'imbóra, fica com Deus e Nossa Senhora.

Virando-se para o altar, ofereceu:

-Deus, Esprito Santo, Maria Santíssima, eu te ofereço esta obrigação, e, ao fim de uma longa reza, aclamou:

- Viva os esprito da medicina. Viva os dotô que já morrêro há mais de sessenta anos e tá no céo e tá aqui com nóis tambem !

Tirou os paramentos, pô-los sobre os copos da espada que oscilava no chão, diante do altar e começou a cantar:

- O Zamby me chama. Eu tenho de ir. O Zamby me chama, eu tenho de ir.

De repente, como um cadáver, como todo o peso do seu corpo, caiu de costas, mas foi amparado vigorosamente por seis braços possantes.

Acabara a sessão. Eram quatro horas da madrugada.

(Texto de: Leal de Souza – Jornal: "A Noite" – Rio de Janeiro – Terça-feira, 29 de Janeiro de 1924)

Ritual da Macumba

Vamos a outro relato elucidativo sobre um ritual da Macumba, relatado num periódico do Rio de Janeiro, em 1937:

Correio da Manhã

Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1937.

O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO

Desenhos originais de Armando Pacheco

Por LUIZ EDMUNDO

Ainda o morro do Castello. — Macumbas e cangerês no Rio de Janeiro do começo do seculo. — Cangerê do preto João Gambá, na travessa do Castello. — Como se desenrolavam as cerimonias do estranho culto. — A linha das sete facas. — Dansas religiosas. — Macumba de bódes que evocam bacchanaes romanas. — O desencadear do poder lascivo de Xangô. —

Bailarina de macumba

HA uma casa de pretos na travessa do Castello onde se pratica a liturgia gege-nagô, culto fetichista, cerimonia cheia de complicações e de mysterios onde se evocam almas do outro mundo e são manipulados "despachos", feitiços que ,quando postos nas encruzilhadas dos caminhos, têm a propriedade de crear maleficios, modificar vontades, corrigir a linha sinuosa que dirige o destino dos homens. Chama o povo a esses nucleos de evocação e de magia onde o homem de côr, em geral, predomina, cangerês ou macumbas. O espirita convicto diz sempre quando delles fala: — espiritismo de terreiro ou, então, baixo espiritismo.

No fundo tudo isso nada mais é que um panaché religioso: estulta corrupção do fetichismo africano que os negros aqui introduziram no tempo da colonia, temperado com um pouco de fé catholica e muito dos processos kardekeanos de confabular com o astral, feição empyrica do espiritismo, como o que praticavam os indios, nossos avós, quando em bailados mediumnicos evocavam os fantasmas de seus maiores com dansas barbaras obrigadas a cantigas e a caium. Em casa de João Gambá de Loanda, na Travessa do Castello, a macumba estadea. Os idolos que se evocam chamam-se Ogun, Xangô, Oxalá, São Jorse, São Cosme, São Damião e Santo Onofre. Como nas egrejas catholicas, a entrada é franca, mas logo á porta ha uma caixa de esmolas que, se não reclama obulos para a cera de santo pede para o espermacete da illuminação do templosinho que se resume em dois ou tres aposentos dando para uma area suja onde, em balaios de vime, arrulam pombos, cacarejam gallinhas, cruzam jabotis e um truculento bode preso á uma cadeia de ferro, cornupeto e violento, marra, berrando atroadoramente. E' a fauna do sacrificio que se transforma, depois, em macabros orichás ou feitiços. As gallinhas são pretas, como o bóde, os pombos, brancos. Para os jabotis é que não se reclama uma côr especial. Notar que o santo da macumba ou cangerê a quem se offerece a vida do animal morto, não se alimenta senão do "espirito" da eguaria que representa a inanimada offerenda, as sobras do orichá resvalando para o appetite do director do rito, para os cambôtos ou para outras dignidades da funçanata pagã, após a cerimonia.

Quando penetramos a sala principal onde a mesma se pratica já a encontramos a transbordar de gente, moços e moças, velhos e velhas sentados, uns sobre cadeiras, sobre bancos de páo ,outros, em pé ou pelo chão, de cocoras e até deitados. Lembrando o altar da liturgia catholica, junto á parede acaliçada e triste do terreiro, uma tosca mesa de pinho, mostrando dois alguidares de barro vidrado com os animaes do sacrificio postos num molho feito de farinha e azeite de Dendê. Sobre os mesmos continentes, mas, sem tocar a vitualha, ligando-os, uma espada longa e nua, toda manchada de sangue. Pelos angulos do aposento, pequeninas peanhas com imagens grotescas: — aqui, a figura de Ogun, ali, o vulto exotico de Xangô, acolá São Jorge, na sua sagrada cavalgadura, mais São Cosme, São Damião e ainda Santo Onofre, na imagem de um varão barbaceno, de ar pulha, vestido com a propria barba, estranha indumentaria que o aspecto lhe dá de um barbaro feitiche. Todas essas peanhas mostram, além dos santos, copinhos cheios de agua, velas de espermacete, accesas, festivamente surgindo de quadros emoldurados e de onde sáem, numa intensão decorativa, galhos de alecrim e flores de papel.

Quando se chega para assistir as cerimonias do culto, "pae-de-santo", que é o sacerdote sagrado do mysterio, deante do improvisado altar, em attitudes de prece, ergue os braços ao céo. E' o negro João Gambá, negro velho, septuagenario, já com a sua carapinha grisalha e a sua barbella curta e dura esfiapando na queixada triste. E' alto, magro, mesmo muito magro e trás, á ca-

beça, em forma de funil, um barrete daquelles que traziam, outróra, os velhos nicromantes. Quando marcha, sob o panejamento de um balandráo de linho branco, que enverga, vae fazendo dansar macabramente, como dentro de um sacco, a ossada que até parece que está solta, revoluteando aos boleos nas dobras complicadas da fazenda.

Pae Gambá é intimo do celebre feiticeiro Apotijá,, o da rua do Hospicio, e do qual nos fala sempre João do Rio, nas suas conversas e nos seus escriptos. Na Travessa do Castello elle é o director de funcção. Quando, cabalisticamente curvado. Gambá beija o fio da espada que liga os alguidares e está cheia de sangue, os cambôtos, especie de sacristas praticando a acolytagem da cerimonia, tomando o gesto como inicio do cerimonial, movimentam-se em sarateios pacholas dando a direita aos mediuns, os que hão de receber, depois, o espirito do astral, procurando posição, cada par deante de uma faca de cabo negro, que se finca no solo como que marcando a divisa do logar onde o drama religioso terá que ser desenrolado. São sete as facas. Sete os mediuns e os cambôtos, sete.

E' quando se houve, fóra, um canto suavissimo, especie de litania soprada em *boca-chiusa*, lembrando um côro dos céos, que vem descendo. Num angulo da sala penumbrosa já os homens da solfa liturgica se moveram, varios instrumentistas, negros, de beiçola farta, pardavascos de garforinha em riste, vestindo ternos de brim d'Angola, golpeando sanhudos berimbáos, mugindo o ventre gemedor de lascinantes cuicas, estourando atabaques, brandindo ganzás, agogôs e xerequés.

Diz-se que Gambá mantem no seu antro evocador a mais typica das orchestras macumbeiras da cidade. Com effeito, o conjunto regional é deveras singular. Apenas, a musica que sôa é um tanto exotica e confusa, solfa onde a bulha supera o pensamento musical e a harmonia desordenada martella em rythmo vivaz, musica monotona e plangente. O canto humano que continua então, diminuido, dilue-se e perde-se por completo ante o fragor cavernoso da bateria instrumental que estrondea a vibrar, em crescendo. Essa musica excentrica, espectaculosa e barbara que nos aturde e exaspera, muito impressiona, entanto, o fiel, convicto que vive a reclamar incitamento e ebriedade, nessa função de meias sombras e mysterio.

Eis, porém, que pela sala, irrompe, vinda não se sabe de onde, a figura magnifica de uma joven mestiça de peitarra tesa e ancas abauladas. Tem os olhos semi cerrados, a cabelleira aberta, em torno ao occiput, lembrando um resplendor. Resvalam seus pés ligeiros, pelo chão, em movimentos subtis e compassados. Passa a linha cabalistica das facas, saltando-a, sempre a dansar: os braços, primeiro, em gestos como os de quem rema, ora para a esquerda, ora para a direita, depois postas ás costas, balouçando, em sacudidellas violentas, num delirio epileptico, a cabeça que, do corpo, até parece que está de todo desarticulada. A dansa da mestiça é sobrenatural. E impressiona. Devia dansar assim Salomé em Makeros reclamando, de Herodes, a formosa cabeça de Yokonan.

Ha um momento em que essa furia recrusdece e a bailarina põe-se a bater, num gesto do que pila, os pés no duro chão, cantando qualquer coisa que se perde e se desfaz no monotono ronco das cuicas, no cascatear dos xerequês. Subito, um grito, um grito forte que rebôa e, logo, a orchestra que suspende a toada cavernosa. A bailarina pagã dobrada em arco para trás está deante do altar, caida, em transe, torcendo os braços, os hombros, a cabeça. Vem João Gambá assistil-a, engorolando o seu linguajar loandez. E' quando pela linha das facas onde se estendem os cambôtos, os outros mediuns, em sacudidellas violentas, em guinchos, aos urros, como que em luta contra as forças sobrenaturaes desencadeadas e terriveis, vão caindo, tambem. Dentro de

pouco tempo o terreiro é um pouso de fantasmas. Cada corpo de medium guarda dentro de si uma alma differente, evocada do astral. Olhae o cacique indomavel que num corpo de mulher, como a incitar hostes guerreiras em combate, berra, furiosamente:

— *Reçuru' xingu' ixé!*

Adeante, aquelle que dá conselhos, de mansinho, é um negro escravo desencarnado ha mais de duzentos annos, captivo dos tempos da pletora do assucar, em Pernambuco, pobre negro que acabou a trabalhar e a soffrer.

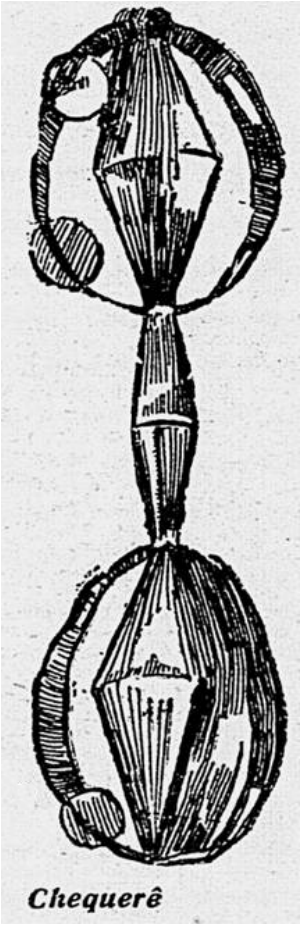
Por isso, de seus labios que tremem de quando em quando, ouve-se que elle nos fala em seus feitores, em chicote e em polé.

Na macumba, instruem-nos os que vão beber a verdade das coisas na biblia de Alan Kardec, só se manifestam espiritos grosseiros, dos que ainda se prendem aos instinctos terrenos da vida e anda não se libertaram da crosta vil do atrazado planeta; almas rastejadoras, indomaveis, violentas. Todo um mundo de soffredores, ralé curtida pela dor, á espera da grande luz de Deus que tarda vir, mas, que um dia chegará. O espectador de baixo nível intellectual, entanto, com esses, commodamente, conversa, discute, fala, pede conselhos...

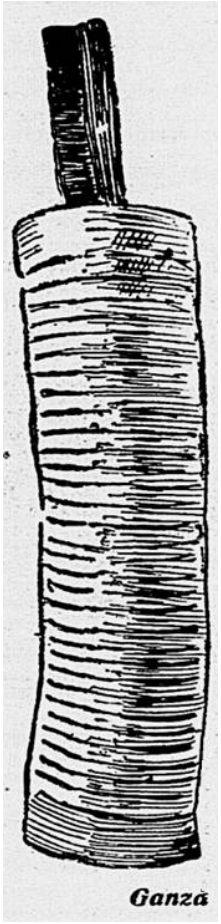
Sabe-se de macumbas nas quaes, em meio a multidão, são atirados grandes bodes pretos que agem como homens, no cio; de outras com bailados bestiaes, onde todòs dansam completamente nu's e na vertigem de lubricos anceios, desvairados de lascivia, rolam pelo chão, ferindo-se, rasgando-se, possuindo-se, como nas bacchanaes pagãs.

Quando essa ventania de luxuria sopra pelo terreiro diz-se que é o espirito de Xangô que invade a cerimonia sensualisando os corpos.

Na macumba da travessa do Castello, Xangô é manso, acata as ordenações do nosso Codigo, respeitando as exigencias da Policia, sem abusos, um Xangô camarada, decente, bom rapaz.. E não se solta o bode no terreiro da macumba de João Gambá...



Chequerê



Ganzá

Nota do autor: Segundo Câmara Cascudo, o Cangerê é uma dança negra de fundo religioso.

O culto da Macumba nasceu, se instalou e cresceu, primeiramente nos cortiços, e, posteriormente, nas recém criadas favelas nos morros cariocas. Sucintamente vamos entender como surgiram os cortiços e posteriormente as favelas:

Cortiço na Rua dos Inválidos, no Rio de Janeiro (1890). Totalmente insalubre.

CORTIÇO CABEÇA DE PORCO

Cortiço Cabeça de Porco (1870)

Na gíria popular, é comum dizer que um imóvel de péssima qualidade não passa de uma “cabeça-de-porco”. Muitos jovens não sabem, mas o termo surgiu no final do século 19 e era o nome do maior cortiço do Centro do Rio de Janeiro, com quase 4 mil moradores. O Cabeça-de-Porco foi abaixo em 26 de janeiro de 1893, por determinação do então prefeito Barata Ribeiro. Precursores das favelas, os cortiços eram a única opção de moradia dos mais pobres, especialmente de escravos recém-libertos, num Brasil que dava os primeiros passos rumo à industrialização. Eram locais insalubres e, acreditava-se, verdadeiros focos de doenças habitados por marginais e prostitutas, as “classes perigosas”.

Expulsos dos cortiços, e sem ter para onde ir, os pobres subiram os morros da cidade para construir suas casas. Nascia a favela, contraditoriamente com o apoio do próprio poder público. Em 1903, o decreto municipal n° 391 proibia terminantemente os cortiços, mas tolerava a construção de "barracões toscos nos morros que ainda não tivessem habitações" (...).

(http://www.italiamiga.com.br/noticias/artigos/cabeca_de_porco.htm)

(...) Nesses conjuntos de moradias populares se aglomeravam, em pequenos cubículos, famílias inteiras de trabalhadores, vivendo na mais completa promiscuidade e precariedade, além de pequenos vigaristas, prevaricadores, marinheiros e mulheres consideradas infames. Essas pessoas foram alvo de ações governamentais ao longo de toda a Primeira República. As equipes de demolições, principalmente do prefeito Pereira Passos (1836-1913), varreram da paisagem do centro carioca os cortiços e os chamados "zungas" da época. Os habitantes desses locais fugiram com o que puderam carregar entre as mãos, como madeira, folhas de zinco e latões de querosene e se refugiaram nos morros, originando, assim, as primeiras favelas. Quer dizer, a república brasileira nasce de um anseio das novas elites administrativas, formadas por médicos, engenheiros e militares, de modernizar o país – afastando os pobres das áreas nobres das principais urbes brasileiras – mas sem um projeto de inclusão social para esse contingente humano (...). (http://lounge.obviousmag.org/ruinas/2013/06/desencanto.html)

COMO SURGIRAM AS FAVELAS NO BRASIL

(...) "Abolição dos escravos: No primeiro semestre do ano de 1888 a escravidão foi considerada prática ilegal no Brasil. Com isso os afrodescendentes tinham duas opções: 1ª) Permanecer nas fazendas e continuar a ser explorado em termos de salário. 2ª) Seguir aos centros urbanos e tentar a sorte como homem livre. Quem ficou com a segunda opção encontrou problemas no caminho, caso da falta de emprego de qualidade e moradia. Com o aumento do número de pessoas nos centros urbanos surgiram as primeiras delegacias de policia para prender quem fazia tumulto, ou seja, qualquer pessoa pobre que estivesse nas ruas das cidades elitizadas. Sem saída o único caminho do grupo para evitar a repressão era fixar residência em territórios distantes dos grandes centros, como no alto do morro e nas periferias. Assim começou as favelas no Brasil. Depois de dez anos da abolição dos escravos em terras nacionais os moradores pobres e discriminados se designaram para os morros do Rio de Janeiro. Interessante notar que os movimentos migratórios aconteceram no mesmo período da Guerra dos Canudos, ou seja, nos últimos anos do império nacional. As migrações se intensificaram nos primeiros anos da República, quando surgiram as primeiras delegacias para conter a massa de desabrigados que se espalha nos pontos da capital do Brasil (...). (http://www.culturamix.com/noticias/brasil/como-as-favelas-surgiram-no-brasil)

(...) "As favelas passa a constituir, geralmente, áreas de degradação urbana que apresentam elevadas taxas de pobreza, desempregos e diversos tipos de conflitos sociais" (...). http://doispontos.spaceblog.com.br/605909/ELITE-INCOMODADA/

(...) "O começo das favelas no Rio de Janeiro está relacionado ao fim da escravidão no século 19, quando uma parte dos escravos libertos se deslocou para a capital federal para se fixar informalmente em lugares sem infraestrutura" (....). (http://www.almacarioca.com.br/hist06.htm)

A ORIGEM DO NOME FAVELA

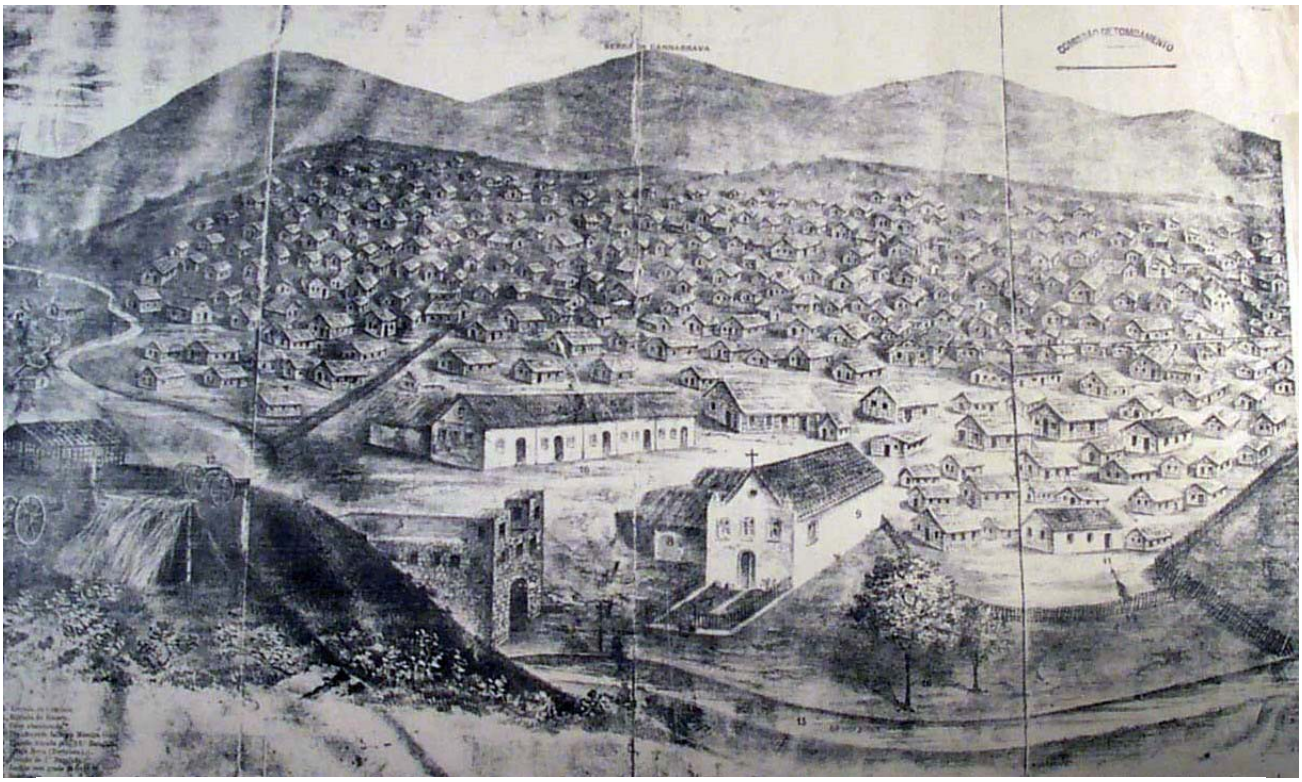
A origem do nome "Favela" remete a um fato marcante ocorrido no Brasil na passagem do século XIX para o século XX: a Guerra de Canudos. Na Caatinga nordestina, é muito comum uma planta espinhenta e extremamente resistente chamada "Favela".

Entre 1896 e 1897, liderados por Antônio Conselheiro, milhares de sertanejos cansados da humilhação e dificuldades de sobrevivência num Nordeste tomado de latifúndios improdutivos e secas, criam a cidadela de Canudos, no interior da Bahia, revoltando-se contra a situação calamitosa em que viviam. Em Canudos, muitos sertanejos se instalaram nos arredores do "Morro da Favela", batizado em homenagem a esta planta.

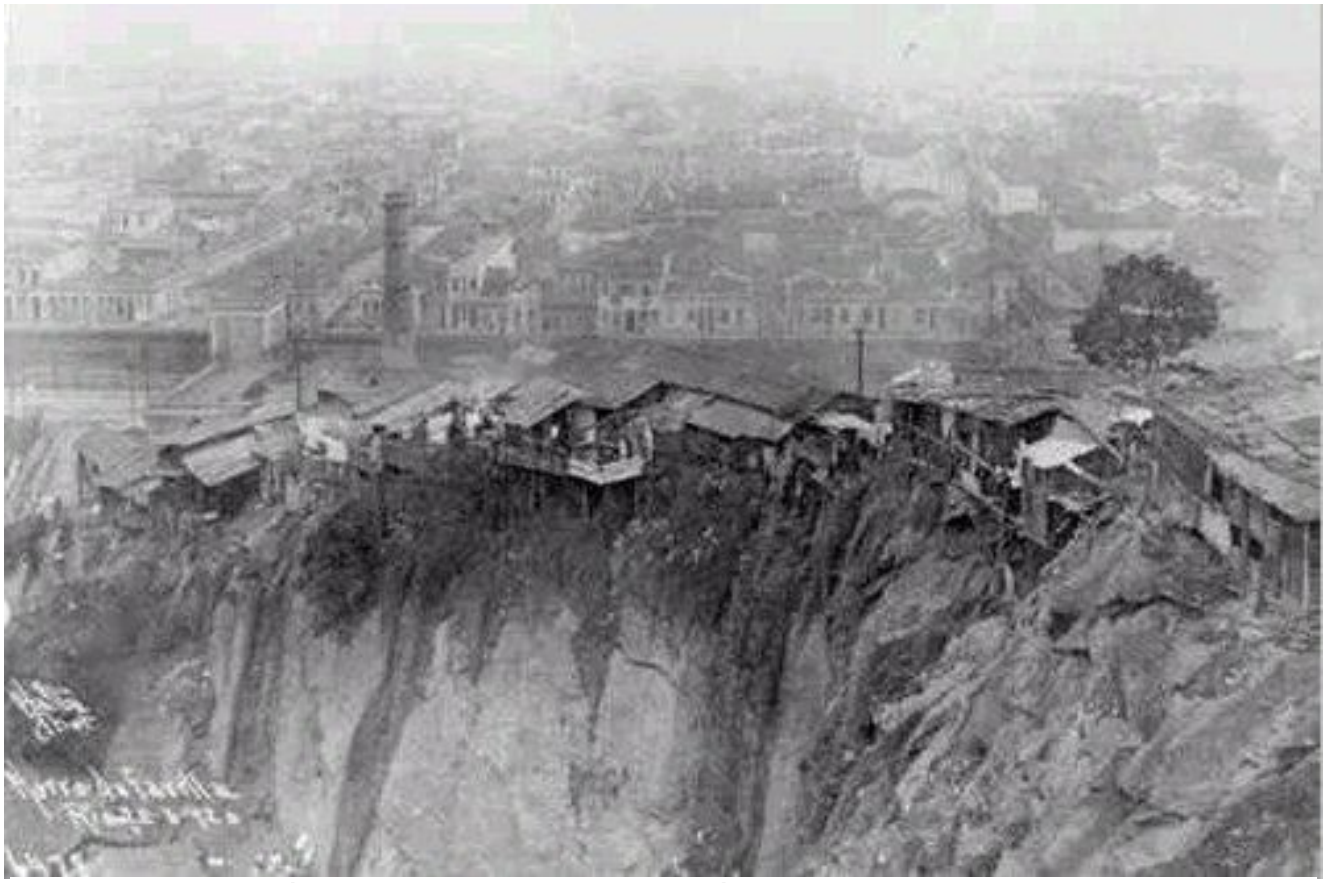
Com medo de que a revolta minasse as bases da República recém-instaurada, foi realizado um verdadeiro massacre em Canudos, com milhares de mortes, torturas e estupros em massa, num dos mais negros episódios da história militar brasileira, feito com maciço apoio popular.

Quando os soldados republicanos voltaram ao Rio de Janeiro, deixaram de receber seus soldos, e por falta de condições de vida mais digna, instalaram-se em casas de madeira sem nenhuma infraestrutura em morros da cidade (o primeiro local foi o atual "Morro da Providência"), ao qual passaram a chamar de "Morro da Favela", relembrando as péssimas condições que encontraram em Canudos.

(*http://the-rioblog.blogspot.com.br/2010/10/origem-do-nome-favela-e-mais-alguns.html)*



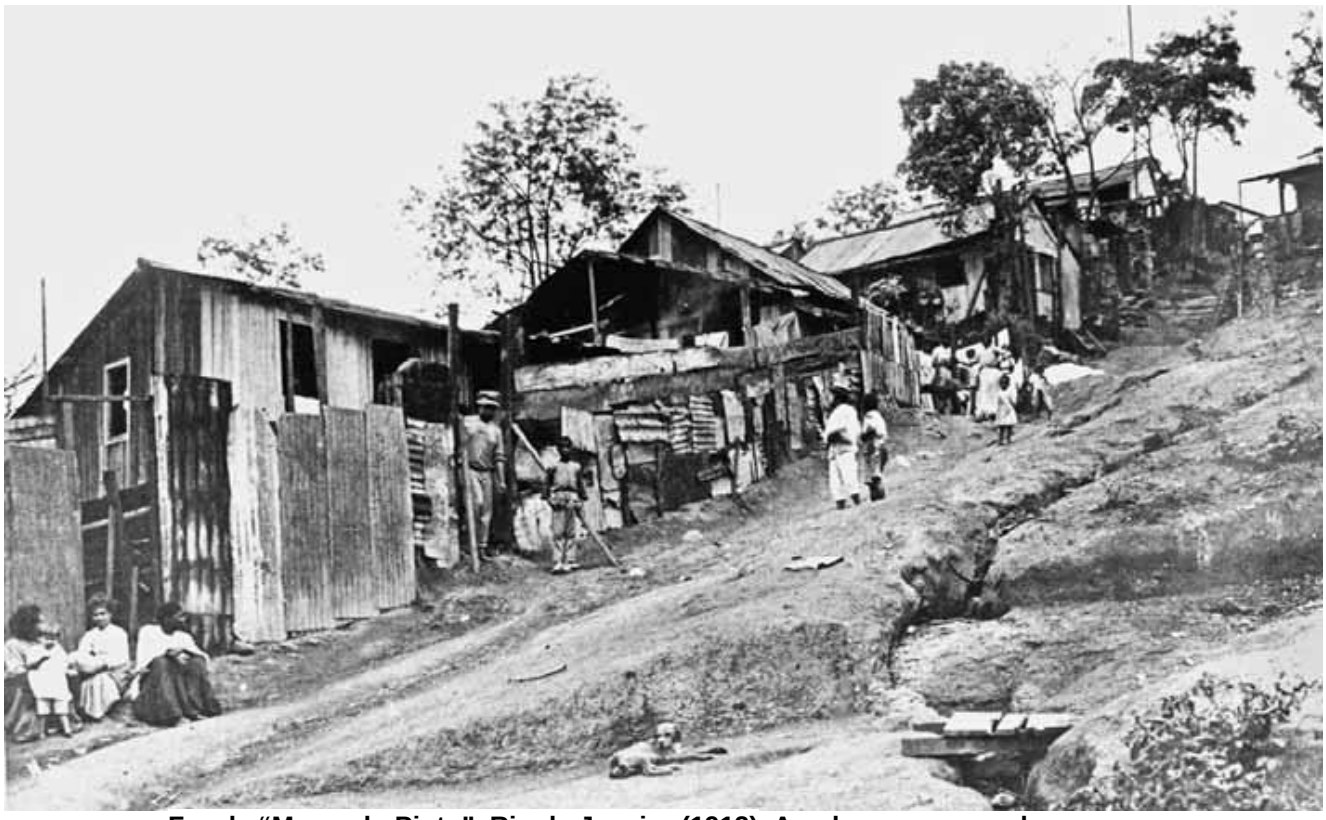
Litografia do Arraial de Canudos visto da estrada do Rosário. Litografia de Dr. Urpia, de 1897. Ao centro, embaixo, estão as duas igrejas do Arraial, a de Santo Antonio (direita) e a nova, inacabada, com duas torres



Morro da Favela no início de sua ocupação, no fim do século XIX (1897). Passou a ser conhecido como "Morro da Providência" a partir dos anos 1920; seria uma referência a um rio nas proximidades de Canudos. É considerada oficialmente, a 1ª favela do Rio de Janeiro, com aproximadamente 10.000 ocupantes.

O Morro da Favela, já com o nome de "Morro da Providência", em 1920

Morro de São Carlos (1900) – Uma das favelas mais antigas do Rio de Janeiro



Favela “Morro do Pinto”, Rio de Janeiro (1912). A pobreza negra sobe o morro

Favela da Rocinha em 1931

Favela "Morro de Santo Antônio" – Rio de Janeiro – 1914

Descendente de escravos no Morro da Babilônia, Rio de Janeiro, 1910

Encontraram similitudes com o que muitos, dizendo-se umbandistas, fazem hoje também??? Isso era a famosa Macumba, um culto primitivista. Eram realizados certos tipos de trabalhos espirituais com intenções ilícitas, bem como todo o arsenal primitivo de baixa vibração, sacrifícios de animais, sons ensurdecedores, dançarias tribais, aliado as vestimentas exóticas e procedimentos corporais desconexos e rudimentares, com punição severa dos médiuns; era tudo isso que o Caboclo das Sete Encruzilhadas juntamente com o Orixá Malet (um Orixá Mediador), vieram tenazmente combater. Por isso ele chamava de: "Linha Branca de Umbanda e Demanda", a Linha Branca em ação magística para combater o mal e a iniquidade.

Dá para entender o porquê, a partir da década de 1930, foi criada uma vanguarda intelectualizada encabeçada por Leal de Souza, para que pudessem sanear a Umbanda, separando os ritos, doutrinas e magias primitivas africanas deturpadas, quase que totalmente voltadas às práticas de feitiçarias, que nada tinham há ver com a doutrina esposada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas?

Observaram o porquê o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: *"Não haverá bater de tambores; não haverá saias com rendas e lamês; não haverá espadas na mão; não haverá capacetes de penas; não haverá cobranças; não haverá matança de animais; não existe feitura de santo na Umbanda; Orixá não incorpora na Umbanda; não existe coroação na Umbanda, etc.".* Por que tudo já existia nas práticas da Macumba, e a Umbanda veio colocar um freio em tudo isso.

Cremos que deu para se ter uma ideia de como eram as práticas de feitiçaria na então capital federal do Brasil, no século 18 e 19. Sentimos até arrepios pelas descrições "superficiais" dos feitiços relatados pelo Sr. João do Rio. Da para se entender como se procediam as ditas "Macumbas" nas favelas e cortiços (vide fotos acima) do Rio de Janeiro. A coisa era feia. Na Europa já era patente a procura de feiticeiras, há séculos, a fim de barganharem com o astral inferior, os pedidos sórdidos, todos efetuados às escuras. No Brasil, a feitiçaria do negro ganhava mais status que a europeia, pois era considerada mais eficiente.

A Macumba, que tinha uma estrutura magística africana enfática, se diluiu com a inserção do processo de umbandização. A Umbanda significou a inserção dos conceitos crísticos, dos mais simples, num contesto religioso aprovado pela sociedade no geral, sendo algo que valia a pena lutar.

O estudo antropológico só tem a visão material da coisa, ou seja, um ponto de vista humano, onde a Umbanda surgiu por uma natural adaptação de seus profitentes de antão, os macumbeiros. Mas, sob vista Espiritual, a Umbanda surgiu, a fim de dar segmento a religiosidade nacional, onde todos teriam as mesmas condições de se espiritualizarem, independente de classe social, cor ou mesmo raça, mas, num contexto de Espiritualidade Superior, sem fetichismos, dogmatismos, totemismos, idolatrias, superstições e apresentações circenses.

Em meio a tal barafunda, Jesus em sua infinita misericórdia fez surgir a luz redentora da Umbanda, através do trabalho hercúleo do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas e seus companheiros, a fim de colocar um ponto final em todas essas práticas nefandas.

A Umbanda não é simplesmente um estágio posterior à Macumba, onde pessoas resolveram que esta era a melhor forma de religiosidade. A Umbanda surgiu no momento certo, para colocar fim ao nascente domínio do baixo astral, trazendo a proteção das hostes de luz para o Brasil, a fim de proteger os obreiros do bem que formam a sociedade nacional que fará deste país o coração do mundo, a pátria do Evangelho. Só o tempo mostrará a verdade, onde muitos dirão: "Deus escreve certo por linhas tortas".

Nós nem podemos imaginar o fabuloso movimento formado na espiritualidade, e o trabalho hercúleo dos Espíritos de Luz, a fim de dar cobertura a nascente Umbanda, a fim de que conseguisse por fim às práticas de magias negras, desmanchando feitiços, desmantelando correntes espirituais do baixo astral, socorrendo vitimas e algozes, convencendo e recrutando toda classe de Espíritos que quisessem reformular seus conceitos errôneos e voltarem-se a práticas crísticas.

Observaram que depois do advento da Umbanda, várias dessas práticas perderam totalmente suas forças, muitas sendo relegadas ao esquecimento, e outras estão sob o controle dos falangeiros da Umbanda? Graças a Deus, desde a instituição da Umbanda no Brasil, a magia negra declinou sensivelmente. Mas, a renitência de algumas práticas da Macumba acabaram por instalarem-se até os dias atuais, sendo que muitos umbandistas absorveram-na como prática religiosa ancestral, nas mais variadas modalidades existentes.

Aliás, somos da opinião que a Macumba começou a sofrer uma "umbandização" a partir de 1908, continuando até os dias atuais. Observe que ainda hoje, persistem na Umbanda alguns ritos e procedimentos da antiga Cabula/Macumba, mas, diluindo-se gradativamente, dia-a-dia.

A Umbanda ainda não abarcou completamente as práticas da Macumba, mas caminha homeopaticamente para isso; ainda não o conseguiu por completo, pois, infelizmente, a grande maioria dos umbandistas ainda persiste em não seguir o preconizado pelo fundador o Caboclo das Sete Encruzilhadas, "Linhas Mestras" essenciais para que se realmente pratique Umbanda.

Em 1944, vários umbandistas ilustres, entre eles vários militares, políticos, intelectuais e jornalistas, encabeçados pelo Capitão Pessoa, apresentaram ao então Presidente Getúlio Vargas um documento intitulado "O Culto da Umbanda em Face da Lei" e conseguem daquela autoridade a descriminalização da Umbanda. Este fato, que foi extremamente positivo, trouxe como subproduto uma perda de identidade muito grande por parte de nossa religião, uma vez que todos os Terreiros, das mais variadas seitas, incluíram em seus nomes a palavra Umbanda como forma de fugir à repressão policial. Como a Umbanda, nessa época, não tinha uma doutrina formalizada, um rito claramente definido e nem a formação de dirigentes, o que gera uma hierarquia disciplinada, ficou à mercê dessa deturpação. Outro fato que fortaleceu essa descaracterização foi que, sendo um período de crescimento, não se buscava a qualidade dos Terreiros que se filiavam à Federação, ou à União que lhe sucedeu, e, finalmente, ao CONDU (Conselho Deliberativo da Umbanda), mas sim, quantidade.

A partir dai, muitas Tendas cujos rituais não seguiam as "Linhas Mestras" recomendadas pelo iniciador da religião, Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, passaram a dizer-se umbandistas, de forma a fugir da perseguição policial. Foi aí que a Religião de Umbanda começou a perder seus contornos bem definidos e a misturar-se com outros tipos de manifestações de puro mediunismo de tal forma que hoje, a Umbanda tradicional com as "Linhas Mestras" do Caboclo das Sete Encruzilhadas é praticada em raríssimas casas. A Umbanda nunca teve e não tem um órgão fiscalizador e normativo consensual, e por isso, muitas práticas mediúnicas por não se encaixarem em práticas Espíritas e nem Candomblecistas, ganham o status de Umbanda; é só ir a um cartório, registrar com nome de Umbanda, e pronto. Ninguém fiscaliza nada, e a população coloca tudo como prática umbandística. Muitos renascentes da Macumba bem como de outros cultos regionais, após o advento e respeitabilidade da Umbanda, rapidinho se incluíram em nosso meio, se auto intitulando umbandistas.

Por isso, a renitência do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas em propagar através de seus exemplos, a prática da "Linha Branca de Umbanda". Ele queria mostrar a verdadeira espiritualidade de luz, separando o joio do trigo, ou seja, as práticas de luz, das artes da magia negra. Também queria mostrar uma religião desprovida de excentricidades, roupagens coloridas, adereços regionais, batuques, cantorias desconexas, vaidades, fins pecuniários, fetichismos, dançarias, oferendas e despachos disparatados, magias excêntricas, exteriorizações circenses, etc.

Com isso, os primeiros umbandistas liderados pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas foram tachados de quererem a todo custo "branquear" a Umbanda. Era verdade. Só que o "branqueamento" não era questão racial, ou seja, expulsar a raça negra e suas práticas da Umbanda, mas, simplesmente, sanear as práticas de feitiçarias, magias negras, sacrifícios de animais, cultos externos desgastantes, adereços, práticas condenáveis, efetuadas na época pelos remanescentes negros, que realizavam seus cultos distanciados da matiz religiosa afro, pelos 348 anos de escravidão.

Os primeiros umbandistas, ensinando e propagando a luz redentora do Evangelho e as práticas caritativas, procuravam mostrar que a "Linha Branca de Umbanda" era a prática do Espírito para a Caridade. Era só isso. Muita gente confundiu as coisas como confundem até hoje.

Vejam então, que após 100 anos de existência, ainda existem irmãos de digladiando; ainda existem irmãos arraigados em práticas primitivas e triviais, que nada tem há ver com práticas umbandistas; ainda tem irmãos confundindo Umbanda com práticas egoísticas, onde querem que a espiritualidade esteja a seu dispor, para lhes darem àquilo que não tem competência de conseguirem por seus próprios meios. Ainda existem umbandistas apegados aos cultos externos, dando ênfase a festas, dançarias, batuques, adereços espalhafatosos, obrigações, oferendas e despachos disparatados em detrimento ao estudo do Evangelho redentor e da eficiente reforma íntima. Ainda existem os que se dizem serem umbandistas fazendo comércio com o dom que Deus lhes deu. Ainda existem umbandistas só querendo aparecer na mídia televisiva, radialista, redes sociais e literárias, como salvadores da pátria, apregoando serem os entendidos em Umbanda, procurando de todo modo serem vistos, elogiados e aceitos, tidos como lideranças, destaques, porta-vozes e ícones umbandista.

Um Terreiro de Umbanda é somente um local de práticas religiosas e seu dirigente tem que ser um exemplo dignificante de evangelizador, paz, amor, compaixão e fé. Devemos evitar qualquer tipo de extravagâncias que fuja aos preceitos crísticos, à razão e ao bom senso.

O Senhor Cacique Araribóia nos esclarece o que não devemos levar para dentro de um Terreiro de Umbanda: *"Festas que fogem ao âmbito religioso, músicas de fundo não edificante, batuques ensurdecedores, dançarias, conversação tumultuada e não construtiva, discussões violentas, maledicências, homenagens humanas, reuniões sem disciplina, competições, manifestações circenses, apetrechos estranhos, rituais primitivos, vestuários extravagantes e espalhafatosos, ataques religiosos, enfim, tudo àquilo que não se concebe a um santuário de paz, amor e oração".* E completou: *"Em um Terreiro de Umbanda, desde o inicio até o fim de um trabalho espiritual, todos devem se portar de modo edificante, em estado de concentração/contemplação e oração; afinal, ali, estaremos exteriorizando como vemos, praticamos e entendemos a Espiritualidade Maior".*

Era contra tudo isso que o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas lutava e luta para crescer: A florescência da Linha Branca de Umbanda, pois, como já vimos, após o surgimento da mesma, vários cultos estavam se auto intitulando de Umbanda, realizando trabalhos mediúnicos que nada tem há ver com a doutrina umbandista.

A Espiritualidade Superior é sábia, e com o tempo, essas "Macumbas" e seus remanescentes estão se diluindo, e continuam a ser diluir e se integrar na verdadeira espiritualidade da Umbanda. Por enquanto, lutando homeopaticamente, mas sem ferir ou subjugar, estão abarcando a todos, disciplinando-os, reeducando-os e reencaminhando-os para a linha justa do Evangelho e da prática caritativa.

Uma importante contribuição positiva que nos legaram a Macumba foi a crença nos Sagrados Orixás, e a sistemática de oferendas e despachos (orientados quando necessários e com parcimônia somente pelos Guias Espirituais).

O uso de atabaques, saias com rendas e lamês, dançarias, adereços, penachos, espadas, chapéus, etc., com certeza, foi uma influencia da Macumba; não são fundamentos da Umbanda.

Depois de tudo muito bem entendido, esperamos que nunca mais usem o termo "Macumba" para se referir a Religião de Umbanda ou mesmo "macumbeiro" para os umbandistas, pois, com o tempo, tornando-se um termo chulo, preconceituoso, degenerativo e pejorativo, significando tão somente pessoas ignorantes, praticantes de baixo-espiritismo, magias negras e feitiçarias, acabam, ignorantemente, tachando-nos de tudo isso.

O CULTO OMOLOKÔ

TEUJ (Tenda Espírita de Umbanda Juraciara (Florianópolis/SC) – Nação Omolokô – Lunda Quiôco – Tribo Arigolê (Saída de Camarinha – Cabocla paramentada: Juremí)

O Culto Omolokô também surgiu da Macumba (aqui, da Cabula já inserida com o culto dos Orixás, ou seja o Candomblé, que já estava estruturado no Rio de Janeiro), sendo sua mais fiel seguidora, e, consequentemente, foi incisivo na inclusão de apetrechos, doutrinas e elementos afros próprios dos cultos de Nação para muitos umbandistas.

No texto "Macumba", quando a Srª Brígida diz: *"Os afro-brasileiros de tradição Banto sabendo de tal necessidade começam a transformar a Macumba, tornando-a Umbanda"*, formaliza o Culto Omolokô, onde o Tatá Tancredo da Silva Pinto se apegou para "acusar" a vanguarda intelectualizada da Umbanda, de tentarem "branqueá-la", ou seja, "expulsar" toda e qualquer ligação com o africanismo cultuado na época.

Observaremos então, que o Tatá Tancredo, defensor da prática Banto (Macumba), se apegou na Umbanda recém criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, defendendo a tese com unhas e dentes, que essa Umbanda era de descendência afro, passando a partir daí, a divulgá-la freneticamente por todo o Brasil; isso se deu na década de 1940/50. Não concordamos com a taxação de branqueação ou embranquecimento da Umbanda.

Segundo o Dicionário Online Português (www.dicio.com.br): "Branqueação" (branquear+ação) = ação ou resultado de branquear – "Embranquecimento": ato ou efeito de branquear – Branquear: tornar branco, alvejar. Com a dissertativa de branqueamento, estavam e estão querendo dizer que a Umbanda está envidando esforços para retirar de seu seio, toda e qualquer participação da raça negra e sua cultura. Isso é mentira. Aliás, a Umbanda jamais defendeu ou mesmo se apoiou numa posição racial, mas sim, apóia a representação arquetípica em suas manifestações mediúnicas, nos tipos sociais brasileiros, ou tipos regionais.

A Religião de Umbanda não coaduna e nem pratica rituais, doutrinas e cultos afros; só isso. O esforço dos primeiros umbandistas era no intuito de retirar da Umbanda toda a gama de doutrina, apetrechos, rituais, liturgias, magias dos cultos afros, que nada tinha haver com a sua doutrina, pois, segundo os ditames do seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, o fundamento da Umbanda está nos ensinamentos crísticos e não no africanismo, embora, aceita-se certos elementos dos cultos afros, por serem positivos e não ferirem a doutrina crística. Só isso. Agora, o inverso também poderia ser dito; os que acusam o ato de embranquecimento poderiam ser acusados formalmente de tentaram então, o empretecimento da Umbanda. Já pensou?

Quando das dificuldades existentes na época, devido a perseguições policiais, e mesmo o grande número de dirigentes e médiuns que surgiram, a grande maioria formada por pessoas simples e sem estudo, iniciaram toda uma religiosidade na raça, pois não havia doutrina e nem disciplina.

Não nos esqueçamos que a Umbanda preconizada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas é alicerçada no Evangelho Redentor; a grande maioria dos médiuns já existentes, em sua maioria eram incultos, além de já praticarem um culto próprio com a denominação de "Macumba", não conseguiam encaixar-se na emergente cultura umbandista praticada por Zélio de Moraes. Tudo realmente era feito na simples concepção do que existia na época: os cultos africanos, já deturpados em sua intimidade, mas reorganizados da melhor forma possível.

Também tinha a problemática da extinção da escravatura, onde os ex-escravos se reagruparam da melhor forma possível, sem planejamento algum e principalmente a parte religiosa que ficou entregue às feitiçarias, as ditas "Macumbas", como já vimos no capítulo anterior. Vamos apresentar vários artigos importantes sobre o movimento Omolokô no Brasil e sua influência da Umbanda:

PAPAS & CODIFICAÇÕES

Apesar de uma grande vitória, a descriminalização da Umbanda não foi suficiente para manter unidas as lideranças do movimento, juntas até então pela legitimação da religião. Por volta de 1950, essas mesmas lideranças passaram a se entrincheirar em torno de seus pontos-de-vista pessoais, cada qual defendido com ardor e paixão, abrindo-se assim um enorme fosso dentre as diversas correntes umbandistas.

Diversas Federações são fundadas no Brasil (só no RJ foram novas seis). Com o fim da perseguição das autoridades públicas à Umbanda, a religião passou por um rápido período de crescimento. Estavam abertas as portas da Umbanda aos mais diversos grupos que ainda se encontravam marginalizados, da mesma forma que um dia esta se encontrara.

Todos os Terreiros, das mais variadas "linhas", incluíram em seus nomes a palavra Umbanda como forma de fugir à repressão policial. Nesse momento, cresce a corrente que defende a influência da cultura africana sobre o culto umbandista, e ganha destaque um dos seus principais expoentes. Ainda em 1950, Tancredo rompe com a Federação Espírita de Umbanda e funda a Confederação Espírita Umbandista do Brasil. Bastante atuante, viaja por quase todo o país, fundando Federações no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, dentre outros, sempre com o objetivo de organizar e dar personalidade ao culto.

Inspirado pela tese do médico, etnólogo e professor Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Tancredo defendeu com ardor sua visão da Umbanda, que via na pureza racial negra a legitimidade das práticas umbandistas. Tancredo Pinto lançou mais de 30 livros, e passaria 25 anos escrevendo uma coluna semanal no jornal "O Dia", o que faria com que seus ideais tivessem grande ascendência sobre os setores mais humildes da Umbanda, chegando inclusive a receber o título de "Táta de Umbanda" ("Papa da Umbanda"). Nota do autor: Tatá é uma palavra usada no Candomblé Banto, que em português significa pai; portanto, com Tatá de Umbanda queriam dizer: pai da Umbanda.

(Sérgio Navarro Teixeira – Fraternidade Umbandista Luz de Aruanda Barra Mansa/RJ)

TATÁ TI INKICE TANCREDO DA SILVA PINTO (1904 – 1979)

Tata Tancredo é considerado o organizador do Culto Omolokô no Brasil, e era chamado de: O rei do povo Banto.

Sambista e umbandista brasileiro, nasceu em 10 de agosto de 1904 no Município de Cantagalo, então Estado do Rio. Ainda na adolescência veio para a antiga Guanabara.

Tancredo da Silva Pinto, Tata Ti Inkice, é considerado o organizador do culto Omolokô no Brasil e o responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas para defender o seu direito de ter e cultuar uma religião afro-brasileira.

Seu nome religioso era *"Sunna Folketu Olorofé"* (termo que vem do árabe e quer dizer: "tradição". A utilização de termos árabes na Umbanda Omolokô demonstra a influência que os malês (negros muçulmanos) tiveram na implementação dos cultos afro-brasileiros).

Filho de Belmiro da Silva Pinto e de Edwirges de Miranda Pinto, sendo seus avós maternos Manoel Luis de Miranda e Henriqueta Miranda.

Sua árvore genealógica remonta a grandes estudiosos e praticantes do culto da antiga África. Seu avô foi fundador dos primeiros blocos carnavalescos de sua terra, tendo fundado os blocos "Avança" e "Treme-Terra", bem como o "Cordão Místico", uma mistura de caboclo com o ritual africano, em que sua tia Olga saía vestida de "Rainha Ginja". Seu pai, considerado o melhor tocador de violão de sua época, tinha em seu histórico o título de excelente ferrador, bem como de exímio tratador de animais, sendo ainda criador de pássaros de diversas qualidades.

Em 1950, devido a grandes perseguições aos umbandistas nos mais diversos Estados da União, assim como no antigo Distrito Federal, fundou então a Confederação Espírita Umbandista do Brasil, tendo viajado por quase todo o País, fundando Federações com o objetivo de organizar e dar personalidade ao culto. Fundou as Federações dos seguintes Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e outros. Criou, para melhor mostrar seu culto ao povo em geral, as seguintes festas religiosas: Festa de Yemanjá, no Rio de Janeiro; Yaloxá, na Pampulha - Belo Horizonte; Cruzambê, em Betim - BH, Minas Gerais; Festa de Preto Velho, em Inhoaíba - Rio de Janeiro; Festa de Xangô, em Pernambuco; "Você sabe o que é Umbanda" no Estádio do Maracanã, RJ, e finalmente a Festa da Fusão, realizada no centro da Ponte Rio/Niterói.

Segundo Tancredo da Silva Pinto, a primeira sociedade umbandista criada para defender os direitos dos umbandistas no Rio de Janeiro e no Brasil foi a "União", fundada em 1941.

Segundo ele, naquela época, devido às perseguições policiais, os cultos eram acompanhados por bandolim, cavaquinho e órgão, porque não era permitido tocar atabaques. No Rio de Janeiro, os cultos afro-brasileiros foram professados dessa maneira até 1950.

O motivo que levou Tancredo a criar federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros desenrolou-se na casa de santo de sua tia Olga da Mata, situado à Avenida Nilo Peçanha, 2.153, em Duque de Caxias, onde funcionava o Terreiro São Manuel da Luz. Neste Terreiro Xangô manifestou-se e disse: *"Você deve fundar uma sociedade para proteger os umbandistas, a exemplo da que você fundou para os sambistas, pois eu irei auxiliá-lo nessa tarefa"*. Após esse fato, Tancredo fundou a Confederação Umbandista do Brasil, usando parte do pagamento recebido pelo direito autoral do samba "General da Banda", gravado por Bleckaute, e ajudou a fundar em outros estados novas federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros.

Foi significativa a posição de Tancredo da Silva Pinto contra as propostas de desafricanização da Umbanda, proposta e divulgadas nas palestras do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941). Tancredo dizia que achava graça quando ouvia os "líderes da Umbanda Branca" dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas.

Para ele "a Umbanda *é* africana, é um patrimônio da raça negra" (FREITAS e PINTO, 1957, p. 58).

Esse viés africanista da Umbanda pode ser visto em uma de suas afirmações: *"Terreiro de Umbanda que não usar tambores e outros instrumentos rituais, que não cantar pontos em linguagem africana, que não oferecer sacrifício de preceito e nem preparar comida de santo, pode ser tudo, menos Terreiro de Umbanda"*. Para afirmar a característica africana da Umbanda e dar uma formação intelectual aos praticantes do Omolokô, organiza no Rio de Janeiro o primeiro curso de língua e cultura Yorubá.

Tancredo instituiu as festividades à Yemanjá no Rio de Janeiro/RJ, à exemplo das festividades que aconteciam em Salvador/BA. As primeiras aconteceram na mesma data que na Bahia, 02 de fevereiro, mas com o tempo elas passaram a ser feitas no dia 31 de dezembro (...).

(...) Em vida ainda recebeu diversas comendas e homenagens pelos serviços prestados às religiões afro-brasileiras. Foi um fiel defensor da prática africanista ao culto umbandista e ao Omolokô (...).

(...) Teve publicado mais de 30 obras literárias, divulgando a Umbanda e o Omolokô. Foi fundador e colaborador de diversos jornais e revistas destinadas a esclarecer e orientar os adeptos da religião afro brasileira.

O humilde e analfabeto estafeta dos correios "escreveu" diversas obras de cunho umbandista e manteve colunas diárias em jornais cariocas, como O Dia (...).

(...) No dia 02 de setembro de 1979 foi sepultado às 15:00hs, na quadra 70, carneiro 3810 do Cemitério de São Francisco Xavier, à Rua Pereira de Araújo, nº. 44, no Rio de Janeiro. As despedidas ao seu corpo foram realizadas no Ilê de Umbanda Babá Oxalufan, situado a Avenida dos Italianos nº. 1120 em Coelho Neto, onde seu corpo foi velado.

No livro de registro de filhos de santo estão registrados mais de 3.566 filhos de santos que foram iniciados pelo Tatá Ti Inkice. O Sirum (Axexê), cerimônia de encomenda do corpo de pessoa falecida, foi realizado por José Catarino da Costa, conhecido como Zé Crioulo, filho de Xapanam e confirmado como Ogã no Terreiro de Tio Paulino da Mata e Tia Olga da Mata.

Uma das curiosidades de Tancredo, segundo o pesquisador, escritor, músico e compositor Nei Lopes é que ele teria sido Pai de Santo do "bispo" Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus.

"http://sites.google.com/site/caboclopanteranegra/textos-doutrinarios-e-informativos/tancredo-da-silva-pinto---pequena-biografia-do-incentivador-da-umbanda-Omolokô)

Vamos então estudar um pouco mais sobre a Umbanda Omolokô, grande influenciadora da comunidade umbandista após a década de 1940, até os dias atuais.

"O Culto Omolokô ou Umbanda Primitiva, era o ritual dos negros escravizados, que subiram os morros e interiorizaram-se pelo Rio de Janeiro no final da escravidão. Essa prática era muito perseguida pela policia nos anos 40 e 50. Hoje esse culto é quase extinto, mas conserva ainda uma identidade própria". (Caio de Omulú em: "Umbanda Omolokô – Liturgia e Convergência" – Editora Ícone – 2002)

Foto do que foi apreendido num Terreiro dito de – Macumba – Rio de Janeiro (1950)

"Culto Omolokô ou Umbanda Primitiva trata-se da prática do ritual dos negros escravizados, que subiram os morros e interiorizaram-se pelo antigo Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro, levado por grupos de negros com suas famílias ao término da escravidão. Esta prática foi muito perseguida pela polícia nas décadas de 40 e 50, até que fosse criada uma Federação para organizar e registrar os Terreiros. Hoje se encontra praticamente extinto o Culto Omolokô, bem como seus rituais de adoração aos Bacuros (Orixás), praticados na primeira metade do século passado. O antigo ritual tinha sua própria identidade, não se assemelhando em quase nada, com a Umbanda praticada nos dias de hoje. Em alguns casos, observa-se uma mistura com o Candomblé ou kardecismo, sendo que no primeiro caso, é chamada vulgarmente de "Umbandomblé".
(http://br.geocities.com/borbaivan/)

"O Culto Omolokô do Brasil foi fundado pelo Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto que foi iniciado pelos doze ministros de Xangô em Angola na África. É um culto que tem como base os Orixás e os Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exus e demais entidades como Boiadeiros, Marujos, Ciganos, Mestres de Jurema, etc. Nesta Nação se faz feituras de cabeças, matanças e a maioria dos trabalhos que são feitos no Candomblé só que dentro de uma ritualística própria. Como também se fazem trabalhos e incorporações com as entidades citadas. As reuniões constam de uma abertura onde se saúda os Orixás. Não existe manifestação dos mesmos e após este rito inicial os médiuns iniciam os trabalhos com seus Guias e Protetores. Os trabalhos com Orixás são realizados apenas nas datas festivas do calendário anual, que é parecido com o que se comemora na maioria dos Terreiros, com saídas de santos, onde os filhos de santo feito vestem o seu santo e se mediunizam com a energia do mesmo para dançar no salão. As reuniões de Exus são realizadas em separado, sem que haja a mistura das energias deles com de outras entidades. No Terreiro do Culto Omolokô existem assentamentos básicos. Como a Cafuá do Exu, e casa do Omolú na entrada do Terreiro, um roncó (camarinha) e o salão dos trabalhos semanais. Existem ogãs, cambonos, ekedis e toda hierarquia administrativa e espiritual". (Caio de Omolú)

"Se observarmos a estrutura organizacional do movimento, perceberemos que a união dos umbandistas sempre foi circunstancial; haja vista o excessivo número de Federações, Confederações, Uniões e Conselhos existentes" (Cf. BIRMAN, 1985. p 80-121).

"As questões doutrinárias e rituais desde a realização do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941) sempre foram tensas entre o grupo que defendia o rompimento da Umbanda com as práticas mais africanizadas e aqueles que delas não abriam mão. É significativa a posição do umbandista Tancredo da Silva Pinto – o Tatá Tancredo – no livro "Fundamentos de Umbanda", sobre as propostas de desafricanização divulgadas nas palestras daquele Congresso. O autor diz que acha graça quando ouve os "líderes da Umbanda Branca" dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas. Para ele "a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra" (FREITAS e PINTO, 1957, p. 58).

"Tancredo, inclusive, vai romper com a Federação Espírita de Umbanda e fundar a Congregação Espírita de Umbanda do Brasil". (José Henrique Motta de Oliveira - Mestre em História Comparada - UFRJ/ PPGHC)

"Situação inversa sofreu Tancredo da Silva Pinto, que não rompeu apenas com a Federação Espírita de Umbanda, mas com a própria Umbanda ao criar o Culto de Omolokô" (Omolokô, Culto afro-brasileiro que admite no mesmo ambiente tanto as práticas do Candomblé quanto a da Umbanda. Cf. OMULU, 2002).

Quando da fundação da 1ª Federação Umbandista, pelo Sr. Zélio de Morais, em 1939, a fim de protegerem os Templos das perseguições, muitas outras denominações religiosas mediúnicas se agregaram a essa Federação, e acabaram por colocarem o nome "Umbanda" em seus cultos. Foi quando surgiu o Sr. Tancredo, feito no santo em solo africano, defensor do culto Banto, propagou um culto, misto de Umbanda e Candomblé, que ficou conhecido como Umbanda Omolokô, ou Umbanda Primitiva. Vejam bem: ele criou a Umbanda Omolokô na década de 1940; seria mais uma modalidade umbandista. Mas, mesmo com o Omolokô, ainda defendia freneticamente, que a Umbanda como um todo era afro descendente. Leia neste mesmo livro, o capítulo: "MODALIDADES – A IDIOSSINCRASIA NA UMBANDA", no subtítulo: "Umbanda – Uma Seita Afro? – do Sr. Cláudio Zeus".

Daí, talvez, surgiu toda uma formação litúrgica/ritualística/doutrinária que chegou até nós, mas com um detalhe: retiraram a denominação Omolokô, e ficou somente Umbanda. Vejam, que muitas das liturgias umbandistas da atualidade, tem-se baseado no que instruiu o Sr. Tancredo, mesmo não sabendo da sua existência. Acabou-se fazendo tudo, porque o pai fazia, o que fazia o avô, ou o que se observava em outros Terreiros e mesmo o que se lia em livros, e assim por diante. Sem explicações, sem estudos, sem doutrina, e o que é pior: sem consultar os verdadeiros Guias Espirituais. É porque tem que ser. A Umbanda é assim e pronto. Mas como verificamos, não era para ser bem assim.

A partir do estudo no Culto Omolokô, iremos entender muitas das atitudes tomadas por umbandistas da atualidade, sendo colocada a pecha de Umbanda tradicional.

Então, é de nossa opinião, que devemos colocar as coisas no seu devido lugar, dar os nomes aos bois e realizarmos aquilo que é determinado pela espiritualidade, ao invés de combatermos aqueles que, através de muito estudo e pesquisa, tentam resgatar o que de mais puro e real existe dentro da Doutrina Umbandista do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Ainda existem casas com dirigentes honestos e cônscios de sua responsabilidade, que registraram e mantém o nome de seus Templos como Umbanda Omolokô, evitando a confusão reinante de culto, liturgia e ritualística, pois estão desvencilhados da Umbanda formada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Possivelmente, foi nos Terreiros do Culto Omolokô, onde houve a aceitação sem restrições dos remanescentes Mestres do Catimbó, os Marujos, Ciganos, Baianos, Exus e Pombas-Gira, Boiadeiros e posteriormente absorvidas pelos umbandistas no geral. As Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais integraram-se na Umbanda, gradativamente, uma a uma, conforme a precisão, tudo determinado pela Cúpula Astral de Umbanda.

A questão dos primeiros Terreiros não aceitarem de chofre tais manifestações deu-se pelo fato de que se davam de formas descontroladas, e usadas quase que totalmente para questões ilícitas, tais como Exus e Pombas-Gira. A Tenda Mirim, fundada em 1924, já manifestavam que não mantinham contato ostensivo mediúnico com Exu. No livro "Magias da Umbanda – Jota Alves de Oliveira – Editora Eco – 2ª edição" existe um capitulo sobre a Tenda Mirim assim intitulado: *"45 anos de Umbanda sem Exu".* Com certeza, o contato era reservado e bem discreto, somente para casos demandatórios, e não como hoje, corriqueiramente.

Uma coisa é certeza: A Macumba nasceu da Cabula e acomodou-se no Culto Omolokô, que influenciou decisivamente até os dias atuais, muitas casas umbandistas.

A UMBANDA E O MOVIMENTO UMBANDISTA (CONTEXTUALIZAÇÃO)

Parte I:

O Omoloco ou Omolokô (que quer dizer: "Filhos da Natureza") surge na história do movimento umbandista com o objetivo claro de responder as constantes tentativas de aproximação, que alguns procuravam fazer da Umbanda com o Espiritismo. Neste período, lá pela década de 1940, existiam praticamente dois grupos de intelectuais umbandistas que trabalhavam em sentidos quase opostos: um, procurava o reconhecimento da Umbanda como uma Religião Espírita ou pelo menos com tais características; o outro defendia as origens africanas da Umbanda e uma completa independência do Espiritismo. Em contrapartida, o Espiritismo da época condenava de forma veemente quaisquer ligações com a Umbanda e os cultos afro-brasileiros.

O primeiro grupo, que pregou suas teses, no Primeiro Congresso Espírita de Umbanda, no Rio de Janeiro em 1941, reconhecia a origem africana da Umbanda, mas impregnava a sua doutrina de uma matriz espírita, com o objetivo de contextualizar a religião para viver dentro do universo urbano, de caracterizá-la como evolutiva e preparada para os desafios que os tempos atuais exigiam, fortalecida por um escopo moral, de preferência cristã e doutrinariamente compatível com a codificação kardeciana, já plenamente aceita e difundida na sociedade.

Em pleno Estado Novo (assim chamou-se o período de governo da ditadura de Getúlio Vargas), os umbandistas desse primeiro grupo, se preocupavam em revestir a Umbanda com qualificações que acabassem com a discriminação e o preconceito (baixo espiritismo e Macumba) e evitassem as perseguições que ocorreram até os anos 50.

Foi nesta época, 1937 a 1945, em que a política de Vargas já toleravam e reconheciam a importância do Espiritismo no Brasil, que fortemente se trabalhou o "embraquecimento" da Umbanda, buscando teses que a demonstrassem como um salto evolutivo de suas raízes africanas e com uma origem que antecedia a existência dos cultos religiosos em África (os continentes perdidos de Lemúria e Atlântida). Dessa vertente de pensamentos surgiram o que se chamou de Umbanda de Cáritas (...).

O segundo grupo, de intelectuais umbandistas, trabalhava em sentido oposto. Defendiam a origem e as raízes africanas da Umbanda, condenavam a aproximação com o Espiritismo e tentavam solucionar a perseguição, a discriminação e o preconceito, através do sincretismo católico, já incorporado pelo Candomblé e os Cultos Afro-brasileiros em geral. Um dos expoentes que mais se destacou nesse grupo foi o Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto (1904-1979), considerado como organizador do Culto Omolokô no Brasil.

O Omolokô ganha destaque nacional no cenário umbandista e dos cultos afro-brasileiros com o Tata Ti Inkice Tancredo. Escritor, músico, sacerdote atuante, Tancredo defendeu durante toda a sua existência, a origem da Umbanda na matriz dos cultos religiosos africanos, realizando uma aproximação definitiva com o Candomblé e os cultos afro-brasileiros, condenando as tentativas de infiltração da doutrina espírita na Umbanda e construindo toda uma gnose (conjunto de conhecimentos) para religião com base nas tradições culturais e religiosas das tribos Lunda-Quioco. Desta feita, o Omolokô cultua os Orixás, de forma similar, mas não idêntica, ao Candomblé e os cultos afro-brasileiros e trabalha com as entidades espirituais de Pretos-Velhos, Caboclos, Crianças, Exus e Pombas-Gira entre outras, nos moldes que a Umbanda realiza.

Sim, porque é bom lembrar, que na Umbanda surgida como religião genuinamente brasileira, no advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1908, através da mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes (1892 - 1975), nem existia o culto aos Orixás ao estilo do que é praticado no Candomblé e, nem tão pouco, espaço para influência do Espiritismo.

A existência da luta para prevalecer as suas correntes de pensamentos, e a polarização dos umbandistas em torno dos dois grupos já mencionados, surgiram bem depois como consequência das circunstâncias já levantadas: o processo de intelectualização da Umbanda, principalmente com o surgimento de uma literatura própria; o acirramento do preconceito, da discriminação e das perseguições (Estado Novo); o Primeiro Congresso Espírita de Umbanda (1941); o repúdio do Espiritismo a qualquer ligação com a Umbanda e os cultos afro-brasileiros e finalmente a organização do Culto Omolokô.

Chamo essas polarizações de intelectuais umbandistas em torno dessas correntes de pensamentos que surgiram, de grupos, apenas por uma questão didática e facilitadora para a linha de raciocínio empregada neste artigo. Na verdade não foram grupos formalmente montados, mas sim, meramente uma divisão de ideias sobre a Umbanda em que dirigentes, escritores, autoridades e pensadores umbandistas a época se afinizaram. Assim, temos todo um desenvolvimento da Umbanda originada formalmente com Zélio, que veio a ser influenciada, mais tarde, por essas tendências ideológicas, por assim dizer. Agregando-se a tudo isso, temos:

a) Os resquícios existenciais ou a resistência cultural e religiosa de cultos como a pajelança indígena, o Catimbó, os Xangôs etc.;

b) O envolvimento e a adoção de ritos e liturgias do Candomblé e cultos afro-brasileiros;

c) A perpetuação da força sincrética, por exemplo, do catolicismo;

d) E finalmente o advento da Umbanda Esotérica, preconizada por W. W. da Matta e Silva e a raiz de Guiné (década de 60), que de forma combativa oferece uma ordem para esse estado de coisas.

Esse, portanto, foi à base e o alicerce da construção de tudo aquilo que hoje chamamos de movimento umbandista.

Parte II:

O Culto Omolokô, com certeza, historicamente teve e tem um papel relevante no movimento umbandista.

Dentro do conceito de Escola, aqui exposto, embora ainda não aceito e difundido entre todos os filhos da Natureza, o Omolokô tem como objetivo traçado pelo plano da Corrente Astral Superior de Umbanda, o papel de permitir a todos que ainda se afinizam com o Candomblé, cultos afro-brasileiros, entre outros (ex: Catimbó), mas que, no entanto, não desejam deles serem adeptos, a oportunidade de contato e experiência com doutrinas, ritos e liturgias semelhantes, mas não idênticas desses.

Por outro lado, matricialmente enraizado na Umbanda através do trabalho que se realiza com as entidades espirituais, o Omolokô deve providenciar a migração consciencial de seus adeptos para níveis mais profundos e evolutivos, distanciando-os pouco a pouco da forma atual de sua prática e aproximando-os cada vez mais da essência que a catarse do movimento umbandista gerará.

Eis o motivo pelo qual, eu classifico o Omolokô, como uma Escola de transição ou de passagem. Transição ou passagem de uma situação de praticar Umbanda para outra sem elementos do Candomblé e dos cultos afro-brasileiros.

O Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto estava correto, naquele momento histórico, em fazer uma ruptura com o que estava acontecendo na Umbanda à época. Da mesma forma, que Zélio rompeu com a monopolização do Espiritismo, abrindo espaço para entidades espirituais que não encontravam guarida no seio das reuniões dos Centros Espíritas, Tancredo organizou uma via alternativa para os egressos dos Candomblés de Caboclo, dos cultos afro-brasileiros, do Catimbó e cultos correlatos.

Usando a Umbanda como fonte matricial, para esta via alternativa, Tancredo organizou o que vulgarmente é denominado de Umbandomblé.

Parte III – A Iniciação no Culto Omolokô

(...) o Culto Omolokô surgiu (década de 1940 em diante) como uma resposta, do Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto, a tentativa de alguns umbandistas, em realizar uma aproximação com o Espiritismo e de afastamento das origens africanas, dos seus cultos e religiosidade.

Para isso, Tancredo radicalizou em um caminho inverso, ou seja, aproximação com o Candomblé e os Cultos Afro-brasileiros e a origem africana da Umbanda, organizando o que vulgarmente se denominou de Umbandomblé, e que eu denomino de processo de Candomblelização da Umbanda.

O Tata Tancredo defendeu, de forma veemente, que essa seria a Umbanda verdadeira. Assim, o Culto Omolokô adotou de forma semelhante, mas não idêntica, todos os processos e iniciação do Candomblé, ou pelo menos, se baseou em seus fundamentos para tal fim.

Como uma religião que congrega em suas diversas nações a herança legítima dos cultos africanos, o Candomblé serviu de fundamentação para organização de ritos e liturgias do Culto Omolokô. Isso é bem visível, na forma pelo qual, o Omolokô trata tudo o que se refere a Orixá em seu culto.

Utilizamos as mesmas comidas-de-santo do Candomblé, as mesmas ervas, fazemos o bori frio, respeitamos o xiré, temos o roncó, realizamos feituras-de-santo, utilizamo-nos do sacrifício de animais, as vestimentas e armas dos Orixás são quase idênticas, bolamos com o santo, o fardamento dos filhos-de-santo são semelhantes, os níveis hierárquicos são equivalentes, os símbolos e objetos consagrados são os mesmos (ex. o otá, a quartinha, a louça do santo etc.), cantamos rezas em dialeto, temos saídas de santo e entregamos o deká, entre tantas coisas em comum.

Com relação ao processo de iniciação as semelhanças continuam, embora, como já disse, a forma não seja idêntica.

(Caio de Omulú)

Não se tem notícias de que na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, nas suas sete filiais, bem como na Tenda Mirim, os mais velhos Terreiros de Umbanda do Brasil, a presença dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D´Agua, dos Protetores Baianos e dos Protetores Ciganos, como Linhas e Corrente de Trabalhos Espirituais individualizadas. Vinham integradas nas Linhas Mestras somente.

Apetrechos, doutrina e rituais afros mais elaborados também foram influenciações decisivas em muitas umbandas.

- **ESPIRITISMO E RELIGIÃO KARDECISTA**

Na Umbanda, tivemos uma influência direta importantíssima e necessária dos livros da Codificação Espírita, principalmente dos imprescindíveis: "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns" e "O Evangelho Segundo o Espiritismo", os quais são orientados com veemência pelos Guias e Protetores Espirituais da Umbanda, que sejam estudados, entendidos e devidamente aplicados. Do restante, diretamente, não temos influências dos axiomas ou qualquer ligação com a Modalidade Religiosa Kardecista que igualmente se formou em torno do Espiritismo, tornando-se religião, e muito menos com os kardecistas, a não ser o respeito e a boa convivência. Também não há qualquer ligação doutrinária com a opinião formada por alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista, que, provavelmente entendem do kardecismo somente. Seguimos, com razão e bom, o que está orientado nos livros da codificação kardeciana. Alguns dirigentes ou médiuns umbandistas seguem por conduta particular e solitária, as orientações da Religião Kardecista.

Agora, o que aceitamos e seguimos com satisfação, são os ensinamentos dados por alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista no que tange somente à reforma íntima, autoajuda, mas, desde que estejam calcados nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso. Muitos dos Espíritos e humanos que seguem sua linha evolutiva na Religião Kardecista entendem somente o que se passa no universo kardecista; estes, jamais, em hipótese alguma, poderiam ser arvorar em julgar procedimentos umbandísticos, pois são exclusivamente cristãos, puritanistas, fechados e seguindo tão somente o cristianismo e o espiritismo. A Umbanda é crística, aberta, universalista, não se prendendo a doutrinas exclusivistas, à codificações, nunca sendo cerceada em seu direito divino de livre pensadora, seguindo somente àquilo que é lícito, rejeitando sempre o que é ilícito. Portanto, a Umbanda não tem messias, não tem codificador, não tem "puritanismo doutrinário" e nem regras ditatoriais castradoras limitantes. Não podemos nos esquecer: *"Há mais coisas entre o Céu e a Terra do que imagina nossa vã filosofia* (William Shakespeare)*", e, "A maior de todas as ignorâncias é rejeitar uma coisa sobre a qual você nada sabe"*. (H. Jackson Brownk)

Uma parcela de dirigentes umbandistas já nasceu no âmago de famílias kardecistas, ou tiveram uma passagem pela Religião Kardecista antes de aderirem a Umbanda. Estes dados revelam que, excluído o catolicismo, O Espiritismo (e não a Religião Kardecista) é a contribuição filosófica mais marcante que se exerceu sobre os umbandistas, sendo que teve uma grande importância na origem da Umbanda e tal contribuição, também se teria feito sentir através do movimento federativo. As federações, uma vez instituídas, atuaram doutrinariamente sobre os Terreiros, através dos princípios espíritas de reencarnação, da evolução espiritual e da moralidade cristã. Sem negar a importância histórica das federações neste sentido, chamamos a atenção, neste momento, para o fato de que a contribuição Kardecista fez sentir-se também sobre os Terreiros através da atuação de dirigentes isolados do movimento federativo e sem serem por ele atingidos, que tiveram sua formação kardecista inicial. Salvo nos casos em que houve uma socialização kardecista, as buscas das "Sessões Espíritas" deram-se em função dos problemas de saúde e de outras ordens, vividos pelos dirigentes em algum momento de suas vidas. Em alguns casos, nos próprios Centros Kardecistas, recomenda-se a idas nos Terreiros Umbandistas e vice versa.

Não há, pois, exclusão da Religião de Umbanda por parte da Religião Kardecista, em que se este se sentir superior a ela. Há casos em que os Guias e Protetores Espirituais são de Umbanda, ou então, o estilo de incorporação, aconselhando-se então a ida dos médiuns aos Terreiros Umbandistas. A passagem para este culto pode se dar em outras razões, inclusive pela inadaptação a séria discursiva e asséptica sessão kardecista. Nos Terreiros Umbandistas, algumas concepções kardecistas são divulgadas oralmente através de leituras de preces, sobretudo a de Cáritas, e de mensagens, evangelização e ensinamentos de alguns Mestres Espirituais atuantes na Religião Kardecista.

A maior contribuição do Espiritismo, portanto, é o abençoado entendimento da fenomenologia mediúnica, onde podemos nos calcar dentro de uma experimentação científica religiosa, e praticarmos a mediunidade, sabedores do que estamos realizando. Sem dúvida alguma, Kardec institucionalizou, explicou e colocou parâmetros importantes na fenomenologia mediúnica. Ele conseguiu tirar a mediunidade das trevas da ignorância, e colocá-la na luz do entendimento. Mas, na Umbanda, a mediunidade se pratica de forma mais abrangente, tendo particularidades que Kardec não estudou, pois no seu tempo a Umbanda não existia. Ainda temos algumas contribuições filosóficas de alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista. Só esclarecemos que seguimos os ensinamentos de alguns Espíritos militantes no kardecismo, mas, não necessariamente seguimos ou aceitamos a opinião dos encarnados kardecistas. Tivemos uma importante contribuição da Codificação Espírita, mas, muito pouco da Religião Kardecista.

Muitos creem que pelo fato de se usar uma mesa numa Sessão de Umbanda, conhecida como: “Mesa de Trabalho” o Terreiro foi influenciado e está praticando uma Sessão Kardecista, só pelo fato de ser efetuado alguns tipos de trabalhos espirituais em volta de uma mesa, muitas vezes forrada com uma toalha branca. Muitos umbandistas creem que a simples presença de um trabalho espiritual ser efetuado em volta de uma mesa num Terreiro de Umbanda é influência direta do kardecismo. Ledo engano. O uso de uma mesa qualquer em trabalhos mediúnicos não significa pertencer a uma religião. Inclusive a chamada “Mesa Branca”, foi erroneamente confundida com as práticas kardecistas, gerando muitas confusões, sendo inclusive, e com razão, veementemente refutada pelos kardecistas como nominativo popular de sua religião. Vamos à uma breve explicação:

MESA BRANCA E ESPIRITISMO

Mesa Branca é a prática da mediunidade espiritualista a partir das orientações de um ou mais Espíritos que cuidam dos trabalhos da casa ou grupo local que a pratica a “Mesa Branca”.

Apesar de estar presente em alguns segmentos religiosos sob o nome de “Umbanda de Mesa”, “Kardecismo” ou “Sessão Astral”, a Mesa Branca é normalmente praticada de forma independente sem estar ligada diretamente a qualquer religião. Possui várias linhas diferentes segundo a direção do Espírito Mentor da Casa e podem ser de linhas cristãs e não cristãs. Existe uma confusão muito grande em relação a Mesa Branca e o Kardecismo e isso talvez seja motivado pela semelhança que existe em alguns pontos, como por exemplo, a comunicação mediúnica com os Espíritos e a crença na reencarnação. O Espiritismo é uma doutrina científica e filosófica codificada em 1857 por Allan Kardec. A Mesa Branca, por sua vez, é uma doutrina essencialmente religiosa, desenvolvida a partir das práticas mediúnicas do chamado moderno espiritualismo; não tem regras como no Kardecismo, as quais não permitem que seus adeptos apliquem procedimentos que não constam em sua codificação. A Mesa Branca é uma prática livre que adota ensinos e procedimentos de outros seguimentos religiosos segundo as orientações dos seus Mentores. A Mesa Branca é o produto aprimorado daquilo que se conhecia por “mediunismo de mesa”, cujas raízes surgiram muito antes de Kardec, que até então era conhecida por “telegrafia espiritual”, e depois, por “mesas falantes e mesas girantes”; foi a responsável por chamar a atenção de Kardec e outros pesquisadores para o fato das manifestações dos Espíritos ocorrerem a partir das mesas.

A Mesa em si é um objeto indispensável nas sessões espirituais, uma vez que serve de apoio e contato para os trabalhos de um modo geral. É em volta da Mesa Branca que os médiuns se reúnem para uma sessão. É a partir dela que é realizado um estudo, uma preleção, reuniões, evangelização, consultas ou comunicação mediúnica. É através dela que os médiuns realizam seus trabalhos de desobsessão, e principalmente o trabalho de educação mediúnica. Enfim, pode-se utilizar a Mesa para diversos fins. Porque a mesa era branca? A prática de reuniões frívolas e trabalhos malfazejos que alguns grupos realizaram no passado através do mediunismo, também em volta de uma mesa, foi um dos motivos pelo qual se adotou largamente utilizar uma mesa pintada de branco, ou mesmo forrá-la com uma toalha branca para diferenciar os trabalhos de tais grupos e demonstrar assim a boa natureza das sessões promovidas pela casa, sendo então nominada "Mesa Branca".

(Texto formulado em base na obra: "Manual Prático de Mesa Branca" – Eliseu Lamosa Prado – Editora Virtualbooks)

MESA DE TRABALHO DA UMBANDA

A Mesa de Trabalho também é de uso dos Terreiros de Umbanda desde a sua fundação, e é importante para o desenrolar de um trabalho espiritual. Em cada tipo de trabalho em que é usada recebe a denominação correspondente: Mesa de Descarrego, Mesa Mediúnica, Mesa de Cura, Mesa de Passe, Mesa de Atendimento, Mesa de Desenvolvimento, Mesa de Reunião, Mesa de Reza, etc.

A Mesa de Trabalho utilizada na Umbanda não precisa ser necessariamente pintada na cor branca. Pode-se usar a cor natural da madeira, ou forrá-la com uma toalha branca, ou usar uma toalha na cor da vibratória referente ao uso específico da mesma, em dias de trabalhos espirituais ou mesmo comemorações.

Somente orientamos que no mínimo, no centro da Mesa se use 01 vela branca acesa, uma rosa branca, e um copo contendo água, sal grosso e 01 folha de guiné, cujo conteúdo será despachado na rua após o término de qualquer trabalho. Também, na Mesa, deixamos dentro de um recipiente natural, os nomes dos necessitados.

Em toda e qualquer concentração de pensamento, principalmente em rezas e orações, é sempre mais fácil ter um ponto concreto, um objeto palpável para firmar ou fixar tal pensamento. Assim, a Mesa de Trabalho é um local apropriado para todos buscarem a união, a comunhão com Deus. Sendo a Mesa de Trabalho um ponto de fixação, ou melhor, um ponto onde são fixados todos os processos de rezas orações, trabalhos mediúnicos, descarregos, passes, etc., é um local próprio, adequado, aonde todos aqueles que ali vão, possam dirigir seus pensamentos, canalizando para o mesmo fim.

Os Espíritos da Luz impregnam a Mesa de Trabalho com seus fluidos, deixando-a imantada, tornando-a irradiadora e expansora de fluidos salutares, o que propiciará a todos que ali se reúnem uma ação positiva, tornando-a um local "mágico" por excelência, capaz de induzir boas correntes, perfeitas descargas e outros benefícios. A Mesa de Trabalho é um núcleo de força em atividade constante, poderosa por estar sendo vibrado com várias pessoas em sua volta com suas mãos vibrando sobre ela, agindo como centros atratores, condensadores, escoadores, expansores, transformadores e alimentadores dos mais diferentes tipos e níveis de energia e magnetismo.

A Mesa de Trabalho é o polo central do encontro com a Espiritualidade; é a Mesa da Cúpula Astral de Umbanda; é a Mesa onde os dons preciosos são dados e recebidos. Lembremo-nos que uma Mesa de Trabalho é da Espiritualidade Superior. Ela é quem nos convida a participar deste ato abençoado. Ela é a hospedeira e nós somos os seus convidados.

Por essa razão, tanto os médiuns de Umbanda como os Guias e Protetores Espirituais, ao passarem pela Mesa de Trabalho, fazem-lhe uma reverência, fazendo o sinal da cruz sobre a Mesa e posteriormente, com um joelho ao chão, encostam levemente a testa sobre a mesma, em atitude respeitosa, procurando nesse momento absorver todas as energias que dali esparge. A Mesa de Trabalho deve ser de madeira (não usar plástico, metal, pedra, mdf, conglomerado, tapume, etc.) sólida e firme, simples, sem adornos desnecessários.

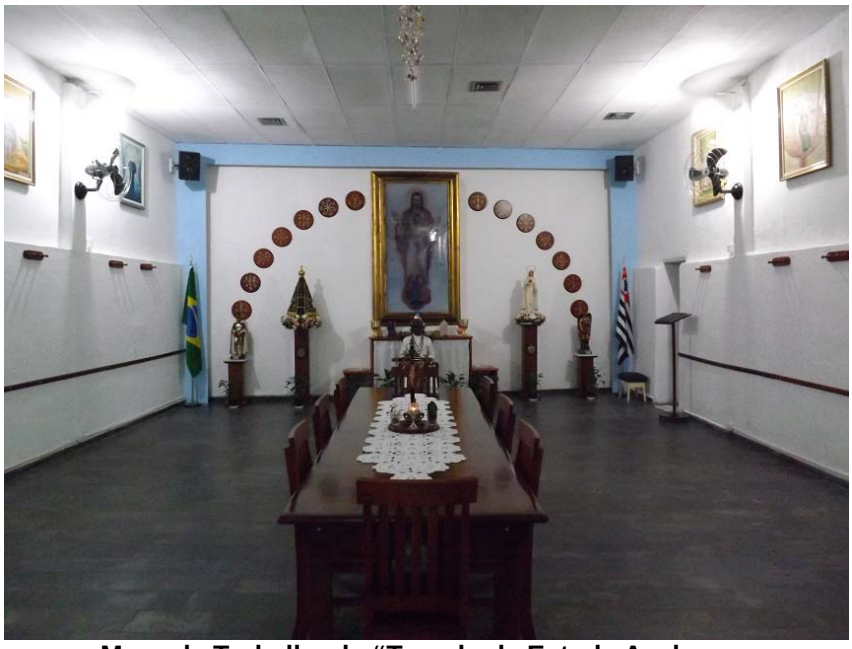
Existe o que chamamos de Peji (altar), àquele que geralmente fica em destaque, (o que chamamos de Congá, é o espaço onde os médiuns ficam) encostado numa parede, ostensivamente, que também é composto por uma mesa, mas, exclusivo, longe do alcance das pessoas, tendo acesso somente pelo dirigente ou por pessoas autorizadas.

Esse Peji é apenas um ponto de fixação; um ponto convergente energético, mas, a Mesa de Trabalho onde todos têm a possibilidade de estarem em sua volta, seria sim, o polo concentrador onde magneticamente os médiuns, os assistidos os Guias e Protetores Espirituais se postam, unidos, em trabalhos espirituais formando uma egrégora positiva. Portanto, a Mesa de Trabalho seria propriamente o altar comunitário, partilhado, efetivo de um Terreiro, pois todos terão acesso a ela.

Em 1908, o Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas ordenou que se fizesse os trabalhos em volta de uma Mesa, e, com certeza, não é pelo fato de influência kardecista. O Caboclo sabia o que estava fazendo, e a importância do uso de uma Mesa de Trabalho na Umbanda: " (...) *"Amanhã, na casa onde meu aparelho mora, haverá uma mesa posta a toda e qualquer entidade que queira ou precise se manifestar, independentemente daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai".*

Mesa de Trabalho em Descarrego (desobsessão) na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – 1973

Mesa de Trabalho em Descarrego (desobsessão) num Terreiro em Jacarepaguá/RJ na década de 1970



Mesa de Trabalho do "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista"

Mesa de Trabalho na "Tenda Espírita São Jorge"

Vamos a um relato de como acontecia os trabalhos em alguns Terreiros de Umbanda em tempos idos, realizados numa Mesa de Trabalho, chamada de: "Mesa de Umbanda", e sua importância em época.

MESA DE UMBANDA

O Templo Umbandista deve ser simples, sóbrio e harmonioso em seu aspecto. A pintura deve ser clara, de preferência branca. O salão deve ser retangular e a parte destinada ao organismo mediúnico deverá ser separada por uma grade, tendo ao centro uma passagem aberta para a entrada e saída dos elementos que formam a corrente mediúnica.

O recinto dos trabalhos deve ocupar uma área que represente um terço do comprimento do salão e estabelecido sobre uma base que esteja cinquenta centímetros mais alta que o restante do salão. Três degraus devem ser colocados diante da passagem existente ao centro da grade, os quais representam os três graus de iniciação umbandista. Sobre o estrado funcionarão as Mesas de Umbanda designadas por: Mesa de Oxalá, Mesa de Ogum e Mesa das Almas.

A Mesa de Oxalá representa e ocupa de fato a segurança dos trabalhos mediúnicos e a condução de todo o corpo mediúnico. Assim sendo, a ela cabe a orientação e direção dos trabalhos. A sua corrente representará os sentidos e a força do diretor-presidente espiritual da instituição, mantendo com ele laços íntimos de colaboração. Assim, sendo, a ela cabe a orientação e direção dos trabalhos. A sua corrente representará os sentidos e a força do diretor presidente espiritual da instituição, mantendo com ele laços íntimos de colaboração.

A Mesa de Ogum, que ocupa lugar à direita da primeira, um pouco mais à frente, destina-se a manter a segurança do equilíbrio dos trabalhos e do ambiente. Seus trabalhos devem correr com calma, ponderação e exatidão. Comportando a segunda ordem mediúnica, destina-se, na parte dos fenômenos a produzir: materializações dos corpos astrais e sua projeção à distância; cirurgias astrais; transportes de objetos; ressuscitação de plantas para os trabalhos de magia; condensação de fluidos e outros fenômenos. Sua ação se estende aos médiuns que estejam trabalhando no Terreiro e que formam a ala direita da corrente. Toda vigilância no campo astral é feita pela mesa de Ogum, que toma as ocorrências verificadas e as leva ao conhecimento da mesa de Oxalá para que sejam determinadas as medidas compatíveis com a natureza de cada caso. Toda vigilância no campo astral é feita pela Mesa de Ogum, que toma as ocorrências verificadas e as leva ao conhecimento da Mesa de Oxalá para que determine as medidas compatíveis com a natureza de cada caso.

A terceira mesa é a Mesa das Almas. Sua missão é de grande importância e responsabilidade, uma vez que trabalha com os elementos visíveis e também invisíveis da Natureza. Quando as três mesas trabalharem em conjunto, o Presidente dirigirá o trabalho auxiliado por um dos diretores.

Durante esses trabalhos deverá reinar a mais absoluta harmonia, a fim de que possam ser obtidos os auxílios para aqueles que necessitam de proteção e que comparecem à sessão em busca da caridade, que é a verdadeira finalidade da Umbanda.

- **Mestre de Mesa:** É o médium dirigente dos trabalhos.
- **Assistente de Mesa:** Assim é designado o protetor espiritual das sessões de Terreiro.
- **Fazer a Mesa:** O mesmo que abrir uma sessão e os respectivos trabalhos, sob a orientação do chefe de Terreiro.
- **Pai de Mesa:** Dirigente. Chefe de Terreiro.

(Dicionário da Umbanda – Altair Pinto – Editora Eco – 1957)

Dos primeiros pontos cantados de Umbanda, temos várias referências quanto a Mesa de Umbanda:

- *"Andorinha voou; Os anjinhos foram buscar; Quando voltou; Salve grande Oxalá; Tenham fé meus cafio*; *Que em **Mesa de Umbanda**; Oxalá tem que vencer"*
- *"Gruzeia, gruzeia meus caros filhos; Na **Mesa de Umbanda**; Quem manda é Deus"*
- *"Ele vem do cativeiro. Benedito do Cruzeiro; Ele é chefe de congá; Com a permissão de Oxalá; Auê, na **Mesa de Umbanda**; Auê, na **Mesa de Umbanda**. Auê, Benedito no congá".*
- *"Turumbamba na **Mesa de Umbanda**, auê; Turumbamba na **Mesa de Umbanda**; Chegou minha povo; Que veio trabaiá na **Mesa de Umbanda**".*
- *"Santo Antônio é **Santo de Mesa**; São Benedito é Santo maior; Quero ver, quero ver; **Na Mesa de Umbanda** eu quero ver".*
- *"Aruandê, aruandê, aruandá; Salve as crianças do Terreiro de Oxalá; Hoje tem alegria, hoje tem alegria; Hoje tem alegria na **Mesa de Umbanda**; Hoje tem alegria".*

Entre outros...

Vejam como acontecia a "Mesa das Almas", principalmente em sessões de descarrego (desobsessão) em tempos antigos em época de escravidão, em algumas Irmandades do Rosário dos Homens Pretos:

MESA DAS ALMAS

(...) Rezava-se uma oração a Salauim (mortos)*, usada outrora pelos Ganga-Ti-iamba,* (sacerdotes responsáveis pelos eguns)*. Mais tarde, passavam estes sacerdotes a se chamarem Tatás* (pais) *das Almas e nessa qualidade, explicavam e difundiam seus conhecimentos (...).*

Os Ganga-Ti-Iamba passaram, como já dissemos, ao grau de Tatá das Almas, que doutrinavam os kiumbas, formando as "Mesas das Almas". Nessas concentrações, como não havia velas de espermacete, era feita à luz do azeite de mamona (carrapateiro) e grisetas, num canudo de bambu (...).

Daquela época em diante, espalharam-se por todo o Brasil as "Mesas das Almas" (...).

Como é perigoso lidar com esses Espíritos desencarnados (kiumbas) eram tratados nas "Mesas de Rezas", a fim de livrar a todos das influências maléficas.

(Trecho formulado pela Tenda Espírita Caxana, adaptado pelo autor).

Também recolhemos um texto, onde o termo "Mesa" é utilizada como ponto principal de um culto, a Cabula, anterior a Macumba. Todo o trabalho era efetuado em torno de uma mesa ou de uma toalha branca disposta no chão, com imagens e apetrechos de culto, que era chamada de Mesa, onde todos trabalhavam em volta:

"(...) Em vez de Sessão*, a reunião dos Cabulistas tem o nome de Mesa. Há duas Mesas Capitulares: a de Santa Bárbara* e a de *Santa Maria*, *subdividindo-se em muitas outras, com as mesmas denominações. Disseram-nos que havia uma terceira Mesa – a de São Cosme e São Damião – mais misteriosa e mais central, que exercia uma espécie de fiscalização suprema sobre as duas outras, cujos iniciados usavam, nas reuniões, compridas túnicas pretas que cobriam o corpo todo, desde a cabeça até os pés – uma espécie de saco dos antigos penitentes. Nada, porém, podemos asseverar nesse sentido. Graças a boas informações, ministradas ocultamente, podemos fazer uma ideia perfeita desta perigosa associação. O chefe de cada Mesa tem o nome de Enbanda, e é secundado nos trabalhos por outro que se chama Cambone. A reunião dos Camanás forma a Engira (...)".* (Texto de Dom Batista Corrêa Bery – "Carta Pastoral – Espírito Santo", escrita em 1901)

Da "Mesa das Almas" usada nas Irmandades do Rosário dos Homens Pretos em época da escravidão, surgiu, posteriormente, a "Mesa de Umbanda" nos Terreiros umbandistas.

Com o passar do tempo, e a confusão formada pela desinformação do que realmente seria “Mesa Branca” (explicada acima) e a mesa utilizada em sessões kardecistas, infelizmente, os umbandistas deixaram de usar a importante Mesa de Trabalho na Umbanda, pois acharam estar sendo confundidos por estarem praticando uma “Umbanda Kardecista”. Hoje, infelizmente, poucos Terreiros utilizam a eficiente Mesa de Trabalho. Alguns que usam são erroneamente denominados de: “Umbanda de Mesa”.

Muitos têm, erroneamente, a “Mesa de Trabalho” na Umbanda, nominando-a de “Mesa de Umbanda”. A Mesa de Umbanda é a nominação dos rituais magísticos efetuados quando se usa pontos riscados no chão, alguns com oferendas, para a firmeza e a segurança dos trabalhos espirituais. Confundiram o uso de uma mesa onde se reúne em sua volta em devoção, com trabalhos magísticos efetuados no chão de um Terreiro. Na Mesa de Trabalho na Umbanda consegue-se a formação efetiva da egrégora formadora da segurança dos trabalhos espirituais.

“Mesa de Umbanda” firmada na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

“Mesa de Umbanda” firmada na Casa Branca de Oxalá – Lagoa Santa/MG

Conclusões:

A questão da importância de se estar em volta de uma mesa em trabalhos espirituais, cremos, que surgiu em referência a Santa Ceia, onde Jesus fez sua última reunião de ação de graças com seus apóstolos. Da Santa Ceia, a doutrina religiosa que fez uso de uma mesa como centro de toda celebração foi a Igreja Católica, onde ganhou a denominação de: “Mesa da Eucaristia, ou Mesa Eucarística”.

Santa Ceia

Mesa Eucarística

"A peça central da igreja, a mais importante, é a Mesa da Eucaristia, o altar. A igreja toda é construída em função do altar. Para a celebração do mistério da liturgia sagrada pode-se, em situações especiais, dispensar tudo, menos a Mesa da Eucaristia. Ela é símbolo do próprio Cristo, presente nesse lugar. Por isso, o sacerdote a beija no início e no fim da celebração, e tanto ele quanto qualquer pessoa, ao passarem pelo altar, fazem-lhe reverência com uma leve inclinação de cabeça. É o lugar para o qual toda a atenção dos fiéis deve dirigir-se naturalmente. Fora do horário das celebrações, não precisaria estar coberto com toalha; esta pode ser colocada no início da liturgia eucarística: preparar a mesa para o banquete sagrado! É o que o presidente da celebração faz ritualmente, quando desdobra e estende sobre o altar o corporal. A toalha deve cair só nas laterais, para ser mais nobre e não esconder a beleza da peça. Nunca seja de plástico! A Mesa Eucarística representa Jesus Cristo. Por isso, é importante que esteja sempre bem arrumada, com toalhas limpas e bem passadas. As toalhas devem ser de cor branca". (www.espiritocristao.com.br)

Muitos não sabem, mas, antigamente, no centro das Mesas Eucarísticas nas igrejas católicas, havia uma pequena cavidade onde se coloca uma pedra, comumente de mármore, denominada "Pedra D'ara", que encerra dentro de si relíquias de santos mártires, recordando o costume primitivo cristão de celebrar o Santo Sacrifício sobre o túmulo dos mártires e suas preciosas relíquias. Durante a missa, o cálice e a Hóstia devem pousar sobre a Pedra D`ara. De acordo com o Pontifical Romano (De Eccles. Consecratione) e conforme a Congregação dos Ritos Sagrados, em 1906, a relíquia de um mártir deve ser colocada nos altares (mesa ou suportes laterais ou central), especialmente daquele Santo ao qual a igreja ou altar é dedicado.

Essas relíquias devem ser partes do corpo do Santo e não simplesmente de suas roupas ou outros objetos que ele tenha usado ou tocado e devem ser autenticadas. Nessa pequena cavidade na pedra, deve ser colocado, além da relíquia, três grãos de incenso e um pedaço do pergaminho atestando a consagração, e deve ficar recoberta com material sólido idêntico ao do altar (geralmente pedra, mármore ou granito) e nesse pedaço deve ser gravada uma cruz. Esta cavidade é chamada, em linguagem eclesial, de "sepulcro".

Neste pequeno quadrado, o sepulcro, na parte inferior, embaixo, é onde se deposita a relíquia do corpo do Santo, três grãos de incenso e um pedaço do pergaminho atestando a consagração

O altar, para os cristãos lembram Jesus, a "pedra angular" (At 4,11) e o lugar do sacrifício, e no período pré-Concílio Vaticano II, a missa era celebrada num altar de pedra ou havia sempre uma pedra no seu centro onde sobre ela, eram colocados a patena e o cálice da celebração – era a "Pedra D´ara", ou "pedra do altar", à qual se juntavam relíquias dos mártires. A partir daí, outras doutrinas passaram a reunir-se em torno de uma mesa para suas celebrações espirituais.

Interessante que nesse procedimento católico (Pedra D´Ara), iguala-se aos Otás (pedras sagradas) dos Orixás também colocados sob e/ou sobre o Peji.

No capítulo abaixo, também observaremos o uso e a importância da Mesa de Trabalho, no culto do Catimbó.

- **CATIMBÓ E O CULTO DA JUREMA**

Vamos agora dar um esboço sobre o Catimbó e o Culto da Jurema, ancestrais e atuais, para entendermos a suas contribuições para a Religião de Umbanda. Vamos perceber a similitude entre o Culto da Jurema e do Catimbó com a Umbanda, no que tange, somente, às manifestações arquetípicas fluídicas regionais utilizadas pelos Espíritos.

A cerimônia ancestral do Ajucá ou Jurema, praticamente desapareceu do Brasil, muito embora ainda existam povos que ainda as pratiquem, e atualmente é um dos rituais que combinam elementos cristãos, indígenas, espíritas e afro-brasileiros. O nome jurema é originário de uma árvore (Mimosa Hostilis), cujas raízes e cascas os Pajés faziam uma bebida ritualística com princípios psicoativos, capaz de facilitar possessões e fazer com que o fiel se sinta ligado com a espiritualidade (não confundir com o Espírito que utiliza o nome de Cabocla Jurema).

O antigo ritual realizado pelos indígenas supunha que os guerreiros poderiam viajar ao mundo dos Espíritos tomando a poção. Os índios sonhavam, mas eram somente as mulheres que interpretavam tais sonhos e podiam revelar o passado e o futuro.

Dois grandes grupos indígenas praticavam este ritual: os Jês (tapuias) e os Kariris. Os detalhes destas cerimônias ficaram perdidos para sempre, pois nenhum historiador ou escritor se preocupou em escrevê-los.
Até o século XIX, o fato de beber jurema era considerado um ato de bruxaria ou prática de magia e seu uso era secreto. Alguns indígenas foram presos praticando este ritual, entretanto foram eles que ensinaram aos brancos e mestiços o uso da planta, nascendo daí o Catimbó/Jurema.

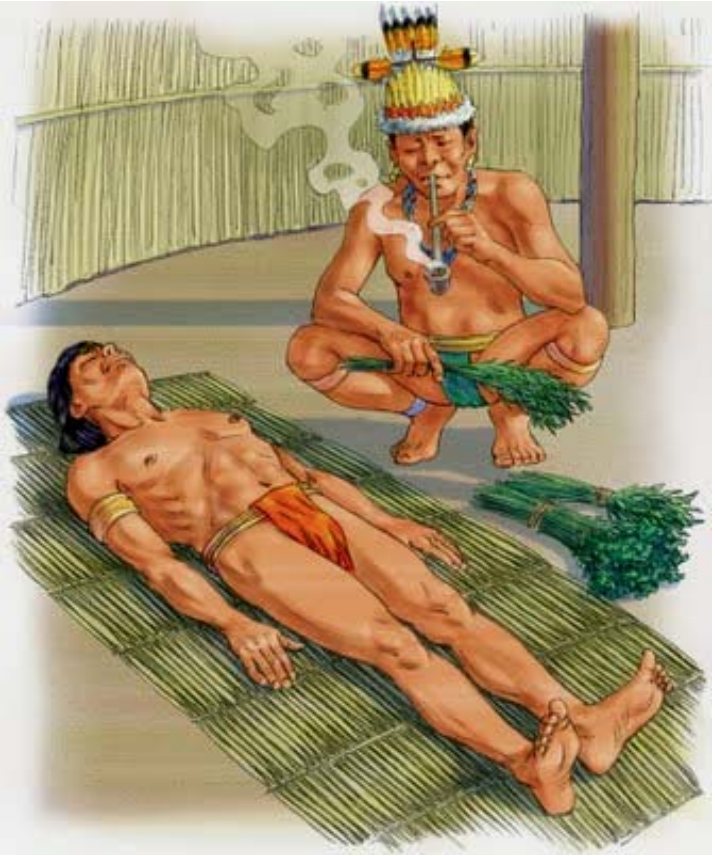
O Catimbó/Jurema pratica resquícios deturpados da bruxaria ibérica, ensinada para o povo brasileiro miscigenado, não por bruxas advindas da Europa, mas simplesmente pelos muitos ciganos que aqui aportaram juntamente com os portugueses.

A trajetória dos ciganos no Brasil começa no ano de 1574 com a chegada do primeiro cigano que se tem notícia. Muitos eram nomeados Meirinhos da Corte, pessoas que levavam as notícias e comunicados do Reino de Portugal a todas as Terras Brasileiras, inclusive muitos, trabalhando também como Bandeirantes.

"A maior parte dos ciganos que chegou ao Brasil colônia veio da península Ibérica. Algumas comunidades, situadas no interior do país viviam do comércio de cavalos (um legado da atividade que exerciam na Europa) e também da revenda de escravos – Revista Superinteressante edição 251 – abril/2008.

Esses ciganos eram especializados na fabricação de artefatos de ferro, cobre, etc., bem como no trato com cavalos e posteriormente, investiram seus esforços no comércio de escravos. Os ciganos por serem nômades por natureza viajaram por todo esse Brasil afora levando suas artes e tudo o que aprenderam em questões magísticas, ensinando tudo isso a quem lhes era confiável e simpático. Assim nasceu o Catimbó/Jurema, mistura de católicos médiuns, praticantes de uma Pajelança e da bruxaria ibérica deturpados. Era o bruxo brasileiro.

ORIGENS DO CULTO DA JUREMA



Pajelança

A Jurema Sagrada é remanescente da tradição religiosa dos índios que habitavam o litoral da Paraíba, e dos seus Pajés, grandes conhecedores dos mistérios do além, plantas e dos animais.

Depois da chegada dos africanos no Brasil, quando estes fugiam dos engenhos onde estavam escravizados, encontravam abrigo nas aldeias indígenas, e através desse contato, os africanos trocavam o que tinham de conhecimento religioso em comum com os índios. Por isso, até hoje, os grandes mestres juremeiros conhecidos, são sempre mestiços com sangue índio e negro (cafuzos).

Os africanos contribuíram com o seu conhecimento sobre o culto dos mortos e das divindades da Natureza, os Orixás Voduns e Inkices. Os índios contribuíram com o conhecimento de invocações dos Espíritos de antigos Pajés e dos trabalhos realizados com os encantados das matas e dos rios. Daí a Jurema se compor de duas grandes linhas de trabalho: a Linha dos Mestres de Jurema e a Linha dos Encantados (...).

(Wikipédia, a enciclopédia live)

O REINO DOS MESTRES DA JUREMA E DO CATIMBÓ

Vamos agora apontar alguns tópicos do livro: *"O Reino dos Mestres – A tradição do Jurema na Umbanda Nordestina"* de Luiz Assunção – Editora Pallas. Este excelente livro deve ser lido por todos, por se tratar de uma grande obra literária, fruto de exaustivas pesquisas.

Pág.17 – (...) *é o conjunto de crenças e práticas religiosas da tradição indígena denominado Culto da Jurema, vivido através de um processo secular de trocas e transformações culturais e fidundudi na religiosidade Nordestina, principalmente no Universo religioso da Umbanda. É uma crença secular, enraizada na cultura brasileira.*

Pág.21 – *(...) nesse tipo de ritual, não há promessas, votos, unidade do protocolo sagrado.*

Pág.21 – *(...) o Catimbó e o espiritismo popular são um apelo aos Espíritos místicos ou aos Espíritos dos matos para que venham ajudar os pobres viventes a elevar-se espiritualmente e a encontrar uma solução para seus problemas cotidianos, inclusive os da saúde física (...).*

Pág.21 – *(...) da existência de uma !identidade brasileira formada pela interpretação de traços culturais heterogêneos, originados dos índios, brancos e negros.*

Pag.75 – *As primeiras formas de elaboração do Culto da Jurema foram descritas pelos cronistas e viajantes a partir do século XVI, e, mais tarde, pelos holandeses, quando, viajando pelo sertão, narraram a vida e a cultura do povo tapuia (...) essas descrições tratam de rituais em que bebiam, fumavam, manipulavam ervas naturais, invocavam seus antepassados, como elementos culturais inseridos nos costumes de praticas vividas coletivamente. Com o avanço do processo de colonização, a população indígena foi sendo incorporada à sociedade nacional e, conseqüentemente, suas práticas culturais foram reelaboradas ...).*

Pág.75 – (...) *a concepção e a prática do Catimbó nordestino, procurando compreender como foi o processo de reelaboração do Culto da Jurema, indígena, coletivo, para o Catimbó Nordestino, e qual a concepção assumida nesse contexto histórico, situando-o como parte de um processo dinâmico de reelaboração das práticas culturais.*

A HISTÓRIA DO CATIMBÓ

Cerimônia do Catimbó Ancestral de Mesa do Mestre Luiz Gonzaga Ângelo (Pernambuco), fotografada pela Missão de Pesquisas Folclóricas conduzida por Mário de Andrade em 1938

Catimbó é um conjunto de práticas religiosas brasileiras, oriundas do Culto da Jurema e com diversos elementos do catolicismo; dependendo do lugar onde é praticado, influências africanas também são notáveis. O Catimbó baseia-se no culto em torno da planta Jurema e do uso do cachimbo.

Muitos praticantes minimizam a origem indígena e a influência africana devido ao preconceito que essas culturas sofrem por parte de algumas mentalidades; por esse motivo, tais praticantes sustentam que o Catimbó é somente calcado no cristianismo, o que é uma mentira em absoluto. A influência afro-ameríndia é notada em qualquer reunião de Catimbó no país. Não há dúvida que o Catimbó é xamanista com muitas práticas de pajelança deturpada, mas é baseado em Mestres, apesar de os Caboclos também participarem (...).

(...) O Catimbó é uma prática ritualista mágica com base na religião Católica de onde busca os seus Santos, óleos, água benta e outros objetos litúrgicos. É também uma prática Espírita que trabalha com a incorporação de Espíritos de ex-vivos chamados Mestres e é através deles que se trabalha principalmente para cura, mas também para a solução de alguns problemas materiais e amorosos, mas, é importante destacar que a prática da cura é a principal finalidade.

Não se encontram no Catimbó, nas suas práticas e liturgias os elementos das nações africanas de forma que classificar o Catimbó como uma seita afro-brasileira é um erro. Mestres não se subordinam a Orixá e fora o aspecto de que certamente ele é, também, praticado por negros não existe outra relação direta com cultos africanos. Para aqueles que consideram o Catimbó afro-brasileiro nos perguntamos: Onde estão os elementos afro-brasileiros?

De fato a mitologia e teogonia do Candomblé é rica e complexa; a do Catimbó é pobre e incipiente, seja porque a antiga mitologia indígena perdeu-se na desintegração das tribos primitivas, na passagem da cultura local para a cultura dos brancos que estavam dispostos a aceitar os ritos, porém não os dogmas pagãos, na sua fidelidade ao catolicismo, seja porque o Catimbó foi mais concebido como magia do que como religião propriamente dita, devido sobretudo aos elementos perigosos e temíveis e às perseguições primeiro da igreja e depois da polícia.

Além dos dogmas da religião Católica, o Catimbó incorpora componentes europeus como o uso do caldeirão e rituais de magia muito próximos das práticas Wiccas.

Tanto dos europeus como dos brasileiros o uso de ervas e raízes é básico e fundamental nos rituais. Cada Mestre se especializa em determinada erva ou raiz. Não existe Catimbó sem Santo Católico, sem Terço, sem água benta, sem reza, sem fumaça de cachimbo e sem bebida, que pode nem sempre ser a Jurema (Catimbó não é o Santo Daime).

Portanto, Catimbó é um conjunto específico de atividades mágico-religiosas, originárias da Região Nordeste do Brasil. Conhecido desde meados do século XVII, o Catimbó resulta da fusão entre as práticas de magia provenientes da Europa (nota do autor: Conforme já explanado, quem ensinou a magia ibérica foram os Ciganos, que chegaram ao Brasil em 1574) e rituais indígenas de pajelança deturpada, que foram agregados ao contexto das crenças do catolicismo. Conforme a região de culto, influências africanas podem ser notadas, de forma limitada, entretanto.

Etimologia

A origem do termo Catimbó é controversa, embora a maior parte dos pesquisadores afirme que deriva da língua tupi antiga, onde “caá” significa floresta e “timbó” refere-se a uma espécie de torpor que se assemelha à morte. Desta forma, Catimbó seria a floresta que conduz ao torpor, numa clara referência ao estado de transe ocasionado pela ingestão do vinho da Jurema, em sua diversidade de ervas. Um grupo menor de antropólogos, porém, afirma que o vocábulo originou-se da junção entre “cat”: fogo, e “imbó”: árvore, neste mesmo idioma. Assim, fogo na árvore ou árvore que queima relataria a sensação de queimor momentâneo que o consumo da Jurema ocasiona. Em diversos estados do Nordeste brasileiro, onde os rituais de Catimbó são frequentemente associados à prática de magia negra, a palavra ganha um significado pejorativo, podendo englobar qualquer atividade mágica realizada no intuito de prejudicar outrem.

Terminologia

O termo catimbozeiro é usado para designar os adeptos do Catimbó, embora, no Nordeste, ofensivamente, também possa referir-se a qualquer praticante de magia negra, Candomblé ou Kimbanda. O vocábulo Juremeiro, também pode, embora erroneamente, referir-se aos praticantes de Catimbó; entretanto, em linhas gerais, o tratamento é destinado ao indivíduo que, além do Culto a Jurema, é devoto dos Orixás do panteão africano, integrando, assim, a nação Xambá. Ademais, diversos credos distintos fazem uso dos efeitos psicóticos da Jurema, embora nenhum deles possa, de fato, ser considerados Catimbó.

Nota do autor: Cremos, que devido ao preconceito criado em torno do nome – “catimbozeiro” – significando feiticeiro, muitos praticantes do Catimbó se autodenominam: Juremeiros.

(http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/catimbo.htm)

Vamos dar um pequeno ensaio, sem nos aprofundar, nas Cidades Espirituais do Catimbó, também conhecidas como Aldeias ou Reinos dos Mestres. Alguns dizem existir 12 Aldeias ou Reinos, mas aqui, daremos as 07 Aldeias do Catimbó Ancestral. O que aqui será descrito é somente uma pincelada, pois o estudo mais profundo não é ensinado e nem falado a ninguém pelos catimbozeiros. Embora seja tudo muito simples e sem maiores complicações doutrinárias ou metafísicas, lá, tudo é guardado a sete chaves, e ensinado tão somente para os iniciados.

Observem a similitude entre as Aldeias (ou Reino) do Catimbó e a Aruanda da Umbanda; entre os Mestres e as "incorporações" regionalizadas dos Guias e Protetores Espirituais da Umbanda:

- **Aldeia ou Reino de Josafá**

Habitada por Mestres que em vida eram católicos fervorosos. É a Aldeia dos Santos, padres, freiras, rezadores e benzedores. O principal instrumento de força, de magia, é o Rosário e o Terço. Na Mesa de Josafá (mesa de reza) é onde todos ficam sentados, mesmo incorporados, e ficam rezando o Terço ininterruptamente perante uma cruz e uma imagem de Santo Antônio; 01 príncipe (taça com água) e 01 bugia (vela branca). São os que conhecemos na Umbanda como: Sakaangás e Semirombas.

- **Aldeia ou Reino do Vajucá**

Vajucá é constituído por Mestres que trabalham com plantas e a própria terra. Sabem fazer remédios com argila e ervas, sendo também exímios preparadores de marcas-mestras (misturas de fumo com ervas) para cachimbo, usados em diversos atendimentos espirituais. São os que conhecemos na Umbanda como Caboclos Sertanejos (Caboclos Boiadeiros e Caboclas Rendeiras). Alguns Mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Carlos, Mestre Luiz, Mestre Tertuliano, Mestre Carlos Violeiro, Mestre Carlos Velho, Mestre João da Mata, Mestre Sete laços, Mestre Vaqueiro, Mestre Boiadeiro, Mestra Faustina, Mestra Justina, Mestra Vicência, Mestra Bevenuta, etc.

- **Aldeia ou Reino do Urubá**

Habitada por Mestres africanos que são os legítimos erveiros, grandes conhecedores da magia ervanária. São os que conhecemos na Umbanda como Pretos-Velhos. Alguns mestres que atuam nessa Aldeia: Pai Tomé; Mãe Maria de Mina, Pai Palmares, Pai Joaquim, Pai Chico Feiticeiro, Feiticeiro de Luanda, etc.

- **Aldeia ou Reino de Canindé ou Pedra Branca**

Habitada por Mestres especializados na magia Ibérica (magia europeia). São os que conhecemos na Umbanda como Ciganos.

- **Aldeia ou Reino do Rio Verde ou Fundo do Mar**

É onde é soberano o poderio feminino e de morada dos Elementais Sereias, Tritões, Ondinas, Yaras, etc. São os que conhecemos na Umbanda como Corrente das Sereias, Tritões e das Yaras. Também habitada por Mestres ribeirinhos (moravam na beira dos rios e beiras de praias, sendo grande parte da bacia amazônica, rio Solimões e região litorânea). Grandes conhecedores das ervas das florestas e da magia das águas. São os que conhecemos na Umbanda como Caboclos D´Agua (Caboclos Marinheiros, Caboclos Marujos, Caboclos Pescadores, Caboclos Barqueiros, Caboclos Canoeiros, Caboclos Caiçaras e Caboclas Lavadeiras). Alguns mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Martim Pescador, Mestre Canoeiro, Mestra Inajá, Mestra Indaiá, Mestra Janaína, Mestra Mariana, Mestre Canoeiro, Mestre Jangadeiro, etc.

- **Aldeia ou Reino do Juremal ou Juremá**

É a morada dos índios brasileiros (Pajés, guerreiros, guerreiras e curumins). Os Caboclos do sexo masculino têm o semblante carrancudo. Sua voz, normalmente faz-se ouvir claramente. Descem em geral estalando os dedos e emitindo um som sibilante e/ou brados. Quando em reuniões, ao som do maracá, dançam em círculo, dobrando um joelho e deixando a outra perna atrás. Nas festas a sua coreografia muda assumindo os passos dançados pelos "caboclinhos" dos folguedos populares do carnaval pernambucano.

As Caboclas têm uma expressão facial de maior suavidade e, normalmente, falam uma linguagem onde se intercala no início das palavras, a sílaba si. Alguns mestres que atuam nessa Aldeia: Cabocla Cunham Aracy, Caboclo Pedra Branca, Caboclo Pedra Preta, Caboclo Pena Preta, Caboclo Flecheiro, Caboclo Ventania, Caboclo Serra Negra, Caboclo Bem-Te-Vi, Caboclo Flecheiro, Caboclo Cauã, Caboclo Marimbondo, Caboclo dos Montes, Caboclo Juarez, Caboclo Juçanã, etc. São os que conhecemos na Umbanda como: Caboclos da Mata. Também é morada dos Caboclinhos crianças (curumins), sejam de um sexo ou de outro, descem pedindo mel, balas e frutas. São pouco ascéticos quando comem estes alimentos, depositando e misturando os ingredientes no próprio chão do local de culto. É costume, ainda, lambuzarem a si e aos com que compartilham de seu alimento.

Muitas vezes querem comer pequenos insetos e répteis que encontrem nas casas de culto, sob o argumento de que nas matas comem destes animais. São brincalhões e falam uma linguagem infantilizada. São os que conhecemos na Umbanda como: Crianças. Alguns Mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Curumim, Mestre Tupãzinho, Mestre Mirim, etc.

- **Aldeia ou Reino da Vela Preta. Também conhecida como Aldeia do Tigre.**

Essa é a Aldeia das fumaças as esquerdas. Os Mestres que moram nessa Aldeia espiritual, são os que conhecemos na Umbanda como Exus e Pombas-Gira. Seus símbolos é a vela preta (Mestres da esquerda) e vela vermelha (Mestras da esquerda). O local inicial de adoração é o fundo do Rio Negro. Alguns Mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Malunguinho, Mestre Galo Preto, Mestre Sete Facas, Mestre Bode Preto, Mestre João Caveira, Mestre João Feiticeiro, Mestra Maria Galega, Mestra Rosa Caveira, Mestra Maria Padilha, Mestra Maria Molambo, Mestra Maria dos Anjos, Mestra Paulina, Mestra Ritinha, Mestra Severina, Mestra Júlia Galega, Mestra Rita Navalhada, Mestre Zefinha, Mestra Chiquinha, etc.

Vamos agora a um relato interessante de como se processava o Catimbó original (ancestral). Era um culto simples, voltado ao auxilio aos necessitados. Muito parecido com o que se pratica na Umbanda:

CATIMBÓ – MAGIA DO NORDESTE

(...) "A verdade é que o Catimbó praticado no Nordeste difere grandemente do Candomblé, Xangô ou Macumba.

Observa-se que ele não possui, como nos cultos acima, uma hierarquia sacerdotal. Não exige período de iniciação, não havendo preceitos especiais, rituais, cerimônias, trajes, toques, etc., próprios desses cultos. O chefe do Catimbó é o Mestre, sendo o ritual que comumente pratica muito semelhante às práticas espíritas comuns.

Entretanto, encontra-se nos Catimbós, Caboclos (índios), Pretos-Velhos. Baixam Espíritos como Mestre Carlos, índio Pinavarassu e Anabar, Pretos-Velhos como Pai Joaquim, etc. Estas entidades acostam-se (nota do autor: acostar é um termo usado pelo Catimbó para designar incorporação) durante a sessão do Catimbó, receitando e aconselhando, consolando e tratando de todos os filhos fiéis. Os Mestres do Catimbó, diferindo dos Babalorixás e Ialorixás dos cultos africanos, têm, entretanto, a mesma bondade e cuidado com os seus filhos. Suas práticas são mescladas de feitiçarias africanas e indígenas, rezas católicas e invocações espíritas.

Os Mestres do Catimbó usam defumar seus filhos com a fumaça dos cachimbos, a fim de livrá-los dos maus fluidos que lhes estejam causando algum mal estar. Ao baixar das entidades invocadas, são entoados seus linhos (nota do autor: Pontos Cantados) – melodias particulares e características de cada Mestre – e que revelam sua vida. Não possui o Catimbó instrumentos de percussão, nem alimentos votivos característicos. Não se empregam danças nem vestimentas especiais. Como se observa, o Catimbó é mais uma mistura de catolicismo e espiritismo. A sua prática é executada da seguinte forma:

1º) Prepara-se uma mesa grande, forrada com uma toalha branca. Em cima da mesa são colocadas flores e velas acesas.

2º) São preparados defumadores, os cachimbos dos senhores Mestres, com fumo picado e misturado com ervas específicas.

3º) Prepara-se o Vinho da Jurema.

4º) Sentam-se todos concentrados em torno da mesa e o chefe da início aos trabalhos, com uma prece. Em seguida abre-se a mesa cantando os linhos (nota do autor: pontos cantados)" (...).

(...) "Chama-se "Estados" os maracás utilizados como instrumento de acompanhamento dos linhos" (...).

(Trecho extraído do livro: "Catimbó – Magia do Nordeste" – José Ribeiro/1972 – Editora Pallas)

Repare nas fotos abaixo, a simplicidade de tudo e de seus seguidores no Catimbó Ancestral. Sem atabaques, sem qualquer tipo de adereços, sem roupas específicas e/ou extravagantes, sem colares (guias), sem penachos, sem sacrifício de animais, nada; tudo muito simples.

Observa-se também, abaixo, o uso da "Mesa da Jurema" onde os médiuns catimbozeiros se reuniam para seus trabalhos. A mesa é a principal cerimônia ritualística da Jurema, realizada em sessões reservadas de consulta ou durante as festas públicas de consagração dos juremeiros. Só os consagrados serão os eleitos a integrar uma mesa, colocando-se ao redor desta, recitando orações, cantando, balançando o maracá, fumando cachimbos, bebendo a jurema e chamando os Mestres Espirituais.

Entre os objetos rituais, no centro da mesa, colocam o estado ou reino que representa o mestre da casa; em, volta deste, as princesas (copos ou taças) representando as cidades da Jurema e as bugias (velas). Compõem ainda a mesa, algumas imagens, cachimbos, maracás, crucifixo, Rosário, sineta e o vinho da jurema.

Mestra Adélia, catimbozeira acestral (Catimbó de Mesa), empunhando seu "Estado" (Maracá), com sua Mesa da Jurema – 1960.

Mestre José Ribeiro, catimbozeiro ancestral (Catimbó de chão), mediunizado com Zé Pelintra aplicando uma "fumaçada", no Rio de Janeiro (1970)

MARIA DO ACAIS – A MAIS FAMOSA CATIMBOZEIRA ANCESTRAL DO NORDESTE

Residência de Maria do Acais na cidade de Alhandra/PA

Em 1864, dois anos após a extinção dos aldeamentos indígenas na freguesia de Alhandra, inicia-se a medição e demarcação das terras indígenas na Paraíba, dividindo-as em lotes e entregues com seus respectivos títulos aos índios, na qualidade de posseiros. Segundo a documentação oficial da época, Inácio Gonçalves de Barros, último regente dos índios de Alhandra, recebeu 62:500 braças quadradas de terras, em um lugar denominado Estivas. Documentos demonstram, ainda, a insatisfação do regente, através de pedido de restituição das terras dos índios.

Para os juremeiros da região nordeste, Alhandra é uma das mais fortes referências mitológicas e simbólicas da prática do catimbó e da ciência da jurema. Essa tradição foi cultuada e mantida pelo mestre Inácio e seus descendentes.

Mestre Inácio era irmão da mestra Maria Gonçalves de Barros, a primeira Maria do Acais e pai do meste Casteliano Gonçalves e de Maria Eugenia Gonçalves Guimarães, a segunda e prestigiosa Maria do Acais.

A segunda Maria do Acais foi casada com o português José Machado Guimarães, com quem teve nove filhos, entre eles o mestre Flósculo Guimarães, casado com a mestra Damiana. Antes de ir morar em Alhandra, Maria residia no Recife, onde era catimbozeira respeitada, o que justifica o fato de ter sido a herdeira das terras do Acais, pois segundo a tradição da família, o trabalho de um mestre deveria ser continuado por um descendente, herdando mais do que terras, a tradição da família. Damiana, falecida em 1978, era filha de Casimira, sobrinha de Maria e a última mestra do Acais.

Maria chegou ao Acais por volta de 1910. Construiu uma casa para residência e, em frente, a capela para São João Batista. Por traz da casa, sob os pés de jurema existentes, cultuava suas cidades e seus mestres. Um pouco mais em baixo, em uma casa de taipa, realizava suas Mesas de Jurema. Seu filho, mestre Flósculo, foi sepultado em 1959 atrás da capela. Sobre seu túmulo foi colocada uma escultura em concreto de um tronco de jurema.

Maria do Acais foi referida por vários escritores, como: Arthur Ramos, Roger Bastide, Gonçalves Fernandes.

Maria do Acais faleceu (ou se encantou) em 1937.

(http://lassuncao.blogspot.com.br/2009/07/alhandra-e-o-cla-do-acais.html)

Mestre Lao, catimbozeiro ancestral (Catimbó de Mesa), mediunizado com o Sr Zé Pilintra em Olinda (1976), com a Srª Gunnie e o Sr Gunnar Mallberg.

Anízio José Xavier – Mestre do Catimbó Ancestral – Alagoa Nova/PB (1938)

Se quiserem ver a prática simplista de um Catimbó ancestral, assistam aos vídeos:

http://youtu.be/dswZrMmE1bU

http://youtu.be/Wb0-3ArPdYE

O vídeo abaixo é uma bela reportagem elucidativa sobre o Catimbó na atualidade:

http://www.youtube.com/watch?v=Yd_bGfZX5Tg&ft=li

Hoje, o Catimbó-Jurema está dividido basicamente em três tipos:

1ª) **Catimbó de Terreiro:** É o que tem seus rituais processados em um Terreiro, ao som de atabaques. Esta modalidade de culto apresenta uma massiva influência africana em sua composição, numa mistura com a Umbanda e o Candomblé.

Os outros dois tipos, não possuem influências afros e nem da Umbanda. São predominantemente de origem indígena/católica. São os Catimbós ancestrais.

2ª) **Catimbó de Mesa:** É o que tem seus rituais processados em volta de uma mesa, ao som de maracás.

3ª) **Catimbó de Cháo:** É o que tem seus rituais processados, com seus componentes sentados em banquinhos, em círculo, ao som de maracás.

Veremos no próximo artigo, que muitos catimbozeiros e/ou juremeiros da atualidade (Catimbó de Terreiro), se distanciaram muito das práticas simples e desprovidas de quaisquer adereços, como era o Catimbó Ancestral. Muitas das práticas, ritualísticas, vestuários, modos de se portar, doutrinas de muitos catimbozeiros e dos juremeiros da atualidade, diferem, e muito, das práticas umbandísticas, o que é normalíssimo, pois são cultos distintos. O interessante é que, vemos tudo isso em muitos Terreiros umbandistas na atualidade.

Com certeza foi fruto da migração religiosa, onde muitos "copiaram", por ignorância, elementos doutrinários e ritualísticos de um culto, trazendo-o, e muitas vezes impondo-o, no outro. Não temos absolutamente contra nada do que se pratica do Catimbó ou no Culto da Jurema; somos sim, a favor de que cada coisa deve ficar em seu lugar; os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda somente nos orientam que devemos aceitar tudo o que é bom, rejeitando tudo o que é mal, calcado no bom senso, na razão e nos ensinamentos crísticos. Só temos que deixar claro que Catimbó-Jurema não é Umbanda; são cultos diferentes, com somente algumas noções, apresentações e ritualísticas parecidas. Vamos lá:

O CATIMBÓ-JUREMA – OS MESTRES

Uma outra categoria de entidades que recebem no Catimbó e no Culto na Jurema é a dos Mestres. Ao que parece o termo Mestre é de origem portuguesa, onde tinha o sentido tradicional de médico (Motta, 1985), ou segundo Cascudo (1931), de feiticeiro. De forma geral, os Mestres são descritos como Espíritos curadores de descendência escrava ou mestiça (índio com negro ou branco com uma das duas outras raças).

Dizem os juremeiros e os catimbozeiros que os Mestres foram pessoas que, quando em vida, trabalharam nas lavouras e possuíam conhecimento de ervas e plantas curativas. Por outro lado, algo trágico teria acontecido e eles teriam "se passado" (morrido), se encantando, podendo assim voltar para "acudir" os que ficaram "neste vale de lágrimas". Alguns deles se iniciaram nos mistérios e "ciência" da Jurema antes de morrer, como o Mestre Inácio ou Maria do Acais e toda a linhagem de catimbozeiros de Alhandra, que após um ritual denominado "lavagem" ganham um lugar nas cidades espirituais e passam a incorporar nos discípulos que formaram (Vandezande, 1975). Outros adquiriram esse conhecimento no momento da morte, pelo fato desta ter acontecido próximo a um espécime da árvore sagrada.

No panteão juremista, existem vários Mestres e Mestras, cada qual responsável por uma atividade relacionada aos diversos campos da existência humana (cura de determinadas doenças, trabalho, amor...). Há ainda aqueles especialistas em fazer trabalhos contra os inimigos.

Nas Mesas, as representações das entidades relacionadas nesta categoria são as mais elaboradas, geralmente possuindo o estado completo e a "jurema plantada"; em especial a do "Mestre da Casa", aquele que incorpora no juremeiro, faz as consultas e iniciam os afilhados nos segredos do culto. Por tudo isso esse Mestre é carinhosamente chamado de "meu padrinho".

Cada Mestre está associado a uma cidade espiritual e a uma determinada planta de "ciência" (angico, vajucá, junça, quebra-pedra, palmeira, arruda, lírio, angélica, imburana de cheiro e a própria jurema, entre outros vegetais), existindo ainda alguns relacionados a fauna nordestina (mamíferos: guará, preá –; aves: gavião, periquito, arara, pitiguarí; insetos: abelhas, besouro mangangá; répteis: cobras).

Para os Mestres relacionados a uma outra planta que não a Jurema, são estas plantas (quando árvores) que tem seus tocos plantados nas mesas dos discípulos. Quando em terra, incorporados, os mestres já chegam embriagados, tombando de lado a lado e falando embolado. São brincalhões, chamam palavrões, mas o que falam é respeitado por todos. Durante o transe os mestres apresentam-se com o corpo ligeiramente voltado para frente.

Na dança as pernas têm os joelhos ligeiramente flexionados, o pé direito vai à frente e dá dois passos para o mesmo lado, o pé esquerdo é arrastado; é então a vez do pé esquerdo ir a frente no mesmo estilo de dança; variações vão sendo executadas tendo como base o ritmo e a letra das toadas. (nota do autor: aqui vê-se, na "dança" dos tais Mestres, a clara influência deste ato recebido desse culto para muitos médiuns umbandistas de outrora, que, por osmose, legaram-na a muitos de seus descendentes)

Quanto as Mestras, reconhece-se seus assentamentos pela presença de leques, bijuterias, piteiras, cigarros e cigarrilhas.

Como no caso dos Mestres, existe uma infinidade destas entidades, com atributos e especialidades nas questões mundanas e espirituais. Alguns catimbozeiros fazem uma distinção entre as Mestras que trabalham "nas esquerdas" e "nas direitas". Nesta última categoria, encontram-se Mestras como a Gertrudes e a Lorinda, ambas parteiras na vida material e hoje ajudam as mulheres no dar a luz a mais um "ser vivente".

Algumas Mestras morreram virgens, por isso ganharam o estatuto de "princesas" quando ingressaram nas moradas do além. Vale lembrar os nomes de algumas princesas como a Mestra Marianinha, a Princesa Catarina e a Princesa da Rosa Vermelha. Contudo, não é fácil encontrar, atualmente, a manifestação de tais Mestras; encontramos bem mais as chamadas "Mestras das esquerdas", entidades que em vida material foram "mulheres de vida fácil"; mulheres das ruas e dos cabarés Nordestinos.

Lembremos das Mestras Paulina e Juvina, inimigas desde as "bandas de Maceió"; Mestra Ritinha que se passou com quinze anos na Rua da Guia, antigamente uma das mais populares zonas de baixo meretrício recifense e que hoje abriga bares frequentados pela alta sociedade da cidade; Mestra Severina que residia no bairro do Pina e passeava no bonde do Loré quando este percorria as velhas ruas da capital pernambucana; Júlia Galega da Zona do Sul.

Tais Mestras são peritas nos "assuntos do coração", são elas que dão conselhos as moças e rapazes que queiram casar-se, que realizam as amarrações amorosas, que fazem e desfazem casamentos. Muito vaidosas, quando incorporadas elas travestem os seus discípulos de forma a melhor aclimatar a "matéria" as suas performances femininas.

Quanto à mudança corporal característica da incorporação das Mestras, observamos que quando estão dançando geralmente mantém uma ou as duas mãos dobradas com a palma para fora, na altura da cintura ou quadris. Quando seguram um cigarro, a palma da mão fica sempre distendida e a mostra. Na dança os braços fazem arcos; ficam distendidos ao longo do contorno da roupa; em alguns momentos, geralmente quando canta-se toadas que falam do corpo ou da sensualidade feminina, as mãos passeiam pelo contorno da silhueta corporal. Quando entre seus afilhados e discípulos no mundo material, bebem cerveja, cidra e champanhe, embora não rejeitem outras bebidas que se lhes ofereça. Gostam de comer peixe assado que é depositado em suas princesas para lhes dar força para trabalhar.

(Maria do Carmo Tinoco Brandão – Doutora em Antropologia da EFPE)

Aqui está outra clara influência legada por alguns integrantes desse culto, onde alguns umbandistas aceitaram e aceitam que estes Espíritos, chamados de Mestres e Mestras da esquerda, e posteriormente nominados na Umbanda de Pombas-Gira e Exus pagãos, são todos, invariavelmente, garanhões, malandros, machões, prostitutas e peritos nas tais "amarrações" para o amor, travestindo os médiuns (homens) com saias, maquiagem, etc., portando-se de maneira indecorosa, bebericando, fumando, comendo carnes cruas, etc.. Definitivamente, isso não faz parte da Religião de Umbanda.

Conclusão:

Pouco a pouco o Culto da Jurema foi se tornando um culto destinado a descer os Espíritos das matas, dos rios, do mar, das pedreiras, das montanhas, etc., conjugado com a ingestão do Ajucá, e era praticado pelos índios. Com o tempo sofreu modificações na medida em que a cultura indígena se esvanecia pelo entrecruzamento com as culturas de origem africana e européia, surgindo dai o Culto do Catimbó. Os mais antigos Mestres do Catimbó Ancestral foram negros e ainda o são, em maioria absoluta, mestiços e mulatos, mas, já bastante descaracterizado com a introdução do elemento europeu (catolicismo, bruxaria e espiritismo), maia a introdução dos cultos afros e praticando uma pajelança deturpada, mas mesmo sendo rudimentar, ainda era praticada de forma mais branda, dedicada somente à caridade. Com o passar do tempo, houve a introdução de alguns ditos "Mestres", Espíritos regionais menos esclarecidos, sem doutrina alguma, fazendo o que bem entendem.

Hoje, o Catimbó Ancestral (de raiz) praticamente sumiu. Atualmente se observa muitos Catimbós e/ou Juremas totalmente descaracterizados, com rituais mesclados com Umbanda, cultos afros, utilizando atabaques, roupas de santo, alguns utilizando matança de animais e ai por fora, denominado por alguns de: "Catimbó de Terreiro".

"Contudo, não é fácil encontrar, atualmente, a manifestação de tais Mestras (princesas)*; encontramos bem mais as chamadas "Mestras das esquerdas", entidades que em vida material foram "mulheres de vida fácil"; mulheres das ruas e dos cabarés Nordestinos" (Maria do Carmo Tinoco Brandão – Doutora em Antropologia da EFPE).*

Observa-se então, a preferência e a proliferação desenfreada das ditas "Mestras da esquerda", como foi dito, de vida fácil, pelos médiuns, pois afinizam-se melhor com esse tipo de Espíritos, correndo risco de externarem e praticarem coisas escusas aos olhos da Lei Maior.

As características das atuações regionalizadas de alguns Espíritos no Catimbó Ancestral já prenunciavam a futura Umbanda.

Observaram a incrível semelhança entre os Guias e Protetores Espirituais, os Tarefeiros militantes da Umbanda com alguns Espíritos que trabalham no Culto do Catimbó Ancestral. Viram de onde surgiu os trejeitos, os arquétipos regionalizados utilizados por muitos médiuns da Umbanda? Onde tudo começou?

A coisa era mais antiga do que pensávamos. Tudo já estava sendo arquitetado e preparado há anos. Os Espíritos militantes na Umbanda, em muito se assemelham aos que trabalham no Catimbó Ancestral. Só tem um detalhe importante: A Umbanda segue a regra evangélica de ouro que diz: *"Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo."* (I João, 4:1). Os Espíritos militantes na Umbanda são evangelizados, orientadores, verdadeiros seres da luz a nos incitar o perdão e a reforma íntima. Conservam trejeitos regionais para caracterizarem um arquétipo necessário para serem compreendidos, ou seja, o "teatro" comedido para satisfazer o nosso ego, mas sem exageros, sem encenações e comportamentos circenses, como observamos em muitas Casas da atualidade.

Com tudo isso, não estamos desmerecendo a maneira de trabalho no dito "Catimbó de Terreiro", com suas Entidades e suas peculiaridades, mas, devemos entender que tudo isso pertence tão somente ao mundo místico do "Catimbó de Terreiro", e, jamais da Umbanda.

No "Catimbó de Terreiro" às manifestações mediúnicas com seus trabalhos se processam de modo particular, devendo ser respeitados, mas praticados só por quem pertence a esse tipo de culto, que é quem entende o que por lá acontece. Jamais devem ser trazidos para a Umbanda, sob a pena de macular as duas doutrinas.

Os Guias e Protetores Espirituais militantes na Umbanda, também tem suas maneiras peculiares de manifestações mediúnicas e trabalhos espirituais. Vamos a um relato de um umbandista defensor da "Linha Branca de Umbanda", em 1933

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Por várias vezes tenho afirmado em minhas considerações, como resultado de uma demorada e criteriosa observação, que, em geral, os chefes Guias Espirituais das práticas da "Linha Branca de Umbanda", são Espíritos de elevado grau de progresso, investidos de uma personalidade transitória mais ou menos demorada, necessária e útil a uma predestinada finalidade de comprovada elevação, pelos atos e seus efeitos.

Quanto a mim repito, pelas provas colhidas em minhas observações, adquiri razões sificientes para não alimentar dúvidas sobre a identidade real ou antes, sobre a condição de progresso espiritual dos referidos Guias, testemunhando a sua sinceridade e honestidade de suas atividades espirituais, seus efeitos traduzidos claramente pelos benefícios profusamente semeados.

Para o bom êxito dessas atividades caritativas, têm esses Guias como seus auxiliares, Espíritos de todas as categorias, de todas as origens, mesmo de condição e mais atrasada, obedientes e identificados com as finalidades, animados de boa vontade, prestando os serviços que lhes são pedidos, ordenados e possíveis na medidas de suas forças, num exercício que constitue a mais eficaz e produtiva escala de aperfeiçoamento moral primário, sem que prejudicada possa ser essa educação moral, pela liberdade que lhes é permitida nos seus usos e costumes familiares, caracterizando sua origem, com as quais se tornam possíveis aqueles que se utilizam dos seus serviços no seu próprio benefício e dessa causa santa, porque beneficia toda a humanidade.

Os referidos Guias, ao se investirem da personalidade com que se apresentam, agem assumindo essa personalidade, não apenas exteriormente, mas no corpo fluídico, um organismo fluídico por tal razão sujeito a todas as consequências naturais, relativas a todos os que se encontram no mesmo grau vibratório, apenas podendo dispor de maiores energias, conferidas para o desempenho da sua missão.

O seu organismo fluídico é perfeitamente idêntico ao da personalidade de que se investem, sendo esse o motivo porque as suas incorporações nos médiuns se revestem das mesmas dificuldades, com contrações que demonstram a diversidade fluídica, existente entre eles e os médiuns de que se servem, não podendo em razão desse fato, servir de base para por em dúvida a verdadeira identidade do Espírito.

Casos há decerto, e não são raros, em que a humilde personalidade de um preto ou de um caboclo, representa o complemento de uma provação, como um castigo do orgulho cultivado, em anterior encarnação, numa posição social de destaque, seja de um médico, de um escritor, de um ministro, de um imperador, etc.

Essa personalidade, como digo, pode ser apenas momentânea, exigida pelo meio em que se torna precisa e útil, casos há constatados em que o Espírito se apresenta em personalidades diferentes relativas ao meio, devendo ser elas correspondentes a suas anteriores encarnações, facultada e mudança pelas circunstâncias do meio e das atividades a serem desenvolvidas.

À personalidade estão submissos todos os característicos reais, dentro das leis naturais que não podem ser alteradas, evitá-los é despir essa personalidade, e ela se destina como espiritual que é, menos para nós que para o mundo dos Espíritos.

Não se pode em absoluto considerar seja um retrocesso o fato de um Espírito se investir de uma personalidade, humilde, a não ser que se pretenda considerar a humildade, como indignidade, mais lógica e racional, é divisar-se, em tal fato, em certos casos, um processo intelectual avançado, mas um progresso moral que lhe não faz parelha.

Estas são as conclusões que posso deduzir de um raciocínio e de uma observação que demonstram um desejo de acertar, de aprender e que inegavelmente fazem ressaltar a maravilhosa criação divina.

Sua justiça e amor.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 22 de Fevereiro de 1933 – página 08)

Deu para perceber de onde vêm alguns apetrechos vestuários, trejeitos, manias, bebidas alcoólicas, dançarias, etc., em muitos médiuns umbandistas “incorporados”?

O Catimbó Ancestral ao que nos referiremos é o secular e não como hoje é praticado, todo já influenciado, com atabaques, alguns com matança, roupas extravagantes, etc. Com tudo isso, entenderemos que o catimbozeiro ancestral era um médium católico, raizeiro, benzedor, praticante de uma pajelança deturpada e resquícios da bruxaria européia, mas, com muita humildade e total simplicidade.

Defendemos a tese de que muitos Espíritos militantes no Culto da Jurema, e do Catimbó Ancestral, migraram para a Umbanda, de onde tomaram uma forma religiosa, ganhando hierarquias, liturgias e rituais organizados, disciplina, doutrina e aceitação pública, tudo isso disciplinado pela Cúpula Astral de Umbanda e formalizado pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Vejam que o Culto da Jurema, transformado em Catimbó Ancestral, mesmo sendo um culto preconceituado, praticado por alguns médiuns sem cultura alguma, sem hierarquia, disciplina ou mesmo feição religiosa, conseguiu ser secular, e de forma oral, manter alguns aspectos da doutrina própria sem alterações, onde seus seguidores falam a mesma língua e seguem os mesmo preceitos, cultuando os Espíritos de forma uníssona, ou seja, todos os catimbozeiros, mesmo morando em locais distantes, pregam a mesma doutrina, seja a material ou espiritual. Talvez, pelo fato de ser um culto simples, desprovido de qualquer tipo de complicações doutrinárias e ritualísticas.

Somos adeptos do pensamento de que muitos Espíritos militantes no Culto da Jurema e no Catimbó Ancestral, chamados de “Mestres”, estão militando na Umbanda, chamados de “Guias e Protetores Espirituais” ou mesmo de “Tarefeiros”, só que de forma disciplinada, dentro de uma hierarquia própria. Mas os Espíritos e os arquétipos são os mesmos.

No Catimbó Ancestral aconteceram as primeiras incorporações e maneiras de trabalhos de Caboclos da Mata (índios), Caboclos Sertanejos, Caboclos D´Agua, Baianos, Ciganos, Sereias, Yaras (conhecidas no Catimbó como: meninas da saia verde), Sakaangás, Semirombas, etc., – chamados de Mestres da direta, e os Tarefeiros da Umbanda – chamados de Mestres da esquerda, mas, de forma desordenada. Sempre perguntávamos onde teria surgido a manifestação mediúnica das Pombas-Gira? Agora, sabemos que foi no Catimbó, só que com a denominação de: “Mestras da Esquerda”. Pomba-Gira é uma denominação umbandista. Já “incorporavam” no Catimbó Ancestral com seus trejeitos e suas maneiras de ser, mas, sem doutrina. É ver pra crer. É óbvio. Esses Espíritos regionalizados não surgiram de repente após o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Observem que o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse que não haveria bater de tambores, saias com rendas e lamês, capacetes de penas, espadas na mão, coisas largamente utilizadas em manifestações de remanescentes de cultos afros, bem como do Catimbó em médiuns no Rio de Janeiro, nas chamadas “Cabula/Macumba”.

Esses Espíritos já estavam lá, mas manifestando-se de maneira desordenada, cada um fazendo o que bem entendia e queria. A Umbanda veio colocar ordem em tudo isso. A migração de médiuns com seus Mestres espirituais para a então capital brasileira foi determinado pelo astral superior, pois já era chegada a hora de fundamentar e apresentar uma nova religião, onde esses Espíritos militariam com seus costumes, talentos, qualidades e atribuições, mas de forma harmoniosa e ordenada.

Em muitos Catimbós/Juremas da atualidade, os Espíritos manifestam-se sem obedecerem à qualquer tipo de disciplina Espiritual, pois cada um mantém suas características próprias, desvinculando-se de qualquer tipo de hierarquia disciplinadora, agindo, pensando e trabalhando às suas maneiras, totalmente desvinculados da espiritualidade superior. Em muitos Catimbós/Juremas da atualidade, muitos médiuns dão passividade a essa classe de Espíritos que demonstram serem totalmente presos aos seus egos, muito apegados às coisas materiais, alguns travestindo o médium de maneira regional, parcialmente desnudos, (algumas mestras incorporam em homens travestido-os de mulher, e vice-versa), com uso irrestrito de bebidas alcoólicas, cigarros, comendo carnes, pimentas, promovendo as feitiçarias, amarrações, bailados, etc.; é prática corrente no culto de muitos Catimbós/Juremas; respeitamos, mas, trazer esses tipos de procedimentos para a Umbanda é inadmissível, inaceitável e veementemente refutado. Como já dissemos cada coisa em seu lugar; Isso e coisa de muitos Catimbós/Juremas e nunca da Umbanda.

Médiuns acostados de um "Catimbó de Terreiro"

Médiuns acostados de um "Catimbó de Terreiro"

Na Umbanda somente militam Guias e Protetores Espirituais e Tarefeiros e não “Mestres da Direita ou Mestres da Esquerda”. Os Espíritos militantes na Umbanda não têm vaidade de espécie alguma. Se presenciarmos médiuns travestidos, ou se portando como dito acima, com certeza absoluta não é Umbanda.

Vejam então, que muitos desses Espíritos, sem vínculos espirituais superiores, se agregam a mediunidade de pessoas simplórias e desprovidas de cultura e evangelização, agindo da maneira que querem, com costumes, viciações, vaidades, egos exacerbados, qualidades e defeitos humanos, igualando-se a seus médiuns. Somente se o dirigente do culto for uma pessoa equilibrada e profundamente religiosa, os Espíritos manifestantes, com certeza, também serão espiritualizados (os afins se atraem).

Muitos Espíritos que migraram para a Umbanda passaram por uma doutrina espiritual severa, onde foram disciplinados, hierarquizados e preparados para a grande missão de se tornarem orientadores eficazes, curadores e evangelizadores.

Observem que no Culto da Jurema ou no Culto do Catimbó Ancestral não existia despachos, oferendas e culto aos Orixás, muito menos o conhecimento do que seriam eles, pois não sofreram influência dos cultos afros, devido a que no Norte/Nordeste havia praticamente escravos domésticos, e alguns utilizados em plantações de cana-de-açúcar.

Hoje, observamos acontecer algo grave em alguns Terreiros ditos umbandistas: Desconhecedores de que muitos Mestres do Catimbó Ancestral já estão integrados na Umbanda, de forma hierarquizada, devidamente evangelizados, abrem as portas de seus Terreiros, com sessões privativas, pois não a encaixe nas normas umbandisticas, nominando-as de “Gira de Catimbó”, com direito a assentamentos de Mestres e Mesa de Catimbó, onde hà incorporações de Espíritos totalmente distanciados da vivenciação crística, com manifestações imitativas dos catimbós modernos, como descrito no artigo acima: “CATIMBÓ-JUREMA OS MESTRES”, totalmente distanciados da temática umbandista.

Devemos atentar que cada coisa deve estar em seu devido lugar. Misturarem-se cultos, podo ocorrer riscos de querer estar em dois barcos com um remo só. Catimbó não é Umbanda. Muitos estudiosos não consideram o Catimbó/Jurema como religião, uma vez que não reúnem em suas estruturas elementos doutrinários próprios.

Concordamos com essa dissertativa: *“(...) O Catimbó não é muito diferente ou melhor que outros cultos, e não se pode dizer que suas entidades sejam de nível superior, pelo contrário são semelhantes” (...).* (http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/catimbo.htm).

Se o Espírito é semelhante ao seu médium, com certeza não pode ser um Guia Espiritual, mas, somente, um Espírito qualquer manifestado e nada mais; puro mediunismo. Portanto, como dissemos, cada coisa em seu lugar. Quem é da Umbanda, pratica Umbanda sem misturas, sem “vale-tudo”, sem querer “impor” Espíritos, costumes e rituais de outras filosofias e/ou religiões, pois com certeza, estará se distanciando do preconizado pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas e pela Cúpula Astral de Umbanda, correndo o risco de ter o seu Terreiro e sua mediunidade desligados dos postulados umbandistas, perdendo a cobertura e autorização da Aruanda.

Repetindo: (...) afirmamos que nem todo Espírito que “baixa” na Umbanda é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *“(...) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele”(...) – “O que deseja, sobretudo, é que este ritual (*nota do autor: ritual da Umbanda) *seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo” (...).*

Aliás, nem todo médium é autorizado pela Cúpula Astral de Umbanda para ser dirigente de um Terreiro. Vamos a um texto concernente, inteligentemente escrito:

A MEDIUNIDADE NA UMBANDA

Já temos escrito muito sobre mediunidade e, pelos esclarecimentos que demos, temos a certeza de que centenas, milhares de criaturas, de irmãos, já conseguiram se libertar, isto é, já quebraram os grilhões que prendiam a certas práticas “mediúnicas”.

Conseguiram essa libertação porque, lendo e meditando, vendo e comparando (segundo as simples elucidações contidas em nossas obras) romperam os “véus” que lhes obscureciam o entendimento e eles passaram a ver esses aspectos corriqueiros de certas sessões em suas justas condições.

E é por isso que doutrinam por todos os lados: “a pior cegueira é a da ignorância”, e o único remédio para ela se chama – esclarecimento.

Nós temos cumprido a nossa parte nesse mister – graças a Jesus, o Mestre de Justiça do Planeta Terra!

Não há escapatória, não há evasivas em face dos Tribunais do Astral para aquele que ilude, que explora e alimenta a boa fé do ignorante, sabendo conscientemente que deve e pode esclarecê-lo!

E nós estamos, como sempre, esclarecendo mais um pouco; vamos dizer "duras verdades", porém, necessárias. Não nos move a vontade de destruir, atacar, criticar! Não! Apenas somos movidos por uma força imperiosa que, do astral, ordena que digamos a verdade – sempre a verdade.

Portanto, devemos reafirmar em alto e bom som: mediunidade, ou melhor, médiuns de afinidade direta da Corrente Astral de Umbanda existem! Apenas não estão todos por aí, aos milhares, nas sessões de todas as noites, como se fosse a coisa mais banal desse mundo "receber" (incorporar) centenas e centenas de entidades. Como se falanges e mais falanges de "Caboclos e Pretos-Velhos" estivessem à disposição deles – "médiuns", prontas a entrar em função a um "simples toque de um botão elétrico", em atendimento ao simples fato de assim desejarem. Como se as condições reinantes na maioria dessas sessões estivessem de acordo, em sintonia, para que, dentro da Lei de afinidade, eles encontrassem campo para os legítimos contatos mediúnicos!

Dissemos acima que médiuns da Corrente Astral de Umbanda existem, mas não estão por aí, assim, às ordens de qualquer um.

É impossível que outros – não apenas nós – ainda não se tenham apercebido de que, há anos, já se fez sentir sobre todos os ambientes que praticam ou invocam as manifestações mediúnicas, a força de uma lei que, já em 1956, em nossa obra "Umbanda de Todos Nós", denominamos como de retração!

Sim! Houve e continua havendo grande retração dos fenômenos mediúnicos ou espíritas propriamente ditos, sobre dezenas, centenas talvez de criaturas que portavam, de berço, o dom da mediunidade e apenas estavam aguardando o tempo justo do desabrochar!

Mas, por que isso aconteceu e está acontecendo?

Ora, porque mercantilizaram a mediunidade, expuseram-na nos balcões dos mais variados e inconfessáveis interesses e dos mais tortuosos desejos e, não é só: expuseram os médiuns inexperientes em panoramas de vaidosas encenações, de tais humanas atrações que, os que não baquearam, caindo de vez, envolveram-se tanto e tanto que acabaram a "ver navios", ficaram sós, sem assistência de seus protetores que foram... "oló". *(nota do autor: Oló: embora)*

Dizem que essas coisas todas e outras mais são sinais dos tempos, males da época, fim de ciclo!

Cremos que sim! No entanto, precisamos fazer algo mais, todos, trabalhando, combatendo, doutrinando em benefício dos que ainda podem se salvar e dos que ainda não caíram nos abismos das quedas, dos fracassos.

Lancemos, enfim, um brado de alerta nos predispostos, e, particularmente, aos que andam em busca do caminho certo e que "não querem comprar nem vender ilusões".

Porque, em qualquer Tenda de Umbanda onde houver sinceridade, limpeza moral etc., é possível, é quase certo, ter a assistência desses humildes trabalhadores da seara do Cristo-Jesus – chamados "Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças".

Para isso é necessário que criem as condições indispensáveis a suas presenças!

Porque, mediunidade é sublime missão, é luz redentora! É ter humildade, é ter compreensão, é ter simplicidade! Não queremos dizer, assim, que todos sejam perfeitos! Não! Perfeito só o Pai – como disse Jesus.

Porém, que cada qual se capacite e passe a entender claramente que, com sujeira de corpo, de alma ou de ações, NINGUÉM PODE SER UM VEÍCULO DE FATO E DE DIREITO DE CABOCLO OU PRETO-VELHO!

Assim, vamos iniciar agora mais uma de nossas conversações francas e diretas.

Você, meu irmão umbandista, que dirige uma Sessão, é chefe-de-terreiro, como se diz vulgarmente – tem o "seu Terreiro", cheios de médiuns? Claro – você o tem.

Você é dos "tais" que "desenvolve" os seus médiuns rodando-os desesperadamente e jogando sobre eles as fumaçadas de um possante charuto ou de um rijo cachimbo, desse que até tem uma figura com chifres?

E ainda diz por cima disso tudo, quando eles dão cabeçadas às tontas e mesmo caem no chão: *"você precisa ter mais fé; Caboclo quer pegar você firme, mas você está muito duvidoso dele"*.

Pois bem, meu irmão – se você faz isso, não passa de "um cego, guia de cegos".

Meu irmão "chefe-de-terreiro": você é desses que sugestionam uma criatura, afirmando que ela é médium mesmo, que tem um bonito Caboclo ou um poderoso Preto-Velho e mesmo um grande "Orixá", só para prendê-la no seu Terreiro e acrescentar mais um a sua corrente ou ao número dos que ali já estão nessa esperança, produzindo assim mais um candidato ao neuro-animismo e à mistificação inconsciente? É?

Pois bem – você está agindo mal, está alimentando a boa fé dos ingênuos, dos ignorantes, está vendendo ilusões e a qualquer instante você poderá cair em "maus lençóis", porque, você esta querendo "mascarar" os outros, com sua própria "máscara".

Porque oh! Irmão – sugestionar uma pessoa para ser "médium" é empulhar, ou melhor, é predispor o seu psico-somatismo a sensíveis e mesmo a graves irregularidades ou transtornos. Conhecemos pessoas de um animismo tão profundo, que, "por dá cá aquela palha, recebem "Espíritos", às vezes, até deitados na alcova". E jamais podemos esquecer as ações de uma certa criatura que possui a mais perfeita máscara artística que já vimos num neuro-anímico. Ele chegava até a se emocionar, chorar mesmo, "quando via os Espíritos", ou seja, "as suas entidades protetoras", que, naquela altura, já as contava em número de onze. Tudo nele, em matéria de mediunidade, era mais perfeito do que nos outros – pois chegava até a "testar" a mediunidade dos outros.

Suas entidades (afirmava) são de alta função e iluminação. "Possui" um "Caboclo" que (segundo ele) é assim como uma espécie de chefe de polícia lá no astral. Têm "Guias" Caboclos, Caboclas, bispos, padres, médicos famosos e iluminados do astral; até o Bezerra de Menezes ele "tem" (pois essa criatura neuro-anímica veio do kardecismo e virou "tatá de umbanda"). Foi quando sua vaidade neuro-anímica se expandiu tanto, que ele "arranjou" ou se fez "médium" até de um MANU (Manu – no alto ocultismo indiano ou na filosofia oriental, vem a ser o mesmo que um Cristo Planetário). Vejam! É para rir ou para chorar? E desses está tudo cheio por ai. A turma só quer "receber" Manus, Mestres orientais, Caboclos chefes de legiões, médicos famosos etc. Que é que se pode fazer com essa turma de neuro-animicos? Nada! Apenas orarmos sempre, para que eles deixem de "vender tanta ilusão a si próprios".

Meu irmão – "poderoso babalaô, tatá, pai-de-santo, babá ou como quer que lhe chamem: você é desses que, além disso tudo, ainda inventam preceitos de toda sorte, vão às cachoeiras, ao mar, à mata (e à "encruza" também) e "empaçocam" a cabeça das pessoas tidas como médiuns com bebidas e ervas confusas e ainda enchem o pescoço dos ditos com esses lindos colares de louça e vidro e até os envaidecem mais, determinando que eles adquiram esses vistosos cocares de penas multicores para se exibirem e dar mais encenação a sua sessão?. É?

Então, oh! "poderoso irmão", a sua situação em face da lei, esta mal parada, mal situada. Nessas condições você pode esperar a qualquer instante um "estouro" do baixo-astral no seu Terreiro.

Você está "brincando de Umbanda", ou está brincando com a verdade? A tolerância também tem um limite.

Meu irmão em Cristo Jesus: você é um desses tais que ainda fazem "camarinha" com raspagem de cabeça e sangue na dita, para "firmar o Orixá", nos "seus" filhos-de-santo?

E ainda diz que isso é Umbanda de fato?

Não façam isso assim – dizendo que é de Umbanda. Pode ser de tudo que você queira, menos de Umbanda.

Meu bom irmão, filho do mesmo Pai, que vem da mesma essência de todos nós, que é ou quer ser umbandista: vamos cumprir a nossa parte, vamos cooperar com o Cristo Jesus, dentro da Corrente Astral da Umbanda!

Vamos fazer a caridade, vamos ajudar os nossos semelhantes, vamos promover as condições adequadas para que os médiuns de fato possam surgir, possam realmente desenvolver os dons que já tenham trazido do berço!

E para isso é preciso que você tenha na devida conta apenas esses simples fatores.

Mediunidade é coisa espontânea. Ninguém bota um dom na cabeça de ninguém! Quem faz isto são os Mentores Kármicos, antes mesmo do individuo encarnar. Isto é outorga, é concessão e consta na ficha kármica da criatura! É coisa que é posta em cima – não embaixo!

Então, quando as criaturas que portam esse dom (em qualquer uma de suas modalidades) surgirem em seu Terreiro, forneça-lhes as condições adequadas para que possam desabrochar!

Médiuns precisam de ambientes serenos, precisam de harmonia e, sobretudo, que esses ambientes se pautem na linha justa da moral, para se expandirem verdadeiramente!

Então, para que essa barulhada de tambores, de palmas e de gritos? É carnaval?

É Terreiro de Umbanda ou escola de samba?

Esse alarido todo é para atordoá-lo? Para confundi-lo? Para estourar a sensibilidade neuro-medianímica de seus plexos nervosos?

Você não sabe – pois fique sabendo agora: com tambores, gritos e palmas, os médiuns acabam se atrofiando completamente! E é por isso que no seu Terreiro tem muita gente "vestida de médium", mas médium mesmo que é bom, não tem nem um.

Porque esses irmãos todos que estão ai, cercando você, uniformizados, denominados por você médiuns, estão confiando-lhe as suas questões espirituais, íntimas etc.; assim, é claro que você está assumindo uma tremenda responsabilidade kármica sobre eles! Portanto, cuidado, não os iluda com supostos dons mediúnicos.

E finalmente, meu irmão: você tem o direito de ter o seu Terreiro, a sua Sessão. O que você não tem direito é de alimentar – tornamos a dizer – a ignorância do ingênuo ou do crédulo, em seu benefício.

O que você precisa fazer e com urgência é o seguinte: promover as suas sessões, com paz, com harmonia espiritual e, sobretudo, com honestidade.

O que você precisa fazer, sempre, é pedir humildemente a Jesus – O Mestre de Justiça do Planeta Terra, a Sua mercê, através desses Caboclos e desses Pretos-Velhos, que você tanto invoca e que são também seus mensageiros.

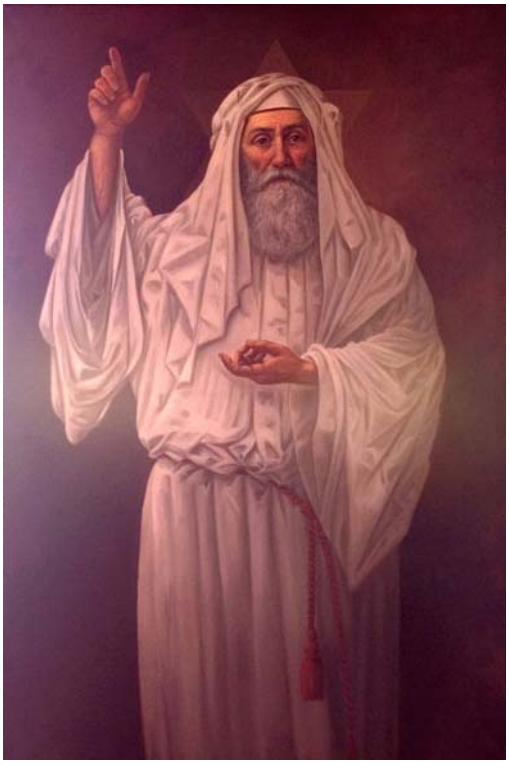
E o que você deve fazer já é alertar os que estão cegos pela vaidade e pelo fanatismo destruidor, para que não caiam nos abismos dos fracassos e das quedas mediúnicas!

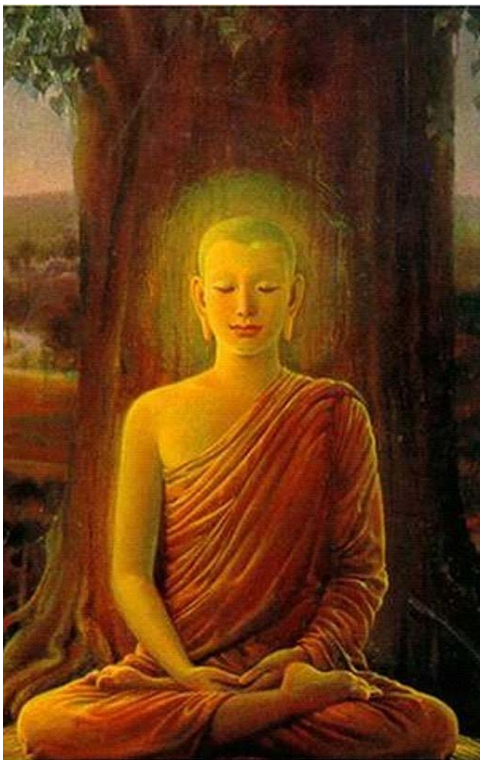
Mostre-lhes certos panoramas do meio, cite exemplos e ajude aconselhando – cumpra a sua parte!

Diga-lhes que o médium – seja em que corrente for – é uma antena, sujeita as forças positivas e ao choque das negativas!

(Trecho do livro: "Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda" – W.W. da Matta e Silva (Mestre Yapacany) – 1982)

- **O OCULTISMO E AS FILOSOFIAS ORIENTAIS**





O ocultismo chegou ao Brasil em torno da década de 1900.

O que é Ocultismo:

Ocultismo (ou ciência oculta) é um conjunto de teorias e práticas cujo objetivo seria desvendar os segredos da Natureza e do homem, procurando descobrir seus aspectos espirituais e superiores. Ele trata do que está além da esfera do conhecimento empírico, o que é secreto ou escondido. O ocultismo está relacionado aos fenômenos supostamente sobrenaturais.

Ocultismo é um conjunto vasto, um corpo de doutrinas supostamente proveniente de uma tradição primordial que se encontraria na origem de todas as religiões e de todas as filosofias, mesmo as que, aparentemente, dele parecem afastar-se ou contradizê-lo. O homem aqui retratado seria um supostamente completo e arquetípico, composto não apenas de corpo, mas também de emoção, razão e alma (como divide a cabala). Segundo algumas tradições ocultistas as religiões do mundo teriam sido inspiradas por uma única fonte sobrenatural. Portanto, ao estudar essa fonte chegar-se-ia a religião original. Muitas vezes um ocultista é referenciado como um mago. Alguns acreditam que estes antigos magos já conheciam a maior parte das descobertas da ciência, tornando estes descobertos meros achados.

(http://legadodecain.wordpress.com)

O ocultismo está relacionado aos fenômenos sobrenaturais. Ou seja, são conjecturas metafísicas, e teológicas, algumas das quais oriundas de povos da Antiguidade Clássica. Entre outras contribuições, legou para a Umbanda a presença dos Mestres Ascencionados (El Morya, Saint Germain, Koot Hoomi, Sanat Kumara, Lanto, Rowena, Seraphis Bey, Hilarion, Nada, Buda, Lao Tse, etc.), a utilização da vibração dos metais, pedras preciosas, semi-preciosas, numerologia, astrologia, hermetismo, etc.

Finalmente, temos a contribuição da filosofia Oriental no que diz respeito à aura, aos chacras, imantações, mantrans, às concentrações, processos de cura, meditações e no reforço dos conceitos de karma e reencarnação que já tinham sido adotados através do espiritismo.

A “Linha do Oriente” é a mesma que conhecemos como a “Linha Sublime dos Magos Brancos do Oriente”, ou, “Confraria dos Magos Brancos do Oriente” e vieram para a Umbanda, na sua implantação, a fim de incrementarem com suas sabedorias e seus conhecimentos, o nascer de uma religiosidade que iria atender a todas as necessidades humanas e espirituais deste imenso Brasil.

A contribuição Oriental é quase um retorno às origens, uma vez que as grandes religiões modernas têm sua origem no Oriente, principalmente no antigo Egito, no Tibet e na Índia, berços do profundo conhecimento religioso, hermético e filosófico Oriental.

De tudo isso surge a Umbanda, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal das concepções religiosas de muitos povos e nações, orientada pelo plano espiritual superior, que visa o bem estar físico, mental e espiritual dos seus filhos de fé e daqueles que a procuram.

A Umbanda, portanto, é produto de uma evolução religiosa. Suas origens encontram-se nas filosofias Orientais, fonte inicial de todos os cultos de mundo civilizado. E a sua implantação em nossa terra, deu-se com a fusão das práticas, dos conceitos e das crenças do negro, do vermelho, do branco e do amarelo, apresentando-se mediunicamente através dos arquétipos fluídicos regionais (tipos sociais brasileiros).

Toda essa complexa mistura, que o leigo chama de “baixo espiritismo”, “Macumba” e “magia negra”, era a situação existente quando surgiu um vigoroso movimento de luz, ordenado dos planos espirituais superiores, feito pelos Espíritos que hoje se apresentam como povos da Umbanda.

O termo Umbanda, que eles implantaram no meio para servir de bandeira a essa poderosa corrente, é um termo sagrado que significa, num sentido mais profundo, a presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conclamando os doadores divinos para a prática da caridade.

Portanto, eis aí a Umbanda, ressurgindo na mais completa humildade, a fim de servir a grande obra de Deus. E mais uma vez, relembrando, é fácil entender toda essa amalgamação na Umbanda, pelo próprio ensinamento evangélico: *“Examina tudo e retém o que é bom” (I Tessalonicenses 5.21)*.

Qual a melhor das religiões para que eu possa segui-la? Aceite tudo o que é bom, e rejeite tudo o que é mal. Eis a melhor das religiões.

Nisso não está inserida a Umbanda? Meditem, e chegarão a importantes conclusões.

AS “LINHAS MESTRAS” DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

Iniciando, vamos a uma reportagem de Lilia Ribeiro, que contato com o Caboclo das Sete Encruzilhadas e com Zélio de Mores. Deve ser lida e relida com atenção:

ANTES DA CODIFICAÇÃO, A RENÚNCIA

O primeiro passo para chegarmos à codificação será, de certo, estabelecermos o limite entre Umbanda – segundo as normas ditadas por seu precursor – o Caboclo das Sete Encruzilhadas – e os cultos legados pelas várias nações africanas e que, nestes últimos decênios, passaram a ser englobadas sob o nome de Umbanda. Assentando esse limite, que não visa criar diferenças raciais, como julgam alguns adeptos do africanismo puro, não haverá necessidade de longos estudos para unificação da doutrina e do ritual de Umbanda.

Religião cristã, cuja doutrina está centralizada no Evangelho, tem como conceitos básicos a reencarnação, a comunicação com os desencarnados, a lei de causa e efeito, o carma.

A prática objetiva a reforma íntima de cada um de nós, o progresso moral e cultural, a cura espiritual através do passe e do conselho, a evolução do Espírito, a igualdade de raças e classes, a fraternidade entre os homens, o atendimento totalmente gratuito.

O ritual – campo por demais vasto e complexo – dificilmente será de todo unificado, face à diversidade de sistemas praticados nos templos umbandistas, obedecendo, cada um, à orientação de seu próprio Guia Espiritual. É uma característica da Umbanda, que não se fixa em dogmas ou normas restritas. Entretanto, a despeito dessa liberdade, existem conceitos que determinam, logo à primeira vista, se um Templo é de Umbanda ou se segue outro culto.

Dizia José Álvares Pessoa:

“Religião de raízes antiquíssimas, cujas origens remontam a eras anteriores ao cristianismo, sua liturgia encontra-se a cada passo do Velho e do Novo Testamento, nos Templos do Egito e da Índia e na própria Igreja Católica. Por mais remota que seja uma religião, nela encontraremos os vestígios da Umbanda, ou seja, sob outro ponto de vista, de cada uma delas a Umbanda dos nossos dias colheu uma contribuição para consolidar a sua própria liturgia. Mas assim como a velha religião mosaica, à qual pertenciam os homens que falavam face a face com o próprio Deus, teve de ser expurgada por Jesus de todo rito impuro, a Umbanda deixou para trás a seita que os cientistas classificavam de animismo fetichista e, libertada dos rituais complexos, pesados e, por vezes, contrários às normas de bondade, caridade e perdão, passou a ser o caminho mais simples e acessível para o homem se reaproximar do Criador”.

A Umbanda não adota rituais complicados para a formação dos seus médiuns. A par do ensinamento doutrinário, apenas os elementos vindos da Natureza viva participam do preparo mediúnico: a água, o amaci e o banho de ervas.

O branco é a cor utilizada nos uniformes dos médiuns, como símbolo de pureza e, ao mesmo tempo, síntese de todas as cores.

Os adornos – capacetes, cocares, espadas, pulseiras, etc. – não pertencem à Umbanda.

A água, a pemba, a flor, o defumador, a vela – são elementos de trabalho, como o fumo, que desempenha o papel de defumador constante.

A bebida está sendo excluída dos trabalhos de Umbanda, substituída, entre os Pretos-Velhos, pelo café amargo. As cervejas, os vinhos, conservam-se apenas como elementos de oferendas.

A figura de Cristo centraliza os templos. As figuras que se dizem representativas de Exu, nunca existiram na Umbanda.

“O holocausto – herança dos cultos africanos – é totalmente alheio à Umbanda”, dizia-o, José Álvares Pessoa, que foi por mais de quarenta anos dirigente da Tenda São Jerônimo – a grande Casa de Xangô – e estudioso de todos os ramos do espiritualismo. Confirma-o Cavalcanti Bandeira, dizendo textualmente: *“Na Umbanda pura, nenhum sacrifício animal é admitido”.* E J. Alves de Oliveira, em “O Evangelho na Umbanda”, observa que *“a Umbanda chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação (...)”, e se as práticas de Umbanda são de amor ao próximo, é inconcebível que se sacrifique animais, nossos irmãos inferiores, para a consagração desse amor. Não pode o amor ter eficácia através da morte de terceiros. Sacrificar animais, dentro da Umbanda, para fins ritualísticos, não é o caminho a seguir, quer seja com a finalidade de honrar Orixás, quer seja para neutralizar efeitos maléficos produzidos por magia negra.*

O sacrifício de animais é incompatível com os ideais de fraternidade universal, objetivo de todo movimento espiritualista e para nós, que pertencemos à corrente vegetarianista, é totalmente desnecessário, tanto no ritual quanto a alimentação humana.

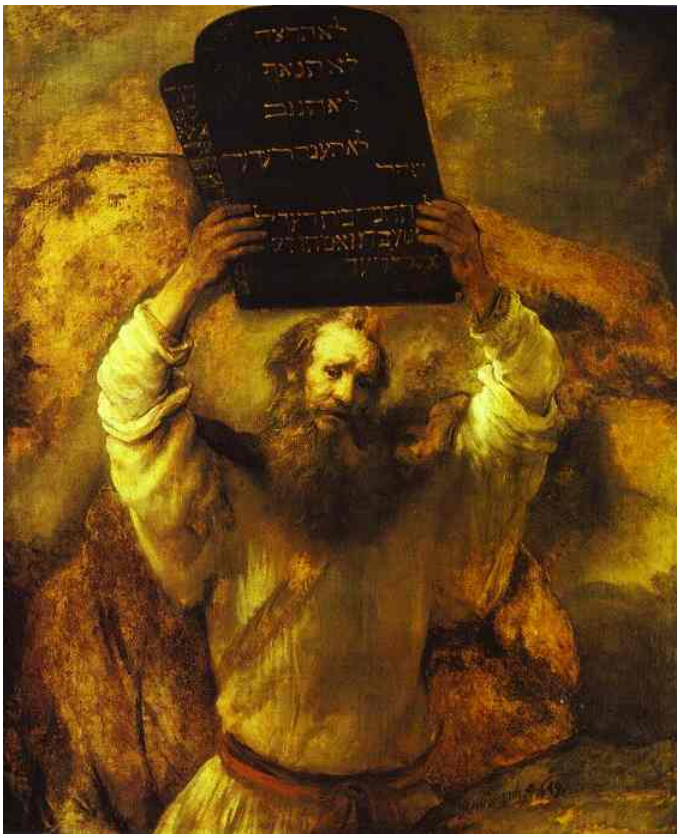
Um dos sistemas mais eficientes para que o homem se aproxime da divindade é o aprimoramento moral espiritual do seu ego. Deve o médium analisar a si próprio, a fim de corrigir as suas falhas; proceder corretamente não só dentro do seu tempo, como também na vida familiar, social e profissional; ser leal com os companheiros e compreensivo com os subordinados; ter sempre uma palavra de conforto para os desesperados, de orientação para os que erram, de esperança para os que não têm fé; deve tratar bem os animais, que também são criaturas de Deus e dependem de nós (diz um escritor inglês que se conhece o íntimo do homem pela maneira de agir com os animais); favorecer por todos os meios que estiverem ao seu alcance o progresso material e espiritual dos seus companheiros; procurar instruir-se com referência ao seu papel de mediador entre as entidades espirituais e nossos irmãos necessitados, esquecendo todo ressentimento, o egoísmo, a vaidade, a maledicência, para melhor se afinizar com o seu Guia, porque, no dizer de Nelson M. Cavalcanti, *"só será vitorioso, na Umbanda, quem apoiar o seu sacerdócio em bases de humildade, de amor e de renúncia".*

Procuremos, cada um de nós, deitar ao solo a semente que germinará no futuro, no III Milênio, quando – são palavras de Ramatis – reinará sobre a Terra um ambiente de paz, de amor e de fraternidade e a nossa Umbanda – religião que está crescendo com um dinamismo e numa proporção desconhecidos em qualquer outro movimento registrado em nosso país – se tornará, pela previsão dos estudiosos do espiritualismo no panorama nacional, a verdadeira Religião do Brasil, centro irradiante do espiritualismo e da Fraternidade Universal.

(Texto de Lilia Ribeiro – Revista "Gira de Umbanda" – Rio de Janeiro – 1977)

Vamos a um texto inteligentemente escrito que coaduna com o nosso pensamento:

CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA: O 13º TRABALHO DE HÉRCULES



"Não haverá uma religião única para todos os homens, mas sim tantas religiões quantos forem os homens."
(Vivekananda)

Não é incomum deparar-nos com este assunto dentro de nossos Terreiros, grupos de debates e em centenas de sites falando sobre Umbanda. Alguns inclusive já escreveram obras "definitivas" sobre o tema, apresentando "códigos", cartilhas, "bíblias" que vendem como "pão quente", sendo que a maioria destes títulos encontram-se esgotados. Um bom negócio para as editoras e os autores, mesmo em um país que tem um dos menores índices de venda de livros "per capita" do mundo.

Mas, além de melhorar a vida financeira de alguns, tantas obras com as mais variadas teorias, fatos "históricos" em relação à Umbanda, deturpações e outras tantas invencionices que alguns juram terem sido reveladas por um "Orixá" ou "Entidade de altíssima elevação", vem tentando fazer o impossível, ou seja, criar um padrão ritualístico, doutrinário, enfim, litúrgico para a Umbanda. Seria mais fácil matar uma legião de Cérberos.

A ritualística não é o que se geralmente se julga ser. Todos os Umbandistas sabem que isto é apenas o símbolo exterior da obra interna. Milhares de homens e mulheres de boas qualidades tomam a letra do Espírito e é nesse modo de agir que começa o seu engano. Nada de novo pode suceder à Umbanda, porém há, nela, uma vasta soma de Verdades que a maioria nada sabe, e é por esta razão apegam-se mais aos aspectos externos da religião do que aos aspectos internos, espirituais, que nos levam realmente aos objetivos que a Espiritualidade Superior realmente quer que alcancemos.

Os rituais da Umbanda, independente da linha doutrinária que sigam, são baseados em uma lei natural: "A iniciação e a regeneração são termos sinônimos". A simples inculcação de princípios morais ou as lições de moral, e sua ilustração simbólica e representação, não são coisas vãs. Elas despertam a consciência e o sentimento moral de todo homem, e nenhum ser humano perdeu suas boas qualidades por seguir este ou aquele ritual, desde que seu objetivo esteja em sintonia com a Espiritualidade Superior.

A cerimônia exterior é morta e de utilidade apenas como símbolo e ilustração, esclarecendo assim a mudança interna. Transformar significa "regenerar", e isso se dá por provas, por esforço, pela desilusão, pelo insucesso, e uma renovação diária da luta. É assim que o Umbandista deve, a nosso ver, buscar uma "codificação", um caminho comum a todos. A consumação do ritual e da doutrina é o encontro com o Sagrado e não uma questão de didática.

Não sabemos uma coisa porque a dizem à nós. Que os Orixás gritem continuamente a verdade de todos os tempos nos ouvidos do tolo, ele continuará sempre preso à tolice. Aqui está a concepção e a base essencial de toda a ritualística. É o conhecimento, desenvolvido gradualmente, de um modo ordenado e sistemático, passo a passo, à proporção que a capacidade de aprender se abre ao adepto. O resultado não é uma posse, mas sim um crescimento, uma evolução.

O conhecimento não é uma simples soma ou adição; alguma coisa acrescentada a outra que já existe; mas sim uma mudança ou transformação progressiva da estrutura original , de modo a torná-la, a cada passo, um novo ser. O conhecimento ou o desenvolvimento da sabedoria no homem é um eterno porvir; uma transformação progressiva na semelhança da Suprema Bondade e do Supremo Poder.

Infelizmente, aplicamos à nossa religião o mesmo egoísmo que expressamos em relação às outras coisas. É o mesmo espírito partidário de nossa política, e isto, mais do que tudo o que parece justificar o egoísmo em geral, é contrário á fraternidade humana e impede a fundação de um "corpo umbandístico", constituído de muitas linhas doutrinárias e litúrgicas. Esta ideia da Fraternidade Universal, que era uma doutrina capital dos Antigos Mistérios – como se acha incluída no primeiro postulado da "Doutrina Secreta" (H.P Blavatsky) e é, abertamente declarada no terceiro; e a qual ocupa também o primeiro lugar na "verdadeira" Umbanda – é a dedução lógica de nossa ideia de Divindade, e da natureza e significação essencial do Cristo.

A Umbanda não pode fazer distinção de cor, sexo ou qualquer outra coisa. Nisto está a sua segurança e, por meio desta, gradualmente produzirá a Fraternidade Universal entre aqueles que se dizem "Irmãos" em Oxalá.

Enquanto a mente inferior estiver presa pelo desejo, o homem não pode procurar ou discernir o Bem ou a Verdade. Pergunta: "Que é bom para mim?" Liberto do desejo, ou da inclinação pessoal de ser o "melhor", o "mais entendido", o "codificador" ou "restaurador" de algo, pergunta e procura o que é bom ou verdadeiro em si mesmo.

Quando atinge esse estado e o conserva habitualmente, diz-se que o quadrado ("matéria") está inscrito no triângulo ("espírito"). Então a natureza inferior se acha unida com a Divina ou Alma Espiritual. O conhecimento e o poder do homem não permanecem mais limitados ou circunscritos pelo plano inferior, ou o corpo físico; porém, transcendendo-o pela regeneração (domínio próprio), e tornando-se perfeito na humanidade, o homem alcança a Divindade. Essa é a significação, objeto e consumação da evolução humana; e esta filosofia define o único processo pelo qual pode ser atingida.

Essa é, em resumo, a linguagem e a filosofia do simbolismo, ou do vestuário exotérico ou esotérico da Verdade perpetrada e reconhecida por cada "Escola" Umbandista. O próprio método, além de seus detalhes ou aplicações, possui uma significação mais profunda do que o compreende a maioria das pessoas. Este método de instrução não é imaginário ou arbitrário, mas sim conforme ao processo da natureza eterna na formação do átomo ou de um mundo, uma margarida ou um homem. Cada um é, por sua vez, símbolo do outro. Daí vem as palavras da Tábua de Esmeralda: *"O que está em cima é igual como o que está embaixo"*. Todas as coisas exteriores são, pois, símbolos e incorporações de ideias pré-existentes, e desse reino ideal subjetivo é que todas as coisas invisíveis emanaram.

Partidos religiosos, sociedades secretas, seitas de toda espécie, constituíram o panorama variável da vida religiosa do mundo durante os últimos oitocentos anos, E, ao lançarmos nossas vistas ao passado, desde nosso ponto atual, será difícil, às vezes, discernirmos as tradições místicas, se não possuímos a chave, tão alto se elevam os clamores dos diversos ritos e tendências dentro da Umbanda, que são a expressão exterior de nossa fé interior.

A Umbanda já está codificada nestas, em palavras: **AMOR E CARIDADE**. A liturgia, a ritualística e a doutrina, por mais elaboradas que sejam, por mais belas, nada valem se o corpo mediúnico do Terreiro não estiver sendo motivado por estes dois sentimentos.

Sendo assim, que os pretensos "codificadores" e "restauradores" da Lei de Umbanda, tenham uma crença inabalável em Zeus, Senhor do Olimpo, pois precisarão de força hercúlea para realizar a façanha de englobar em uma só realidade, em uma a só Doutrina, tanta diversidade, tantas formas de se amar e praticar a Umbanda.

(Trecho de: Ricardo Machado)

Neste capítulo estaremos discutindo, não uma "codificação da Umbanda", coisa que não existe e nunca existirá, mas sim, as "Linhas Mestras", regras morais e espirituais, dadas pelo senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, que devem ser seguidas rigorosamente, a fim de elaborarmos um trabalho espiritual e material eficiente, longe das mistificações, fins pecuniários, festivais, vaidades, ignorâncias, malandragens, rituais barulhentos, totemismos, fetichismos, superstições, dançarias, magias esquisitas, idolatrias, feituras de santo, adereços, roupas coloridas, camarinhas, ebós, sacrifícios de animais, rituais complexos, oferendas e despachos disparatados, e ai por fora.

O Caboclo nos legou as regras básicas, simples, mas seguras, de como os umbandistas deveriam se portar em suas vidas materiais, espirituais, e nos trabalhos mediúnicos umbandísticos. São regras calcadas nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, mas, são "Linhas Mestras" e não codificações.

Primeiramente, vamos entender o que seria codificação e Linhas Mestras:

- **Codificação:** *"Ato ou efeito de codificar"* – **Codificar:** *"Reduzir a códigos"* – **Código:** *"Coleção de regras e preceitos".* Um comando (ordenar, mandar) ou proibição de realizar uma determinada ação ou omissão.

- **"Linha"**: *"Série de pessoas ou de objetos dispostos numa mesma direção" – "Orientação teórica adotada por um grupo"*.

- **Mestra:** *"Tudo aquilo que serve de ensino ou de que se pode tirar alguma lição; principal, fundamental".* Ou seja, orientação principal, fundamental.

Portanto, "Linha Mestra" é o termo próprio e efetivo para se referir ao que o Caboclo das Sete Encruzilhadas preconizou e que devem ser seguidas por todos os umbandistas, pois são diretrizes que nos darão segurança para nossas práticas religiosas/espirituais, nos livrando dos achismos, das idiossincrasias e dos personalismos.

70 ANOS DA INCORPORAÇÃO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

"(...) A fundação dos sete templos que deviam formar o alicerce desta religião foi concretizada ao termo de mais de 20 anos de trabalho construtivo, ininterrupto. Provas extraordinárias de um poder superior, milhares de curas de enfermos que a medicina terrena desenganara, esclarecimentos doutrinários em aulas semanais, na residência do médium, em Neves, Niterói, através das quais a entidade preparava moral e espiritualmente os seus auxiliares, foram os pontos principais para efetuar a primeira parte da missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Desses sete templos, que nasceram na casa por ele fundada em 16 de novembro de 1908 – a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – (a denominação espírita era devida ao fato de não ser a Umbanda reconhecida como culto religioso, não se permitindo legalizar sociedades com esse nome) – centenas de outras surgiram, visando a disseminação da doutrina de amor e fraternidade que, embora muito conhecida através do Evangelho, raramente era praticada.

Nesse crescimento religioso, que a partir de 1930 tomou vulto extraordinário, nem todos os dirigentes souberam manter a função de missionários da espiritualidade. A vaidade, a ignorância, as tentações que a "vil moeda", como dizia o Caboclo, exerce sobre o homem, são as principais responsáveis pelo grande número de Centros, Tendas ou Cabanas que usam o nome de Umbanda pela vibratória intensa do termo – sem, contudo, seguirem as normas estabelecidas pela entidade, desvirtuando a verdadeira codificação elaborada em longos meses de estudos e trabalho prático.

Nem todos souberam manter o “slogan”: “Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade”. E então, o modesto uniforme branco de algodão deu lugar, nalgumas casas que se diziam umbandistas, a vestimentas coloridas, luxuosas, onde a renda e o lamê de alto custo deslumbram o assistente, dando-lhe uma impressão de luxo e estabelecendo, indevidamente, a diferença de situação econômica entre os membros de uma comunidade religiosa.

O ritmo seguro dos cânticos teve o complemento dos instrumentos de percussão, atraindo o Guia não mais pela concentração da mente, mas, principalmente, pelo ritmo de música nativa.

A presença dos Caboclos, nos Terreiros, deixou de objetivar exclusivamente a prática da caridade, para constituir uma reunião festiva, na qual os médiuns, incorporados ou não, dançam – não a dança sagrada que constituía parte dos cultos da antiguidade, mas a dança profana, sem significação nenhuma de religiosidade.

E, com o correr dos tempos, o conceito “daí de graça o que de graça recebestes”, foi esquecido naqueles locais, sendo substituído pelos cartazes que estipulam preço para “consultas” de Pretos-Velhos, de Exus e das “Ciganas”.

A magia que o Caboclo das Sete Encruzilhadas e os seus auxiliares praticavam, incorporados em médiuns cônscios de suas responsabilidades, para curar, retirar obsessores, encaminhar os desviados da trilha do amor fraterno e da caridade, deu lugar à magia terra-a-terra, regada de sangue e motivada pela ambição de maior lucro financeiro.

A Umbanda cresceu e difundiu-se. Milhares de Templos cumprem sua missão de caridade e de esclarecimento.

Centenas de casas que, sob o nome de Centros Espíritas ou Templos de Umbanda, nada mais são do que locais de comércio ilegal da mediunidade, aos quais, por vezes, falta até mesmo a mediunidade mais elementar; desvirtuaram os objetivos elevados da doutrina, obrigando-nos a dizer que nem tudo o que traz o nome de Umbanda, é realmente, Umbanda.

Neste mês de novembro, quando celebramos 66 anos da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando prestamos nossa homenagem, com respeito e gratidão, a Zélio de Moraes, que até os últimos dias de sua vida, com 84 anos, dedicando as horas, quase todas do seu dia ao cumprimento da missão que lhe foi delegada – julgamos oportuno lembrar a necessidade de congregar todos os Templos umbandistas que seguem, nos conceitos e na prática, o Evangelho de Cristo, a doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas, para que a Umbanda continue crescendo e se difundindo cada vez mais, sem permitir que sejam deturpados os seus propósitos.

Existem, é justo dizer, numerosos Templos que, embora adotando vestimentas coloridas, atabaques e rituais complexos, dirigem os seus trabalhos apenas para o bem, seguindo os conceitos evangélicos, objetivando a melhora íntima dos seus componentes. Isto nos leva a sugerir o retorno à antiga denominação de Umbanda, “Linha Branca” para as Tendas que seguem o ritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinando como “Linha de Nação” os que se enquadram na descrição acima. Feita, assim, a distinção apenas dos rituais, permanecendo os conceitos do bem, do amor e da fraternidade, seriam mais facilmente afastados da comunidade umbandista os falsos sacerdotes que utilizam o sagrado nome da Umbanda em benefício de suas aspirações pessoais de vaidade e de enriquecimento ilícito.

A TULEF (Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade), como descendente de um dos sete Templos fundados, nas primeiras décadas deste século, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, conserva o ritual preconizado pela entidade: uniforme branco, sem adornos, sem os vistosos penachos que nada significam, pois, na realidade, a denominação Caboclo caracteriza apenas uma classe no plano astral – sem atabaques, sem palmas ritmadas, sem sacrifícios de sangue, sem admitir preço para o atendimento espiritual, pois os nossos médiuns não aceitam, nem esperam, retribuição material pelos benefícios prestados, através de sua mediunidade, aos irmãos que vêm a esta Casa em busca de uma palavra de conforto, de um lenitivo para as dificuldades da vida terrena ou de um simples esclarecimento doutrinário”.

(Lilia Ribeiro – 1972)

Pelas observações da repórter e dirigente espiritual Lilia Ribeiro, que conviveu com Zélio de Moraes, e dirigia o seu Terreiro pautado nos ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, vislumbramos como deveriam ser os trabalhos da Umbanda e de como deveriam se portar seus médiuns. São “Linhas Mestras” simples e objetivas, que se forem seguidas rigorosamente, colheremos frutos positivos em todos os sentidos em nossas mediunidades e nos trabalhos umbandísticos.

Alguns umbandistas dizem: *“A Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas é formada em dois pilares principais: o espiritismo e o catolicismo”.* Refutamos tal dissertativa, por não verdade. A Vovó Benta bem explica a aparente “influência” de outras religiões e filosofias na Umbanda:

"(...) Vovó Benta, como à senhora definiria a Umbanda? – *É nossa casa, zi fio... eh, eh. UM com a Banda, religião que renasce em terras brasileiras numa tentativa que a espiritualidade faz de "reunificar" os ensinamentos sagrados que se fragmentaram através dos tempos. É o resgate da magia dos grandes mestres ancestrais que nela se apresentam na simplicidade dos Espíritos Guias e Protetores, usando a mediunidade dos encarnados (...)".* (Trecho extraído do livro: "Enquanto Dormes", pelo Espírito de Vovó Benta, psicografado pela médium Leni W. Savischi)

Portanto, nada se cria, tudo se copia, resignificado. As verdades são eternas. A Umbanda aceita tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal, calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso. Cada religião que surge, cresce baseada em princípios de outras mais antigas, resignificando tudo; assim é desde o principio dos tempos.

AS "LINHAS MESTRAS" PRECONIZADAS PELO SENHOR CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade em Sessão de Caridade

Encimado os ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas dispostos no Módulo I desta obra, disponibilizaremos as "Linhas Mestras" direcionadoras do movimentos umbandista instituído pelo Caboclo. Observamos que os umbandistas em geral, seguiram duas das "Linhas Mestras" instituídas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por imposição da espiritualidade positiva de cada Terreiro:

- Não haverá sacrifício de animais;
- Não haverá cobranças por trabalhos espirituais.

As outras "Linhas Mestras", possivelmente, pela ignorância, vaidade, idiossincrasia, personalismo e/ou achismo, preferiram por relegar ao esquecimento os fundamentos primordiais da Umbanda, inserindo em seus Terreiros, suas doutrinas e cultos, suas preferências doutrinárias e ritualísticas, criando as "Modalidades de Umbanda".

Vamos as "Linhas Mestras" colhidas por nós em todo o trabalho do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Colocá-las-emos aleatoriamente, pois as mesmas não seguiram um curso didático, mas, foram, com o tempo, estabelecidas pelo instituidor da Umbanda:

1) **A bandeira da Umbanda é Caridade, Amor e Humildade.**

"A liturgia, a ritualística e a doutrina, por mais elaboradas que sejam, por mais belas, nada valem se o corpo mediúnico do Terreiro não estiver sendo motivado por estes três sentimentos: Caridade, Amor e Humildade". (Trecho de Ricardo Machado, extraído de: http://vozesdearuanda.wordpress.com", com adaptações do autor)

2) **Sem atabaques ou qualquer outro tipo de instrumento de percussão, bem como a não utilização de palmas ritmadas.**

"O Caboclo das Sete Encruzilhadas não admitia atabaques e nem mesmo palmas nas sessões. Apenas os cânticos, muito firmes e ritmados, para a incorporação dos Guias e a manutenção da corrente vibratória" (Zélio de Moraes).

"Não havia Umbanda antes de 1908. Havia a chamada Macumba, que era feita pelo Candomblé, por causa das oferendas aos Santos. A Umbanda não é Macumba, não é Candomblé. Na Umbanda não se usa isso. Nós não batemos tambor (nota do autor: atabaque)*. Quem bate é Macumba. Nossa Umbanda não tem tambor e nem palmas, nem roupa de seda.* (Zélio de Moraes)

3) **Dá ênfase a simplicidade dos rituais, que permite a dedicação integral do tempo das sessões ao atendimento fraterno dos necessitados.**

4) **Dá de graça o que de graça se recebe.**

Não se aceita retribuição financeira e/ou presentes pelos atendimentos fraternos ou pelos trabalhos realizados, sejam eles quais forem. Inclusive, em Umbanda do senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas não existe "Lei de Salva"; só existe: *"Daí de graça o que de graça recebestes"* (Mateus 10:8b).

"A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto (nota do autor: Umbanda)*".* (Caboclo das Sete Encruzilhadas)*,*

"(...) Meus irmãos; as outras Tendas nepotistas podem fazer aquilo que bem desejarem, poderão fazer o que quiserem, mas eu posso garantir uma coisa; o meu aparelho nunca aceitou a vil moeda em troca de uma cura ou de um feito, porque a vil moeda só serve para atrapalhar o homem ou a mulher médium. E vocês sabem perfeitamente que existem Tendas que aceitam. Nós temos uma choupana no mato, do Velho Pai Antonio; naquela época diversos cheques por cura foram dirigidos ao meu aparelho e eu dizia não pegue, e ele devolvia. Por isso meus irmãos, que vocês possam fazer a caridade, possam receber de Deus sua misericórdia e que todo médium tome fazer o bem, curar com suas mãos, com sua reza, andando numa linha reta, numa consciência pura e limpa, e não reverter a vil moeda, enfim, olhar para o seu semelhante como se fosse um verdadeiro irmão, com este amor de irmão para irmão..". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

"(...) A Umbanda tem progredido e vai progredir muito ainda. É preciso haver sinceridade, amor de irmão para irmão, para que a vil moeda não venha a destruir o médium, que será mais tarde expulso, como Jesus expulsou os vendilhões do templo". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

5) **Jesus e seus ensinamentos são os pilares centrais da Linha Branca de Umbanda e Demanda. O aspecto doutrinário do desenvolvimento mediúnico é embasado no Evangelho de Jesus, na reforma íntima, e serão bastante severos os testes que irão considerar aptos os indivíduos que devem cumprir a missão de manifestar o Espírito para a caridade, a mediunidade na Umbanda. O Cristo planetário é tido como o "Mestre Supremo".**

"(...) será a característica principal deste culto (nota do autor: Umbanda) *que tem base no Evangelho de Jesus, e como Mestre Supremo, o Cristo".* (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

6) **Sem roupagens coloridas, sem balandraus, sem rendas e lamês, ou qualquer tipo de adornos ou adereços regionais externos, tipo: cocares de penas, capacetes, chapéus, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, ternos, smoking, bijuterias, etc. Esses tipos de coisas não pertencem a Umbanda. O vestuário utilizado, tanto para homens como para mulheres, é composto de tecido modesto e simples (algodão), somente brancos; Em Umbanda não existe roupas sacerdotais, mas, somente uniformes. Os calçados são de pano grosso (lona), com solado de corda (tipo Alpargata Rueda) ou descalço.**

"Capacetes, espadas, adornos, vestimentas de cores, rendas e lamês não são aceitos nos Templos que seguem a sua orientação (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas)*. O uniforme é branco, de tecido simples"* (Zélio de Moraes)*.*

"Aqui, em meu Terreiro, se usa roupa simples de algodão e sapato de corda ou descalço. Não tem seda e nem luxo". (Zélio de Moraes)

7) **As guias (colares) usadas são somente as que determinam o Guia Espiritual que se manifesta.**

"A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium" (Zélio de Moraes)

8) **Abomina o sacrifício de animais, quer para homenagear Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios e/ou demandatórios para obtenção de favores de qualquer ordem.**

"O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca determinou o sacrifício de aves e animais, quer para homenagear entidades, quer para fortificar a minha mediunidade" (Zélio de Moraes).

9) **Aceita os Sagrados Orixás, não como deuses, mas sim como denominações humanas para os Poderes Reinantes do Divino Criador.**

Os Sagrados Orixás não são deuses em si *("deuses: plural de Deus" – "Deus: Ente infinito e existente por si mesmo; a causa necessária e fim último de tudo que existe")*, mas sim, toda uma egrégora possuidora de consciência e hierarquia de elevado grau de espiritualidade, luz e pureza, propiciando a manifestação da vida em todos os sentidos. Não existe um deus Orixá. Exemplo: Não existe um deus Ogum, mas simplesmente uma reserva energética sagrada, um Poder Reinante Ogum do Divino Criador presente a atuante numa faixa material e espiritual especifica, da Natureza. Dentro da faixa energética (egrégora) Ogum, comandada por um Anjo Planetário, que por sua vez também é coordenado por um Arcanjo Planetário, perfazem um trabalho com grupos de Espíritos humanos, filiados por afinidades fluídicas.

Não achamos correto denominar os Orixás de "deuses", pois são mais umas das Hierarquias de Deus, assim como toda a Sua criação. Classificamo-los como "Sagrados" (*Sagrado vem do latim "sacrare" – sagrado, consagrado, venerável, respeitável*). A Divindade Una é só Deus, pois Ele é a união de todas as Suas Hierarquias. O que conhecemos no dia-a-dia, com atuações diretas, os Sagrados Orixás, não são deuses personalizados em si, mas sim, Espíritos de alta envergadura espiritual, Anjos Planetários, voltados à lida terrena, que criam e comandam as energias primárias da Natureza. Devemos diferenciar os Espíritos superiores nominados por nós de Orixás, poderes dirigentes e emanadores das forças da Natureza, com a força elemental agreste da Natureza em si. Os campos de ação dos Sagrados Orixás são bastante abrangentes, pois vão desde os arquétipos até as formas concretas. De certo ângulo, os Sagrados Orixás representam a "consciência do corpo etérico" do Logos Planetário. Toda a circulação de energia, material ou espiritual, no Planeta Terra, é efetuada e assistida pelas egrégoras denominadas de Orixás.

Portanto, como dissemos, não existem deuses chamados Orixás, mas sim, Espíritos de alta envergadura espiritual, Orixás Essenciais (Espíritos Arcangélicos) e Orixás Sustentadores (Anjos Planetários), que comandam a "força" Orixá, e Orixás Mediadores (Espíritos Superiores) que irradiam a "força Orixá, e nos atendem sempre que clamados, e se dispõem a estarem conosco, como meta prioritária de nossa evolução. Devemos por nossa parte, nos dispor a estar com eles; mas, não são deuses, e sim, pais e mães sublimes. Supremo é somente Deus; Divindade Una é somente Deus Pai. Deus é um só.

A Umbanda não tem sujeição a Orixás como os cultos afros, pois estes cultos têm formas bastante definidas, que contrariam, e muito, os fundamentos umbandisticos. A Umbanda tem como objetivo principal o trabalho com Espíritos humanos, os Guias e Protetores Espirituais (Espíritos Tutelares), para a caridade, usando os elementos da Natureza, tudo baseado no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e nos ensinamentos crísticos, e não apenas cultuar ou oferendar os Orixás, assim como fazem os cultos afros, que, aliás, não trabalham com incorporações de Espíritos desencarnados, considerados por eles, Eguns. Para a Umbanda a reverência aos Sagrados Orixás se faz de modo discreto, através de orações, amor, oferendas simples quando se está no sítio vibratório correspondente para captação de energias, mas sem, contudo, "adorá-los", pois a adoração suprema só se deve a Deus Pai. Honramos com veneração aos Sagrados Orixás, para que haja uma interação magnética de amor, agradecimento, irmandade e gratidão.

Então, Orixás são Poderes Reinantes do Divino Criador, os Espíritos Arcangélicos (Orixás Essenciais) e Anjos Planetários (Orixás Sustentadores) que perfazem todo um trabalho Divino no Planeta Terra, criando e manifestando a vida em todos os sentidos. Os Espíritos Superiores militantes na "força" Orixá que são os dirigentes diretos da Umbanda são os que nominamos de "Orixás Mediadores", também conhecidos como "Pais de Segredo". Os Espíritos que militam na "irradiação Orixá" são os Guias e Protetores Espirituais, enviados dos Orixás Mediadores. As vibrações primárias dos Anjos Planetários (Orixás Sustentadores) chegam até nós através dos sítios vibratórios da Natureza (mar, rios, cachoeiras, montanhas, matas, fontes, praias, lagos, etc.). A Natureza terrena em si é a consubstanciação materializada da força Orixá, mas não sua emanação espiritual.

10) **Sem cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antonio manifestado em Zélio de Moraes: *"Festa é fazer Caridade".* Em datas específicas, são efetuadas "Sessões de Reverência"** *("Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado")* **aos Sagrados Orixás, ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos normalmente.**

"(...) sendo totalmente incabível o culto aos Orixás na Linha Branca de Umbanda e Demanda (Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas), uma vez que não é creditado a existência de deuses mitológicos africanos, o que por si só já anula a utilização de tradições e lendas, usados para compilar os ritos de matriz africana (...)". (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade)

11) Não há determinação ou razão de dizer se alguém é "filho" ou tem "ancestralidade" deste ou daquele Orixá. Isso é preceito de cultos afros; não é fundamento da Umbanda.

Na acepção da palavra não temos ancestralidade e nem somos "filhos dos Orixás", mas sim, temos ancestralidade e somos "filhos de Deus Pai", e somente através das infindas encarnações necessárias à nossa evolução, vamos sendo irradiados pelos Poderes Reinantes do Divino Criador, os Sagrados Orixás. Corroborando essa afirmativa, de que somos filhos de Deus, vejamos o que diz São Paulo em 1 Coríntios 6 - 19/20: *"(...) Ou não sabeis que o vosso corpo é o Templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso Espírito, os quais pertencem a Deus" (...).* Portanto, somos e pertencemos a Deus; nosso corpo e nosso Espírito é a presença de Deus. Devemos glorificar e santificar a Deus em nosso corpo e em nosso Espírito. Portanto, não somos "filhos de Orixás" – somos "filhos de Deus Pai". Essa questão de Orixá na cabeça com suas manipulações e obrigações, é própria e exclusiva de cultos afro e não da Umbanda. Não teria lógica sermos filhos de um Orixá, pois claramente, o termo filho designa: *"descendente, oriundo, procedente, resultante",* e isso somos somente de Deus Pai.

Em cada encarnação, somente estaremos sendo irradiados pelos Poderes Orixás, condutores de toda formação física e espiritual terrena, por injunções cármicas ou dármicas.

"Todos são filhos de Deus, e para Deus tem que voltar um dia".

"(...) Como se trata de Espíritos, que possuem objetivos pré-determinados em suas manifestações, e é isso que os une em grupos distintos, cultuam-se todas as Sete Linhas indiferentemente, pois não existe também o conceito do médium ser filho(a) de um determinado Orixá, ou de um par de Orixás (um masculino e outro feminino) ou mesmo de sua natureza provir ou fazer parte de uma determinada irradiação cósmica, tradição e crença vinda de cultos africanos e trazidos à tona por outras vertentes surgidas com forte influência ocultista e esotérica. Entende-se aqui, que o Espírito quando criado possui a sua energia particular que o acompanha por toda a sua existência e por todas as suas encarnações, é individual assim como a evolução é individual também. É uma máxima da doutrina espírita que é creditada também na Linha Branca de Umbanda e Demanda. O que existe, é apenas uma maior aproximação de frequência na energia única e particular do médium com a Linha vibratória (que é puramente terrena e material) de uma das Sete Linhas e saber disso ajuda (mas não determina) o desenvolvimento mediúnico (...)". (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade)

Em consulta a um dos dirigentes da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o Sr. Carlos Hebling, esposo da Srª Lygia (neta de Zélio de Moraes, dirigente atual da Tenda), nos informou que, em certo momento, quando um médium já está integrado aos trabalhos espirituais, o Guia Espiritual responsável pelo desenvolvimento deste médium (geralmente um médium antigo, um dos coordenadores da Tenda), solicita que seja feita uma guia (colar), magneticamente ligada ao "poder Orixá" que acoberta a vida espiritual do medianeiro. Essa cobertura é tão somente para fins de atuações medianímicas do médium com os Guias Espirituais que lhes dão assistência. Não é questão desse médium, ter sujeição, ou "ser filho" deste ou daquele Orixá, com direitos às obrigações e coisas tais (como efetuados pelo Candomblé, ou mesmo pelos Terreiros que seguem com afinidades aos rituais afros), mas, como dissemos, são tão somente ligações fluídicas que vão determinar tipos de trabalhos espirituais. Esta guia é usada em dias de Sessões Caritativas, com fins de apoio defensivo do médium.

12) Não há "obrigações" (deitadas, camarinhas, ebós, borí, comidas, oferendas, etc.) para Orixás;

"*A verdade é que estão corrompendo a Umbanda, obrigando santo, dar obrigações para o santo, tirando o dinheiro dos filhos de santo".* (Zélio de Moraes)

Os Orixás e os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, moral, ações, intenções e não por objetos materiais, oferendas, despachos, que não têm nenhum poder sobre eles. Não podemos admitir que objetos materiais possam ter uma virtude qualquer sobre as manifestações, seja para provocá-las, seja para impedi-las. Espíritos que são atraídos pelos materiais das oferendas ou dos despachos, com certeza, ainda estão presos em seus egos, e demonstram suas inferioridades, não podendo de forma alguma externarem fluidos salutares. Não nos esqueçamos: Oferendas e despachos são magias, e lidam com as forças da Natureza, e não com os Espíritos.

Oferenda: "*Objeto ou coisa qualquer que se oferece: presente; dádiva"*. Diz-se na Umbanda, que oferenda é uma intercessão magística, composta por materiais de alta vibração, para captar magnetismos positivos da Natureza, ou melhor, para harmonizar vibrações.

Quando estamos oferendando, seja por vontade própria ou quando orientado, é pelo simples fato de que o oferendante necessita de certos tipos de energias etéreas elementais, difíceis de adquirir por meios próprios, seja para uso espiritual, saúde ou material (e só conseguirá obter êxito se for merecedor).

Quando fazemos uma oferenda, os seres elementais da Natureza a serviço da "força" Orixá manipulam energeticamente os materiais constantes do trabalho, e fazem com que essas energias poderosas (o ectoplasma individual de cada elemento da oferenda) retornem para quem ofertou. É simples. Por isso, ao fazermos uma oferenda, resolvemos muitos de nossos problemas. Mas, os problemas resolvidos são os internos, pois sairemos do local do onde oferendamos restabelecidos de energias vivificantes e teremos coragem de lutar pelo que queremos. Quando conseguimos obter algum favor material através de uma oferenda, com certeza, a oferenda contribuiu tão somente com as energias necessárias para que tomássemos a iniciativa de melhorar.

De nada adianta querer, com uma simples oferenda, firmar, atrair ou mesmo "assentar" um Orixá num filho de fé. Isso é pura ilusão; é enganoso. Orixá se assenta e se atrai com moral elevada, santidade das intenções e mente ilibada. Essas manipulações, muitas vezes de suma importância, somente atuam energeticamente e etericamente no próprio oferendante, muitas vezes mudando e limpando emanações deletérias agregadas em seu corpo material, áurico ou no duplo-etérico.

Vejamos a opinião de um humilde Preto Velho:

(...) "*... Os Orixás, que nós muito respeitamos; Senhores da Luz Primaz, esta energia cósmica e Onipresente, não necessita culto. Eles são o que são com ou sem o reconhecimento dos filhos de fé! São como a luz do sol, que muito embora desponte no horizonte em seu carrilhão de fogo quando ainda muitas criaturas ainda dormem, nem por isso brilha menos na sua majestosa apoteose de luz!...*" (...)

(...) "*... A Umbanda desceu ao plano físico para que a humanidade, compreendendo sua existência, reverenciasse o Criador dos Mundos, O Senhor dos Universos, Deus, Nosso Pai Celestial.*

A Umbanda se fez presente através da força dos Senhores Solares como uma benção em favor das ignorâncias estagnadas, intelectualizadas, que hipertrofiam seus cérebros com conhecimentos e esvaziam seus corações de sentimentos mais dignos! As forças gigantescas do Universo, os Portentosos Senhores do carma, não necessitam ser cultuados, bastando que Os respeitem através do amor incondicional ao próximo e que representem este amor, não acendendo velas em seus santuários nem com oferendas em seus congás; mas que Os reverenciem na luz interior de seus próprios corações, reeducados no serviço ao próximo e na comunhão de todos no sentido da elevação da consciência através dos ensinamentos dos Grandes senhores Avatares que já estiveram aqui neste mundo, como Moisés, Krishna, Buda, Zoroastro, Jesus…" (...)

Pai João do Congo. (Página recebida pelo médium: João Batista Goulart Fernandes).

"Precavenham-se, os umbandistas, principalmente contra as vulgarizações de "obrigações" cada vez mais freqüentes que lhes são exigidas do Espaço por "dá cá aquela palha". Os pais de Terreiros, autênticos e amigos, não exigem compromissos ridículos e até censuráveis por parte dos filhos e por qualquer banalidade". (Trecho extraído do livro: Missão do Espiritismo – pelo Espírito de Ramatis – 4ª edição – Livraria Freitas Bastos – 1984)

13) Não há manifestações mediúnicas (incorporação) de Orixás (Essenciais e Sustentadores).

"Orixá não se incorpora. São Espíritos que trabalham na sua irradiação, não na sua força. Não são os Orixás que se incorporam, mas são os seus enviados" (nota do autor: Orixás Mediadores). (Zélio de Moraes)

14) Não há "feitura de cabeça", "fazer o santo", nem coroação de médiuns.

"Na Umbanda não existe feitura de cabeça nem coroação. Eu não acredito nisso. O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca mandou "fazer cabeça" de ninguém. Isso não Existe. Nem isso, nem coroação". (Zélio de Moraes)

"Tenho ouvido que muitos umbandistas aqui na Guanabara estão "fazendo santo". Médium fazer santo? Eu não creio nisso. Trazemos isso do berço; Ninguém bota santo na cabeça dos outros". (Zélio de Moraes)

15) A primazia dos atendimentos fraternos se dá com Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos.

Os Protetores Espirituais (Caboclos Sertanejos, Caboclos D Água, Baianos, Ciganos), trabalham auxiliando os Guias Espirituais, atuando mediunicamente, principalmente em trabalho de desopressão, integrados, e não em Linhas distintas.

16) **A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas e possíveis despachos demandatórios.**

Espíritos da luz não se manifestam para bebericar. Quando um Espírito manifesta-se na incorporação, por breves momentos sente-se como que "encarnado", podendo desejar sentir novamente as sensações provindas das bebidas, e se o faz com desmandos, com certeza é a presença de um Espírito inferior que quer se utilizar do medianeiro para satisfazer seus meros instintos; se comedido, não o descaracteriza como um obreiro do bem, mas, devemos coibir totalmente o uso de alcoólicos. Na maioria das vezes é o próprio médium que gosta de ingerir bebidas alcoólicas, e se utiliza do animismo, consciente ou inconscientemente para isso. A importância magística das bebidas é a manipulação dos elementos em fermentação (lúpulo, cevada, cana, uva, etc.) e não o álcool em si. Não existe manipulação magística na ingestão de alcoólicos.

17) **Faz largo uso de ervas em defumações, banhos, amacis, e o uso ritualístico de Tabaco.**

18) **Promove concentrações nos sítios vibratórios da Natureza (praias, florestas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, etc., para refazimento energético, harmonizações e captação de energias sublimes).**

"Os banhos de ervas, os amacis, as concentrações nos ambientes da Natureza, a par do ensinamento doutrinário, na base do Evangelho, constituem os principais elementos de preparação do médium". (Zélio de Moraes)

19) **Incentiva o estudo e promove a educação mediúnica e doutrinária, reservando 01 dia da semana para tais misteres.**

20) **Dá ênfase aos Descarregos (desobsessões), presentes em todas as Sessões, principalmente as caritativas.**

"Mesa de Descarrego" em atividade na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

"Em nossas Sessões, temos a preocupação de curar os loucos (descarregos/desobsessões). Já foram curados muitos, que estavam em sanatórios e que eram de outras religiões. Eu trabalho com o Orixá Mallet, de Ogum, que foi trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para curar os loucos e obsedados". (Zélio de Moraes)

"(...) O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da Caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de Magia Negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos (...)". (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

21) **Todo o conjunto de trabalhos espirituais são chamados de "Sessões" *(Espaço de tempo que dura uma atividade. Período de tempo)*.**

Esse assunto foi amplamente explanado neste livro, no capítulo: "A Modalidade Umbanda Crística", no item: "Linhas gerais sobre a Umbanda Crística".

22) **Observa com atenção, as seguintes orientações: *"São três os perigos que ameaçam o médium: 1º) A vaidade; 2º) O assistido e a médium mulher para o médium homem e vice-versa; e, 3º) E o dinheiro. A vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior".***

23) **A Falange de Trabalhos Espirituais dos Exus e das Pombas-Gira da Lei só atuam mediunicamente em processos demandatórios, trabalhos de defesa e desmanches de magias negras. Não são realizadas Sessões especificas com Exus e Pombas-Gira, e nem procedem a atendimentos fraternos públicos.**

Entrevista gravada por Lilia Ribeiro, em fita cacete (fita de nº. 50, disponibilizada em nosso site, no ícone: "Documentos Históricos da Umbanda) com a voz do Sr. Zélio Fernandino de Morais no dia 22 de outubro de 1970, que faz algumas referências aos Exus:

Lilian Ribeiro: Sr. Zélio, é sobre o trabalho dos Exus. Existem Tendas que dão consultas com Exus em dias especiais além das consultas normais de Pretos-Velhos e Caboclos. Como o Sr. vê isso?

- Zélio: *Eu sei disto, que há muitas Tendas que trabalham com Exus, eu não gosto porque é muito fácil se manifestar com Exu, qualquer pessoa médium, um mau médium se manifesta com Exu, basta ter um Espírito atrasado; ou também fingindo um Espírito, por isso não gosto e fujo disto, na minha Tenda não se trabalha com Exu por qualquer motivo.*

Nota do autor: Vejam que o Sr. Zélio diz: *"(...) na minha Tenda não se trabalha com Exu por qualquer motivo (...)"*; podemos notar que o trabalho com os Exus seria um trabalho "especial", ou seja, seria chamado somente em casos de necessidade e para resolver problemas específicos. Os Exus Umbanda não são Guias e Protetores Espirituais, portanto, não procedem à atendimentos fraternos; isso é reservado somente aos Guias e Protetores Espirituais gabaritados para tal mister. O Sr. Zélio também nos diz sobre a problemática da facilidade de mistificação, podendo ocorrer puro animismo, ou a presença de obsessores kiumbas ou de Exus Pagãos. Isso é uma coisa muito séria. A roupagem fluídica dos Exus Umbanda, bem como seus modos de ser, muito próximos aos humanos, facilitam, e muito, a mistificação consciente ou inconsciente por parte de médiuns incautos.

Lilian Ribeiro: Mas o Sr. não considera o Exu um Espírito trabalhador como todos os outros Orixás?

- Zélio: *Depois de despertado, porque o Exu é um Espírito admitido nas trevas; depois de despertado, que ele dá um passo no caminho da regeneração é fácil ele trabalhar em benefício dos outros. Assim eu acredito no trabalho do Exu.*

Nota do autor: Nesta pergunta, quando o Sr. Zélio diz *"depois de despertado, que ele dá um passo no caminho da regeneração é fácil ele trabalhar em benefício dos outros"*, pode-se notar que estes Espíritos pretendem um local melhor, pretendem uma posição melhor e para isto escolheram o trabalho caritativo nos Terreiros de Umbanda.

Lilian Ribeiro: Não haverá casos em que outros Orixás vibrando em outras Linhas não possam resolver de imediato alguns problemas de filhos e, não seria o Exu aí o mais indicado para resolver, por estar mais perto materialmente, por estar mais aceito nos trabalhos materiais?

- Zélio: *O nosso Chefe, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nos ensinou assim, isto faz 60 anos, que o Exu é um trabalhador. Como na polícia tem soldado, o chefe de polícia não prende, o delegado não prende, quem prende são os soldados, cumprem ordens dos maiorais, então o Exu é um Espírito que se encosta na Falange, que aproveita para fazer o bem, porque cada passo para o bem que eles fazem vai aumentando a sua luz, de maneira, que é despertado e vai trabalhar, quer dizer, vai pegar, vai seduzir este Espírito que está obsedando alguém, então este Exu vai evoluir. É assim que o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos ensinava.*

Lilian Ribeiro: De que modo o Exu é um auxiliar e não um empregado do Orixá ou vice-versa?

- Zélio: *Eu não digo empregado, mas é um Espírito que tende a melhorar, então para ele melhorar ele vai fazer a caridade junto com as falanges, correndo em benefício daqueles que estão obsedados, despertando e ajudando a despertar o Espírito para afastá-lo do mal que ele estava fazendo, então ele se torna um auxiliar dos Orixás.*

"Para o bom êxito dessas atividades caritativas, têm esses Guias (nota do autor: Guias Espirituais da Umbanda) *como seus auxiliares, Espíritos de todas as categorias, de todas as origens, mesmo de condição e mais atrazada, obedientes e identificados com as finalidades, animados de boa vontade, prestando os servições que lhes são pedidos, ordenados e possíveis na medidas de suas forças, num exercício que constitue a mais eficaz e produtiva escala de aperfeiçoamento moral primário, sem que prejudicada possa ser essa educação moral, pela liberdade que lhes é permitida nos seus usos e costumes familiares, caracterizando sua origem, com as quais se tornam possíveis aqueles que se utilizam dos seus serviços no seu próprio benefício e dessa causa santa, porque beneficia toda a humanidade". (Texto de: José Rodrigues Lopes de Barros (Aprendiz). Diário Carioca – Quarta-Feira, 22 de Fevereiro de 1933 – página 08)*

"(...) Exus, como bem exemplificado por Leal de Souza em 1933, são Espíritos com baixo grau evolutivo. O que os diferencia dos demais ao mesmo tempo em que permite a sua manifestação nos rituais de Umbanda, é o seu conhecimento sobre magia, manipulação de energia, que pode ter sido adquirido tanto em vida, quanto já depois do desencarne. Possuem, portanto, grau de evolução baixo se em comparação com os Espíritos das demais 06 Linhas – já que Exu se encontra na sétima, a "Linha de Santo", que possui Santo Antônio como patrono – por este motivo, a sua manifestação na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e nos ritos dirigidos pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, sempre ocorreu debaixo de grande respeito e cuidado, com médiuns, data e local específicos. Geralmente, a manifestação de Exus se fazia e ainda se faz somente necessária nas Sessões de Descarga, Sessões estas fechadas ao público, pois tem a única finalidade de fragmentar todo e qualquer resquício de energias negativas existentes na Tenda e nos médiuns integrantes. As consultas não são autorizadas, pois como bem afirmado logo acima, é seguido o entendimento que não há o porquê de se consultar Espíritos que na maioria dos casos possuem o mesmo ou inferior grau de evolução que o consulente. São os Espíritos mais atrasados e mais cegos a se manifestarem na Umbanda. Não há vantagem, pois ainda necessitam de instrução. Mas fica claro, que Exus são cultuados na Linha Branca de Umbanda e Demanda sim; podem fazer suas descargas e trabalhar quando permitido, mas não dão consultas, ***assim como não se faz obrigações para a aproximação ou melhor contato mediúnico com esta qualidade de Espíritos nos seus respectivos médiuns*** *(...)".* (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antonio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) – (nota do autor: colocamos uma parte da última frase em negrito para que todos atentem que em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas não se usa das tais "obrigações" para firmar Exu e Pomba-Gira em nenhum médium)

Quando dizem que Exus e Pombas-Gira são Espíritos "inferiores, cegos, e de baixo grau evolutivo", não estão querendo desmerecê-los. Vamos explicar melhor, para que não fique pairando dúvidas entre os mais apaixonados, achando que estão denegrindo-os.

Fica claro que os Exus e Pombas-Gira são Espíritos recém egressos da Reino da Kimbanda (do baixo astral – das trevas humanas). São Espíritos que como nós, ainda estão presos aos seus egos, mas depois de despertos, são valorosos trabalhadores do bem. Os Exus e as Pombas-Gira têm missões especificas no plano astral e com a Umbanda, a fim de que, com o tempo, possam se libertar de seus erros passados.

Sabemos que, todos, estamos encarnados num Planeta considerado inferior, em estado evolutivo; portanto, todos os Espíritos que estão em processos reencarnatórios na Terra, encontram-se ainda presos na materialidade, dirigindo suas vidas pautadas geralmente em fatores instintivos, pois ainda não desenvolveram satisfatoriamente o raciocínio consciencial, que somente é formado exercitando os ensinamentos de Jesus, que nos trouxe o "código de moral", os ensinamentos básicos para o desenvolvimento do ser. Somente o dia que praticarmos os ensinamentos de Jesus em toda a sua plenitude, vivenciaremos o que realmente é ser um humano.

Os Guias Espirituais nos dizem que somente 10% dos ensinamentos evangélicos foram entendidos por alguns seres viventes. 90% dos ensinamentos evangélicos ainda não foram compreendidos, absorvidos e praticados pela humanidade. Aliás, pouquíssimos humanos, por pura opção (o Evangelho está disponibilizado a centenas de anos, nos quatro cantos do mundo), não estudam o Evangelho.

Como resultado dessa inadequação do Evangelho Redentor, ainda não conseguimos raciocinar tendo consciência, e agimos instintivamente em todos os setores da vida. Assim é com quase toda a humanidade. Por isso ainda vivemos espiritualmente e psicologicamente em estado precário. Somos praticamente instintivos em todos os setores da vida. Conhecemos alguns sábios, filósofos e religiosos que conseguiram o despertar do raciocínio consciencial, agindo em todos os setores da vida com compaixão; são eles: São Francisco de Assis, Santa Clara, Santo Antônio, São Benedito, Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Irmã Dulce, Madre Teresa de Calcutá, Sidarta Gautama (Buda), Krishna, Lao Tzu, Confúcio, Hilarión de Monte Nebo, entre outros.

Os Exus e Pombas-Gira guardam em seus Espíritos, todo o conhecimento adquirido nas infindas encarnações que tiveram; com certeza erraram muito perante as Leis Divinas, e foram recolhidos nos porões das Trevas humanas, onde iniciaram suas expurgações. Num dado momento, arrependidos de seus erros, clamaram pela Justiça Divina, e esta, solicita, enviou seus mensageiros divinos para socorrê-los.

Acolhidos, foram selecionados para fazerem parte da Umbanda como Tarefeiros, iniciando suas evoluções conscienciais com missões caritativas.

Essas missões têm início quando cada um desses Espíritos se destaca da consciência de massa, quando já não é meramente instintivo. Está movido pela vontade de evoluir e pode aprender a controlar sua natureza ilusória terrestre. Quando cada um desses Espíritos é convocado por merecimento a fazer parte do grande trabalho de defesa e proteção nas Casas onde manifesta-se a Espiritualidade Maior, concordam em dominar sua natureza inferior e harmonizá-la com o seu ser interior. Com isso vão gradativamente exercitando o raciocínio consciencial, para um dia, gabaritarem-se a serem Protetores Espirituais. Daí por diante, suas ascensões são aceleradas, pois acolhem as crises como aprendizados e não mais como situações indesejáveis de que procuram escapar.

Para cada um desses Espíritos se purificarem e evoluírem, tem que passar por missões evolutivas, e o fazem integrados às hostes de luz em trabalhos caritativos nas trevas humanas, socorrendo, auxiliando, conduzindo a todos que necessitem, com o auxilio dos Espíritos evoluídos. Portanto, os Exus e Pombas-Gira são Espíritos recém egressos das trevas em evolução constante através da caridade desmedida, mas, não são Guias e Protetores Espirituais. Por ainda encontrarem-se raciocinando somente pautados em seus instintos, em atendimentos fraternos agem em conformidade com a materialidade, nos passando, muitas vezes, orientações calcadas tão somente na vivencia material ilusória e não nas orientações evangélicas e crísticas. Não é assim, que nós, ditos humanos, agimos?

Os Guias Espirituais (Caboclo da Mata e Pretos-Velhos), Espíritos da Luz, já possuem desenvolvidos em estado avançado, o raciocínio consciencial, vivendo todos os momentos de suas vidas com compaixão e sabedoria. Já se encontram em patamares espirituais superiores, atingindo o mérito se serem os Espíritos Santos de Deus, as Santas Almas Benditas, os Espíritos Tutelares. Os Guias Espirituais Caboclos da Mata e os Pretos-Velhos), se gabaritaram, pelas suas sabedorias, a conhecerem profundamente as causas do sofrimento humano, tendo plenas condições de atenderem fraternalmente a quem os procura, com a segurança evangélica, pautados nos ensinamentos crísticos, pois são efetivamente, evangelizadores.

Como exemplo, podemos citar um hospital. Os Guias Espirituais (Linhas Mestras) são os médicos coordenadores; os Protetores Espirituais (Linhas Auxiliares e Secundária) são os médicos residentes; os Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei) são os enfermeiros. Você teria coragem de deixar seu filho doente para ser diagnosticado, operado e tratado por em enfermeiro? Quem tem a capacidade de diagnosticar e tratar doenças, realizar cirurgias, receitar remédios? Os enfermeiros são Tarefeiros valorosos que cumprem o determinado pelos médicos; os enfermeiros não têm autonomia perante um doente; somente realizam as tarefas que lhes são conferidas pelos médicos. Cada um realiza trabalhos únicos em suas especialidades.

Por isso, na Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, os Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira) não serem recrutados para procederem a atendimentos fraternos. É por ainda encontrarem-se presos à seus egos, às suas ilusões, à materialidade, como todos nós, não utilizando o raciocínio consciencial, procedendo a consultas rompantes e totalmente dirigidas com orientações instintivas, não pautando-as nos evangelhos e nem nos ensinamentos crísticos. Com isso não estamos querendo dizer que Exus e Pombas-Gira são seres perversos e sem cultura; não. Somente queremos dizer que suas orientações são calcadas nos valores ilusórios humanos, e sabemos que os atendimentos fraternos só devem ser efetuados pautados na moral evangélica e nos ensinamentos crísticos, coisa que somente Guias Espirituais estão gabaritados para a fazerem.

Os Tarefeiros trabalham ostensivamente no auxílio aos obsedados, e, no trato direto com os obsessores, principalmente os kiumbas, que vêm do Reino da Kimbanda, despertando-os das suas letargias mentais, convencendo-os a se integrarem às Falanges trabalhadoras do bem. Os Tarefeiros pretendem um local melhor, uma posição espiritual melhor, e para isso escolheram o trabalho da caridade nos Terreiros de Umbanda em médiuns conscientes e evangelizados. Os Tarefeiros são realmente a milícias da espiritualidade, e trabalham comungados às Linhas de Trabalhos Espirituais da Umbanda.

Já lemos e ouvimos de umbandistas, que Zélio de Moraes não trabalhava ostensivamente com Exus pelo fato de que em época, estes Espíritos eram em sua totalidade, seres trevosos, ignorantes, viciados, e que hoje, já evoluíram e podem então trabalhar normalmente nos Terreiros, tendo inclusive Sessões exclusivas para eles. Muito estranha e incoerente essa dissertativa.

Se a humanidade em dois mil anos ainda não conseguiu absorver 10% dos ensinamentos de Jesus, como pode um simples Espírito recém egresso das trevas, em simples 50, 80 ou 100 anos evoluir o suficiente para se gabaritar a dar atendimentos fraternos caritativos com noções de ensinamentos crísticos??? Até os Espíritos Guias, seres da luz, “piam miudinho” nos atendimentos caritativos. Portanto, dizer que os Exus evoluíram o suficiente desde Zélio até hoje, se gabaritando para atendimentos fraternos, é puro achismo.

Segundo informações da Srª Lygia, neta de Zélio de Moraes e atual dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o primeiro Exu que incorporou na Tenda, sendo seu responsável, é o Sr. Marabaroo, sendo sua primeira médium a Srª. Zilka, irmã de Zélio de Moraes e posteriormente passou a trabalhar com um médium da Tenda, conhecido por "Sr. Pinto". Zélio de Moraes em 67 anos de trabalhos mediúnicos ininterruptos nunca "incorporou" um Exu.

24) **Dá ênfase a questão de que Guias e Protetores Espirituais não "vêm em terra" só para bebericar, dançar, jogar conversa fora, brincadeiras, demonstrações circenses, fortificar mediunidades ou quaisquer atitudes pueris. Somente manifestam-se espiritualmente para instruções doutrinárias, e/ou para práticas humanitárias.**

"-(…) o Chefe (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas) *acha que espiritismo não é pra perder tempo, que o Espírito baixa, é pra fazer caridade, ou pra ensinar, o chefe não sai daí; ou pra ensinar, ou pra fazer Caridade…".* (Zélio de Moraes)

"(...)O Caboclo Sete Flechas não gosta desse negócio de dançar, dançar, dançar; Caboclo vem em terra para trabalhar (...)". (Zélia de Moraes Lacerda – filha de Zélio de Moraes)

"(...) A presença dos Caboclos, nos Terreiros, deixou de objetivar exclusivamente a prática da caridade, para constituir uma reunião festiva, na qual os médiuns, incorporados ou não, dançam – não a dança sagrada que constituía parte dos cultos da antiguidade, mas a dança profana, sem significação nenhuma de religiosidade. (...)". (Lilia Ribeiro, dirigente da Tenda Espírita Luz, Esperança, Fraternidade, nascida da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendas fundadas pelo senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas)

25) **Para militar como médium umbandista, o Caboclo das Sete Encruzilhadas dá ênfase a Moral, que nada mais é do que um conjunto de virtudes, adquiridas no estudo e aplicação sistemáticos do Evangelho Redentor.**

"(...) É preciso ter muito cuidado, haver moral, para que a Umbanda progrida e seja sempre uma Umbanda de humildade, amor e caridade (...)". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

26) **Dá ênfase à questão da "predisposição sensual incontida", onde, inadvertidamente, os médiuns caem pelo "fator sexo", entre irmãos, dirigente e/ou assistidos, fato considerado escabroso e escuso, jamais aceito pelos Guias e Protetores Espirituais, e se ocorrer, provocará a queda do médium com o afastamento dos Guias e Protetores Espirituais.**

"O perigo do médium homem é a consulente mulher, do médium mulher, o consulente homem. E preciso estar sempre de prevenção porque os próprios obsessores, os próprios Espíritos que atacam as vossas casas fazem com que toque alguma coisa ao coração da mulher que fala com o pai de Terreiro, como faz atacar o coração do homem que fala a mãe de Terreiro. E é preciso ter muito cuidado, haver moral para que a Umbanda progrida e seja uma Umbanda de humildade, amor e caridade". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

Vamos a um relato concernente, de um dirigente umbandista consciente, que vem corroborar essa "Linha Mestra" do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

QUEDAS E FRACASSOS DE MÉDIUNS. CAUSAS PRINCIPAIS: VAIDADE, DINHEIRO E SEXO. HORRORES QUE OS ESPERAM NO ASTRAL PELO QUE "SEMEAREM EMBAIXO, COLHERÃO EM CIMA". AS ADVERTÊNCIAS DOS GUIAS E PROTETORES. DISCIPLINA – CASTIGO – ABANDONO.

Esses são assuntos áridos, sobre os quais todos se escusam de falar ou de escrever e, quando o fazem, é por alto, indiretamente. Nós vamos abordar essa questão de maneira mais direta possível, pois visamos assim, tão somente, a levar um brado de alerta àqueles que estão predispostos a esses erros e mesmo para os que já caíram neles, visto termos a esperança de que nossa sincera advertência ainda possa chegar a tempo do recuo, da salvação ou da regeneração. Ora, é com grande tristeza, bastante desolado mesmo e sem o menor resquício de querer ser melhor do que ninguém (pois também temos nosso karma bem pesado, por erros de pretérito), que vimos, dentro de uma serena e acurada observação, quase que direta, sobre pessoas e casos, testemunhando, constatando, como é grande o número de médiuns fracassados ou decaídos e, o que é pior, sem termos visto ou sentido neles o menor desejo de reabilitação sincera, pautada na escoimação real de suas mazelas, de suas vaidades, de suas intransigências etc.

O que temos observado cuidadosamente na maioria desses médiuns fracassados são os tormentos do remorso que, como chagas de fogo, queimam-lhes a consciência, sem que eles tenham forças para se reerguerem moralmente, pois se enterraram tanto no pântano do astral-inferior, se endividaram tanto com os "marginais do astral" que, dentro dessa situação, é difícil mesmo se libertarem de suas garras.

Isso porque o casamento de fluidos entre esses médiuns fracassados e esses “marginais do astral” – os kiumbas – já se deu há tanto tempo, que o divórcio, a libertação se lhes apresenta dentro de tais condições de sofrimento, de tais impactos, ainda acrescidos de renúncia indispensável a uma série de injunções, que o infeliz médium decaído prefere continuar com seus remorsos.

É duro, duríssimo mesmo, se libertar de um kiumba que entrou, há muitos anos, na faixa de um aparelho pelas suas antenas mediúnicas em distúrbio e cujo legítimo Protetor ou Guia – Caboclo ou Preto-Velho – o tenha abandonado por causas morais, principalmente quando o seu caso foi sexo ou dinheiro. Mas situemos desde já, dentre os diversos meios pelos quais os médiuns têm fracassado, os três aspectos principais ou os três pontos vitais que os precipitam nos abismos de uma queda mediúnica etc. Ei-los:

1º) **A vaidade excessiva**, que causa o empolgamento e lança o médium nos maiores desatinos, abrindo os seus canais medianímicos a toda sorte de influências negativas.

2º) **A ambição pelo dinheiro fácil,** exaltada pelo interesse que ele identifica nos “filhos-de-fé” em lhe agradar, em lhe presentear, para pedir favores, trabalhos, pontos, afirmações etc., que envolvem elementos materiais.

3º) **A predisposição sensual incontida**, que lhe obscurece a razão, dada a facilidade que encontra no meio do elemento feminino que gira em torno de si por interesses vários e que comumente se deixa fascinar pelo “cartaz” de médium chefe... de “chefe-de-terreiro”, babá etc.

Como a **coisa** começa a balançar a moral-mediúnica desses aparelhos?

O **1º Caso** – **O da vaidade excessiva:** uma criatura, homem ou mulher, tem o dom mediúnico. Naturalmente que o trouxe de berço, isto é, desde que se preparava para encarnar. Em certa altura de sua vida, manifesta-se a sua mediunidade. Eis que surge o Protetor – Caboclo ou Preto-Velho.

Como no médium de fato e da Corrente Astral de Umbanda a entidade também é de fato, é claro que ela faz coisas extraordinárias. Cura. Ajuda. Aconselha. Tem conhecimentos irrefutáveis etc. São tantos os casos positivos do Protetor através da mediunidade do médium, que logo se forma em torno dele uma corrente de admiração, e de fanatismo também.

A maioria dos elementos que o cercam, diante das coisas que veem, são levados a agradar, a bajular, e com essas coisas, inconscientemente, vão-lhe incentivando a vaidade latente. Isso de forma contínua. A maioria desses médiuns não estudam, porque também não receberam ou não se interessam por uma preparação mediúnica adequada.

O Protetor faz o que pode e deve (respeitando o livre-arbítrio), isso é, ensina, doutrina, alerta pelos canais mediúnicos: na manifestação, nas intuições, nos avisos etc.

Mas acontece sempre que o médium, devido a fortes predisposições à vaidade, começa por não dar muita atenção aos conselhos, às advertências que o seu Protetor vem fazendo; chega a ponto de se julgar o tal, quase um “pequeno deus”. Ele pensa que a força é dele, que o Protetor é dele – é propriedade sua.

O médium vai crescendo em gestos, em palavras, pois que todos se acostumam a acatá-lo em respeitoso silêncio, quando não, pelo medo ou por interesse próprio.

Vai crescendo a sua vaidade e logo começa a fazer exibições mediúnicas.

Ele começa a praticar uma coisa que será fatalmente a sua cova. Passa a “trabalhar” sem estar corretamente mediunizado (ou seja, pede apenas a irradiação do “Guia” de sua preferência sobre ele). A sua entidade protetora pode usar certos meios para manifestar o seu desagrado, mas respeita também o seu livre-arbítrio, é claro, pois até as Hierarquias Superiores respeitam esta faculdade.

Então, começam os desatinos, as bobagens e as confusões e a respectiva falta de penetração nos casos e coisas. Começa a criar casos, a ter preferências e outras coisas mais. Não obstante as reiteradas advertências do Protetor, ele continua. Eis que surgem os “transtornos”. Os seus canais mediúnicos, dada a faixa-mental que ele criou com os efeitos de sua excessiva vaidade, abre portas aos kiumbas, que entram na dita faixa.

Daí tem início uma série de absurdos, de envolvimento negativos etc. O ambiente do Terreiro sai da tônica de outrora. Tudo se altera. Nessa altura o médium percebe apavorado que o seu Protetor mesmo – aquilo que era bom, foi embora, deixou de sentir a positividade de seus fluidos benéficos.

No principio ele tem um tremendo abalo; depois, ah! Depois, ele vai se acostumando com os fluidos dos kiumbas etc., e mantém a sua excessiva vaidade de qualquer forma; não quer perder o “cartaz”.

Porém, as curas, a antiga eficiência, não há mais; muitos percebem e dão o fora; compreendendo que o "seu fulano não é mais o mesmo" e alguns até passam a olhá-lo com desprezo, e se afastam ironizando dele, muito embora, no passado, tenham se beneficiado com sua mediunidade.

O pobre médium que fracassou pela excessiva vaidade no íntimo é um sofredor; muitos se desesperam com o viver da arte de representar os Caboclos, os Pretos-Velhos etc. Enfim, ser um "artista do mediunismo" também cansa, porque a "descrença" é o "golpe de misericórdia" em suas almas.

O 2º Caso – O da ambição pelo dinheiro fácil: Aqui é preciso que se note a diferença entre o médium de fato que cai pela ambição desenfreada do vil metal e do "caso" em que se incluem centenas e centenas de espertalhões, desses vândalos que usam o nome da Umbanda e de suas entidades a fim de explorarem a ingenuidade da massa, de todas as maneiras. Esses são bem reconhecidos. Seus "Terreiros" são enfeitados, há muita bebida, os "comes e bebes" são constantes, há muita roupagem vistosa, enfim, esses "Terreiros" se caracterizam pelos cocares de penas multicores, pelos tais capacetes de Ogum, pelas espadas, pelas capas de cores, pelos festejos que fazem sob qualquer pretexto, onde os médiuns exibem tudo isso e mais os pescoços sobrecarregados de colares de louça e vidro como se fossem "condecorações". Tudo nesses ambientes é movimento, encenação, panorama.

São verdadeiras arapucas, onde tudo é duvidoso. Por ali se paga tudo. Desde uma consulta até um dos tais "despachos", até as famigeradas "camarinhas" com seus obis e orobôs para "firmar o santo na cabeça", do paspalhão que acredita nisso. Esses antros de exploração, que chafurdam o bom nome da Umbanda na lama da sujeira moral e espiritual, são fáceis de ser reconhecidos. De vez em quando os jornais dão notícias deles.

Mas voltemos ao caso do médium de fato, que fracassou pelo dinheiro.

É sabido que a Corrente Astral de Umbanda manipula constantemente a magia positiva (chamada de magia-branca) sempre para o bem de seus filhos-de-fé ou para qualquer um necessitado, venha de onde vier.

A magia, dentro de certas necessidades ou casos, requer determinados elementos materiais. São velas, flores, ervas, plantas, raízes, panos, pembas e até o fumo e certas bebidas. O fato é o seguinte: quando há mesmo necessidade disso, a entidade pede e a pessoa traz, ou providencia. (...).

A coisa quando é manipulada pelas entidades – os Caboclos, os Pretos-Velhos – costuma sempre dar certo. O resultado é satisfatório. De sorte que quase todo mundo que "gira" pelos Terreiros, pelas Tendas, sabe disso. Daí é que entra na observação do médium a facilidade, a presteza com que as pessoas se dispõem a fazer um "trabalhinho" para o seu bem, para abrir ou melhorar seus caminhos, etc.

De princípio ele obedece tão-somente às ordens do seu Protetor, quanto a esses aspectos. Depois, através de presentes, de agrados diversos dos beneficiados, ele começa a pensar seriamente na facilidade do dinheiro.

Então lança mão de uma chave: a questão da salva (nota do autor: pagamento), em dinheiro para seu anjo de guarda, para o cambono etc (...).

(...) Ora, o médium-magista então, ambiciosamente, começa a abusar disso. Começa por se exceder na salva, pedindo mais dinheiro. Passa a cobrar grosso em tudo e por tudo. Inventa "trabalhos" de toda espécie, assim como "desmanchos" e afirmações para isso e aquilo.

E os aflitos, os supersticiosos, os impressionáveis, os filhos-de-terreiro, dão e sempre com prazer, visto esperarem sempre uma melhoria ou uma vantagem qualquer por via disso (aliás, a tendência da maioria das pessoas que frequentam "giras", é pagar, gostam de o fazer).

Assim – ele, o médium – de tanto fazer trabalhos materializados, sempre por conta própria, mas tudo relacionado com os "Exus" (que é o espantalho para essa maioria de ignorantes, de simples, de ingênuos etc.) e que envolvem materiais grosseiros, acaba chafurdado na vibração pesada dos Espíritos atrasados, que passam a rondá-lo ou a viver em torno dele, ansiosos por esses tipos de oferendas.

A sua entidade protetora, como sempre, já lhes deu vários alertas que ele não levou na devida consideração, pois o dinheiro está entrando que é uma beleza. E nessa situação o aparelho já está "cego e surdo" a qualquer advertência e o seu Caboclo ou o seu Preto-Velho, que, para ele, já são incomodativos, visto temer que se manifestem mesmo de fato nele e levantem toda essa sujeira, desmoralizando-o (como tem acontecido), se afastam e deixam-no envolvido com o baixo-astral, com quem já esta conluiado, pois ele, o médium, tem o sagrado direito de usar o seu livre-arbítrio como bem queira, já o dissemos.

Porém, chega dia em que esse infeliz aparelho necessita de uma firme proteção para um caso duro e apela para a presença do verdadeiro guia e nada.

Abalado, dentro de um tremendo choque, aterrado mesmo, ele verifica que os fluidos são de Exu e de outros, bastante esquisitos e que lhe causam mal-estar e que não tinha percebido antes, claramente.

Alguns ainda param, fazem preceitos, para o anjo da guarda, enfim, pintam o sete, para ver se o Protetor volta, porém, nada.

Então, comumente se deixam enterrar mais ainda nesses aspectos, porque afinal de contas o dinheiro é coisa boa e traz muito consolo por outros lados.

Todavia, apesar da fartura do dinheiro fácil reconhecem depois de certo tempo que é um dinheiro maldito; passam a viver com a consciência pesada, irritados e sempre angustiados. O fim de todos eles tem sido muito triste; ou surgem doenças insidiosas, ou os vícios para martirizá-los por toda a vida ou acabam seus dias na miséria material, pois a moral já é uma cruz que ele carrega desde o princípio de seu fracasso mediúnico.

Agora falemos do **3º Caso** – **A queda pelo fator Sexo:** Esse é um dos aspectos mais escabrosos, um dos mais escusos e uma dos mais difíceis de ser perdoados pela entidade protetora.

É um caso que está intimamente ligado ao 1º, ou seja, o da vaidade excessiva. Um se completa, quase sempre, com o outro, e às vezes os três juntos.

Temos em nossos 26 anos de Umbanda, assistido, constatado, identificado, positivamente, a situação ou as condições de vários médiuns que caíram desastrosamente por causa do elemento sexo.

É que esse é um dos fracassos mais duros de ser suportado, não resta a menor dúvida, porque mais do que nos outros, a moral do médium fica na lama em que ele se sujou. Por mais que eles digam e se desculpem de toda forma, ninguém se esquece, ninguém consegue apagar da lembrança a causa do seu fracasso.

É uma mancha, que, mesmo que ele tenha se regenerado completamente, mesmo assim, não se apaga.

Já dissemos como é que o médium de fato é logo envolvido pelas criaturas, com admiração, bajulações e fanatismo. Ele sente um constante endeusamento em torno de si e quase que sem sentir vai caindo na faixa da vaidade. Particularmente (convém repetir) se sente muito visado pelo elemento feminino, que tem a propensão para se deixar fascinar pela mediunidade, mormente quando a vê num homem bem apessoado.

Bem, todo médium que trabalha na faixa da luz, no combate a todas as mazelas, especialmente contra o baixo-astral – convém sempre que o lembremos – é avisado constantemente pelas entidades protetoras de que sua regra de todo instante é o "orai e vigiai".

Por quê? Porque o baixo-astral que ele contraria, por força de sua mediunidade positiva, fica na sombra aguardando uma oportunidade para atacá-lo.

Logo, se ele tem um ponto fraco qualquer, nesse caso, uma forte predisposição sensual, é certo que esse mesmo baixo-astral lançará mão de todos os recursos para instigá-lo nessa parte.

Então, como não podem atacar diretamente, costumam fazê-lo, lançando sobre ele a tentação do sexo através de algum elemento feminino que o cerca e que por sua própria natureza é fraco. Isso no caso do homem-médium. No caso da mulher médium é a mesma coisa. Essa cai mais depressa. Lançam o elemento masculino sobre elas e pronto; quase não tem muito trabalho, pois a mulher tem uma ponte de contato maior, muito maior do que o homem, para o baixo-astral – é sua natural vaidade que é logo decuplicada, e pronto; é difícil escapar (há exceções, é claro. Estamos nos referindo **à** causa comum do fracasso).

Mas que não haja dúvidas do seguinte: o médium é alertado, pela sua entidade protetora, de todos os aspectos negativos que o cercam. Exercem uma constante vigilância sobre ele e nada acontece a esse médium se ele está dentro da moral ou da "linha justa". Agora, se esse médium, usando de seu livre-arbítrio, dentro de uma incontida predisposição, já por ter criado pela vaidade uma série de condições negativas, vira as costas à moral e à "linha justa", construiu a ponte de contato mental ou vibratório para as influências inferiores.

Dentro dessas condições ele está repelindo as influências benéficas e protetoras de suas entidades, que se vêem jogadas a um segundo plano.

E é por tudo isso que, nessas questões, nesses casos de médiuns-fracassados por causa de forte incontinência sexual ou pelo irrefreável sensualismo em torno de mulher ou moça de seu próprio Terreiro, não tem desculpa, ou melhor: um ou outro, excepcionalmente, dadas certas condições particularíssimas de sua vida, foram desculpados, porém, dentro do ultimatum de ser o primeiro e o último.

Porque, infelizmente, é duro, mas, nós vamos dizer: todos os fracassos, todas as quedas de médiuns, quer seja homem ou mulher, tem se dado, invariavelmente, com elementos ou criaturas que estão dentro do Terreiro ou que fazem parte do corpo mediúnico, isto é, criaturas que estão sob a responsabilidade moral e espiritual do médium-chefe.

Não é que estejamos nos arvorando de Juiz – longe disso! Quem somos nós para isso. Estamos nos baseando, tão-somente, na observação fria, no fato inconteste de que, quase todos eles – os médiuns decaídos – foram abandonados pelos seus protetores imediatamente e esses protetores não mais voltaram.

E se abandonaram e não mais voltaram é porque não desculparam o erro ou os erros. E é claro, patente que, se esses Protetores não mais voltaram a ter ligações mediúnicas com o seu "aparelho", é porque ele não se regenerou, não entrou no sincero arrependimento, indispensável à verdadeira reintegração moral-mediúnica.

Assim falamos porque, além da observação direta, além dos esclarecimentos dados sobre o assunto por uma entidade amiga, temos acolhido as lágrimas de remorso de inúmeros irmãos que foram, no passado, médiuns de fato e que depois de terem usufruído por muito tempo de toda uma aparente situação, acabaram rolando pelo caminho da doença, da miséria material e moral.

Assim, queremos reafirmar aqui, em tintas negras, para esses irmãos médiuns que estão predispostos ou que prostituíram a sua mediunidade e que continuam dentro dessas condições, isto é, sem terem até o presente procurado o caminho da regeneração, sinceramente, humildemente, que a lei é dura e eles não podem nem imaginar o abismos de horrores que os esperam do outro lado da vida.

Esses médiuns decaídos, fracassados, que persistem no caminho do erro, quando desencarnarem se verão face a face com o cortejo de horrores, blasfêmias, ameaças e clamores de vingança daqueles que eles envolverem em suas tramas de erros, interesses mesquinhos, por via de seus trabalhos, de suas consultas erradas, de toda má orientação que deram a seus semelhantes. Por via da influência inferior que acolheram.

Verá todo aquele baixo astral, que ele arrebanhou para servi-lo através dos preceitos grosseiros em que ele se transviou, rir satanicamente, fazendo valer seus diretos de conluio, isto é, arrebatá-lo para o seu lado.

Verá, quando transpuser o túmulo (se desprender dos laços carnais, pela "morte") como num panorama tétrico, o desfilar em sua própria consciência de todos os seus desacertos.

A sua imaginação apavorada, exaltada, fará uma revisão tão precisa de seu passado, que tremendos pesadelos astrais o acometerão como hediondos fantasmas que não dominará e nem sequer poderá afastar de sua mente espiritual.

Angustiado, acovardado, se verá presa desse astral-inferior e dos irmãos que ele enganou e prejudicou na vida terrena.

Ele será arrebatado – quase sempre é assim – pelo astral inferior por muito tempo, até que a Providência Divina lhe dê uma chance para libertação.

Agora devemos reafirmar duas coisas. 1ª – Que nem todos os médiuns, por que são da Corrente de Umbanda e por força dessa circunstância tem de lidar com os efeitos do baixo astral, tendem fatalmente a serem atacados, a serem envolvidos, enfim, a fracassar. Não! Nos da corrente dita como kardecista, essas situações também acontecem; "aqui como lá, maus fados há".

Conhecemos também vários médiuns de fato que tem a proteção do seu "Caboclo, de seu Preto-Velho", desde o princípio, há 15, 20 e mais anos. Nunca se desviaram da linha-justa e nunca sofreram nada a não ser as naturais injunções ou provações de seus próprios karmas.

A 2ª reafirmação é a seguinte: que no caso de todos os médiuns fracassados, os seus Protetores muito lutaram para evitar as suas quedas; fizeram o possível e o "impossível". Muitos desses "Caboclos, desses Pretos-Velhos", chegam até a disciplinar, a castigar mesmo o aparelho, antes do abandono final. Por vezes, jogado numa cama, com pertinaz moléstia, por meses e até por um, dois e mais anos.

Dão-lhes certos tombos na vida material. Fazem ficar desempregados, passando necessidades etc. É como se diz na "gira de Terreiro"; "fulano está apanhando que só boi de canga".

Esses médiuns que estão dentro dessas condições disciplinares ficam revoltados, chegam até a xingar os seus Guias, etc., e costumam "correr outra gira", para ver "o que é que há com eles". E lá vão se queixar ao Protetor do outro, que naturalmente já sabe do que se trata. É quando "Preto-Velho" diz com muita propriedade: "*em surra de Preto-Velho eu não boto a mão*", ou então, "*quando Caboclo bate, não reparte pancada*".

Depois de uma séria disciplina, alguns desses médiuns se emendam, ficam com medo e não facilitam mais, isto é, começam a dominar a excessiva vaidade ou voltam à linha justa quanto à ambição pelo dinheiro ou às cobranças desregradas, ou sobrepujam as suas predisposições sensuais incontidas.

Porém, a maior parte desses médiuns, mesmo passando por uma disciplina, um duro castigo, mesmo assim, voltam a inclinar-se desastrosamente nas antigas e adormecidas predisposições, então "Caboclo ou Preto-Velho", vê que não há mais jeito, não adiantou o castigo, nem advertência, nem nada.

Assim, é um fato, é uma verdade que nenhum desses médiuns-fracassados ficou com o seu Protetor, em sua guarda, depois de terem errado, persistindo no erro.

Esses "médiuns" costumam se desculpar, depois, dizendo que caíram vítimas de demandas muito fortes etc., mas, não! Foi "força de pemba" mesmo. Foi a Lei que faz executar sobre eles o "semeia e colhe".

A "força de pemba" às vezes é tão grande, desce com tanta rapidez sobre o médium que prostituiu sua mediunidade que muitos são levados ao suicídio, à embriaguez e a vergonhas maiores.

Você, meu irmão umbandista (ou não) que acaba de ler tudo isso, sabe lá o quão doloroso é, para um médium, depois de ter sido admirado, acatado, respeitado, tido sua fase de glória mediúnica, acabar completamente desmoralizado, desprezado, em face de sua moral-mediúnica, sua moral-doméstica e social que ficou a zero.

Porque, meu irmão umbandista – cremos que você compreendeu bem o caso – não é o erro em si, porque errar é humano e afinal todos nós podemos escorregar, de uma forma ou de outra!

A questão é cometer o mesmo erro, é persistir nos mesmos erros. Caboclo e Preto-Velho não são carrascos, mas não podem acobertar erros nem a repetição dos mesmos erros.

(Texto extraído do livro: Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda", de: W. W. da Matta e Silva (Mestre Yapacany) – 2ª edição – 1982 – Livraria Freitas Bastos S/A)

27) O Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou como dever de todo umbandista, o estudo sistemático doutrinário do: "O Evangelho Segundo Espiritismo", "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", e, "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda", leituras que dão embasamento teórico à vida e ao desenvolvimento da mediunidade.

28) O Caboclo das Sete Encruzilhadas veio com a irradiação da Mãe Maria Santíssima, devotando-lhe grande afeição e amor, honrando-a e invocando-a em todas as Sessões.

(...) "*O Caboclo das Sete Encruzilhadas pertence à falange de Oxóssi, e sob a irradiação da Virgem Maria, desempenha uma missão ordenada por Jesus".* (...) (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933 – capítulo XXIII)

As sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas eram chamadas por ele de: *"Tendas de Maria".*

(...) *"As Falanges de Nossa Senhora, ensinam os Espíritos, são as mais numerosas da Linha Branca de Umbanda e Demanda, pois sob essa invocação, que o resume na Linha, o culto de Maria possui o maior número de adeptos, e para atendê-los em suas súplicas, qualquer que seja o seu credo, essas legiões incontáveis descem e sobem, incessantemente, do espaço à Terra, e da Terra ao espaço. Compreendem essas Falanges as entidades que viveram, na última encarnação, nas matas cortados pelos arroios ou rios, pelos Espíritos das regiões litorâneas, pelo povo do mar, pelos que foram, no mundo material devotados a Virgem Maria, e pelos que a esses se agregaram por afinidades".* (...) (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

Relembrando: Fazemos de nossas palavras, a de nosso confrade, Pai Valdo:

"A Mãe Maria Santíssima é a Estrela brilhante, encharcada da luz do amor e da misericórdia de Deus. Ela nos abraça, nos acolhe, nos cura e nos aponta o único caminho viável de ascender ao Reino de Deus, Reino de paz, e alegria permanentes, que é Jesus e o Seu Evangelho, quando vivenciado e amado.

A Umbanda nasceu dos braços de Mãe Maria Santíssima, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois o mesmo sempre teve a maior consideração devocional por esta Mãe de Amor, bem como foi o seu sinal que marcou a primeira Tenda mandada erigir por ele, sob o título de "Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade". Segundo as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: "Assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria aos que a ela recorressem nas horas de aflição".

Mãe Maria Santíssima é a Estrela da Umbanda. A sua vibração materna, a invocação de seu poder divinal está nos lábios, no coração e no trabalho de todos os Guias Espirituais; nos trabalhos dos Caboclos, na oração e trabalhos dos Pretos-Velhos.

Está enfim, em todas as atividades umbandísticas sérias, pois ela é o braço materno da misericórdia Divina a acolher os filhos que chegam com suas dores e problemas, e os encaminham amorosamente ao médico Divino que é Jesus, o Divino Pai Oxalá, seu amado filho.

A Umbanda venera, ama e concentra suas irradiações debaixo da bênção materna dessa Mãe Santíssima. Maria é a Mãe que nos ajuda na subida ao monte da perfeição, pela reforma íntima e trabalho assíduo em viver o Evangelho de Jesus.

Todo umbandista, nesta festa (religiosidade) de fé e alegria com a presença querida desta Mãe Santíssima, ouve e bebe suas palavras dirigidas aos nossos corações, vindas dos textos evangélicos, nas Bodas de Canaã: "Fazei tudo que Ele (Jesus) lhes mandar".

Os Guias Espirituais da Umbanda nos dizem:

- *Estás acabrunhado, busque Maria; ela é a Senhora da consolação.*
- *Estás desesperado, busque Maria; ela é a Mãe da esperança.*
- *Estás preocupado, busque Maria; ela é a conselheira materna e fiel.*
- *Estás doente, busque Maria; ela é a saúde dos enfermos.*
- *Estás triste, busque Maria; ela é a causa da nossa alegria.*
- *Estão lhe perseguindo e fazendo sofrer, busque Maria; ela é a defesa maternal.*

Em tudo, busque Maria; ela é a Estrela Matutina, refúgio e força dos fracos e imperfeitos, a Mãe do Divino Amor. A Umbanda sem a Mãe Maria Santíssima é uma Umbanda sem Jesus; e a Umbanda sem Jesus não é Umbanda, pois Ele é o Pastor Divino das Almas, que, por meio do Seu Evangelho Redentor nos ensina, e se torna o caminho para a felicidade, que consiste na implantação do Reino de Deus em nós.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas foi claro e tácito ao instituir o Movimento Religioso Umbandista no plano físico. Ele disse claramente: "...Vim para criar uma nova religião, baseada no Evangelho de Jesus e que terá como seu maior mentor o Cristo..."

Tendo a Umbanda como missão maior orientar e acolher os que sofrem, ajudando-os em sua caminhada encarnatória, e apontando-lhes o caminho da verdadeira libertação contida nos ensinamentos evangélicos, perderia seu status de religião, religação com Deus, se não tivesse no alto de sua fé, doutrina e ritual a imagem e presença de Jesus Cristo, nosso senhor e redentor. Não podemos, contudo, nos esquecer que Aquela que trouxe ao mundo encarnado a presença do Filho de Deus, foi esse Espírito iluminado, Mãe Maria Santíssima, que se tornou, assim, a Mãe de toda a humanidade e a intercessora maior, diante do seu Filho, em favor de todos nós, Espíritos caminhantes, endividados e carentes de fé, amor, paz e alegria".

**********//**********

Na história da fundação da Umbanda, lemos um relato da manifestação do Caboclo onde se diz: *(...) "Ao chegar à Federação foi convidado pelo dirigente daquela instituição a participar da sessão. Logo em seguida, contrariando as normas do culto, Zélio levantou-se dizendo que ali faltava uma flor. Foi até um jardim apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa" (...).* Apuramos o seguinte:

Num relato fonográfico histórico (fita nº. 45, disponibilizada juntamente com esse livro em nosso site), aos 09 minutos e 48 segundos... (pergunta de Solano) Deixa eu lhe perguntar. Foi na casa desse seu avô (Joaquim Fernandino Costa), que se conta o caso daquela primeira manifestação do Caboclo, quando ele diz – "...alí faltava uma flor..." – e que ele anuncia que no dia seguinte seria fundada (nota do autor: a Umbanda). (Zélia de Moraes responde). *Foi; porque nos morávamos com o meu avô"...* Com mais esse relato, se verídico, tiramos a conclusão de que a fala do Caboclo – "...ali faltava uma flor..." (uma rosa branca), deu-se numa reunião em casa de Zélio, também no dia 15/11, e não na Federação em Niterói. Com certeza, em casa de Zélio, existia um jardim. Portanto corrobora com a versão de que na Federação, no centro de Niterói, não haviam jardins a disposição tão facilmente.

Segundo os Guias Espirituais, muitos umbandistas consideram a "rosa branca" como símbolo da Umbanda, mas, não é isso que o Caboclo das Sete Encruzilhadas quis dizer com o ato.

O Caboclo, desde a primeira manifestação, fez questão de sempre ter uma rosa branca ao centro da Mesa de Trabalho (usada até os dias atuais), tendo-a como símbolo maior da presença da Mãe Maria Santíssima na Umbanda, bem como é grandemente utilizado o magnetismo sublime emanante da rosa, para manipulações energéticas necessárias aos trabalhos.

“Mesa de Trabalho” na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Repare o copo com a rosa ao centro da mesa

29) Em processos de invocação, afirmação, proteção, magia, descarregos, utiliza a formação da “Mesa de Umbanda”.

A Mesa de Umbanda se constitui por uma série de pontos (grafia sagrada) que são riscados à frente do Peji, na entrada do Terreiro, efetuados em todo e qualquer trabalho caritativo, de descarregos e afirmações. Os pontos cabalísticos riscados com Pemba representam uma grafia de projeção bidimensional de símbolos que se revestem de todo o poder mágico que as forças cósmicas lhe oferecem.

(...) *“Os pontos riscados são verdadeiros códigos registrados na “Confraria de Umbanda”, sediada no mundo espiritual. Eles identificam poderes, responsabilidades de Espíritos, tipos de atividade e os vínculos iniciáticos das falanges”* (...).

“Mesa de Umbanda” firmada na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

Nos pontos riscados, utilizam de Ponteiros: É um punhal pequeno, de preferência com cruzeta na manda, ou empunhadura. Serve para calcular o grau de eficiência dos trabalhos, pois as forças fluídicas contrárias, quando não foram quebradas, o impedem de cravar-se ou o derrubam, depois de firmado. Tem ainda a influência do aço, no tocante ao magnetismo e a eletricidade.

30) Dá ênfase a retidão de caráter e os princípios crísticos dos médiuns, para que possam ter mediunidades positivas.

"Desejar ao seu próximo aquilo que deseja para si, cumprir os mandamentos da lei de Deus é ser perfeito, e principalmente em qualquer religião, mas principalmente na religião Espírita, para que o médium seja um instrumento que possa ser tocado por qualquer professor de música que venha executar uma qualquer coisa, uma valsa, qualquer música enfim".

"É preciso que os aparelhos estejam sempre limpos, os instrumentos afinados com as virtudes que Jesus pregou aqui na Terra, para que tenhamos boas comunicações e proteção para aqueles que vêm em busca de socorro nas casas de Umbanda".

"Pois bem, sejam humildes, tragam amor no coração, mas amor de irmão para irmão porque as vossas mediunidades ficarão muito mais limpas e puras, sutil a qualquer Espírito superior que possa baixar. Que os vossos aparelhos estejam sempre limpos, que os vossos instrumentos sejam sempre afinados com as virtudes que Jesus aplicou na Terra para que tenham boas comunicações, boas proteções, para todos aqueles que possam em busca de socorro nas nossas Casas de Umbanda, nas nossas Casas de Caridade em todo o Brasil".

"(...) Fechai os olhos para a casa do vizinho; fechai a boca para não murmurar contra quem quer que seja; não julgueis para não serdes julgados; acreditai em Deus e a paz entrará em vosso lar. É dos Evangelhos (...)"

"Meus irmãos: sede humildes, trazei amor no coração para que pela vossa mediunidade possa baixar um Espírito superior; sempre afinados com a virtude que Jesus pregou na Terra, para que venha buscar socorro em vossas casas de caridade, em todo o Brasil (...)".

(Caboclo das Sete Encruzilhadas)

31) Trabalha integrado às "Sete Linhas de Umbanda", originalmente assim nominadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

1) Linha de Oxalá;
2) Linha de Ogum:
3) Linha de Oxossi;
4) Linha de Xangô;
5) Linha de Yemanjá (As entidades femininas de Nanã Buruquê e de Oxum se apresentam e trabalham dentro desta Linha);
6) Linha de Yansã; e,
7) Linha de Santo (também chamada de "Linha das Almas").

O Caboclo das Sete Encruzilhadas foi o primeiro a nomear "Sete Linhas de Umbanda". Para entendermos o porquê, vamos a alguns esclarecimentos:

"(...) Cada uma das Sete Linhas que constituem a Linha Branca de Umbanda e Demanda tem vinte e um Orixás. O Orixá é uma entidade de hierarquia superior e representa, em missões especiais, de prazo variável, o alto Chefe de sua Linha. É pelos seus encargos comparável a um general, ora incumbido da inspeção das Falanges, ora encarregado de auxiliar a atividade de Centros necessitados de amparo, e, nesta hipótese fica subordinado ao Guia geral do agrupamento a que pertencem tais Centros. Os Orixás não baixam sempre, sendo poucos os núcleos espíritas que os conhecem. São Espíritos dotados de faculdades e poderes que seriam terríficos, se não fossem usados exclusivamente em beneficio do homem. Em oito anos de trabalhos e pesquisas, só tive ocasião de ver dois Orixás, um de Oxossi, o outro de Ogum, o Orixá Mallet (...)". (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

Como *"Orixás não baixam sempre"*, Leal de Souza se refere aos "enviados diretos dos Orixás" (Essenciais e Sustentadores), os 21 Espíritos Superiores, que tiveram vida na Terra, nominados como Orixás Mediadores, pontificando cada Linha; esses sim incorporam raramente, em ocasiões especiais. Cada um dos 21 Orixás Mediadores, coordenam todos os Guias Espirituais militantes na Umbanda. As Sete Linhas na Umbanda são compostas por agremiações de Espíritos elevados (Orixás Essenciais e Sustentadores), comandada por Orixás Mediadores (Pais de Segredo), dirigida por Espíritos Guias (Caboclo da Mata e Pretos-Velhos), e auxiliada por Espíritos Protetores (Caboclo Sertanejos, Caboclos D´Agua, Baianos, Curandeiros e Ciganos), todos com objetivos comuns.

As atuações e posturas arquetípicas dos Espíritos Guias na Umbanda, manipulam os reservatórios de energia (Orixás) de cada Linha; por isso as "Sete Linhas de Umbanda" postadas como se fossem Orixás em si; nada mais seriam, do que Poderes Reinantes do Divino Criador, manipulados por Anjos a Arcanjos Planetários, distribuídas para 21 Espíritos Superiores nominados de Orixás Mediadores, que comandam Espíritos Guias, seus enviados, por afinidade fluídica. Isso tudo é para a Umbanda somente.

Como já explicamos anteriormente (no capítulo "A MODALIDADE UMBANDA CRÍSTICA", no subtítulo: "A Umbanda Crística trabalha integrada às "Sete Linhas Excelsas de Umbanda", assim nominadas"), o porquê de chamarmos de Linha Excelsa, quando nos referimos a Linha de Orixás.

A "Linha Excelsa de Santo" ou "Linha das Almas" é a denominação dada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para definir duas qualidades de Espíritos trabalhadores da Umbanda. Explicaremos sucintamente:

(...) *"Os trabalhadores espirituais da Linha de Santo, Caboclos ou Negros, são egressos da Linha Negra, e tem duas missões essenciais na Branca – preparam, em geral, os despachos propiciatórios ao Povo da Encruzilhada, e procuram alcançar amigavelmente de seus antigos companheiros, a suspensão de hostilidades, contra os filhos e protegidos da Linha Branca. Por isso, nos trabalhos em que aparecem elementos da Linha de Santo, disseminados pelas outras seis, estes ostentam, com as demais cores simbólicas, a preta, de Exu".* (...) (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

"A Linha de Santo é transversal, e mantém a sua unidade através das outras". (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

1ª Qualidade: Temos os Espíritos egressos do Reino da Kimbanda (Linha Negra) mais próximos à matéria, em busca da luz, de melhoria e de evolução, sendo muitos de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas. São os Exus e Pombas-Gira da Lei, sendo nominados na Umbanda Crística como "Tarefeiros" (Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda), supervisionados de perto pelas Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos, tendo como patrono e instrutor, Santo Antonio de Pádua, venerando da colônia espiritual denominada: "Fraternidade do Sagrado Coração de Maria". Em trabalhos caritativos, estão em transição para o escalão de Protetores (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais), dos Guias Espirituais (Caboclos da Mata e dos Pretos-Velhos). Os Tarefeiros são classificados como "Falangeiros" e não como Protetores, pois possuem grande capacidade ofensiva, mas, nenhuma flexibilidade, precisando do auxilio das "Linhas de Trabalhos Espirituais".

2ª Qualidade: Temos os Espíritos de caboclos, índios, negros, todos em franca evolução, também de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas. Outrora, alguns eram conhecidos como: "Caboclos e Pretos Kimbandeiros", e posteriormente: "Caboclos e Pretos Traçados" (Traçados numa alusão a também trabalharem na banda negra; Espíritos de ex-Exus e ex-Pombas-Gira em transição para um posto superior), e hoje, os Espíritos dos Caboclos e dos Índios "Traçados" são conhecidos como Protetores Caboclos Sertanejos e Protetores Caboclos D´Agua (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata). Os Espíritos dos Negros "Traçados" são conhecidos como Protetores Baianos (Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos). Em trabalhos caritativos, os Espíritos dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D´Agua e dos Protetores Baianos, estão em transição para o escalão superior de Guias Espirituais (Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos).

Existem ainda os Espíritos dos Ciganos, que foram integrados na Umbanda posteriormente, e, na Umbanda Crística, são nominamos de "Linha Secundária de Trabalhos Espirituais", pois é composta por Espíritos de mediana evolução, ainda muito presos aos seus egos, portanto, externando grandemente suas materialidades, mas, já se gabaritando em trabalhos caritativos; é uma Linha de Trabalho independente (como muitos pensam, não estão integrados na Linha do Oriente), não sendo auxiliar exclusivo de nenhuma outra, mas, trabalham sob a coordenação e supervisão direta das Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos. Embora os Ciganos então em transição para o escalão de "Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais", igualmente classificamo-los como "Protetores Espirituais".

Todos são acolitados pelos Orixás Mediadores (os 21 Orixás responsáveis por cada Linha Excelsa, também chamados de: "Pais de Segredo") coordenadores de todas as Linhas Excelsas, secundados pelas Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos, que os têm como: "Auxiliares".

Em época de Zélio de Moraes, não trabalhavam como hoje se fazem em muitos Terreiros, em Linhas distintas, mas sim, integradas às Linhas Mestras (Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos) como auxiliares, não sendo identificados como tais.

A "Linha de Santo" ou "Linha das Almas" pontifica uma das Sete Linhas Excelsas nominadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, o qual não foi explicitado o Orixá que a dirige. Em obra de Leal de Souza, "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda – 1933", lemos:

1º) *"Cada uma das sete Linhas que constituem a Linha Branca de Umbanda e Demanda tem vinte e um Orixás".* **2º)** *"Constatamos, em cada Linha, a inspeção constante de vinte e um Orixás, Espíritos dotados de faculdades e poderes extraordinários".*

Se cada Linha Excelsa tem a direção de um Orixá, e a inspeção constante de 21 Orixás ligados a este, chegamos a conclusão que a 7ª Linha (Linha de Santo ou Linha das Almas), também o têm, mas, não encontramos nenhum documento que o diz. Com as pesquisas efetuadas nas afirmações do Capitão Pessoa, um dos primeiros a ser formado dirigente de uma das sete Tendas do instituidor da Umbanda, chegamos a conclusão que o Orixá direcionador da "Linha de Santo ou Linha das Almas", é sem dúvidas: Omulú (a morte – o velho)/Obaluaê (a vida – o novo). São dois aspectos em um só. Um só poder, emanando duas irradiações distintas, interligadas.

Omulú

José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, fundada em 1935 – uma das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, referia-se muito a Omulú, inclusive tendo uma pintura com sua concepção (acima), em seu Terreiro (disponibilizada no periódico "O Semanário" – Ano III – número 91 – 1958), com sua mão sobre um cruzeiro, designativo das Almas, como seu comandante supremo:

No periódico "O Semanário" – Ano III – número 142, de 08 a 14 de Janeiro de 1959, o Capitão Pessoa diz que: *"O Grande Omulú, faz parte da Trindade da Umbanda na qual representa a poder da destruição* (nota do autor: Transformação)*",* e também da "Linha das Almas" (igualmente chamada de "Linha de Santo"), juntamente com os Omulús/Obaluaês, seus emissários.

Se o Capitão Pessoa assim acreditava, com certeza tinha a anuência do Caboclo das Sete Encruzilhadas, seu iniciador. A Tenda Espírita São Jerônimo era uma das mais atuantes em época (atendendo mensalmente, cerca de 30.000 pessoas), sendo grande divulgadora dos ensinamentos do instituidor da Umbanda.

Explicaremos pormenorizadamente a "Linha Excelsa de Santo ou Linha das Almas", no 3º Módulo, no capítulo "Os Guias e os Protetores Espirituais – Os Espíritos Tutelares":

32) Em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, louvam-se e trabalham com alguns Espíritos que em vida foram Santos Católicos, proeminentes.

Alguns Santos já eram pontificados pelos primeiros umbandistas. Aliás, como já vimos, foi um ex-padre jesuíta (Caboclo das Sete Encruzilhadas) com a colaboração de um Santo (Santo Agostinho), que vieram dar início a Religião de Umbanda. Entre as 07 primeiras Tendas de Umbanda, 06 homenagearam Santos, colocando seus nomes para designá-las: Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, Tenda Espírita Santa Bárbara, Tenda Espírita São Pedro, Tenda Espírita Oxalá, Tenda Espírita São Jorge, Tenda Espírita São Jerônimo. Alguns dizem que era pelo fato do sincretismo, mas refutamos tal dissertativa, pois a Umbanda não é sincrética; o sincretismo é das religiões afrodescendentes (Candomblés).

Segundo o antropólogo Reginaldo Prandi, o Candomblé timidamente veio para o Rio de Janeiro por volta de 1930 – portanto, a Umbanda já tinha 22 anos. Somente os culto-afros são sincréticos. O único sincretismo existente na Umbanda é dos arquétipos regionais dos Guias e Protetores Espirituais, ligando-os aos tipos sociais brasileiros.

Não nos esqueçamos que a Umbanda foi iniciada por Espíritos e não por Orixás. Eram "Sete Linhas de Umbanda" – Sete Linhas de Trabalhos Espirituais com manifestações mediúnicas de Espíritos e não Sete Linhas de Trabalhos Espirituais com manifestações mediúnicas de Orixás.

Essa questão da inclusão incisiva dos Orixás na Umbanda, com lendas africanas, obrigações, feituras de santo, etc., teve seu início com a Macumba, tendo seu ápice na década de 1950, pela influência obstinada do senhor Tatá Tancredo da Silva Pinto, criador e propagador do Culto Omolokô.

Seis das primeiras Tendas de Umbanda tinham como patronos Santos Católicos venerados pelo nosso povo. Se fosse sincretismo, com quem Nossa Senhora da Guia, e Nossa Senhora da Piedade, eram sincretizadas então?

O Espírito de Ramatis afirma a presença de Santos canonizados pela Igreja Católica na Umbanda, como Guias Espirituais: *"(...) Realmente, Espíritos de elevada estirpe sideral operam nas atividades de Umbanda; alguns deles foram até canonizados pela Igreja Católica e outros são conhecidos nas próprias sessões do espiritismo kardecista. Embora sejam entidades de luz, disfarçam-se sob o invólucro de "cascões perispirituais" evocados de sua configuração no passado, e misturam-se às falanges primitivas de Umbanda, habituando os seus comandados à prática do Bem (...)".* (Trecho Extraído do livro: "A Missão do Espiritismo – pelo Espírito de Ramatis – obra psicografada pelo médium: Hercílio Maes)

Segundo Yogananda ("Onde Existe Luz" – Self-Realization Fellowship): *"Os Santos são pecadores que não desistiram".*

O QUE É SANTO NA VISÃO ESPÍRITA?

André Luiz responde: *"É um atributo dirigido a determinadas pessoas que aparentemente atenderam, na Terra, à execução do próprio dever."*

Os Santos são chamados de socorristas, e estes trabalham e não querem outro pagamento a não ser adquirir vontade de serem bons e servos de Jesus. Trabalham por toda parte, nos umbrais, nos postos de socorro e também ajudam os encarnados e muitas vezes, atendem os chamados de fé em nome das diversas entidades conhecidas na Terra (Santo Expedito, São Jorge, Santa Bárbara, São Pedro, Santo Agostinho, etc.). Há grande concentração de socorristas em lugares de romaria onde muitos oram e fazem pedidos.

Estes abnegados trabalhadores atendem em nome da Mãe Maria Santíssima, dos diversos Santos, do Mestre Jesus, etc. Os bons acodem sempre. Se os pedidos são mais complexos, são encaminhados a ministérios próprios e analisados pelos que lá trabalham. Para serem atendidos, são levados em conta alguns critérios como: "O que pede é bom para ele?"

Às vezes, pede-se uma graça que seria um bem no momento, e causa de dor no futuro; pedem fim de sofrimentos, doenças e às vezes não se pode interromper o curso de seu resgate; também é levado em conta, se ao receber a graça, a pessoa melhora se voltando mais ao "Pai". Se aprovado, vão os socorristas e ajudam a pessoa (de qualquer religião e fora dela também), não importando a eles para quem foi e como foi feito o pedido, embora, há equipes que trabalham atendendo os pedidos à Mãe Maria Santíssima, Santos do lugar, etc. Podemos também ser atendidos pelos próprios Santos, que nada são, do que servos de Jesus.

(Texto de: grupoallankardec.blogspot.com)

Muitos já nos disseram que a presença de Santos Católicos no Peji (altar) da Tenda Espírita nossa Senhora da Piedade, deveu-se ao fato de o Espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas ter sido padre numa das suas encarnações e trazer esse expediente para a Umbanda. Isso é fato? Se for então, podemos dizer que esse Caboclo, infelizmente, está preso em seu ego, não podendo ser um Guia Espiritual a dirigir pessoas, quem dera iniciar uma religião.

As imagens que estão no Peji foi da escolha e da vontade particular de Zélio de Moraes; o Caboclo das Sete Encruzilhadas não determinou a colocação de imagem alguma. A montagem de um Peji é da nossa vontade e da nossa idealização. O que compõe um Peji é da nossa particularidade; isso não influi em nada a realização do trabalho caritativo; só devemos tomar o devido cuidado de não exagerar nas imagens e nos apetrechos, que sabemos não aumentar em nada a espiritualidade. Com certeza, algumas imagens de bom gosto e bem colocadas, aumenta a fé dos assistidos, pois tem um ponto de concentração e atração, pois só conseguimos entender claramente o que os nossos cinco sentidos captam.

Porque Santos católicos na Umbanda? Vamos elucidar: Certamente, os atuais umbandistas não aceitaram a classificação dos Santos na Umbanda, e por fim, com o tempo, praticamente "congelaram-nos", colocando-os tão somente como aceitos pelos remanescentes católicos que vieram para a Umbanda, ou mesmo pelo fato do sincretismo afro. Vamos explicar melhor a importância dos Santos na Umbanda, e pelo que estudaremos, entendemos que nada mais são que a Irmandade Espiritual dos Semirombas em trabalho amoroso e caritativo em nossa amada religião.

Afinal, por que então os umbandistas aceitam a presença de Espíritos de Babalawôs, Pajés, do Oriente, etc., se todos eles também foram de outra religião quando encarnados?

Talvez a não aceitação dos Santos fosse pelo fato da grande confusão reinante sobre o entendimento do que seriam os Orixás, e a partir daí, fizeram a ligação chamada "sincretismo", pela similitude de características, qualidades e atribuições.

Só tem uma coisa: o sincretismo foi efetuado pelo e para somente os cultos afros. A Umbanda não é sincrética.

Cremos que alguns Santos proeminentes, Espíritos elevados, que na Umbanda são também nominados de Orixás, onde alguns pontificam Linhas de Trabalhos dos Orixás Mediadores, como representantes dos mesmos, atuando em comunhão com essa força; Exemplos: Jesus é um Oxalá, São Jorge é um Ogum, São Jerônimo é um Xangô, Santa Bárbara é uma Yansã, São Lázaro é um Omulú, etc. (eles não são "o" Orixá, mas "um" Orixá, perfazendo toda uma Linha de Trabalho Espiritual). Alguns Espíritos da Luz, conhecidos como Santos, estão na Umbanda; cada um deles pontifica um dos 21 Orixás Mediadores de cada Linha que vieram para a Umbanda. Eles dão assistência tanto para a Umbanda quando para o catolicismo.

Os Santos, Guias e Protetores Espirituais, Anjos, etc. seriam, "Um" com os Orixás, ou seja, vibram por afinidades e temperamentos na mesma faixa vibratória do que seria esse Orixá, a que estão ligados. Crendo ou não em Orixás, fica patente que tudo na Terra vibra e tem em sua constituição física/espiritual a presença dos elementos da Natureza que sabemos ter a presença dos Orixás em si; portanto, Santos, Anjos, Espíritos de toda ordem ligados ao Planeta Terra, estão integrados aos elementos da Natureza terrena, vibrando na força/irradiação Orixá.

Os Templos Umbandistas não estão errados quando clamam por São Jorge como Ogum, pois esse mesmo São Jorge, Espírito elevado, está ligado fluidicamente e espiritualmente, por afinidade e temperamento com a força da Lei Divina, conhecida por nós como Ogum. Assim também, seria com Santa Bárbara, ligada fluidicamente com Yansã, São Jerônimo, ligado fluidicamente com Xangô, etc.

Não devemos erradicar os Santos da Umbanda, pois são Espíritos iluminados que viveram uma vida santificada, voltados a prática da caridade, humildade, amor, fé, esperança e prática evangélica, sendo grandes exemplos cristãos para a humanidade.

A Umbanda segue, aceita e coaduna com os Espíritos e a Espiritualidade e não com os religiosos e religiões terrenas. Não praticamos catolicismo, mas aceitamos alguns Santos, por serem Espíritos de muita luz, nos dando exemplos vivos de espiritualidade, fé, amor, oração e caridade.

Como também não somos kardecistas, mas aceitamos alguns Espíritos da Luz que ali militam, seus conceitos e orientações, desde que calcados nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

Aliás, temos vários Guias e Protetores Espirituais que pertenceram à outras plagas e religiões terrenas quando em vida, e hoje estão militando na Umbanda, por sua vivenciação evangélica, integrados às cortes de Jesus. Exemplos: malaio/muçulmano (Orixá Mallet), hinduísta/himalaico (Ogum Timbiri), árabes e beduínos/muçulmanos (Pai Jimbaruê de Aruanda, Caboclo da Lua, etc.), hinduístas/Índia (Pai Jacob, Mestre Zartú, Ori do Oriente) etc.

Cada indivíduo considerado como "Santo", o é devido a sua justeza, retidão, caráter, espiritualidade, às obras assistenciais ou mesmo miraculosas efetuadas durante a sua curta permanência na Terra, e com certeza vibrava dentro de um Poder Reinante do Divino Criador (Orixás) e por isso conseguia através de sua fé imaculada e poderosa, realizar os tais "milagres".

Em alguns trechos de uma conversa informal de Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes, numa fita cassete gravada pela jornalista Lilia Ribeiro, em 1971, assim se refere aos Santos:

"(...) Pedro. É um nome de respeito meu filho, sabe disso? Quando a gente fala em Pedro a gente bate no chão, salva, salva São Pedro. São Pedro salva, não é isso meu filho? Não é mesmo? (...).

"(...) Pois é criança esse mundo é assim mesmo não é meu filho ninguém sabe, e a mãe diz tô estudando, de onde vem, e você não sabe de onde vem e pra onde vai, senhor sabe Pedro?

Não senhor.

Não sabe né meu filho? Tu não sabe o dia de amanhã né? Ninguém sabe né meu filho? Então vamos ter fé em Deus, não é isso, vamos ter fé em Jesus, vamos ter fé nos Santos, não é verdade meu filho?

É verdade.

As igrejas pegaram os Santos, amarraram e botaram no canto da parede. Cavalo foi ver Nossa Senhora da Piedade lá em..., onde foi Maria?

Taboraí.

Unaí não, outro

Taboraí.

Taboraí, ta. Nossa Senhora da Piedade os Santos tudo amarrado com corda lá no canto cheio de poeira; cavalo ficou triste; as lágrimas corria; será possível que acabaram com os Santos; botaram só coisinhas no altar? Mas a vida é essa né? (...)".

Vejam só a orientação do Evangelho, que nos ensina a "pedirmos" ao Espírito Santo (os Espíritos Santos de Deus, os Espíritos de e da Luz, os Guias e Protetores Espirituais, aqui incluídos alguns Espíritos conhecidos como "Santos"): *"Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial, um Espírito Santo, àqueles que lho pedirem?".* (Lucas 11.13)

33) O Caboclo das Sete Encruzilhadas fazia questão absoluta em propagar que a Umbanda e seus trabalhadores desencarnados eram simples, humildes, amorosos, caridosos e desprovidos de vaidades, e que seus trabalhadores encarnados também o deveriam ser.

"Umbanda é humildade, amor e caridade – esta é a nossa bandeira". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

(...) "Meus irmãos sejam humildes, tenham amor no coração, amor de irmão para irmão, porque vossas mediunidades ficarão mais puras, servindo aos Espíritos superiores que venham a baixar entre vós" (...). (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

*"*E que nome darão a essa Igreja? O Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: *Tenda Nossa Senhora da Piedade, pois da mesma forma que Maria ampara nos braços o filho querido, também serão amparados os que se socorrerem da Umbanda".* A denominação de "Tenda" foi justificada assim pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas: *Igreja, Templo, Loja, dão um aspecto de superioridade, enquanto que Tenda lembra uma casa humilde".*

(...) "O que ele deseja (Nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas)*, entretanto, é que este ritual de Umbanda, humilde, mas cheio de luz, seja nivelado ao ritual elevado das grandes religiões e isento de toda inferioridade e da prática de coisas inúteis e perniciosas". (...)* (Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 91 – ano III – página 15 – 1958)

Transcreveremos novamente o capítulo XXIII do livro: "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – de Leal de Souza – 1933, no qual escreve sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, Entidade a qual esteve ligado por muitos anos, a fim de relembrarmos e gravarmos em nosso mente, como era o instituidor da Umbanda:

"Se alguma vez tenho estado em contato consciente com algum Espírito de Luz é, sem dúvida, aquele que se apresenta sob o aspecto agreste, e sob o nome bárbaro de Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Sentindo-o ao nosso lado, pelo bem estar espiritual que nos envolve e sensibiliza, pressentimos a grandeza infinita de Deus, e, guiados pela sua proteção, recebemos e suportamos os sofrimentos com uma serenidade quase ingênua, comparável ao enlevo das crianças nas estampas sacras, contemplados, da beira do abismo, sob as asas de um anjo, as estrelas do Céu.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas pertence à falange de Oxóssi, e sob a irradiação da Virgem Maria, desempenha uma missão ordenada por Jesus.

O seu ponto emblemático representa uma flecha atravessando um coração, de baixo para cima; a flecha significa direção, o coração o sentimento, e o conjunto orientação dos sentimentos para o alto, para Deus.

Estava esse Espírito no espaço, no ponto de intersecção de sete caminhos, chorando sem saber o rumo que tomava, quando lhe apareceu, na sua inefável doçura, Jesus, e mostrando-lhe, numa região da Terra, as tragédias da dor e os dramas da paixão humana, indicou-lhe o caminho a seguir, como missionário do consolo e da redenção. E em lembrança desse incomparável minuto de sua eternidade, e para se colocar no nível dos trabalhadores mais humildes, o mensageiro de Cristo tomou o seu nome dos caminhos que o desorientavam, e ficou sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

E já vinte e três anos, baixando em uma casa pobre de um bairro paupérrimo, iniciou a sua cruzada, vencendo, na ordem material, obstáculos que se renovam quando vencidos e derrubados, e dos quais o maior é a qualidade das pedras com que deve construir o novo templo.

Entre a humildade e a doçura extremas, a sua piedade se derrama sobre quantos o procuram, e não poucas vezes, escorrendo pela face do médium, as suas lágrimas expressam a sua tristeza, diante dessas provas inevitáveis a que as criaturas não podem fugir.

A sua sabedoria se avizinha da onisciência. O seu profundíssimo conhecimento da Bíblia e das obras dos doutores da Igreja, autorizam a suposição de que ele, em alguma encarnação, tenha sido sacerdote, porém a medicina não lhe é mais estranha do que a Teologia.

Acidentalmente, o seu saber se revela. Uma ocasião, para justificar uma falta, por esquecimento, de um de seus auxiliares humanos, explicou, minucioso, o processo de renovação das células cerebrais, descreveu os instrumentos que servem para observá-las e contou numerosos casos de ferimentos que as atingiram, e como foram tratados na Grande Guerra deflagrada em 1914.

Também para fazer os seus discípulos compreenderem o mecanismo, se assim posso expressar-me, dos sentimentos, explicou a teoria das vibrações e a dos fluídos, e numa ascensão gradativa, na mais singela das linguagens ensinou a homens de cultura desigual as transcendentes Leis da Astronomia.

De outra feita, respondendo a consulta de um espírita que é capitalista em São Paulo e representa interesses europeus, produziu um estudo admirável da situação financeira criada para a França, pela quebra do padrão ouro na Inglaterra.

A linguagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas varia, de acordo com a mentalidade de seus auditórios. Ora chã, ora simples, sem um atavio, ora fulgurante nos arrojos da alta eloquência, nunca desce tanto, que se abastarde, nem se eleva demais, que se torne inacessível.

A sua paciência de mestre é como sua tolerância de chefe, ilimitada. Leva anos a repetir, em todos os tons, através de parábolas, por meio de narrativas, o mesmo conselho, a mesma lição, até que o discípulo, depois de tê-la compreendido, comece a praticá-la.

A primeira vez em que os videntes o vislumbraram, no início de sua missão, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, se apresentou como um homem de meia idade, a pele bronzeada vestindo uma túnica branca, atravessada por uma faixa branca onde brilhava, em letras de luz, a palavra "Cáritas".

Depois de muito tempo, só se mostrava como Caboclo com tanga de plumas e mais atributos dos Pajés silvícolas. Passou, mais tarde, a ser visível na alvura de sua túnica primitiva mas há anos acreditamos que só em algumas circunstâncias se reveste da forma corpórea, pois os videntes não o veem, e quando a nossa sensibilidade e os outros Guias assinalam a sua presença, fulge no ar uma vibração azul e uma claridade dessa cor paira no ambiente"...

O Caboclo das Sete Encruzilhadas jorrava serenidade, doçura e principalmente Piedade. Aqueles que por Graça conheceram o Caboclo das Sete Encruzilhadas relatam que não era raro ver, durante as sessões, lágrimas escorrendo as faces de seu aparelho quando incorporado. Sua Misericórdia em ver seus pobres e amados filhos da Terra sofrendo o afligiam.

Este Espírito formidável e bem-aventurado nas Graças do Senhor, possuía todo tipo de conhecimento, nunca deixara uma pergunta sem uma resposta, poderíamos até afirmar que seu conhecimento era quase onisciente.

Possuía extraordinário conhecimento de medicina e teologia, com as quais deixava os doutos da Igreja e da área médica, estupefatos, pois, abordara assuntos que nem ao menos eles tinham conhecimento ou refletido sobre a causa para descobrir o efeito.

A sua linguagem e forma de se expressar variava, de acordo com a faixa intelectual de quem o abordara, para que fosse de fácil compreensão daqueles que o consultavam.

Em muitas ocasiões discursava em alta eloqüência, dentro dos arrojos da língua, e quando compareciam pessoas com menor saber, descia mais seu vocabulário, para que todos ouvissem , entendessem e aprendessem. Passou todos os anos ensinando através de parábolas e ensinos, e sua paciência e tolerância nunca sumiu".

*********//**********

O Caboclo das Sete Encruzilhadas sempre exortou que nenhum médium deve ser o centro das atenções. Que não deve se dar destaque individual, pois todos trabalham para a coletividade, mesmo que isso venha a incomodar sua própria vida. Sempre concitou a todos a lutarem tenazmente contra a vaidade que destrói um médium, que deveriam ser desapegados e imparciais.

Enfatizava a busca do conhecimento, da riqueza interior, deixando as aparências exteriores em segundo plano. Que devemos cultivar a humildade a caridade e o amor.

O Caboclo disse: *(...) "Tenho uma coisa a vos pedir: se Jesus veio ao planeta Terra na humildade de uma manjedoura, não foi por acaso. Assim, o Pai determinou. Podia ter procurado a casa de um potentado da época, mas foi escolher aquela que havia de ser sua mãe, este Espírito que viria traçar à humanidade os passos para obter paz, saúde e felicidade. (...)*

Observem que o Caboclo exalta a humildade de onde Jesus nasceu: uma manjedoura; Jesus viveu uma vida simples, honesta, sem luxo, sem suntuosidade; no meio de gente simples, morando em local simples, mas, realizou um trabalho majestoso, libertando-nos das nossas imperfeições. Jesus é o governador no nosso Planeta; o Espírito mais sublime que esteve entre nós até agora.

Leal de Souza em 1933 nos diz: *"E já vinte e três anos, baixando* (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas) *em uma casa pobre de um bairro paupérrimo".*

Vejam bem: A Tenda Piedade era instalada a duas décadas numa casa pobre num bairro paupérrimo. Observem que o Caboclo não fez questão de que a Umbanda fosse rica, opulenta, mais elevada que as demais, instalada em edificação pomposa, ostentando magnificências.

O Caboclo nos quis dar o exemplo de como deve ser um Terreiro de Umbanda: locais simples, desprovidos de esplendores, luxos, suntuosidades, com ambiente sóbrio, sem excessos de ornamentações excêntricas, extravagantes, primitivas, mas, aconchegantes, belos, formosos, agradáveis, harmoniosos, limpos, ordeiros e disciplinados, onde se pratica e se dá ênfase à caridade, ao amor e a humildade, calcados nos ensinamentos crísticos.

Até na denominação de um Terreiro o Caboclo se preocupou, pois conforme o nome dado (Templo, Igreja, Loja, etc.), poderia sugerir na cabeça dos frequentadores, a questão de superioridade ou mesmo de mais seriedade.

Hoje, pela aceitação da Umbanda pela sociedade, muitos Terreiros se intitulam de "Templo", pelo simples fato de ter uma conotação positiva, como dizem os dicionários: TEMPLO: *"Edifício consagrado ao culto religioso; Nome de uma ordem religiosa. Fig. Lugar digno de respeito: seu lar é um templo",* sem, contudo, perderem a simplicidade do local e de seus trabalhos.

34) O Caboclo das Sete Encruzilhadas reconhece a autoridade de "Ismael", Espírito Superior, de grande envergadura moral, o Guia Espiritual do Brasil, que recebeu de Jesus a missão de conduzir o desenvolvimento do Evangelho, do Amor e da Caridade em todo território nacional, e tutelar da Umbanda, honrando-o nas aberturas de todos os trabalhos, com a Prece a Jesus, elaborada pelo Espírito de Ismael.

Mas quem foi Ismael? Quem é essa entidade espiritual?

Vamos dar uma olhada no texto do "Antigo Testamento", em Gênese 16:

[1] Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos. Tinha ela uma serva egípcia, que se chamava Agar.

[2] Disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de ter filhos; toma, pois, a minha serva; porventura terei filhos por meio dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai.

[3] Assim Sarai, mulher de Abrão, tomou a Agar a egípcia, sua serva, e a deu por mulher a Abrão seu marido, depois de Abrão ter habitado dez anos na terra de Canaã.

[4] E ele conheceu a Agar, e ela concebeu; e vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos.

[5] Então disse Sarai a Abrão: Sobre ti seja a afronta que me é dirigida a mim; pus a minha serva em teu regaço; vendo ela agora que concebeu, sou desprezada aos seus olhos; o Senhor julgue entre mim e ti.

[6] Ao que disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva está nas tuas mãos; faze-lhe como bem te parecer. E Sarai maltratou-a, e ela fugiu de sua face.

[7] Então o anjo do Senhor, achando-a junto a uma fonte no deserto, a fonte que está no caminho de Sur,

[8] Perguntou-lhe: Agar, serva de Sarai, donde vieste, e para onde vais? Respondeu ela: Da presença de Sarai, minha senhora, vou fugindo.

[9] Disse-lhe o anjo do Senhor: Torna-te para tua senhora, e humilha-te debaixo das suas mãos.

[10] Disse-lhe mais o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, de modo que não será contada, por numerosa que será.
[11] Disse-lhe ainda o anjo do Senhor: Eis que concebeste, e terás um filho, a quem chamarás Ismael; porquanto o Senhor ouviu a tua aflição.

[12] Ele será como um jumento selvagem entre os homens; a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará diante da face de todos os seus irmãos.

[13] E ela chamou, o nome do Senhor, que com ela falava, El-Rói; pois disse: Não tenho eu também olhado neste lugar para aquele que me vê?

[14] Pelo que se chamou aquele poço Beer-Laai-Rói; ele está entre Cades e Berede.

[15] E Agar deu um filho a Abrão; e Abrão pôs o nome de Ismael no seu filho que tivera de Agar.

[16] Ora, tinha Abrão oitenta e seis anos, quando Agar lhe deu Ismael.

Segundo o texto bíblico, Ismael, filho de Abraão, seria o representante de uma raça sofrida pelas demais nações.

Concepção de Ismael

Analisando o texto acima, vemos, talvez, uma espécie de profecia no sentido de designar Ismael para coordenar uma nação que teria o compromisso de ser a “Jerusalém renovada”, a Canaã prometida. Alguma relação com proposta de o Brasil ter sido destinado a “Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” já que o Espírito que representa Jesus em terras brasileiras se chama Ismael?

No livro “Crônicas do Além-Túmulo”, também, de Humberto de Campos, psicografado por Chico Xavier, o Apóstolo Pedro confirma esta predestinação quando diz a Humberto ter vindo conhecer o Brasil, nação comandada por Ismael, filho de Abrão e Hagar.

GRUPO CONFÚCIO

Foi o Grupo Confúcio, fundado no Rio de Janeiro, em agosto de 1873 (nota do autor: Considerado o primeiro Centro Espírita da então Capital do Império – Rio de Janeiro), que o Brasil recebeu a primeira mensagem do Espírito Ismael, que mostra claramente o papel do Brasil no compromisso evangélico de adotar a moral de Cristo como prioridade para nossa evolução (...).

“O Brasil tem a missão de cristianizar. É a terra da promissão. A terra de todos. A terra da fraternidade. A terra de Jesus. A terra do evangelho. Não foi por acaso que tomou o nome de Vera Cruz, Santa Cruz. Não foi sem significado que vira os primeiros navegadores debaixo do Cruzeiro do Sul. Na Era Nova e próxima, abrigará um povo diferente pelos costumes cristãos. Cumpre ao que ora ouve os arautos do Espaço, que convocam os homens de boa vontade para o preparo da Nova Era, reconhecer em Jesus o Chefe Espiritual. Com o Evangelho explicado à luz do Espiritismo, a moral de Jesus, semeada pelos jesuítas e alimentada pelos católicos, atingirá sua finalidade, que é rejuvenescer os homens velhos, que aqui nascerão ou que aqui virão de todas as partes do globo, cansados de lutas fratricidas e sedentos de confraternidade.

A missão dos espíritas (nota do autor: aqui, o termo “espírita” se refere a todos os que seguem os ensinamentos do Espíritos, portanto, incluida está a Umbanda) no Brasil é divulgar o Evangelho em espírito e verdade. Os que quiserem cumprir o dever, a que se obrigaram antes de nascer, deverão reunir-se debaixo deste pálio trinário: “Deus, Cristo e Caridade”. Onde estiver esta bandeira, ai estará eu, Ismael”. (nota do autor: O Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: A bandeira da Umbanda é “Caridade, Amor e Humildade”. Observaram a similitude? Os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda não são os homens de boa vontade para o preparo da Nova Era, reconhecendo em Jesus o Chefe Espiritual? Aqui não estão os compromissos da Umbanda com o Anjo Ismael?)

(Trecho extraído do livro: “No Tempo do Comandante – Edgard Armond e os Espíritos em Época de Revolução” – de Edelson da Silva Júnior – Editora Radhu – 1ª edição, Janeiro de 2010)

O Espírito Humberto de Campos (Irmão X), no livro “*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, relata que, nos primórdios do descobrimento do Brasil, Ismael foi escolhido por Jesus para ser o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro, um dos elevados colaboradores, que recebeu do Mestre, no ano de 1500, quando se celebrava na espiritualidade a “descoberta” da nova terra (o Brasil), a missão de conduzir o desenvolvimento do Evangelho, do amor e da caridade por todo o território. Ele, assim, preside, juntamente com a sua falange, o progresso e o desenvolvimento do nosso país. Para termos uma noção de quem seria Ismael, vamos um breve relato deste livro, que deve ser lido por todos, para vislumbrarmos a missão do Brasil perante a comunidade terrena: Ismael teria planejado a miscigenação racial, para tornar o povo brasileiro mais sensível a mudanças e capaz de entender as diversidades. Ismael com suas falanges de obreiros da vida eterna, auxiliou o Caboclo das Sete Encruzilhadas a organizar a religião de Umbanda. Observe no livro *“Brasil – Coração do Mundo Pátria do Evangelho”,* de Chico Xavier, os relatos do envolvimento amoroso e o auxílio de Ismael com os negros e índios no Brasil.
Vamos a um trecho deste maravilhoso livro:

“ (,,,) Uma alegria paradisíaca reinava em todas as almas que comemoravam o advento da Pátria do Evangelho, quando se fez presente, na assembleia augusta, a figura misericordiosa do Cordeiro.

Complacente sorriso lhe bailava nos lábios angélicos e suas mãos liriais empunhavam largo estandarte branco, como se um fragmento de sua alma radiosa estivesse ali dentro, transubstanciado naquela bandeira de luz, que era o mais encantador dos símbolos de perdão e de concórdia. Dirigindo-se a um dos seus elevados mensageiros na face do orbe terrestre, em meio do divino silêncio da multidão espiritual, sua voz ressoou com doçura:

— Ismael, manda o meu coração que doravante sejas o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Recebe-a nos teus braços de trabalhador devotado da minha seara, como a recebi no coração, obedecendo a sagradas inspirações do Nosso Pai.

Reúne as incansáveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da pátria do meu ensinamento. Para aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo. Ela será a doce paisagem dilatada do Tiberíades, que os homens aniquilaram na sua voracidade de carnificina. Guarda este símbolo da paz e inscreve na sua imaculada pureza o lema da tua coragem e do teu propósito de bem servir à causa de Deus e, sobretudo, lembra-te sempre de que estarei contigo no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás para a humanidade dos séculos futuros um caminho novo, mediante a sagrada revivescência do Cristianismo.

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, banhado em lágrimas de reconhecimento, e, como se entrara em ação o impulso secreto da sua vontade, eis que a nívea bandeira tem agora uma insígnia. Na sua branca substância, uma tinta celeste inscrevera o lema imortal: "Deus, Cristo e Caridade".

Todas as almas ali reunidas entoam um hosana melodioso e intraduzível à sabedoria do Senhor do Universo. São vibrações gloriosas da espiritualidade, que se elevam pelos espaços ilimitados, louvando o Artista Inimitável e o Matemático Supremo de todos os sóis e de todos os mundos.

O emissário de Jesus desce então à Terra, onde estabelecerá a sua oficina. Os exércitos dos seres redimidos e luminosos lhe seguem a esplêndida trajetória e, como se o chão do Brasil fosse a superfície de um novo Hélicon da imortalidade, a natureza, macia e cariciosa, toda se enfeita de luzes e sombras, de sinfonias e de ramagens odoríferas, preparando-se para um banquete de deuses.

Os caminhos agrestes tornam-se sendas de maravilhosa beleza, rasgadas pelas coortes do invisível."

Desde que recebeu de Jesus essa incumbência, Ismael vem trabalhando incessantemente para a elevação espiritual do Brasil, com apoio de falanges de espíritos colaboradores, que atuaram de forma decisiva nas questões políticas e sociais do país, porém, sem infringir o livre arbítrio dos indivíduos e da coletividade.

Quando o Brasil atingiu sua maioridade coletiva, com a proclamação da república (1889), Ismael e seus colaboradores recebem do querido mestre a orientação:

- "Irmãos, a Pátria do Evangelho atinge agora a maioridade coletiva. Profundas transições assinalarão a sua existência social e política. Uma nação que alcança a sua maioridade é a responsável legítima e direta por todos os atos comuns que pratica, no concerto dos povos do Planeta.

Necessário é separemos agora o organismo político do Brasil dos alvitres permanentes e constantes do mundo espiritual, para que todos os seus empreendimentos sejam devidamente valorizados (...)".

E a partir desse momento, as atenções do plano espiritual se concentram em expandir, em todo território nacional, as claridades consoladoras da doutrina da redenção, de piedade e de misericórdia" (...).

ISMAEL

Não se pode negar o sentimento de veneração que envolve a nobre figura de Ismael, Guia Espiritual do Brasil. A responsabilidade que detém, na condição de mentor da egrégia Federação Espírita Brasileira – FEB – suscita, da parte da comunidade espírita nacional, um profundo respeito, aliado a um imenso carinho e uma Suva ternura.

Certa vez, indagaram a Chico (nota do autor: Chico Xavier): – Como se processam os encontros, nas esferas resplandecentes da Espiritualidade de Emmanuel com Ismael? Qual a postura do admirável Espírito do ex-senador romano, diante da também luminosa entidade a quem confiou Jesus os destinos do Brasil?

Resposta do querido médium, serena e firme: – De joelhos!

(Trecho extraído do livro: "Chico Xavier – Mandato de Amor" – União Espírita Mineira - 1997)

Disponibilizaremos a Prece de Ismael, realizada na abertura das Sessões na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, desde sua fundação:

PRECE DE ISMAEL

"Glória a Deus nas alturas, paz aos homens na Terra. Jesus, bom e amado Mestre, sustenta os Teus humildes irmãos pecadores nas lutas deste Mundo. Anjo bendito do Senhor, abre para nós Teus compassivos braços. Abriga-nos do mal, levanta nossos espíritos à majestade do Teu Reino, infunde em todos os nossos sentidos a luz do Teu imenso amor. Jesus, pelo Teu sublime sacrifício, pelos Teus martírios na cruz, dá a esses que se acham ligados ao pesado fardo da matéria, a orientação perfeita do caminho da virtude, o único pelo qual podemos Te encontrar. Jesus, paz a eles, misericórdia aos nossos inimigos. Recebe em Teu seio bendito, a prece dos últimos de Teus servos; Bendita estrela, farol das imortais falanges, purifica-nos com Teus raios divinos, lava-nos de todas as culpas, atrai-nos para junto do Teu seio, santuário bendito de todos os amores. Se o mundo, com seus erros, paixões e ódios, alastra o caminho de espinhos, escurecendo o nosso horizonte com as trevas do pecado, rebrilha mais com a Tua misericórdia, para que seguros e apoiados no Teu Evangelho, possamos trilhar e vencer as escabrosidades do carreiro e chegar às moradas do Teu reino. Amiga estrela, farol dos pecadores e dos justos, abre o Teu seio divino e recebe nossa súplica pela humanidade inteira. Que assim seja".

35) Faz uso sistemático do Amaci.

Ritual do Amaci efetuado na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

A palavra Amaci é a forma aportuguesada do termo Yorubá – "Amã tìsi" –, que quer dizer: *Amã: "partícula que indica hábito, costume"*, usada com o verbo – Tìsí: *"empurrar para dentro"*.

Portanto, Amaci quer dizer: "o hábito de empurrar para dentro", numa alusão a "empurrar" a força vital das ervas para dentro da cabeça, nos centros de força etéricos. Amaci, portanto, seria o hábito de "empurrar" algo para dentro. Aqui, especificamente, seria o ato de "empurrar", de dirigir energias da Natureza, através do magnetismo fitoectoplasmático, para os centros neuropsícomediúnicos.

Através do Amaci, efetuado com as folhas sagradas, busca-se a purificação, o fortalecimento e o estreitamento dos elos (vibracionais) entre o médium e o plano espiritual. É a aplicação de elementos vitais sobre um ser, e invocação de forças eletromagnéticas e espirituais, sobre o consciencional essência do médium. O Amaci mexe diretamente com o campo mental da pessoa. Vai ligar-se à essência da pessoa (consciência).

36) Faz uso consciente e cuidadoso de pólvora em descarregos.

Pontos riscados sendo cobertos com pólvora, na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

"*Quando queimados os grânulos de pólvora explodem causando intenso deslocamento molecular do ar e do éter, desintegrando miasmas, placas, morbos psíquicos, ovóides astrais, aparelhos parasitas e outros recursos maléficos como campos de força densificados com matéria astral negativa, os quais não foram possíveis de ser desativados pela força mental dos Guias do espaço e o fluido ectoplasmático dos aparelhos mediunizados".* (Ramatis).

A pólvora é um elemento largamente utilizado em processos de descarregos na Umbanda, e também é conhecida como fundanga ou tuia.

FUNDANGA

Fundanga é uma expressão de origem kimbundo e seu significado, naquele idioma, é exatamente, pólvora. Quanto a tuia, ainda que por sua morfologia nos afigure palavra de origem indígena é oriunda do ioruba tuyo que significa expelir, deslocar para fora. A pólvora é um elemento de Magia ambivalente prestando-se, destarte, à serviços para o Bem e o Mal. É, pois, por sua potência, um dos recursos mais utilizados pelos feiticeiros para o enfeitiçamento de pessoas ou coisas tendo, ainda, o inusitado dom de transmitir ou conferir, a quem quer que seja, todo o poder que sua utilização seja feita com a estrita obediência dos preceitos de Magia e independentemente do fim a que se destina. Tais fatores, conjugados, nos levam à conclusão de que todos os trabalhos com pólvora exigem uma concentração e precaução extraordinárias". (Jornal JOCAB – meados de 1994)

"Quando há o elemento explosão, há um deslocamento de ar, o qual, por equivalência, desloca camadas etéreo-físicas. Essas, ao serem deslocadas, desestruturam a composição de certas larvas deletéricas ou cargas negativas, que são dissipadas. Nesta forma de utilizar-se o Ritual do Fogo há ciência, magia, desimpregnando e purificando o campo astral do ambiente e das pessoas que porventura estejam debaixo de cargas pesadíssimas ou mesmo prestes a contraírem determinadas moléstias pela queda imunológica, provocada pelas cargas negativas oriundas do submundo astral ou das projeções das humanas criaturas de baixa estirpe espiritual. Este aspecto certo de se usar o elemento Fogo, com o ponto riscado corresponde, a oração, as palavras kabalísticas, etc.

Agora, quanto a esse negocio de "dar Fogo" por qualquer motivo, está o individuo se arriscando a tremendos entrechoques de ordem astral, principalmente devido aos impactos oriundos das demandas que se abrem com os emissários do submundo, que ao contrário, tornam-se mais irados por terem seus corpos astrais "fustigados" pelo deslocamento vibratório. Portando, só deve "dar Fogo" quem está ordenado para tal e tenha suficiente experiência nas lides da Magia Etéreo Física.

(Trecho extraído do livro: "Umbanda – a Próto-Síntese Cósmica – Francisco Rivas Neto)

Achamos por bem repetir as determinações dadas no "Regimento Interno da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade", disponibilizadas no 1º Módulo, a fim de que todos possam observar mais algumas aplicações das "Linhas Mestras" do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

REGIMENTO INTERNO DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Nota do autor: Para melhores realces, as apreciações e comentários do nosso irmão Cláudio Zeus dentro do contexto, estarão em itálico, dentro de uma tabela.

A Diretoria da Tenda, usando das atribuições estatutárias, por ordem e segundo orientação do nosso "Chefe Espiritual" - O Caboclo das Sete Encruzilhadas - resolveu aprovar o presente Regimento Interno, a fim de estabelecer a necessária ordem interna e para atender aos seus associados, trabalhadores e frequentadores, na maior harmonia e o mais completo aproveitamento dos trabalhos espirituais.

CAPÍTULO I

DAS SESSÕES EM GERAL

Art. 1° - As sessões da Tenda, que deverão começar às 20 horas e terminar às 22 horas, com a tolerância de 15 minutos no máximo, sobre a hora de encerrar, dividem-se:

Primeiro aparte: Observemos que havia tempo determinado para a realização de Sessões. A mim foi explicado, quando de meu início, que esse tempo visava cautela para com os próprios médiuns, evitando desgastes desnecessários e muitas vezes nocivos, tanto à saúde física quanto mediúnica dos mesmos, incluindo-se aí o possível animismo imperante a partir do momento em que, por estarem cansados, médiuns costumam perder os contatos positivos com seus protetores, principalmente os de fase consciente.

a) Sessões de caridade:

b) Sessões de desenvolvimento mediúnico e de consultas exclusivamente para “trabalhadores do Terreiro”;

c) Sessões especiais;

Segundo aparte: Havia orientação para que se fizessem sessões exclusivas para médiuns e trabalhadores do Terreiro, fossem elas de atendimento ou de desenvolvimento. Interessante porque você já deve ter lido sobre isso em alguns de meus textos.

Parágrafo único - Essas sessões terão lugar:

a) DE CARIDADE (Sessões públicas).

Às segundas-feiras - Trabalho de “Caboclo”;

Às terças-feiras - Trabalhos de “Pretos Velhos” e “Caboclos”;

Às sextas-feiras - Trabalhos de “Pretos Velhos”.

Terceiro aparte: Reparou que não havia determinação para Sessões de Exu em relação à caridade? Perceba que entidades de trabalho para a Umbanda eram Caboclos e Pretos-Velhos apenas. Essa informação se torna interessante na medida em que muitos afirmam que Exu era Linha de Trabalho de Umbanda até para o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Onde estão eles então, na Tenda Nossa Senhora da Piedade?

Para as consultas nesses dias, serão distribuídas aos assistentes, por ordem cronológica de chegada à Tenda à partir das 18 horas, cartões numerados com o nome do “Guia” que os deverá atender.

b) DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO E CONSULTAS AOS “GUIAS “EXCLUSIVAMENTE PARA TRABALHADORES DO TERREIRO (Sessões privativas)

1) Só poderão tomar parte nessas sessões médiuns e cambonos matriculados, não sendo permitidos assistentes nem consultas por parte dos acompanhantes;

2) Para frequentá-las, torna-se necessário que o Guia Chefe do Terreiro, após verificar a necessidade de desenvolvimento mediúnico, encaminhe a pessoa interessada, privativamente, a “Orixá Mallet” para que este autorize ou não a respectiva matricula;

3) Essas sessões são divididas em duas partes:

1ª – Das 20 às 21 horas - Trabalho de desenvolvimento mediúnico;

2ª – Das 21 às 22 horas - Consultas aos “Guias”, exclusivamente para os trabalhadores os quais poderão falar a mais de um “Guia”, conforme as possibilidades do momento.

Quarto aparte: Nota-se claramente nessas disposições a importância que era dada, tanto a médiuns quanto aos demais trabalhadores do Terreiro. Isto é muito importante se ter em mente, já que esses são na realidade, os sustentáculos para os trabalhos que possam vir a ser realizados – médiuns e trabalhadores (ogãs e demais) mal orientados ou com problemas particulares e psicológicos acabam atrapalhando mais que ajudando.

c) ESPECIAIS:

Entende-se por sessões especiais:

1 – Sessões do “Chefe” (Sessões públicas) na primeira Quinta-feira de cada mês. Sessões em que a presença do Chefe Espiritual era garantida.

2 – Sessões de “descarga” de “Orixá Mallet” (Sessões privativas). Na Quarta-Feira, véspera da Sessão do “Chefe”, são privativas dos trabalhadores da Tenda não se permitindo assistentes nem consultas. Sessões que visavam tirar dos médiuns quaisquer cargas acumuladas durante os trabalhos em dias de Sessões públicas e mesmo na vida diária.

No grupo onde iniciei, elas se chamavam Sessões de Expurgo.

3 - Sessões de "demanda" (Sessões privativas) Em dia e hora designados pelo "Guia" que estiver encarregado de executar e dirigir os trabalhos.

Só poderão ser realizadas, com autorização especial do "Chefe", a qual será transmitida por "Pai Antonio", e nela só poderão tomar parte os trabalhadores e pessoas que foram devidamente escaladas ou autorizadas pelo referido "Guia".

Percebe-se ainda aqui a preocupação de só se realizar sessões deste tipo com a presença de médiuns preparados, médiuns estes apontados como potencialmente preparados e não com a presença de todos os outros, já que isso poderia (como já expliquei em outros textos) trazer até mesmo riscos à saúde mediúnica destes.

4 - Sessões destinadas exclusivamente ao estudo da doutrina, desenvolvimento de outras mediunidades e aperfeiçoamento de cambonos, etc. Às quintas-feiras, com exceção da 1ª de cada mês. Só poderão ser frequentadas por médiuns desenvolvidos e auxiliares, cambonos ou pessoas designadas pelo "Chefe", não sendo permitidos assistentes nem consultas por parte dos acompanhantes.

Perceba-se que o Caboclo das Sete Encruzilhadas se preocupava também com o desenvolvimento de outras mediunidades e não somente a de incorporação e, além disso, preocupava-se também com o estudo da Doutrina. Mas que Doutrina seria essa? Vamos ver mais à frente.

5 - Sessões Festivas (Sessões públicas):

- Em 20 de Janeiro - de Oxóssi (São Sebastião).
- Em 23 de Abril - de Ogum (São Jorge).
- Em 13 de Maio - de Pretos Velhos (Pretos Cativos).
- Em 13 de Junho - de Santo Antônio e Pai António.
- Em 15 de Setembro - de aniversário da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.
- Em 27 de Setembro - de Cosme e Damião (Falange de crianças).
- Em 30 de Setembro - de Xangô (São Jerônimo).
- Em 16 de novembro - de aniversário do Chefe.
- Em 04 de Dezembro - de Yansã (Santa Bárbara).
- Em 08 de Dezembro - de Yemanjá (Nossa Senhora da Conceição).

São sessões públicas comemorativas de datas solenes da Tenda e funcionam com horário especial, que será estabelecido na ocasião pelo Chefe. Nelas poderão participar médiuns e cambonos de outros Terreiros, desde que a Tenda a que pertençam tenha sido devidamente convidada.

Muito interessante: Alguém consegue ver nessa relação de Sessões Festivas alguma que fosse para Exu? Acho que não! E mais uma coisinha: Perceba-se também que se formos considerar "Orixás" o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas considerava, com nomes africanos, veremos somente aqui, nessa relação de festas: Oxóssi, Ogum, Xangô, Yansã e Yemanjá. As Sete Linhas de Trabalho seriam "fechadas" com Crianças (Cosme e Damião) e Pretos Velhos.

Nota do autor: Usavam o termo "Sessões Festivas", para definir as louvações efetuadas.

Festivo: *"Relativo à festa. Alegre, contente, divertido"*.

Festa: *"Solenidade, comemoração, cerimônia em regozijo por qualquer fato ou data".*

Como já dissemos, em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, não há cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antônio manifestado em Zélio de Moraes: *"Festa é fazer Caridade".* Em datas específicas, são efetuadas "Sessões de Reverência" *("Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado"*) aos Sagrados Orixás, ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos normalmente.

DA DIREÇÃO DAS SESSÕES

Art. 2° - As sessões serão dirigidas por um médium ou cambono designado pelo "Chefe", o qual será auxiliado pelo cambonos Chefe.

Parágrafo único - São atribuições do dirigente:

a) Abrir e encerar as sessões;

b) Organizar a mesa nas sessões de caridade, designando os médiuns auxiliares para compô-la e substituindo-os nas ocasiões que julgar necessário;

c) Cumprir e fazer cumprir por parte de todos, indistintamente, os dispositivos previstos nesse Regimento e ordens em vigor:

d) Resolver todos os casos omissos que chegarem ao seu conhecimento, quer no plano material, quer no espiritual, devendo, conforme o caso , dar ciência da solução adotada, na primeira oportunidade, ao Presidente da Tenda ou ao "Chefe" – Caboclo das Sete Encruzilhadas;

e) Tomar todas as medidas que julgar necessárias para o bom andamento da sessão e que não estejam previstas nesse Regimento, ouvido, na ocasião, o Guia Chefe do Terreiro.

DA REALIZAÇÃO DAS SESSÕES

Art. 3° - As sessões terão início às 20h00min com o defumador, o qual deverá terminar no máximo às 20h20min, até quando será permitida a entrada de assistentes e trabalhadores.

Isso é muito importante de se anotar porque essa medida visava fazer com que todos os presentes tivessem passado pela defumação. Acho que não preciso dizer o porquê.

§ 1° - As exceções do presente artigo, no qual diz respeito a entrada após às 20h20min, serão da alçada exclusiva do dirigente da sessão, ouvido o Guia Chefe do Terreiro;

Observar também: existiam exceções.

§ 2° - Nas sessões de caridade, a porta será aberta entre 21h10min e 21h20min, para saída das pessoas já atendidas e ingresso dos retardatários.

Ingresso de retardatários somente depois da gira firmada e não a qualquer momento com riscos e quebra de corrente.

Art. 4° - A abertura dos trabalhos, que será feita com uma preleção doutrinária conversando, principalmente, sobre assuntos atinentes à Linha de Umbanda, seguida de prece, terá a duração máxima de 15 minutos.

§ 1° - As consultas e passes só poderão ter início depois de baixar o Guia Chefe do Terreiro;

§ 2° - Nos dias de desenvolvimento mediúnico, serão feitas explicações apropriadas sobre pontos cantados e riscados, durante 20 minutos aproximadamente, sendo prestados, na ocasião, todos os esclarecimentos que a esse respeito forem solicitados.

Observe-se mais uma vez que a preocupação com a boa orientação dos médiuns em desenvolvimento era marca registrada do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Acredito piamente que ele entendia muito bem que médiuns, tanto podem ser muito bons para o Terreiro, quando conscientes de suas responsabilidades e bem preparados, como podem ser exatamente os pontos fracos por onde o Baixo Astral pode ir tomando conta.

Art. 5° - As sessões de caridade terminarão, obrigatoriamente, por uma descarga espiritual feita pelo Guia Chefe do Terreiro.

No meu entender e também como aprendi, isso é fator primordial. Médium que volta pra casa carregando nas costas as energias negativas de outros ou do ambiente, com certeza vai se desgastando aos poucos e quando chegar a perceber...

Parágrafo único: Iniciada essa descarga, cessarão, imediatamente, as consultas aos Guias no ponto em que estiverem, não sendo permitido, sob qualquer pretexto, e a quem quer que seja, se dirigir aos mesmos ou aos demais participantes do Terreiro.

A fim de que não haja perturbação do trabalho por quebra de corrente. Quebra de Corrente. Isso é tão importante quanto à própria respiração dentro de um Terreiro.

CAPÍTULO II

DOS TRABALHADORES DO TERREIRO

MÉDIUNS EM GERAL

Art. 6° - Médiuns desenvolvidos:

São os médiuns cruzados que tem autorização de "Orixá Mallet", para dar passes e consultas, bem como auxiliar os trabalhos de desenvolvimento mediúnico, e outros quaisquer que se realizarem na Tenda, de acordo com esse Regimento.

Distintivo: FAIXA VERMELHA na cintura.

Art. 7° - Médiuns em desenvolvimento:

a) Auxiliares: São os médiuns de desenvolvimento mediúnico adiantado, já classificados por "Orixá Mallet". São obrigados a comparecer às sessões de quarta-feira, não podendo, contudo, freqüentar o Terreiro em outro qualquer dia, a não ser na qualidade de assistente.

Mais um dispositivo importantíssimo: Sempre que posso, procuro informar sobre a importância de não ter médiuns iniciantes em giras de trabalho, nem como cambonos, já que, por ingenuidade e falta de preparo, costumam ser os mais vulneráveis a atuações de energias e entidades do Baixo Astral. Existem exceções? Existem, é claro! Mas a Regra é esta até por lógica, e se os médiuns iniciantes forem poupados, pelo menos no início de suas práticas, de estarem entrando em contato com energias e entidades que não conhecem, com certeza só terão a ganhar. Aí, uma vez me disseram assim: "Que nada, é melhor mesmo que vão encarando "as barras pesadas" de começo e aprendendo, com isso, a levarem tombo e se levantarem".

Um bom conselho, talvez.. Mas será que aplicam essa "técnica" também no aprendizado sobre a vida a seus próprios filhos carnais? Será que os deixam, sem medos ou críticas, enfrentarem a vida sem conselhos, ensinamentos e até mesmo reprimendas? E será que se agirem assim não vão acabar se arrependendo como tantos que vemos por aí sabendo depois, pela mídia, que seus "pobres e queridos filhos" estão diretamente envolvidos no comércio de drogas proibidas? Sei não! O pior é que em caso de médiuns iniciantes, além de poderem se prejudicar, poderão prejudicar a todo o grupo mediúnico, na medida em que, fatalmente, serão eles os principais alvos do Baixo Astral com conseqüentes quebra de correntes e até mesmo necessidade de atendimento imediato e particular.

Vamos pensar um pouquinho mais sobre isso?

Art. 8° - Os médiuns em geral, devem dar máxima passividade possível às entidades que se aproximarem, para que essas possam trabalhar com plenitude de irradiação e de força.

Acredito que isso seja norma em qualquer Terreiro, até hoje.

CAMBONO EM GERAL

Art. 9° - Aos cambonos cruzados - secretários dos Guias - compete:

§ 1° - Ao cambono Chefe:

a) Cumprir e fazer cumprir no Terreiro, pelos médiuns, cambonos e assistentes, todas as origens vigorantes, velando pela boa e perfeita normalidade e regularidade dos serviços a seu cargo;

b) Fiscalizar o preparo e execução do defumador no início de cada sessão;

c) Superintender todos os serviços atribuídos aos demais cambonos, controlando a distribuição de todo material que se fizer necessário à realização dos trabalhos;

d) Controlar e disciplinar a chamada dos consulentes;

e) Esforçar-se para manter os trabalhadores e assistentes, em constante concentração espiritual, não permitindo que cruzem braços e pernas, que conversem e que procurem ter curiosidade sobre o que se passa no Terreiro, além de tudo mais que possa perturbar ou quebrar a corrente fluídica durante as sessões;

f) Levar ao conhecimento do dirigente da sessão, qualquer irregularidade que notar, antes, durante e após os trabalhos;

g) Finalmente acatar e fazer cumprir as resoluções que eventualmente possam ser emanadas do dirigente da sessão ou Guia Chefe do Terreiro.

Em relação ao item "E", percebemos a importância que era dada à participação da assistência que, embora alguns não levem em conta, é importantíssima na formação da egrégora do Terreiro. Uma Assistência dispersiva, não concentrada, conversando entre si, também pode provocar maior carga de trabalho para os médiuns com não muito boas consequências ao longo do tempo.

§ 2°- O Cambono Chefe deverá ser substituído em seus impedimentos por um dos cambonos substitutos;

§ 3°- Ao Cambono Tronqueira: Além das atribuições dos cambonos substitutos e auxiliares, fica especialmente encarregado de:

a) Fazer parte, obrigatoriamente, da mesa nas sessões de caridade, auxiliando os trabalhos de descarga e de doutrinação que se fizerem necessários aos espíritos sofredores que nela baixarem.

§ 4°- Ao cambono subchefe: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

a) Zelar pelo asseio e correção do uniforme dos trabalhadores do sexo feminino;

b) Fiscalizar o vestiário das senhoras;

c) Exercer controle da passagem que dá acesso ao toalete durante os trabalhos.

§ 5°- As funções desse cambono, que está subordinado diretamente ao cambono chefe, serão privativas do sexo feminino e só poderão ser exercidas, em caso de substituição eventual, por pessoa do mesmo sexo, designada pelo "Chefe", para esse fim.

§ 6°- Ao cambono substituto: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

a) Substituir os cambonos chefe e tronqueira em seus impedimentos eventuais;

b) Secundar e auxiliar o cambono chefe em todas as suas atribuições;

c) Executar as ordens de serviço relativa à subdivisão de trabalhos e atividades que cada um deve superintender durante as sessões.

§ 7° - Ao cambono auxiliar: Além das atribuições ainda não previstas:

a) Acatar e fazer cumprir as ordens recebidas do cambono chefe;

b) Receber das mãos do cambono chefe todo material que se fizer necessário ao Guia que assistir, salvo se o mesmo possuir material próprio, caso em que levará apenas ao conhecimento do cambono chefe a natureza do material a ser empregado;

c) Dar plena e geral assistência ao Guia com o qual estiver trabalhando, não podendo dele se afastar sem sua permissão;

d) Abster-se de ouvir as consultas, somente intercedendo nas mesmas em caso de ser chamado pelo Guia e apenas para atender ao assunto que por ele lhe for atribuído;

É terminantemente vedado:

1° - Revelar ou comentar a natureza das consultas e bem assim procurar tirar qualquer proveito dos assuntos tratados nas mesmas;

2° - Tomar ou procurar tomar conhecimento das consultas dadas por outros Guias, seja por curiosidade, seja por qualquer outro motivo.

§ 8° Ao cambono zelador: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

Zelar pelo “Jacotá” (altar), trazendo-o sempre limpo.

Zelar pelo asseio e higiene de todas as dependências da Tenda:
Providenciar para que todos os objetos e utensílio à ela pertencentes estejam sempre limpos, arrumados em ordem e em seus devidos lugares;

§ 9° - Esse lugar será exercido por pessoa do sexo feminino diretamente subordinada à direção da Tenda;

Distintivo dos cambonos cruzados: Faixa verde na cintura.

O que está acima nem é preciso comentar. São determinações de âmbito puramente material.

CAPÍTULO III DAS DISPOSIÇÕES COMUNS AOS TRABALHADORES DA TENDA

Art. 10 - Os trabalhadores da Tenda (médiuns e cambonos), indistintamente, são obrigados:

a) Médiuns desenvolvidos e cambonos: Matricular-se compulsoriamente, pelo menos uma vez por semana, em dia que escolher de comum acordo com a Direção da Tenda;

b) Comparecer às sessões em que estiverem matriculados ou escalados, só podendo faltar por motivo justificado;

c) Avisar, com a devida antecedência, a impossibilidade de seu comparecimento à sessão, justificando a falta;

d) Manter a concentração no Terreiro, curimbando em voz alta os pontos que forem sendo puxados;

e) Fazer, nos dias de sessão a que se obrigarem, uso de banho de descarga, cuja espécie será indicada pelo Guia que receber (caso dos médiuns desenvolvidos), ou pelo o que der assistência (caso dos cambonos), ou ainda pelo Guia Chefe do Terreiro, quando este terminar, sendo que, para os médiuns em desenvolvimento (sessão de Quarta-Feira), esse banho será feito com 5 folhas de mangueira.

f) Fazer uso do uniforme adotado (conservando-o limpo) e seus distintivos, não podendo permanecer no Terreiro em condições diferentes;

g) Procurar conhecer os pontos riscados e cantados (curimbas), bem como os seus significados, e, quando ignorá-los, pedir esclarecimento ao Guia Chefe do Terreiro ou ao dirigente dos trabalhos.

Alt. 11° - Os trabalhadores que sem motivo justificado faltarem a quatro sessões consecutivas, nas quais estejam matriculados, ou para as quais tenham sido escalados, ficarão privados de trabalhar na Tenda, condicionalmente:

a) Os médiuns: Enquanto "Orixá Mallet" não autorizar a sua volta ao Terreiro;

b) Os cambonos: Até que suas faltas sejam justificadas pela Direção da Tenda;

Parágrafo Único: Os trabalhadores suspensos, só poderão freqüentam as sessões em caráter de assistente, sendo vedado mudarem roupa de trabalho com o intuito de permanecer no Terreiro.

Art. 12° - Os médiuns desenvolvidos e cambonos poderão tomar parte nos trabalhos de qualquer sessão na Tenda, ainda que nela não estejam matriculados, desde que para isso tenham o assentimento do Guia Chefe do Terreiro.

Art. 13° - Os antigos trabalhadores da Tenda, afastados transitoriamente por motivos independentes de sua vontade, poderão frequentar e tomar parte em qualquer trabalho que se realize na Tenda, salvo o caso de proibição expressa do Guia Chefe do Terreiro após o início da sessão.

Art. 14° - Fica terminantemente proibido aos trabalhadores:

a) Afastar-se do Terreiro durante as sessões sob qualquer pretexto ou motivo, sem a devida autorização do dirigente dos trabalhos;

b) Trabalhar, sob pretexto algum, fora do recinto da Tenda (em suas casas ou em outro qualquer Terreiro), salvo o caso de autorização especial dada pelo "Chefe";

c) Fazer comentários de qualquer natureza, dentro ou fora do Terreiro, pessoais ou telefônicos, com referência aos assuntos que tenham sido tratados nas sessões, ou sobre outros quaisquer que digam respeito à vida privada de cada um.

O Artigo 14, em seus itens "b" e "c", eram e ainda são considerados muito importantes porque, trabalhar em casa, sem a proteção da egrégora do Terreiro, é uma forma de se arriscar e trabalhar em outro Terreiro seria o mesmo que estar jogando em um Clube e ir treinar em outro - é claro que se pode antever certos problemas daí advindos. Proibição quanto a fazer comentários de qualquer natureza etc. e tal, era e sempre será norma a ser cumprida por qualquer médium, do Terreiro que for.

Art. 15 ° - A secretária manterá os livros que forem necessários ao registro de matrículas dos trabalhadores e controle de seu comparecimento às sessões.

CAPÍTULO IV

DOS ASSISTENTES

Art. 16° - A entrada na Tenda só é vedada:

a) às pessoas alcoolizadas ou embriagadas:

b) às pessoas portadoras de armas ou animais;

c) às pessoas manifestamente mal intencionadas ou a desordeiros conhecidos.

Sem querer mexer com ninguém, mas, fazendo uma observação em vista de certas permissividades hoje existentes, será que alguém diria que a não permissão de entrada, nesses casos, seria falta de caridade?

§ 1° - São deveres dos assistentes:

a) Munir-se, logo após à sua chegada, do cartão numerado para a respectiva consulta;

b) Procurar acomodação na parte reservada a assistência, onde deverá se conservar até a hora de sair, com o respeito e dignidade devidos a um Templo Religioso;

c) Acatar as ordens gerais da Tenda e as que lhes forem transmitidas pelos cambonos;

d) Manter-se em elevação, se souber, o curimba (ponto cantado que estiver sendo puxado), para possibilitar uma perfeita e harmônica corrente fluídica, desde o início do defumador até o encerramento da sessão;

e) Atender prontamente, sob pena de perder a vez, ao chamado do cambono para a consulta.

§ 2° - É vedado terminantemente aos assistentes, consultarem a mais de um Guia na mesma sessão.

Ops! Já existia isso naquela época. Já existiam os "corre giras" e os "corre guias".

§ 3° - O assistente que tiver necessidade de qualquer natureza deverá dirigir-se ao cambono mais próximo, de preferência de seu sexo e expor o que deseja, para que este providencie como se fizer necessário.

§ 4° - Na ocasião da abertura da porta às 21:10 horas para saída das pessoas atendidas e retardatários, deverá ser observado o mais completo silêncio.

Respeito aos médiuns, entidades e à egrégora que deve ser mantida sem desvios de pensamento ou comportamento.

CAPITULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 17 - Por princípio doutrinário e em se tratando de reuniões de caridade puramente cristã, as pessoas que vierem à Tenda, devem se abster de pensamentos e propósitos que contrariem as virtudes exemplificadas por Jesus.

Assim sendo, as consultas não poderão versar sobre assuntos que fujam aos princípios capitulados nas Dez Mandamentos, constantes do Evangelho.

§ 1° - São deveres de todos os frequentadores:

Procurar conhecer o Espiritismo Cristão pela leitura de obras doutrinárias tais como:

O Evangelho, segundo o Espiritismo;

O Livro dos Espíritos;

O Livro dos Médiuns;

O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda.

Esse Capítulo é importantíssimo para que se deixem, de vez, de dizer coisas como: "Umbanda tem que largar o cristianismo e voltar às raízes africanas", ou então, "Umbanda é um Culto Afro", ou mesmo que "Umbanda com orações e leitura de livros espíritas é Kardecumbanda", comentários esses muito observados na Internet por conta de pessoas que, claramente, não conhecem em que princípios a Umbanda do Brasil se formou.

Lendo o acima exposto e observando certos posicionamentos, percebemo-los totalmente inadequados em relação a todos os que agem por esta cartilha, seguindo o que já determinava o Caboclo das Sete Encruzilhadas há 100 anos atrás.

Será que são eles os "errados", se é que existem erros de ritualística nesse sentido?

O caso é que a Umbanda é fundamentalmente cristã e, de acordo com outros princípios e ritualísticas que cada Terreiro achou por bem adotar, pode ter seus rituais mais africanizados, mais puxados para as práticas chamadas de orientais, esotéricas, ocultista, etc. Mas o "miolo", o fundamento maior é o de ter os ensinamentos do Cristo como base para todas as outras aplicações. E que ensinamentos do Cristo são esses: Amor ao próximo – Caridade (ajuda ao próximo), sem o que, não pode ser Umbanda.

§ 2° - Durante as sessões ou trabalhos de Terreiro é expressamente proibido:

a) Palestrar ou tratar assuntos estranhos à doutrina;

b) Fazer comentários maldosos sobre os irmãos da Tenda;

c) Proferir palavras de gírias ou de interpretações duvidosas, obscenas ou provocadoras de risos;

d) Fazer gestos ofensivos à moral ou aos bons costumes;

e) Lançar suspeitas, provocar ódios, difamar ou fazer comentários desabonadores sobre a vida privada de qualquer pessoa;

f) Desrespeitar ou incitar ao desrespeito, os artigos, parágrafos e alíneas do presente Regimento e ordens em vigor na Tenda;

g) Ingressar ou permanecer no recinto onde estão instaladas a Tesouraria e a Secretária da Tenda, com exceção dos componentes da Diretoria e pessoas encarregadas de serviços especiais.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 18 - A Tenda tem como "Chefe Espiritual" o Caboclo das Sete Encruzilhadas, também chamado simplesmente - o "Chefe"- criador de Umbanda no Brasil no ano de 1908.

"Orixá Malllet" é o trabalhador da Linha de "Ogum" (São Jorge), Chefe de Falange, encarregado dos trabalhos de demanda.

"Pai Antônio" é a entidade que serve de intérprete a "Orixá Mallet" e que comumente transmite as ordens do "Chefe".

"Guias e Chefes de Terreiro" são as entidades designadas pelo "Chefe" para dirigir e se responsabilizar pela parte espiritual das sessões.

Art. 19 - O presente Regimento entrará em vigor na data em que for ratificado pelo "Chefe", em sessão especial, para isso convocada.

Toda pessoa que se tornar associada da Tenda o faz espontaneamente, para cooperar na sua manutenção e progresso, motivo pelo qual deverá cumprir a risca, todos os seus deveres e principalmente manter em dia o pagamento de sua mensalidade.

COMENTÁRIOS FINAIS: Ao descobrir esse documento colocado em pdf para que se baixe em http://ebooks.brasilpodcast.net/ebook.php?id=762 pude perceber o quanto ele nos mostra, independente de outros textos que já "rolam" na Internet, do que seria e como funcionaria a Umbanda segundo a concepção do Caboclo das Sete Encruzilhadas e Zélio Fernandino de Moraes já que um Regimento Interno é documento escrito ou ditado diretamente pelas pessoas (encarnado e/ou desencarnado, no caso) envolvidas na questão e não apenas fruto de possíveis interpretações de terceiros (sem querer tirar o valor dos mesmos). E o que pudemos observar de importante nesse documento?

***1-** Que não havia, na Umbanda original, trabalhos com as falanges de Exu e nem se firmava tronqueira para eles. Qualquer depoimento em contrário poderá ser tomado como duvidoso em vista deste documento.*

***2-** Que as Sessões (hoje Giras ou Engiras) eram determinadas para as Falanges de Trabalho (Caboclos e/ou Pretos Velhos) e não para as Linhas de Trabalho ou "Orixás" para os que entendem melhor assim (Ex: Xangô hoje, Oxossi dia tal, Ogum mais adiante...). Isso é importante porque em um mesmo dia de Sessão poderiam estar presentes, tanto Caboclos(as) de Xangô, quanto de Ogum, quanto de Oxossi, e até Pretos Velhos, como podemos observar em relação às Sessões de Terças-Feiras, tudo de acordo com as necessidades:*

***3-** Que O Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou realmente Linhas de Trabalho e não de Orixás, utilizando-se de alguns nomes africanos, todos devidamente ancorados as Linhas de Santos Católicos, talvez apenas Linhas de Trabalho em que os Caboclos e Pretos-Velhos (e suas contrapartes femininas) poderiam trabalhar. Perceba como ele trata a entidade que se auto-intitula Orixá Malê: "Orixá Mallet" é o trabalhador da Linha de "Ogum" (São Jorge). Percebeu? Um trabalhador.*

E mesmo se auto-intitulando Orixá Mallet, não uma divindade da Linha de Ogum ou, como costuma-se falar também, "um Capangueiro do Orixá Ogum". Existe uma sutil diferença em se colocar as entidades como da Linha de Ogum (São Jorge) e não como Falangeiro de Ogum (Orixá), ainda que se lhes dê o mesmo nome (Ogum, no caso). No entanto, essa sutil diferença já nos mostra que a Umbanda de Caboclo das Sete Encruzilhadas não era Umbanda de Orixás (divindades) e sim de Linhas de Trabalhos através das quais apresentavam-se entidades espirituais – Caboclos – Pretos-Velhos e mais raramente Crianças.

***4-** Que o Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou Sete Linhas de Trabalho sendo elas, pelo que se pode observar nas festas anuais: Yemanjá, Oxossi, Ogum, Xangô, Inhaçã, e segundo alguns, Oxalá e Exu que, no entanto, não são citadas, nem nos dias de trabalho e nem nas festas comemorativas. Encontramos sim, bem citadas, as Linhas de Pretos-Velhos (Almas) e Crianças – as demais eram comemorativas dos Guias Chefes, da Umbanda em si e da Tenda Nossa Senhora da Piedade. Por que ele determinou Sete? Está aí uma outra boa pergunta que deveriam ter feito a ele.*

***5-** Que não vemos aqui a inserção de Oxum, Nanã, Obaluaê, Omulú, Oxalá, Oiá, Obá ou qualquer outro considerado Orixá nas Nações afro. Se a Umbanda Original fosse de Orixás, seria pelo menos razoável que, já em seu início, considerasse os 16 escolhidos pelo Candomblé dentre tantos outros africanos, não acha?*

***6-** Vemos, por um outro lado, que Santo Antonio, também Santo Católico mas não considerado Linha de Trabalho então, também era festejado em seu dia, já por influência de Pai Antonio – ambos eram festejados em 13 de junho.*

***7-** Que a Doutrina básica da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas baseava-se em livros Espíritas e num outro que talvez fosse o único escrito na ocasião: O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda – do senhor Leal de Souza que veio a ser médium da Tenda Nossa Senhora da Piedade recebendo, posteriormente, a incumbência de abrir a Tenda de Nossa Senhora da Conceição (veja bem: não é de Yemanjá ou Oxum). Aliás, sobre o senhor Leal de Souza, consta na história que ele divulgava ter sido o Caboclo Curugussú aquele que preparara o terreno para que o CDSE viesse, após, anunciar a Umbanda Branca. Dizia-nos ele numa entrevista publicada no Jornal de Umbanda de outubro de 1952, com o título de "Umbanda – Uma Religião Típica do Brasil:*

" A Linha Branca de Umbanda é realmente a religião nacional do Brasil, pois que, através dos seus ritos, os espíritos dos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem a sua descendência. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curugussú, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos Guias Superiores, que regem o nosso ciclo psíquico de realizar na Terra a concepção do espaço"...

Infelizmente o médium Leal de Souza, que inclusive ensaiou uma codificação das Linhas de Umbanda (que cito abaixo) não deixou claro quem teria sido o médium do Caboclo Curugussú e nem onde ele teria se manifestado. Segundo ainda Leal de Souza, em 1925, seriam as Linhas de Umbanda como se seguem: Oxalá (Nosso Senhor do Bonfim), Ogum (São Jorge), Euxossi/Oxóssi (São Sebastião), Shangô/Xangô (São Jerônimo), Nhan-Shan /Yansã (Santa Bárbara), Yemanjá (Nossa Senhora da Conceição) e Almas – utilizei a grafia como a encontrei e a que agora vemos.

Perceba que mesmo aqui não há menção a Exus na Umbanda e, para conhecimento de todos, essas linhas de trabalho foram ratificadas no 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo e Umbanda realizado em 1941, no Rio de Janeiro. O que isso quer dizer? Que para que fosse realmente reconhecido como Umbanda, todo e qualquer grupamento deveria seguir estas determinações, assumindo estas Linhas de Trabalho.

Quer dizer também que, na ocasião, todos os que se auto rotularam Umbanda e não seguiam estas determinações, já estavam se valendo de um nome ritualístico do qual não deveriam lançar mão. E também nos posiciona melhor sobre os porquês de hoje em dia existirem tantas diversidades. O fato é este: O Congresso não teve a força que deveria ter ou, por outro lado, suas determinações não foram reconhecidas por uma grande parte que queria "fazer Umbanda"... mesmo não fazendo.

Mas como não introduzirmos Oxum? E Exu? Vai ficar fora da Umbanda? Como diz o popular: "Tudo o que se repete de forma contumaz acaba virando verdade" e, como desde o início à Umbanda foram adicionadas Linhas outras e também outras formas de trabalho, desde que os Princípios Basilares da Umbanda sejam respeitados, cada grupamento espiritual tende a aceitar e adotar mais essas ou aquelas Linhas, esse ou aquele ritual, essa ou aquela liturgia ou mesmo técnica de trabalho como é hoje a Apometria que, mais rudemente, já era executada em diversos Centros de Umbanda, mormente os que eram (e ainda são) chamados de "Mesa Branca".

O que não vale mesmo é um grupamento querer "puxar a brasa pra sua sardinha" e dizer que Umbanda tem que voltar às raízes afro que nunca teve, ou que tem que deixar o Cristianismo (observe que não é Catolicismo) de lado, como se este não fosse um de seus pilares. Que outras Linhas agregadas não podem ser aceitas na Umbanda. Dentro de padrões, pelo menos racionais, podem sim, dependendo do Chefe Espiritual da Casa de Umbanda (o que manda mesmo) que obrigatoriamente tem que ser ou um Caboclo ou um Preto-Velho, esses sim, marcas registradas da Umbanda.

O que não pode é essas Linhas Agregadas tomarem conta da Banda e saírem, por exemplo, em louvação à Mãe Lua, à Mãe Terra, etc., ou criando giras e rituais somente seus a ponto de mudarem totalmente os objetivos maiores das Sessões ou Giras de Umbanda, ou fazerem como Chefe Espiritual do Terreiro: baianos, mineiros, exus, ciganos etc. e tal. Todos podem ser entidades de grande valor nos trabalhos, desde que a eles tenham sido ensinados os objetivos e formas de trabalho da Umbanda, mas, como são agregados auxiliares, não tem ordem de comando para dirigirem verdadeiros Terreiros de Umbanda, a não ser sob vigilância de um Verdadeiro Caboclo ou Preto Velho.

E como sei que alguns, ao lerem, vão logo querer defender as Falanges de Ciganos, deixo bem claro que não há ataque algum a qualquer tipo de falange neste texto e sim constatação de fatos. Vou adiantando aqui que, embora venham sendo aceitos em alguns Terreiros (não todos) e não há muito tempo, como querem fazer crer outros mais, essas falanges têm suas formas de ver e agir, bem assim como princípios religiosos e de louvação, bastante distintos do que sempre foi preconizado para a Umbanda e, até onde sei, há até mesmo indicações para que seus altares sejam diferenciados do altar mor dos Terreiros – o Congá. E pra reforçar ainda mais, vemos em muitos Terreiros Giras especialmente organizadas para o dia dos Ciganos e Ciganas, numa clara demonstração (só não percebe quem não quer) de que a ritualística deles tem que ser especial – sem Caboclos ou Pretos Velhos por perto – e, preferencialmente, com louvação a Santa Sara e não a Orixás ou Santos, embora já se veja, por parte de mais alguns, uma tentativa de adaptação dessas crenças para justificarem ciganos como povo de Umbanda.

Tenho nada contra quem faz assim e o que vou dizer não lhes tira o valor quando chegam para trabalhar pela Caridade verdadeiramente. Cada um chama e trabalha com as entidades que achar melhor e até muito positivamente, eu creio. Mas que são entidades fora do contexto de Umbanda, lá isso são.

Saudações fraternas a todos.

Além das "Linhas Mestras" do Caboclo das Sete Encruzilhadas, se mais alguma coisa for acrescentada e utilizada no conjunto de princípios doutrinários e nas práticas de Terreiros de Umbanda que seguirem suas orientações, devem ser observadas dentro dos "POSTULADOS DA UMBANDA", já exposto neste Módulo.

Uma coisa sempre nos chamou a atenção: vimos, em vários Terreiros, médiuns manifestados com Caboclos, utilizando o nome de "Caboclo das Sete Encruzilhadas". Isso seria possível? Alguns arriscavam o palpite que seriam Espíritos que trabalhavam numa corrente espiritual, comandada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, e, portanto, utilizando, o mesmo nome.

Não aceitamos tal dissertativa, pois, primeiramente, a corrente espiritual formada pelo instituidor da Umbanda, são todos os Espíritos que militam na própria Umbanda, e não um pequeno grupo seleto de Espíritos.

Segundo, também não aceitamos a dissertativa de que são formadas "falanges" ou "correntes" espirituais de vários Espíritos utilizando um mesmo nome. Seria o mesmo que achar que em Aruanda, estavam sendo formados pequenos núcleos de Espíritos formando "panelinhas", em torno de um mestre ou mesmo de um "hierarca". É inaceitável tal ideia.

Um Espírito pode usar um mesmo nome simbólico de outro, por afinidade, por admiração ou mesmo homenagem, mas, cremos, que nenhum obreiro da Umbanda usaria como nome simbólico designativo, o do fundador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, primeiramente por respeito, segundo pelo fato de não querer causar desconfortos, más interpretações e muito menos chamar atenção. Também pode acontecer de o nome ser utilizado, pelo simples fato do animismo do médium assim o desejar, ou assim o idealizar, consciente ou inconscientemente.

Vamos a um exemplo prático: Quantos nomes e sobrenomes Antônios, Marias, Paulos, Silvas, Moraes, Santos, Alcântaras, Azevedos, Machados existem no mundo? Quantos homônimos existem? Pelo fato de milhares de humanos usarem o mesmo nome e/ou sobrenome não significa que são familiares, ou pertencem a um mesmo clã. Quantos humanos são batizados com nomes de pessoas conhecidas, numa simples homenagem ou mesmo admiração.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, instituidor da Umbanda é único. Não existe outro. Não se tem notícia de absolutamente ninguém manifestá-lo em mediunidades de nenhuma espécie. Isso é fato, inclusive defendido pelas filhas de Zélio de Moraes, Srª Zélia e Srª Zilméia, e a atual dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, Srª Ligya Cunha, Neta de Zélio de Moraes e seus mentores.

Corroborando com o defendido por nós, encontramos um artigo escrito por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 91 – ano III – página 15 – 1958, intitulada "O PASTOR DA UMBANDA":

(...) *"Habituados a ouvir dizer: "O Caboclo das Sete Encruzilhadas baixa tal ou qual Terreiro", os adeptos de Umbanda imaginam que ele é "mais um" entre os inúmeros que vem para a sua missão de caridade. Já é tempo de corrigir-se o erro; ele não é "um entre muitos", em Umbanda ele é o "primeiro entre todos", porque foi comissionado para purificar os seus trabalhos; não há entidade que lhe não preste a sua homenagem, e todos, sem vaidade, sentem-se felizes em auxiliá-lo na sua obra de comissionado, pela qual ele vem lutando há mais de 40 anos"* (...).

Certa ocasião inquirimos ao Caboclo Araribóia sobre o significado dos nomes simbólicos utilizados pelos Guias na Umbanda, e ele nos disse: *"Filho; um nome nada mais é que um amontoado de letras sem significado algum, a não ser identificação. Cada Espírito trabalhador da Umbanda, assume um nome simbólico que lhe é simpático, geralmente figurativo com referência a sua especialidade, ou mesmo deveres". Mas, é simplesmente um nome e nada mais.*

Na fita nº 50 (disponibilizado em nosso site juntamente com esse livro, com gravação na voz de Zélio de Moraes, ouvimos o seguinte: (...) *"o Caboclo das 7 Encruzilhadas, criador da Umbanda em 1908, quando ele abriu a primeira Tenda dentro da Federação Espírita Kardecista do Brasil, ele não se apresentava com capacete, nem coisa nenhuma que representasse Caboclo; ele era um Jesuíta e tomou um nome, porque o Espírito pode tomar o nome que quiser; então ele tomou o nome de Caboclo das 7 Encruzilhadas"* (...)

No 3º Módulo, no capítulo: "OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS – OS ESPÍRITOS TUTELARES", no subtítulo: "Os nomes simbólicos utilizados pelos Guias e Protetores Espirituais na Umbanda", estaremos dissertando mais profundamente a questão.

AS DETURPAÇÕES SOFRIDAS ATRAVÉS DO TEMPO

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, instituidor da Umbanda, nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas nos deu "Linhas Mestras", as determinações necessárias para que se processasse todo o desenrolar das atividades espirituais e materiais de como deveria ser um Terreiro de Umbanda, e não aleatoriamente, com achismos, personalismos e idiossincrasias, como observamos ser conduzida há tempos.

Não são poucos os momentos os quais nos deparamos com princípios fundamentais sendo burlados e, depois de significativas alterações neles inseridas, são assumidos como certos e verdadeiros. Procedimento assim admitidos por aqueles que calculam deter a trama dos melhores caminhos.

Se alguém, desta forma, produz e os segue, cabe o despertar, mais tarde, da intromissão efetivada onde os parâmetros já estavam todos acertados, e orientar-se pelas "Linhas Mestras" antes de desviar-lhes os sentidos. Todavia, o que se tem notado é que os deturpadores, logo os feitores, não pretendem seguir suas astúcias sozinhos. Então, assumem-nas como diretrizes para os Terreiros, dito umbandistas, onde se mantém em posição de dirigentes e, achando-se devido à posição ocupada com o direito de instalar suas insanas ideias. Embora, muitas vezes, de forma velada, a ação é cometida, pois, sabem pela própria natureza, que os desvios imputados fogem das razões maiores. Mas, ainda assim, permitem-se serem vencidos pelo orgulho.

O objetivo maior é fazer com que todos os trabalhadores do dito Terreiro sejam controlados pelos valores desvirtuados e se mantenham sob sua tutela. Isto é, manter o nível das ações internas no alcance do seu cabedal intelectual e moral, para que não lhes fujam ao entendimento, detendo, com a ação infeliz a supremacia.

Sob essas e outras tantas circunstâncias, ainda encontramos aqueles que dizem dirigir um Terreiro de Umbanda, quando, na realidade, eles se movimentam em um Terreiro com Espíritos, assim como muitos existentes no Brasil. Resta saber quem são esses Espíritos.

Esquecem os diletos irmãos que um "Terreiro de Umbanda" deve orientar-se pelas "Linhas Mestras" legadas pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Caso contrário, não devem afirmar ser tão somente um “Terreiro de Umbanda”, já que não cumprem as “Linhas Mestras” que estabelece o comportamento das agremiações assim denominadas, mas, que se atenham e classifiquem-se ostensivamente, a qual modalidade pertencem.

Existem vários segmentos que se autodenominam umbandistas que pautam suas “regras” segundo a concepção de seu corpo docente e/ou discente; Mas, perguntamos: essas “regras” centralizadas em seu Terreiro ferem os preceitos das “Linhas Mestras” do Caboclo das Sete Encruzilhadas???

Um Terreiro umbandista que se desvirtua dos princípios básicos preconizados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, onde seus membros não estudam, não se evangelizam, não se reformam intimamente, não se aprimoram e praticam somente seus achismos e idiossincrasias sem se preocuparem em saberem de onde, como e porque tudo surgiu, fatalmente se sujeita a ser “punido”, ou seja, será um Terreiro com Espíritos molestadores e mistificadores, levando-os, gradativamente, a serem instrumentos das suas vontades. Evidentemente, nessas condições, estará defasada dos primordiais princípios que regem um Terreiro umbandista. Haja vista que, aquele sob orientação das “Linhas Mestras” estabelecidas pelo instituidor, não sofre a sequela de irmãos ignorantes ou equivocados, face às vibrações presentes indisporem acesso ao indevido, por estarem vivenciando a atualidade, isto é, o estudo, o entendimento e a evangelização é a estrada principal.

Quando uma doutrina sofre alterações nos seus princípios, modificações essas que não foram elaboradas pelo Conselho Espiritual que a constituiu, deixa de ser a doutrina regente, para ser uma qualquer.

Nesse caso, não poderá dizer-se, pela adulteração efetivada, seguir-se a tal doutrina, pois, passou a ser outra, desde o momento em que as suas “Linhas Mestras” foram alteradas, sem autorização dos seus principais feitores, ou procuradores devidamente autorizados.

Quanto à Doutrina Umbandista, para que modificações significativas ocorram, deverá ser somente com a autorização do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e este, como somente executa as recomendações de Jesus, seria necessário lhe chegassem ordens do Mestre. Todavia, fato que não devemos esperar. Porquanto, as Leis de Deus são imutáveis, e Jesus é mensageiro do Pai.

As simples “Linhas Mestras” da Doutrina Umbandista, na íntegra, oferecidas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, são isentas de falhas e desnecessárias são quaisquer correções ou alterações. Quando desvios são inseridos, aqueles que os promoveram assumiram a responsabilidade do ato indevido. Adulteraram uma obra construída pelo modelo e guia da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A consciência do verdadeiro umbandista não se deixa quedar por outros rumos, traçados fora das “Linhas Mestras” exercitadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Tendo essas premissas como pura verdade, por que iria se aventurar por desqualificações introduzidas na Umbanda se as “Linhas Mestras” de seu conteúdo foram doadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas?

A Lei de Deus determina que obras construídas com descaminhos sejam desmanchadas, e, outras, erguidas com elos da verdade, para que possamos adentrar o Reino dos Céus, pois, pela porta estreita, os limitadores impedem o desrespeitador das Leis Universais.

Modificam a Doutrina Umbandista, alteram-lhe os sentidos, desvirtuam-lhe as estruturas, aplicam-lhe seus personalismos e achismos e têm a prevalência de dizer que estão seguindo-a.

Depois de assim procederem, clamam pelos Sagrados Orixás. Que incoerência. Acham que suas observações são melhores que as verdades do Caboclo das Sete Encruzilhadas, tanto que alteram seus ensinamentos explicitados.

Quando somos incoerentes com os ensinos dos mais sábios, principalmente com os que o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos legou, fica mais do que evidente: falta-nos o estudo, condição única para ampliar os escassos conhecimentos.

Também ocorre o fato da idiossincrasia de certos umbandistas, que “incorporam” na doutrina/ritualística umbandista, àquilo que suas mentes acham serem certo.

Maneiras de se conduzir rituais, montagens de altares, ou seja, a parte externa de um culto é de somenos importância, pois usamo-los para materializar o abstrato, bem como para satisfazer os nossos egos; só não podemos exagerar nas excentricidades, pois, a Umbanda é simples e desprovida de pompas. Só temos que tomar os devidos cuidados para não exagerarmos, pois correremos os risco de externarmos mal gosto, caindo no ridículo.

Aliás, perguntamos para a Vovó Joana da Bahia, sobre as imagens dispostas no Peji da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, e ela nos respondeu: *"Filho. O Caboclo das Sete Encruzilhadas não pediu nada daquilo. O que tem lá é tão somente da vontade do dirigente e de seus seguidores. Isso pra nós não importa filho. É bonito e serve para direcionar o pensamento de quem vê. Só tome o cuidado de não exagerar e nem utilizar imagens e outras coisas que ferem a razão e o bom senso".*

Quanto ao vestuário (uniformes), não devemos nos esquecer que os Espíritos não têm vaidade de espécie alguma. Espíritos que exigem vestuários extravagantes e coloridos, ainda estão presos em seus egos, não podendo portanto, serem guias de nada.

Não propagamos nem aconselhamos a preferência de métodos; cada qual segue ou adota os que melhor lhe convém e agrada, dentro das mesmas finalidades, é claro, sobre as quais não devem prevalecer dúvidas quanto a sua nobreza e elevação; o que não podemos é recusar a Caridade a quem no-la solicita, quando em nossas mãos estejam os meios precisos, e é isso que estamos crentes todos os bons umbandistas devem fazer, sem a preocupação de mesquinharias de interesse pessoal.

As magias não foram normatizados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois são manipulações magnéticas naturais comandadas somente pelos Guias Espirituais (na Umbanda quem entende de magia é Guia Espiritual), para casos específicos; os Protetores Espirituais somente realizam o que os Guias Espirituais recomendam.

O que sai fora das "Linhas Mestras" preconizadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, é tão somente pelo personalismo e pelas idiossincrasias de muitos umbandistas, que incorporaram na doutrina/ritualística de seus Terreiros, àquilo que suas mentes acharam serem certo.

Conclusão:

Por várias vezes nos perguntamos: Por que as "Linhas Mestras" ditadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas não foram seguidas por muitos umbandistas de então e muito menos por muitos umbandistas de hoje? Porque, hoje, muitos relegaram o Caboclo das Sete Encruzilhadas como um simples marco oficioso, um mito, da Umbanda? Porque até hoje suas simples "Linhas Mestras" não são analisadas a luz da razão e seguidas fielmente pelos umbandistas???

Encontramos uma só explicação plausível, descrita no Evangelho:

- *"Um profeta só não é estimado em sua própria pátria, entre seus parentes e em sua família"* (Mc 6,3)
- *"Um profeta só não é estimado em sua própria pátria e em sua família"* (Mt 13,57b)
- *"Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria"* (Lc 4,24)

Pela falta de fé, de confiança e principalmente por cada individuo, posteriormente, se tachar de umbandista, querer fazer àquilo que suas mentes achavam correto, acabaram por não aceitar e seguir as "Linhas Mestras" do Caboclo, relegando-o ao esquecimento. A partir daí, cresceram as idiossincrasias, os achismos, as exteriorizações fúteis, os rituais preferenciais, as manifestações estapafúrdias, as crendices, o colorido desnecessário, as dançarias frenéticas, os batuques ensurdecedores, as magias a torto e a direito, muitas com fins pecuniários, a feitura de despachos e oferendas indiscriminadas, etc., tudo a guisa de "fundamentos" de Umbanda.

Jesus deu ao Caboclo das Sete Encruzilhadas o exemplo de como enfrentar este problema: *"Ele continuou o seu caminho"* (Lc 4,20). E isso mesmo; apesar das críticas, da não-aceitação, dos desvirtuamentos, das traições, das hipocrisias, das ingratidões, etc., seguiu seu caminho. O Caboclo das Sete Encruzilhadas sofreu com isso, mas não se abalou, pois sua convicção não se baseava na opinião, aprovação e aceitação dos outros, mas na oração, no exemplo, na paciência e na fé, de que, no futuro tudo se ajeitaria a contento. E é o que está acontecendo.

Em questão de Umbanda, tudo o que sai das diretrizes das "Linhas Mestras" ditadas pelo Caboclo das Sete encruzilhadas, não são fundamentos da Umbanda, mas simplesmente, ritos preferenciais, idiossincrásicos, alguns migrados ou emigrados de outras religiões e filosofias, sendo posteriormente colocados como tradição.
Também encontramos um texto concernente, onde o "Espírito da Verdade" fala a Kardec sobre sua missão. :

"(...) A missão dos reformadores é repleta de obstáculos e perigos. Previno-te de que a tua é rude, pois se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranquilamente em casa. É necessário que te mostres no conflito. Ódios terríveis serão açulados contra ti, implacáveis inimigos tramarão tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga (...). (Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, editora Record).

Observem que este aviso se encaixa perfeitamente na missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois ele é o reformador dos cultos primitivos praticados pela Macumba, e, igualmente, transmudou os trabalhos mediúnicos ordenados pelos Espíritos a Kardec, convertendo-os em trabalhos caritativos, efetuados por todos os Espíritos solícitos e engajados no bem, sejam eles quais forem, vindo, igualmente, abalar os pré-conceitos sobre a emergente doutrina. Se mostrou no conflito, trazendo as "Linhas Mestras". Foi "traído" em seus ideais pelos que eram mais próximos e dedicados, pois preparou milhares de médiuns, sendo suas normas desprezadas e falseadas em seus princípios.

E o "Espírito da Verdade", ainda disse a Kardec: *"(...) Nunca fales da tua missão; seria a maneira de a fazeres malograr-se. Ela somente pode justificar-se pela obra realizada e tu ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens saberão reconhecê-lo, cedo ou tarde, visto que pelos frutos é que se verifica a qualidade da árvore (...).* (Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, editora Record).

Observem que o Caboclo das Sete Encruzilhadas sempre se definia como *"o mais humilde dos Espíritos que baixa a Terra"*; nunca se ouviu ufanar-se de sua missão de instituidor da Umbanda. O Caboclo realizou sua obra, a cumpriu condizentemente no silêncio, e hoje, ainda está plantando suas sementes de amor, infundindo suas "Linhas Mestras", para que futuramente colha seus frutos.

Aproveitando, disponibilizaremos alguns textos de José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, mostrando os conceitos de um umbandista filho espiritual da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, pautado nas "Linhas Mestras" do instituidor da Umbanda:

O PASTOR DA UMBANDA

"Bem-aventurados os que têm fé, porque esses verão a Deus Nosso Senhor".

A fé é uma das virtudes fundamentais de todas as religiões. Sublime por excelência, sem ela nada se poderá realizar no terreno espiritual e é por seu intermédio, dependendo da sua maior ou menor intensidade, que as almas se habilitam a levar avante a missão de que se incumbiram.

A fé remove montanhas, cura as enfermidades do corpo e da alma, transforma os criminosos em cordeiros, faz o milagre – maravilhoso entre todos – do ladrão subir aos Céus com Jesus Cristo.

Foi a fé que levou uma grande alma a realizar em nossa terra uma formidável obra de reforma religiosa, com a implantação, em nosso meio, da Lei de Umbanda.

E esta realização é tanto maior quando todos nós sabemos que, no Brasil essencialmente católico, de há 40 anos passados, era quase um crime pensar-se em fazer modificações de ordem espiritual, que pudessem afetar, de leve sequer, o prestígio dos padres de Roma.

A realização da tarefa, por isso mesmo espinhosíssima, que sobre os seus ombros tomou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, de organizar a Lei de Umbanda no Brasil, é um verdadeiro milagre de fé, que nos leva a um sentimento de grande amor e de profundo respeito por essa entidade, que se faz pequenina e que procura velar-se sob a capa de uma humildade perfeita.

É a ele – ao Pastor de Umbanda – que se deve a purificação dos trabalhos de magia nos Terreiros; é a ele que espiritualmente está entregue a direção de todas as Tendas de Umbanda no Brasil.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o verdadeiro Guia da Umbanda, o pastor das ovelhas de Yemanjá, aquele com quem todos os outros Guias lá no alto combinam, quando querem colaborar nos seus Terreiros.

Foi ele quem assumiu perante Oxalá o compromisso de expurgar a Umbanda do rito essencialmente africanista que se vinha praticando desde as primeiras levas de escravos trazidos pelos portugueses.

Foi ele quem provocando uma guerra com os Espíritos das trevas, diretamente interessados com a implantação dos trabalhos de magia negra, não vacilou um só momento em seguir o programa traçado e arrebanhando as suas ovelhas – verdadeiro Pastor de Umbanda – vai continuando a sua obra de propagação com as constantes inaugurações de Tendas que, filiadas ou não à Tenda de Nossa Senhora da Piedade, são realmente suas, estão, queiram ou não queiram os seus organizadores, debaixo de sua orientação espiritual.

Que os que nos leem não se esqueçam desta verdade: o Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele.

Sei que muitos não concordarão com o nosso pensamento, pelo que peço perdão e licença para elucidá-lo. O meu intuito não é diminuir qualquer das entidades que baixam nos Terreiros de Umbanda e muito menos ferir qualquer suscetibilidade; eu sei, e todos sabem, que podem descer nos Terreiros entidades maiores que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, embora não se declarem como tal, mas essas entidades que vem prestar socorro a filhos que sofrem, vem e voltam sem a responsabilidade que cabe ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, que recebeu a missão de purificar os trabalhos da magia.

Como prova, aí estão as suas Tendas, formando um todo homogêneo, organização que não tem similar e que vem resistindo a todas as campanhas que tem sofrido.

As minhas declarações não têm outro sentido a não ser que o Caboclo das Sete Encruzilhadas foi realmente o comissionado para esse fim; ele não vai inovar, veio apenas purificar o que já se fazia no país há algumas centenas de anos; ele não destruiu os rituais praticados, antes deu-lhe força e método e o propagou com sua organização maravilhosa.

Verdadeiro Mestre da Magia Branca, responsável pela pureza do seu ritual, ele não poderia abandoná-la, porque o considera sagrado; ao contrário, ele nos ensinou a amá-lo e a respeitá-lo, porque ninguém melhor do que ele sabe que não há religião sem ritual.

O que ele deseja, entretanto, é que este ritual de Umbanda, humilde, mas cheio de luz, seja nivelado ao ritual elevado das grandes religiões e isento de toda inferioridade e da prática de coisas inúteis e perniciosas. O que deseja, sobretudo, é que este ritual seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo.

Essas minhas declarações são tanto mais insuspeitas quanto todos sabem o grande amor que eu e todos os que fazem parte da Casa de São Jerônimo temos ao Caboclo da Lua, que é por nós considerado uma entidade de grandes poderes e elevada espiritualidade. Todavia, e para isso chamo a atenção de todos, por muito grande que seja, ele não hesitou em trabalhar sob a Chefia do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e foi ele quem organizou e lhe ofereceu a Tenda de São Jerônimo, que espero será um dos esteios de sua obra formidável.

Há alguns anos, previmos que Umbanda seria a futura religião do Brasil, numa visão feliz que posteriormente foi plasmada num estudo humilde e modestamente ofertado pelos filhos de São Jerônimo aos filhos de Santo Agostinho, que a nós são unidos pelo coração e pelos mesmos ideais.

Então, a Umbanda era perseguida não só pelos outros credos religiosos, mas ainda, pelas autoridades constituídas que a rebaixavam ao nível da magia negra. Hoje, começamos a ver raiar a alvorada de Umbanda, porque são as próprias autoridades que nos convocam para uma confissão pública de Umbanda como credo religioso, permitindo que, com essa designação, as Tendas de Umbanda funcionem.

É a nossa vitória, ou antes, a grande vitória do Caboclo das Sete Encruzilhadas. O que nós todos lhe devemos é de valor inestimável; jamais poderemos pagar os benefícios espalhados a mancheias por ele e pelos Espíritos que acorreram ao seu chamado para ajudá-lo no cumprimento de sua missão.

É uma felicidade para nós prestar ao Caboclo das Sete Encruzilhadas essa homenagem, rendendo-lhe um elevado preito de gratidão com o nosso reconhecimento público de que ele é o legitimo Pastor de Umbanda, o único diretamente responsável perante Oxalá por todas as Tendas já organizadas entre nós e por todas as que vierem a se organizar.

Este Espírito de eleição, cuja fé é um incentivo para os nossos Espíritos entibiados, cheios de irresoluções, fracos no cumprimento do dever, rebeldes quando não vemos que as coisas marcham sempre ao sabor dos nossos desejos; este Espírito de luz, cujo amor a Oxalá o levou a não ver os espinhos que o feriram ao longo da penosa jornada que teria de percorrer durante tão duros anos, bem merece ser enaltecido por todos os filhos de fé que se sentem felizes no ambiente humilde de Umbanda e que nem de leve suspeitam de seu verdadeiro valor, da sua singular grandiosidade.

Habituados a ouvir dizer: “O Caboclo das Sete Encruzilhadas baixa tal ou qual Terreiro”, os adeptos de Umbanda imaginam que ele é “mais um” entre os inúmeros que vem para a sua missão de caridade.

Já é tempo de corrigir-se o erro; ele não é “um entre muitos”, em Umbanda ele é o “primeiro entre todos”, porque foi comissionado para purificar os seus trabalhos; não há entidade que lhe não preste a sua homenagem, e todos, sem vaidade, sentem-se felizes em auxiliá-lo na sua obra de comissionado, pela qual ele vem lutando há mais de 40 anos. As injustiças, as ingratidões, os escárnios, a zombaria, que lhe tem sido feitas durante todo este tempo, jamais contribuíram para um desfalecimento, por minutos que fosse de sua parte, em levá-la avante.

Assim como a tremenda campanha feita contra Nosso Senhor Jesus Cristo, por aqueles que, sem luz, desejavam o aniquilamento de sua obra e o desaparecimento de sua doutrina, só contribuiu para que ela com mais rapidez e segurança se propagasse pelo mundo inteiro, assim também toda a campanha de desmoralização e todo o sistema de intrigas urdido até hoje contra a obra formidável do Caboclo das Sete Encruzilhadas só tem contribuído, e cada vez mais contribuirá, para o seu engrandecimento e para que por todos os séculos se mantenha de pé.

Foi a fé que o ajudou a realizar esta obra, que um dia será gigantesca e se espalhará também pelos confins do mundo; é pela fé que ele pretende nos levar aos pés do doce Oxalá, de quem é um humilde devoto.

Verdadeiro Pastor de Umbanda, ele vela constantemente pelas suas ovelhas, a fim de que não se contaminem com o hábito pestilencial da magia negra, e sereno, como só os grandes podem ser, ele sorri, confiante na vitória de sua obra, porque sabe que a fé é o seu alicerce, a sustentará pelos séculos afora".

(Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 91 – ano III – página 15 – 1958)

UM POUCO MAIS SOBRE O PASTOR DA UMBANDA

A obra de espiritualização dos adeptos da Lei de Umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas nesses quase cinqüenta aos de trabalho ininterrupto das suas Tendas, é alguma coisa de que devemos nos orgulhar.

Apraz-me rememorar, constantemente, a fim de que fique bem fixado na mente e no coração de todos os umbandistas e com o objetivo de dar um grande impulso para maior engrandecimento da obra, o desprendimento de todos os que, durante esse tão largo lapso de tempo, vem colaborando, com rara tenacidade, para a conservação do patrimônio espiritual e moral constituído, como uma herança preciosíssima para nós, pelo humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas;

Todo aquele que, sem parti-pris, se der ao trabalho de fazer um estudo honesto sobre a história da Umbanda no Brasil, terá que chegar à conclusão – para nós muito honrosa e sobremodo grata – de que foram as Tendas do Caboclo das Sete Encruzilhadas que sem receio dos trabalhos afanosos, das lutas incessantes com os que tinham interesse em combater-nos, num trabalho consciente de obediência à orientação do maravilhoso Guia, expurgaram os adeptos de Umbanda das tendências para a magia-negra, impondo aos que as frequentavam um ritual simples, honesto, digno, de caridade real, porque aos mesmo tempo que cura os males físicos dos que as buscam, doutrina os Espíritos mal acostumados, que comumente confundem Espiritismo de Umbanda com feitiçaria.

Não há nada melhor, nem mais admirável a se constatar até hoje. Se lançarmos um olhar em torno de nós, havemos de ver desde tempos que não vão muito longe, porque estão nítidos a memória de todos a Tenda Nossa Senhora da Piedade, tendo à sua frente o Espírito luminoso que é o nosso Guia, atraindo sempre milhares de adeptos que, em busca de lenitivo para os seus males de toda a espécie, a procuram como a verdadeira Meca de Umbanda!

Do seu seio saíram todas as organizações no gênero feitas à sua imagem e semelhança; é uma comunidade em que todos os elementos, todos os líderes e os melhores médiuns conhecidos de Umbanda, foram feitos sob as suas vistas nas suas Casas, conviveram com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, dele recebendo suas luzes; aprenderam e transmitem as suas magníficas lições.

A semente da verdadeira Umbanda saiu dos jardins de sua organização. Ainda hoje é ele o Maomé dessa nova religião, que toma vulto e já se propaga pelo país inteiro, do Norte ao Sul, do Leste ao Oeste.

Com a humildade que o caracteriza, limitou-se ele a preparar o edifício da fé, da espiritualidade simples e pura; ligou Umbanda ao Evangelho de Jesus, adotando o lema Espírita – "Fora da caridade não há salvação"; jamais pleiteou para a sua organização bens materiais, palácios ou ritual luxuoso; as suas Casas continuam a ser o que sempre foram; portas abertas para todos os que sofrem, sem distinção de classe, credo ou cor; dinheiro é expressão que não se usa, porque a prática da caridade é feita nos moldes pregados no Evangelho de Jesus, sem se olhar as condições das pessoas que batem à sua porta. "Daí de graça o que de graça recebeis".

Somos realmente os legítimos herdeiros de uma fortuna preciosa! A herança que nos foi legada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas constitui patrimônio riquíssimo, não em bens da terra, que depressa se acabam, mas precioso pelo que encerra do ponto de vista espiritual e, portanto, eterno. Temos direito nos sentir orgulhosos e felizes, mas, também cabe-nos uma pesada tarefa m qual a de multiplicar a riqueza que nos dói confiada, fazendo-a render juros altíssimos que, aplicados com a honestidade com que até hoje trabalhamos, possam vir a ser distribuídos pela imensa família constituída pelos filhos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que aumenta em proporção animadora dia a dia.

O nosso dever é, pois, muito maior do que os nossos direitos. Não é com a mera formalidade das promessas que podemos dar conta da nossa tarefa. O trabalho que temos diante de nós é talvez ainda mais árduo do que o que coube aos pioneiros que organizaram a obra há cerca de cinquenta anos.

Os nossos inimigos combatem-nos a descoberto em todos os setores. Não temos mãos a medir, talvez não tenhamos mesmo tempo para um pequeno repouso; temos que estar unidos mais do que nunca e sempre vigilantes.

Ao tempo da ditadura passamos por momentos de verdadeira apreensão. Várias circunstâncias nos levaram a crer que iríamos ser privados de nossa situação; exigências da lei e das autoridades e causas materiais de diversas espécies pareciam ir privar-nos de tudo; chegamos a recear que fossemos obrigados a fechar as nossas casas.

Tudo isso nada mais foi, do que um simples interregno para a segunda fase dos nossos trabalhos, que se mostram tão promissores e que abençoados pelo nosso grande Guia, levaremos mais adiante e mais fortes do que nunca.

Por isso, torna-se necessário em torno do nosso querido Chefe, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que, confiantes na proteção que nunca nos faltou, não esmoreçamos no cumprimento do dever, como tutelados de Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo Evangelho é a nossa norma de conduta e o nosso código de honra, e como legítimos herdeiros do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a quem humildemente pedimos força e serenidade para a luta, fé e amor para continuar a realização da sua obra, espalhando com o desinteresse que tem sido o lema de nossa vida, a caridade de que os pobres necessitam.

(Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 110 – ano III – página 15 – 1958)

DISCURSO PRONUNCIADO POR JOSÉ ÁLVARES PESSOA NA TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO

A Umbanda caminha a passos largos para a realização de um ideal que acariciamos há longo tempo e que pequenina semente, plantada por um grupo de homens de fé e de boa vontade há mais de 40 anos, orientados e dirigidos pelos Espíritos de eleição que são o Caboclo das Sete Encruzilhadas e os seus abnegados companheiros. Nasceu e cresceu regada com o suor de tantas criaturas altruístas que vêm dando o melhor de sua vida por tão nobre causa, e hoje, qual mangueira frondosa, aconselha-nos à sua sombra acolhedora.

Este ideal que é a transformação de Umbanda na religião que dominará todo o território brasileiro, e daqui, com a graça de Deus, há de espalhar-se por este continente abençoado que é o continente do futuro, nós o veremos concretizado em obra imorredoura e, apesar dos tropeços que a cada momento ainda perturbam a nossa marcha, para a qual são inúteis os obstáculos, haveremos de vencer com galhardia, triunfando de todos os empecilhos que porventura ainda teremos de enfrentar.

Achamo-nos arregimentados como para uma batalha iminente e, escudados na nossa fé inquebrantável em Nosso Cristo Oxalá e amparados pelas inúmeras hostes de Espíritos benfazejos que almejam ver implantadas nesta Terra uma religião isenta do interesse vil das coisas materiais, nada tememos, porque o limpo de coração tem Deus consigo.

É preciso que nos convençamos e que conosco se convençam todos os que direta ou indiretamente tiverem conhecimento do nosso movimento, que Umbanda não deseja ser tomada como Espiritismo, nem experimental, nem mágico, porque Umbanda faz questão de mostrar-se tal qual é – pura e simplesmente religião, magia e espiritismo religioso cristão que um dia empolgará a Terra de Santa Cruz e se espalhará pelos quatro cantos deste continente.

Umbanda é simples, humilde, espiritual, magia, espiritismo e cristianismo; propugna pela felicidade dos humildes que a procuram, levando alívio aos que, abatidos pelos sofrimentos, quer moral, material ou espiritual, não se envergonham de ajoelhar-se aos pés dos Pretos-Velhos ou dos seus intrépidos Caboclos para implorar o seu auxílio e a sua graça.

Os Espíritos que baixam em nossos Terreiros não vivem na beatitude excelsa dos Céus dos padres católicos; permanecem sempre, como eles mesmos dizem, na Aruanda, que é lugar de trabalho onde estão sempre alertas aos sofrimentos dos desgraçados deste planeta de expiação, para acorrer no momento propício, para dar-lhes força para levarem avante as demais provas a que estão sujeitos.

E nós, a exemplo dos nossos Guias admiráveis, só nos preocupa o alívio que possam obter os nossos irmãos em sofrimento.

Em Umbanda não nos preocupamos com as pesquisas dos laboratórios científicos e psíquicos, onde se pesa o fluido, verificam-se as formações do ectoplasma que produz as materializações e modelam-se em cera os membros dos Espíritos materializados; nem tampouco nos debruçamos horas a fio sobre os livros para indagar da natureza do corpo físico de Jesus. O que nos interessa não é o corpo físico do Mestre Divino e sim a sua essência mesmo, o seu ego imponderável, a caridade que irradia sobre nós todos, é que a seus pés vivamos em oração.

Nos Terreiros de Umbanda, onde despidos dos enfeites dos sacerdotes que oficiam nos grandes templos, os seus médiuns, pobres e humildes como os pescadores que acompanhavam o Salvador, deixam as canseiras dos seus trabalhos de cada dia para servirem de instrumentos aos Guias que realizam a caridade, que a milhares já têm beneficiado; onde não reina o espírito de lucro, nem domina o ideal do mando.

Não há tabela de preços para a quantidade de graças que espalham os Pretos-Velhos e os Caboclos, pelos filhos que os buscam; não há hora para se fazer a caridade, porque inúmeras são as vezes que pobres operários e humildes empregados, desprezando o tempo que lhes sobra para o descanso a que têm direito, entram pela madrugada nos trabalhos do Terreiro para levar a esperança que sempre se concretiza numa realidade boa para o desgraçado ou o poderoso que bate à porta de nossas Tendas sempre escancaradas para todos e frequentadas por enormes multidões.

É verdade que há umbandistas desgarrados que recebem pelos trabalhos de seus Guias, mas onde há o trigo há sempre o joio e é preciso que ambos cresçam para que este seja colhido e lançado ao fogo.

Umbanda já é bastante conhecida, mesmo pelos que não a praticam; todos sabem que nos seus Terreiros a caridade é feita gratuitamente; o nosso lema é dar de graça o que de graça recebemos.

É, pois, chegada a hora em que desassombradamente devemos nos apresentar diante de todos em igualdade de condições com as outras religiões que sem perseguições vicejam à sombra da lei.

Umbanda, por seus elementos representativos, prepara-se para fazer frente aos que, convencidos de que são os únicos detentores da verdade e das lições do Divino Mestre, movem contra ela uma perseguição tenaz porque pressentem a sua vitória para muito breve.

Umbanda é grande, apesar da humildade com que se manifesta o seu ritual e a sua liturgia se encontra a cada passo no Velho e no Novo Testamento, nos templos do Egito e da velha Índia. Por mais remota que seja a religião encontra-se nela, sem nenhum esforço, vestígios da Umbanda.

É um engano pensar-se que Umbanda é uma invencionice de pobres pretos africanos, arrastados como escravos pela infâmia dos negreiros para as terras brasileiras. Umbanda é milenar; Umbanda não tem idade. É verdade que o movimento da implantação da Umbanda pura tem pouco menos de meio século, o que se compreenderá bem quando se dispensar alguns minutos para um raciocínio simples.

O Brasil que tem menos de cinco séculos tem sido desde a sua descoberta um campo de fácil conquista dos padres católicos que aqui aportaram com as primeiras caravelas. Tiveram esses senhores a visão profundamente inteligente do que seria no futuro a Terra de Santa Cruz.

É aqui que se implantaram e impuseram sua vontade. É de notar-se que naquela época os nossos colonizadores seguiam a religião dos seus antepassados; não havia concorrentes, portanto tinham cem por cento de probabilidade para se imporem e dominarem. Mas o tempo corre, as coisas mudam. O homem que é sempre irrequieto procura ver novos horizontes e busca sempre à novidade.

Como a vinda dos pobres cativos não imaginavam os seus algozes que também veriam a semente da religião que no futuro faria concorrência à religião que trouxeram da terra mãe. E agora, a despeito de todos e de tudo, a magia de Umbanda se arregimenta para tomar o lugar que lhe compete como verdadeira religião, tão espiritual como qualquer outra, propugnando pelo ideal de doutrina cristã que nos toca a alma mais de perto.

Mas, a Umbanda trazida pelos pretos era tão velha, ou ainda mais velha do que o continente de onde vinha. Raça das mais antigas, a negra era detentora de segredos invioláveis que não transpunham os umbrais dos seus templos. Por isso, deturpada pelos seus portadores e sem ambiente para propagar-se rapidamente, demorou a Umbanda até agora a aparecer com a sua característica verdadeira, livre dos erros que no seu rito estavam arraigados, como o ouro que somente depois de bateado, desprende-se da terra suja com que se achava misturado.

A Umbanda é hoje esta magnífica realização que estamos vendo; palpita como um corpo vivo cujos órgãos são todos perfeitos. É uma máquina cujas peças ajustadas funcionam sem o menor embaraço.

Prontos para uma ação decisiva estamos todos a postos, intrépidos, com os olhos voltados para o nosso Guia Maior, Nosso Cristo Oxalá, em cujos pés depositamos as nossas esperanças, os nossos anseios, os nossos sofrimentos e a certeza plena de vitória.

Sabemos que esta vitória ainda está longe, mas no longínquo horizonte onde se encontra esta vitória, divisamos a figura do Verbo Solar Oxalá, resplendente de luz, cercado pelas Sete Linhas de Umbanda que lhe rendem eterna homenagem e lhe pedem incessantemente que lhes conceda a graça de reunir num único bloco toda a família umbandista para que a Umbanda seja a maior força viva do Brasil, a sua verdadeira religião.

E sabemos também que neste dia glorioso em que mais uma vez nos achamos aqui reunidos para comemorar o nosso Orixá Xangô, as falanges gloriosas de todos os Orixás de Umbanda que presidem a nossa festa, rejubilando-se conosco, entoando curimbas ao Altíssimo, dão-nos a certeza de que com Ele contaremos para a realização da nossa missão; dar-nos-ão força para a luta, inspiração nos momentos difíceis, luz para não errarmos no caminho e a proteção do que necessitamos para alcançarmos o bem maior que é a absoluta felicidade espiritual.

Meus amigos, entoemos um hino de louvor ao nosso admirável São Jerônimo, o nosso todo poderoso Xangô, pedindo-lhe bênçãos e graças para todos nós e para a Casa que tanto amamos, a sua Tenda.

(José Álvares Pessoa – 1954)

Os trechos em negrito são apontamentos nossos, pois achamos importante grifá-los pelas suas importâncias. "Quem tem olhos para ver, que veja". Existirão os que ignorarão, pelas suas equivocadas interpretações pessoais.

A TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO, ENTRE GRANDES ALEGRIAS, HOMENAGEOU SEU PATRONO

Meus amigos. É sobre a Umbanda que mais uma vez quero falar-vos, nesse dia de tão doces emoções para as nossas almas, que vivem do amor e para o amor em Xangô, o nosso poderoso e admirável Patrono, cuja festa comemoramos juntos, neste glorioso dia 30 de setembro.

É sobre a Umbanda, a misteriosa religião que nos une nessa confraternização espiritual, que tenho sede de dizer tudo o que vai no mais íntimo da alma, apaixonada pelos seus divinos Orixás, sob o influxos da sua magia poderosa, da sua maravilhosa humildade, da sua ação dinâmica e benéfica, que atinge a todos sem qualquer distinção, harmonizando, curando, defendendo, ajudando, levando a sua benção a todos os corações e a todos os lares, não permitindo, com a sua incomparável força, que sejamos atingidos pelas arremetidas dos maus que nos querem destruir.

Xangô! Xangô! Xangô! — Expressão maravilhosa de um filho de fé, concentrado na fôrça estuante da sua convicção! Aqui vemos o Cap. José Alvares Pessoa de olhar firme e consciência tranqüila, adorando a Xangô, a quem dirige seu apêlo pela humanidade inquieta, hesitante e sofredora. Xangô! Xangô! Xangô!

José Alvares Pessoa e senhora

É sobre a doce Umbanda que quero tecer os meus louvores, porque a minha alma está cheia de alegria vendo-a espalhar-se, propagar-se, difundir-se por todos os cantos da nossa querida pátria, e vendo também que já se torna conhecida em outras terras.

Meus amigos, quisera poder transmitir a todos vós a intensidade do meu amor por Umbanda, a fim de que as vossas almas ficassem de tal modo impressionadas por esse sentimento, que ela passasse a ser o número Um das vossas cogitações, dos vossos anseios, da rotina da vossa vida.

Umbanda, meus queridos amigos, é a magia na sua força viva, que se renova desde que o mundo é mundo, para a felicidade dos que, limpos de coração, a manejam em benefício da humanidade sofredora.

Umbanda é a ação dinâmica do Cristo perpetuando-se nos humildes Terreiros, através dos poderosos Guias que se nos apresentam sob uma forma quase grotesca, para experimentar a nossa vaidade, o nosso orgulho e a nossa grandeza.

Umbanda é a luz ofuscante da nossa divina Mãe Yemanjá, que se atenua para que não fiquemos cegos sob os seus raios refulgentes.

Umbanda é o poder dos divinos Orixás que dominam as forças do mal que se abatem sobre este mundo de dor e de agonia.

Umbanda é o brinquedo das crianças nos jardins de um plano divino, onde se realizam os grandes mistérios que dão solução aos intrincados problemas da vida dos pobres mortais que habitam este duro Planeta.

Umbanda é o trabalho afanoso dos componentes da Linha das Almas, aliviando o mundo dos maléficos fluidos do astral inferior.

Umbanda é a caridade sublime dos que abdicam das suas horas de descanso para trabalhar horas a fio para aliviar o sofrimento dos seus semelhantes.

Umbanda é amor, é luz, é poder, é força, é encantamento e magia, é grandeza e humildade, é sabedoria e simplicidade, é abnegação e renúncia, na sua mais viva expressão de realização diária de milagres que confundem os que nela não crêem.

Umbanda é a misericórdia divina voltada para a miséria do mundo, aliviando o sofrimento dos que a procuram, pobre ou rico, indistintamente.

Umbanda é o terror dos que desejam viver à custa da exploração da desgraça alheia, dos que sugam as energias dos seus semelhantes, fazendo pagar um régio preço por serviços que perderam o seu conteúdo espiritual.

Umbanda é alegria de viver, quando não se tem o coração corroído pela chaga da inveja; quando não se tem a alma enegrecida pelo ódio que destrói; quando não se vive como balão enfunado pelo orgulho que dá a ilusão de grandeza a quem é apenas verme; quando se tem a mente limpa das paixões que nivelam o homem às bestas; quando não se tem a alma escravizada pela avareza que transforma o ser em inimigo do seu próprio pai ou irmão.

Umbanda é o Verbo de Deus que mais uma vez se encarna entre os homens, através dos milhares de Guias de boa vontade que vem pregar o “amai-vos uns aos outros”.

Umbanda é o nosso ideal, é o nosso anseio de cada dia, é o nosso amor, é a religião do Brasil.

(Texto de José Álvares Pessoa. Jornal “O Semanário” – 1957 – ano II – número 79 – 2º caderno – página 05)

UMBANDA – RELIGIÃO DO BRASIL

“(...) A UMBANDA QUE SE PRATICA HOJE

Penosa tem sido esta tarefa, que já vem sendo coroada do maior êxito.

A Umbanda, que se pratica hoje, no Rio de Janeiro, não é mais aquele culto classificado pelos cientistas como “animismo fetichista africano”, e quem tem ainda os seus remanescentes na Bahia, e que alguns crentes mal avisados tentam conservar aqui na Cidade Maravilhosa. Longe vão os tempos em que eram indispensáveis o bode preto e a farofa amarela aos ritos da religião africana, que, espiritualizada, tendo por Chefe Oxalá , Luz do Mundo, e por Guias os poderosos Orixás, misteriosas entidades que presidem os trabalhos (identificados, o primeiro com Nosso Senhor Jesus Cristo, e os demais com os Santos do catolicismo romano, pelos negros escravos), pratica a caridade, que espalha mancheias.

Referimo-nos, sem vexame, ao bode, vítima propiciatória no antigo culto africano, uma vez que a velha religião mosaica, a qual pertenciam homens que falavam face a face com o próprio Deus, teve também que ser expurgada por Nosso Senhor Jesus Cristo, de idênticos ritos bárbaros e impuros.

A princípio pequenina, porque tudo lhe era hostil, sofrendo as mais tremendas perseguições, Umbanda, nome escolhido para a religião do Brasil, cujas reivindicações no panorama espiritualista nacional tem-se processado muito lentamente, cresceu, expandiu-se, e hoje se propaga pelo país inteiro.

Perseguida, humilhada, espezinhada pelos poderosos e pelos cretinos que se julgam autorizados e competentes para criticar o que não conhecem, Umbanda vem resistindo garbosa a todos os embates, saindo ilesa de todas as perseguições, crescendo desmesuradamente dia a dia, procurada por multidões desassombradas que batem às portas das suas Tendas, invencível, porque ninguém tem o poder suficiente para fazer fracassar uma obra determinada por Deus. As almas dissolventes, quando muito, conseguirão atrair ao seu redor um pequeno número de descontentes, que acabarão por se destruir entre si.

A luz divina banha o comissionado; as grandes entidades emprestam-lhe sua força; ninguém pode suplantá-lo.

Deus é onipotente; quem poderá levantar-se contra Ele?

O que acontecerá ao que for de encontro à avalanche que se despenha das alturas? Fatalmente será esmagado.

Ai daquele que se rebela contra a vontade onipotente; ai daquele que, envolto nas trevas da ignorância, se julga esplendente da luz da sabedoria e procura passar por sobre a autoridade dois seus maiores para arcar com a responsabilidade de condenar a obra inspirada pelo próprio Deus.

As luzes contra nós, os humildes filhos de Umbanda, não estão mais em esboço; estão em franca arremetida os obreiros da destruição; o fragor das suas investidas já se faz ouvido por todos.

Frágeis armas dos perseguidores

As armas com que nos combatem, porém, são frágeis, como tudo que vem do homem. Ao invés de usarem de sabedoria e de justiça, empregam a ironia, o escárnio, procurando ferir-nos de morte; os intelectuais e cientistas insistem em tratar-nos de “feiticeiros”, “macumbeiros”, “curandeiros”, “africanistas”, e de termos desprezíveis, indignos de nossa fé e de nossa devoção.

Mas, a nossa hora chegou. A ordem é para que a ponta do véu seja levantada e Umbanda saia da noite sem estrelas em que se tem ocultado, fazendo raiar a sua aurora numa luz suave para não fatigar os olhos dos que estão habituados à escuridão.

Os Orixás, embaixadores de Umbanda, batem às portas da espiritualidade no Brasil, insistindo na apresentação de suas credenciais. Desejam que nós, os seus filhos, sejamos respeitados como espiritualistas, tão bons quanto os melhores; que os espiritualistas nos recebam como irmãos, que nos reconheçam o direito de amar a Deus como eles O amam, e que, unidos, realizemos o nosso ideal, que é tornar a Terra habitação mais suave, isenta de tanto sofrimento.

Mas, os ouvidos continuam fechados ao seu apelo, e ao invés da acolhida generosa que era de esperar de irmãos em Cristo, como são todos os filhos da Terra, Umbanda tem sido escarnecida, apedrejada, humilhada, não lhe tendo sido permitido até hoje o direito de nivelar-se às outras religiões que se julgam exclusivas proprietária do amor de Jesus.

A magia, esta força indômita e misteriosa que movimenta o mundo e domina a Natureza, é a própria alma de Umbanda, milenar, eterna. Por isto mesmo, Umbanda terá que sobreviver, porque não há maior força do que a sua.

Umbanda é a avalanche que se despenha das alturas e que esmagará os que tentarem se opor à sua trajetória. A sua missão é de caridade, a mais transcendente; destrói os trabalhos do mal, lutando e vencendo os seus magos poderosos, considerados invencíveis desde o princípio do mundo; alivia a humanidade dos seus terríveis sofrimentos; descarrega o planeta dos fluidos venenosos que vem do astral inferior; afasta de sobre os homens a vingança de inimigos invisíveis; destrói as maquinações dos Espíritos que lutam contra Jesus; preocupa-se com o bem estar da humanidade sofredora, acolhendo com carinho generoso, por intermédio dos seus representantes – humildes Pretos-Velhos e Caboclos – todos aqueles que batem à sua porta.

À Umbanda estão reservadas grandes e surpreendentes realizações, como religião que, num futuro próximo, será a do povo brasileiro.

Religião dos humildes e desprotegidos, cujos sacerdotes, os bondosos Pretos-Velhos e Caboclos, não recusam o seu auxilio, mesmo aos seus perseguidores que batam às portas; Umbanda tem um misteriosos destino nesta parte do Planeta onde já se acha implantada.

Umbanda é simples, humilde, espiritual. Magia, espiritismo, doutrina cristã; ela propugna pela felicidade dos que humildes, procuram-na, levando alívio aos que, batidos pelo sofrimento, que moral, material ou espiritual, não se envergonham de ajoelhar-se aos pés dos seus Pretos-Velhos ou dos seus denodados Caboclos, para implorar o seu auxilio e a sua graça.

Os Espíritos que baixam nos nossos Terreiros não vivem na beatitude excelsa dos céus dos padres católicos, permanecendo sempre, como eles mesmos dizem, na Aruanda, que é lugar de trabalho, onde estão sempre alertas aos sofrimentos dos desgraçados deste Planeta de expiação, para acorrer a dar-lhes força para levarem avante as duras provas a que estão sujeitos.

E nós, a exemplo dos nossos Guias admiráveis, só nos preocupamos com o alívio que possam obter os nossos irmãos em sofrimento.

Em Umbanda não nos preocupamos com as pesquisas dos laboratórios científicos, onde se pesa o fluido, onde se verificam as formações do ectoplasma, que produz as materializações, e onde se modelam em cera os membros do seres materializados.

Nem tampouco nos debruçamos horas a fio sobre os livros para indagar da natureza do corpo físico de Jesus, porque o que nos interessa não é o corpo físico do Mestre Divino, e sim, a sua essência mesma, o seu Ego imponderável, a caridade que irradia sobre nós todos, que aos seus pés vivemos em oração.

Também nunca se ouviu dizer que vivêssemos da exploração do seu corpo, que por nós foi entregue na cruz. Horroriza-nos ver a quase dois mil anos, a Igreja Católica vendendo dia e noite, como um Judas eterno, o corpo santo do Divino Mestre, para canalizar o dinheiro que corre dos quatro cantos da Terra para os tesouros do Vaticano.

Enjoa-nos ver a Igreja Católica, não contente com os fabulosos lucros que lhe mentes, anulações de casamentos (considerado por ela própria indissolúvel), bênçãos de espadas, de canhões, de casas bancárias, de balneários e hotéis de luxo, onde se explora o jogo, fazer agora a mais triste concorrência às casas funerárias, explorando defuntos, que pagam milhares de cruzeiros nos seus depósitos anexos às Igrejas.

Umbanda é milenar, Umbanda não tem idade

Umbanda é grande, apesar da humildade com que se manifesta; o seu ritual, a sua liturgia encontra-se a cada passo no Velho e no Novo Testamento, nos templos do Egito e da velha índia, e da própria Igreja Católica; por mais remota que seja uma religião, nela, sem esforço, encontramos os vestígios de Umbanda. É um engano pensar-se que Umbanda é uma invencionice de pobres pretos africanos, arrastados como escravos, pela infâmia dos negreiros, para as terras brasileiras. Umbanda é milenar; Umbanda tem idade.

É verdade que o movimento da implantação da Umbanda pura tem pouco menos de meio século; o que se compreenderá bem, quando se dispensar alguns minutos para um raciocínio simples. O Brasil, que tem pouco menos de 5 séculos, tem sido desde a sua descoberta, um campo de fácil conquista dos padres católicos, que aqui aportaram com as primeiras caravelas.

Profundamente inteligentes, tiveram esses senhores a visão do que seria no futuro a Terra de Santa Cruz. E aqui se implantaram e impuseram a sua vontade.

É de notar-se que naquela época os nossos colonizadores seguiam a religião dos seus antepassados, a católica; não havia concorrência, portanto, tinham os padres de Roma 100% de probabilidade para se imporem e dominarem. Mas o tempo corre; as coisas mudam; o homem. Que é sempre irrequieto, procura ver novos horizontes e busca sempre a novidade.

Com a vinda dos pobres cativos não imaginavam os seus algozes que também viria a semente da religião que no futuro faria concorrência à que trouxeram da terra mãe.

E agora, a despeito de todos e de tudo, Umbanda se arregimenta para tomar ao sol o lugar que lhe compete, como verdadeira religião, tão espiritual como qualquer que a seja, propugnando pelo ideal da doutrina cristã, que é a que nos toca a alma mais de perto.

Mas, a Umbanda trazida pelos pretos era tão velha ou ainda mais velha do que o continente de onde vinha.

Raça das mais antigas, a negra era por excelência detentora dos segredos invioláveis que não transpunham os umbrais dos seus templos.

"Na sua memória e nas bibliotecas de pedra dos seus templos estavam acumulados tesouros de ciências" (Schuré – Os Santuários do Oriente).

Por isso, deturpada pelos seus portadores e sem ambiente para propagar-se rapidamente, demorou Umbanda até agora a aparecer com a sua característica verdadeira, livre dos erros que nos seu rito estavam arraigados, como o ouro que, somente depois de bateado, se desprende da ganga a que se acha misturado.

Umbanda é hoje esta magnífica realização que estamos vendo; palpita como um corpo vivo, cujos órgãos são todos perfeitos. É uma máquina cujas peças ajustadas funcionam sem o menor embaraço.

Sabemos, é verdade, que a nossa meta ainda está longe de ser plenamente alcançada, mas no longínquo horizonte em que divisamos a aurora de Umbanda, ou o nascimento da nova religião que há de espalhar-se por esta continente abençoado, que é o continente do futuro – divisamos a radiosa figura de Oxalá, Luz do mundo, o Chefe Supremo, o Cristo da Umbanda (...)".

(Texto de José Álvares Pessoa. Jornal "O Semanário" – 1955 – ano II – número 52 – página 05)

O CORAÇÃO DE UMBANDA

Um mistério, impenetrável aos não iniciados, costuma envolver as religiões, por mais primitivas que sejam, preservando-as, no que tem de mais precioso, da profanação daqueles que, espertos para se valerem de tudo quanto lhes possa ser de utilidade, não hesitam em cometer os mais graves sacrilégios para a satisfação dos seus baixos instintos.

São, pois sempre velados, pela aparência ora pomposa, ora estranha, ora simplória, do seu ritual, os trabalhos por meio dos quais os sacerdotes das diversas religiões entram em contato com as entidades divinas que na sua ânsia infinita de fazer o bem não se esquecem dos desgraçados que moureiam nesse Planeta de tanto sofrimento e vencendo camadas tão pesadas, acorrem ao chamado dos que não descreem do poder de Deus.

A vida é árdua aqui em baixo e deserto e árido é o coração do descrente do tíbio e do cruel. A tarefa pois, dos que atendem aos chamados dos poucos que entre os homens, apelam para a divindade, é por isso mesmo excessivamente penosa.

Quantas lutas para se levar um pouco de alívio a uma alma que sofre. Com quantos empecilhos se tem de contar para conseguir fazer-se por aquele mesmo que, no seu desespero, na sua dor, apelou para as forças do Além.

Muitos filhos estranham que o socorro às vezes tarde tanto, sem se lembrar que o próprio que o pediu é quase sempre quem mais trava a ação dos que o ouviram e acudiram ao seu apelo.

Aquele que pede precisa ter a paciência necessária para esperar que o momento propício seja chegado a fim de que possa ser socorrido. Mas, ninguém quer esperar. Todos cansam tão depressa. E porque não sabem refrear os seus ímpetos, quantos são os que estragam tanto trabalho bem iniciado.

Além da impaciência há ainda a desconfiança que não permite aquele que pediu a graça dar-se inteiro às entidades que o protegem e com o seu raciocínio cheio da lógica da terra procura interpretar as diversas fases dos trabalhos, falseando a verdade que não está ao seu alcance e consequentemente impedindo, pela falta de fé que isso acarreta, a realização daquilo que é realmente os desejos dos seus Guias.

Não queremos dizer com isso que os filhos da Terra se entreguem de corpo e alma ao primeiro que se arrogue o título de "Guia". É preciso bastante discernimento, bastante devoção e amor a Deus, para não se ser vítima de embusteiros que não perdem vasa para se insinuar entre os incautos e com isso levar as almas para o caminho da perdição.

É preciso que o crente busque, antes de qualquer coisa, o coração, ou a alma – se assim o preferem – e que é a essência mesma da religião a que pertence. É preciso que o devoto levante a ponta do véu e penetre no mistério.

Umbanda, a humilde e doce entre todas, também tem o seu coração. Agasalhou, como um ninho que tem dono, reconfortante, cheio de amor para com os seus adeptos, o coração de Umbanda se dilata para que não fique sem agasalho um só dos seus filhos, para que todos fiquem a salvo das tormentas que continuamente se desencadeiam sobre os desgraçados que ainda estão na luta para resgate de suas faltas.

O coração de Umbanda é incomensurável; quem o procura encontra paz e carinho; nenhum filho deixou de ser atendido, mesmo laborando em erro, porque no corpo de Umbanda que se compõe de membros sem conta, como as estrelas no Céu, há sempre um que alerta, procura evitar a queda do que invocou o seu auxílio.

O coração de Umbanda não é invulnerável; o mais humilde e tímido “ai” de um filho aflito o atinge em cheio e ele sangra.

A dor dos homens fá-lo doer continuamente; e os espinhos que ferem aqueles que caminham em busca da perfeição cravam-se nele magoando-o e deixando marcas indeléveis.

Também as alegrias, como as dores, o atingem em cheio; as esperanças e as desilusões nele encontram guarida; a fé, a esperança e o amor são como labaredas que o incendeiam constantemente.

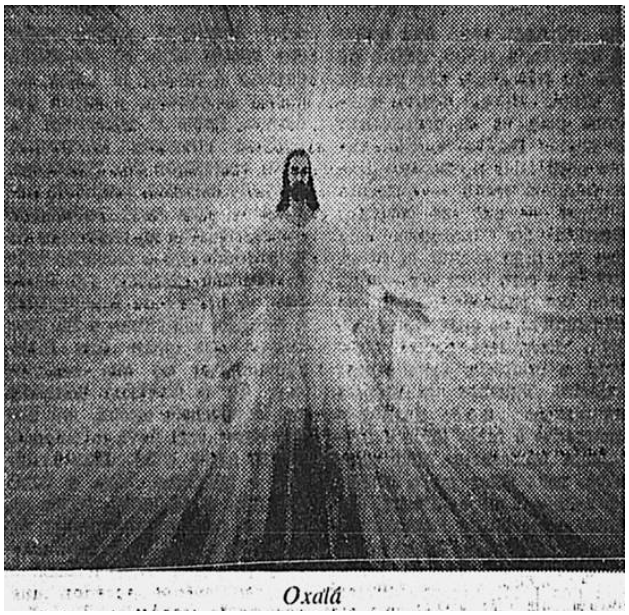
Ó de vós que andais por esse mundo, tão cheio de dores e de aflições; ó vós que passais pela vida sorrindo sem vos aperceberdes do abismo que a vossa frente vos espera para tragar-vos; ó vós que sabeis que um dia como prêmio da luta, alcançareis a meta almejada; buscai alívio para os vossos males, um amparo seguro para a vossa inconsciência, força para a realização de vossa tarefa no coração de Umbanda; não sejais tímidos; avançai resolutos e de repente, o mistério se desvendará aos vossos olhos encantados pela doce visão, e o vereis na plenitude de sua beleza e de sua glória, porque o coração de Umbanda é o doce e divino Nazareno.

(Texto de José Álvares Pessoa. Jornal “O Semanário” – 1953 – ano III – número 118 – página 15)

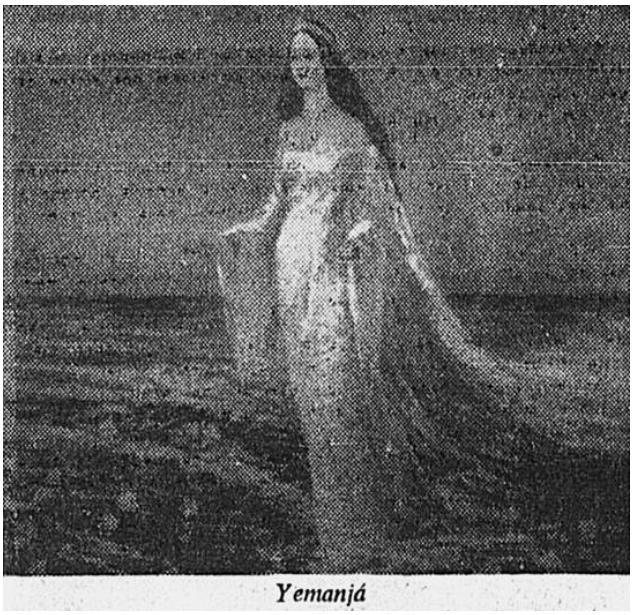
Pena hoje, só vermos a simples doutrina e “Linhas Mestras” do instituidor da Umbanda sendo praticada por raríssimos Terreiros de Umbanda.

Tenda Espírita São Jerônimo (O Capitão Pessoa está ao centro, de gravata)

Disponibilizaremos algumas reproduções de pinturas de Orixás disposta na Tenda Espírita São Jerônimo, divulgadas no periódico “O Semanário” – Ano III – número 91 - 1958:

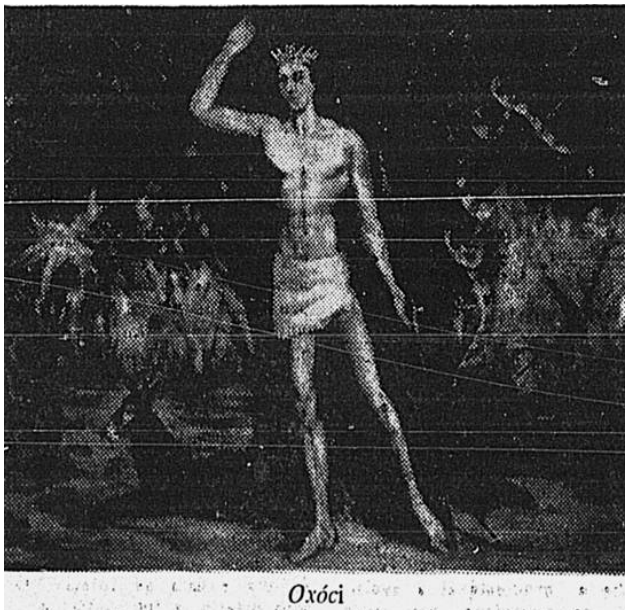


Oxalá

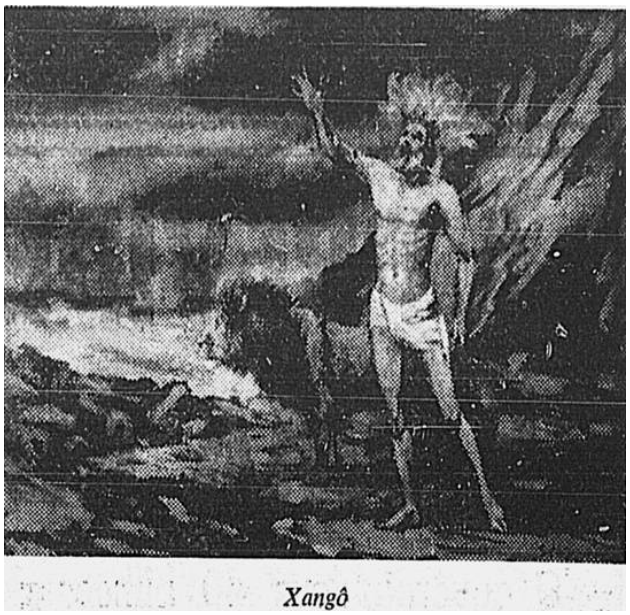


Yemanjá

Ogum



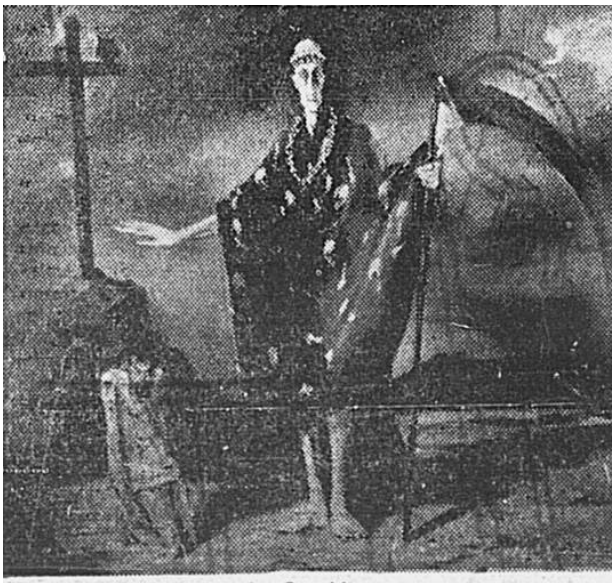
Oxóci



Xangô

Oxum

Cosme, Damião e Doum



Omulú

A tenda Espirita São Jerônimo foi fundada a 19 de janeiro de 1955 e registrada como pessoa jurídica em 25 de setembro do mesmo ano. No plano espiritual foi organizada pelo Caboclo da Lua, que a ligou a obra espiritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A finalidade da Tenda é a elevação do nível espiritual, moral e material dos devotos da Umbanda.

Na parte de Assistencia Social, a tenda faz distribuição de roupas, mantimentos, livros, remédios e brinquedos duas vezes por ano; nas festas de Cosme e Damião e de Natal, beneficiando a mais de mil pessoas. Espiritualmente, a tenda atende 30 mil pessoas mensalmente nas suas sessões espirituais diárias, exceto aos domingos. A sua atual diretoria é a seguinte :

Presidente — José Alvares Pessôa.
1.° Vice Presidente — Fidelis Azevedo.
2.° Vice Presidente — Octacilio Mendes de Freitas.
1.ª Secretaria — Hilda Mendes de Freitas.
2.ª Secretaria — Amazile Corimbaba.
1.° Tesoureiro — Altamir Mendes de Freitas.
2.° Tesoureiro — Haydée Jussara Rodrigues.
Diretor Social — José Correa de Oliveira.
Vice Dir. Social — Maria Gloria de Oliveira.
Consultor Juridico — Dr. Alcino Ribeiro do Amaral.
Procurador — Paulo de Vasconcellos.
Zelador — Nicola Ferrari.
Bibliotecário — Luiz Possidente.
Presidente Honorária — Julia da Costa Ribeiro Pessoa.

A Umbanda é simples e desprovida de pompas e rituais complexos. Aliás, o fundador da Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas nos deu as “Linhas Mestras” fundamentais, regrando-a em aspectos simples, mas, ao mesmo tempo complexos, pois cada uma merece um compêndio para explicá-las a luz da razão e do bom senso.

Obs.: Todas as “Linhas Mestras” do Caboclo das Sete Encruzilhadas seguidas pela Umbanda Crística, estarão sendo explicadas minuciosamente no decorrer dos Módulos II, III, e IV.

FANTASIAS E REALIDADES NO TEMPLO UMBANDISTA

No "Livro dos Médiuns" de Allan Kardec, há uma observação importante, que diz; *"A prática Espírita é difícil, apresentando escolhas que somente um estudo sério e completo pode prevenir. Experiências feitas com leviandade, sem conhecimento de causa, provocam péssima impressão nos principiantes ou pessoas mal preparadas, tendo o inconveniente de dar uma ideia bastante falsa do mundo dos Espíritos, favorecendo a zombaria e dando motivos a críticas quase sempre bem furadas. É por isso que os incrédulos saem dessas reuniões raramente conhecidos e pouco dispostos a reconhecerem os aspectos sérios do espiritismo".*

Obviamente, no Pentateuco Kardeciano, os Espíritos não falavam só para o seu tempo. Observamos hoje, mais do que nunca, isso acontecer, principalmente nos Terreiros Umbandistas.

Os desvirtuamentos, as invenções, o vale tudo, as infiltrações de ideias e práticas anti-doutrinárias são uma realidade em muitas casas umbandistas. Muitos dos nossos irmãos saíram das "Linhas Mestras" traçada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, desde a instituição da Umbanda no Brasil.

Muitos umbandistas falam que temos que seguir as tradições. Mas, o que seria essa tal tradição?

"Tradição: (do latim: traditio, tradere = entregar; em grego, na acepção religiosa do termo, a expressão é paradosis παραδοσις) é a transmissão de práticas ou de valores espirituais de geração em geração, o conjunto das crenças de um povo, algo que é seguido conservadoramente e com respeito através das gerações. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Tradi%C3%A7%C3%A3o)

Vamos a um exemplo claro, seguindo como linha de raciocínio a tradição hebraica e os ensinamentos de Jesus:

DEVEMOS SEGUIR AS TRADIÇÕES HUMANAS?

Esta é uma pergunta bem subjetiva, pois não é uma questão de sim ou não. A tradição deve ser seguida se for boa e não estiver em desacordo com os ensinamentos de Jesus Cristo.

Por exemplo, num texto do Evangelho: *"E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens"* (Mt 15:1-20)**.** Vemos uma acusação contra Jesus, que chegara à suprema autoridade espiritual em Jerusalém, era: Os discípulos de Jesus transgridem as tradições. Mas o que significa as tradições? Na verdade as tradições eram informações, costumes, crenças e práticas religiosas transmitidas oralmente de geração a geração. No próprio texto, fica subentendido que os fariseus davam mais valor às determinações dos rabinos e fariseus derivadas da lei mosaica e dos costumes antigos do que da própria Lei. O farisaísmo tinha como grave transgressão não observar essas prescrições, que foram mais tarde anotadas em forma escrita no Talmude rabínico como preceitos especiais.

Estes escritos dos judeus, contendo explicações e tradições referentes à Lei de Moisés. Foi escrito entre o terceiro e o sexto século da era cristã. Essas prescrições eram tão severas que, segundo o Talmude, a pena para sua transgressão podia ser até mesmo a exclusão (excomunhão). Ao lado da Escritura (Torá), os fariseus criam naquilo que os principais mestres do passado disseram para cada uma das palavras da Bíblia como explicação ou emenda; isso infelizmente alcançava ao nível do próprio mandamento de Deus. Ou até devia ser colocado acima do mandamento de Deus fixado na lei de Moisés e que tinha de ser cumprido sem exceção. A justificativa para tal prática era de "fazer uma cerca em torno da Torá", e aos poucos, porém, essas "determinações dos antigos" se tornaram tão importantes que no tempo posterior não eram mais consideradas como complemento da Torá, mas conquistaram valor próprio, deslocando até a Bíblia.

Uma parte importante da tradição dos mais antigos tratava da lei da pureza, que consta de Lv 15. A lei somente proibia comer coisas sagradas, oferendas sacrificadas, com mãos não lavadas. Os escribas, porém, ordenavam lavar as mãos antes de qualquer refeição. Havia minuciosas e meticulosas prescrições que diziam como devia acontecer a lavagem das mãos. Todavia, os discípulos não estavam transgredindo nenhum mandamento bíblico, mas sim, não estavam cumprindo os rituais segundo a teologia farisaica. Os representantes rabínicos perguntam: Por que os teus discípulos transgridem a tradição dos antigos? Porque não lavam as mãos ao comerem pão.

Jesus responde à pergunta dos adversários com uma contra-pergunta: Por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês?

Não podemos ser contra todo tipo de tradição. Existem, sem dúvida, preceitos e ensinos bons, mas nunca podemos colocar as experiências e opiniões humanas em pé de igualdade ao orientado no Evangelho e nos ensinamentos crísticos.

Mas, o que cabe, é a cada um buscar usar a razão e o bom senso e a consciência para julgar se está ou não fazendo a vontade de Deus. Tradições como: usar alianças; pedir a benção para os pais; nunca corrigir pessoas mais velhas em púbico; ser educado a mesa e outros costumes antigos podem até não serem ensinamentos crísticos diretamente, mas é consequência de uma vida piedosa e, por isto não devem ser abolidas. O que não podemos é fazer com que as tradições humanas sobreponham às orientações da Espiritualidade Maior.

Se somente seguirmos às tradições humanas que nos são passadas como se fossem orientadas pela Espiritualidade Maior, sem, contudo, levarmos ao raciocínio, na razão e no bom senso, com certeza estaremos inclusos no aforismo de Albert Einstein que diz: *"A Tradição é a personalidade dos imbecis"*.

(Texto de: Tarcisio Carnete Junior, com adaptações do autor)

Existem muitas novidades que não são pertinentes com a Religião de Umbanda; podemos destacar os elementos doutrinários e ritualísticos de outras filosofias ou religiões, que realmente, ao serem inseridos no contexto umbandista criaram uma enorme confusão, pois são elementos que não tem coerência com as práticas umbandistas. Muitos cultos têm formas definidas de serem praticados em seu universo interno; devem ser respeitados, mas, não devem ser inseridos na Umbanda. Reparem que geralmente, muita doutrina/ritual/apetrechos/magias, não foram idealizados e trazidos pelos Guias Espirituais, mas sim, pelos médiuns e dirigentes novidadeiros, que rapidinho impõem-nos, sem consultar a espiritualidade. E quando vamos perguntar aos tais "Guias incorporados", sobre o porquê de tais procedimentos, titubeiam na resposta, às vezes nos dando explicações sem pé e nem cabeça, pois com certeza, o animismo vicioso do medianeiro passou a frente.

Devemos seguir os ensinamentos e as "Linhas Mestras" do nosso iniciador, o senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, bem como as orientações dos Guias Espirituais (quando realmente manifestados) e não querendo incutir magias, filosofias, ou doutrinas religiosas incoerentes pertencentes a outros cultos e filosofias em nossos Terreiros, pois tenham a certeza que serão oriundos da falta do conhecimento, da ignorância e até irresponsabilidade de dirigentes e colaboradores, alguns mal intencionados, que não possuem outro objetivo senão o poder, a projeção, o destaque pessoal e colocando seus interesses particulares acima da causa. Veja que esses indivíduos, geralmente não foram aceitos em seu antigo culto ou casa, por várias razões, e aqui se achegam à guisa de "doutores da religião", chafurdando a Umbanda de conceitos, magias e rituais estapafúrdios, pois em suas mentes tudo está em grande confusão.

Bem nos diz o Espírito de Ramatis: *"A Umbanda é como um grande edifício sem controle de condomínio, onde cada inquilino vive a seu modo e faz o seu entulho! Em consequência, o edifício mostra em sua fachada a desorganização que ainda lhe vai por dentro. As mais excêntricas cores decoram as janelas ao gosto pessoal de cada morador; ali existem roupas a secar, enfeites exóticos, folhagens agressivas, bandeiras, cortinas, lixo, caixotes, flores, vasos, gatos, cães, papagaios e gaiolas de pássaros numa desordem ostensiva. Debruçam-se nas janelas criaturas de toda cor, raça, índole, cultura, moral, condição social e situação econômica. Enquanto ainda chega gente nova trazendo novo acervo de costumes, gostos, temperamentos e preocupações, que em breve tentam impor aos demais". E: "A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero".*

Felizmente, existem muitos Terreiros Umbandistas que desenvolvem bem suas atividades. Fundamentam-se na orientação efetiva de verdadeiros mentores, com estudos sérios, atendimento fraterno, evangelização, orientação doutrinária segura, reforma íntima, critérios corretos e aplicação da ética umbandista em todos os sentidos. Mas, há muitos Terreiros se intitulando de "Umbanda" totalmente deturpados em sua origem. Essa é a realidade e temos que tomar ciência dela.

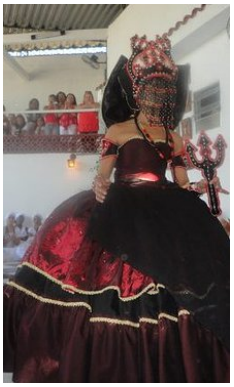
Há, por exemplo, Terreiros Umbandistas se dedicando a práticas de magias, oferendas e despachos com fins pecuniários, que fazem previsões sensacionalistas de vidências, provocando desajustes em pessoas menos esclarecidas e que fazem de seus trabalhos um espetáculo circense e são dirigidos por "missionários ou mestres iluminados" que veem demanda em tudo e que basta um despacho, uma magia ou mesmo um ponto riscado, retornando pretensas demandas, queimando carmas, ordenando à Natureza, comandando elementais, prendendo Espíritos e ai por fora, na vã esperança de uma solução mágica definitiva daqueles que os procuram.

Existem dirigentes umbandistas procurando impor hierarquias e formações religiosas, iniciações, organizações doutrinárias e ritualísticas a bel prazer, concebidas tão somente pelas suas idiossincrasias, pois, provavelmente não são calcadas na Espiritualidade Maior e não tem o aval da Cúpula Astral de Umbanda. Sabemos que podem ser orientações deturpadas pelo fato de o dirigente, em livros, jornais e redes sociais, colocar tudo como dever e práticas umbandista; essas orientações ferem os preceitos do instituidor da Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, e só este pode dizer o que é certo ou errado para a Umbanda, como o fez em 1908. Deveriam ser honestos e dizerem que isto é doutrina pregada, seguida e aplicada em seu Terreiro e não colocada como prática umbandista abarcando a todos indistintamente. Deviam ser honestos e classificarem-se as quais modalidades pertencem.

Outros ainda se arvoram em “gurus messiânicos”, criando dependência psicológica nas pessoas que o procuram. Esses apregoam serem “mestres, magos e/ou enviados divinos”, propagando uma doutrina sem nexo, sem religiosidade, na esperança de terem seus egos massageados e exaltados pelos mais ignorantes. São fáceis de serem desmascarados: Jamais falam de Jesus, amor, perdão, reforma íntima, humildade, caridade, daí de graça o que de graça recebestes, o que a mão direita faz a esquerda não precisa saber, etc. Em seus “Terreiros” tudo é feito para iludir, com grandes encenações magísticas, demandas mil, e o pretenso poder sobre a magia, os elementos da Natureza, os Espíritos e as pessoas.

Outros ainda manipulam a psique de um “médium descontrolado”, fazendo-o “ver” através de pretensas vidências, demandas, despachos, magias negras, Espíritos trevosos, etc., onde não existem.

Muitos apregoam a submissão total dos médiuns aos Orixás, incitando indiscriminadamente a realização de oferendas e despachos, na vã esperança de terem seus problemas resolvidos. Muitos procedem a rituais disparatados no seio da Natureza, dizendo estarem “cultuando” os Sagrados Orixás, travestindo-se de roupagens multicoloridas próprias dos cultos afros, dançando e contorcendo-se dizendo estarem “manifestados” com o Orixá, num arremedo excêntrico do que viram nos cultos dos Candomblés. Esse tipo de procedimento na Umbanda, com certeza, é puro exibicionismo arquetípico anímico; pura pantomima.



Isso é fundamento do Candomblé, e lá, tem suas razões de ser. (...) *“Os seguidores dessa religião* (nota do autor: Candomblé) *cultuam os Orixás/divindades, e se consideram ligados a objetos, plantas e animais ancestrais. É uma religião criada em uma base que podemos chamar de alma da Natureza, podendo assim ser considerada uma religião anímica”* (...) – (http://www.wikidanca.net/wiki/_Candomble). (...) *“O Candomblé é considerado uma religião anímica, ou seja, que cultua a alma (anima) da Natureza”* (...). (http://www.salvador-bahia.tur.br/portugues/candomble-salvador-bahia.htm).

Como poderiam os Sagrados Orixás, considerados por nós como Espíritos Arcangélicos (Essenciais) e/ou Angélicos (Sustentadores), ou mesmo os Espíritos Superiores (Orixás Mediadores) manifestarem-se na Umbanda na mecânica da incorporação, travestidos de indumentárias multicoloridas e excêntricas, dançando, emitindo sussurros e/ou sons esquisitos, com esgares? Espíritos superiores, se, manifestados, nos auxiliariam com seus conselhos sublimes, sentimentos elevados, com linguagem digna e nobre; são simples e modestos; jamais ficariam com sussurros inaudíveis, bailando interminavelmente ao som de tambores, fazendo com que as pessoas, em suas presenças, se curvem, ajoelhados com a cabeça no chão, adorando-os, idolatrando-os. Quem assim age, com certeza não são Orixás, e nem Espíritos da Luz (Guias e Protetores Espirituais), mas simplesmente, puro animismo vicioso; provavelmente é da mente do médium que plasma um arquétipo primitivo, achando, muitas vezes, estarem manifestados com as forças da Natureza, como se isso fosse possível. O pior, que até pode acontecer, é o médium estar manifestado com algum Espírito galhofeiro, impuro, leviano ou mesmo perturbador, que se delira em se sentir cultuado e adorado. Até os Espíritos Tutelares, os Guias e Protetores Espirituais, em suas manifestações nos Terreiros, são simples e modestos; não possuem vaidade de espécie alguma.

Esses Terreiros, em termos de orientação, extrapolam e acabam criando o “achismo” (o achar é a mãe de todos os erros). Respondem sobre tudo sem o menor embasamento doutrinário, pois são cópias de cópias, com seus trabalhos encomendados em tudo e por tudo. Isso quando, por não saberem sobre o assunto, dizem ser “mistério” ainda não aberto aos homens. Esquecem-se de que o importante é a reforma íntima e os ensinamentos calcados nos ensinamentos crísticos, e no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Muitos encontram desculpas para o sofrimento alheio na lei da reencarnação como se fosse um instrumento de castigo. Levam tudo para o campo das demandas, perturbações ou obsessões, culpando alguém ou algum Espírito pelas suas mazelas. Os Dirigentes e membros dessas casas transferem, via de regra, todos os nossos males para os Espíritos, demandas ou magias negras, afirmando não serem eles os causadores de seus sofrimentos. Muitos difundem a Terra como se fosse um vale de lágrimas e não um campo abençoado para o nosso aperfeiçoamento.

A Umbanda nos aproxima de Deus; nos faz melhores; nos faz mais compassivos, sensíveis, desapegados, amorosos, humanitários e responsáveis. A Umbanda enternece aos corações; fala às almas, infunde coragem. Nos dá liberdade de fé e raciocínio.

A Umbanda não aceita todos os fatos considerados “maravilhosos”; ao invés, explica-os e demonstra muitas vezes a impossibilidade de existir, pois muitos constituem pura superstição.

J. Herculano Pires inteligentemente adverte: *“Os dirigentes de Centros precisam tomar conhecimento desses absurdos e lutar contra eles, porque essas invencionices ridículas atrasam o desenvolvimento da Doutrina e afastam dos Centros as pessoas que sabem pensar. Que os dirigentes por mais modestos que sejam, não se esqueçam da bússola que lhes permitirá navegar com segurança nas águas mais turbulentas: O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”.*

Se não queremos novidades é porque os “novidadeiros” somente se apóiam em suas pretensões individuais. Os dirigentes umbandistas precisam tomar conhecimento de que não se mistura uma doutrina religiosa como é a Umbanda com práticas que não se coadunam com ela. Não se trata de um repúdio, mas de uma questão de método e cultura.

O Terreiro Umbandista bem dirigido, por pessoas sensatas e estudiosas é uma concha acústica, em que ressoam as vozes e os pensamentos dos Espíritos sublimes e dos homens, o diálogo dos mundos, pois nele se encontram o mundo espiritual e o mundo terreno, nas possibilidades abertas pelos dons mediúnicos de que todos dispomos.

Os que deturpam a finalidade superior do Terreiro Umbandista, sejam dirigentes, servidores ou simpatizantes só interessados em vantagens imediatas, perdem a oportunidade de se elevarem a uma visão superior do mundo, do homem e da vida de cada um. Se cada frequentador de um Terreiro Umbandista quiser ajudá-lo na sua missão, superior de preparar os homens para um mundo melhor, a dinâmica do Templo intensificará para o bem de todos.

Vejam meus irmãos umbandistas, o conteúdo dessa mensagem e vamos agregá-la em nossos Terreiros, para bem realizarmos nossos trabalhos perante Deus. Somente com homens sérios, perseverantes, sem preconceito e dotados de firmeza e sincera vontade de chegar a um resultado, conseguiremos levar adiante a maravilhosa Doutrina Umbandista.

Só pedimos aos falsos umbandistas que se instalem nas fronteiras da Umbanda, e deixem a Umbanda para ser praticada por quem realmente é umbandista com devoção, desprendimento, entendimento, humildade, compaixão e amor.

MODALIDADES DE UMBANDA – AS IDIOSSINCRASIAS

Modalidade: *"Maneira de ser; cada aspecto ou particularidade diferente do mesmo fato".*

Idiossincrasia: "*Maneira de ver, sentir, reagir peculiar a cada pessoa. É uma disposição do temperamento, da sensibilidade que faz com que um indivíduo sinta, de modo especial e muito seu, a influência de diversos agentes".*

Portanto, muitas Modalidades de Umbanda existentes, seriam grupamentos, que pelas suas maneiras de ser e de ver, distanciaram-se dos fundamentos da "Umbanda Original", incluindo em seus Terreiros doutrinas distanciadas das "Linhas Mestras" instituídas pelo Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas

Modalidades de Umbanda

Vamos elucidar sobre essa questão delicada e necessária, pois o leigo fica confuso com tantos tipos de rituais, liturgias e doutrinas, todas usando a denominação "Umbanda". Para quem não conhece a fundo, isso se torna estranho e acabam por dizerem: Seu Terreiro é de Umbanda Branca? De Umbandomblé? De Umbanda de Mesa? Etc.

Então, para dirimir essas dúvidas, vamos sucintamente esclarecer as Modalidades Umbanda, ou seja, os vários "segmentos" mais conhecidos, proeminentes e incisórios, existentes em solo brasileiro, para que cada um possa agora entender e se posicionar sobre as práticas das mais variadas modalidades de Umbanda existentes.

Dizemos "Modalidades de Umbanda" pelo fato de que, com o passar do tempo os dirigentes e seus seguidores formularam práticas doutrinárias calcadas em suas idiossincrasias, distanciando-se cada vez mais das "Linhas Mestras" ditadas pelo instituidor da Umbanda.

Alguns dizem que basta – Amor e Caridade – pra ser Umbanda, mas, discutimos esse ponto de vista pelo fato de que muitos praticamente empurraram para a Religião de Umbanda certos apetrechos, doutrinas, magias, indumentárias, etc., que nada tem há ver com o preconizado pelo instituidor, descaracterizando-a totalmente. Concordamos com a dialética do Caboclo das Sete Encruzilhadas quando disse: *"A bandeira da Umbanda é Caridade, Amor e Humildade"*, ou seja, que qualquer doutrina, por melhor que seja, de nada valem sem estes três quesitos, mas, devemos escoimar da Umbanda tudo o que é supérfluo.

Os três ditames bastam para a prática da caridade, mas, devemos atentar para todas as "Linhas Mestras" preconizadas pelo instituidor, para praticarmos uma religião calcada na razão e no bom senso, sem personalismos e sem idiossincrasias.

Respeitando a todos os Terreiros com suas práticas, somente pedimos que sejam verdadeiros, e já que se intitulam umbandistas, que disponham a todos qual modalidade de Umbanda pertencem, a fim de que possam se situar quais suas atividades e finalidades, ao invés de dizerem-se somente – Templo, Tenda, Centro, Cabana, etc., de Umbanda – promovendo discussões infrutíferas e confusões para o leigo.

Então, já que com o tempo todos se investiram do nome Umbanda, que no mínimo diga a qual modalidade pertence, e fale somente pelo seu grupo e não pela Umbanda em geral.

Desde sua iniciação, os umbandistas promoveram modificações em seu modo de ser e operar, onde muitos se distanciaram grandemente da Umbanda original (do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas). Dessas modificações cada um deu uma roupagem e deviam dar uma nomenclatura própria para se situarem perante a comunidade. Cremos que tudo isso não se deu pelo simples fato de cada um querer impor a sua verdade, mas simplesmente estavam realizando aquilo que aprenderam em livros, apostilas e mesmos outros dirigentes despreparados, e o que suas mentes achavam estar correto. Cada um, com certeza deu tudo de si para o que estava fazendo frutificasse, e no fim, todos estavam envidando esforços para praticarem o que entendiam como Religião de Umbanda.

Repetindo: *"(...) Existem, é justo dizer, numerosos Templos que, embora adotando vestimentas coloridas, atabaques e rituais complexos, dirigem os seus trabalhos apenas para o bem, seguindo os conceitos evangélicos, objetivando a melhora íntima dos seus componentes. Isto nos leva a sugerir o retorno à antiga denominação de Umbanda, "Linha Branca" para as Tendas que seguem o ritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinando como "Linha de Nação" os que se enquadram na descrição acima. Feita, assim, a distinção apenas dos rituais, permanecendo os conceitos do bem, do amor e da fraternidade, seriam mais facilmente afastados da comunidade umbandista os falsos sacerdotes que utilizam o sagrado nome da Umbanda em benefício de suas aspirações pessoais de vaidade e de enriquecimento ilícito (...)".* (Lilia Ribeiro – 1970)

Hoje temos várias modalidades na Umbanda que guardam raízes com as bases iniciais, e algumas que absorveram características de outros cultos, mas que mantém a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé.

Antes do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, como já explanamos anteriormente, o que existia era conhecido como "Macumba", com pitadas de práticas do Catimbó, bem como da magia africana praticada por alguns, pois o Candomblé estruturado surgiu no Rio de Janeiro muito tempo depois da Umbanda *(segundo informações do antropólogo Reginaldo Prandi)*. Ainda não se conhecia o termo "Umbanda". João do Rio, em sua obra "Religiões do Rio" de 1904, onde pesquisou toda a religiosidade existente na antiga Capital Federal, não citou em nenhum momento o nome Umbanda; portanto, poderiam existir manifestações de Índios, Pretos-Velhos, etc., aqui e acolá, ou mesmo os primeiros bruxuleios da nova modalidade religiosa, mas ainda não se tinha iniciado a religiosidade de Umbanda, coisa que viria mais tarde, em 1908, pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas através do médium Zélio Fernandino de Morais.

Vamos disponibilizar um texto muito interessante e inteligentemente escrito pelo senhor Cláudio Zeus, em seu livro: "UMBANDA SEM MEDO":

UMBANDA – UMA SEITA AFRO?

Por que é importante sabermos que o termo Umbanda, como culto ou religião, pertence ao Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A importância da divulgação desse tema se prende a fatores que, embora possam parecer fúteis, a uma primeira vista, (e apenas a uma primeira vista) na verdade coloca freios em muita gente que insiste que faz Umbanda e que, além de não conhecer suas origens, nada faz de Umbanda.

É isso que incomoda e faz com que muitos tentem minimizar ou até mesmo desqualificar a importância que Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas têm para o que ele chamou Umbanda. Vou tentar explicar os meandros e as segundas intenções desse tema de debate que muito se vê pelas comunidades do Orkut, MSN e outros.

- **1º Ponto:** Nunca, ninguém havia chamado de Umbanda a nenhum tipo de culto anteriormente. O que tentam fazer hoje é aproximar o termo Enbanda (afro) que quer dizer curandeiro para uns (e chefe de culto para outros) e não algum tipo de culto como esse que o Caboclo chamou "Umbanda – O Culto".

- **2º Ponto**: O Caboclo deixou algumas informações precisas sobre o que seria Umbanda, e isso é o que incomoda mais porque, se observarmos essas diretrizes, aí sim, veremos que alguns grupamentos não poderiam se chamar de Umbanda, o que leva alguns outros a "desconhecerem", muito propositalmente, o texto que será apresentado abaixo e chegarem a dizer que o que o Caboclo fez foi apenas uma "socialização" do que já havia antes, o que, para qualquer um que saiba ler (e nem precisa interpretar) vai perceber que não poderia ser.

Vamos ver o que o Caboclo nos deixou de informações sobre o culto que ele mesmo diria – *"iniciar-se naquele dia"*. Preste atenção porque aqui se define o que é a Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas (palavras do Caboclo):

"Aqui inicia-se um novo culto em que os Espíritos de Pretos-Velhos africanos, que haviam sido escravos e que desencarnaram não encontram campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para os trabalhos de feitiçaria e os índios nativos da nossa terra, poderão trabalhar em benefícios dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo Cristo".

Percebemos então, nestes três trechos que:

1) Esse era um novo culto. O Caboclo afirmou ser um novo culto e não uma corruptela de algo já existente;

2) Que esse novo culto se distanciava das seitas negras deturpadas e dirigidas para a feitiçaria, porque os próprios Pretos-Velhos africanos e os índios nativos de nossa terra (os chamados Caboclos) não encontravam campo de ação (possibilidade de trabalharem) nesses grupamentos. Isso era o que existia antes e era disso que Umbanda, então criada, deveria se distanciar.

3) Esse seria um culto embasado no Evangelho de Jesus, reconhecendo-o, inclusive, como "MESTRE SUPREMO". (nota do autor: Em nossa visão, nesse trecho, o Caboclo das Sete Encruzilhadas não via Jesus como o Mestre Supremo, mas sim, o Cristo Planetário, de quem Jesus era médium. Vejam que ele disse que o *"culto que tem base no Evangelho de Jesus"* e posteriormente disse *"como Mestre Supremo Cristo"*. Aliás, Cristo não era o sobrenome de Jesus)

Por que eu lhe afirmo que divulgar isso, inclusive até mesmo a existência de Zélio e do Caboclo, não se torna interessante para uma grande parte? Porque, após a criação e não socialização ou codificação do que já existia, muitos dos inúmeros grupamentos já existentes, (como acontece até hoje), passaram a se autodenominar Umbanda, mesmo passando por cima desses preceitos deixados pelo Caboclo, criando-se então, a confusão que encontramos hoje, inclusive com alguns afirmando que a Umbanda tem que se afastar dos ensinamentos cristãos e abraçar mais os fundamentos afro. Mas como isso poderia ser, se a Umbanda foi criada em cima de bases cristãs?

O que se percebe então? Percebe-se que há um movimento deturpatório do que foi deixado pelo CDSE (Caboclo das Sete Encruzilhadas), em função das "vontades" daqueles que resolveram ir fazer cabeça no Candomblé e depois vieram "bater Umbanda", como gostam de dizer. Ora... bater Umbanda, como se Umbanda fosse Candomblé? Em Candomblé sim, "se bate para os Orixás" porque os Xirês são nada mais do que festividades, toques, como também chamam em louvor aos Orixás e nunca foram Giras de Caridade.

Todos os atendimentos em Candomblés de raiz só são feitos pelo Babalorixá ou Yalorixá e através dos jogos de búzios, opelês (em menor quantidade) e obís. Não há consultas dentro dos Xirês e, nos que hoje há, é porque já se modificaram e se distanciaram de suas raízes, até porque, quem bate papo e dá consultas são os eguns ou catiços, como são chamados alguns tipos de Caboclos e entidades intermediárias. E vejam que até hoje, os Pretos-Velhos, que seriam remanescentes dessa mesma crença, por "terem sido escravos, negros e africanos" ainda não são aceitos na maioria dos Candomblés. Alguns aceitaram alguns Caboclos porque muitos ainda crêem que eles também são encantados.

Minimizar, ou não divulgar o que era a verdadeira Umbanda, a de raiz, a do Caboclo das Sete Encruzilhadas é, e sempre será importante para os que têm medo da verdade e pretendem abrir Terreiros com fundamentos estranhos, de matanças, feitiçarias, amarrações, etc., e se anunciarem como Umbanda.

No meu entender, o mais honesto seria que cada grupamento que hoje se diz apenas de Umbanda, se intitulasse, como outros que já o fazem, por exemplo: Umbanda Omolokô, Umbanda Cabula, Esotérica, de Angola e outras mais, já que fogem às regras básicas que o Caboclo deixou para o seu novo culto (ou seja: não são de bases cristãs), para não deixarem aqueles que nada entendem disso sem saberem, afinal, a que tipo de Umbanda estão adentrando.

O que essas pessoas têm que colocar na cabeça é que o nome Umbanda, como culto, pertence ao CDSE (ainda que ele não a tenha registrado) e mesmo eu ou você, que praticamos a Umbanda Traçada (que é diferente do Umbandomblé embora muitos confundam), temos que reconhecer que não seguimos a linha doutrinária determinada pelo CDSE – Umbanda com base totalmente cristã – o que não nos tira qualquer valor ou mérito, já que os objetivos finais – Caridade e Amor Fraterno – também são buscados, apenas por caminhos diferentes.

O que essas pessoas têm que pôr na cabeça é que devem assumir o tipo ou subgrupo de Umbanda que seguem e, jamais quererem mudar o principal da Umbanda que é a fé, a caridade, o amor ao próximo e, principalmente, também devem assumir que, se estão ligados a Espíritos e encarnados que só sabem fazer feitiçarias, mandingas, amarrações, intrigas, então, nem o nome Umbanda deveria ser usado em seus cultos, já que, desde a criação, isso foi contrariado pelo Caboclo.

Escrevi acima que Umbanda Traçada é diferente de Umbandomblé e, para muitos, isso pode parecer estranho, mas não é. Acontece que existem, generalizando, três tipos de Umbanda e as explico abaixo:

- **Umbanda:** A que foi criada pelo CDSE, com bases claramente cristãs – até os Terreiros que foram criados pelo Caboclo tinham nomes de Santos católicos. Os praticantes dessa Umbanda não admitiam (e acho que ainda não admitem) bebidas ou atabaques em seus rituais. Quando muito, o fumo das entidades;

Nota do autor: Essa Umbanda também conhecida como: "**LINHA BRANCA DE UMBANDA OU UMBANDA TRADICIONAL OU UMBANDA DE RAIZ OU UMBANDA BRANCA"**.

Oriunda do Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestado no médium Zélio Fernandino de Moraes que lançou as bases da Religião de Umbanda, com doutrina baseada na caridade cristã sem fins pecuniários, na doutrina dos Evangelhos e da codificação kardeciana. Não tinha sujeição a Orixás, atabaques, feituras de santo, adereços e nenhuma influência dos culto-afros.

Todas as outras modalidades de Umbanda guardam certos vínculos com a "Linha Branca de Umbanda e Demanda" do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Leal de Souza dirigia a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das 07 filiais que formam o séquito de casas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, relatou ao Jornal de Umbanda, na edição de Outubro de 1952, que *"coubera ao Caboclo das Sete Encruzilhadas a incumbência de organizar a "Linha Branca de Umbanda", seguindo as determinações dos "Guias Superiores" que regem o Planeta".*

Leal de Souza, em seu livro **"O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA – 1932"** escreveu:

- *"A Linha Branca de Umbanda e Demanda tem o seu fundamento no exemplo de Jesus (...)".*
- *"O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de magia negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos (...)".*
- *"Para dar desempenho a sua missão na Terra, o Caboclo das Sete Encruzilhadas fundou quatro Tendas em Niterói e nesta cidade, e outras fora das duas capitais, e todas da Linha Branca de Umbanda e Demanda (...)".*
- *"A Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador, nada se encontra susceptível de condená-la (...)".*
- *"E o amor de Deus e a prática do bem são a divisa da Linha Branca de Umbanda e Demanda".*

Este termo foi realçado no 1º Congresso Nacional de Umbanda sob o título: "INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LINHA BRANCA DE UMBANDA" – Memória apresentada pela Cabana de Pai Thomé do Senhor do Bonfim, na sessão de 26 de Outubro de 1941, pelo seu Delegado Sr. Josué Mendes.

Visava o estudo aprofundado da temática mediúnica, bem como diferenciar as práticas umbandistas tradicionais das práticas emergentes onde a mistura de culto-afros com a Umbanda já se fazia presente. Com isso, a partir daí, toda prática umbandista distanciada de ritualísticas afros, de magias negras, de despachos para o mal, etc., e aproximada das práticas cristãs, vestuário branco, orações, desobsessões, etc., era rotulada de "Linha Branca de Umbanda".

Com tudo isso, a partir daí, diferenciando as práticas de baixo espiritismo, fetichismo, totemismo, feitiçarias, macumbarias e qualquer sorte de sortilégios e malefícios, o povo passou a classificar as práticas de Umbanda voltadas a caridade, evangelização, desobsessão, bênçãos, desmanches de magias negras, etc., como práticas da "Umbanda Branca". Esse termo ficou plantado na mente do povo como designativo de Umbanda voltada ao amor e a Espiritualidade Superior. Até hoje, quando muitos assistidos entram num Templo Umbandista, imediatamente perguntam: *"Aqui é da Umbanda Branca"*?

Hoje, observamos muito irmãos umbandistas se apegarem ao fato de quem se intitular praticante da “Umbanda Branca” está sendo preconceituoso, pois, jocosamente, dizem não existir também Umbanda vermelha, Umbanda verde, etc. Esqueceram-se o fato importante, de muitos indivíduos abrirem suas casas com o nome de Umbanda, mas praticam cultos estranhos, distanciados no Evangelho Redentor. Por isso, para diferenciar a Umbanda original das práticas estranhas, com doutrinas, magias, crenças e rituais que nada aproximavam nos ensinamentos preconizados por Nosso Senhor Jesus Cristo, defendido pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas e seus seguidores, se intitulavam de: “Linha Branca de Umbanda”. Não adianta querermos tapar o Sol com a peneira; somos sabedores da existência de muito Terreiros que se denominam de Umbanda, mas estão largamente distanciados das “Linhas Mestras” do instituidor.

Portanto o termo “Umbanda Branca” foi e é usado pelo povo, para saberem se o local que estão entrando, prática Magia Branca, Espiritualidade Superior. É só isso.

- **Umbanda Traçada:** A que admitiu (a princípio ou posteriormente) a presença (como trabalhadores) dos Exus e Pomba Giras, personagens da Kimbanda que eram até temidos no início e hoje já viraram Guardiões, e outras entidades intermediárias, trabalhadores de excelente performance, sempre visando a caridade, porque, se assim não for, não podem se considerar Umbanda. É chamada de Traçada ou Cruzada porque nela existe o cruzamento (ou entrelaçamento) de dois tipos de trabalhadores: os de Umbanda (Caboclos – índios nativos – e Pretos Velhos) e os de Kimbanda (Exus, Pomba Giras, Bugres, malandros, etc.);

Nota do autor: Essa Umbanda nós conhecemos como: **Umbanda Traçada, Mista ou Cruzada –** Tem influência do Catimbó, dos culto-afros do sincretismo e suas práticas. Faz uso indiscriminado de oferendas, despachos e algumas casas, de bebidas alcoólicas. Sem cunho e estudo doutrinário próprio. Tem o uso de atabaques e/ou tambores. Largo uso de roupagens coloridas, adereços, danças e festas (internas e externas). Tem muita proximidade com os trabalhos da Umbanda Popular.

- **Umbandomblé:** Todas as umbandas que praticam em seus cultos, os ritos absorvidos dos Candomblés, sejam de que nações forem. Nessas umbandas há “toques” para Orixás, costumam usar brajás ao invés de guias, recolhem “filhos de santo”, usam quelês, sacrificam e colocam “oxu” nos oris de seus adeptos... e por aí vai. O que as assemelha à Umbanda original e as afasta do Candomblé de raiz é o trabalho com entidades tipo Pretos-Velhos e Caboclos e mesmo Exus infiltrados (porque esses não são os Orixás-Exu das nações) que vêm,... aí sim, trabalhar para a caridade.

Nota do autor: Essa Umbanda nós conhecemos como Umbanda Omolokô (também conhecida como Umbanda Primitiva, de Almas e Angola): Iniciada pelo Tatá Trancredo da Silva na década de 1950, onde encontramos um misto entre os cultos, liturgias, rituais africanos (Banto) e o trabalho direcionado com Espíritos. Faz uso de camarinhas, sacrifícios de animais, ebós, raspagens, catulagem, etc. Usando a Umbanda como fonte matricial, para esta via alternativa, Tancredo organizou o que vulgarmente é denominado de Umbandomblé. Influenciou grandemente as práticas da conhecida Umbanda Popular.

É o seguimento organizado a partir da Macumba, ou seja, um culto sincrético afro-brasileiro derivado de práticas religiosas e divindades de povos Bantos, com elementos ameríndios e do catolicismo. Atualmente, alguns se autodenominam de: “Umbanda Afro-Ameríndia”.

As Umbandas Traçadas ou Cruzadas não absorveram, necessariamente, ritos e práticas afro, e essa é a grande diferença delas para a Umbandomblé. Algumas até absorveram mais algumas entidades de Catimbó e outros grupamentos de raízes nordestinas e outras ainda, preferiram “cruzar” seus ensinamentos com os dos “Mestres Orientais”.

Eu colocaria ainda, como subgrupo das Umbandas Traçadas ou Cruzadas, as Umbandas Esotéricas e mesmo as Iniciáticas, já que nelas, além dos trabalhos com as entidades já citadas, existe a adaptação de ensinamentos e até mesmo de entidades tidas como “orientais” e sábios de outras nações que não as africanas. E diria mais ainda: Em termos de abertura para novas aprendizagens, a Umbanda Traçada é a que mais se encontra nessa posição, já que as outras duas tendem a se prender muito em suas raízes (ou cristã, ou afro) e desmerecerem alguns dos conhecimentos mais modernos que nos chegam através de outras correntes de Espíritos e mesmo da ciência.

Que isso não seja tomado como desmerecimento para qualquer tipo de Umbanda, pois, guardadas as devidas proporções e se o culto visa à caridade, o amor fraterno e a fé, então todas têm em si a semente de Umbanda, ainda que não seja exatamente a que o CDSE criou.

Agora, se alguém cria um agrupamento para misturarem cultos "ao deus dará", explorar a caridade, impingir medos aos seus seguidores, sair matando cães e gatos pra saciar suas sedes de sangue e de impressionismo... aí, pelo amor de Deus, ... isso não pode ser chamado de Umbanda!!! Custa muito às diversas umbandas se identificarem por suas raízes ou suas doutrinas para que nem tudo seja apenas Umbanda? Vão ficar menos Umbanda por causa disto? Vamos a um raciocínio?

Imaginemos que você que agora me lê, através de uma entidade ou não, venha a criar amanhã, um novo culto espiritualista, digamos... ALABANDA, e nos diz que este será um novo culto que só fará trabalhos através dos Ciganos e Boiadeiros, por exemplo, e também será voltado exclusivamente para as práticas Ciganas e a magia dos Boiadeiros.

Depois de alguns anos você vê que alguns outros grupos passaram a se autodenominar ALABANDA, trabalham com mineiros, com Orixás de Nação e suas "obrigações", com Exus, Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, malandros, tentam decifrar o que seria ALABANDA, mas não ousam perguntar a você, que foi o (a) criador (a), o que seria, e ainda por cima, depois disso tudo ainda começam a discutir porque acham que ALABANDA deveria "voltar às raízes afro" já que os "Orixás" são afro.

O que você diria, honestamente? Foi isso o que aconteceu com a Umbanda criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Não seria melhor que cada Alabanda dessas que se formou após, se identificasse convenientemente? Eis aí o porquê de, desde muitos anos atrás (isso não é de hoje), já se falar de codificação de Umbanda e até hoje, ninguém saber exatamente qual das umbandas se vai codificar – todas, não dá mesmo!

De minha parte posso lhes dizer que a Umbanda que eu pratico é totalmente Cruzada e praticamente nada nela existe de Ritual de Nação Afro, embora tenha que conhecer alguns fundamentos para casos em que certos problemas mediúnicos tenham origem em entidades específicas. Talvez a melhor descrição para ela seria de Umbanda Aberta. Sempre aberta para melhores conhecimentos e aprimoramentos ritualísticos que realmente possam ter fundamento, venham de onde vierem.

(Trecho extraído de: http://umbandasemmedo.blogspot.com):

No Rio de Janeiro de então e antes da origem oficial da Umbanda, eram comuns práticas afro-brasileiras similares ao que hoje ainda se conhece como a Cabula e a Macumba. Com tudo isso já plantado e praticado em solo brasileiro, num dado momento o Caboclo das Sete Encruzilhadas instituiu a Umbanda como religião, fornecendo as "Linhas Mestras" para uma prática ritual mais ordenada, hierarquizando e disciplinando as manifestações mediúnicas que já ocorriam em arquétipos sociais, com a doutrina baseada nos Evangelhos de Jesus e nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, orientada para o desenvolvimento da mediunidade calcado na codificação kardeciana e na prática da caridade em auxílio gratuito a todos, no início do século XX.

De nada adianta falarem que já existia a Umbanda como religião, antes de Zélio de Moraes. Aliás, a Cabula e a Macumba eram considerados cultos, somente.

Na Cabula e na Macumba já existiam defumações, banhos ritualísticos, pontos riscados, pemba, etc.; já ocorriam as manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos, mas, tudo de forma primitiva e desordenada, sendo muitas das práticas totalmente voltadas à magias negras e fins pecuniários. Não existia uma religião com o nome Umbanda; quem a instituiu foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas e isso é fato indiscutível.

Vamos apontar outras Modalidades de Umbanda:

Obs. Consideramos "Modalidades de Umbanda", as mais proeminentes, que criaram "escolas" e seguidores.

Umbanda de Cáritas: De expressiva influência da chamada "Religião Kardecista". Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos africanos (Orixás), nem o trabalho dos Exus e Pombas-Gira, ou a utilização de elementos como atabaques, pontos riscados, imagens e bebidas.

Essa linha doutrinária se prende mais ao trabalho de Guias como Caboclos, Pretos Velhos, Crianças e Linha do Oriente somente.

Umbanda Popular: Tem forte influência de ritualísticas da Macumba, do Candomblé, do Omolokô, do Catimbó, do Catolicismo, do sincretismo e suas práticas. Faz uso indiscriminado de oferendas, despachos e algumas casas, de bebidas alcoólicas. Sem cunho e estudo doutrinário próprio. Tem o uso de atabaques e/ou tambores. Largo uso de roupagens coloridas, adereços, danças e festas (internas e externas). Algumas Casas realizam cobranças para a realização de trabalhos de magia.

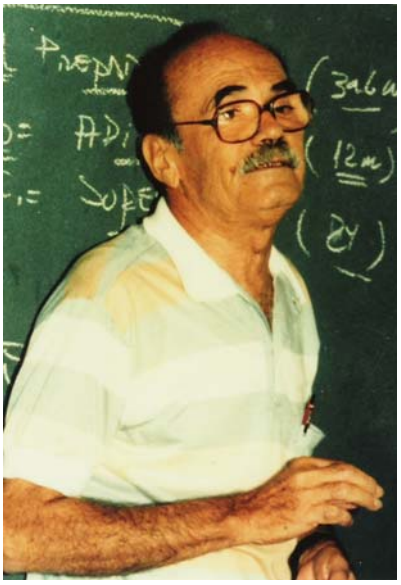
Embora com influência do Candomblé, não realizam ritualísticas com sacrifícios de animais, a não ser em alguns casos particulares, onde alguns dirigentes, às escondidas, praticam tal ato numa ritualística solitária e pessoal, mas não como prática religiosa de Terreiro.

Arregimenta a maioria esmagadora dos Terreiros ditos de Umbanda.

"É uma das mais antigas vertentes, fruto da umbandização de antigas casas de Macumbas, porém não existe registro da data e do local inicial em que começou a ser praticada. É a vertente mais aberta a novidades, podendo ser comparada, guardada as devidas proporções, com o que alguns estudiosos da religião identificam como uma característica própria da religiosidade das grandes cidades do mundo ocidental na atualidade, onde os indivíduos escolhem, como se estivessem em um supermercado, e adotam as práticas místicas e religiosas que mais lhe convêm, podendo, inclusive, associar aquelas de duas ou mais religiões".
(http://registrosdeumbanda.wordpress.com)

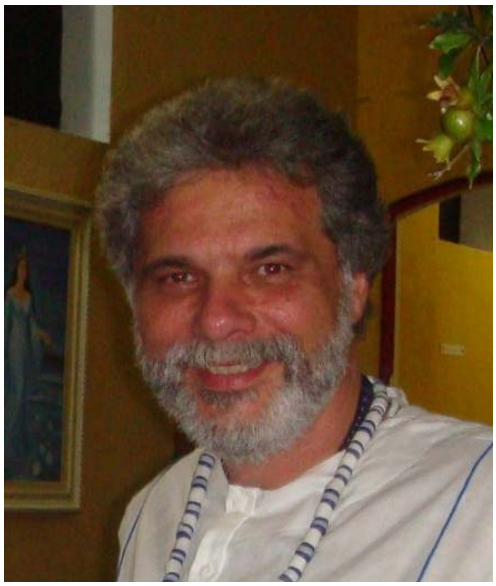
Umbanda Esotérica: "É a vertente fundamentada pelo médium Woodrow Wilson da Matta e Silva, também conhecido como pai Matta (mestre Yapacani) (28/06/1917 – 17/04/1988), surgida no Rio de Janeiro/RJ, em 1956, com a publicação do livro "Umbanda de Todos Nós".

Sua doutrina é fortemente influenciada pela Teosofia, pela AMORC (Ordem Rosa Cruz), pelo Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, pela Astrologia, pelo estudo da Cabala e por outras escolas ocultistas mundiais, bem como no estudo sistemático do livro "Arqueômetro", escrito por Saint Yves D'Alveydre. Apregoa que a Umbanda é milenar, e possui um código doutrinário, com rituais, liturgias e sacramentos próprios. Faz cobranças, chamada "Lei de Salva" por trabalhos de magia.



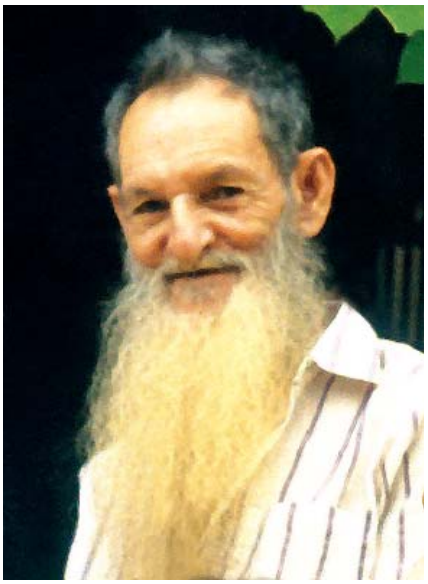
Escola de Síntese – Doutrina do Tríplice Caminho: Fundamentada por Francisco Rivas Neto em São Paulo/SP (Mestre Arhapiagha), onde há à busca de uma convergência doutrinária (sete ritos – no mesmo espaço em que se realizam os preceitos da Umbanda Esotérica, no dia seguinte se realiza Omolokô, no outro Catimbó, e vai por ai afora, na alusão de se praticar ritos irmanados com outros setores de modalidades de Umbanda, falando uma linguagem comum a todos). Diz que é o alcance do Ponto de Convergência e Síntese.

Hoje, possui um código doutrinário, com rituais, liturgias e sacramentos próximos da Umbanda Popular, sem um código doutrinário próprio. Faz cobranças, chamada "Lei de Salva" por trabalhos de magia, e, realiza sacrifícios de animais.



Umbandaime: Em 1989, quando se iniciaram as Sessões de Umbanda no Céu do Mapiá/Amazonas (Igreja Daimista), seu iniciador, o Padrinho Sebastião Mota de Mello, seguidor e discípulo do Mestre Raimundo Irineu Serra, intitulou-a de Umbandaime. Tem muita proximidade com os trabalhos da Umbanda Popular, mais a ingestão do Ayahuaska (Santo Daime).

Apesar do avanço dessa linha dentro da linha daimista do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), tal estudo não é incorporado ao calendário oficial de trabalhos da instituição.



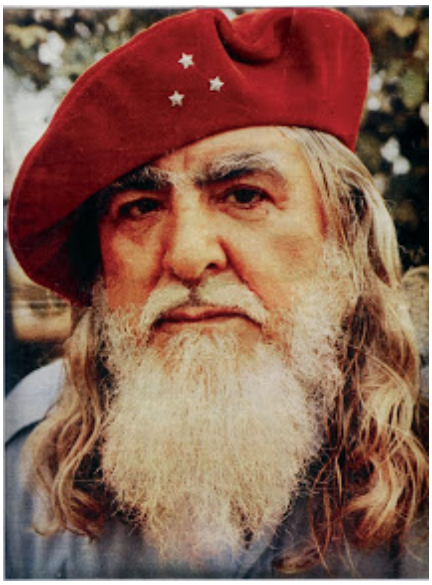
Umbanda do Caboclo Mirim: Assim nominamos o subgrupo que teve e tem uma grande influência em muitos Terreiros. Iniciado pelo Caboclo Mirim através de seu médium – Benjamim Figueiredo no Rio de Janeiro/RJ. Tem doutrina, rituais, liturgias, sacramentos e características próprias. Não utilizam imagens de Santos, não fazem uso das guias (colares) no pescoço, pontos riscados, velas, ponteiros, pólvora e nem trabalhos com Exus e Pombas-Gira.

Faz uso de tambores em Sessões festivas, roupagens somente brancas; abomina a matança de animais. Desvinculou-se totalmente da doutrina, ritualística e liturgia católica e dos cultos afros.

Umbanda Eclética Maior: É a vertente fundamentada por Oceano de Sá (23/02/1911 – 21/04/1985), mais conhecido como mestre Yokaanam, surgida no Rio de Janeiro/RJ, em 27/03/1946, com a fundação da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal.

Diz que: *"A verdadeira Umbanda fundada nos planos espirituais por Mestre Lanuh* (nora do autor: Jesus) *e, no plano físico por Mestre Yokaanam como obra complementar da codificação do Mestre Allan Kardec. Umbanda Eclética! Umbanda Superior. Umbanda Maior. Umbanda Simbólica! Direita Total!"*

Têm fundamentos, doutrinas e rituais próprios e independentes.



Umbanda Guaracyana: É a vertente fundamentada pelo médium Sebastião Gomes de Souza (1950 –), mais conhecido como Carlos Buby, surgida em São Paulo/SP, em 02/08/1973, com a fundação do Templo Guaracy do Brasil, e em várias países.

Têm fundamentos, doutrinas e rituais muito próximos a Umbanda Popular.

Umbanda dos Sete Raios: É a vertente fundamentada por Ney Nery do Reis (Itabuna, (26/09/1929 –) (mais conhecido como Omolubá), e por Israel Cysneiros, surgida no Rio de Janeiro/RJ, em novembro de 1978, com a publicação do livro "Fundamentos de Umbanda – Revelação Religiosa".

Têm rituais e liturgias muito próximos a Umbanda Popular.

Umbanda Aumpram: É a vertente fundamentada pelo médium Roger Feraudy (1923 – 22/03/2006), surgida no Rio de Janeiro/RJ, em 1986, com a publicação do livro "Umbanda, Essa Desconhecida". Esta vertente é uma derivação da Umbanda Esotérica, das quais foi se distanciando ao adotar os trabalhos de apometria e ao desenvolver a sua doutrina da origem da Umbanda, a qual prega que a mesma surgiu a 700.000 anos em dois continentes míticos perdidos, Lemúria e Atlântida, que teriam afundado no oceano em um cataclismo planetário, os quais teriam sido os locais em que terráqueos e seres extraterrestres teriam vividos juntos e onde estes teriam ensinado àqueles sobre o Aumpram, a verdadeira Lei Divina.

(http://registrosdeumbanda.wordpress.com)

Umbanda Sagrada: É a vertente fundamentada pelo médium Rubens Saraceni, surgida em São Caetano do Sul/SP, em 1996, com a criação do Curso de Teologia de Umbanda. Sua doutrina procura ser totalmente independente das doutrinas africanistas, espírita, católica, orientalistas e esotéricas, pois considera que a Umbanda possui fundamentos próprios e independentes dessas tradições, embora reconheça as influências das mesmas na religião.

É calcada em doutrina própria, dando ênfase ao culto aos Orixás como divindades, dando ênfase às práticas de magias, despachos e oferendas. Tem muita proximidade com os trabalhos da Umbanda Popular.

Umbantimbó: Esse termo foi introduzido por nós, para classificar as muitas práticas de umbandas pelo nordeste, onde, antigamente praticava-se Catimbó, e com o tempo, transformaram-se em Umbanda. Mas a mistura prevalece inclusive alguns adotando ritualísticas do Candomblé, com atabaques e sacrifício de animais. Atualmente, em São Paulo, devido a migração de catimbozeiros e/ou juremeiros, bem como surgirem "cursos" de Catimbó, muitos Terreiros estão aderindo à suas práticas, introduzindo-a no seu calendário ritualístico e litúrgico, inclusive, abrindo dias específicos para práticas do Catimbó e manifestações de seus Mestres.

Só podemos dizer que os Espíritos militantes em todas as denominações umbandistas lá estão por afinidade, e realizam um trabalho caritativo dentro da realidade deles (rituais, oferendas, etc.) em conjunto com a mente e a aceitação dos profitentes. Mas, cremos que todos devem se posicionar a qual modalidade pertence afim de que todos possam se unir em seus ensinos e não dizer que tudo é somente Umbanda, pois existem outros que não rezam em suas cartilhas.

A Umbanda não foi e nem será codificada (ela foi sim, normatizada (Linhas Mestras), em aspectos primários e essenciais), pois tem como uma das principais missões, o atendimento primário, ou seja, face a face. A Umbanda adapta-se ao local em que está. Utiliza nas manifestações dos Guias e Protetores Espirituais, os arquétipos fluídicos regionais de apresentação. A Umbanda é criada e moldada de acordo com o local que é praticada. Por isso as várias modalidades de Umbanda. O que não pode ser feito, é descaracterizar uma modalidade umbandista a bel prazer, dando-lhe cunho particular, dizendo posteriormente que "segue" àquela modalidade, só que de maneira diferente, porque os tempos são outros.

Disse Pai Joaquim de Aruanda: *"(...) Umbanda é Centro a Centro; é trabalho a trabalho; porque de um trabalho para outro pode mudar a diretriz da casa. Hoje o povo pode fazer isso, amanhã não pode. A Umbanda é criada para quem está sentado naquele dia, naquela hora. E o Espírito não precisa defender o Preto-Velho ou o Índio; ele tem que buscar aquilo que precisa às pessoas que estão sentadas. A Umbanda é dos Espíritos, mas não é feita para os Espíritos; é feita para a matéria. Então, quando você me pede para fazer uma codificação, para falar cada nome que é, impossível; porque cada coisa aqui é uma coisa e num outro Centro desta cidade vai outra". " (...). Tudo está perfeito. Tudo. Tudo o que acontece é obra de Deus, e Deus é a perfeição. Então, mais do que certo ou errado, tudo está perfeito. Nada acontece fora da hora. Nada tem uma repercussão maior ou menor do que deveria ter. Não nos cabe julgar nada. Nos cabe viver a coisa com perfeição".*

Veja, estude e pratique a que a sua Modalidade de Umbanda ensina, mas, não critique o que a outra aceita como doutrina. Atente para a razão e o bom senso. Devemos escoimar da Umbanda o supérfluo, as superstições, os totemismo, os fetichismos, as idolatrias, os cultos desgastantes e primaristas, os despachos e oferendas disparatados, as magias estranhas e descabidas, as danças desordenadas, os barulhos ensurdecedores, os fins pecuniários, os balandraus, as saias com rendas e lamês, os adornos, os adereços regionais externos, tipo: cocares, penas, chapéus, capacetes, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, smoking, bijuterias, e procurar seguir os ensinamentos de Jesus, o trabalho edificante de reforma íntima, a caridade desmedida todos pautados na razão e no bom senso, ou seja, tudo o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas ensinou em suas "Linhas Mestras". Existem muitas outras formas de vivenciar a Umbanda e todas se forem vivenciadas do amor, com amor e por amor, seguindo o preconizado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, nos ensinamentos crísticos, na razão e no bem senso, serão legítimas.

Muitas outras formas existem, mas não têm uma denominação apropriada. Se diferenciam das outras formas de Umbanda por diversos aspectos peculiares, mas que ainda não foram classificadas com um adjetivo apropriado para ser colocado depois da palavra Umbanda. É bom cada um se situar na modalidade seguida, e procurar fazer o melhor possível, pois a Espiritualidade Maior não acoberta erros. Como diz o Senhor Cacique Araribóia: *"passarinho que dorme com morcego, amanhece de ponta cabeça".*

Considerações:

Não se esqueçam: Quando todos morrerem, serão julgados pelos seus atos e não pelos seus segmentos religiosos. Temos que nos conscientizar da necessidade de reformularmos nossos conceitos, pautando nossas vidas e nossa religiosidade através dos ensinamentos crísticos, principalmente no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o porto mais seguro para que possamos galgar degraus da espiritualidade superior.

Observem que já estamos vivenciando o "final dos tempos", onde serão separados os que estão à direita ou a esquerda de Cristo. O tempo urge. Não há mais tempo para se ficar em banalidades, e, principalmente em disputas, discussões religiosas e cultos externos. De nada adianta ficarmos "discutindo" se essa ou aquela prática de Umbanda é melhor ou pior. De nada adianta agora ficar numa separatividade doutrinária desgastante, onde se discute ainda se esse ou aquele Orixá gosta de comer abacaxi ou não. Temos sim que bem observar as "Linhas Mestras" do Caboclo das Sete Encruzilhadas, calcadas nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, e praticá-las.

Não nos esqueçamos do que nos disse o Mestre Jesus: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser por mim"*. Com isso, Jesus quis nos alertar sobre a necessidade de se viver uma vida calcada no amor, no perdão, na caridade, na paz, na reforma íntima, etc. Até quando vamos lutar contra isso? Até quando vamos teimar em "fazer" uma "Umbanda pessoal", calcada em achismos, em idiossincrasias, em cultos estranhos, em doutrinas que acham serem certas, ou como já nos disseram: *"no meu Terreiro eu faço isso e aquilo, porque pra mim funciona; então vou continuar fazendo. Cada um faz o seu e pronto.* E tudo isso é feito em detrimento ao que Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou. Praticamos mediunidade ou somente mediunismo? Praticamos religião ou somente realizamos práticas exteriores e/ou folclóricas a fim de atender às necessidades deturpadas egoísticas de cada um?

Por acaso os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda não são os Espíritos Santos de Deus? Se forem, então, com certeza em suas comunicações, nos dariam os exemplos da Espiritualidade Maior, nos incitariam em nossa necessária reforma íntima, ao necessário perdão, nos livrariam dos cultos externos desgastantes, nos tirariam do ostracismo da ignorância, e principalmente, nos tornariam pessoas melhores. Não nos esqueçamos da orientação evangélica: *"Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo."* (I João, 4:1). Agora tem o seguinte: Cada médium tem em sua volta Espíritos que se sintonizam com sua conduta moralidade e padrão vibratório.

A Umbanda tem suas características próprias que a definem como realmente é, mas devemos escoimar o supérfluo e nos atermos ao que é necessário. Ser um Umbandista não quer dizer descaracterizar a religiosidade de Umbanda, mas simplesmente pautar sua vivencia religiosa em Jesus, nos ensinamentos crístico, na razão e no bom senso. Os alertas já estão sendo dados há muito tempo. Já é hora de voltarmos nossa atenção e religiosidade para as práticas calcadas nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

Em nossas andanças pela net, em pesquisas, encontramos um blog interessante, onde várias questões sobre a Umbanda na atualidade são discutidas. Vamos expor um pequeno trecho, mas, levemente adaptado, sem perder o conteúdo, onde retiramos nomes e alguns fatos para não ferir consciências, pois não é a razão deste livro; somente estamos disponibilizando-o pelo fato de coadunar com nosso pensamento, de que muita coisa é aceita somente para ficarmos de bem com todo mundo. Quem quiser vê-lo na íntegra, acesse o blog: (http://vozesdearuanda.blogspot.com/2008/04/reconhecimento-sacerdotal-de-quem-por.html):

"(...) Existem correntes de pensamentos de alguns "líderes" da Umbanda que pregam a convergência na divergência. Cremos nisso, tão somente aplicado no respeito mútuo na pluralidade dos ritos e formas de enxergar e praticar a Umbanda. O que não aceitamos é o conceito do "vale-tudo", onde todo mundo está certo, tudo são flores, o mundo é lindo. Entenda-se por "diversidade" não esta obviedade tão na nossa cara em termos de pluralidade de ritos e formas de enxergar e praticar a Umbanda, mas sim o conceito da "diversidade do vale-tudo", onde para algumas correntes umbandistas, todo mundo está certo.

A questão da convergência na divergência, pregada na atualidade, presta-se tão somente a querer estar de bem com todos, a fim de massagear egos, dizendo que cada um faz o que quer e bem entender dentro do que se convencionou chamar de "Umbanda". Então, ninguém critica ninguém, faz-se vistas grossas para um monte de bobagens que se vê por ai, e cada dia mais livros vendem mais, e está tudo certo.

Não importa que um médium queira receber um Caboclo que use um chapéu ornado de frutas, no melhor estilo Carmem Miranda. Se perguntam sobre uma coisa destas, a alguns "líderes" da Umbanda, receberão essa resposta: "é a forma de apresentação da entidade ou é o grau de consciência do médium".

O SIGNIFICADO DA PALAVRA UMBANDA

Temos observado ao longo dos anos de trabalho umbandista, várias opiniões divergentes sobre o significado do termo "Umbanda". Após vários anos de estudos e pesquisas, recolhemos algumas informações, que humildemente julgamos serem importantes, e, particularmente, esperamos venham elucidar um pouco mais sobre a origem e o porquê da nossa amada religião ter adotado o nome "Umbanda". Vamos expor 07 (sete) versões sobre o seu significado.

O nome Umbanda ficou na incerteza por muito tempo. Encontramos uma importante informação postada num site sob o título: "Revendo a história do início da Umbanda", por Pedro Kritski e Renato Guimarães, num arquivo de áudio/cassete contendo a entrevista de Jota Alves de Oliveira com Zélio Fernandino de Moraes, na década de 1970, contendo diversos assuntos muito pertinentes à história da Umbanda, dando-nos a visão e o depoimento do Sr. Zélio Fernandino de Moraes, médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas sobre a história da religião. Vamos a um trecho deste importante documento fonográfico:

O NOME DA RELIGIÃO

Com base no que ouvimos no áudio, teríamos que reescrever parte do que já foi escrito sobre os fatos ocorridos nos dias 15 e 16 de novembro de 1908 e adicionar um fato novo, ocorrido em 1909, relativo a mudança no nome da religião. No diálogo travado entre um dos presentes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, ocorrido na casa de Zélio no dia 16 de novembro daquele ano, no qual se indaga sobre o nome do novo culto; teríamos que reescrever o diálogo para algo do tipo:

Um dos presentes: *"Qual será o nome desse novo culto?"*

Caboclo das Sete Encruzilhadas: *"O novo culto se chamará Alabanda."*

Como era a primeira vez que ouviam esse nome, um deles indagou: *"O que quer dizer Alabanda?"*

Caboclo das Sete Encruzilhadas: *"Alabanda quer dizer: Deus ao nosso lado."*

Além deste fato, teríamos que acrescer um fato novo sobre o início da Umbanda: a mudança do nome da religião, de "Alabanda" para "Aumbanda", em 1909.

Não sabemos os motivos pelos quais o Caboclo fez tal mudança e talvez nunca saibamos. Vamos continuar buscando registros dos fatos ocorridos naquela época, torcendo para que encontremos algo que explique essa mudança.

A teoria mais propalada para esta mudança, a de que a vibração do nome anterior não era boa, tendo sido escolhido um novo nome com uma melhor vibração, não pôde ser comprovada, historicamente falando, até o momento. É, até agora, só uma especulação sobre o assunto. *(ERRATA: Zélio deixa claro, entre os minutos 12h25min e 12h50min, que o termo Alabanda foi substituído por Aumbanda porque não ficava bem, não soava bem).*

Mas analisemos a forma como se deu a mudança.

Sabemos que o primeiro nome da nova religião, Alabanda, foi uma homenagem feita pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas ao Orixá Mallet, que em sua última encarnação havia sido malaio e muçulmano: "Alá" é um aportuguesamento da expressão árabe *"Al-Lah"*, cujo significado é *"O Deus"* e é dessa forma que os muçulmanos referem-se a Deus em suas preces. *(ERRATA: a expressão "Sabemos" fica meio forte aqui, é melhor ser substituída por: "Supomos, com razoável nível de certeza")*. Ao fazer a referida mudança, o Caboclo substituiu "Ala" por "AUM", que, segundo Zélio de Moraes, seria a expressão grega que teria o mesmo significado da expressão árabe.

Sobre a afirmação de Zélio de que "AUM" significaria "O Deus", em grego, não encontramos nenhum exemplo nessa língua que corrobore essa teoria. Entretanto, segunda a senhora Karen Armstrong (nota do autor: ARMSTRONG, Karen. "Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo". Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.), "UM" é a palavra que os filósofos gregos usavam para se referir a Deus.

Talvez, o fato de o nome ter se firmado como Umbanda e não como Aumbanda, tenha sido uma correção posterior feita pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, para adequar o nome da religião a forma correta usada pelos filósofos gregos para se referir a Deus. Mas isso já é uma especulação nossa.

(http://registrosdeumbanda.wordpress.com)

Já vimos 2 versões sobre o termo Umbanda. A 1ª: Alabanda. A 2ª: Aumbanda.

Agora vamos a 3ª versão, defendida no 1° Congresso de Umbanda, sob o título: "O ESPIRITISMO DE UMBANDA NA EVOLUÇÃO DOS POVOS" – Fundamentos históricos e filosóficos. Tese apresentada pela Tenda Espírita Mirim, por intermédio do seu Delegado ao Congresso, Sr. Diamantino Coelho Fernandes, na sessão inaugural a 19 de Outubro de 1941. Defendia a tese que o termo Umbanda era a corruptela de "Aumbandã", que significa: "Princípio Divino – Luz Irradiante – Fonte Permanente de Vida – Evolução Constante". Se essa tese foi defendida pela Tenda Espírita Mirim, foi com aprovação do Caboclo Mirim; sabemos que o seu dirigente, o senhor Benjamim, iniciou sua caminhada na Umbanda através Zélio de Moraes; por analogia, a tese defendida por esta Tenda, com certeza foi longamente discutida anteriormente, e o senhor Zélio de Moraes, com certeza, era sabedor, e possivelmente aprovou o seu conteúdo.

A 4ª versão é defendida pelo senhor Wilson Woodrow da Matta e Silva (Mestre Yapacany), que apregoa o termo **"Aumbhandan"** (com terminação "n") como designativo primário da Umbanda, e significa, segundo suas explicações: "O Conjunto das Leis de Deus".

Vejamos a 5° versão, defendida pelo venerável irmão Ramatis, através de seu médium, o Sr. Hercílio Maez

Pergunta: E o que vós julgais da Umbanda?

Ramatis: Embora reconheçamos que o vocábulo trinário Umbanda, em sua vibração intrínseca e real, significa a própria "Lei Maior Divina" regendo sob o ritmo setenário o desenvolvimento da Filosofia.

Religião e a existência humana pela atividade da Magia em todas as latitudes do Universo, neste modesto capítulo referimo-nos à Umbanda, apenas como doutrina de espiritualismo de "Terreiro". Sabemos que a palavra Umbanda é síntese vibratória e divina, abrangendo o conjunto de leis que disciplinam o intercâmbio do Espírito e a Forma, em vez de doutrina religiosa ou fetichista.

Ela é conhecida desde os Vedas e demais escolas iniciáticas do passado, mas foi olvidada na letargia das línguas mortas e abastardada nos ritos africanos, passando a definir práticas fetichistas e atos de sortilégios. Em certos casos, chegaram a confundi-la com a própria atividade do sacerdote negro!

Sem dúvida, ela deturpou-se na sua divina musicalidade e enfraqueceu a sua intimidade sonora na elevada significação de um "mantra" cósmico! Mas devido à ancestralidade divina existente no Espírito humano, Umbanda será novamente expressa e compreendida na sua elevada significação cósmica, mercê do trabalho perseverante dos próprios umbandistas estudiosos e descondicionados do fetichismo escravizante de seita! (...).

(...) **Pergunta: Que quer dizer, em essência, o vocábulo Umbanda?**

Ramatis: Etimologicamente, o vocábulo Umbanda provém do prefixo **"Aum"** (1) e do sufixo **"Bandhâ"**, ambos do sânscrito, cuja raiz encontra-se nos famosos livros da Índia, nos Upanishads e nos Vedas, há alguns milênios.

Diz o "Dicionário de Ciências Ocultas", obra editada pela "Livraria do Pensamento", o seguinte: "Aum, palavra sagrada do esoterismo oriental e cuja emissão em meditação, inexcedível, reiterada, sem limites, facilita as obras psíquicas e apressa a maturação do sexto sentido. É o emblema da trindade na unidade. Pronuncia-se: Om. Compõe-se de três letras: A, U, M. O A unido ao U dá. Au ou O longo; e o U unido intimamente ao sinal de nasalidade (anusWáre) forma o som único Om. É interessante notar-se que este nome é formado das letras Alpha, Omega e My, que são a primeira, a última e a média do alfabeto grego. Na cabala, as duas letras Aleph (primeira), e Men são letras mães. É palavra sânscrita, porém sua origem deve ser anterior à da raça ariana."

A palavra **Aum** é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres do Oriente (2), e sua pronúncia deve ser efetuada de urna só vez, num só impulso sonoro do suave para o grave profundo. As próprias confrarias católicas iniciáticas, principalmente os frades franciscanos, só o pronunciavam com excessiva reverência e veneração, dando-lhe o máximo de entonação mística nas suas orações coletivas e coros sacros. Em invocações de alto relevo espiritual, **Aum** é o próprio símbolo sonoro significativo da Trindade do Universo representando Espírito, Energia e Matéria, Pensamento Original, Amor e Ação, ou, ainda, Pai, Filho e Espírito Santo da Liturgia Ocidental.

Vide a obra "Aum", de Krumm-Heller, edição de Kier, Buenos Aires.

Bandhã, em sua expressão mística iniciática significa o movimento incessante, força centrípeta emanada do Criador, o Ilimitado, exercendo atração na criatura para o despertamento da consciência angélica. Mais tarde também passou a significar a "Lei Maior Divina", poder emanado do Absoluto.

Em conseqüência, o prefixo **Aum** e o sufixo **Bandhã** constituíram a palavra **Aum-bandhã**, a qual pronunciada na forma de um "mantram", nos círculos e confrarias iniciáticas do Oriente, aproxima-se melhor da sonorização "**Om-bandá**", e que, em boa linhagem espiritual, passou a significar o finito no Infinito, a parte no Todo, o humano no Divino. Em certas fraternidades esotéricas, **Aum-bandhã** possuía um sentido mais dinâmico, simbolizando o principio impulsionador da Vida ou a incessante evolução do Espírito.

Porém, é um tanto difícil dar-vos uma ideia exata da significação mística dessa palavra "sanskrita", se a examinarmos sob o critério fortemente objetivo dos povos ocidentais.

Os iniciados orientais imprimem a sua vontade dinamizada pela força espiritual sobre certos vocábulos ou "mantrans", já consagrados num curso esotérico, e os transformam em detonadores psíquicos para lhes proporcionar maior amplitude na auscultação dos atributos da Divindade.

Assim, a palavra "**Aum-bandhã**" consagrou-se como uma convenção léxica e sonora, cuja pronúncia insistente termina por sensibilizar o ser, predispondo-o vibratoriamente para o mais breve conhecimento intuitivo do Espírito de Deus! Mas a sensibilização psíquica sob a força mantrânica dessa palavra, também varia de acordo com a graduação espiritual dos seus cultores. (...).

(Trechos extraídos do livro: "Missão do Espiritismo" – Editora Freitas Bastos – 1970)

Infelizmente, as versões 3, 4 e 5, não vieram com o estudo etimológico mais detalhado da palavra. Somente deram o significado geral.

Como 6ª versão, temos o termo africano defendido por alguns que seria o: "M´banda".

Evidentemente, o vocábulo **"Aum"**, talvez tenha penetrado nas florestas africanas, levada por algum contato egípcio ou hindu com os negros; mas a verdade é que o radical **"M'banda"**, de origem Banto, também não passa de um corruptela do termo **"Aumbhandham"**, de procedência sânscrita (o sânscrito é bem mais antigo que a língua Banto).

Agora, não importa se houve deturpação do vocábulo iniciático sânscrito de Umbanda, ou se foi adjudicado o prefixo **"Aum"** à corruptela **"M'banda"**, familiar do negro Banto; o certo é que as atividades, tanto do negro sacerdote africano, ou da Umbanda no Brasil, encaixam-se dentro de uma sonância vocabular à palavra Aumbhandham.

Não podemos negar o uso da palavra **"M´banda"** pelos africanos, pois somente há pouco tempo (em 1908), esse termo foi colocado na prática mediúnica de Terreiros no Brasil, como Umbanda. Também não podemos negar que o grão-sacerdote na Angola era conhecido por **"Kimbanda-Kia-Dihamba"**, como legítimo invocador dos Espíritos e **"Kimbanda-Kusaka"**, quando era apenas feiticeiro ou curandeiro.

Evidentemente, o termo **"M'banda"**, embora corruptela do binário final da palavra sagrada **"Aumbhandham"** ou "UMBANDA", já existia dominante nas práticas africanas, e, posteriormente acrescido do prefixo **"Aum"** ou **"Om"**.

Mas, seria em solo africano que surgiu tão propalado e simbólico termo? Vamos a opinião de Ramatis, sobre a problemática da linguagem em vários povos:

"A palavra escrita ou falada expressa a linguagem do homem, da tribo, do povo, da nação ou da raça. Em conseqüência, ela também define o temperamento, o idealismo, o otimismo, o pessimismo, o senso artístico, a conduta moral, a malícia, a seriedade, a cultura, a alegria, e, portanto, o progresso espiritual. Os povos civilizados e otimistas, cuja cultura filosófica é de ordem superior, quando falam ou escrevem usam vocábulos leves, fluentes, agradáveis, claros, sonoros e reveladores exatos das ideias superiores. Em certas localidades italianas, a linguagem do povo é tão sonora como a música que ali predomina sobre todos os motivos de vida. O francês parisiense, inato, fala num tom de cortesia, no qual transparece um ar travesso, malicioso e inteligente. Porém a linguagem de muitos povos asiáticos é engrolada, gritante e desagradável, afim à sua idiossincrasia, belicosidade ou especulação inescrupulosa. Os negros africanos e os selvagens falam para "dentro", como diz o vulgo; são palavras obscuras, verdadeiros rumores verbais, que exigem uma multiplicidade de gestos para serem entendidos, cujo desperdício de sons não identifica ideias nítidas, lembrando alguém que despeje um tonel de água somente para encher um copo!" (Trecho extraído do livro: "Magia de Redenção" – pelo Espírito de Ramatis – psicografado pelo médium: Hercílio Mães)

Depois desta explicação do Espírito de Ramatis, pela lógica, podemos então observar que o termo – Umbanda – não pode ter surgido em solo africano, pois está definindo algo sem muita explicação; ou seja, somente nos diz que Umbanda deriva de M'banda, que em quimbundo significa "sacerdote" ou "curandeiro" e mais nada. Não encontraremos em solo africano, pela pobreza linguística tribal, truncada, que não identifica ideias nítidas, um estudo profundo etimológico convincente do que realmente seria o termo Umbanda.

"(...) Acredita-se que o vocábulo "Umbanda" designasse, entre os africanos, sacerdote que trabalha para a cura. Na Macumba, o vocábulo "Enbanda" ou "Umbanda" também designava o chefe do Terreiro ou, simplesmente, sacerdote, nunca uma modalidade religiosa (...)". (José Henrique Motta de Oliveira - Mestre em História Comparada – UFRJ/ PPGHC)

Mais tarde, esse conjunto de práticas religiosas, certa ou erradamente tachada de Umbanda, mesclou-se no Brasil, com outras crenças religiosas, sendo ainda acrescida de costumes e temperamentos locais, surgindo o conjunto de práticas religiosas que atualmente conhecemos como Umbanda.

Com tudo isso esclarecido, chegamos à conclusão que somente o termo "Umbanda" pode ser associado ao Oriente ou a África; agora, o conjunto de práticas religiosas surgido no Brasil, e que adotou o nome "Umbanda" nada tem a ver com as práticas e os costumes Indianos ou Africanos, portanto, não surgindo deste ou daquele povo, mas sim, em solo brasileiro, obedecendo à inspiração de Nosso Senhor Jesus Cristo.

"Examina tudo e retém o que é bom", ensina o Apóstolo. *"Qual é a melhor das religiões para que eu possa segui-la? Aceite tudo o que é bom, e rejeite tudo o que é mal. Eis a melhor das religiões"*. Por isso a Umbanda aceita tudo o que é bom de todas as religiões e incorpora em seu culto, para assim poder servir melhor a todos e ser aceita não como a melhor, mas como a mais serviçal.

Fomos também pesquisar no sânscrito, possivelmente a língua mais antiga registrada, falada no mundo, e, encontramos uma surpreendente explicação etimológica.

Vamos então, a 7ª versão, o "Aumbhandham" (com terminação "M"), estudada e aceita pela Umbanda Crística, pois o seu significado nos mostra a trabalho edificante efetuado pelos Guias e Protetores Espirituais e seus médiuns:

AUMBHANDHAM

O vocábulo ternário **Um – ban – da**, em sua vibração interna e real, vibra o ritmo dos 09 (nove) Elementos da Natureza: Fogo, Terra, Ar, Água (o elemento Água se subdivide em cinco elementos aquáticos distintos: águas salgadas, águas doces precipitadas, águas doces agitadas, águas doces paradas e águas doces de nascentes), Mineral, Vegetal, Metal, Animal e Humano.

Sobre o "Humano" ser uma das forças da Natureza, vejam o que diz Allan Kardec em "O Livro dos Espíritos" – questão 87: *"Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço? Os Espíritos estão por toda a parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Estão sempre ao vosso lado, observando e agindo sobre vós sem o perceberdes,* ***porque os Espíritos são uma das forças da Natureza*** *e instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados".*

Vibram igualmente as Sete Linhas de Trabalhos na Umbanda, que seriam a Humildade, a Misericórdia, o Desapego, o Perdão, a Fé, a Perseverança e o Amor, que são os sete caminhos de vivenciação e crescimento do Espírito humano, e também do desenvolvimento da Filosofia, Ciência, Religião e Arte, pela atividade do desenvolvimento interior em todos os sentidos.

Iremos fazer um estudo mais aprofundado do vocábulo "Umbanda", não na sua linha de trabalho religiosa que denominamos, na atualidade, como "Religião de Umbanda". A palavra Umbanda é síntese vibratória e divina, como poderá ser constado a seguir. Ela é conhecida desde os Vedas e demais escolas iniciáticas do passado, mas foi esquecida na letargia das línguas mortas. Ela se deturpou na sua divina musicalidade e perdeu sua intimidade espiritual elevada de um "mantran" cósmico.

Etimologicamente o vocábulo Umbanda, provém do prefixo **"Aum"** e do sufixo **"Bhandham"** (com "m" no final), ambos do sânscrito, cuja raiz encontra-se nos livros Upanishads e nos Vedas indianos, há alguns milênios. A palavra **"Aum"** é de alta significação espiritual. É o próprio símbolo sonoro significativo da Trindade do Universo, representando Espírito, Energia e Matéria; Pensamento Original, Amor e Ação; ou ainda, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A palavra **"Bhandham"** significa um movimento incessante das forças emanadas de Deus, incitando no indivíduo, a doar (Caridade) com amor aos que merecem. Em conseqüência, o prefixo **"Aum"** e o sufixo **"Bhandham"**, constituíram a palavra **"Aumbhandham"**, que pronunciada como um mantran, aproxima-se da sonorização **"Ombandam"**, que na alta espiritualidade podemos traduzir como:

"O Pai, o Filho e o Espírito Santo chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade".

Mas vejam; é difícil traduzir literalmente uma palavra oriunda do sânscrito, pela dificuldade lingüística, e ter termos próprios, intraduzíveis; mas temos uma significação global.

Agora, os motivos pelo qual a expressão sânscrita **"Aumbhandham"** da terminologia iniciática oriental derivou-se, sendo ajustada à doutrina religiosa de Umbanda praticada no Brasil, só os nossos mentores maiores poderão esclarecer os motivos.

ESTUDO ETIMOLÓGICO DA PALAVRA AUMBHANDHAM

Possivelmente o termo Umbanda proveio de raízes do sânscrito (língua mais antiga do grupo lingüístico indo-europeu) que foi falado na Índia e, hoje, é língua morta (se bem que nos rituais do Hinduísmo, essa língua sagrada ainda é usada). Procuramos o auxilio do professor Euri P. Gouveia, formado em Linguística Indo-Européia, para nos auxiliar a desvendar o "mistério" da palavra Umbanda num estudo etimológico. O Sânscrito é a mãe do Latim, do Grego, do Eslavo Antigo, do Celta, do Gótico, do Báltico, do Armênio, do Albanês etc. Das línguas vivas, a que mais se aproxima do Sânscrito é o Lituano e, obviamente, essa língua sagrada da Índia sobrevive nas línguas modernas hindus: Hindi, Bengali, Nepali, Gujarati, Panjabi, Gurumukhi. Modi, Rajastani, Sharada (Sharda ou Kashmiri) etc. Influenciou o Tibetano, o Soyombo (língua religiosa e sagrada da Mongólia), o Tocário (falado na província de Xinjiang – noroeste da China) e no alfabeto sagrado do Budismo – o Siddham – também chamado pelos japoneses de Bonji. Bom; deixemos de lado as informações lingüísticas e voltemos ao estudo etimológico:

O sânscrito usa o alfabeto, ou melhor, o silabário chamado de "Devanagari" (que significa "escrita ou morada dos deuses": deva = deuses + nagari = morada, aldeia e, por metáfora, escrita). Veja como seria escrito Aumbhandham (com "m" no final) em Devanagari:

"Aum", lê-se como: "Om". Essa palavra é uma afirmação solene e de consentimento respeitoso. Aparece no começo da maioria dos rituais hindus e, como uma exclamação sagrada, pode ser pronunciado no início e no final da leitura dos Vedas ou de outras invocações, evocações, mantras e orações. **"Om"** aparece primeiro nos Upanishads como um monossílabo místico e nele reside a essência divina para uma meditação profunda, atribuindo-se-lhe uma maior eficácia espiritual não só à palavra inteira, mas também aos três sons **A + U + M**, que o constituem. A posterior, o **"Om"** passou a representar os nomes místicos da Tríade Hindu, significando a união dos três deuses:

A = Vishnu – U = Shiva – M = Brahma

"Om" é normalmente chamado de Pranava (que significa "veículo do prana" – o som que conduz a energia vital), é também chamado mais raramente de Akshara ou Ekakshara (que significa "o som primordial ou o som eterno") e, mais recentemente, é chamado de Omkara (que significa "a sílaba **"OM"** escrita em Devanagari").

Vamos atentar para o que nos diz o venerável Ramatis sobre a importância do “OM”.

Pergunta: Qual é o “Mantram” de maior importância já consagrado pelo tempo, no seio de nossa humanidade?

Ramatis: Há “mantrans” universais, cujos sons e vibrações identificam a mesma ideia mater em toda a face do orbe. É o caso do vocábulo **“Aum”**, que se pronuncia mais propriamente **“Om”**, pois é um mantra poderoso em qualquer latitude geográfica! No seu ritmo iniciático é a representação universal da própria ideia de Deus, a Unidade, o Absoluto!

Na sua expressão idiomática mais elevada do mundo, ele tem por função associar, tanto quanto possível, na sua repercussão vibratória, o “máximo” sensível do Espírito do homem da essência eterna e infinita de Deus! Os monges brancos do Himalaia, criaturas condicionadas a uma vivência sublime, frugais e vegetarianos, cuja glândula pineal funciona ativamente na comunicação sadia com o mundo espiritual, quando recitam o mantra **“Aum”**, alcançam tal “clímax” vibratório, que se sentem imersos no plano edênico!

Enquanto na Ásia, a palavra Buda é um poderoso mantra de evocação esotérica e o nome de Krishna significa o mesmo na Índia, o vocábulo Cristo representa a mais alta expressão mantrâmica para o homem ocidental despertar no seu Espírito as virtudes do amor, da renúncia, bondade e pureza. Os iniciados que sabem dar curso à vibração sonora sideral do vocábulo “Cristo”, também mergulham num estado de expectativa cósmica, tomados de júbilo, esperança e imunes às vicissitudes e crueldades do mundo. Os cristãos deixavam trucidarem-se nos circos romanos, entoando o cântico “Ave Cristo”; muitos deles desencarnavam completamente anestesiados e em êxtase, apenas sob o efeito sonoro vibratório ou mantrâmico dessa palavra sublime!

A palavra “Agnus Dei” nada tem de excepcional quando pronunciada entre os homens profanos; mas é um mantra de imponente beleza e misteriosa magia sobre os fiéis, quando o sacerdote a recita sob o coro de vozes acompanhantes e a consagra na elevação do cálice sagrado.

A Igreja seria um dos maiores viveiros de milagres, caso os seus crentes soubessem aproveitar as energias criadoras que despertam pela sonoridade dinamizadora de certos mantrans, evocados durante as cerimônias religiosas católicas. A convergência de sentimentos e pensamentos elevados de todos os presentes compõe a egrégora sublime alimentada pelos mantrans de energias poderosas. Sem dúvida, ao término de cada missa os estropiados abandonariam suas muletas e os enfermos dariam gritos de júbilo ante as curas miraculosas no seio da própria nave!

(Trecho extraído do livro: “Magia de Redenção” – Hercílio Maez – Pelo Espírito de Ramatiz – Editora Freitas Bastos)

Seguem abaixo as grafias possíveis, em variantes, da palavra Umbanda, em Sânscrito Védico (alfabeto “Devanagari” – padronizado pelo gramático hindu Panini, no ano aproximado de 500 antes da era cristã), contendo os significados das diversas raízes sânscritas que constituem esse idioma sagrado antiquíssimo de, aproximadamente, 4.000 anos antes de Cristo. O **“Om”**, já explicamos acima. Vejamos:

Importante: Em Sânscrito, a terminação **“N”** identifica o caso nominativo (o sujeito da oração) e a terminação **“M”** refere-se ao caso acusativo (o complemento objeto direto).

É na pequena variação, **“N”** do **“Aumbhandhan”** defendido por alguns umbandistas (Tenda Espírita Mirim e Wilson Woodron da Matta e Silva), e **“M”** do **“Aumbhandham”** defendido por nós**,** que baseamos nossa teoria.

AUMBHANDHAN

ॐ भन्धन् ॥

BHAN = Chamado

DHAN = Honra / Riqueza

Tradução: Honra ou riqueza do chamado Divino.

Nas transcrições seguintes, adotaremos a forma pré-védica ॐ para a grafia de **AUM / OM**.

AUMBANDHAN

ॐ बन्धन् ॥

BANDHAN = Ligação, União, Fixação

Tradução: União com o Divino

AUM BHANDHAAM

ॐ भन्धाम् ॥

BHAN = CHAMADO –

DHAAM = Lugar Sagrado, Trono, Morada

Tradução: Chamado do Poder Divino / do lugar Divino / da morada Divina

AUM BHANDAA

ॐ भंडा ॥

BHANDAA = Segredo de Deus

Tradução: Segredo Divino

E, enfim, a forma aceita pela Umbanda Crística:

AUMBHANDHAM

ॐ भन्धम् ॥

BHAN = Chamado

DHAM = Doar com amor aos que merecem

Tradução: Chamado aos doadores do amor Divino

Eis as possibilidades de grafias e de significados da palavra Umbanda, visto que sua origem é pré-védica e, assim, não há um documento escrito que mostre os caracteres do Proto-Indo-Europeu, de onde proveio o Sânscrito Védico. (ou, quem sabe, proveio do “Vatan”, língua ancestral do continente Atlante – de acordo com alguns pesquisadores, ou de “Senzar”, língua proveniente de Vênus, conforme afirmações contidas em obras teosóficas). Há necessidade de mais pesquisas, e, principalmente de consultar (se for possível) os registros “akáshicos” (ancestrais).

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: **"A Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade"**.

Portanto, o termo sânscrito **"Aumbhandham"** (com "m" no final), que tem a aproximada significação:

- **O Pai – Deus ("A");**
- **O Filho – Cristo Planetário e Jesus ("U"); e,**
- **O Espírito Santo – Os Espíritos Santos de Deus, as Santas Almas Benditas, os Espíritos Tutelares (Guias e Protetores Espirituais).**

Chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade (**"Bhandham"**, com "m" no final), coaduna perfeitamente com o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas definiu.

AUMBHANDHAM

ॐ भन्धम् ॥

- **AUM (OM): Trindade Divina – Pai, Filho e Espírito Santo**
- **BHAN: Chamado**
- **DHAM: doar com amor a quem merece**

Teremos uma tradução aproximada de: "O Pai, o Filho e o Espírito Santo chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade"

Por isso aceitamos o termo **"AUMBHANDHAM"**, para definir o que significa Umbanda, pois é a que mais se encaixa nos trabalhos mediúnicos efetuados em cada Terreiro, definido esplendidamente pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Lilia Ribeiro (1970) nos diz o seguinte:

Em fins do século passado (nota do autor: 1800), existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto, de origem nitidamente africana. As crenças dos negros, trazidas pelos escravos sudaneses, angolenses e de procedência muçulmana, já se haviam desvirtuado, mescladas que estavam com as feitiçarias provindas de Portugal, onde, em todos os tempos, no dizer de Morales de Los Rioa, existiram rezadeiras, benzedeiras e feiticeiros.

As macumbas – mistura de catolicismo, fetichismo africano e superstições nativas – multiplicavam-se, atraindo todas as classes sociais. Surgiu, assim, a atividade remunerada dos feiticeiros; o "trabalho feito" passou a ordem do dia, dando motivo a outro, que viria destruir os seus efeitos maléficos, e aos "despachos" que visavam obter favores para uns e prejudicar a outros. Querendo aumentar os seus rendimentos, o feiticeiro exigia objetos que dificilmente seriam encontrados pelo leigo e se destinavam, segundo dizia, a presentear entidades benéficas ou aplacar a fúria dos elementos do baixo astral.

A magia dos velhos africanos – transmitida oralmente através de gerações – deturpou-se e foi colocada a serviço de interesses pessoais. Objetos os mais curiosos eram exigidos; sacrificavam-se. Com as mais diversas finalidades, aves e animais inocentes, obedecendo sempre aos objetivos primordiais: enriquecer o mago e seus companheiros ou "derrubar" – termo que esteve muito em voga – os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhes concorrência.

Os Mentores do Plano Astral, porém, atentos aos que se passava, assentavam as bases de um movimento destinado a combater a magia negativa que se propagava assustadoramente; formaram-se as falanges de Caboclos e Pretos-Velhos que de início se aproximavam das sessões espíritas, identificando-se sob essas formas, eram tidos como Espíritos atrasados e suas mensagens não mereciam nem mesmo uma análise. Acercaram-se, também, dos Candomblés e dos cultos então denominados "baixo espiritismo", as macumbas.

É provável que nestes, como Batuques do Rio Grande do Sul, tenham encontrado acolhida, mas com a esperança de serem envolvidos nos trabalhos de magia, como elementos novos no velho sistema de feitiçaria.

Em princípios deste século (nota do autor: 1900), num ambiente essencialmente católico, mas eivado de feitiços e superstições, eclodiu esse movimento, aproveitando muito dos cultos africanos e nativos, divulgando a mensagem do Evangelho e totalmente voltado à caridade e ao sentimento de fraternidade entre os homens: a Umbanda.

"É comum ouvir-se dizer que Umbanda foi trazida ao Brasil pelos escravos. Entretanto, o testemunho dos historiadores nos faz saber que os negros não davam aos seus cultos a denominação de Umbanda. O vocábulo era praticamente desconhecido entre os cultores das seitas africanas". (Gilberto Freire – sociólogo, antropólogo e historiador)

Isso não exclui o papel relevante que a crença dos negros desempenhou na formação da Umbanda, da qual se constituíram um dos principais alicerces, dando-lhe, como contribuição primordial, os Orixás.

Negros e índios tiveram, de certo, a missão de implantar, em nosso país, as bases sobre as quais se havia de erguer a mais brasileira de todas as religiões, já que de sua constituição participaram as três raças que formam o nosso povo.

A Umbanda, em suas práticas, aproxima-se mais da origem nativa do que da africana. Em sua estrutura, porém, prevaleceu a influência negra.

O Espiritismo deu sua contribuição, com sua doutrina esclarecedora, reforçando os conceitos de reencarnação e da comunicação com os desencarnados, já existentes nos cultos dos nativos.

A contribuição católica à Umbanda deu-se, em grande arte, através do negro, ao qual havia sido imposta a assimilação do Orixá ao Santo e, também, por influência dos seus primeiros cultores, afeiçoados à religião dominante, na época.

Umbanda é, portanto, o produto de uma evolução religiosa. Suas origens encontram-se nas filosofias orientais – fonte inicial de todos os cultos do mundo civilizado – e sua implantação, em nossa terra, deu-se com a fusão de práticas, conceitos e crenças do branco, do negro e do índio.

O emprego do termo UMBANDA pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, pela primeira vez, para definir um culto religioso, deu margem a controvérsias, muitos anos após a implantação dos primeiros templos umbandistas. Formaram-se duas correntes: uma, defendendo a origem exclusivamente africana do vocábulo; outra, reportando-se às raízes bem mais remotas – a expressão sânscrita AUM-BANDHÂ, da terminologia iniciática do Oriente.

O que se pode constatar é que o vocábulo, embora existente no idioma africano, não significava culto religioso e não era de uso corrente nos Candomblés nem nas seitas deles descendentes.

No livro que reúne as teses apresentadas ao 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, realizado em 1941, o vocábulo UMBANDA é considerado de origem sânscrita: "a raiz mais antiga de que há registro acerca de UMBANDA encontra-se nos "Upanishads", famosos livros da Índia".

W. W. da Matta e Silva, no livro "Umbanda de Todos Nós", edição de 1956, pags. 12 e 13 refere-se ao assunto:

"Verifica-se que até os anos de 1900, 1904 e 1917, os autores, em pesquisas e apurados estudos, na época em que os Candomblés conservaram-se mais puros, não encontraram o vocábulo UMBANDA. Era inexistente".

E prossegue, citando:

"Waldemar Bento, sem sua excelente obra "A Magia no Brasil" (1939) faz um estudo sobre concepções, práticas e Orixás, inclusive do sincretismo existente na época dos Candomblés e apenas faz ligeira referencias às Linhas de Umbanda.

Donald Bento ("Brancos e Negros na Bahia", 1945) estuda também Orixás, divindades, crenças, práticas, apresentando, inclusive, um mapa completo dos principais Orixás do culto agro-brasileiro, em 1937, tudo muito particularizado. Pois bem, é inexistente a palavra UMBANDA.

Roger Bastide, em "Imagens do Nordeste Místico", fez observações em inúmeros Candomblés, descrevendo ritos, costumes, divindades, concepções, etc., positivando 13 modalidades de cultos ou práticas diferentes, mas não registra uma só vez a palavra UMBANDA.

Gilberto Freyre, em "Estudos Afro-brasileiros", apresenta um apêndice com 150 termos africanos, muitos de uso corrente nos Candomblés. Ai também não se encontra a menor referencia à palavra UMBANDA".

É ainda Matta e Silva quem nos diz:

"Os cultos africanos, há vários séculos perderam, na própria África, o contato direto com sua fonte original. Os cultos das várias nações, em suas expressões gerais, jamais usaram a palavra UMBANDA.

Nina Rodrigues, que serve de apoio a quase todos os escritores do gênero, em "O Animismo Fetichista dos Negros da Bahia" (1930) não cita uma só vez a palavra UMBANDA.

João do Rio (Paulo Barreto), em sua obra "As Religiões do Rio", (1904), das páginas 1 a 64, em que trata dos Candomblés, feitiços, etc., não faz nenhuma referencia ao termo UMBANDA.

Cavalcanti Bandeira, reportando-se aos mestres do idioma africano, afirma que o vocábulo provém do kimbundo (Angola) e é citado na gramática do prof. José Quintão, como "arte de curar", derivado de Kimbanda, curandeiro: e como "arte de curar, magia", em "O Kimbundo sem Mestre", do Padre Domingos Bayão. Refere, ainda, em artigo publicado na imprensa, que no "Dicionário" de A. de Assis Junior, editado em Luanda, há pouco mais de cinqüenta anos, consta Umbanda como magismo, arte de encantar, de curar.

Encontrou, também, uma referência, com a grafia Ubanda, num livro de Frei Bernardo Maria de Cannecatin, publicado em 1859. E cita Heli de Chatelain, no livro "Folktales of Angola" (1894) dando a Umbanda o significado de "faculdade de curar por meio de medicina natural ou sobrenatural", ou ainda "os sortilégios que, segundo presume, estabelecem e determinam a ligação entre os Espíritos e o mundo físico".

Voltemos a Matta e Silva, que esclarece em sua obra "Umbanda do Brasil":

"Toda essa complexa mistura, que o leigo chama de macumba, baixo espiritismo, magia negra, envolvendo práticas fetichistas e barulhentas, tudo isso em pleno século XX, norteando uma imensa coletividade que, nos últimos anos, foi denominada como de adeptos dos cultos afro-brasileiros, era a situação existente, quando surgiu um movimento superior, feito pelos Espíritos que se apresentaram como Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças.

Práticas as mais confusas, desordenadas, baixas, envolvendo oferendas com sacrifício de animais, sangue, etc.; e foi por causa disso tudo que se fez imprescindível um novo movimento, dentro desses cultos ou de sua massa de adeptos, feito pelos Espíritos carmicamente afins a essa massa e pelos que, dentro de afinidades mais elevadas, se pautam no amor, na ajuda e na renúncia em prol da evolução de seus semelhantes, que foi lançado através da mediunidade de uns e de outros, pelos Caboclos e Pretos-Velhos, como o nome de UMBANDA. O termo UMBANDA, que eles implantaram no meio, para servir de bandeira a essa poderosa corrente, ensinaram que é um termo litúrgico, sagrado, vibrando, que significa, num sentido mais profundo, o conjunto das Leis de Deus".

E, à pag. 35 do mesmo livro, prossegue:

"O vocábulo UMBANDA, que dá margem a uma série de controvérsias, só pode ser identificado dentro das qualificadas línguas mortas. Todavia, entre os angolenses, existe o termo Kimbanda, que significa sacerdote, feiticeiro, invocador dos Espíritos, firmado no radical "M´banda", conservado através de milênios. Legado da tradição oral da raça africana, o qual é uma corruptela do original U-MBANDA, ou AUM-BAN-DHAN (...)"

"(...) então comprovamos que UMBANDA é um termo litúrgico, suscitado há cerca de 70 anos e definitivamente implantado de 50 anos para cá, pelos Espíritos que se apresentam como Caboclos e Pretos-Velhos" (...).

Observa Ramatis, em "Missão do Espiritismo":

A palavra AUM é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres... BANDHÂ, em sua expressão mística iniciática, significa o movimento incessante, forma centrípeta emanada do Criador... Em consequência. O prefixo AUM e o sufixo BANDHÂ constituíram a palavra AUM-BANDHÂ, a qual, pronunciada na forma de um mantram, aproxima-se melhor da sonorização de OM-BANDA..."

E prossegue Ramatis, às pags. 132/33, do livro citado:

"Os africanos praticavam a magia indistintamente, como um processo de dinamismo a ação no controle das energias do mundo oculto. Não se distinguiam a magia negra como atividade maligna ou a magia branca, no sentido benfeitor, mas apenas a magia, com os diversos processos de encantamentos e feitiçaria...

Em face dos costumes da civilização, é inexeqüível a prática de Umbanda nos moldes e ritualismos genuíno africano, onde há ritos, oferendas e obrigações bárbaras, que chocam os mais rudimentares preceitos de higiene, bom senso e compostura humana.

Acontece que, antes dessa denominação de UMBANDA, os ritos, despachos e intercâmbios mediúnicos era somente conhecidos como Candomblé e macumba, sob o controle completo do africano versado na magia grosseira".

Edson Giraud, estudioso umbandista, que colaborou, com diversas anotações no livro mencionado, observa, à pag. 131:

"Já existe um número de prosélitos, que cultua UMBANDA, sob conceituações, ritos, doutrinações, cuja diferenciação para um sentido mais elevado os distingue como pioneiros da prática fundamental da UMBANDA de amanhã".

(Reportagem "Umbanda – Início de uma Longa Jornada")

Obs.: No capítulo seguinte, estaremos explicando o porquê o emblema é representativo do "AUMBHANDHAM", símbolo da Umbanda.

O SIGNIFICADO DA PALAVRA “SARAVA”

Eis um termo que até agora estava submerso na obscuridade. Há 100 anos todos repetem – “Sarava” – e até agora ninguém havia nos dado uma explicação plausível da sua origem. De onde vem a palavra “Sarava”? A que idioma pertence? Qual o seu sentido etimológico? Em pesquisas realizadas em sites especializados, só encontramos o seguinte:

- “Sarava” quer dizer; “bem-vindo”.
- Tem o significado de “salve”. Corruptela da palavra portuguesa “salvar”, cujos escravos tinham dificuldade de pronunciar, e diziam “salavar”. Sob a influência da fonologia Banto, passou a se falar “Sarava”.
- “Sarava” também pode significar “salve” ou “viva”, por influência africana no idioma português do Brasil. Usada nesse sentido específico pelo poeta e compositor brasileiro Vinícius de Moraes.
- “Sarava”, assim como axé, shalom, ou amém, selam conversas e têm conotação positiva.
- “Sarava” também é utilizado como uma saudação possuindo o sentido de “Salve sua força”, da Força de Deus e da Natureza que estão dentro da pessoa, como no mantra indiano Namastê, que dizem significar: *“O Deus que tem dentro de mim, saúda o Deus que tem dentro de você”*.

Descartamos tal significado lírico disseminado no Ocidente, pois Namastê que dizer:

“Namastê vem do sânscrito: “Namah + te”, é um cumprimento ou saudação falada no Sul da Ásia. Namaskar é considerado uma forma ligeiramente mais formal, mas ambas as expressões expressam um grande sentimento de respeito. Utiliza-se na Índia e no Nepal por hindus, sikhs, jainistas e budistas. Nas culturas indianas e nepalesas, a palavra é dita no início de uma comunicação verbal ou escrita. Contudo, o gesto feito com as mãos dobradas é feito sem ser acompanhado de palavras quando se despede. Na ioga, Namastê é algo que se dirá ao instrutor e que, nessa situação, significa “sou o seu humilde criado”.Literalmente significa “curvo-me perante ti”; a palavra provém do sânscrito “namah”, “curvar-se”, “fazer uma saudação reverencial”, e (te), “te”. Quando dito a outra pessoa, é normalmente acompanhada de uma ligeira vénia feita com as duas mãos pressionadas juntas, as palmas tocando-se e os dedos apontando para cima, no centro do peito. O gesto também pode ser realizado em silêncio, contendo o mesmo significado”.
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Namast%C3%AA)

- “Sarava” é uma palavra do idioma Yorubá, e quer dizer “salve”.

Pesquisamos em dicionários Yorubás, e em Kimbundo, e não encontramos nem um similar da palavra “Sarava”. Portanto quem disse isso, simplesmente “achou” ser o correto. Aliás, note, que o termo “Sarava” não faz parte dos vocábulos utilizados pelos cultos afros brasileiros; não se tem notícia de em Terreiros de Candomblé, ou mesmo nos atuais Cultos de Orixá utilizar-se o “Sarava” como forma litúrgica; somente se ouve o termo axé, mucuiu n´Zambi, kolofé ou mesmo motumbá, mas, nunca “Sarava”).

Vamos a uma explicação curiosa que a “Modalidade Umbanda Esotérica” expõe:

- **O TERMO SARAVA**

Saravá também pode significar “salve” ou “viva”, por influência africana no idioma português do Brasil. O termo Saravá também é usado nos aspectos esotéricos da Umbanda como mantra (que são palavras especiais vocalizadas de maneira específica que produzem certos fenômenos de imantação e desagregação). São sons místicos ou sagrados, ou seja, sons específicos que elevam o espírito.

Esse termo é, portanto, um mantra que pode fixar ou dissipar determinadas vibrações, não sendo, portanto aconselhável pronunciá-lo sem a devida necessidade.

Façamos do termo sagrado Saravá, que proveio do Abanhenga, um estudo arqueométrico para aí acharmos, na sua original pureza, seu significado:

SA – significando: Força, Senhor.

RA – significando: Reinar, Movimento.

VA – significando: Natureza, Energia.

Tradução do termo Sarava: Força que movimenta a Natureza.

A geometria é um pentagrama.

Assim, o termo litúrgico Sarava se pronuncia segundo a modulação própria de uma das Sete Variantes da Lei, ou seja, os Sete Mantrans Sagrados, os quais denominam as Sete Potências Originais ou Orixás Originais, que por sua vez, ao consubstanciarem suas qualidades e propriedades na Natureza (reino natural), fizeram-no através das sutis correntes elétricas ativas e magnéticas passivas, que em síntese são as Linhas de Força.

Assim, estamos observando que, segundo a Coroa do Verbo, o vocábulo místico sagrado Sarava tem como um primeiro significado: força propulsora da Natureza ou atributo externo operante das Potências Superiores ou Orixás.

Ao pronunciar-se esse termo, está-se ativando e veiculando pelas Linhas de Força quanta energética afins à movimentação desejada na evocatória, sendo pois suporte vibratório aos seus objetivos, que surgem em sua esfera mental e concretizam-se em sua esfera física.

Elevados sacerdotes Iniciados sabem que na profunda ritualística hermética da Umbanda esse termo é vocalizado de sete formas diferentes, obedecendo ao metro musical original não temperado. Ainda segundo as necessidades do médium-magista, pode ser pronunciado em tons e sub-tons, oitavas acima e abaixo, devendo essa palavra ser pronunciada voltando-se a determinados pontos cardeais afins. Você já deve ter entendido ou mesmo percebido que o termo Sarava é um mantra fixador da Luz Astral em movimento, bem como, dependendo de como é pronunciado, pode ser dissipador da Luz Astral em repouso. Coagula e dissipa correntes segundo a necessidade, podendo fixar ou dissipar vibrações tanto na esfera mental, como na astral e na física.

Após essas ligeiras observações sobre esse mantra, só nos falta dizer que ele frequentemente é utilizado sem nenhum critério, servindo muitas vezes como chacota para o profano, devido ao uso vulgarizado pelos próprios adeptos umbandistas, os quais esperamos venham a entender melhor, com o decorrer do tempo, que a palavra é remédio quando bem administrada e na dose certa, pois quando mal administrada e em doses elevadas pode tornar-se veneno. Como outros, também afirmamos que a palavra, antes de ser proferida, deve ser pensada, pesada, medida e contada, assim...

(Trecho extraído do livro: “Umbanda – A Proto Síntese Cósmica” – de Francisco Rivas Neto – Editora Pensamento)

Mas, na tal língua “Abanhenga” o estudo do termo “Sarava” carece de fontes, ou seja, nada provado. Aliás, qual é a explicação etimológica da divisão silábica “SA – RA – VA” ???

Também encontramos outra curiosa explicação do termo “Sarava”, dada pelo médium escritor Roger Feraudy. Em seu livro, ele diz que na antiguidade, o termo Umbanda, era pronunciado como “Aumpram”:

“Em priscas eras, os primeiros sacerdotes do Aumpram possuíam uma palavra sagrada de reconhecimento – Yaôava – entre os adeptos da religião primeira, e que seria uma maneira de guardar ou velar a mantra sagrado – Aumpram – que era profundamente secreto, pois só a pronunciavam em certas épocas do ano, em cerimônias especiais.

Portanto, Yaôava, era a saudação utilizada em substituição da palavra sagrada Aumpram.

- *YAÔ: simboliza o poder masculino atuante na Natureza.*
- *AVA: simboliza o poder feminino na Natureza.*

Juntando-se Yaô com Ava, teremos Yaôava como a manifestação de Deus na Natureza.

Originariamente, Yaôava era Evoé, que se pronunciava Evaué. Essa palavra era composta de quatro letras sagradas, representativas do quaternário cósmico, assim pronunciadas: YUD – HÊI – VAV – HÊI. Representa também, Deus manifestado em união eterna com a Natureza.

- *YUD (Yaô) – poder masculino.*
- *HÊI – VAV – HÉI (Ava) – poder feminino.*

De tudo isso, devido as deturpações sofridas, chegamos ao “Sarava”, que não é somente ou simplesmente um “salve irmão”, mas sim o cumprimento que significa o sentido altamente filosófico, metafísico e oculto dos fenômenos do Universo Manifestado por Deus, e é o véu que oculta o sagrado mantra cósmico maior – Aumpram”.

(Trecho extraído do livro: “Umbanda – Essa Desconhecida” – Editora Conhecimento)

Será que “Sarava” seria tão somente “salve”? “viva”? “Salve a sua força”? Dificuldade dos escravos em pronunciar a palavra salve? Selar conversas? Não seria mais fácil utilizar axé? Aliás, nunca ouvimos um Guia Espiritual na Umbanda utilizar, em momento alguém, o termo “axé”. Todos, invariavelmente dizem: “Sarava”.

O “Sarava” procede de uma veneração respeitosa, onde até mesmo os Guias e Protetores Espirituais ao fazerem-no, curvam suas cabeças com reverência. Nós e os Guias e Protetores Espirituais usamo-la para saudações respeitosas a Deus, aos Sagrados Orixás, a Mãe Maria Santíssima, a Mãe Senhora Aparecida, a Jesus, aos Santos, Anjos, assim como também às pessoas em geral. Com certeza, o “Sarava” é possuidor de uma simbologia mais profunda, do que somente um simples “salve”, um esfuziante “viva”, ou o pior, um erro gramatical “salavar”, erro esse que seria então reforçado até hoje até por Espíritos elevados.

Os senhores Rivas Neto e Roger Feraudy foram mais fundo na explicação do termo “Sarava”, procurando dar um significado mais esotérico. Mas, estaria ai a explicação gramatical conhecida? Como poderia ser provado o vocábulo elaborado em épocas milenares; o que seria, quando e qual “priscas eras”? Que vocábulo seria esse? Onde está o estudo acadêmico etimológico do Abanhenga? Ficamos na mesma. Gostaríamos de obter uma prova cabal etimológica da existência do termo “Sarava”, e não conjecturas.

Mais uma vez procuramos o auxilio do professor Euri P. Gouveia, formado em Linguística Indo-Européia, para ver se encontrávamos o termo “Sarava” em evidência em alguma língua ancestral, e para nossa surpresa, nos revelou o seguinte:

Foi encontrado o termo “Sarava” na raiz Sânscrito. Foram encontradas quatro formas de escritas com sonância e significados bem aproximados ao nosso “Sarava”.

No “SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY”, de Sir M. Monier-Williams, Oxford, London, encontramos algumas palavras em sânscrito, que se aproxima do termo “Sarava”, a saber:

शरवत् ॥ **Sharavat**	**Escudo ou proteção**

शराव ॥ **Sharáva**	**Receptor; recipiente; vaso; aquele que recebe; receptáculo; o indivíduo que recebe um Espírito (médium – aparelho)**

सहावत् ॥ **Sahavát**	**Possuir força; ser poderoso; forte; ter o poder do fogo**

सहवाः ॥ **Sahaváh**	**Agir em conjunto; reunir-se, trabalhar em grupo; contrair ou assumir um compromisso ou uma missão**

Obs.: Fica muito difícil expor na escrita, a sonoridade de uma palavra em Sânscrito. Aqui, o “sh” não é pronunciado como “x”. No “sh”, o “s” é proeminente, e o “h”, após o “s” é levemente pronunciado em conjunto. Portanto, o “sha” seria pronunciado como se levemente tivesse um “h” no meio.

Interessante é que as quatro formas encontradas no sânscrito, todas sem exceção, possuem grande significado.

Portanto, cremos ter encontrado a raiz etimológica do termo – “Sarava” – condizendo com o que observamos dos Guias e Protetores Espirituais, quando o pronunciam.

Deste modo, teremos aproximadamente a seguinte tradução do “Sarava”:

- **“Sarava” = Que o poder** (o poder que movimenta toda a Natureza; o poder dos Sagrados Orixás) **do qual somos receptores, trabalhe em sua proteção.**

Agora sim poderemos entender, porque os Guias e Protetores Espirituais ao pronunciarem o “Sarava”, o fazem de forma solene e com reverência. Estão nos protegendo com os poderes da Mãe Terra, nas emanações dos Sagrados Orixás.

Anjali Mudra (da raiz Sânscrita Anj – “para adornar, comemorar”) – O gesto de honrar

Este mudra (pronuncia-se mudrá) faz parte de várias religiões e de vários povos. É o gesto que representa uma reverência ou saudação. Para a isso, as duas mãos são unidas e levadas próximas ao chacra cardíaco (coração), como uma oração seguida de um sutil movimento da cabeça e ombros, delicadamente curvado.

As mãos e os dedos devem ser carinhosamente prensados em conjunto, sem forte pressão, tendo um ligeiro espaço entre as palmas das mãos. Elas unem os 18 chakras que temos em cada mão, fechando um circuito importante de energias. Se as mãos estiverem unidas, os circuitos nervosos cranianos da cabeça e da parte superior do corpo no sistema pneumogástrico ou vago estão unidos.

Os cinco dedos da mão esquerda representam os cinco sentidos do sentimento, enquanto os dedos da mão direita representam os cinco sentidos da razão (nos canhotos é o contrário). Significa então que mente e o coração devem estar em harmonia, para que o nosso pensar e agir, estejam de acordo com a verdade. Também é um reconhecimento da dualidade que existe no mundo, simbolizando a união da polaridade, esquerda e direita, bem e mal, e sugere um esforço de nossa parte para manter essas duas forças unidas em equilíbrio. Os dez dedos unidos são os símbolos da perfeição, da unidade e do equilíbrio perfeito.

É o gesto da oração; mudra da oração, do respeito, da veneração, humildade e da saudação. A simples união de suas mãos no centro do peito simboliza a luz do coração que se irradia para a pessoa que está à sua frente e também para o ser divino que você é.

Essa postura reequilibra as polaridades Ying e Yang, ou seja, as forças ativas e passivas, e ajuda a tornar as nossas ações mais harmoniosas e equilibradas. Significa recolhimento interior, a busca de Deus, fé, súplica, confiança e entrega da vida. É atitude de profunda piedade.

A simples união de suas mãos no centro do peito simboliza a luz do coração que se irradia para suas orações ou quem está à sua frente e também para o ser divino que você é. As mãos com as palmas unidas significam unidade de um cosmos aparentemente duplo, unir Espírito e matéria, ou o Eu de cada um que se encontra. A mão direita (para os destros; para os canhotos é a esquerda) representa a natureza mais elevada ou o que é divino em nós, enquanto a mão esquerda (para os destros; para os canhotos é a direita) representa a natureza inferior. Na união das duas mãos, as forças são equilibradas.

O Anjali Mudra age equilibrando e harmonizando nossas energias e nos mantendo centrados, interiorizados e protegidos mentalmente, criando uma aura de proteção em nossa volta.

O gesto verdadeiro de "Sarava" é acompanhado de leve curvar da cabeça e dos ombros e as mãos juntas como em oração (anjali mudra), na altura do coração em sinal de respeito e humildade. Este é um gesto que diminui nosso sentido do ego, exigindo alguma humildade para oferecê-lo. O gesto tem um efeito sutil no sistema da aura.

Também, quando estivermos em oração, deveremos estar nessa posição.

Portanto, quando formos saudar a Espiritualidade, Guias e Protetores Espirituais, altares, aos nossos irmãos, bem como em rezas e orações, com a posição como da figura acima, dizemos com amor: "Sarava".

Diferentemente da palavra Namastê, que literalmente significa "curvo-me perante a ti", o "Sarava" é um mantra que ao ser pronunciado corretamente, com humildade como acima descrito, imediatamente aciona as forças da natureza a serem doadas.

O TRIÂNGULO E A CRUZ – O SÍMBOLO DA UMBANDA

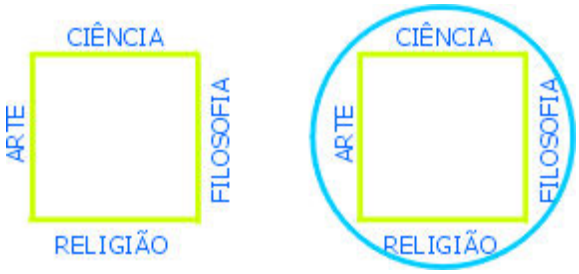
Por diversas vezes, temos visto esse símbolo como designativo da Umbanda. Mas por quê?

Alguns autores encontram explicações diversas, bem como fazem ligações isoladas dos traços que compõem o símbolo, ligando-os em sua totalidade os Orixás e como triângulo das formas os Espíritos de Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças da Umbanda.

Primeiramente vamos descrever duas explanações esfingéticas, de como a modalidade "Umbanda Esotérica", fundamentadas nos ensinamentos de Woodron Wilson da Matta e Silva, descreve este símbolo:

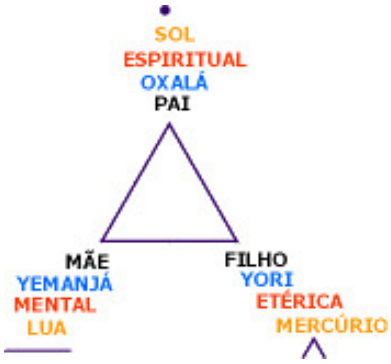
1ª EXPLANAÇÃO – UMBANDA

A Aumbandan é a Proto-Síntese Cósmica que encerra a Lei em seu círculo Uno, equilibrando de forma harmoniosa a Religião (religare), a Filosofia, a Ciência e a Arte – os quatro pilares do conhecimento humano inter-relacionados, formando um conhecimento integrado.



Cada um destes pilares está relacionado de acordo com a sua vibração com um Orixá.

Religião	Yorimá	Terra	Saturno	Norte
Ciência	Xangô	Fogo	Júpiter	Sul
Filosofia	Oxossi	Ar	Vênus	Leste
Arte	Ogum	Água	Marte	Oeste



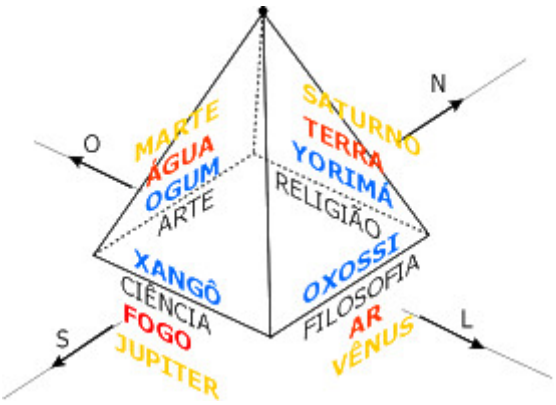
Partindo do início da criação relacionamos o ponto ao Orixá Oxalá que representa o pai.

A partir do ponto se desenvolve a reta que está relacionada ao Orixá Yemanjá representando a mãe.

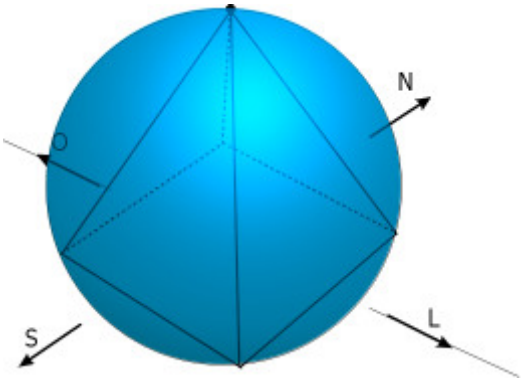
Com a união do pai e da mãe, temos a criação do filho representado pelo ângulo, relacionado com o Orixá Yori.

Em analogia ao triângulo temos 3 formas de apresentação das entidades nas diversas linhas da Umbanda que são os Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças.

A partir dos 4 pilares, reunindo o princípio da criação sobre cada pilar em direção a um só ponto, direcionando à Oxalá, temos analogamente a figura de uma pirâmide.



Como dissemos antes que a Umbanda encerra toda a Lei em um círculo, sendo o círculo associado pela numerologia ao nº. 10. É fixador e plasmador de forças sutis. Reflete energias negativas. É um escudo vibracional. Se colocarmos o círculo na base da pirâmide e com ele fizermos a sua revolução (giro sobre o seu eixo) teremos a Esfera que envolverá tudo. Esta esfera forma um escudo vibracional muito potente, pois encerra a vibração da Proto-síntese cósmica.



(http://pessoal.portoweb.com.br/aluzdoamor/umbanda.htm)

2ª EXPLANAÇÃO – ESTUDANDO O VOCÁBULO UMBANDA

No início dos processos gráficos da língua Abanheenga, foram os mesmos formados por 5 sinais geométricos básicos:

- PONTO, que é a unidade em geometria, sendo associado ao número 1.

- LINHA, para ser delimitada, necessita de 2 pontos; assim, à linha foi associado o número 2.

- ÂNGULO surgiu da mesma forma: 3 pontos não colineares, isto é, que não estão na mesma linha, relacionando-se com o número 3.

- QUADRADO também surgiu pela união de 2 ângulos ou 4 pontos, 2 a 2 não colineares, isto é, 2 linhas não coincidentes mas paralelas, relacionando-se com o número 4.

Neste instante, observamos que os 4 sinais estavam e estão intimamente ligados ao sistema numeral e à geometria, importantíssimos fatores necessários para entendermos melhor os vocábulos litúrgicos ou sagrados. Entretanto, está faltando o 5º sinal letra – o CÍRCULO.

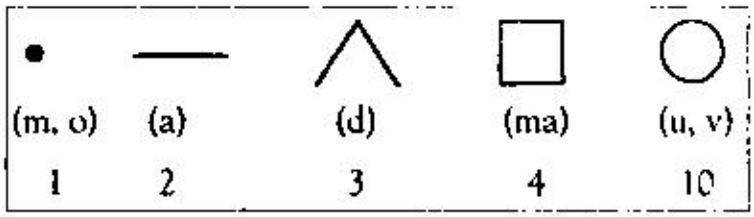
Vejamos como surgiu:

Os valores numéricos dos 4 primeiros sinais são os que se correspondem com os 4 pilares do conhecimento humano - Ciência, Religião, Filosofia e Arte; com os 4 elementos radicais da Natureza – Ar, Fogo, Água e Terra; com os 4 sinais sagrados que milhares de anos depois deram origem ao Tetragrama Sagrado de Moisés: EVE-I.

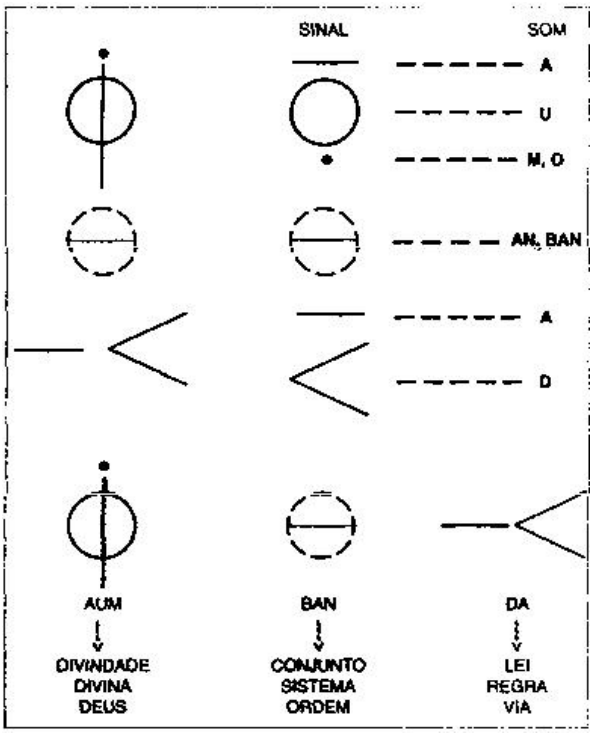
Somando-se os quatro numerais, formando uma síntese de:

1 + 2 + 3 + 4 = 10. Como resultado, obteve-se o máximo da década, o próprio número 10. Qual seria a figura geométrica que traduziria a Síntese dos 4? Outra não é senão o CÍRCULO, o qual encerra o TODO - infinitos pontos.

Bem, vejamos, de forma resumida, o que expusemos, fazendo a ligação do sinal geométrico com seu valor numérico e seu som:

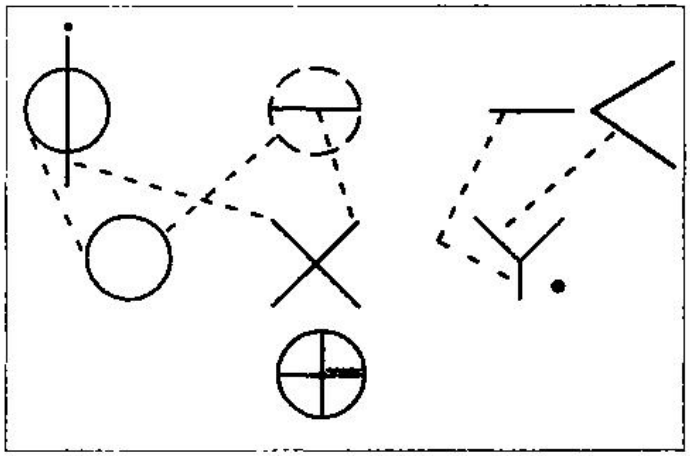


Sabendo-se que a forma, o som e o número, é a base para a formação de termos litúrgicos sagrados, antológicos, ou seja, que surgem naturalmente, temos que, UMBANDA – AUMBHANDAN = CONJUNTO DAS LEIS DE DEUS:

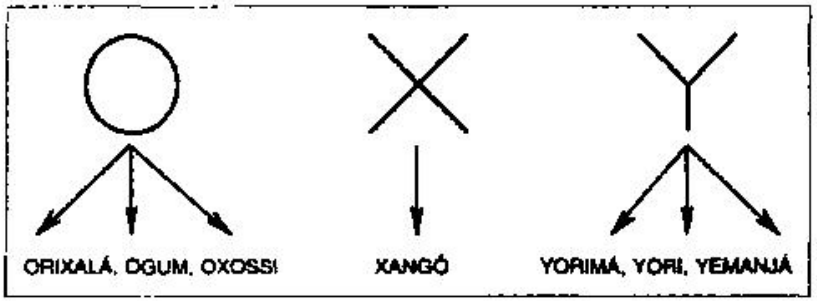


Tendo em mãos estas informações, fica fácil entender como do próprio vocábulo Aumbandan surgem os vocábulos que vão denominar as 7 Potências Sagradas ou Vibrações Originais.

Observemos como esses 3 conjuntos de sinais se entrosam em outros sinais condensados geometricamente, para então chegarmos nos 7 Termos Sagrados que denominam as 7 Vibrações Originais.

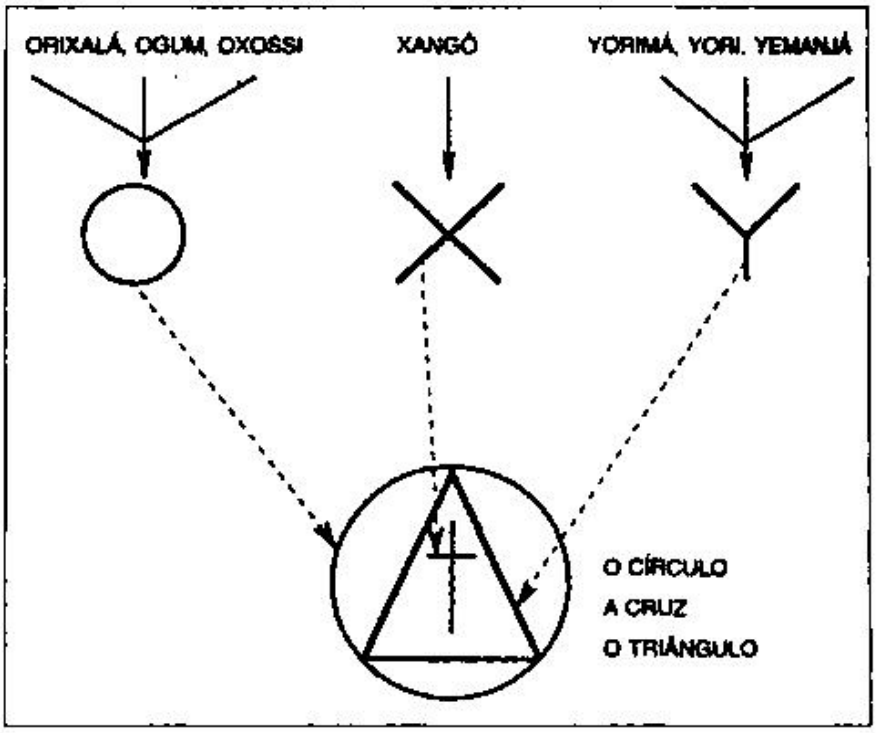


Através desses entrosamentos chegamos ao O X Y — ou Y X O (o Verbo Divino) — o qual tem totipotência para nos fornecer autologicamente os Sete Termos Sagrados, mantrâmicos, das Sete Vibrações Originais.



Necessário se faz aqui, a explicação de que na antiga civilização da Raça Vermelha, a 1ª letra era a que representava o vocábulo sagrado, era o seu princípio, o início; portanto, era a chave articuladora para o som do termo total. Por isso a demonstração do surgimento dos Sete Termos Sagrados através das letras iniciais.

Façamos agora mais uma centralização do vocábulo AUMBHANDAN.



Traduzindo temos que: Umbanda é a lei; este é o círculo ou a unidade que encerra o triângulo, que em vibrações de expansão gera a totalidade ou o setenário centralizado no princípio do círculo cruzado ou OXY = OOOxYYY.

(http://centrodeestudosumbandisticos.blogspot.com.br/2012/11/estudando-o-vocabulo-umbanda.html)

O SÍMBOLO TRIÂNGULO E CRUZ SEGUNDO A UMBANDA CRÍSTICA

Existe no plano espiritual, uma congregação denominada: "Fraternidade do Triângulo e da Cruz". Um de seus dirigentes, Ramatis, é um dos venerandos colaboradores da Umbanda.

Na dimensão espiritual, Ramatís exerce uma forte atuação junto à Fraternidade da Cruz e do Triângulo e se empenha em divulgar os ensinamentos de Jesus Cristo. Paralelamente, ensina a atuar segundo a antiga tradição espiritualista do Oriente, estabelecendo assim um intercâmbio entre as correntes espiritualistas do Ocidente e do Oriente.

Segundo relatos de vários espiritualistas, no final do século XIX, no Oriente, houve uma fusão entre duas importantes Fraternidades. Tratava-se da Fraternidade da Cruz, que divulga os ensinamentos de Jesus*, e a* Fraternidade do Triângulo, ligada à tradição espiritual oriental.

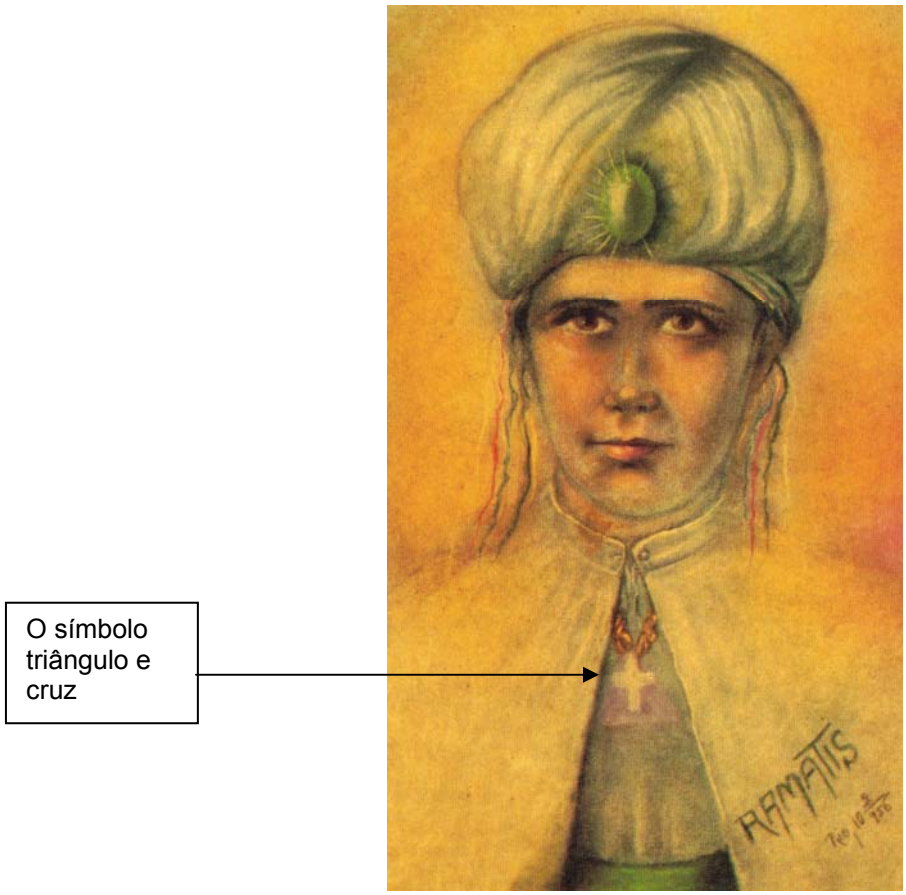
Após essa união, as duas Fraternidades – consideradas Fraternidades Brancas – consolidaram uma série de práticas e trabalhos espirituais que resultaram na formação da Fraternidade da Cruz e do Triângulo. Seus membros usam vestes brancas com cintos e emblemas de tonalidade azul clara esverdeada.

Sobre o peito, trazem suspensa uma corrente com um triângulo luminoso, no qual se encontra uma cruz, símbolo que exalta a obra de Jesus e da mística oriental.

O que os mentores informam é que todos os discípulos da Fraternidade que se encontram reencarnados na Terra são profundamente devotados às duas correntes espiritualistas.

Os discípulos dessa ordem cultuam os ensinamentos de Jesus, que foi o elo definitivo entre todos os instrutores terráqueos, assim como a sabedoria e o trabalho espiritual dos grandes Mestres do Oriente.

Esse é um dos motivos pelos quais os seguidores de Ramatís na Terra – embora profundamente devotados ao pensamento cristão – também têm profundo respeito pela espiritualidade do Oriente.



Venerável Ramatis – um dos beneméritos trabalhadores da Umbanda

Do que se compõe o símbolo: círculo – triângulo e cruz:

Círculo: Símbolo universal do infinito, do universo. Pode representar o Tudo ou o Nada, dependendo da interpretação. Também é conhecido como o "olho fechado de Deus". Ele pode conter a criação, a fertilidade e a origem da vida. Um símbolo universal de unidade, totalidade, infinito, representando também o poder Feminino. Para as religiões centradas na Terra é um símbolo que representa o Sagrado Feminino, a Mãe Terra e o Espaço Sagrado.

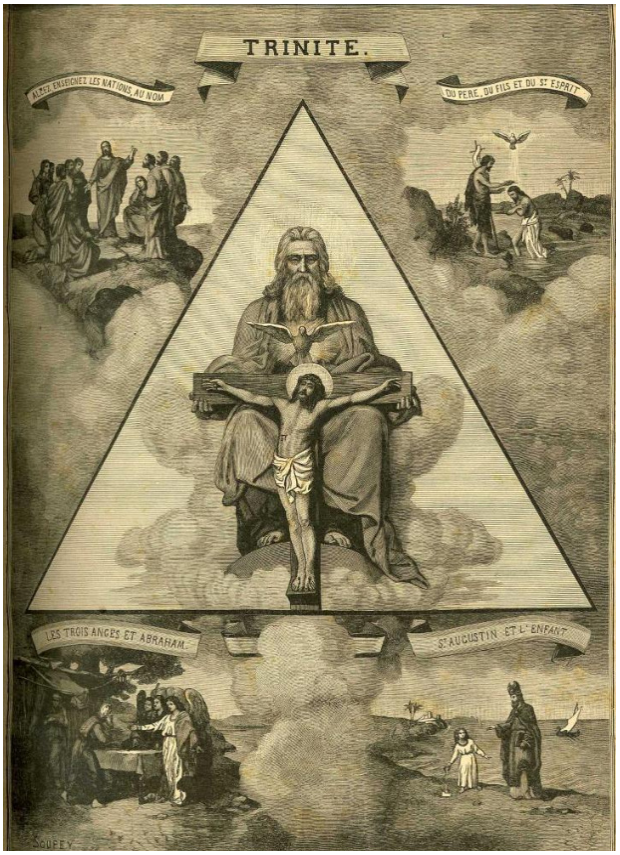
Representa o Universo, o Cosmo, a Totalidade. O círculo representa noções de totalidade, inteireza, perfeição, o Self, o infinito, eternidade, todo movimento cíclico, Deus. *"Deus é um círculo cujo centro está em todo lugar e cuja circunferência está em lugar algum"* (Hermes Trimegistus).

Triângulo: Simboliza o ternário Divino, ou princípio espiritual, dentro da totalidade. O triângulo é a primeira figura geométrica perceptível e, por isso, tem-se revestido de grande significado simbólico para diversas civilizações. O triângulo equilátero simboliza os ternários, ou tríades divinas, conceito comum às antigas civilizações e à maioria das religiões.

O triângulo equilátero é de natureza neutra, representando o perfeito equilíbrio entre os três aspectos da divindade, quando tem o seu ápice voltado para cima, simbolizando as qualidades espirituais.

Observemos na gravura antiga abaixo, a representação cristã da Santíssima Trindade. Para os cristãos, o triângulo representa as Três Pessoas da Santíssima Trindade – Pai Filho e Espírito Santo.

Entendemos essa Trindade como: **Pai:** Deus, nosso Criador. **Filho:** O Cristo Planetário e seu médium Jesus, nosso redentor. **Espírito Santo:** A presença das Santas Almas Benditas, os Espíritos Santos de Deus na Umbanda, os Espíritos Tutelares, nossos amados Guias e Protetores Espirituais.



Cruz: Formada pela intersecção de dois segmentos retos, um vertical e o outro horizontal, a cruz representa o quaternário espiritual e neutro. Aqui, o Princípio Divino e a Terra estão combinados em harmonia. A cruz representa os 04 elementos primordiais da Natureza: Terra, Ar, Fogo e Água.

É o centro do mundo e por isso o ponto de comunicação entre o Céu e a Terra; é também um eixo cósmico, compartilhando o simbolismo da árvore e a montanha cósmica, etc.

A cruz representa a Árvore da Vida e a Árvore da Nutrição. É também um símbolo do homem universal, arquetípico, capaz de harmoniosas e infinitas expansões tanto no plano vertical quanto no horizontal; a linha vertical é celestial, espiritual e intelectual, positiva, ativa e masculina enquanto a horizontal é o mundano, racional, passivo, e negativo e feminino culminando na cruz inteira que forma o andrógino primordial.

Em termos cristãos, é a salvação através do sacrifício de Jesus; redenção; expiação, renovação, perdão e fé. A cruz também representa a aceitação da morte ou sofrimento e sacrifício. Ela é mais do que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com a sua pessoa.

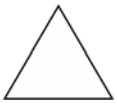
Apontando para os quatro pontos cardeais, a cruz é a base de todos os símbolos de orientação, nos diversos níveis de existência do homem.

A cruz é o mais totalizante dos símbolos. A cruz é, então, o símbolo da glória eterna, da glória conquistada pelo sacrifício e culminando em uma felicidade extática.

A cruz, representativa da nossa escalada espiritual, aonde vamos evoluindo e nos transformando, vencendo nossas imperfeições, para atingirmos nossa Espiritualidade Maior.

Sintetizando o símbolo do Triângulo e da Cruz para a Umbanda Crística:

O homem espiritual conquistando sua evolução. A cruz representa a caridade desmedida que simboliza a maior expressão de amor.


A presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo, desenvolvendo sua espiritualidade (mediunidade) através de, e com os Guias e Protetores Espirituais, os Espíritos Santos de Deus, pautados nos ensinamentos crísticos, principalmente no Evangelho Redentor, portanto, sendo Um como Pai.

Encerrando tudo na totalidade de Deus, nosso Criador.

Juntando tudo isso, forma-se o símbolo da Umbanda:

“O Pai, o Filho e o Espírito Santo chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade”.